

Ir. Basílio Rueda Guzmán

# Homem de Deus

## VOLUME 2

A graça, Deus, Jesus, o Espírito  
Maria, Champagnat, a Igreja  
O universo da oração  
O amor e a sabedoria

**Ir. Giovanni Bigotto**



UNIÃO MARISTA  
DO BRASIL



Ir. Basílio Rueda Guzmán

# Homem de Deus

## VOLUME 2

A graça, Deus, Jesus, o Espírito  
Maria, Champagnat, a Igreja  
O universo da oração  
O amor e a sabedoria

**Ir. Giovanni Bigotto**



**UNIÃO MARISTA  
DO BRASIL**

# Expediente

(referente ao 1º semestre de 2021)

## **PROVÍNCIA MARISTA BRASIL CENTRO-NORTE**

Ir. Ataíde José de Lima  
**Provincial**

Ir. Antonio Carlos Machado  
Ramalho de Azevedo  
**Vice-provincial**

## **PROVÍNCIA MARISTA BRASIL CENTRO-SUL**

Ir. Antônio Benedito de Oliveira  
**Provincial**

Ir. Rogério Renato Mateucci  
**Vice-provincial**

## **PROVÍNCIA MARISTA BRASIL SUL-AMAZÔNIA**

Ir. Inácio Nestor Etges  
**Provincial**

Ir. Onorino Moresco  
**Vice-provincial**

## **CONSELHO SUPERIOR**

Ir. Inácio Nestor Etges  
**Presidente**

Ir. Natalino Guilherme de Souza  
**Secretário Executivo da  
UMBRASIL**

Ir. Antônio Benedito de Oliveira  
Ir. Antonio Carlos Machado  
Ramalho de Azevedo  
Ir. Ataíde José de Lima  
Ir. Délcio Afonso Balestrin  
Ir. Iranilson Correia de Lima  
Ir. Odilmar José Civa Fachi  
Ir. Onorino Moresco  
Ir. Rogério Renato Mateucci

## **DIRETORIA EXECUTIVA DA UMBRASIL**

Ir. Odilmar José Civa Fachi  
**Diretor-Presidente**

Ir. Cezar Cavanus  
**Diretor-Secretário**

Ir. Iranilson Correia de Lima  
**Diretor-Tesoureiro**

Ir. Natalino Guilherme de Souza  
**Secretário Executivo da  
UMBRASIL**

## **AUTOR:**

Ir. Giovanni Maria Bigotto

## **TRADUÇÃO:**

Ir. Salvador Durante

## **VIDA CONSAGRADA E LAICATO**

Ir. Ivonir Imperatori  
**Coordenador de Vida Consagrada  
e Laicato - UMBRASIL**

Sonia Vidal

**Assessora de Vida Consagrada e  
Laicato - UMBRASIL**

## **COMISSÃO DE VIDA MARISTA DA UMBRASIL**

Ir. Marcondes Bachmann  
Angelo Alberto Diniz Ricordi  
João Luis Fedel Gonçalves  
Gustavo Balbinot  
Marcos José Broc  
Ir. Antonio Carlos Ramalho  
Raquel Pulita Andrade Silva  
Alvaneir Aparecido Santana Finamor

## **PROJETO GRÁFICO**

Iluminura

# Sumário

APRESENTAÇÃO.....XX

**CADERNO 5: A POBREZA, O CELIBATO, A  
OBEDIÊNCIA, UM SANTO?.....XX**

**1 O voto de pobreza.....xx**

1.1. Os testemunhos.....xx

1.2. Os sinais.....xx

1.3. No universo da pobreza evangélica.....xx

1.3.1 Criados para ser ricos.....xx

1.3.2 A pobreza evangélica.....xx

1.3.3 Não é escolha humana.....xx

1.3.4 O coração da pobreza evangélica.....xx

1.3.5 Necessidade de conversão.....xx

1.3.6 Mas a pobreza tem corpo.....xx

1.4. A pobreza de um Superior-Geral.....xx

1.4.1 Conscientizar.....xx

1.4.2 Dinamizar.....xx

1.4.3 Provado na amizade.....xx

Textos.....xx

**2 O celibato consagrado.....xx**

2.1. O homem.....xx

2.2. O pensamento.....xx

2.2.1 O coração do voto.....xx

2.2.2 Coração e corpo.....xx

2.2.3 Alguns princípios sadios.....xx

Textos.....xx

**3 A obediência: Paixão pela vontade de Deus.....xx**

3.1. O mandamento da renovação.....xx

3.2. Uma circular preciosa.....xx

3.3. A obediência de um Superior-Geral.....xx

3.4. E momentos mais evidentes.....xx

Textos.....xx

<b>4 Um Santo?</b> .....	<b>XX</b>
4.1. Um santo de hoje e para hoje.....	XX
4.2. A voz das testemunhas que o dizem santo.....	XX
4.3. E dos que o invocam.....	XX
4.4. Uma decisão.....	XX
4.5. Uma responsabilidade.....	XX
4.6. Obrigado, Irmão Basílio.....	XX
4.7. Oração de um Irmão.....	XX

Oração a Basílio.....	XX
-----------------------	----

**CADERNO 6: A INTELIGÊNCIA E O TRABALHO..... XX**

**1 À sombra do segundo mandamento..... XX**

**2 A inteligência de Basílio..... XX**

2.1. Os fatos..... XX

2.2. As testemunhas..... XX

2.3. Um homem fora de série: as facetas de sua inteligência... XX

Textos..... XX

**3 Basílio e o trabalho..... XX**

3.1. A quantidade..... XX

3.2. A qualidade..... XX

3.2.1 As testemunhas..... XX

3.2.2 As circulares..... XX

3.3. Algumas características..... XX

3.3.1 Um homem próximo..... XX

3.3.2 Um homem responsável..... XX

3.3.3 Com um coração de Igreja..... XX

3.3.4 Responsável de seus talentos..... XX

3.3.5 Um trabalho que amadurece na oração..... XX

Textos..... XX

<b>CADERNO 7: O LÍDER E O IRMÃO, QUE HOMEM? QUE SANTO?</b> .....	XX
<b>1 Basílio, o Superior</b> .....	XX
<b>1. Os depoimentos</b> .....	XX
1.1 Critérios da escolha de Basílio como Sup.-Geral.....	XX
1.2 Julgamento sobre a liderança.....	XX
1.2.1 Quando deixa de ser Superior-Geral.....	XX
1.2.2 Depois de sua morte.....	XX
<b>2. Um estilo de liderança</b> .....	XX
2.1 Avisão.....	XX
2.1.1 Em que consiste a visão.....	XX
2. Estratégias para que a renovação se encarne.....	XX
2.2.1 Estratégias de capilaridade.....	XX
2.2.2 Estratégias de grupo.....	XX
2.2.2.1 As Circulares.....	XX
2.2.2.2 Os Capítulos Gerais.....	XX
2.2.2.3 Orientações decisivas.....	XX
2.3 Constituições mais evangélicas.....	XX
Textos.....	XX
<b>2 Basílio, o Irmão</b> .....	XX
1. Ele tinha o dom da amizade.....	XX
2. O amor.....	XX
3. A atenção às pessoas, o respeito, os serviços...42.....	XX
4. Simplicidade, alegria, equanimidade.....	XX
Fidelidade.....	XX
Textos.....	XX
<b>3 Que Homem? Que Santo?</b> .....	XX

1. Que Homem?.....	XX
2. Que Santo?.....	XX
2.1 A fé.....	XX
2.2 A esperança.....	XX
2.3 O amor.....	XX

**CADERNO8:APALAVRADEDEUS-CONFERÊNCIADEBASÍLIO...XX**

A Palavra de Deus e os ritmos da vida.....XX

Introdução.....XX

**1. A Palavra de Deus: ponto de partida e coração deste tema...XX**

    1.1. O sentido da Palavra.....XX

    1.2. Os pré-conteúdos dessa... Palavra de Deus.....XX

    1.3. O meio divino.....XX

    1.4. Sentido progressivo, intencional, efetivo e histórico.....XX

    1.5. As funções da Palavra de Deus em nós.....XX

    1.6. Nossa responsabilidade integral em face da Palavra de Deus...XX

    1.7. Os meios para captar a Palavra de Deus.....XX

-2-

**2. Interiorizar a Palavra de Deus.....XX**

    2.1. Dados objetivos.....XX

        2.2. Visão sintética do processo integral.....XX

        2.3. Explicação particular da primeira parte: Interiorizar a Palavra de Deus.....XX

            2.3.1 Ponto de partida.....XX

            2.3.2 Atenção e escuta.....XX

                2.3.3 Acolher a palavra escutada.....XX

                2.3.4 Aprofundar o tesouro da palavra inscrita em nós.....XX

                2.3.5 Os primeiros frutos desse processo de interiorização...XX

Conclusão.....XX

    2.4. Onde escutar e encontrar a Palavra de Deus?.....XX

        2.4.1 Na própria Sagrada Escritura.....XX

        2.4.2 Nas tensões da vida vivida, como Maria.....XX

        2.4.3 Na amizade espiritual.....XX



2.4.4 Na comunidade.....	xx
2.4.5 Na cruz, na doença, na velhice.....	xx
<b>3. Realizar a Palavra de Deus: Processo de exteriorização..</b>	<b>xx</b>
3.1. O que se entende por: Frutos da Palavra.....	xx
3.2. Os passos.....	xx
3.2.1 Viver em esperança graças à Palavra.....	xx
3.2.2 Viver a Palavra de Deus com paciência e ação....	xx
3.2.3 Viver a Palavra de Deus num amor que dialoga..	xx
3.2.4 Viver a Palavra de Deus num amor ativo.....	xx
3.2.5 Proclamar essa Palavra de Deus.....	xx
3.3. Os lugares onde devemos realizar a Palavra de Deus..	xx
<b>CADERNO 9: A Fé.....</b>	<b>xx</b>
Introdução.....	x
<b>1 – O dom Da fé.....</b>	<b>xx</b>
1.1 A Graça.....	xx
1.2 As provações.....	xx
<b>2.– O coração da fé e a fé no coração.....</b>	<b>xx</b>
<b>3 - O ambiente da fé.....</b>	<b>xx</b>
3.1 Fé e oração.....	xx
3.2 Fé e Palavra de Deus.....	xx
3.3 Fé e Eucaristia.....	xx
3.4 Fé e apostolado.....	xx
3.5 Fé e cultura.....	xx
3.6 Fé e ascese.....	xx
<b>4 – Um testemunho extraordinário.....</b>	<b>xx</b>
4.1 Na comunhão dos santos.....	xx
4.2 Uma fé marista.....	xx
4.3 E tu fortifica teus irmãos.....	xx
4.3.1 Fé e política.....	xx
4.3.2 Fé doença.....	xx
4.3.3 Fé e crise vocacional.....	xx
<b>5 – Os frutos da fé.....</b>	<b>xx</b>

5.1 O olhar da fé.....	XX
5.2 Uma vida dinamizada pela fé.....	XX
5.3 A fé se faz doutrina.....	XX
5.3.1 Vontade e amor de Deus.....	XX
5.3.2 A Oração.....	XX

**6 – Contemplando a fé de Maria.....**XX

<b>7 – Basílio e Marcelino.....</b>	XX
7.1 O meio espiritual da fé de Marcelino .....	XX
7.2 A lógica da fé.....	XX
7.3 O dinamismo da fé.....	XX
Conclusão.....	XX
Cartas citadas pela fé.....	XX

**CADERNO 10: A ESPERANÇA.....**XX

**1. Às fontes da esperança.....**XX

1.1 Dom do Batismo.....	XX
1.2 Filha da Ressurreição.....	XX
1.3 E do amor de Deus.....	XX
1.4 E da oração.....	XX
1.5 Na familiaridade da Palavra de Deus.....	XX
1.6 A experiência secular da Igreja.....	XX

**2. As dimensões da esperança.....**XX

2.1 Minha alma tem sede do Deus Vivo.....	XX
2.2 Maranatha.....	XX
2.3 À obra no estaleiro do mundo.....	XX
2.4 No coração de sua esperança.....	XX
2.5 A esperança nasce nos passos dos profetas.....	XX
2.6 A escatologia presente.....	XX
2.7 A esperança marista e marial.....	XX

**3. Os tempos da Esperança.....**XX

3.1 Ajudar a aurora nascer.....	xx
3.2 Num mundo que muda.....	xx
3.3 E não nos deixeis cair em tentação.....	xx
3.4 A esperança nasce na manhã de Páscoa.....	xx
3.5 Lembra-te de Jesus Cristo.....	xx

<b>4. Os frutos da esperança.....</b>	<b>xx</b>
4.1 Sentidos da vida.....	xx
4.2 Força, paz e otimismo.....	xx
4.3 Fidelidade.....	xx
4.4 A humildade.....	xx
4.5 Um espírito de pobre.....	xx

Conclusão.....	xx
----------------	----

Textos 1 Meu Caro Irmão.....	xx
2. Meu caro Irmão Provincial.....	xx
3. Ser presentes nas encruzilhadas dos homens.....	xx
4. Mensagem Capitular.....	xx
5. Carta de um mártir.....	xx
6. Por que uma circular sobre a Fidelidade?.....	xx
7. Viver a esperança.....	xx
8. Em tempos difíceis.....	xx
9. Refazer de Jesus Cristo centro.....	xx
10. Fé, esperança, amor.....	xx
11. Prestar contas(1).....	xx
12. Prestar contas(2).....	xx
13. Abandonar-se à Providência.....	xx
14. Os pobres de as Missões.....	xx
p15. Obrigado do Irmão Charles Howard.....	xx

# Apresentação

Ir. Basílio Rueda Guzmán (1924-1996), mexicano, foi o 9º Superior-Geral do Instituto Marista, à frente do qual permaneceu por dois mandatos consecutivos, totalizando 18 anos de fecundo generalato. Com vivaz inteligência e impressionante capacidade de comunicação, era um homem movido por uma fé simples, mas robusta, alimentada na oração e no trabalho. Apaixonado por Jesus Cristo, por seus Irmãos e pela missão marista, dele se pode afirmar que viu e amou com os olhos e o coração de Marcelino Champagnat.

Diz-se que estava à frente de seu tempo, o que nos permite supor que permanece atual também em nosso tempo e que, portanto, tem uma palavra iluminadora a transmitir aos homens e mulheres de hoje. Falecido em 1996, sua Causa de Canonização está em curso desde 2002. Para muitos maristas, Irmãos e leigos, Basílio continua sendo um tesouro a ser descoberto.

Sua atuação como Superior-Geral se insere na ampla corrente de renovação que mobilizou a Igreja a partir do aggiornamento provocado por João XXIII. O “papa bom”, metaforicamente, abriu as janelas da Igreja para que os ares da renovação a invadissem e a colocassem em eficaz sintonia com um mundo em frenética evolução. O Concílio Vaticano II foi, pois, a resposta às aspirações dos homens e mulheres de hoje, cujas alegrias e esperanças, tristezas e angústias tocaram o coração dos discípulos de Cristo (cf. *Gaudium et Spes*, 1). Mas, para empreender a tarefa da renovação, foram necessários muitos outros artífices, além do Papa. Basílio é um desses operários, digamos, “da primeira hora”. Antes mesmo da convocação de João XXIII, Irmão Basílio era um profeta e arauto da renovação como membro efetivo do Movimento para um Mundo Melhor, que, junto a outros movimentos, antecipava

os tempos. Com sua palavra profética e com seus escritos esclarecedores, sobretudo com seu testemunho de fé e de fraternidade, manteve abertas as veias do corpo eclesial para que o espírito do Concílio lhe levasse sangue novo. O processo de renovação da Vida Religiosa, empreendido a partir de então, tanto dentro quanto fora do Instituto Marista, se fielmente descrito, dará sinais de sua operosa atuação.

Sabedora de que ao público brasileiro, e lusófono em geral, estava faltando uma fonte original e direta de pesquisa que permitisse a estudiosos e demais interessados conhecer a vida e o pensamento de Ir. Basílio Rueda, a Comissão de Espiritualidade e Patrimônio Marista, da UMBRASIL, assumiu a monumental tarefa de traduzir e publicar a presente obra. Ela vem à luz colecionada em três volumes distintos, subdivididos em 16 Cadernos temáticos, a saber:

**VOLUME I:**

1. A graça, Deus, Jesus, o Espírito;
2. A Virgem Maria, Marcelino Champagnat, a Igreja;
3. O universo da oração;
4. O amor e a sabedoria;

**VOLUME II:**

5. A pobreza, o celibato, a obediência, um santo?
6. A inteligência e o trabalho;
7. O líder e o irmão, que homem? Que santo?
8. A palavra de Deus – conferência de Basílio;
9. A Fé;
10. A Esperança;

### **VOLUME III:**

11. A Prudência;
12. Justiça, Fortaleza, Temperança;
13. Diário pessoal e Notas espirituais
14. Jesus na vida do Ir. Basílio.
15. Basílio no mundo melhor e no escurial, parte I
16. Basílio no mundo melhor e no escurial, parte II

Esses Cadernos contêm, ao menos, parte do multifacetado pensamento de Ir. Basílio e pretendem ser uma forma, ainda que incompleta, de dar a conhecer os mais variados temas sobre os quais ele dissertou no decorrer de seu longo ministério como Superior-Geral. Foram elaborados a partir de extratos de sua correspondência pessoal, de cartas circulares e de conferências dadas a Irmãos durante retiros e assembleias ao redor do mundo, nos muitos lugares em que o cuidado com o Instituto Marista o levou. Os temas abordam questões teológicas, espirituais e relacionais, que serão mais bem entendidos se assimilados a partir do contexto de renovação, fomentado pelo Concílio Vaticano II. O mérito desta obra é todo do Ir. Giovanni Maria Bigotto, teólogo, missionário e antigo Postulador Geral, que compilou e meditou belamente os fragmentos do “pensamento basiliano”, produzindo uma obra teológica e espiritualmente densa, sem deixar de ser pedagógica e atrativa.

Charles de Foucauld (1858-1916), conhecido místico francês, certa vez aconselhou: “viva familiarmente com um grande santo e um grande espírito, seu coração se tornará quente como o dele, sua fé viva como a dele, seu espírito se elevará buscando o dele”. Oxalá, caro leitor, que estas páginas que está prestes a acolher o ajudem a viver familiarmente com o Ir. Basílio Rueda, um

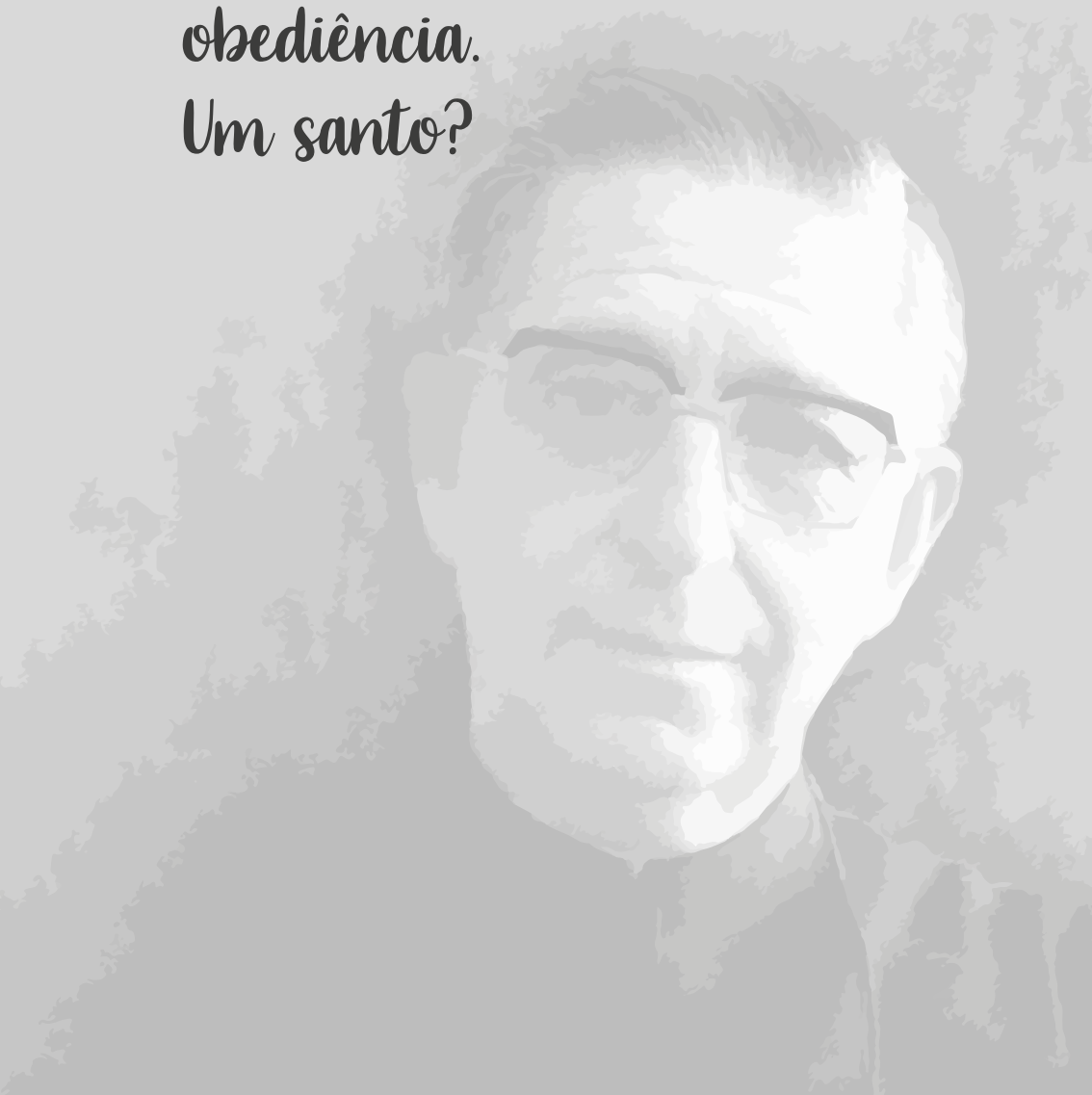
religioso que escolheu como lema para sua existência “queimar a vida por Cristo”, mas um Cristo muito vivo na carne de seus Irmãos e das crianças e jovens pobres de quem se fez incondicional servidor. A cada página, você vai deparar com um homem de coração abrasado, animado por uma paixão contagiante. Não se surpreenda se sentir seu próprio peito inflamar a cada trecho lido. Talvez seja seu espírito se elevando em busca do pensamento de Basílio; e este talvez seja o início de uma fecunda amizade.

Boa leitura!

Comissão de Vida Marista da UMBRASIL

# **Caderno 5**

*Pobreza, celibato,  
obediência.  
Um santo?*





# Capítulo 1

## 0 voto de pobreza

Como para todos os votos, o da pobreza evangélica é um universo que pede o coração e a vida, que tem alma e corpo, isto é, que é primeiramente fruto da fé e do amor e se torna depois um estilo de vida. Para entrar na pobreza de Basílio, ouviremos, de início as testemunhas, depois perguntaremos ao próprio Basílio que nos mostre sua maneira de encarar a pobreza e, portanto, como a vivia na fé e finalmente, qual foi sua pobreza como Superior-Geral.

## 1.1. Os testemunhos

«...Desses homens que, sob a ação do Espírito Santo, oferecem aos demais tudo o que são, homens que vivem em constante solicitude para o bem dos outros.» Foi a citação conservada como cabeçalho da celebração realizada na Casa Geral por ocasião da morte do Irmão Basílio. Foi exatamente assim que o conjunto dos Irmãos e amigos de Basílio o viram: homem inteiramente doado, constantemente solícito para o bem do próximo. Estamos, assim, no âmbito pleno da pobreza, em contraposição ao egoísmo.

Abordemos o Irmão Basílio, pobre, ouvindo o depoimento dos que viveram com ele e se mostraram sensibilizados com os aspectos de sua pobreza.

O Irmão Hilário Schwab divide em duas partes seu testemunho a respeito do Irmão Basílio: O Superior e Pastor, e Um homem Pobre. Esta segunda parte, cheia de nuances, diz: «Na riqueza variadíssima da personalidade do Irmão Basílio, gostaria de salientar também o aspecto de sua pobreza evangélica, que sempre admirei e ainda vejo nele. Não apenas em curso de espiritualidade

o ouvi falar durante uma semana inteira a respeito da pobreza, mas constatei que ele procedia em todas as circunstâncias como homem *profunda e evangelicamente pobre*. Como homem evangelicamente pobre, uma primeira característica, segundo meu modo de ver, é que desenvolveu e cultivou com assiduidade e em profundidade todos os talentos pessoais da natureza e da graça. Aco-de-me à memória a imagem da '*árvore fecunda plantada à beira das águas, que frutifica sempre a seu tempo*'.<sup>1</sup> A segunda característica dessa pobreza foi de *estar sempre à disposição e a serviço* da Igreja, da Congregação e dos seus Irmãos. A terceira característica de sua pobreza, que me apraz recordar, foi *sua busca constante do bem superior*. Por fim, assinalaria como característica de sua pobreza: *sua simpatia e alegria no relacionamento fraterno* somente pelo fato de estar com os Irmãos ou para encorajar, dinamizar, ouvir... ou... sentir-se bem. Apenas Deus sabe o bem imenso que o Irmão Basílio, filho de Maria e de São Marcelino, significou para a Igreja, para o mundo e para os Irmãos». <sup>2</sup>

Para o Irmão Sebastião Ferrarini, seu colaborador, Basílio «tinha um grande senso da pobreza... Dava-nos exemplos simples e profundos da realidade do mundo. Dizia que era impensável que uma comunidade marista pudesse passar a festa de Natal ignorando os pobres». <sup>3</sup>

O Irmão Alessandro di Pietro, Procurador e Postulador-Geral, narra com que facilidade Basílio se desfazia dos presentes que recebia como Superior-Geral, donativos que estavam expostos em seu escritório: «Como bom psicólogo e conhecedor dos gos-

---

1 Salmo 1.

2 Ir. Hilário Schwab, Córdoba, Argentina – Natal de 2001.

3 O Estilo de uma Vida, p. 41.

tos dos Irmãos, oferecia espontaneamente o que lhes poderia agradar, acompanhando o presente com o sorriso que lhe era natural e com palavras de afeto. Era imprudente elogiar algum objeto exposto: imediatamente, levado pela generosidade, o Irmão Basílio convidava o visitante a tomar o objeto que tivera a ingenuidade de louvar». <sup>4</sup> Entretanto o essencial do depoimento do Irmão Alessandro refere-se à capacidade de escuta paciente e alegre dos Irmãos, que podiam vir ter com ele, não importa em que momento e permanecer o tempo que desejassem. Basílio não mais se pertencia, doava-se aos Irmãos. Mas como resistir ao desejo de citar casos concretos?

O Irmão Victorino de Arce, da Província de Madri, foi enviado ao México para ajudar o Irmão Basílio no noviciado, e somente o deixou pouco tempo antes da doença final. Ele escreve em estilo de diálogo: «– Diante de minha escrivantina tenho um pequeno despertador que o senhor conhece. Foi o senhor que mo deu poucos dias depois de minha chegada ao México. As auroras e os crepúsculos ainda eram incertos para mim. – ‘Assim você descansará melhor’, o senhor me disse. E na véspera de minha partida, quando quis devolvê-lo: – ‘Eu lho devolvo. Obrigado!’ – ‘Será que não lhe poderia ser útil?’, o senhor me perguntou, fitando-me nos olhos. – ‘Sem dúvida que me poderia servir, mas é seu’. – ‘Tenho outro’, foi sua resposta com um sorriso. O despertador traz a inscrição: Basilio Rueda Guzmán, com certeza, algum presente de um de seus amigos... Obrigado pela lembrança, vou conservá-la como relíquia». <sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> FMS-MENSAGEM, n.º 19, maio de 1996, versão espanhola, p. 45.

<sup>5</sup> Suplemento n.º 71 de Madrid Marista, abril de 1996, p. 3.

O Irmão Gabriel Michel, seu Secretário-Geral de 1967 a 1974, informa-nos qual era a vontade de Basílio na Casa Geral a respeito das pessoas necessitadas: que não se rejeitasse ninguém.<sup>6</sup> Seus noviços citam vários casos concretos de pessoas acolhidas, cuidadas durante dias ou até convidadas à mesa. No seu programa de formação, havia um tempo para a visita de famílias pobres ou de doentes. No testemunho coletivo, os noviços garantem que «o Irmão Basílio foi: ...um Irmão de grande generosidade e também muito exigente. Praticava ele próprio em primeiro lugar o que pedia aos demais... Ao solicitar a você de se comprometer, ele se comprometia com você. Um Irmão sensível ao sofrimento e que nos convidava à solidariedade. Em certa ocasião exclamou: «Degenerado quem não quisesse ir às missões!». ...No noviciado criou um setor especial com o objetivo de cuidar de certas pessoas necessitadas que encontrássemos no decorrer do apostolado... O Irmão Basílio foi homem pobre para si, mas generoso para com o próximo».<sup>7</sup>

Citemos um caso concreto de delicadeza em relação aos necessitados. É o Irmão Conrado Trascasa García, Provincial de Madri no tempo do Irmão Basílio, quem no-lo comunica: «Certo dia, disse-me que gostaria ir ao Escorial e voltar para o almoço. Tudo correu normal até o regresso. Ao chegar perto de Madri, vimos deitada ao lado da estrada uma pessoa de idade mediana pobremente vestida. Pediu-me para parar. Desceu rápido do carro. Certificou-se de que não tinha nenhum ferimento e que se tratava de falta de comida. Demos-lhe carona. Chegados perto de uma estação do metro, Basílio me perguntou: ‘Você tem di-

---

<sup>6</sup> Quero despertar a aurora, p. 41.

<sup>7</sup> FMS-MENSAGEM, n.º 19, maio 1996, p. 50.

nheiro?’. Abri a sacola e encontrei seis mil pesetas. ‘Vamos parar perto daquele bar para que ele possa comer algo e deixe-lhe o restante do dinheiro. Quando chegarmos em casa, você colocará isso na minha conta...’. Observei que não estava inteiramente satisfeito, embora tivesse de viajar na mesma noite. Perguntou-me se acharia ruim regressar ao bar para pedir informações desse pobre. Evidentemente no bar ninguém o conhecia nem podia informar o que lhe teria acontecido».<sup>8</sup>

Na Congregação, todos admiramos sua capacidade de trabalho que o levava, muitas vezes, noite a dentro. Trabalhar e trabalhar muito deveria ser uma das características dos que emitem voto de pobreza. O desocupado nunca pode ser pobre em espírito. Outro aspecto, muitas vezes recordado por seus amigos, é sua simplicidade e alegria: dois traços distintivos da alma que vive a primeira bem-aventurança, como se deu com São Francisco de Assis, que Basílio gostava de lembrar nas palestras.

## 1.2. Os sinais

Há uma infinidade de traços na vida de Basílio que permitem adivinhar um coração de pobre. Vamos apresentá-los grosso modo, tais como a memória os conserva. Ele admira um menino de doze anos que se torna engraxate para ganhar a vida e a de dois irmãozinhos; fará tudo para lhe assegurar educação gratuita.<sup>9</sup> Recomendava aos Irmãos de ajudarem a Madre Teresa, se tivesse necessidade de alojamento, de ser apresentada a determi-

---

<sup>8</sup> Testemunho do Ir. Conrado Trascasa García, 24 de novembro 2002.

<sup>9</sup> Primeiro texto no capítulo sobre o amor.

nados organismos...<sup>10</sup> Terminado seu segundo mandato, sonhava ser missionário em Moçambique ou na Angola,<sup>11</sup> porque essas duas missões viviam em situações difíceis e em grande pobreza. Foi com os Irmãos dessas duas missões que manteve maior correspondência, para animá-los como pai e testemunhar-lhes interesse e afeição. Certa religiosa dos Camarões dá a conhecer ao Irmão Basílio o caso de um adolescente que necessita de cuidados e depois de estudo. Pede ao Ecônomo-Geral de acompanhar esse caso e cobrir as despesas. Às casas editoras, que publicam seus livros, sugere que doem aos pobres a renda de seus direitos autorais. Por vários anos, garante honorários das missas a um sacerdote da Argentina em situação financeira difícil. Acompanha os Irmãos egressos e se preocupa com sua situação social e econômica; com frequência procura-lhes lugares de trabalho. Não deixa de ser sensível às precárias condições financeiras de alguns conventos e anualmente remete-lhes ajuda substancial. Sabemos também que, no esforço de renovação solicitada pelo Vaticano II, impõe à Congregação dois grandes eixos: abrir-se aos pobres e empenhar-se de modo mais sistemático a favor das missões.<sup>12</sup> Em 15 de julho de 1968, no período intermediário do Capítulo Especial, escreve uma circular de seis páginas sobre as missões. É fruto de sua viagem à África, de seu contato com um mundo pobre, mas muito sedento do Cristo. O objetivo da carta é convidar o Capítulo a traçar um programa de missão e um calendário para a sua execução, de maneira que «um esforço sério, planejado e progressivo, em nível de Instituto, seja feito durante

---

10 Ver o capítulo sobre o amor.

11 Carta registrada ao Irmão Espiridião.

12 O tema dos pobres e das missões vem apresentado na 5.<sup>a</sup> parte da Circular de 2 de janeiro de 1968.

o Capítulo».<sup>13</sup> Nesses mesmos anos, sobreveio a guerra do Biafra, na Nigéria: uma guerra civil com todas as atrocidades que ela acarreta. De que forma Basílio se fez presente naquele drama? Escreve em 10 de fevereiro de 1970: «Há dois anos que acompanhamos, com interesse fraterno, as atividades de nossos Irmãos no setor da Nigéria, que era conhecido sob o nome de Biafra. Amparamos-lhes o trabalho, não apenas com nossas orações, mas também com generosas contribuições para aliviar os sofrimentos de um povo, especialmente das crianças morrendo de fome».<sup>14</sup> O Irmão Olivier Sentenne, ecônomo-geral, por ocasião da Conferência Geral de julho de 1971, nos fala do eco que o apelo recebeu a favor das missões: De 1967 a 1971, o número de Irmãos nas missões aumentou de 98, ou seja um aumento de 11,6%. A Administração Geral investiu USA\$400.000, sobretudo em favor das casas de formação, e 163.000\$ USA para as necessidades da Nigéria. Novas missões foram fundadas, como as do Paraguai, da Costa de Marfim, na Oceania e na Amazônia...

Ao apresentar os critérios da sabedoria de Basílio, dissemos que um deles é o caráter absoluto da pessoa. Isso permite compreender quanto Basílio estava habituado a se descentralizar de si mesmo para promover a pessoa do outro. Na circular sobre o Espírito do Instituto fala da humildade, da simplicidade e de suas vantagens de tal maneira que compreendemos que ele mesmo possui uma alma extremamente simplificada, uma alma de pobre.

Eis-nos agora introduzidos em sua maneira de encarar a pobreza.

---

13 Circ. sobre as missões, 15 de julho de 1968, p. 9.

14 Circ. sobre o regresso dos missionários da Nigéria, p. 27.



### 1. 3. No universo da pobreza evangélica

Permaneceremos, nestas linhas, no aspecto teórico da pobreza? Sim, mas a teoria é apresentada por alguém que é inteligente, que tem a experiência das coisas de Deus e que a vive. Por isso perguntar a Basílio o que pensa da pobreza, é renovar nossa visão desse voto e nosso entusiasmo para vivê-lo tal como o descreve. Basílio tinha consciência da armadilha da palavra sozinha: «Gostamos, às vezes, de fazer boa literatura sobre a pobreza, mas no momento de chegar ao fato, sentimos calafrios que nos fazem recuar. Acontece, muitas vezes, que os que falam da pobreza são os que mais gastam...».<sup>15</sup> A conferência que apresenta essa citação é a que nos inspira, porque será dada em todos os retiros da Espanha, em 1972, e já antes nos retiros de muitos países da América Latina: Argentina, Uruguai, Paraguai, Bolívia e Peru, em fins de 1969 e inícios de 1970, depois no Canadá, no verão desse mesmo ano. É claro que a pobreza faz parte das prioridades que Basílio quer impor à Congregação. Mais adiante nos dirá que vê nisso uma ordem do Concílio, portanto, a vontade de Deus. Demos-lhe a oportunidade de nos explicar como ele vê a pobreza evangélica.

#### 1.3.1 – Criados para ser ricos

Ideia surpreendente para alguém que emitiu o voto de pobreza. Mas Basílio se explica: «Irmãos, pertencço a Cristo, e Cristo é de Deus. Deus se doa totalmente, em todas as coisas e nos criou para sermos ricos. Não nos criou para o nada, para a precariedade nem para a miséria ou para a carência. Assim é o plano divino... Fomos criados para ser ricos, para

---

15 Conferência do Ir. Basílio – Ávila, 1972. *Bética Marista*, pp. 148-149, maio 1973.

possuir».<sup>16</sup> Com certeza, o plano de Deus sobre cada um de nós é grandioso e nobre, ele nos quer como filhos, santos e sem mancha; criou o homem para ser rei da criação... Porém é necessário saber possuir: «Mas, Irmãos, Deus quer que possuamos, não de maneira qualquer, mas como senhores, como filhos, como irmãos. Deus não quer burgueses, vítimas de sua própria burguesia, escravos, incapazes de possuir sem serem possuídos, nem que eles próprios se tornem escravos das coisas. Não quer pessoas a quem o dom oculta a imagem do Pai, nem que convertem em ídolos as dádivas divinas e que renunciam ao Doador por causa do dom. Ele quer pessoas que, no dom, sentem bater o amor daquele que o dá e que saltam de alegria, como sobre um trampolim pelo dom do Pai».<sup>17</sup> Sem dúvida, estamos aqui perante uma visão nova da pobreza: saber possuir para louvar, para agradecer, para partilhar, para servir, a fim de que seja confirmada a nobreza que Deus nos confere e que nos torna senhores, filhos e irmãos.

### **1.3.2 – A pobreza evangélica**

Possuir coração de senhor, filho e irmão perante os bens materiais e culturais é encontrar-se na primeira bem-aventurança: «Felizes os pobres em espírito!». É a pobreza segundo o Evangelho, que coloca no centro os verdadeiros valores. «Buscai em primeiro lugar o Reino dos Céus...», e que estabelece a justa hierarquia dos valores. Por isso, Basílio distingue essa pobreza, fruto da fé e do amor do Cristo, da pobreza social ou ideológica: «Não se trata de uma pobreza sociológica, de uma pobreza marxista, nem da pobreza de quem se junta

---

16 Conferência do Ir. Basílio - Ávila, 1972. Bética Marista, p. 147, maio 1973.

17 Conferência do Ir. Basílio - Ávila, 1972. Bética Marista, p. 147, maio 1973.

ao um grupo de pobres para odiar seus irmãos, para estabelecer a luta de classes, para difundir uma dialética revolucionária ou para colocar uma bomba em não importa que edifício, cujas consequências serão pagas não se sabe por quem. Há uma distância radical entre a pobreza evangélica e esses métodos não evangélicos. Não podemos aceitar que, no mundo, se brinque com a religião de qualquer maneira.

Recordam por que lhes disse numa Circular: “Quem partilha as ideias marxistas ou leninistas pode escolher entre abandoná-las ou deixar de ser Irmão Marista. Tampouco se trata de ser capitalista, visto que temos o voto de pobreza...”<sup>18</sup>

### 1.3.3 – Não é escolha humana

Essa grande liberdade interior, conferida pela primeira bem-aventurança, é proposta a todos os cristãos. Contudo, certo número, os religiosos, está convidado a vivê-la de modo mais evidente, dando testemunho perante toda a Igreja: «Há pessoas no mundo que Deus toca, por meio do Espírito Santo, e as impele a professar a pobreza como conselho evangélico, para as quais Jesus diz: ‘Bem-aventurados os pobres...’. O Espírito os atrai a fazer o aprendizado da pobreza evangélica e a aprender a viver como os lírios do campo... Vocês e eu abraçamos esse estado de pobreza, ainda que nos custe».<sup>19</sup> É Deus quem dá um coração de pobre e revela a beleza da primeira bem-aventurança. Sobre esse terreno, a natureza do homem se desorienta e demissiona.

<sup>18</sup> Conferência do Ir. Basílio – Ávila, 1972. Bética Marista, p. 147, maio 1973.

<sup>19</sup> Conferência do Ir. Basílio – Ávila, 1972. Bética Marista, p. 147, maio 1973.

### 1.3.4 – O coração da pobreza evangélica

O que esclarece a acolhida da pobreza evangélica e a torna bela é que Deus é visto, escolhido e amado como tesouro absoluto. Basílio pergunta: «A alma da pobreza consiste em quê? Consiste no amor apaixonado por Deus. Não há pobreza cristã, se não parte de uma origem primeira que é a paixão por Deus, Deus que se torna o tudo de minhas atividades, o nó central de meu coração, meu tudo. É isso que, como consequência, dinamiza todos os bons comportamentos que acompanham a alma de um pobre».<sup>20</sup> Eis-nos no domínio do amor, e só o amor justifica a escolha e a vida da pobreza evangélica. É também um ato de adoração, porque Deus é visto como primeiro e justificando todo o resto: «A pobreza é apenas um modo de viver nossa vida teologal, nossa esperança teologal e nosso amor teologal em face dos bens da terra, em nossa peregrinação e no relacionamento com os irmãos».<sup>21</sup> É restituir o lugar verdadeiro ao primeiro mandamento, o que atrai imediatamente a prática do segundo. Basílio reconhece isso como parte da alma da pobreza: «Um amor benevolente para todos os irmãos, isto é, para todas as pessoas. Abrir o coração a todas as necessidades das pessoas pela simples razão que isso vem do coração de Deus».<sup>22</sup> Este Deus, amado apaixonadamente e colocado no centro da vida, restitui à pessoa grande liberdade. A primeira, em face de nossa insegurança natural, e a segunda, em face dos bens naturais que se tornam relativos: «Deus é a fonte de minha segurança; os pobres de Javé, os que, segundo a Bíblia, vivem a metáfora dos lírios do campo, com maior segurança dos que

---

20 Conferência do Ir. Basílio – Ávila, 1972. Bética Marista, p. 151, maio 1973.

21 Conferência do Ir. Basílio – Ávila, 1972. Bética Marista, p. 151, maio 1973.

22 Conferência do Ir. Basílio – Ávila, 1972. Bética Marista, p. 151, maio 1973.

têm o seguro social... O que é que constitui a alma dos pobres? A relativização de todos os bens... e, portanto, uma nova mística em relação a esses bens».<sup>23</sup>

### 1.3.5 – Necessidade de conversão

Compreender não é necessariamente viver. Fazer parte dos anawim exige conversão. Eis duas razões que Basílio dá: «... perdemos a capacidade de ser ricos. Somos uns pobres diabos que não sabemos ser ricos nem possuir. Somos ricos indigentes, ricos escravos, ricos órfãos, ricos homicidas. Precisamos de nova alfabetização, de novo ensino básico, de nova educação que ensine novamente os homens a serem ricos, a tornar-nos aquilo que o Pai nos quis. Essa aprendizagem se denomina Pobreza Evangélica».<sup>24</sup> A segunda razão é que vivemos em carne frágil: «O consagrado sabe muito bem que a mesma carne de pecado, que sente em nível de sexo, a possui também no coração: carne de avaro, carne de proprietário, carne de capitalista! Se não se é prudente, se não se reza, se não se penetra na contemplação de Jesus Cristo, se não se alimenta espiritualmente a mística da pobreza, se não se pratica a pobreza no dia-a-dia, naquilo que é pequeno, seremos incapazes de fazer grandes esforços, quando chegar o momento».<sup>25</sup>

### 1.3.6 – Mas a pobreza tem corpo

Até aqui estávamos na alma da pobreza. Basílio, às vezes, por meio de perguntas diretas, recordava o corpo da pobre-

23 Conferência do Ir. Basílio – Ávila, 1972. Bética Marista, p. 147, maio 1973.

24 Conferência do Ir. Basílio – Ávila, 1972. Bética Marista, p. 149, maio 1973.

25 Conferência do Ir. Basílio – Ávila, 1972. Bética Marista, pp. 152-153, maio 1973.

za: «Quantos dentre vocês estão dispostos a se dedicar aos pobres? Será que amo de fato a pobreza? Será que ela encontra lugar em meu coração?... Eu não ousaria dizer que a carrego no coração!... A pobreza tem corpo, porque o espírito cristão se encarna para se tornar mistério visível e tangível e nos conduzir ao invisível... O coração da pobreza é nos tornar semelhantes aos pobres, e, no entanto, diferentes dos pobres. Sociologicamente, não somos pobres!». <sup>26</sup> Basílio escrevia os seguintes títulos para corpo da pobreza:

- Não possuir, não ser proprietário,
- Viver na insegurança: o pobre vive de seu trabalho; caso o perca, não sabe como ir adiante.
- Dependere.

Nos escritos de Basílio, encontram-se expressões-síntese que unem o espírito e o corpo da pobreza: «Pobreza significa amar a pobreza, praticar a pobreza. Pobreza significa também amar os pobres e fazer com que se cheguem a nós!». <sup>27</sup> Oferece-nos também esta bela reflexão: «Os religiosos são chamados a viver vida de pobreza na Igreja não apenas com o coração desapegado, mas também com as mãos vazias». <sup>28</sup> No Canadá, concluía a conferência sobre a pobreza com estas ideias: «Se em nossas discussões sobre os problemas concernentes à pobreza, não houver o som evangélico, encontraremos mil e uma razões para evitar tudo o que possa custar e fugir do que arrisca incomodar-nos um pouco. Não esqueçamos que a pobreza é um valor cristão. Com efeito, é muito raro encontrar o amor à pobreza fora do cristianismo. É

---

<sup>26</sup> Conferência do Ir. Basílio – Ávila, 1972. Bética Marista, p. 152, maio 1973.

<sup>27</sup> Conferência do Ir. Basílio – Ávila, 1972. Bética Marista, p. 156, maio 1973.

<sup>28</sup> Apelo ao desapego. A Pobreza pessoal, comunitária e institucional. N.º 12, p. 2.

um valor que não pode faltar no coração de um cristão... Mas é necessário dizer que a pobreza não é o único valor cristão, nem o valor supremo do cristianismo. A coluna do cristianismo é o amor, o amor filial, o amor fraterno».<sup>29</sup>

## 1.4. A pobreza de um Superior-Geral

Um Superior-Geral vive a pobreza como os demais Irmãos? Basílio, que foi Superior-Geral durante dezoito anos, será que apresenta nesse domínio da pobreza nuances particulares?

Sim, sua pobreza consistia também em conscientizar os Irmãos acerca da maneira como a Congregação, enquanto família e grupo social, vivia a pobreza, em dinamizar as diversas Províncias para dar mais espaço ao mundo dos pobres, e teve de viver na esperança de uma nova aurora o fenômeno de uma congregação que se renovava ao perder muitos membros: purificação de sexta-feira santa.

### 1.4.1 – Conscientizar

Vimos como Basílio conscientizava os Irmãos a respeito da natureza da pobreza evangélica. A conferência que exploramos largamente vem reproduzida em termos praticamente idênticos na revista da Província Norte, da Espanha, e apresenta muitas semelhanças com a revista canadense *Appel au dépassement* n.º 12 de 1970, (*Apelo à superação*), sinal de que era uma reflexão central para o Ir. Basílio. Foi nessa conferência que fez refletir os Irmãos sobre as anuidades

---

<sup>29</sup> Ibid., p. 15.

escolares, exigidas em seus melhores colégios. Apoiado nas cifras, demonstra que são tão elevadas que não apenas excluem todos os pobres, mas até as classes médias: que contradição para uma congregação fundada para os ambientes simples. Pergunta aos Conselhos Provinciais, aos ecônomos provinciais se, nos orçamentos, há lugar para os pobres e que lugar?: «Quantos Conselhos Provinciais se reuniram para se perguntar se os bens da Província eram empregados, conforme a pobreza e conforme a caridade, e não em sentido social que constrange qualquer capitalista do mundo, mesmo se não fez o voto de pobreza? Quantos Provinciais, ecônomos provinciais ou locais são capazes de ver mais longe, e indagar-se perante um projeto, não apenas se é financeiramente possível e vantajoso, mas se é evangelicamente aceitável?». <sup>30</sup> «Se permanecemos insensíveis perante o pobre que, devido ao sistema, se encontra sem acesso à nossa educação, à educação cristã, que é o bem que apaixonadamente queremos transmitir – e que ao dá-la concedemos muito mais que dando esmola – é porque nosso amor à pobreza é fraco». <sup>31</sup> Já na Circular-programa de 2 de janeiro de 1968 enviava um primeiro sinal a toda a Congregação: «Nossos colégios foram arrastados lenta e quase inexoravelmente a cuidar de outras classes da sociedade, que não são exatamente a classe pobre... Honestamente, acredito que ninguém pode negar esse fato estatisticamente majoritário, sobretudo no Terceiro Mundo... Um Instituto pode consagrar-se a outras tarefas e a outros destinatários... mas o que não pode fazer, sem cessar de ser ele mesmo, é não se dedicar àquilo e àqueles para os

---

30 Conferência do Ir. Basílio – Ávila, 1972. Bética Marista, p. 150, maio 1973.

31 Conferência do Ir. Basílio – Ávila, 1972. Bética Marista, p. 154, maio 1973.



quais nasceu».<sup>32</sup> Basílio cede a palavra a São Marcelino, mas ambos desejariam que abríssemos os olhos para os pobres: «Meus caros Irmãos, acredito que muitas vezes perdemos a capacidade da autocrítica positiva e construtiva... É necessário abrir os olhos, sobretudo os do coração, para essas realidades verdadeiramente dolorosas e que dessa dor irrompa o desejo ardente de acudir a esses grupos “marginalizados”».<sup>33</sup> Basílio lembra até que é um direito dos pobres receberem de nós essa educação: os pobres não recebem senão o que lhes é devido.<sup>34</sup> Terminemos com os dois parágrafos da palestra sobre a pobreza, dada aos Irmãos de Iberville: «O Concílio não acreditou na maneira como os religiosos praticam a pobreza. Se há um ponto substancial sobre o qual o Concílio afirma claramente que o religioso tem uma resposta a dar é o da pobreza: é necessário renovar nossa maneira de conceber e de praticar a pobreza.

O mundo não coloca em dúvida a obediência dos religiosos... O mundo, porém, não acredita na pobreza deles. Por quê? É que nosso nível de vida ultrapassa o da classe média. É necessário ter coragem para dizer as coisas tais como são».<sup>35</sup> De maneira mais direta diz: «Permitam-me uma afirmação. Em geral, e tal como vivem atualmente do ponto de vista pessoal, ...a menos que esteja enganado, vocês não testemunham a pobreza, no Canadá de hoje».<sup>36</sup> Em contrapartida, nessa mesma palestra, convida os Irmãos a partilhar sua vida interior: “Partilhem as riquezas de

32 Circ. 2 de janeiro 1968, Os apelos do Fundador, pp. 569-570.

33 Circ. 2 de janeiro 1968, Os apelos do Fundador, pp. 573 e 577.

34 Circ. 2 de janeiro 1968, Os apelos do Fundador, p. 590.

35 Appel au dépassement. A pobreza pessoal, comunitária e institucional n.º12, p. 1.

36 Ibid., p.4.

seu coração, sua vida interior. Vocês vivem muito sozinhos sua vida interior. O progresso seria impressionante, se vocês aprendessem a colocar em comum também suas riquezas espirituais, a mostrar seu rosto verdadeiro aos seus Irmãos, a se ajudarem mutuamente nesse domínio. O que eu gostaria, muito mais do que seus serviços, mais do que seus objetos, é do seu coração. Poder partilhar suas dificuldades, sofrimentos, alegrias, etc. Isso me interessaria mais do que todo o resto. Infelizmente, essa riqueza vocês a guardam para si sem querer partilhá-la. De que vocês gostariam mais: do diário de João XXIII, que lhes faz conhecer sua vida, as maravilhas interiores do coração, ou de sua camisa?». <sup>37</sup> Basílio era assim: direto, prático, franco. E era aceito porque sabia-se que amava. Depois do retiro de 1970, certo número de Irmãos canadenses partiram para as missões e, mais tarde, fundaram a missão do Haiti.

#### **1.4.2 – Dinamizar**

Não basta conscientizar, é necessário encaminhar a Congregação para o mundo dos pobres e das missões: duas responsabilidades do voto de pobreza. Na sua primeira Circular, consagra vinte páginas ao retorno aos pobres e marginalizados <sup>38</sup> e mais de trinta ao tema das missões. <sup>39</sup> Pede à Congregação para se esforçar nesses dois pontos. Sugere até a criação de um organismo encarregado de angariar fundos para as escolas destinadas aos pobres, o que hoje denominamos B.I.S. (Birô Internacional de Solidariedade). <sup>40</sup> Encarava assim o fato de os Irmãos se orientarem aos pobres: “Devemos reaprender a

---

<sup>37</sup> Ibid., p.3.

<sup>38</sup> Circ. 2 de janeiro 1968, pp. 567 a 587.

<sup>39</sup> Circ. 2 de janeiro 1968, pp. 409 a 445.

<sup>40</sup> Circ. 2 de janeiro de 1968, Os apelos do Fundador, pp. 585 a 591.

não viver de um sistema de quietude baseado na segurança econômica. Sem convidar precisamente à temeridade, estou convencido de que, em muitos lugares, isso não é compreendido, ou, se é compreendido, não se tem nem a capacidade nem a vontade do risco para vivê-lo, apesar da angústia de certas situações locais...”.<sup>41</sup> Basílio impulsiona; depois, o movimento se acelera com a adesão e a criatividade sempre crescente junto aos Irmãos. Para ser melhor ouvido, na questão referente aos pobres, Basílio convida ardentemente os Irmãos capitulares de 1976 a fazerem uma estada junto aos pobres, antes de chegar ao Capítulo Geral, para que venham com o coração mudado e carregado das angústias dos pobres.

### 1.4.3 – Provado na amizade

Basílio teve de viver uma pobreza muito especial e dolorosa, aquela que purifica o coração nos seus movimentos mais humanos e mais nobres. Responsável pela Congregação, nos anos que se seguiram ao Concílio, viu muitos Irmãos desistir. Foi uma verdadeira cruz. Compreendia muito bem que alguns tivessem feito escolha errada; a esses era o primeiros a ajudá-los a sair. Mas quantos amigos estimados, achegados a ele, entre os colaboradores mais íntimos, de quem reconhecia o valor e em quem confiava, acabaram abandonando a Congregação! Era a epidemia na perseverança. Quantas entrevistas, viagens, cartas, horas passadas a escutar, a discernir, a encorajar; quantos Irmãos enviados aos centros de oração, quantas Circulares cheias de doutrina, de sabedoria, de luz e de amor e, apesar de tudo isso, a sangria continuava. Muitos Provinciais também, nessa tormenta, acabam por mergulhar

---

41 Circ. 2 de janeiro de 1968, Os Apelos do Fundador, p. 567.

na depressão e alguns saem. Basílio nada tinha a se repreender, mas para um coração tão amigo e humano como o seu, para um homem que possuía o senso do dom e da palavra empenhada, isso devia ser muito doloroso.

Menos evidente, mas bem presente e dolorosa também era a mediocridade de certos Irmãos que, embora permanecendo nos quadros da vida religiosa, não tinham mais nada de religioso. Espanta-se de que se possam fazer os grandes sacrifícios exigidos pelos votos, para chegar a tal vulgaridade.

Se não perde a equanimidade é porque é pobre diante de Deus; sua esperança está ancorada no amor do Pai, cuja vontade se tornou sua paixão. Nesse ponto, viveu verdadeiramente uma pobreza particular, a do Superior-Geral, de acordo com o Vaticano II.

Todo esse percurso no universo da pobreza nos leva ao essencial em Basílio: Deus como primeiro amor, cuja aplicação imediata é a pessoa humana. Esta tem um valor absoluto e é como o sacramento de nosso amor a Deus. A pobreza é fruto do amor, nasce no coração, é um aspecto da graça que Deus nos concede de amá-lo acima de tudo. Ato de adoração a Deus, de amor ao próximo, de verdade sobre nossa própria fragilidade. E tudo isso no perpassar dos dias, dos encontros, com constância, fidelidade, lógica espiritual, no humilde tecido da vida cotidiana.

## TEXTOS

### 1. Pobre e aberto aos pobres

Devemos reaprender a não viver – no que nos diz respeito – de um sistema de quietude, baseado na segurança econômica. Sem convidar precisamente à temeridade, estou convencido de que, em muitos lugares, isso não é compreendido, ou, se é compreendido, não se tem nem a capacidade nem a vontade do risco para vivê-lo... (e para abrir-se e ir aos pobres).

Se não se sente isso, se não se arde de uma chama interior, todos os conselhos e apelos cairão no vazio. Não se trata de má vontade nem de desobediência, não, a coisa é mais matizada. Digamos que os riscos e as dificuldades são tão numerosos, tão fortes os condicionamentos sociais e os hábitos mentais, tão manifesta a falta de disponibilidade de certos Irmãos aburguesados, que esses fatores são suficientes e mais do que suficientes para condenar uma Província à estagnação e à inação. Quer dizer que são situações em que a simples boa-vontade é impotente, e nada se realiza, se o sopro do Espírito não arde no interior...

Cada superior deve fazer um exame sincero e ver se só possui um simples “senso do dever” para com os pobres, que nem chega sequer a colocá-lo em simpatia com eles, ainda menos em estado de inquietação e desejo de realização, nem a entristecê-lo ao constatar que nada pode fazer por eles. Quem descobre e reconhece que é aquilo que acabo de dizer, deve compreender que lhe falta algo de essencial para ser cristão e para ser religioso (com maior razão marista!). (Circ. *Os apelos da Igreja e do Fundador ao Capítulo*, pp. 567-579).

## **2. A pobreza torna o coração livre**

Alguns Irmãos, longe de aceitar as limitações de ordem econômica em sua vida, fazem como se todo o esforço em relação aos pobres devesse vir da administração local, provincial ou geral... Alhures, são superiores que recusam executar, em favor dos pobres, obras nascidas da iniciativa dos Irmãos, pretendendo que elas devem estar a cargo da administração, mas sem tocar em nada na sua maneira de viver... A pobreza cristã, em suas raízes mais profundas, consiste no desapego afetivo e efetivo dos bens para comunicá-los aos outros, começando pelos mais carentes...

Os Superiores querem que, antes de proceder a uma revisão de pobreza coletiva, se reforme primeiramente a pobreza individual; os Irmãos, por sua vez, objetam que essa pobreza individual não se vê, e que a primeira reforma a fazer é justamente a da pobreza coletiva e não a do pequeno mundo de cada um. Não temos razão nem uns nem outros...

Aos Irmãos será necessário lembrar que o exibicionismo da pobreza (mostrar que se é pobre, que se faz isto ou aquilo, que se exige tal coisa) pode tornar-se um “hobby” de moda e mesmo um farisaísmo, como o exibicionismo de qualquer outra virtude; que o importante e essencial para a pobreza não é que seja vista (deve ela se ver?), tampouco ser uma privação, mas liberar o coração de toda escravidão, apego ou egoísmo e de vir em auxílio dos necessitados e fazer avançar a humanidade para um progresso fraterno e universal. Agora, se o mundo não enxerga a redução de nosso teor de vida pessoal, os fundos econômicos para ajudar os necessitados e para a democratização de nossos serviços nem por isso cessarão de ter progredido, com a condição de que essas economias, os responsáveis das finanças não façam delas novas

fontes de ingressos, mas as tenham convertido em obras sociais efetivamente aplicadas em transformar o mundo dos pobres.

O fator ascético existe certamente e tem importância essencial... para purificar do egoísmo o coração humano e para facilitar a intimidade com Deus... (Circular de 2 de janeiro de 1968, *Os apelos do Fundador*, pp. 579-582).

### **3. Se Marcelino voltasse**

Se o Fundador voltasse entre nós, modesto e simples que era, não se sentiria embaraçado para nos dizer: “Vejam, hoje fizeram-se imensos progressos no domínio da Teologia, mas não esqueçam que o Cristianismo é muito mais do que uma ciência; é uma religião, é uma vida”. Ele nos repetiria, depois de São Paulo: «Irmãos, eu mesmo, quando fui ao encontro de vocês, não me apresentei com o prestígio da oratória ou da sabedoria, para anunciar-lhes o mistério de Deus. Entre vocês, eu não quis saber outra coisa a não ser Jesus Cristo, e Jesus Cristo crucificado» (1Cor 2,1-2)...

Champagnat nos recordaria que não empenhamos toda a nossa vida por tal teólogo, mesmo que fosse o melhor do mundo, mas somente por Cristo, que tem o poder de nos conservar fiéis à graça até o fim (cf. 1Cor 1,8) e que ele mesmo é a origem e o objetivo de nosso compromisso...

Dir-nos-ia ainda que não basta falar de Deus aos homens, mas é necessário primeiramente falar dos homens a Deus, para que a palavra seja acolhida.

Dir-nos-ia que é inútil contrapor a ação à oração..., porque constituem lei geral da natureza, e da própria vida espiritual,

essas constantes alternativas, sístole e diástole, sem as quais toda vida declina e desaparece. A atenção ao próximo também não pode justificar o abandono da oração com o desejo de maior serviço, porque a oração não é tempo perdido para nossos irmãos, mas tempo empregado melhor, dado que torna nossa ação mais fecunda e coloca o próximo na ação mesma de Deus. Diria aos que entre nós buscam uma comunidade viva sob o signo do amor, que, sem certa dose de oração, não há comunidade que não se desagregue. (*Circ. Os apelos da Igreja e do Fundador ao Capítulo*. pp. 598-600).

#### **4. Um caso concreto**

Acabo de sair do hospital, depois de uma estada de 17 dias. Foi aí, exatamente que sua mensagem sobre a pobreza atingiu todo o significado. Transportado com urgência ao hospital, em 21 de outubro, colocaram-me em quarto modesto com quatro leitos, em companhia de três outros doentes.

O enfermeiro de plantão, depois que soube que eu era religioso, me disse: «Não é seu lugar aqui. Encontrou um quarto reservado aos pobres, ao povo comum. Os ricos, bem como todos os padres e religiosos, recebem sempre quartos reservados, com lavabo e toalete». Depois da reflexão desse funcionário, decidi passar os 17 dias no quarto de quatro camas para conhecer melhor, para apreciar, para gostar mais dessas pessoas que denominamos “pobres”.

Pude ouvir, à saciedade, blasfêmias e palavrões e também críticas contra os ricos, contra a Igreja, contra os padres e os religiosos. A maior censura que nos fazem é que não os compreendemos, que não gostamos deles, que fazemos voto de pobreza, mas vivemos como ricos.



Essas pessoas têm coração bom, sentem amargura, mas raciocinam corretamente sobre as coisas da vida. Perante o sofrimento são generosas, sempre prontas a aliviar alguém que sofre mais do que elas.

Se quisermos realmente conquistar-lhes a estima e compreensão, devemos partilhar suas inquietações diante do futuro. Fiz a experiência de partilhar minha refeição com um doente de 73 anos, que sentia repugnância por aquilo que lhe tinham sido preparado: «Experimente um pouco da minha!». Aceitou com prazer, e eu me servi da refeição dele. Criou-se imediatamente um clima de confiança e de amizade entre nós dois, e quando deixei o hospital, abraçou-me chorando lágrimas bem mais eloquentes que as palavras.

Cito essa experiência entre outras, dado que em minha curta permanência no hospital, consegui criar uma verdadeira amizade com os doentes de meu quarto.

Isso me dá a impressão de que os hospitais nos oferecem um campo de apostolado, até agora praticamente inexplorado. Se o Irmão Provincial me autorizar, proponho-me acrescentar a meu programa a visita aos abandonados nos hospitais; poderia até dispor de certa quantia em dinheiro para ajudá-los e levar-lhes essas alegrias que lhes faltam... (*Chamamento à Renovação, o Profetismo, a Confissão*, pp. 2 e 3, março de 1973, Província Norte, Espanha).

## **5. Coletânea de ideias e de fatos**

Uma das orientações maiores que o Irmão Basílio quer dar à nossa Congregação é de chegar-se mais aos pobres, voltar a ser uma congregação para a educação dos jovens marginalizados. Quer esse esforço por fidelidade às origens, portanto, fidelidade

ao carisma e ao trabalho do Fundador, mas também porque vê nisso um apelo explícito do Vaticano II para se tornar mais francamente uma Igreja dos pobres. Basílio se coloca em obediência à Igreja e ao Espírito.

Seu pensamento nesse ponto se expressa nas páginas 567 a 591 da Circular de 2 de janeiro de 1968, na quarta parte: Os apelos da Igreja e do Fundador ao nosso Capítulo. Dessas páginas extrairemos o conteúdo das linhas que seguem. Notemos, contudo, o momento e a circunstância. É Superior-Geral apenas faz alguns meses, estamos como numa visão de programa de governo. Dirige-se a toda a Congregação, mas seu apelo quer sensibilizar ainda mais os Irmãos Capitulares, que vão se reunir para a segunda sessão desse Capítulo Extraordinário, desejado pela Igreja, para lançar a renovação solicitada pelo Concílio: a volta às fontes e o aggiornamento (atualização). Serão os Capitulares que, em setembro e outubro, deverão tomar decisões que orientarão a Congregação. Dá como título à circular a data de nossa fundação, 2 de janeiro, para nos alertar que estamos em momento importante de refundação. Sob esse ângulo, a Circular é, certamente, a mais pertinente e a mais importante que Basílio escreveu. É uma condensação da visão das mudanças necessárias para nos conformar com os textos do Vaticano II.

O livro *Quero despertar a aurora*<sup>42</sup> já tinha falado do coração de Basílio, atento às necessidades dos pobres, apresentando certo número de casos precisos em que se encontra diretamente implicado. Isso mostra que se empenha diretamente todas as vezes que pode. Afirma também que não fala em pobres porque o tema

---

42 *Quero despertar a aurora*, p. 14.

seja de moda, mas para que nossa Congregação se conscientize de que a educação das crianças das classes pobres é parte constitutiva de nosso carisma e de nossa missão, sob pena de desnaturar a Congregação: «Um Instituto religioso pode consagrar-se a outras tarefas ou a outros destinatários que não aqueles para os quais nasceu; mas o que não pode fazer, sem deixar de ser ele mesmo, é não se dedicar àquilo e àqueles para os quais nasceu».<sup>43</sup>

Essa reflexão sobre os pobres, que quer ajudar a visão dos capitulares, deixa ver a alma de quem escreve. Essas páginas vibram com a simpatia espontânea que Basílio tem para com os pobres. Nessa simpatia se entrelaçam o sentido de justiça, a escolha que Deus faz, a fidelidade ao Fundador, aos apelos do Concílio, outros tantos sinais que expressam a vontade de Deus para toda a Congregação.

É indo aos pobres que nos colocamos nas pegadas de nosso Fundador: «Acredito que se hoje existe um assunto sobre o qual o Fundador chamaria seriamente nossa atenção, é essa questão.<sup>44</sup>... O que nos pediria primeiramente seria o retorno decidido aos pobres e, em face da tão grande multidão de jovens abandonados, uma tomada de consciência de tudo o que foi feito até aqui, longe de nos satisfazer, deve ser antes base de partida para novos e mais generosos esforços».<sup>45</sup> Recordando as razões do Fundador para nos convidar ao retorno aos pobres – além do impulso inicial em favor dos meninos do campo, e que hoje muitas de nossas escolas acolhem de preferência uma classe social abastada ou média – Basílio acrescenta esta terceira razão: «A necessidade do serviço educati-

---

43 Circ. 2 de janeiro 1968, p.570.

44 Circ. 2 de janeiro 1968.

45 Circ. 2 de janeiro 1968, p. 586.

vo e a atenção às classes pobres tornam-se hoje não somente um dever cristão fundamental, mas uma necessidade urgente e veemente para a Igreja, e cuja atenção ou abandono pode ter graves consequências para ela». <sup>46</sup> Para ajudar os pobres, Basílio apela ao ascetismo pessoal, ao das Províncias e de todo o Instituto e nos deixa esta convicção otimista: «Devemos nos convencer de que ‘existe algo mais em nós’. Mas para que os Capitulares fossem ainda mais sensíveis a essa necessidade de orientar a Congregação para os pobres, convidou-os a visitar a África ou a Ásia para fazerem a experiência direta de um mundo pobre, despertando a consciência e comovendo, o coração se comova. Naquele momento, esse gesto profético não foi bem compreendido e será necessário aguardar o capítulo de 1993 para que a experiência dos pobres seja quase imposta aos Capitulares. <sup>47</sup> Nessa nota, re-encontra-se o coração de Basílio em favor dos pobres e das missões. Ele emprega a linguagem dos sentimentos fortes e sadios: «O que me confrangeria é que esse esforço ficasse sem resultado. Agradeço, em nome do Cristo, do Padre Champagnat e das missões, os Irmãos que sacrificaram tanto tempo e dinheiro por essa causa. Não foi viagem de turismo. Diversas delegações me comunicaram a decisão de se empenharem o mais possível numa ajuda missionária séria e progressiva».

## **6. Anúncio do Birô Internacional de Solidariedade (B.I.S.)**

Isso dito, e na intenção de orientar nossas obras (para os pobres), devemos procurar a ajuda do Estado... Depois, buscar também outras espécies de socorros, especialmente junto às Conferências Episcopais dos países desenvolvidos... Trata-se de

---

<sup>46</sup> Circ. 2 de janeiro 1968, p. 570.

<sup>47</sup> Circ. 2 de janeiro 1968, p. 414, nota 232.

nos perguntar e ao Capítulo Geral, se não conviria preparar um Irmão, oferecendo todas as garantias e a capacidade necessária, para ser encarregado dessas diligências e obter subsídios em nível internacional?

Essa ajuda não deve ser recebida de maneira ativa, mas também não como esmola. É obra social – no contexto mundial ou nacional, conforme a natureza do doador – para a qual cada um tem obrigação em graus diversos. Alguns empenham o capital, nós, o trabalho desinteressado. Nós não recebemos: nós nos unimos para dar. Os receptores são os que têm o direito de receber, isto é, os marginalizados da sociedade e, em virtude da doutrina da *Populorum Progressio* e da *Gaudium et Spes*, não recebem nem mais nem menos do que aquilo a que têm direito... Somos apenas um elemento de serviço social, cultural e cristão, inserido no movimento dos governos e dos partidos políticos, para o bem da sociedade. Por isso, quando pedem nossa ajuda, não se deve dá-la a título de amizade ou de compromisso, mas afirmar clara e respeitosa que agimos por motivos do bem comum e de sã política de promoção humana e social. (Circ. 2 de janeiro 1968, pp. 589-590.)

*(Essas páginas vibrantes anunciam também a mais vigorosa das Circulares escritas pelo Irmão Benito: A propósito de nossos bens, 1.º de outubro de 2000. Achamos uma prova suplementar de um homem adiantado sobre seu tempo.)*

# Capítulo 2

## O Celibato Consagrado

Temos poucos depoimentos nesse domínio do celibato consagrado, o que é normal: é um amor que se vive com pudor. Os que falaram sublinham a liberdade e a prudência do Irmão Basílio, homem que não era em absoluto inibido, mas que sabia possuir essa força sexual no corpo, exigindo certa disciplina: «Não há nenhum homem em quem o sexo se encontre inteiramente purificado e não apresente nenhum perigo... Somos todos homens. Recordo-me desta passagem extraordinária de um filósofo mexicano num livro intitulado *Ladainhas do entardecer da vida*: ‘Eu quis ser arcanjo, e Deus me respondeu: Basta que sejas homem’<sup>48</sup> Nesse mesmo embalo acrescenta: «Nenhuma idade da vida está isenta de dificuldades nesse domínio. Um jovem perguntou ao pai, de mais de 50 anos: ‘Papai, diga-me, quando acaba esta luta da carne?’ E o pai respondeu: ‘Meu filho, não sei, pergunte ao avô’.<sup>49</sup>

Em contraposição, temos um homem cuja vida testemunha por si e possuímos seu pensamento, expresso em certo número de conferências e de reflexões nas circulares. O homem e seu pensamento são coerentes: reconhecem à virgindade todos os títulos de nobreza.

## 2.1. O homem

Quando lemos suas conferências, a primeira constatação é de nos achar perante um homem culto, informado, com visão intelectual penetrante e equilibrada do domínio da sexologia, do

48 Appel au Dépassement, conferência sobre a virgindade, p. 10, retiros de 1970, Canadá.

49 Appel au Dépassement, conferência sobre a virgindade, p. 14, retiros de 1970, Canadá.

amor humano, da virgindade pelo Reino. Fala ao mesmo tempo, como médico, das células germinativas e intersticiais, da testosterona ou dos hormônios estrógenos e, como psicólogo, com a linguagem do rigor científico.<sup>50</sup> Ao grupo para o qual vai proferir a palestra, é proposta uma enquete e uma estatística para conhecer a vivência de seu auditório.<sup>51</sup> Aborda ele o problema da masturbação? Na qualidade de moralista, reconhece casos sem nenhuma responsabilidade moral e aconselha de não ir confessar-se a qualquer padre; mas como psicólogo, sublinha que sempre existe nisso um problema de maturidade inacabada.<sup>52</sup> Não achamos nele nenhum falso pudor, é homem livre, mas prudente: «Não tenho nenhum receio que um consagrado tenha um contato apropriado e sadio, de tipo científico, sobre o sexo. Não há inconveniente algum que um consagrado leia um tratado científico e digno sobre o processo da procriação entre o homem e a mulher. Em contraposição, não gosto em absoluto que alguém se ponha a folhear uma revista em que numa página aparece a visita do papa a Athenagoras e, na outra, Brigitte Bardot. Não se deve aceitar o que é pornográfico nem o que é banal, porque aí se ridicularizam a mulher e o sexo». <sup>53</sup> Fala aos Irmãos, não do ponto de vista da moral, mas do ponto de vista do que é, do que diz a ciência a respeito do sexo e da maturidade da pessoa humana, sem negligenciar a luz oferecida pela Psicologia sobre o coração humano. Realmente, ele tem uma atitude muito nova, aberta, à escuta também do bom-senso e da sabedoria. É, na calma, uma visão completa do amor humano: considera o estado de

---

50 Appel au Dépassement, conferência sobre a virgindade, p. 6, retiros de 1970, Canadá.

51 Apelo à renovação: Virgindade consagrada, p. 2. janeiro 1973, Norte, Espanha.

52 Appel au Dépassement, conferência sobre a virgindade, p. 7, retiros de 1970, Canadá.

53 Apelo à renovação: Virgindade consagrada, p. 20. janeiro 1973, Norte, Espanha.



vida na virgindade, mas tem também belas páginas sobre o amor no casamento e a beleza de uma vida cristã vivida no amor de matrimônio. Conhece a psicologia masculina e os movimentos do coração feminino. Isso lhe merece a escuta e o respeito devidos a um especialista. Muitos extratos são propostos que mostram que Basílio olha os problemas de frente.

É reconhecido de boamente como homem que atingiu grande maturidade, grande equilíbrio pessoal. Muitos testemunham que atingiu um autodomínio excepcional, guardando a calma, a paz interior nos momentos mais dramáticos; nele a alegria e o otimismo resistiram às provas mais duras. Essa maturidade está presente nos escritos, em sua atividade, na grande confiança nele depositada. Quanta gente solicitou seu conselho, lhe apresentou a vivência mais íntima da graça ou do pecado ou da doença psicológica. Quantas congregações lhe pediam um retiro ou se punham a estudar-lhe os escritos. Dessa maturidade necessária ele próprio dizia: «Aqui (sobre a maturidade psicológica) é necessário insistir mais, porque começamos a tocar pontos substanciais, não somente para viver bem a virgindade, mas para que o voto de virgindade se torne deveras fecundo e produza religiosos positivos, irradiantes, dinâmicos, com personalidade rica, e não pessoas estreitas, difíceis, de coração duro, sem amor».<sup>54</sup> Um pouco mais adiante, acrescenta esta nuance importante: «Não basta, para guardar a virgindade, ter atingido a maturidade humana, são necessários também o carisma e a graça. No entanto, a maturidade humana é indispensável. É necessário a todo o custo atingir esse ponto... Vocês se dão conta a que ponto a maturi-

---

54 Appel au Dépassement, conferência sobre a virgindade, p. 6, retiros de 1970, Canadá.

dade psicológica é substancialmente necessária à vida religiosa; porque um homem que não é capaz de amar com fidelidade e desinteresse e que não pode desejar ser fecundo, não é apto à vida religiosa».<sup>55</sup>

Havia confiança nele dentro da União dos Superiores Maiores, e no Vaticano que, às vezes, o encarregava de missões especiais, como em 1969, quando visita países da América Latina. Em 1980 o Vaticano o convida como auditor no Sínodo da Família e a se dirigir aos bispos reunidos. Em 1995 é nomeado consultor para a Congregação dos Religiosos... Entreter-se com Basílio dava a impressão de encontrar uma pessoa segura, sólida, constante, esclarecida, profundamente apaziguada e unificada. Basílio falou muitas vezes de maturidade psicológica, moral, espiritual. Nele era uma conquista sólida e sossegada que se exprimia sob forma de ufania de ser marista e de alegria de viver. Uma imagem positiva de si – dizia – é um sinal de sanidade espiritual e humana. A longa Circular sobre A Fidelidade é uma prova suplementar dessa maturidade. Permite que os Irmãos, mediante seus depoimentos, façam vir à luz sua vivência profunda, no domínio da castidade e, mais ainda, no campo de sua vida de amor para com Deus e os homens, que é o verdadeiro universo da virgindade consagrada. Dessa forma, ajuda toda a Congregação a aceder a maior maturidade nesse mundo maravilhoso, mas delicado, do amor.

Não saímos do quadro do celibato consagrado, se acrescentamos a nuance que Basílio era homem de experiência. Viajou muito, encontrou toda a espécie de gente nos mais diversos países.

---

<sup>55</sup> Appel au Dépassement, conferência sobre a virgindade, p. 8, retiros de 1970, Canadá.

Perante o universo do amor não era ingênuo: nem os homens, nem os Irmãos são anjos para ele. «Não pertencemos a uma casta de santificados de antemão», dizia aos Irmãos (Circular 2 de janeiro 1968, p. 644). Se está pronto a admirar o amor em sua pureza, como quando cita, no fim de sua conferência sobre a virgindade, o poema de um casal que chega ao entardecer da vida, conhece também as armadilhas que os homens e as mulheres sabem colocar-se, os mil pretextos e arazoados para justificar os falsos amores ou deslizos. Quando, em 1967, passando alguns dias num hotel de Taormina, a camareira faz a observação de que para os padres e religiosos o casamento é proibido, mas não todo o resto... Basílio diz ao Irmão Gabriel Michel, que se encontra com ele: «É realmente o que as pessoas acreditam!». Alhures, por tê-lo constatado, diz aos Irmãos da Bética: «Esse voto, para alguns, nos faz parecer como animais raros!». Era amigo de sábios e teólogos, de políticos e operários, de grandes da Igreja e de simples religiosos. Convidou para jantar na Casa Geral a Saragat, ex-presidente da Itália. Era amigo próximo do Sr. Conto Patiño, grande político equatoriano e vice-presidente do senado, que de bom-grado vinha solicitar-lhe conselho. Giuseppe Palladino, renomado economista italiano, mantinha excelentes relações com Basílio...<sup>56</sup> Basílio não foi alguém que permaneceu fechado no convento; passou a vida nas encruzilhadas do mundo. A nós, seus Irmãos, convidava-nos a viver abertos, a colocar-nos nas encruzilhadas dos caminhos dos homens.

Basílio, sobretudo, era homem que tinha apostado tudo em Deus, numa aposta de amor e de paixão. Toda a sua vida se unifica, se purifica, torna-se límpida nessa amizade extraordinária. O

---

<sup>56</sup> Madrid Marista, suplemento ao n.º 71, abril de 1996, p. 13.

amor dinamiza todas as energias desse homem. Vimos como se entrega a Deus, respondendo ao amor que recebe e como se dedica a todos os seus Irmãos. Somente o amor pode ser a razão primeira de toda virgindade. Ele o foi, com grande evidência, em Basílio.

Eis o universo em que se inscreve a virgindade desse homem: saber, maturidade, experiência da vida, satisfação e alegria em sua vocação, amor apaixonado para com Deus que produz um dom total para todas as pessoas.

## **2.2. O pensamento**

Basílio sabe que os Irmãos necessitam ser esclarecidos e confirmados nesse domínio, sobretudo depois do Vaticano II e numa sociedade que se tornava cada vez mais permissiva. Depois do Concílio, e contra o pensamento dos padres conciliares, abriram-se caminhos duvidosos que diziam ser bastante guardar o 6.º e o 9.º mandamentos para viver o voto de virgindade.<sup>57</sup> Basílio esclarece indo ao coração e à totalidade do voto.

### **2.2.1 – O coração do voto**

Basílio volta à sua experiência central, que é também a dos santos e de cada religioso, que lentamente progride em seu diálogo com Deus: o amor. A explicação desse dom total, que é o voto de castidade, não se encontra primeiramente numa palestra sobre a virgindade, mas naquele momento extraordinário em que Deus seduziu por um impacto poderoso de seu amor o coração de Basílio. Então, a pessoa torna-se dom, adesão total à vontade de Deus. Tudo o que foi dito no capítulo sobre a graça e sobre o amor de Deus é a verdadeira luz que

---

<sup>57</sup> Appel au Dépassement, conferência sobre a virgindade, p. 1.

justifica e faz compreender essa decisão. Como acontece nos melhores casos entre um homem e uma mulher que acabam no casamento, somente o amor é essa energia interior que impele ao dom e se torna a chave de compreensão. O celibato consagrado é a consequência do amor que se tem a Deus e que Ele nos tem por primeiro, e produz o dom total do ser: «A maior coisa que Jesus nos revelou sobre Deus é que ele é Pai. Melhor dizendo: Deus não é celibatário. Deus é amor. O Deus cristão é família...». <sup>58</sup> Aos Irmãos das Províncias da Espanha dizia: «Não se trata de bancar os fortes (os machões), trata-se de ser os escravos do Senhor». <sup>59</sup> Ele se pergunta por que escolher uma vida tão exigente? E responde: «Porque somente Tu tens palavras de vida eterna!». <sup>60</sup> Já na sua primeira Circular, tinha-nos levado ao essencial: «Não empenhamos a vida por tal teólogo, fosse o melhor do mundo, mas somente pelo Cristo, que tem o poder de nos guardar fiéis à sua graça até o fim (cf. 1Cor 1,8) e que é ele próprio a origem e o fim de nosso compromisso». <sup>61</sup> «Essa revelação, em algumas pessoas, sob a ação do Espírito Santo, produz uma sedução tal que convida ao dom total. Entre nós há um voto, feito ao Senhor, e que engloba todo o ser: o coração, a psicologia, o tempo, a vida, o amor, tudo; e o devolve em seguida como dom aos homens, como dom desinteressado... Para um religioso é indispensável fazer a experiência espiritual de Deus; quer dizer, é necessário que Deus seja alguém na vida. Não podemos viver na solidão». <sup>62</sup> Basílio tem esta imagem surpreendente e verda-

58 Appel au Dépassement, conferência sobre a virgindade, p. 10.

59 Apelo à renovação: Virgindade consagrada, p. 3, janeiro 1973, Norte, Espanha.

60 Apelo à renovação: Virgindade consagrada, p. 13, janeiro 1973, Norte, Espanha.

61 Circ. 2 de Janeiro 1968, Os apelos do Fundador, p. 599.

62 Appel au Dépassement, conferência sobre a virgindade, p. 14.

deira: «Pode haver religiosos que, depois de quarenta anos de vida religiosa, se os percutimos, soam vazios, o ruído é de um tronco vazio. A razão é simples: nunca fizeram a conversão de base». <sup>63</sup> Basílio retorna seguidamente sobre esta ideia que o amor se diz na totalidade da doação: «Os que se comprometem pelo voto de castidade, entre nós, empenham o coração, a psicologia, as forças, num amor irreversível e sem partilha». <sup>64</sup> Não hesita em ser cru para indicar onde se encontra o centro do voto: «... O voto de virgindade não é voto orgânico, nem genital e, talvez para me expressar um pouco brutalmente, lhes diria que nossos órgãos genitais importam muito pouco ao Senhor. O que lhe importa é nosso coração, nossos olhos, nossa psicologia». <sup>65</sup> Mesmo para uma pessoa humanamente madura e equilibrada, a virgindade só se decide e se vive em forte relacionamento com o Senhor: «A virgindade, hoje, só pode manter-se por meio de um duplo respeito:

1. A formação afetiva e sexual integral. Isso, porém, é completamente insuficiente, razão pela qual é necessário acrescentar imediatamente
2. A experiência vivida, tangível e cultivada do Senhor, sem o que é impossível a um homem viver sozinho». <sup>66</sup> Lá onde o amor é a motivação e a energia da virgindade, que tipo de religioso se encontra? «Numa psicologia em que sexo e amor foram integrados, a virgindade produz corações capazes de amar, de comungar com a vida real, com os sofrimentos, com

---

<sup>63</sup> Apelo à renovação: Virgindade consagrada, p. 31, janeiro 1973, Norte, Espanha.

<sup>64</sup> Appel au Dépassement, conferência sobre a virgindade, p. 1.

<sup>65</sup> Appel au Dépassement, conferência sobre a virgindade, p. 1.

<sup>66</sup> Appel au Dépassement, conferência sobre a virgindade, p. 2.

as alegrias e as grandes necessidades da humanidade. Pelo contrário, quando essa integração não se produz, a pretensão virgindade só produz pobres celibatários endurecidos, aburguesados, que arranjam muito comodamente sua vida, colocando em comum o salário a fim de levar uma existência muito agradável e sem preocupações. É uma trapaça». <sup>67</sup> É claro que essas citações foram extraídas de uma palestra, mas remetem a uma vida, a esse estilo que a vida toma quando Deus é o ser amado e amante: «O regime de virgindade deve ser uma fábrica de amor e não o cemitério do amor». <sup>68</sup>

Ressaltamos, sobretudo, que a virgindade é o fruto do amor que Deus nos tem, que nos seduz e a que tentamos responder também com o coração. Mas o próximo ganha nesse dom e torna-se testemunha de uma virgindade bela, dinâmica, fecunda: «A mola das molas da vida comunitária é o amor verdadeiro e a capacidade de criar a amizade, de ir pontilhando de amigos o caminho da vida». <sup>69</sup> Na Circular A vida comunitária, aos falar dos votos, escreve: «Não cremos apenas em Deus, mas também no próximo; não esperamos somente em Deus, mas também no próximo; amamos com a mesma e única caridade a Deus e ao próximo». <sup>70</sup> Ele se torna mais explícito: «Há coisas que falam por si. Se a pobreza, a castidade e a obediência não têm outra finalidade que amar, é evidente que por elas nos empenhamos no amor... O voto é um meio para amar o próximo, e o amor ao próximo impele a um dom

---

67 Appel au Dépassement, conferência sobre a virgindade, p. 8.

68 Appel au Dépassement, conferência sobre a virgindade, p. 6.

69 Circ. A vida comunitária, p. 176.

70 Circ. A vida comunitária, p. 179.

comunitário de nós mesmos». <sup>71</sup> Para Basílio, os grandes eixos dos votos são:

- a pobreza-liberdade e a pobreza-amor;
- a obediência-disponibilidade e a obediência-santificação;
- a virgindade-amor e a virgindade-fecundidade. <sup>72</sup>

Mais do que os outros votos, o da virgindade consagrada está ligado ao amor, provém do amor e só tem sentido se amarmos, no mesmo movimento, a Deus e ao próximo. A vida de Basílio é disso uma demonstração e um modelo, como o demonstrou o capítulo sobre o amor.

### **2.2.2 – Coração e corpo**

Depois do Concílio, infiltrou-se uma falsa interpretação na compreensão do voto; estabelecia uma dicotomia entre o corpo e o coração. Alguns diziam que bastava que o corpo se mantivesse nos limites do sexto e do nono mandamentos, uma virgindade física, mas o coração podia permitir-se mais liberdade. Basílio se insurge com força contra essa visão: «Vocês veem, então, que grave problema pode apresentar-se para os religiosos que querem manter o voto de castidade consagrada em nível dos órgãos, mas levando uma vida mais ou menos, em nível do coração. É aposta impossível e, ademais, atitude psicologicamente anti-higiênica, porque vivem partilhados, dissociados, dado que se trata de realidades dinâmicas. Na prática, essa situação equivale a uma vida de compromisso que não produz nem a santidade do matrimônio nem a santidade que deveria normalmente decorrer da

---

<sup>71</sup> Circ. A vida comunitária, p. 180 e 182.

<sup>72</sup> Circ. A vida comunitária, p. 180.



consagração virginal vivida cem por cento. De tal atitude não se pode esperar outra coisa senão celibatários endurecidos e egoístas que procuram conciliar coisas inconciliáveis». <sup>73</sup> Fala com a mesma franqueza aos Irmãos da Espanha: «Haveria muito que dizer a respeito das comodidades que nos permitimos hoje, quando procuramos o que é cômodo, os bons sofás e não queremos ouvir falar de ascetismo, do que é duro. É necessário prestar atenção porque há um problema de posicionamento psicológico e fisiológico que arrisca condicionar nossa castidade». <sup>74</sup> Depois Basílio mostra como o físico e o psíquico se influenciam mutuamente; nenhum deles permanece em seu domínio, mas o transbordam, invadindo-se reciprocamente. A dicotomia apenas produz um coração que se corrompe. Observa aos que se julgam anjos: «Vocês veem imediatamente em que perigo incorrem os que acham possível um amor profundamente espiritual entre um religioso e uma religiosa... São contos da carochinha! Por sua própria natureza, o amor a uma mulher procura encarnar-se». <sup>75</sup>

### 2.2.3 – Alguns princípios sadios

Basílio fala a Irmãos que são educadores, sendo que parte de sua tarefa será justamente formar jovens à castidade. Os conselhos oferecidos são válidos primeiramente para o coração do educador, depois para o do educando: «É mister educar para a castidade apresentando-a não como jugo, mas como valor... Se o jovem considera Deus mais como tirano do que pai, para quem se deve normalmente desenvolver sentimen-

<sup>73</sup> Appel au Dépassement, conferência sobre a virgindade, p. 2.

<sup>74</sup> Apelo à renovação: Virgindade consagrada, p. 7, janeiro 1973, Norte, Espanha.

<sup>75</sup> Appel au Dépassement, conferência sobre a virgindade, p. 7.

tos filiais, arrisca fortemente afastar-se da fé cristã, porque ninguém gosta de um tirano. Demasiados jovens nada compreendem do sentido positivo da castidade, que é a virtude do SIM e não a virtude do NÃO. É a virtude do SIM ao diálogo, ao sexo, ao amor e mesmo ao prazer... A castidade nada mais é do que a virtude que ensina a dialogar o amor e o sexo...». <sup>76</sup> Mais diretamente, dirige-se a nós, como pedagogos: «É necessário temer os pedagogos incapazes de descobrir o firmamento dos valores que se encontra além do teto das leis. A liberdade nunca se forma mediante um teto moralizante, que não chega a descobrir o firmamento azul dos valores... Hoje dá-se à juventude tudo o de que necessita para viver humanamente e mesmo religiosamente, mas falta-lhe o essencial: educadores que vivam junto dela e não educadores que vivem a milhas de distância, contentando-se em ensinar-lhe Matemática, Física, Química, etc, depois bom-dia. É necessária a comunhão vital, a proximidade, a disponibilidade, mesmo em nossas próprias residências». <sup>77</sup> Chama também nossa atenção sobre o estilo de pedagogia demasiadamente mole e que nada ousa e exige dos jovens, ou ainda sobre uma espécie de mescla selvagem, em moda, em que os educadores não levam em conta os problemas reais vividos pelos adolescentes. Enxerga nisso uma espécie de demissão da responsabilidade dos educadores. <sup>78</sup> A todos, mas particularmente aos que têm problemas de masturbação, e depois de ter explicado bem os diversos casos, recomenda-lhes de entregar-se à oração: «É incrível o

---

76 Appel au Dépassement, conferência sobre a virgindade, p. 8.

77 Appel au Dépassement, conferência sobre a virgindade, p. 9.

78 Apelo à renovação: Virgindade consagrada, pp. 7-8, janeiro 1973, Norte, Espanha.

poder de ajuda haurido na oração, a oração verdadeira e não exercícios de piedade». <sup>79</sup> De maneira muito realista, recorda aos Irmãos a bela cerimônia da profissão perpétua, se possível, perante uma linda estátua da Imaculada: «Tudo isso é muito bom, mas aguardem um pouco; depois de cinco, seis, sete anos... aparece uma mulher jovem, bonita, nobre, digna, mas que nada compreende dos valores da virgindade – para ela bagatelas... e que lhe oferece amizade, afeição, e você se sente amado deveras; ela pode torná-lo feliz, ser mãe esplêndida de seus filhos. Irmãos, é o momento de pagar a fatura, é o momento de dizer ao Senhor: ‘Senhor, minhas palavras não foram brinquedo de criança, foram palavras de homem’. Não é o momento de dizer: ‘Não me tinha dado conta’, ‘faltava-me experiência’, ‘não tinha descoberto isso’...». <sup>80</sup>

Enfim, deve-se compreender o sexo «através da tríplice luz: criação, queda e redenção. Pela criação, é indiscutível, o sexo aparece como dom de Deus em todo seu esplendor e grandeza. Pela queda, apresenta-se como alguma coisa que continua a ser boa em si, mas que se torna um piso escorregadio, onde é necessário manobrar suavemente, com cuidado. Pela redenção, Jesus Cristo assumiu o sexo, restabeleceu-o em sua grandeza...». <sup>81</sup> Basílio nunca tem uma visão negativa desse poder de amor que foi colocado em nós, mas sabe ser realista e libertador de uma visão por demais puritana: «Se considerarmos o sexo unicamente sob o aspeto da queda, torna-se tabu, obscurantismo, jansenismo, puritanismo, etc. Um autor dizia, ao falar dos

79 Apelo à renovação: Virgindade consagrada, p. 21, janeiro 1973, Norte, Espanha.

80 Bética Marista, n.º 56, fevereiro 1973, p. 96.

81 Appel au Dépassement, conferência sobre a virgindade, p. 11.

hábitos maus de certos puritanos: «Eram tão vis e hipócritas que não tinham sequer a coragem de dizer o que faziam». <sup>82</sup>

Basílio era homem íntegro, generoso, que tinha o senso do compromisso e da fidelidade. Ao emitir o voto de castidade, sabia a que renunciava: à beleza do amor humano, à maravilha de uma família própria; algumas de suas páginas falam disso com a lucidez e a paz que sabe guardar. Mas se ele se compromete nesse caminho difícil é porque está seguro de chegar a um amor mais universal, mais assombroso, que preenche todo o coração: o amor de Deus que o chama ao amor de todo homem e do homem todo. Nessa maneira peculiar de encarar esse voto, exigente e nobre, ele se admira que religiosos façam o grande sacrifício do amor de uma mulher e da família para, depois, levar vida insípida e entediada. Escreve aos Irmãos: «Seria verdadeira brincadeira estúpida e farisaísmo, se o voto de castidade devesse conduzir a uma vida cômoda, burguesa, sem amor, tratando de procurar secretamente o que se sacrificou voluntariamente por amor do Senhor... Não, isso não levaria realmente a nada. E vocês compreendem porque uma congregação religiosa não quer comprometer-se em semelhante farisaísmo: preferimos ter dez vezes menos religiosos, mas que queiram viver a totalidade do dom feito a Jesus Cristo». <sup>83</sup> Contra toda teoria que pudesse acumular razões e pretextos para uma doação menos total, Basílio responde: «A vida, a experiência, zomba de todas as teorias e nos coloca todos os dias diante dos olhos dramas penosos que se encarregam de demolir muitas teses sem fundamento sério.

---

82 Appel au Dépassement, conferência sobre a virgindade, p. 12.

83 Appel au Dépassement, conferência sobre a virgindade, p. 14.

Depois de abandonar a oração e ter-se entregado a todas as imprudências, pretender-se-á ser autêntico, anunciando que se servirá melhor a Igreja trabalhando como leigo, etc. São balelas muito fáceis de dizer em declarações para a imprensa. Mas a vida se encarregará de falar, com o passar do tempo». <sup>84</sup> Esse voto só se vive por um amor a Deus, renovado todos os dias: “É necessário não esquecer que saber amar não é coisa fácil... Há momentos em que a comunidade, embora ajudando muito, não consegue suprir o lar a que renunciamos. Só resta, então, o contato real com o Senhor na oração que nos possa ajudar a conservar e a tornar realmente fecundo nosso voto de virgindade. Fora desse sistema, a virgindade se torna difícil, para não dizer impossível. Se quisermos aguentar, ser fiéis e felizes, é necessário viver na oração e na prudência”. <sup>85</sup>

A linguagem de Basílio é franca e clara. Esse ensino provém de um homem informado, apaixonado pela vida, entusiasta para vivê-la em plenitude, e que irradia entusiasmo. Ele soube unificar o conjunto de suas forças e atingir uma maturidade sólida. As funções que assumiu fizeram-no um perito em humanidade: muitos lhe solicitaram ajuda para uma doação mais total ao Senhor. E o Senhor foi sua paixão; apostou tudo nele. Esta a virgindade de Basílio: queimar a vida por Cristo e até acender a vela pelas duas pontas: é o efeito da irrupção do amor de Deus. Queria que os Irmãos fundamentassem em experiência semelhante sua virgindade para que sua vida se tornasse amor.

---

84 Appel au Dépassement, conferência sobre a virgindade, p. 15.

85 Appel au Dépassement, conferência sobre a virgindade, p. 14.

## TEXTOS

### 1. Maturidade espiritual

Vamos dizer brevemente o que se entende por maturidade espiritual no campo do sexo. Trata-se da invasão da graça no domínio do sexual e da visão do sexual através de uma óptica cheia de fé. Trata-se de encarar o sexo não como tabu nem como mal, mas à luz da fé, deixar a graça invadir o campo desse diálogo do sexo e do amor.

A maior coisa que Jesus nos revelou sobre Deus é que Ele é Pai. Melhor dizendo: Deus não é celibatário. Deus é amor. O Deus cristão é família. É Pai desde toda a eternidade no seu Filho, mas quis prolongar sua paternidade ao criar o homem. O homem, mesmo se quiserem imaginá-lo através da evolução, não foi criado por Deus como criatura, mas como filho. Em seguida, Deus, por assim dizer, atou suas mãos e não gerou mais outros homens, deixando aos próprios homens a tarefa de satisfazer seu desejo de ser pai e de lhe dar filhos. Deu-lhes o poder, o instrumento que é o amor, o sexo e o matrimônio...

O sexo integrado no amor vai desempenhar um papel psicossomático dando filhos a Deus. Ninguém pode ter uma óptica exata do sexo cristão, se não o vê através da tríplice luz da criação, da queda e da revelação. Não há nenhum homem em quem o sexo se encontre inteiramente purificado e não apresente certo perigo... Somos todos homens. Lembro-me desta passagem extraordinária de um filósofo mexicano em livro intitulado *Ladainhas do entardecer da vida*: «Eu quis ser arcanjo, e Deus me respondeu: “Basta que seja homem!”».

O sexo, portanto, deve ser considerado na óptica da fé. Se o enxergarmos apenas através da criação, o sexo é bom, mas pode então pregar-nos muitas peças ruins, que nos fariam lastimar de não ter refletido.

Se o consideramos unicamente no aspecto da queda, ele se torna tabu, obscurantismo, jansenismo, puritanismo...

A óptica verdadeira sob a qual devemos encarar o sexo, seja para as pessoas casadas, seja para os religiosos, é a da tríplice luz que acabamos de descrever. (Apelo à auto-superação, conferência sobre a virgindade, pp. 10-12, retiros de 1970, Canadá).

## **2. Um tesouro em vaso de barro**

É exato que carregamos coisas de valor em corpo muito frágil. É exato também que a Virgindade é dom de Deus e carisma. Não é todo o mundo que pode consagrar sua virgindade ao Reino. Devemos agradecer a Deus, porque pelo menos no desejo, possuímos esse carisma. Mas, como para qualquer outra virtude ou dom, o esforço para consegui-lo apresenta duas partes: a ajuda de Deus, de quem procede todo dom, e a colaboração de nossa parte (é aqui que por vezes cansamos).

Nessa dualidade, constatamos, por um lado, a persistência e o amor do Pai, que nos ajuda, nos estimula, independentemente de nossa resposta; e, por outro lado, constatamos, com humildade, que nosso esforço, às vezes, sem mais, se entrega, muito mais por fraqueza do que por malícia. Tudo isso devemos apresentá-lo ao Senhor. É importante, Irmãos, que na posse desse dom, procuremos os elementos humanos que interferem com o que é dom estritamente sobrenatural, para que num momento de crise, de dúvida ou de hesitação, saibamos ver o risco que corremos de jogar fora tudo o que é dom...

Para bem viver a vida religiosa e testemunhá-la, é necessário ter boa formação sexual, relacionada a uma boa maturidade sexual... A maturidade sexual é insuficiente para viver a virgindade consagrada. Não se trata absolutamente de bancar os machões, trata-se de ser escravos do Senhor e dizer, com nosso fiat, que se faremos o que prometemos, e a graça completará o resto. Mas nosso sim deve ser lógico, coerente.

Agora, para que perante os jovens com quem vivo, os meus Irmãos, meus parentes, minha mãe, o meu testemunho sobre a castidade seja eficaz, devo possuir formação adequada. É nesse domínio que, por vezes, não digo que falhemos, mas que experimentamos certo temor de manifestar que somos conscientes de nossa opção e daquilo a que renunciamos...

A maturidade total, em todos os níveis, será muito difícil de alcançar, e ninguém poderá dizer: obtive dez sobre dez em todas as escalas de minha personalidade...

A maturidade psicológica consiste em compreender o problema do amor. Um homem é maduro quando os dois núcleos componentes de sua personalidade: sexo e amor chegam a integrar-se num só. É como um fruto. É nisso que consiste a maturidade psicológica, seja naquele que quer viver virgem, seja no casado. (Apelo à auto-superação, Virgindade consagrada, p. 1, janeiro de 1973, Norte, Espanha.)

### **3. Sobre o conjunto dos votos**

Acreditamos não somente em Deus, mas também no próximo; esperamos não apenas em Deus, mas também no próximo; amamos com a mesma e única caridade a Deus e ao próximo.



Dessa forma, os religiosos são testemunhas do Cristo neste mundo e querem ser sinais da fecundidade de seu Espírito, comunicado e tornado visível numa vida que não é apenas unidade, pobreza, obediência e virgindade, mas que é para Deus e o próximo. Trata-se de tornar visível esse “ser para o próximo”, e visível mediante os votos, que aparecem precisamente como algo que foi feito por amor e vontade de serviço que devemos aos demais. Sim, com efeito, não se trata apenas de questão de resignação ao inevitável, mas de ato vivo pelo qual a gente se compromete, em público, fazendo profissão com a vontade de nela manter-se definitivamente.

Ora, quem faz profissão dos meios, com maior razão, o faz da finalidade. Há coisas que são óbvias. Se a pobreza, a castidade e a obediência não têm outro objetivo senão amar, é evidente que, por elas, a gente se compromete ao amor.

No mundo, em meu próprio mundo, há pessoas que emitem o voto de amar-me e, em resposta, faço voto de amá-las; em ambos os casos eficazmente. Esse grupo de pessoas que se amam dão testemunho perante as demais:

- de pobreza-liberdade e de pobreza-amor;
- de obediência-disponibilidade e de obediência-santificação;
- de virgindade-amor e de virgindade-fecundidade.

No dia em que o mundo enxergar os religiosos sob esse ângulo, como homens que fizeram de sua vida um “ser para os outros” em benefício da humanidade e definitivamente, acabar-se-á por amar e admirar a vida religiosa.

Isso significa que os votos, cujo objetivo é destruir nosso egoísmo, criar, dirigir e consagrar todas as energias da caridade existente nos corações, engendram um dinamismo que vai diretamente a Deus e ao próximo. Indo além, dir-se-ia até que vai mais a Deus do ponto de vista afetivo, dado que Deus não necessita de nós para si, mas quis ter necessidade de nós para o próximo, pois este precisa de nosso amor. (Circ. A Vida comunitária, pp. 179-181).

#### **4. O desejo do Filho**

Os chineses dizem que um homem não pode retornar à terra sem ter escrito um livro, plantado uma árvore e gerado um filho. Quer partir sabendo que sua vida serviu para alguma coisa, e não partir de mãos vazias. Pois bem, há momentos em que o desejo de ter um filho pode ser sentido como necessidade profunda...

Irmãos, uma das tentações mais fortes e mais dignas, em que o homem libera toda a potência de seu ser, toda a potência de seu amor profundo, não está no fato de ter uma mulher e torná-la feliz, mas no fato de gerar um sucessor e deixar algo na vida. Nesses momentos de tentação, é necessário recordar que nossa vida religiosa possui uma fecundidade enorme, se soubermos vivê-la apaixonada e amorosamente; e é dessa maneira que devemos vivê-la. Eu mesmo sou apenas um pobre homem, mas me pergunto: será que eu poderia ter feito o bem, que o Senhor quis fazer pelas minhas mãos, no mundo, entre os homens e as mulheres, as crianças, os padres e religiosos, caso me tivesse casado? Necessitava de liberdade, de disponibilidade, de não estar ligado a uma pessoa, para poder ser de todos e para que ninguém tivesse o direito de me dizer seu; para que sem espírito possessivo, eu pudesse permanecer aberto a todas as necessidades.

E agora para vocês, Superiores: Irmãos Superiores, cuidem da força do coração; que a riqueza apostólica, a riqueza pessoal, que o voto de virgindade tornou livres para o serviço da humanidade, possam atingir todos os lugares onde o amor não chega, para que sejam amados os que não recebem amor de ninguém. Que possam ser amados graças às estruturas, exigentes sob o ponto da virtude, mas abertas à pastoral, que não fecham e não inibem o poder e a disponibilidade, liberadas pelo voto de virgindade. Isso é capital para que possa existir realmente a fecundidade apostólica aqui embaixo. Então sim os religiosos e o voto de virgindade serão uma bênção para o mundo. (*Bética Marista*, n.º 56, fevereiro de 1973, pp. 95-96).

# **Capítulo 3**

A Obediência

Paixão peça vontade  
de Deus

Na vida do Irmão Basílio nenhum voto foi vivido de maneira tão concreta e apaixonada como o voto de obediência. Ao tornar-se Superior-Geral, está consciente de que o Concílio conclama à renovação; para ele é mandamento. Reflete sobre isso e escreve, com certeza, a mais bela e profunda de suas Circulares, aquela sobre A Obediência. Apaixonado pela vontade de Deus, deve procurá-la como Superior-Geral, todos os dias, para si e para toda a Congregação. Esforça-se nisso honestamente, exercitando-se em momentos precisos em que obedecer pedia uma generosidade fora do comum. Assim, sua obediência nada tem de estreiteza: apenas o que dizem as Constituições, apenas o que o superior quer! É procura amorosa da vontade do Pai e o esforço para vivê-la. Para um Superior-Geral, isso é mais da ordem de uma epopeia: sua obediência tem implicações imediatas sobre 9.000 Irmãos, sobre seu apostolado junto a 500.000 jovens, em centenas de dioceses e de países. Ela pode significar vida, dinamismo, criatividade, verdadeiro apostolado, abertura ao Espírito de Deus... e felizmente foi isso.

### **3.1. O mandamento da renovação**

Eram tempos muito particulares, quando Basílio foi eleito Superior-Geral. A Igreja acabava de encerrar o Concílio Vaticano II e os documentos deviam ainda ser estudados para uma lenta assimilação. Sobre a Igreja, tinha soprado o Espírito de renovação e de juventude e ela pedia a todos os Institutos religiosos a realização de um trabalho de renovação pela volta às fontes, uma adaptação ao mundo atual e uma invasão do Espírito do Evangelho.

Sabemos que, entre nós, o Capítulo Geral de 1967 foi o Capítulo especial que a Igreja solicitou. E como teve de pensar na renovação e na reelaboração das Constituições, prolongou-se na segunda sessão de 1968: «Este Capítulo, cuja segunda fase estamos vivendo, a Igreja quer expressamente que comporte, para o Instituto, um exame de si próprio, de seu ser, de seu agir, de seus membros e das leis que o governam».<sup>86</sup> Basílio vê como vontade Deus o que a Igreja pede ao Instituto, particularmente a ele, que deve dirigi-lo. Nos retiros, que vai pregar na América Latina, 1969-1970; no Canadá, verão de 1970; na Espanha em 1972, sempre oferece aos Irmãos longa reflexão intitulada: O Mandamento da Renovação.<sup>87</sup> Para os Irmãos, que escutam seu Superior, é significativo o título do conteúdo do retiro: Apelo à Auto-superação, ou Apelo à Renovação, (Llamamiento a la Renovación). Isso explica de que maneira Basílio compreendia a vontade da Igreja. Podemos dizer que já nos tinha alertado desde sua primeira Circular, destinada a dar a justa luz e a justa direção aos trabalhos da segunda sessão do Capítulo Especial para que a renovação comece no bom caminho. Essa circular de 2 de janeiro de 1968, cansa por sua extensão, quase 700 páginas, no entanto, é de riqueza doutrinal excelente e de audácia profética a que a Congregação não estava habituada. Até o título não é anódino: lembra o aniversário da fundação, justamente porque a Congregação se empenharia num tempo de renovação.

Nessa Circular Basílio indica as condições da verdadeira obe-

---

86 Circ. 2 de janeiro de 1968, p. 4.

87 Appel au Dépassement, 13, A Renovação, retiros de 1970, e Bética Marista 52, outubro 1972, e Apelo à renovação, o mandamento eclesial: a renovação, fevereiro de 1972.

diência à Igreja: conhecer os documentos do Concílio, reencontrar a verdadeira imagem de nosso Fundador, encarar o mundo em que vivemos. Essas três condições constituem a parte mais longa e mais importante da Circular: os apelos do mundo,<sup>88</sup> perto de 180 páginas; os apelos da Igreja,<sup>89</sup> 130 páginas; e os apelos do Fundador,<sup>90</sup> uma centena de páginas. Ao lê-la, encontramos um homem penetrante, novo, audaz, que é o primeiro a fazer esse esforço de inteligência, fé e amor que isso requer. Comunica aos Irmãos seus pontos de vista, mas também seu entusiasmo e sua generosidade. Essa obediência inteligente e amorosa é assim infundida a toda a Congregação. Continuará esse trabalho durante todo o primeiro mandato. É nessa óptica que se pode ler a Circular sobre A Vida Comunitária, em que todo o esforço consiste em indicar pistas para obter uma vida comunitária mais fraterna, mais evangélica, mais audaz no apostolado. Por ocasião da primeira Conferência Geral, em julho de 1971, sua Meditação em voz alta, perante os Provinciais, quase os violentou para que eles e as Províncias se pusessem na via da renovação: «Sinto crescer em mim, com força irresistível e espontânea, a decisão de apoiar, nos limites de minha autoridade e no quadro da colegialidade, a execução leal, o desenvolvimento e a realização da forma pós-conciliar e pós-capitular da vida marista. Espero que também vocês, Provinciais, saibam, nos momentos de oração, perscrutar o Espírito para aperceber-lhe as moções... O importante é que o sopro venha do Espírito e que saibamos descobri-lo em tempo. Permito-me retomar esse ponto, porque no dia em que a vida religiosa renunciar a viver do Espírito Santo para se nutrir so-

---

88 Circ. 2 de janeiro de 1968, pp. 161-342.

89 Circ. 2 de janeiro de 1968, pp.347-474.

90 Circ. 2 de janeiro de 1968, pp.478-587.

mente de um ‘texto que se repete’, terá renunciado não apenas à sua substância cristã, que é o caminho vivido na santa liberdade dos filhos de Deus, mas também a seu caráter próprio no seio do povo de Deus, a saber, a sua natureza carismática». <sup>91</sup> Sem dúvida, o Pe. Manuel Portillo foi quem mais ajudou Basílio nos retiros pregados na Espanha e na América Latina. Sobre esse ponto da obediência à Igreja o vê assim: “Denominamos profetas essas pessoas que, da parte de Deus, são capazes de pressentir as novidades que Deus vai trazer aos homens no futuro. O Irmão Basílio, na sequência do Vaticano II, já cumpria o que nos recomendou o Sínodo extraordinário de 1986, haurindo nas fontes da tradição a escuta do Espírito Santo, para refazer tudo de maneira nova. Sem o Instituto ter mudado, graças ao Irmão Basílio e a tantos outros Irmãos, tudo é novo. É ‘todos irem ao noviciado’; <sup>92</sup> é refundar o Instituto. É fazer mais uma vez algo novo, como Champagnat””. <sup>93</sup>

A renovação visada por Basílio não é apenas de ordem intelectual e estrutural, ele desce ao coração da vida religiosa e quereria que os Irmãos renovassem a maneira de rezar, se tornassem mais espontaneamente os familiares de Deus pelo esforço prolongado de contemplação e de assimilação da Palavra. É esse espírito que inspira a Circular Colóquio sobre a Oração, todos os retiros sobre a Oração e a Circular A Oração. Em muitos encontros insiste também na qualidade da formação a ser dada aos jovens Irmãos para que sejam apóstolos na sociedade a que pertencemos. A Circular O Espírito do Instituto nos reconduz às fontes, mostra-nos a limpidez e os valores cristãos e humanos

---

91 Meditação em voz alta, pp. 348-349, 353.

92 Circ. Projeto comunitário, p. 7.

93 Fms-Mensagem, n.º 19, maio de 1996, p. 35.



que elas nos oferecem. Para voltar os corações dos Irmãos ao Fundador, Basílio lança o Ano de Espiritualidade Champagnat, faz de l'Hermitage o santuário de nossa família e escreve a breve, mas densa Circular do vigésimo quinto aniversário da beatificação: 1980, Ano Champagnat.

Para obedecer bem ao mandamento da renovação é necessário conhecer e amar a Igreja, os documentos do Concílio, o Fundador, nossas origens e nosso espírito, o mundo em mudança, mas também renovar o coração perante Deus.

Parte integrante da Obediência são os métodos de trabalho: enquetes, estatísticas, a consulta aos especialistas. Elas permitem os conselhos e as decisões apropriadas; conduzem à renovação inteligente, esclarecida, adaptada à Congregação.

A renovação vai aplicar-se a todos os domínios da vida marista: estruturas de governo central ou provincial, com a inovação dos capítulos provinciais, as Constituições, que se tornarão mais evangélicas, a vida comunitária, o estilo de oração mais espontânea e mais verdadeira, o apostolado que começa a preocupar-se também com os jovens que não frequentam nossas escolas, as missões e os pobres. De fato, o campo da obediência é imenso, holístico, se podemos empregar essa palavra. Basílio queria, sobretudo, que a obediência proviesse do coração, porque somente o coração pode transformá-la em amor, sendo o amor a verdadeira natureza do voto e da virtude da obediência.

Resta outro ponto em que Basílio conseguirá êxito magistral: será uma reflexão-testemunho sobre a vontade de Deus, que resultará em pura obra-prima de escrito espiritual, a Circular sobre A Obediência.

### 3.2. Uma Circular preciosa

É a grande lição que Basílio dá aos Irmãos: a paixão amorosa à vontade do Pai; a convicção vivida de que a vontade de Deus sempre significa uma expressão de amor e um acréscimo de vida: o único caminho do desenvolvimento total do homem. Lemos isso da primeira à última página da Circular sobre A Obediência.

Essa Circular, de 30 de maio de 1975, de extensão média, 150 páginas, é com certeza, a mais bela que Basílio escreveu, ou pelo menos, a que revela um homem apaixonado por Deus, disposto a executar sempre a vontade do Pai e de fazê-la por e com amor. É o escrito de um mestre de espiritualidade, familiarizado com Deus e também perito em humanidade. Isso lhe permite intermediar as mais íntimas experiências e convicções às situações concretas de obediência vividas pelos Irmãos. No depoimento deixado em favor de Basílio, o Pe. Manuel Portillo faz esta confidência: «Certo dia preparávamos material sobre a obediência. Ele dizia: ‘Nunca rezearia amar a vontade de Deus sobre nós, sua vontade é amável e nos ama’. Para mim, foi a ideia que me ajudou a viver o dia na contemplação».<sup>94</sup>

Essa Circular nos mostra como permanecer na busca da vontade do Pai, como ligar nossa obediência àquela de Jesus, que é a lei fundamental e a fonte,<sup>95</sup> qual o papel da mediação, do discernimento, do diálogo e a metanóia que exige.<sup>96</sup> Basílio conduz a Congregação, as Províncias, as Comunidades a uma obediência responsável e adulta. Desperta para a realidade da obediência do

---

94 O Estilo de uma Vida, p. 55.

95 Circ. A Obediência, pp. 42-48.

96 Circ. A Obediência, pp. 58 e 79.

grupo. O voto de obediência não diz respeito apenas aos indivíduos, mas também à comunidade em seu conjunto, que deve procurar o que Deus lhe pede como grupo em sua vida fraterna e na sua vida de missão. É a essa preocupação que respondem as duas Circulares sobre O Projeto Comunitário, 1978, e O Projeto de Vida Comunitária, 1980. Que fonte de vida, de santidade e de apostolado para as comunidades, se anualmente elas se fazem, em paz, mas honestamente, a pergunta: «O que é que Deus, o Pai, quer de nós neste ano?». E sobre a resposta elas constroem seu projeto de vida. É exigente! É vital! É novo todos os anos, todos os dias. Está longe de uma esclerose espiritual. Tal obediência enobrece deveras quem a vive: impregna o coração com as atitudes de Deus.

Mas pode-se recear que essas duas Circulares estejam ainda em estado de hibernação em nosso Instituto.

Esse rápido percurso através da Circular sobre A Obediência tinha por objetivo mostrar onde se achava a fonte da obediência de Basílio: o coração, um coração seduzido por Deus e convencido da paternidade de Deus. Há também um segundo objetivo, o de evidenciar o esforço de inteligência e de educação para que a obediência cresça qualitativamente em toda a Congregação. É o esforço de um homem responsável pela obediência de seus Irmãos, pela densidade da vida espiritual da família.

O melhor testemunho que podemos dar em favor da Circular sobre A Obediência, será oferecer diversas de suas páginas e convidar os Irmãos e os amigos a tomar essa Circular como livro para um tempo forte de espiritualidade: coleção, retiro. Sua leitura acenderá uma chama e uma luz para iluminar e aquecer o coração.

### 3.3. A obediência de um Superior Geral

Não falamos de outra coisa até aqui. No entanto, podemos dizer mais. Em primeiro lugar, Basílio estava consciente de que tinha de viver uma obediência particular e que devia ser o primeiro a se pôr em busca da vontade de Deus para si e para a Congregação. Externa os sentimentos que experimentou nos primeiros dias de sua eleição: «Responsabilidade confusa: bem essa era a que se me apresentava. Estava longe de conhecer com exatidão em que me empenhava, o alcance e os limites de minhas obrigações, os meios reais para desincumbir-me. E também saberia eu se o Capítulo obedeceria realmente ao sopro do Espírito, procuraria, nas decisões finais, o caminho estreito do Evangelho ou o da facilidade?... Uma coisa é a obediência entusiasta e alegre às ordens de um superior responsável, e outra coisa é tornar-se pessoalmente responsável por todo o Instituto».<sup>97</sup> Depois faz-nos entrar em sua alma: “Entretanto, chegado o momento, fiz minha escolha, aceitei. Não de forma improvisada, porque uma alma caridosa me tinha avisado que eu estava na lista dos candidatos. Tive, portanto, de prever e refletir muitas vezes. E foi depois de ter hesitado interiormente algum tempo, rezado e meditado muito, que proferi meu Fiat. Só Deus é juiz das intenções dos homens. Coloquei-me em suas mãos paternais...”<sup>98</sup>

Basílio, portanto, está consciente de que irá abrir o grande trabalho da renovação da vida marista, e, com outros Superiores Maiores, da vida religiosa sem mais.<sup>99</sup> No cotidiano, porém, como se evidenciava essa obediência de um Superior-Geral?

---

97 Circ. 2 janeiro de 1968, p. 4.

98 Circ. 2 janeiro de 1968, p. 5.

99 Ir. Basílio: Quero despertar a aurora, Roma, 2002. O título do livro foi sugerido por diversas testemunhas que afirmam que ele desejava ajudar a aurora de uma nova vida religiosa.

É permanecer constantemente em atitude de doação e de serviço. Que pode Deus pedir a um Superior-Geral senão de ser o pastor, de ter verdadeiro cuidado do rebanho e, portanto, de aceitar o trabalho que isso significa? O imenso trabalho de Basílio, as vigílias, as longas viagens, a acolhida em dirigir tantos Irmãos, os retiros pregados em outras famílias religiosas, as missões delicadas que, por vezes, a Igreja lhe confiava, tudo isso não é parte importante de sua obediência? Sim, dado que Deus lhe colocou sobre os ombros essa responsabilidade. E Basílio a assume plenamente, com entusiasmo, semeando alegria, na atenção constante à pessoa. Longe de ser resignação à tarefa, em Basílio, é alegre generosidade. Isso não quer dizer que não pague tributo ao cansaço, à doença, ao desgaste prematuro. Sabe muito bem que está queimando a vela por ambas as extremidades, mas é pelo Senhor, é seu ideal. Compreendemos, então, por que se impõe, no percurso das viagens, grandes desvios para encontrar-se com um Irmão, discernir com ele a vontade de Deus, ajudá-lo a acolhê-la. Deus lhe pedia que estivesse próximo de todos, particularmente dos que sofriam no caminho. Fez-se especialmente próximo de certo número de Provinciais que, junto com ele, passavam pela tormenta do pós-Concílio e os ajudava a carregar sua cruz, a servir a Deus naqueles anos terríveis. O depoimento do Ir. José Antônio Guardado, de São Salvador, é muito interessante. Na entrevista tida com ele, Basílio lhe pergunta à queima-roupa: «Irmão José Antônio, você acredita que vai enlouquecer, se ficar Provincial? – Não acredito chegar a isso... – Então, Ir. José Antônio (prosegue Basílio), não se preocupe mais com você, preocupe-se com seus Irmãos. – Colocara-me em xeque-mate... Devo dizer que o retiro com o Irmão Basílio foi para mim um plano de ação para os seis anos seguintes em que tive de servir meus

Irmãos. Suas enquetes... indicaram-me a pista de trabalho”.<sup>100</sup> O Ir. José Manuel Gómez, que era Provincial da Colômbia, escreve: «Ajudou-me cada vez que recorri a ele, seja para minhas necessidades pessoais, seja quando o consultava em certos casos difíceis de Irmãos da Província. Não media seu tempo nem de dia nem de noite...». <sup>101</sup> A porta de seu gabinete acha-se sempre aberta e as horas passadas em acolher, escutar, encorajar são inumeráveis. Discerne, assim, a vontade de Deus e ajuda os Irmão a discerni-la. Todos os volumosos relatórios das visitas às Províncias têm o cuidado de esclarecer, endireitar, animar, dizer a verdade e, sobretudo, buscar com os responsáveis o que Deus pede a essa Província. Em certa Província é a oração que é necessário tonificar; em outra, a audácia apostólica; ou ainda a vida comunitária para que se torne mais evangélica, ou a pobreza que se esvai no aburguesamento; ou um estilo de vida muito monacal, que ignora o mundo e seus apelos. É sua responsabilidade ajudar toda a Congregação a melhor dizer sim a Deus e, portanto, impulsioná-lo à leitura dos sinais dos tempos.<sup>102</sup>

Saber ler os sinais dos tempos é uma das faculdades dos profetas. Reconheceu-se muitas vezes essa qualidade no Irmão Basílio, e ele próprio refletiu muitas vezes sobre isso.<sup>103</sup> Para ser profeta, são necessárias duas condições: com uma das mãos segurar a mão de Deus e, com a outra, tomar o pulso do mundo. Basílio, aberto para Deus, foi sempre apaixonado por nosso mundo,

---

100 Depoimento datado 2 de setembro 2002.

101 Depoimento escrito em setembro 2002, Manziana, Roma.

102 Dispomos de certo número de relatórios das Províncias: Córdoba (Argentina), Zaire-Ruanda, Suíça, Esopus (Estados Unidos), Porto Alegre (Brasil), Uruguai, Castela (Espanha, Paraguai, Portugal... Ficaria pesado estudá-los neste capítulo sobre a obediência).

103 Queimar a Vida, pp. 304-305.

acompanhando-o nas diversas mudanças e a qualquer momento sabia falar dele com propriedade.

Na sua sensibilidade ao sobrenatural, Basílio vê muitas vezes a ação do Espírito: o Concílio é visto como verdadeiro Pentecostes; os belos textos do Capítulo Geral trazem a assinatura do Espírito; as novas Constituições nascem sob o seu sopro. Fica atento ao Espírito e acolhe as intuições que lhe dá, embora isso signifique uma montanha de trabalho a mais, como foi o caso da Circular sobre A Fidelidade: “Há uns sete anos que, pela primeira vez, me veio, como um raio de luz, a intuição deste livro. Ao redor dessa intuição aglutinou-se uma montanha de confidências comoventes que eu tinha recebido e recebia. Deixava o coração expandir-se de admiração perante todas essas formas de fidelidade e de perseverança em nossa Congregação.

Uma germinação havia precedido, sem me aperceber, a partir dessas entrevistas inesquecíveis em que Irmãos transvasavam recordações, alegrias, dificuldades, crises, quedas, soerguimentos, mil detalhes de sua existência vivida para Deus. E, insensivelmente, se me impunha a ideia de escrever...”<sup>104</sup>

Basílio nos convida a uma obediência dinâmica, viva, cotidiana. Deus lhe dera dez talentos e esperava dele que os fizesse produzir. Junto com muitos Irmãos, reconhecemos que os dez talentos renderam muito na Congregação e na Igreja.

---

104 Circ. A Fidelidade, p. 9.

### 3.4. E momentos mais evidentes

Agora que estamos familiarizados com aquilo que Basílio entendia por obediência – essa paixão da vontade de Deus – podemos voltar a momentos mais clássicos em que se trata de dizer um sim imediato. Foi quando concluía sua tese de doutorado, estando praticamente pronto a apresentá-la. O Provincial lhe pede que deixe os estudos e vá para o juvenato a assumir a direção. Vai ter com seu professor, amigo e modelo, Oswaldo Robles: “Veja, quando minha tese está quase pronta, eis que me mandam para outro lugar, para o juvenato”. E ele a me dizer: “Irmão, quando Deus lhe pede que vá alhures, não se deve discutir. Eu vivo na ciência. Mas a ciência não vale Jesus Cristo”.<sup>105</sup> Basílio se diz filho espiritual desse professor.

Outro momento, quase dramático, que levantou grande emoção entre os Irmãos Capitulares, foi sua eleição para o segundo mandato. Foi eleito no primeiro turno. Deu um sim total, mas difícil. Em sua simplicidade, tinha arrumado as malas, disse aos amigos que tinha terminado sua tarefa de Superior, escrito a Circular de adeus: Um Novo Espaço para Maria. Considerava-se descarregado desse pesado fardo. Grande foi sua surpresa. Confessou mais tarde que cada cédula que se lia e levava seu nome era uma martelada na cabeça. Começou a suar de tal maneira que, em certo momento, teve de ir deitar-se para retomar o domínio do corpo. Mas no almoço festivo estava entre os Irmãos com o sorriso de sempre. Prosseguirá ainda nove anos nessa tarefa esmagadora de Superior-Geral. O Irmão Maurice Bergeret, Provincial de Notre Dame de l’Hermitage, recorda assim essa hora:

---

<sup>105</sup> Circ. A Obediência, pp. 40-41.



«A expressão de seu rosto, no momento do escrutínio, me ficou fortemente gravada. Na qualidade de Presidente da Assembleia Capitular, o Irmão Basílio dava atenção especial à contagem dos votos, feita diante de seus olhos. No começo, a expressão era de atenção normal para o bom desenrolar das coisas. Mas, à medida que os votos com seu nome se acumulavam, seu olhar e seu rosto tornavam-se sombrios. Podia-se adivinhar terrível batalha nele. Quando sua reeleição ficou evidente, deu o consentimento com palavras que não revelavam nem emoção nem amargura; depois, acrescentou com alegria: “Digam a todos os Irmãos que os amo e vou pôr-me a seu serviço com todas as minhas forças”.<sup>106</sup> Terminado o segundo mandato, depois de um ano sabático, expressou o desejo de ir às missões de Moçambique ou de Angola.<sup>107</sup> Seu Provincial o convidou para investir um pouco de suas forças na Província de origem, o México Central. Será mestre de noviços, com toda a simplicidade. O Irmão Charles Howard lhe pede para abrir o Movimento Champagnat da Família Marista no México. Coloca-se logo a trabalhar nessa tarefa com a paixão que o caracteriza. É sempre um serviço em favor do povo de Deus, da Igreja.

Quantas vezes esse homem nos recordou a obediência à Igreja e ao Papa! Em sua primeira Circular, consagra onze páginas para incentivar nossa disponibilidade à Igreja e nossa obediência ao Papa.<sup>108</sup> Recorda-nos que é mais seguro ouvir a voz do Papa do que a dos teólogos e que prefere seguir os passos dos santos do que a doutrina incerta de alguns de seus contemporâneos. Declara-se pronto, se fosse o caso, a sacrificar a

---

106 Cf. O Estilo de uma Vida, p. 30.

107 O depoimento se encontra em carta registrada, remetida ao Ir. Espiridião, em agosto de 1994, depois do genocídio dos Tutsi, em abril e maio de 1994.

108 Circ. 2 de janeiro de 1968, pp. 524-534.

Congregação, se isso devesse servir à Igreja. <sup>109</sup> Recordemos a carta de desculpa endereçada ao Cardeal Somalo, quando soube que um Irmão ousou formular críticas ao Santo Padre em tom pouco respeitoso.<sup>110</sup> Estamos na obediência que todos os santos praticaram em relação à Igreja e ao Papa. Basílio caminha nas pegadas do Fundador. O Irmão Luís Puebla Centeno (a serviço do Vaticano) relata um fato que nos mostra a obediência de Basílio no ordinário da vida: «Certa ocasião, devendo ele proferir uma conferência, solicitada pela União dos Superiores Maiores,... pediu uma informação que lhe interessava. Ela estava ao alcance da mão, mas havia o problema que a coisa fazia parte do segredo profissional. Decidiu-se pedir autorização, justificando-a pelo uso que se faria e que o destinatário era o Superior-Geral. A autorização solicitada não foi concedida. Fez-se saber a Basílio que não se podia fornecer-lhe a informação desejada. Respondeu muito calmamente: «Não é problema, Irmão, se nos é recusada, apenas temos de obedecer!».<sup>111</sup>

A obediência, no sentido da busca e da acolhida da vontade de Deus, lhe penetrara o tecido da vida habitual.

Seu sim o conduziu sucessivamente do México ao Equador, 1960-1964, como responsável do Mundo Melhor; do Equador à Espanha para assumir a tarefa de mestre do segundo noviciado, 1965-1967; de lá a Roma para ser Superior-Geral durante 18 anos e se tornar peregrino marista pelo mundo inteiro, 1967-1985. Seguiram-se alguns anos de parada no México, depois regressa a Roma para ser responsável, por dezoito meses, pela formação

---

109 Ver capítulo sobre a Igreja.

110 Carta inserida nos textos do capítulo sobre a Igreja.

111 Madrid Marista, suplemento ao n.º 71, abril de 1996, p. 15.

dos Formadores na Congregação, 1990-1991. Regressa a seu país para ser mestre de noviços das duas Províncias mexicanas, 1991-1996. Mas então praticamente já chegara ao porto.

Em sua última doença, diz claramente ao superior que suspenda os cuidados, se a medicina não puder garantir-lhe vida digna. A última mensagem que enviou aos amigos está cheia de confiança no Pai, em quem acreditou, e professando que sua vontade é sempre expressão de amor e de vida: «Constato, hoje, a realização prática do que me disse o Irmão Leônidas, há muito tempo: «Você queima sua vida pelos dois lados, sua vela pelas duas extremidades. E ele me enviava uma grande página de revista em que havia uma espécie de vela, bastante grossa, com os dois extremos acesos. Dei-lhe uma resposta talvez um tanto insensata: 'Isso foi sempre meu ideal'. Queimar minha vida pelo Cristo e pela minha Congregação, mesmo se isso devesse consumi-la em menos tempo do que ela poderia normalmente durar.

Será que fiz bem? Fiz mal? Isso não me preocupa. Coloco tudo isso nas mãos de Jesus Cristo, nas mãos do Pai e sinto-me em paz profunda, na ação de graças e no louvor total. Sei que não há mãos melhores que as de Deus e é nelas que me coloquei».<sup>112</sup>

Tal obediência é bela, digna do homem, faz o homem, produz fruto em abundância, é benéfica para os outros. Ele se situa no amor, é amor, gera amor.

É uma grande profissão da paternidade de Deus, ato de confiança, que é adoração amorosa do Pai. É deixar que o Cristo co-

---

112 Message enregistré par Basilio un mois avant de mourir; dans *Queumar la Vida*, pp. 306-307.

loque em nós seu coração e tornar-se totalmente disponíveis a seu Espírito. Basílio vivia o grande mistério que tinha revelado aos Irmãos na Circular sobre A Obediência, que “Jesus Cristo é eu, e eu sou Jesus Cristo, no sentido mais profundo da palavra”.<sup>113</sup> Um com o Cristo e, portanto, Irmão universal. É o que dizem os inúmeros depoimentos relatados no livro *O Estilo de uma Vida*.<sup>114</sup>

## TEXTOS

### 1. Por uma obediência dinâmica

Há outro elemento maravilhoso nessa vontade de Deus. Deus quer que sejamos salvadores de nossos Irmãos, salvadores unidos a seu Filho na redenção e na transformação do mundo. Não somos apenas chamados a um papel passivo, embora seja muito bonito: o da acolhida. Não, nós somos chamados a nos pôr a caminho com ele para realizar o Reino, criar um mundo melhor, um mundo digno dos homens, um mundo de homens de boa vontade sobre os quais possa descer a paz.

Olhemos Maria, a mulher ideal. Num tempo em que só se pedia à mulher que tivesse um papel passivo, ela se encontra empenhada num movimento extraordinário de caminhada para frente, para um mundo novo, sem dúvida, apenas comparável ao de Paulo. Com seu sentido da contemplação, que aparece nos evangelhos da infância, e com seu sentido de iniciativa, que aparece em Caná e no Calvário, sobretudo, ela é aquela que acolhe

---

113 Circ. A Obediência, p. 37.

114 *O Estilo de uma Vida*, de José Flores (Chepo), impresso no México, 1998.

a iniciativa do Senhor, mas por um dinamismo extraordinário, da Visitação ao Pentecostes: mulher forte, que impede qualquer interpretação demasiadamente quietista, todo excesso de passividade na obediência.

É necessário, portanto, captar o comprimento de onda da vontade divina e ficar bem ligado a ela, senão a vida verdadeira não passará. Continuar-se-á a crer que a alegria é truque, que ela depende de uma técnica ou da inteligência. Haverá sempre desses religiosos que buscam a libertação na psicologia; que têm seu microprojeto individual, suas fantasias, vítimas inteiramente preparadas pelas motivações da propaganda, que buscam a si próprios, portanto, são decididamente incapazes de sair do mundo dessa ética individualista que o sufoca, faz algumas décadas. Filhos, o quê! sem nenhuma ideia do que lhes é útil ou prejudicial». (Circular sobre A Obediência, pp. 29-30).

## **2. A vontade de Deus, único meio de cristificação.**

Então, o que acontece? Que a vontade de Deus vai colocá-los numa situação que não lhes será natural, que estará acima de seus meios. Apenas isso: a vontade de Deus compõe-se de dois elementos: há minha natureza, que acredita, e há também o incompreensível: uma incrível ajuda de Deus, que a fé simples de outrora acolhia tranquilamente, e que na “descrença” de hoje, é difícil compreender. É necessário dizer que a fé passou por um endurecimento do tímpano, que é uma verdadeira provação. Mandem David Oïstrakh, o melhor violinista do mundo, trabalhar oito dias na mina, com uma britadeira e verão como sairá o concerto seguinte! O músico ficará marcado por longo tempo, embotado. Pois bem, na vontade de Deus, há uma infinidade de nuanças que não têm sua explicação em termos claros. Apenas

uma grande finesse espiritual pode adivinhá-las. Digam-me, por exemplo, se vocês podem explicar, racionalmente, por que Deus enviou à morte o próprio Filho!

Se quisermos racionalizar a vontade de Deus, de maneira que nossa pequena ideia seja a medida e o critério para discernir essa vontade, perdemos o tempo. Aceitaremos a vontade do Pai naquilo que nos parecer bastante mole, mas não no que for duro. E, no entanto, é nisto que se realiza mais profundamente nossa cristificação. Não tenho a mínima vontade de fazer endossar precipitadamente à vontade de Deus todas as loucuras dos homens, por exemplo, a de mandar sem refletir... Muitas coisas acontecem contra a vontade do Pai, apesar do poder do Pai... Porque não somos marionetes e porque ele leva a sério nossa liberdade. A história da salvação ele a confia realmente à livre vontade dos homens e à direção de seu Espírito. E nós podemos de fato obstaculizar o plano de Deus. A grandeza de Deus consiste em jogar com essa liberdade humana – que é liberdade verdadeira – com esse homem que realmente tem o poder de agir mal – mesmo se Deus não quer que proceda mal. (Circular sobre A Obediência, pp. 32-33.)

### **3. O caminho em direção à vontade de Deus**

A vontade de Deus não se apresenta sempre de maneira clara. Uma das características da condição humana é exatamente necessitar de mediações para descobrir essa vontade. E não é mediador quem quer. Posso viver muito tempo com alguém e mesmo gostar bastante dele sem poder dizer, para tanto, qual é a vontade de Deus a seu respeito. Certas pessoas – e não é caso raro – quereriam ter uma espécie de certeza matemática a respeito da vontade de Deus, quereriam construir uma série de silogismos para se persuadir de que fazem a vontade de Deus

seguinto finalmente um capricho. Esse não é o caminho para chegar à vontade de Deus. O verdadeiro caminho é este:

Deus, acima de nós, é amor que se dá a mim em forma de mistério, que se dá a mim como tarefa, que é primeiramente descoberta, depois paixão de amor, depois realização. Posso recusar-me a essa vontade de Deus, mas se a procurar, a encontrarei com certeza...

Deus se dá a nós como dom e como graça e aguarda nossa resposta.

Nossa resposta é empregar a liberdade para abraçar sua vontade, que é nosso bem, nossa felicidade, nosso futuro. Assim, o ajudamos a realizar seus planos em nós para nossa alegria e fecundidade. Enquanto não tivermos descoberto esse modo da vontade de Deus, o jogo divino de nossa vida se passa com os deuses gregos, não com o Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo. (Circular sobre A Obediência, pp. 28-29).

#### **4. Uma verdadeira paixão pela vontade do Pai**

E acrescento simplesmente: a formação que bastava para que um religioso pudesse praticar a obediência na etapa precedente, digamos na concepção clássica da obediência, hoje é totalmente insuficiente. Nem os religiosos formados há cinquenta anos, nem os formados há cinco anos foram formados para a nova etapa que se abre à obediência, e, exceto para alguns santos, nem uns nem outros estão preparados a obedecer no sentido do termo, tal como se descobre em nossos dias.

Nessa nova visão da obediência, é inteiramente necessária outra densidade de vida espiritual, de maior pureza de intenção, de renúncia ao egoísmo, de vontade total para seguir os cami-

nhos do Senhor, uma verdadeira paixão pela vontade do Pai. E justamente aí está o drama. Quisemos instaurar um novo sistema de obediência – que é o verdadeiro – mas ele chega numa hora que o torna difícil, porque chega no momento em que se perdeu, em grande parte, o sentido da oração, em que a fé entrou em crise, em que nos invadiu não a boa secularização – que se faz grega com os Gregos e bárbara com os Bárbaros, para levar Jesus Cristo a todos – mas um secularismo frívolo, que tira o sabor ao sal e o dinamismo ao fermento; em que o Evangelho é substituído por uma psicologia que é simplesmente destrutiva. Seja como for, não temos escolha. O diálogo é o utensílio indispensável da nova forma de obediência, e ele deve ser frequente, até mesmo habitual! (Circular sobre A Obediência, pp. 105-106).

### **5. Obediência construída sobre um diálogo sereno**

Falo de um diálogo sereno, do estilo, aliás, a que se deveria chegar em comunidade. Mas se um Irmão não é capaz de se abrir ao Superior, em diálogo evangélico, como se abrirá perante a comunidade? Caso se trate de alguns passes de esgrima ou de algumas frases brilhantes, isso vai bem; mas se for questão de uma manifestação espiritual, que me revela em profundidade para que minha comunidade se torne verdadeiramente responsável pela minha vida, que caminhemos juntos, que me encarregue dos Irmãos e eles de mim, e que deveras queiramos nos colocar de acordo para buscar a vontade de Deus, é necessário que haja grande dose de caridade e que se joguem as cartas na mesa. Mas quantas comunidades chegaram a isso? Quantos Irmãos há que, passando por uma crise, falarão disso à comunidade? É por isso que é necessário, primeiramente, ser capaz de fazer com o Superior esse diálogo que é o vestibulo da obediência.



Abraçar a vontade do Pai é atitude cujo crescimento depende de vários fatores nos que dão ordens e nos que as recebem: a maturidade humana, o grau de sinceridade... Porque com as mesmas palavras pode-se dizer tanto a verdade quanto a mentira. As palavras humanas são muitas vezes repletas de equívocos, e o que dissipa o equívoco é a progressão da sinceridade, da abertura, da comunicação, do espírito de fé, da vida de oração.

A virgindade não é possível sem a oração teologal, que inunda o coração de amor e lhe dá toda a sua força; mas o diálogo de obediência não é mais possível sem essa oração, e se quisermos chegar a essa forma de obediência, não haverá outro caminho de acesso senão essa oração, que será ao mesmo tempo o caminho da maturidade. (Circular sobre A Obediência, pp. 107-108).

## **6. A obediência adquire-se**

Se no passado houve o grave erro de transpor no terreno profissional, pastoral, apostólico, os dados e as leis da obediência cega, hoje existe o perigo inverso; preparam-se as pessoas para a obediência sem nenhum exercício. Campeões de atletismo que nunca fizeram ginástica!

Ninguém nasce sabendo rezar; aprende-se sob o sopro do Espírito e com os esforços pessoais. Ninguém nasce casto; adquire-se pouco a pouco um potencial de fidelidade e de autodomínio, que toma consistência em determinado momento. Ninguém nasce sincero, mas torna-se isso no decorrer de uma vida de autenticidade e de sinceridade. Não, nenhuma virtude está madura no nascimento, mas todas se desenvolvem a partir de um germe, mesmo as virtudes infusas.

Ninguém nasce obediente. E quem não quiser exercitar-se nunca aprenderá a obedecer. Suportará por bem ou por mal a vida religiosa até o momento em que lhe ordenarão algo que não lhe agradará. E então, por mais clara que seja a vontade de Deus, ele mandará tudo às favas. À falta de exercício da obediência no período de formação, acrescentem a falta de fé e de densidade espiritual e vejam o que pode restar para aguentar em período de crise. É evidente que impor exercícios de obediência é impopular. Que os formadores se perguntem se é uma razão suficiente para economizar uma vitamina tão essencial ao organismo espiritual do religioso. Temos obedientes para superiores perfeitos e para situações medianas ou médio-inferiores; temo-los para superiores difíceis e para situações acima da média? (Circ. sobre A Obediência, pp. 118-119).

## **7. A responsabilidade precede a obediência**

Nós bem gostaríamos de ter apenas respostas simples a dar, mas as coisas não são tão claras assim, razão por que tudo isso exige análise e diálogo. Em outros termos, é necessário recorrer ao discernimento dos espíritos, isto é, fazer uma análise dos dados e depois, como sempre, agir com pureza de coração. Aquele que não tem o coração puro acha isso aborrecido porque, em todas as dificuldades da obediência prática, ele não tem saída vantajosa.

... O homem tem poder enorme de arrazoar e de justificar o que faz. Portanto, só será possível chegar a entender-nos mediante a fidelidade progressiva do coração, a autenticidade da palavra que quer se simplificar e denominar preto o que é preto, e branco o que é branco. E é por isso que é muito necessário, à medida que se forma a obediência ascética, não transferir suas responsabilidades.

Acontece, com efeito, de transferir suas responsabilidades. Ora, a obediência não é o meio elegante para um homem transferir suas responsabilidades perante Deus, graças à ordem de uma pessoa chamada superior. Eis aí um caminho estranho para fazer tranquilamente o contrário da vontade de Deus: “O superior me deu licença. O negócio está feito!”

Até o direito canônico mais jurídico possível evita cair nessa armadilha. Ninguém tem o direito de pedir uma licença que não é da vontade de Deus. E se o superior deu uma licença indevida e se eu a pedi indevidamente, estou obrigado em consciência a não usá-la. Se eu a usar, a permissão não salvaguarda nem minha consciência nem meu voto, embora tenha todas as assinaturas possíveis. O superior não é uma cápsula de aspirina para anestesiar a consciência e permitir o que cada um quiser. (Circ. sobre A Obediência, pp. 123-124).

### **8. Responsabilidade, aspecto importante da obediência.**

Ressente-se cada vez mais como anormal que uma comunidade de consagrados, que fez do Evangelho a paixão de sua vida e objeto de suas ações, não possa ajudar diretamente seus membros a encontrarem a vontade do Senhor. Isso choca um espírito que reflete, mas enfim é a herança de um passado em que o exercício da autoridade se reduzia a uma dimensão muito individualista.

Em muitos religiosos há uma espécie de demissão a respeito da qualidade dos outros e de sua conduta; portanto, é dizer que, ainda menos, se tenha a preocupação com a comunidade como tal, no exercício de sua vida consagrada e no testemunho que deve dar à Igreja e ao mundo. Encontram-se, assim, religiosos que pessoalmente são excelentes religiosos, mas incapazes de

dizer fraternalmente uma palavra sobre um procedimento da comunidade que, de modo evidente contradiz a vontade do Senhor. Sofrem com isso, veem determinado Irmão ou toda a comunidade perder a qualidade ou a fidelidade, e mesmo abandonar valores fundamentais, ao abrigo, por vezes, de belas teorias, e não dizem nada. Toda ação profética, toda mediação lhes parece estar reservada ao superior que, sozinho, teria o encargo desagradável de endireitar sistematicamente o que não vai bem. (Circular sobre A Obediência, pp. 136-137).

## **9. A última carta**

“A tantos amigos, que considero como meus irmãos, meus próprios irmãos, e como meus amigos mais amados... que compreendam que minha amizade não diminuiu em absolutamente nada; pelo contrário, com o tempo, tornou-se mais forte e carregou-se de afeição e de ternura.

Nestes anos fui feliz, muito feliz mesmo. A obediência foi para mim o caminho de base de toda a minha vida, e a experiência me ensinou que, graças à mediação dos superiores e às outras mediações complementares, o Senhor me conduziu por caminhos não habituais, e até um tanto anormais para um Irmão Marista, a trabalhar fora ou dentro da Congregação, com afeição, mas sempre sob o signo da obediência e sob a ordem dos superiores. Vivi sem um projeto pessoal de trabalho. Meu trabalho consistiu em assumir a missão e entregar-me a ela com toda a alma e de todo o coração. Ao me lembrar do grande número de lugares por onde passei, lugares inesquecíveis, os países mais variados, as situações sociais mais pobres ou mais ricas, casas cômodas, muito cômodas, onde me alojavam em suíte de apartamentos e também em outros quartos bem pequenos onde foi necessário prever as

instalações para minha chegada. Em toda a parte me senti em casa; recebi amor e afeição dos Irmãos e lhes dei tudo quanto o coração e as forças podiam dar...

Você está queimando a vida pelas duas extremidades (lembrava-me o Irmão Leônidas), e me remetia uma página inteira da revista *Life* em que figurava uma grande vela acesa pelas duas pontas.

E dei-lhe uma resposta, talvez um tanto insensata: “Isso foi sempre meu ideal. Queimar minha vida por Cristo e por minha Congregação, mesmo se isso deva encerrá-la em menos tempo do que poderia normalmente durar”.

Fiz bem? Fiz mal? Não me importo com isso. Coloco tudo isso nas mãos do Cristo Jesus, nas mãos do Pai e me sinto em paz profunda, na ação de graças e de total louvor. Sei que não há melhores mãos do que as de Deus e é nelas que me coloquei. Foi nessas mãos que se colocou o Cristo moribundo.

Hoje me encontro num hospital, há uns vinte dias. Houve um conjunto de sintomas e de mau funcionamento que acabaram por bloquear os dois rins. Os médicos fazem o possível para repor em ação pelo menos um; as hemodiálises ajudam para isso. Contudo, ignoro qual será o resultado; parece que uma melhora é previsível. E a saúde também, se não total, pelo menos parcialmente.

Mas é igual: se o Senhor quiser orientar as coisas para outro caminho, aceito de bom coração. Estes dias, agradei-lhe o dom da vida, o dom da saúde, o dom da sua vida em Jesus Cristo, a vocação na Congregação Marista, e devo dizer que me senti muito feliz. Mas a coisa pela qual rendi graças foi o Mistério Pascal do Cristo, esse Mistério de morte e de ressurreição, que nos en-

volve e nos acolhe nos nossos próprios sofrimentos, nas nossas próprias enfermidades, e que nos unifica verdadeiramente para a glória do Senhor e o bem da Igreja.

Ofereci tudo isso pela Igreja, pelos que sofrem no mundo, e que vemos dia após dia na televisão: guerras insensatas, coisas absurdas, crueldades inverossímeis. E quando vemos isso, nos damos conta de que nosso sofrimento em comparação é pouca coisa.

Pedi ao Senhor que realize em mim sua santa vontade, sem pedir-lhe outra coisa que isso. Supliquei-lhe, unicamente, que conserve em mim muito vigorosos e vivos o dom da fé, o dom da esperança, do abandono e o dom do amor. Isso não devido a meus méritos, porque, mais olho minha vida, mais encontro nela vazios, muitas fraquezas. Penso que todas, ou quase todas, são involuntárias, mas estão aí, com todas as limitações. No entanto, não é em mim que deposito a confiança, nem em meus méritos, mas pura e simplesmente no sangue e na morte de Jesus Cristo, o Senhor.

Ofereci tudo isso também por meus amigos: esse grupo a quem estou escrevendo, e que receberão uma carta, que gostaria fosse mais personalizada... Que pelo menos esta carta lhes chegue para dizer-lhes que não os esqueço e que os tenho presentes na oração e no coração.» (Sem data precisa, mas dezembro de 1995. A carta figura no depoimento do Ir. Victorino de Arce, chegado a Roma a 17 de fevereiro de 2003).

## **10. A reeleição de 1976**

O que se passou na cabeça do Irmão Basílio, a 7 de outubro de 1976, quando o Capítulo Geral lhe pediu para continuar, ainda por nove anos, o governo do Instituto?

Tratamos de assuntos em profundidade. Dado que sou tributário da abertura, da confiança de tantos Irmãos, não posso omitir-me. Vivi a função de Superior-Geral com profundo sentimento de indignidade. E de uma indignidade objetiva e fundada. Quantas vezes disse comigo mesmo: “Pobre Instituto! Pobre Superior-Geral! Antes do Capítulo, por ocasião da passagem pelo México, já tinha guardado alguns arquivos pessoais. Evidentemente, quando veio minha reeleição, foi realmente uma surpresa. A segunda eleição é mais terrível do que a primeira! mas era a maioria. Então, quase chorando – tive de fazer esforço para me conter – disse sim. E aconteceu-me então esta coisa curiosa, desconhecida até então: depois da cerimônia do Magnificat na capela, comecei a transpirar. Fui ao quarto e adormeci na cama. Então, o sistema nervoso acalmou-se um pouco. Continuei a acreditar que teria sido muito melhor para o Instituto que tivesse outro Superior-Geral. É muito duro e muito perigoso para um Instituto fazer carregar pela mesma pessoa todo o tempo da renovação. (Entrevista colhida por Jean Dumortier, em *Presença Marista*, n.º 163, junho de 1985, p. 11).

# Capítulo 4

Um santo



Fizemos um longo percurso com o Irmão Basílio. Nós o acompanhamos na graça que o conquistou, no olhar que dirigia ao Pai, a Jesus, o Senhor, ao Espírito. Descobrimos o grande espaço que dava no seu coração, depois na Congregação, á Boa Mãe; o conhecimento íntimo que tinha do Fundador. Entramos no mundo de sua oração, de seu amor, de sua sabedoria. Com ele, renovamos nossa compreensão da pobreza, da virgindade e da obediência: momentos de luz, de admiração e de conversão. Com certeza, Basílio é homem que atrai para Deus e dá ao mundo do espírito uma visão inteligente, positiva, cheia de desafios que fazem crescer para a plenitude da vida.

#### **4.1. Um santo de hoje e para hoje**

Temos de reconhecer a riqueza espiritual de Basílio. Fazemos isso de boa-vontade porque é homem de nosso tempo. Viveu conosco, dado que só faleceu em 1996. Mas o que o torna próximo a nós é a abertura e a simpatia que sempre manifestou ao mundo tal como evoluía. Homem culto, amava os valores da sociedade hodierna; nos falava com a linguagem franca de quem busca a verdade e a encontra nas asperezas do tempo que se vive tal como ele emerge na História. Não é moralizador, mas é, certamente, homem que propõe valores; que tem o senso da pessoa, da palavra empenhada, que conhece o homem frágil e, no entanto, capaz de grande generosidade.

É simpático porque se faz próximo de todos, na simplicidade, na grande quantidade de piadas que gostava de entremear nas palestras, e as numerosas peças que gostava de pregar aos amigos. Homem inteligente e homem da alegria, irmão entre

os Irmãos, que oferece simpatia e amizade. Isso fazia parte de seu ideal de “ir balizando de amigos o caminho da vida”.<sup>115</sup> Escritor de circulares notáveis, publicadas por grande número de congregações religiosas e que, muito naturalmente, depois das refeições, se metia a lavar os pratos ou a varrer o pátio. Homem à escuta dos problemas vividos pelos Irmãos, homem da acolhida, que sabe carregar as malas, acompanhar ao quarto os recém-chegados e dar uma olhadela para ver se não falta nada. Vivia conosco, ele que olhava para frente, a fim de ver nascer a aurora de um mundo religioso novo.

Era profeta porque era verdadeiro filho de Marcelino, com a mesma audácia; possuidor da mesma paixão de tornar Jesus Cristo conhecido e amado. Admirador de nossas origens, queria uma Congregação de espírito jovem, que soubesse colocar-se nas encruzilhadas da humanidade: «É necessário abrir-nos, com toda a alma, aos valores de nosso tempo». <sup>116</sup> Esse convite o tinha feito com vigor desde a primeira circular: «Devemos ser homens de nosso tempo e em nosso tempo; sensibilizar vivamente a consciência de nosso momento histórico, permanecer no diálogo e comunhão que a Igreja estabeleceu com o mundo, particularmente estar à escuta para descobrir os sinais de nosso tempo... Unicamente sob a condição de nos compenetrarmos intimamente do espírito do Senhor e do espírito evangélico é que nos poderemos adaptar aos sinais dos tempos e dar resposta adequada». <sup>117</sup> Na Circular Projeto Comunitário, de 19 de março 1978, escrevia: «É necessário demolir os muros que cercam nossa casa». Esse slo-

---

115 Circ. A vida comunitária, p. 176.

116 Circ. 2 de janeiro de 1968, p. 131.

117 Circ. 2 de janeiro de 1968: Um Capítulo para o mundo de hoje, pp. 280-283.

gan encerra um fundo de verdade. É preciso abater certos muros para abrir os olhos sobre a história que estamos vivendo; para não ficar com antolhos que nos fixam aos problemas domésticos, impedindo-nos de respirar o ar livre do Reino de Deus». <sup>118</sup>

O Irmão Gildo Cotta, que o conheceu de perto, o julga assim: «Era personalidade excepcional: aliava a suavidade e a força, a prudência e a audácia, o amor às tradições sadias, à capacidade não somente de acolher todas as novidades úteis, mas de suscitar iniciativas de renovação. E não só em relação com as estruturas, mas também na concepção da vida espiritual individual e de todo o Instituto». <sup>119</sup> E o próprio Basílio como se julga? Ao fazer alusão à graça recebida diz: «Isso me permitiu ser filho legítimo do passado, perfeitamente enraizado no presente e muito aberto ao futuro». <sup>120</sup> Sempre na descrição dessa graça, revela o equilíbrio de um apaixonado: «Do que precede, nasce uma exigência da busca apaixonada da vontade de Deus, numa comunhão eclesial generosa e indispensável. O amor à verdade, o discernimento dos sinais dos tempos, fazem encontrar novas vias de ação evangélica, numa lealdade sem fronteiras a respeito de Deus e do homem, até com o risco de sua própria existência». A impressão geral é de que o Irmão Basílio está adiantado sobre muitos de nós e nos lança para frente; convida-nos à confiança em Deus e à audácia para novas iniciativas apostólicas ou para um estilo mais fraterno de viver juntos: «Pode faltar tudo, exceto o amor!». <sup>121</sup>

118 Circ. Projeto Comunitário, na p. 91, o Irmão Basílio convida à abertura.

119 Ir. Gildo Cotta, Conselheiro-Geral com o Ir. Basílio Rueda, em FMS-Mensagem, n.º 19, p. 46.

120 Vida Consagrada, Religioso de Hoje, Madri 1980.

121 Circ. A Vida comunitária, p. 135.

Possibilitar o conhecimento de Basílio, ou propô-lo aos cristãos de hoje como modelo, é realmente oferecer uma companhia e um exemplo atuais, que ajudam a viver nas vicissitudes de nosso mundo e de nossa Igreja. É homem que não só ajuda a não se considerar defasados num mundo que evolui muito rapidamente, mas que entusiasma por este mundo; que coloca em nós a alma do homem de hoje, sedento de saber, de tecnologia, de progresso, mas igualmente de justiça, de verdade, de valores que o iluminam quando prova o sentimento de estar desorientado. E a alma do homem moderno ele a saneou deixando o Espírito do Senhor invadi-la. Portanto, propõem-se ao homem de hoje, ao cristão de hoje, os valores humanos e espirituais tais como nossa sociedade os busca e dos quais ela sente necessidade.

## **4.2. A voz das testemunhas que o consideram santo**

Tudo isto se refere aos capítulos precedentes e à convicção que criam. Mas é bom deixar a palavra às testemunhas para saber o que dizem sobre este ponto. Muitos asseveram ter encontrado um santo, outros que o invocam todos os dias. No fim do segundo mandato, Basílio lastima uma coisa: «Sinceramente falando, teria preferido ver um santo governar o Instituto...». Na conferência sobre a Palavra de Deus, Basílio ressaltou a diferença entre nós (ele inclusive) e os santos: «Ao tratar o assunto desta maneira, o objetivo de nosso encontro ganha muito, que é, penso, um apelo profundo a acolher a Palavra de Deus, em sua totalidade e sua intenção salvífica total. É esse o ponto crucial da questão: na realidade, a enorme diferença entre o santo verdadeiro e a maioria de nós, que denominamos crentes, é a plenitude, a

integralidade, a totalidade dessa acolhida de Deus, que se torna Palavra em nossa própria carne e em nossa própria vida. Em nós, mais frequentemente, a Palavra é como uma semente à espera, ansiosa para germinar, mesmo se a amamos com emoção, a meditamos, a rezamos e a partilhamos. Nos santos, ela apresenta-se como belíssima floração; mais ainda, como a Palavra de Deus que frutificou admiravelmente e se tornou messe esplêndida». <sup>122</sup>

Mas seu primeiro biógrafo, o Irmão José Flores, “Chepo”, faz esta reflexão: «Com certeza, os santos não enxergam a si próprios e não dão valor ao que fazem; apenas se interessam pela vontade de Deus. Basílio não viu um santo governar o Instituto, mas muitos sim, o viram; é possível que alguns dentre nós também não o tenham visto. Na realidade, é bem possível que um santo tenha governado o Instituto dos Irmãos Maristas durante dezoito anos». <sup>123</sup>

Os Irmãos que tiveram a oportunidade de se encontrar perto dele, por ocasião de sua última doença, consideram isso uma graça: «Sinto que foi verdadeiramente uma bênção ter estado com ele em seus últimos momentos. Mesmo nessa circunstância, era possível ver a confiança que Basílio depositava na vontade de Deus... e é algo que devemos aprender». <sup>124</sup> É também a opinião do Irmão Léonard Ouellet, que principia seu depoimento com estas palavras: “Tive a vantagem e a graça de visitar, de assistir o Ir. Basílio em sua última doença no hospital do Carmelo de Guadalajara, em janeiro de 1996”. E conclui, depois de ter chegado o término: «Um excepcional homem de Deus, um santo nos deixou

122 Conferência: A Palavra de Deus e os ritmos da vida no cristão, p. 2.

123 Queimar a Vida, p. 245.

124 O Estilo de uma Vida, p. 142, Eduardo Preciado Rábago.

para encontrar no amor seu Deus, amado ardentemente». <sup>125</sup> Outros Irmãos, informados da morte, entoam um canto de ação de graças:

“Prodigalizaste a vida numa plenitude de bondade,  
aos teus como aos estranhos, sem distinção;  
semeador de verdade,  
testemunha que esparge luz em todo caminho.  
Luz e Verdade são os polos de tua vida;  
explicam o estilo de tua vida,  
tu que rezas, a exemplo de Maria.  
Tu mudaste em vida uma torrente de luz,  
presença que inspira confiança,  
no viver cotidiana de muitos.  
Deste a todos ilimitadamente.  
Tocha, luz suave, perfume sutil.  
Obrigado, por seres a testemunha do Deus do amor”. <sup>126</sup>

Alguns Irmãos manifestaram os sentimentos que experimentaram ao conhecer a decisão do Conselho Geral de introduzir a causa. Do Canadá, o Ir. Borromée Caron escreve: «Quando soube que o processo de canonização estava inscrito... alegrei-me e, com sinceridade, invoquei esse campeão da fé... Inscrevo-me, muito humildemente, entre seus amigos...». Ao mesmo tempo, remete um pedaço de papel com uma brincadeira do Irmão Basílio e sua assinatura: Un perro sin dueño. Pedaço de papel que considera uma relíquia. <sup>127</sup> Dessa mesma data é também uma mensagem do Ir. Arthur Dugay, acompanhada de uma carta e de

---

<sup>125</sup> FMS-Mensagem, n.º 19, maio 1996, pp. 11-12.

<sup>126</sup> O Estilo de uma Vida, p. 156, Ir. Roberto Jimenez.

<sup>127</sup> Ir. Borromée Caron, testemunho de 19 de novembro de 2002.

uma foto de Basílio quando este escreveu à mãe desse Irmão e depois a visitou: «Rezo pelo bom êxito de suas diligências pela canonização desse santo homem, que foi o Ir. Basílio Rueda».<sup>128</sup> O Irmão Spiridion, do Ruanda, remeteu-nos carta registrada, que o Irmão Basílio lhe tinha enviado em agosto de 1994.<sup>129</sup> Acompanham estas linhas: «Bom-dia! A notícia da decisão do Conselho Geral de introduzir a causa de canonização do Irmão Basílio Rueda encheu-me de alegria. Julgo-o santo de verdade».<sup>130</sup> Ao receber o livro *Quero despertar a Aurora*, o Irmão Nicolas Dellatolas, de Atenas, revela seus sentimentos: «... esse testemunho vivo, convincente, digno de um homem como Basílio Rueda. Temos nele um novo exemplo de virtude, um verdadeiro modelo de superior, de educador e de Irmão Marista».<sup>131</sup> O Irmão Jesús Bayo Mayor termina assim três densas páginas de recordações e de admiração: «É por isso que ousou testemunhar que o Irmão Basílio era homem de Deus, fruto maduro da graça e do Espírito, que lhe tinha inundado em torrentes o coração, para que o amor atingisse a nós, que tivemos a oportunidade de estar a seu lado e receber o desafio de imitá-lo no seguimento de Jesus Cristo, como Maria e Marcelino».<sup>132</sup> O Irmão Gabriel Michel, seu secretário-geral de 1967 a 1976, responde assim à pergunta: Saber que, muito provavelmente, a causa do Ir. Basílio Rueda vai ser introduzida, que sentimentos isso suscita em você? – Isso me traz grande alegria. Estou convencidíssimo de sua santidade,

128 Ir. Arthur Dugay, testemunho de novembro de 2002.

129 Gostaria de fazer notar que o francês do Ir. Basílio, espontâneo, visto que o registro foi em Madri, é correto, rico e sustenta uma carta de três quartos de hora.

130 Carta de 4 de outubro de 2002.

131 Cartão postal de 12 de outubro de 2002.

132 Depoimento de 7 de outubro de 2002.

ela é tão evidente».<sup>133</sup> O Irmão Alessandro di Pietro, Procurador e Postulador-Geral durante o primeiro mandato de Basílio, ao receber o livro Basílio, um outro Champagnat, exprime sua gratidão: «Muitíssimo obrigado pela remessa da pequena biografia do Irmão Basílio: considero isso como uma visita muito agradável de uma pessoa querida...».<sup>134</sup> Encontrando-se de passagem por Roma, na Casa Geral, o Irmão Estêvão Müller, da Província de São Paulo, em conversa à mesa, diz:

«Basílio era realmente um santo homem!».<sup>135</sup> Do Zimbábue, o Irmão James Langlois remete uma página que recorda os momentos vividos com Basílio e a admiração que lhe tem. O último parágrafo de seu depoimento assevera: «Eis por que não tenho dúvida alguma de que Basílio era uma santa pessoa. Existia nele ampla evidência dos frutos do Espírito. O seu Impacto extraordinário entre nós, como também fora de nós, mostra indubitavelmente que agia pelo poder desse mesmo Espírito. Seu ensinamento, cheio de desafios, fala mais do que volumes, de seu relacionamento íntimo com Deus».<sup>136</sup> Nas cinco páginas de seu testemunho, o Irmão Teófilo Minga lembra como Basílio era o homem da oração, do diálogo, da unidade, da tolerância, da disponibilidade e da escuta, bem como do respeito imenso pelas pessoas. Conclui: «Se nossos Irmãos são santos, que intercedem por nós no céu, não há dúvida alguma que Basílio é santo. É necessário que o façamos conhecer para mostrar ao mundo um santo de nossos dias».<sup>137</sup> O bispo de Velletri, Dom Andrea Maria

---

133 Entrevista de 23 de março de 2002.

134 Carta sem data, mas que é de março de 2002.

135 Conversa tida em 12 de fevereiro de 2002.

136 Depoimento de 15 de novembro de 2001.

137 Depoimento de 13 de outubro de 2001.



Erba, amigo de Basílio e seu colaborador na União dos Superiores Maiores, ao remeter carta de pêsames, diz: «A amável figura do Irmão Basílio Rueda permanece sempre em meu espírito como uma bênção, acrescida de um vivo sentimento de admiração e de gratidão».<sup>138</sup> Poderíamos multiplicar reações semelhantes, mas concluamos com duas outras, a do Padre Raúl Soto Vásquez, que expressa esta opinião curiosa: «Sempre acreditei que seria nomeado Cardeal Irmão Leigo, devido à sua grande contribuição depois do Concílio. Disseram-me que se pretende introduzir sua “causa”. Nunca pensei nisso, e no entanto... sim! Era de fato santo. Penso que os santos deveriam ser como ele. Nunca duvidei de sua santidade».<sup>139</sup> O Irmão Arnaldo Braguti é colombiano e passou longo período com o Irmão Basílio em Quinta Soledade, partilhando com ele toda a vida do noviciado: orações, cursos e até a baixela, onde muitas vezes era precedido por Basílio, tornando-se local de suas confidências. Depois de afirmar que viveu com um santo, conclui seu depoimento com estas palavras: «Caríssimo Irmão, tentei transmitir-lhe o que isso significou para minha experiência. De uma coisa não deve ter nenhuma dúvida: o Irmão Basílio é santo para nossos dias».<sup>140</sup>

### 4.3. E dos que o invocam

Esses numerosos depoimentos coincidem com outros também numerosos, de pessoas que invocam Basílio todos os dias: «Isso não ocorre com outros: tenho sua fotografia sobre meu birô e em

---

138 FMS-Mensagem, n.º 19, maio 1996, p. 20.

139 P. Raúl Soto Vasquez, M.Sp.S. (Um Estilo de Vida, p. 65).

140 O Estilo de uma Vida, p. 71.

outros lugares comunitários e rezo por ele, mas sobretudo o invoco cada vez que o vejo».<sup>141</sup> O Irmão Gabriel Michel, outro amigo íntimo de Basílio e seu grande colaborador, procede da mesma maneira: «Estou convencidíssimo de sua santidade, ela é tão evidente. Aconteceu-me rezar por ele nos dias que se seguiram a sua morte. Mas depois invoquei-o sobretudo».<sup>142</sup> O Irmão Cláudio Girardi foi Provincial de São Paulo no tempo de Basílio, depois Diretor do Colégio Internacional em Roma, nos anos de 1975 a 1978; quando doente, foi constantemente visitado e encorajado pelo Irmão Basílio. À pergunta: «Quais são seus sentimentos ao saber da introdução da causa do Irmão Basílio?», respondeu: «Há tempo que aguardava essa decisão. Tenho a certeza de que Basílio é um grande santo. Senti grande alegria. Já solicitei muitas graças por sua intercessão. O Irmão Basílio faz parte de um grupo que, no céu, considero meus amigos: Ir. Peter Adrian, o Padre Jacquemin, o Ir. Olivier Sentene, o Ir. Franco Sportoletti, o Ir. Silvestre, um dos Irmãos anciãos de Velletri, e um grande número de Irmãos de minha Província, no total uma centena de Irmãos. É claro que entre todos eles o Irmão Basílio brilha como estrela de primeira grandeza. Durante 18 anos foi a presença viva do Padre Champagnat».<sup>143</sup> Esse depoimento termina com longa oração de súplica ao Irmão Basílio, apresentada no fim deste capítulo. É também o que vemos em *O Estilo de uma Vida*: «Em sua morte, tive a impressão de que um santo nos deixara. Invoco-o todas as manhãs».<sup>144</sup> O Irmão José Manuel Gómez, antigo Provincial da Colômbia, ao ter conhecimento da decisão de introduzir a causa, sente necessidade de

---

141 Ir. Gildo Cotta, *FMS-Mensagem*, n.º 19, p. 46. Ir. Gildo Cotta, Conselheiro-Geral, grande amigo do Ir. Basílio.

142 Quero despertar a aurora, p. 40.

143 Ir. Cláudio Girardi, depoimento de 18-12-2002.

144 *O Estilo de uma Vida*, p. 43.

se pôr a invocá-lo: «Ao saber que a causa ia ser introduzida, senti sua presença com grande alegria; é por isso que daqui em diante direi com amor: Irmão Basílio, roga por mim, roga por nós».<sup>145</sup> Quanto ao Irmão Guy Lachance, outro colaborador de Basílio nos retiros na África, não somente o invoca, mas fez diversas novenas e testemunha ter recebido as graças que solicitava: melhora da saúde de sua cunhada e, depois, de um dos irmãos. Sobretudo, é um Irmão que se tornou grande promotor do conhecimento e da admiração do Irmão Basílio junto aos jovens Irmãos em formação, em Nairóbi. As Irmãs do Movimento Oásis conservam grande e especial veneração pelo Irmão Basílio, que sempre apoiou o Padre Rotondi, seu fundador, de quem era grande amigo e, sobretudo, foi ele que acolheu o último suspiro e tudo arranhou para os funerais. É por isso que, ao saber da morte do Irmão Basílio, escrevem: «... sentimos a necessidade de nos unir aos Irmãos Maristas nas orações em sufrágio e, juntos, também invocar o Ir. Basílio Rueda, ao mesmo tempo que invocamos o Padre Rotondi».<sup>146</sup> O Irmão Edouard Blondel, então Provincial da Bélgica, escreve uma carta circular aos Irmãos para lhes anunciar a morte do Irmão Basílio. Recordando os diversos momentos em que Basílio visitou a Província e a impressão que deixou: «Em sua vida, cedia grande espaço à ação. Entretanto, oração, contemplação, adoração, silêncio... eram outras tantas realidades que envolviam, impregnavam, sustentavam todas as suas diligências, atividades, viagens, seus encontros, trabalhos intensos, suas longas vigílias... Que todas as missas que faremos celebrar pelo repouso de sua alma... sejam ocasiões de ação de graças a Deus... porque QUEM É DEUS, PORTANTO, POR NOS

---

145 Depoimento, setembro de 2002, Manziana, Itália.

146 Carta enviada ao Ir. Falquetto, em 9-2-1996, dossiê documentos.

TER AMADO ASSIM, AO NOS DAR O IRMÃO BASÍLIO?».<sup>147</sup> É esse Irmão que escreve também toda uma série de agradecimentos poéticos ao Irmão Basílio, dizendo no último: «Obrigado, Irmão Basílio, por ter sido nosso grande Irmão e aceitar de o ser ainda, intercedendo por nós».<sup>148</sup> Neste 5 de dezembro, me chega de Madri um depoimento, que responde a isso: «Considero a decisão (de introduzir a causa) muito apropriada. Em várias circunstâncias, a tinha sugerido, e outros Irmãos também. Com certeza, ele era santo, dos que denominamos confessores... Meu desejo é que a causa seja introduzida antes de o Senhor me chamar a si (esse Irmão tem 87 anos). Frequentemente me recomendo à sua proteção».<sup>149</sup>

#### 4.4. Uma decisão

Na verdade, o Irmão Basílio foi um fenômeno muito raro da graça de Deus entre nós. O Irmão Joaquín Flores Segura, seu Provincial no momento da morte, o diz muito bem: «Obrigado, Senhor, pelos exemplos e a vida de serviço do Irmão Basílio. Obrigado pelos dons que lhe concedeste, pelos frutos que teu amor fez surgir nele e em todos quantos o conheceram e com ele conviveram. Foi realmente um verdadeiro discípulo de Jesus Cristo, um bom Irmão Marista, que caminhou alegremente nas pegadas de Marcelino Champagnat. A nós agora de caminhar como ele na mesma esteira».<sup>150</sup> Andar sobre a trilha de Basílio é exatamen-

---

147 Carta circular de 23 de janeiro 1996. A última frase encontra-se em maiúsculas no original.

148 FMS-Mensagem, n.º 19, maio 1996, pp. 55-56.

149 Testemunho do Ir. Conrado Trascasa García, de 24 de novembro 2002.

150 Ir. Joaquín Flores Segura, Provincial, México Central, em FMS-Mensagem n.º 19, pp. 6-7.

te o que pede o Irmão Carlos Martínez Lavín, antigo Provincial e atualmente missionário em Cuba, no discurso de despedida: «Ele nos deixa a preciosa herança de seus ensinamentos, escritos nas Circulares, e, sobretudo, no livro de sua vida. E nós temos o dever de torná-lo conhecido. Alguns membros desta assembléia acenderão uma vela para expressar, de um lado, nossa gratidão a Deus, e, de outro, nosso desejo e compromisso como indivíduos, como Província e como Igreja de converter esse dom em aurora de um dia ainda mais radiante».<sup>151</sup>

Para não perder sua lembrança, o México pensou imediatamente em escrever-lhe a biografia e coletar depoimentos. Assim, fomos enriquecidos com o livro *Queimar a Vida*,<sup>152</sup> a biografia, e com o livro de depoimentos, *O Estilo de uma vida*.<sup>153</sup> São dois livros de base, dois tesouros. A Congregação editou um número especial do FMS-Mensagem<sup>154</sup> em que figuram, com dados biográficos e um grande sentimento de gratidão, numerosos depoimentos de amigos íntimos do Irmão Basílio. Muitas Províncias publicaram um número especial de sua revista.<sup>155</sup> Semelhante emoção, semelhante floração de testemunhos nunca se tinha visto na Congregação.

Nesse clima, o Conselho Geral decidiu abrir a causa em 5 de junho de 2002. Não foi decisão tomada do alto, foi antes o respeito pelo que era vivido no coração de muitos Irmãos e amigos.

151 Ir. Carlos Martínez Lavín, em *México Marista*, n.º 10, p. 14.

152 *Queimar a Vida*, Ir. José Flores Chepo, México, 1997. Traduzido ao francês pelo Ir. Gabriel Michel com o título: *Luzes e Chamas de uma vida*. (Sem precisão de data e lugar de impressão).

153 *O Estilo de uma Vida*, Ir. José Flores Chepo, México, 1998.

154 *FMS-Mensagem*, n.º 19, de maio 1996 – Edelvives, Saragoça, Espanha.

155 Por exemplo: *México Marista*, setembro–dezembro 1996; *Madrid Marista*, número especial, 1996, *Orientações*, agosto de 1996, *Província de Leon*, Espanha.

Ela tinha sido também precedida por aquela de dois Conselhos Provinciais do México, em 20 de dezembro de 2001. O texto do fax que dava essa notícia ao Superior-Geral diz: «*Causa de canonização do Irmão Basílio Rueda: Os Irmãos do Conselho Interprovincial das duas Províncias Mexicanas se reuniram. Chegamos às seguintes conclusões:*

– *Em primeiro lugar, vemos que a causa do Irmão Basílio Rueda deve ser lançada em nível de Instituto, visto que é bem mais conhecido e admirado fora de seu próprio país.*

– *Em segundo lugar, aceitamos que o México possa iniciar a causa para se integrar, depois, numa comissão internacional da postulação.*

*Foi por isso que nos metemos de acordo para solicitar ao senhor e a seu Conselho Geral, a autorização para começar os trabalhos da causa de canonização de nosso bem-amado Irmão Basílio. O sufrágio deu 12 votos a favor e uma abstenção...».*<sup>156</sup>

O Conselho Geral motiva sua decisão assim:

*«Nas primeiras Vésperas da festa de nosso Fundador, 5 de junho, o Conselho Geral decide a abertura da causa do Irmão Basílio Rueda, nosso Superior-Geral de 1967 a 1985. Nascido no México em 1924, falecido no mesmo país em 1996, Basílio foi toda a sua vida homem universal. Superior-Geral durante um período tormentoso da Igreja, será o profeta e o artesão da vida religiosa, conforme o Vaticano II. Ele associava o gênio da amizade, a atenção às pessoas, a mão generosa, a inteligência penetrante e infatigável, o otimismo, o humor e será um dos mestres espirituais mais seguros. Conosco viveu as paixões de nosso mundo numa intimidade alegre com Deus. Ele nos diz que hoje amar o Cristo é possível e apaixonante».*<sup>157</sup>

---

<sup>156</sup> Quero despertar a aurora, p. 10.

<sup>157</sup> Quero despertar a aurora, p. 5.

## 4.5. Uma responsabilidade

Com certeza, Basílio foi uma grande graça concedida por Deus à nossa família religiosa. Todo dom, porém, implica a responsabilidade de fazê-lo frutificar. O primeiro aspecto de nossa responsabilidade é de conhecer, se não a fundo, pelo menos bastante bem o Irmão Basílio e seu pensamento. Daí os livros e brochuras que se publicam. Todo trabalho que será empreendido para levar adiante a causa, visa a demonstrar que Basílio é um santo, e, nesse caso, é um tesouro que pertence a toda a Igreja, a todo cristão. Nosso dever é pôr à luz e também restaurar. É trabalho minucioso, demorado. A Igreja exige que a demonstração da santidade se faça com rigor histórico-científico; que não se possa dizer que a Igreja leiloa a santidade e propõe modelos pouco fiáveis. A honra de Cristo também está em jogo, porque quanto mais se demonstra sua influência sobre uma pessoa humana, quanto mais se põe em evidência como o Espírito torna fecundo um coração humano, tanto mais Deus é glorificado. Um santo é sempre obra-prima de Deus, mas sua vida se desenrola num contexto histórico e é mediante a soma de fatos comprovados que se acaba por admitir a santidade de um servo de Deus. Reconhecido pela Igreja, um santo se torna oficialmente caminho seguro para Deus, uma riqueza da humanidade que convida todo o mundo a realizar mais profundamente sua vocação de pessoa ou, como dizia Basílio: “mais é sempre possível”.

Esse aspecto do conhecimento é importante, ajuda a fazer entrar o servo de Deus no coração, na oração. Nós, Maristas, normalmente deveríamos ter contato cotidiano com nossos modelos de santidade. Não apenas pelas breves invocações da manhã, mas por momentos pessoais de intimidade, embora curtos.

É nesses momentos que a amizade se tece sob medida, aquela de que necessito e corresponde a meu caráter, a meus dons, à minha caminhada para o Senhor, com suas quedas e retomadas. Esses momentos de amizade são também momentos de revelação em que chego a melhor conhecer e estimar o amigo.

É para rezear que, em nossa família, excetuando Marcelino, o Fundador, os demais modelos: Francisco, Alfano, os mártires da Espanha, Henri Vergès, os quatro Irmãos de Bugobe, Basílio e outros, sejam pouco conhecidos, portanto, também pouco invocados, que não morem no coração. Caso seja essa a situação, não temos esperança que Francisco, Alfano, Henri... cheguem à beatificação. Sinceramente, pode acontecer que a ausência de bem-aventurados entre nós seja sinal de outra ausência: os que desejaríamos que fossem santos não estão em nossos corações. A oração, o diálogo, a intimidade, os breves momentos de amizade com os nossos modelos são indispensáveis e são sinais de um tônus espiritual sadio, constituem a melhor prova da fama de santidade. Pode-se alcançar o título de venerável, portanto, de heroicidade das virtudes, por um trabalho técnico bem-feito pela equipe de postulação, do tribunal diocesano e da congregação dos santos. Mas somente a oração abre o caminho da beatificação e da canonização. Milagre algum cai do céu como meteorito. É necessário pedir com fé, perseverança e humildade.

A responsabilidade é completa quando se torna imitação. Ora, Basílio está muito perto de nós, não nos desorienta, teve de fazer face a situações que são as nossas. Um ponto é sempre imitável, que é o coração da santidade: é a arte de amar. Não somos chamados a longas vigílias, nem a escrever milhares de cartas, nem a pregar retiros... Mas todos somos chamados ao amor.



Nesse domínio, Basílio, Francisco, Alfano, os mártires, nos dão o tom exato. No santo, o que não envelhece é o coração. Colocar-nos no caminho do amor é também nosso melhor agradecimento a Deus.

#### 4.6. Obrigado, Irmão Basílio

- Por ter aceito duas vezes, por eleição da Assembleia Capitular, ser nosso Superior-Geral, encarregando-se de responsabilidade muito pesada e exigente;

- Por ter sido durante 18 anos, um Padre Champagnat para nós: você nos amava, nos inspirava, exatamente como ele fazia com seus primeiros discípulos e Irmãozinhos;

- Por suas grandes e longas viagens, às vezes urgentes, às vezes perigosas, sempre semelhantes a caminhadas de amor;

- Por ter sido trabalhador infatigável e insaciável em comunicar aos Irmãos suas mensagens claras e límpidas a favor dos jovens, dos pobres, da justiça, da comunidade, da Igreja;

- Pelo tempo consagrado ao menor dentre nós, ao mais jovem como ao mais idoso, por carta, por telefonema, por visita, por mensagem inesperada, por gesto fraterno inverossímil;

- Pela sua alegria tão comunicativa, seu sorriso jovial, suas brincadeiras tão finas e benfazejas, seu linguajar substancioso;

- Pelo exemplo de sua vida de oração intensa, sua manifesta fidelidade à presença de Deus, sua sede imensa de adoração e de contemplação;

– Pelo mistério de amor e de unidade de que foi portador, profeta e realizador lá onde estava de passagem, seja às pressas, seja como hóspede esperado e retido;

– Por ter sido Irmão universal de todos e de cada um, e de ter lutado para que a fraternidade universal nos habite; pela sua discrição e seu respeito em todo encontro, em toda comunicação, em toda exigência e em todo pedido;

– Por ter salvo de todo esquecimento e abandono o Patrimônio Marista de Notre Dame de l'Hermitage e nos ter dado a oportunidade de sempre encontrar aí o Padre Champagnat, o Irmão Francisco e os primeiros Irmãos;

– Obrigado, Irmão Basílio, por ter sido nosso grande Irmão e aceitar de AINDA O SER, intercedendo por nós.<sup>158</sup>

## 4.7. Oração de um Irmão

Quero concluir meu depoimento com uma oração:

*«Irmão Basílio, nosso amado Basílio, pensamos em você. Lembra-se quanto sofreu nesta terra, quando não conseguia, apesar de todos os esforços, levar o Instituto a viver generosamente, em sua totalidade, a grande vocação a que Deus nos chamava; você sofreu devido à mediocridade de muitos elementos doentes; você sofreu devido aos abandonos e à falta de vocações, e se sentiu impotente perante tantos males... Basílio, agora você está no céu; é nosso grande Irmão Basílio, de quem todos os Maristas daqui embaixo se ufanam. Hoje,*

---

<sup>158</sup> Ir. Edouard Blondel, em FMS-Mensagem, n.º19, maio 1996, pp. 55-56.

*está perto de Jesus, perto do Pai, perto da Mãe. ‘Vamos, Basílio!’; é tempo de as coisas mudarem, senão o Instituto que você tanto amou se extinguirá, e o sonho de Champagnat, de nos ver presentes em todas as dioceses do mundo... vai morrer pelo caminho.*

*Interceda junto ao Deus Trindade, à Mãe de Deus, a José e a Champagnat: você os encontra constantemente! Está na hora. Diga-lhes que nós, os Irmãos vivos, não gostaríamos de morrer sem ver a ressurreição de nossa Congregação. Vamos, Basílio! Você que foi tão amigo de todos nós, ouça-nos. Amém.* <sup>159</sup>

---

159 Ir. Cláudio Girardi, depoimento de 19-12-2002.

## ORAÇÃO

Deus, nosso Pai,  
vós destes ao vosso Irmão Basílio  
um coração magnífico,  
uma inteligência penetrante,  
e uma grande paixão pelo vosso reino.

Seu coração era fonte de generosa amizade,  
sua inteligência sabia resolver nossos problemas,  
sua paixão por vosso reino renovou nossa família marista.

Nós vos damos graças  
por esse dom precioso que foi Basílio  
para a Igreja, para numerosos amigos e para nós.

Permiti-nos chamá-lo em nosso socorro  
quando a dúvida paira sobre nossas vidas,  
quando a doença, os problemas ou os anos nos angustiam.  
Sobretudo vos pedimos neste momento para...

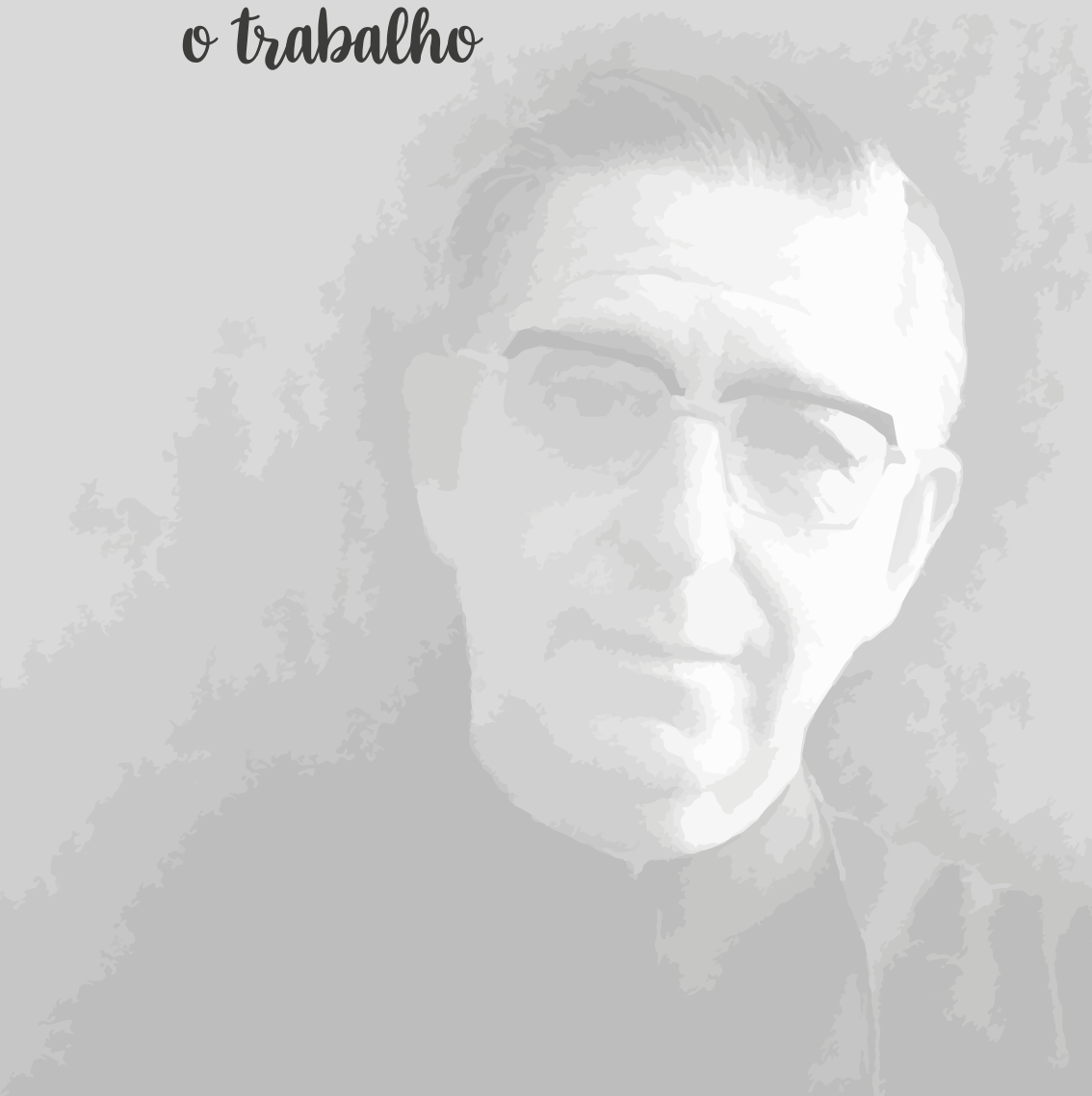
E vós, Maria, Boa Mãe,  
a quem Basílio dedicou uma de suas mais belas Circulares,  
intercedei também por nós.

Pai, que nossa oração glorifique,  
a Vós, ao vosso Espírito Santíssimo  
e ao vosso Filho, Jesus Cristo,  
por meio de quem vos rogamos. Amém.



# **Caderno 6**

*A inteligência,  
o trabalho*



**1**

**À SOMBRA  
DO SEGUNDO  
MANDAMENTO**

Em 1985, o Irmão Demétrio Alzaga escreve várias páginas em favor de Basílio. Deixa-se inspirar nos traços bíblicos que esse Irmão fizera crescer desde o tempo de seu generalato. É um longo artigo de admiração e gratidão que conclui assim: “Homem providencial, foi um presente do Senhor e de Maria Santíssima para o tempo que tivemos que viver após o Concílio, num período de crise universal, quando correntes de pensamento exigiam um espírito claro que pudesse orientar a marcha em caminhos de verdade e de segurança. Afirma-se que cada geração produz um homem fora de série. Um entre milhões. Em nossa geração é o Irmão Basílio esse número fora de série. Sua maneira de proceder no mais alto dos cargos deixou uma impressão profunda que fará história nos anais da Congregação. Honestidade, simplicidade, dom de compreender as pessoas, são realidades que o acompanham e fazem parte de sua vida...”.<sup>160</sup>

Basílio, homem fora de série, eis aquele sobre o qual gostaríamos de deter nossos olhares nas páginas que seguem. Basílio mais considerado como homem, em sua inteligência, sua cultura, seu ardor no trabalho, seu amor pelo nosso mundo, irmão entre os irmãos, cultivando muito os valores de sociabilidade, que são todos maristas porque estão nas constelações da simplicidade e da humildade.

A primeira parte do livro *Basílio, o homem de Deus*, apresentou, sobretudo o mundo religioso: sua vida com o Pai, com Jesus, o Senhor, com o Espírito de Santidade, seu olhar de filho em relação à Virgem Maria, a Marcelino, ao universo da oração e dos votos. Um panorama vasto e rico.

---

<sup>160</sup> Madrid Marista. “Ao Irmão Basílio Rueda”, número específico, 1985, p. 15.



Esta segunda parte se detém mais sobre o homem, ou, como que-  
reria o título: *Basílio, o homem para o homem*.

Pura comodidade de análise, porque de fato a pessoa e a vida  
apresentam sempre um todo coerente e em osmose constante: o  
homem que se mantém em companhia de Deus é mais homem;  
o homem que se aproxima dos outros encarna seu amor de Deus  
e revela que é habitado pelo Espírito de Deus. Os dois manda-  
mentos: “Amarás o Senhor teu Deus, com todas as tuas forças...”  
e “Amarás teu próximo como a ti mesmo” formam um todo, cha-  
mam-se mutuamente parra se realizar. Como o próprio Basílio  
afirma, estão em equação: o amor de Deus = o amor do próximo.  
Se um dos membros da equação está ausente, o outro é igual a  
nada, é um puro vazio.<sup>161</sup>

O trabalho detém-se sobre Basílio, o homem, embora admitindo,  
desde as linhas iniciais, que as qualidades humanas são postas  
a serviço de Deus e de seu povo: são as energias humanas da  
santidade. Se tomarmos o caso concreto da inteligência, em Ba-  
sílio, como não perceber que ela é profética e sempre disposta ao  
amor? Energias humanas, porém cheias de graça.

Nesse aspecto humano encontramos em Basílio um homem in-  
teligente, culto, trabalhador, apaixonado pelo nosso mundo, lí-  
der nato, mas, sobretudo irmão, muito chegado, simples: exem-  
plo de humanidade bem-acabada e que pode ser apreciada por  
todo o mundo, cristão ou não, que possua o sentido da grandeza,  
da nobreza de alma. Muitos Irmãos e amigos vão deixar seus tes-  
temunhos de tal modo que a leitura dá a impressão de caminhar  
numa galeria de retratos. Tudo isso poderia propor apenas o mo-

---

161 Bética Marista, outubro, 1972, pp. 9-10.

delo de um herói humano. A intenção final, contudo, é mostrar a que altura o amor de Deus, quando está presente num homem, pode elevar a própria natureza humana.

Se estas páginas acentuam, sobretudo o humano e o segundo mandamento, “Amarás teu próximo...”, deixarão constantemente emergir o primeiro mandamento, “Amarás teu Deus com todo teu coração...”. É impossível fazer diversamente, pelo menos na vida de um verdadeiro Servo de Deus. Os dois mandamentos existem em equação ou nenhum deles existe. O lado humano de Basílio é rico dos dois amores: Deus e o próximo.

**2**

**A INTELIGÊNCIA  
DE BASÍLIO**

A inteligência impregna o homem todo e se manifesta no que ele faz. Quando é excepcionalmente elevada, ela se manifesta nos momentos decisivos, muitos falam dela e lhe pedem seus préstimos.

Ao penetrarmos no universo da inteligência de Basílio deixaremos os fatos falarem, depois as testemunhas, antes de descobrir as numerosas facetas que a compõem e fazem dele um *homem fora de série*.

## 2.1. Os fatos

Desde que Basílio transpôs o limiar do apostolado, depois de sua primeira formação, dá a impressão de sempre ter sido reconhecido como líder: há nele convicção, entusiasmo, otimismo, proximidade e simplicidade, respeito pelo outro e arte da escuta; sabe suscitar o melhor da pessoa. Todas essas qualidades são envolvidas pela inteligência continuamente trabalhando, porém mais notável em certas circunstâncias. Sua tese de mestrado em Filosofia – Ser e Valor – defendida em 17 de novembro de 1961, valeu-lhe a menção ‘magna cum laude’. A banca só tem louvores e considera que o trabalho merece uma tese de doutorado. Ora, na defesa da tese, Basílio apresentou apenas a primeira parte de uma série de três que visavam justamente ao doutorado.<sup>162</sup>

Um ano antes, o Conselho Geral aceitara destacá-lo do Instituto para que ajude o Padre Lombardi no Movimento do Mundo Melhor.<sup>163</sup> Nele trabalhará de fins de 1960 a fins de 1964. Será o

---

<sup>162</sup> Queimar a Vida, pp. 75-76.

<sup>163</sup> Queimar a Vida, pp. 82-84.

responsável pelo Movimento no Equador, a partir de 1961. Sabemos do resultado que teve no mundo da Igreja e da política. Os bispos deslocavam-se para escutá-lo; confiavam-lhe as mudanças da pastoral; a Igreja da Colômbia também lhe solicita uma proposta de novo programa e nova pedagogia para a catequese nacional.<sup>164</sup> Um político do Equador, que se tornará grande amigo, Conto A. Patino, tem de Basílio uma alta idéia: “Quando Basílio esteve em nossa casa, nas terras do Equador, em seus colóquios e em seu trabalho, pudemos admirar as qualidades que enriquecem sua personalidade, sobretudo sua capacidade, seu aspecto brilhante, seu dinamismo e, acima de tudo, sua santidade”.<sup>165</sup> E quando esse homem participava de um retiro em Rocca di Papa,<sup>166</sup> o padre Lombardi lhe disse: “Que sorte vocês, os equatorianos, têm de poder contar com o Irmão Basílio. Ele é a honra e a glória da Igreja universal”.<sup>167</sup> O livro Basílio, outro Champagnat, relata várias passagens de cartas que o Padre Lombardi endereçava ao Irmão Basílio; todas elas exprimem admiração e fazem elogios: “Sua carta trouxe-me grande consolação porque ouvira falar tão bem do Irmão Basílio Rueda, e agora saber que ele está unido a nosso modesto esforço, isso realmente me dá esperança... ‘O sucesso tão belo do último curso Pro Ecclesia é uma coroa que o Senhor quis lhe dar e é a mais bela prova de sua dedicação’... Tenho grande confiança em sua capacidade e em sua boa-vontade e certamente você saberá tomar o melhor caminho possível’... ‘Quanto bem você está fazendo! Por toda a parte em que passo, em minhas andanças pelo mundo, tenho notícias dos

---

164 Queimar a Vida, pp. 82 - 101.

165 Queimar a Vida, p. 90.

166 Sobre as colinas próximas de Roma.

167 Queimar a Vida, p. 91.

cursos que você oferece aos Irmãos. Verdadeiramente Jesus lhe deu uma missão de animador; de algum modo você está mudando a imagem do Superior-Geral'.<sup>168</sup> Queimar a Vida, a primeira biografia de Basílio, consagra a esse período um dos capítulos mais longos e mais ricos. Encontramos um Basílio brilhante que age com todas as energias de sua juventude.

Quando a obediência lhe pede ser diretor do Segundo Noviciado, na Espanha, em 1965, conhecerá o mesmo sucesso. Entre os Irmãos que frequentam seus cursos ele suscita admiração, entusiasmo e muita afeição. A biblioteca do Escorial conserva muito desses testemunhos admiráveis. Dois pormenores: nas sessões de cinefórum, todos ficavam contentes quando Basílio as dirigia: ele sabia pôr em relevo a arte e os problemas humanos; quanto às excursões, elas tinham como meta os lugares artísticos. Renovou bastante as sessões, solicitando de bom grado o auxílio de especialistas, abrindo bons espaços aos problemas humanos, aos documentos do Concílio, à espiritualidade marista, criando o costume de uma peregrinação a l'Hermitage, para levar os Irmãos a se dessedentarem nas fontes.

Muitos documentos de 1967 dão prova de que a escolha de Basílio como Superior-Geral foi devida a suas grandes qualidades intelectuais, a sua personalidade tão rica e tão sólida espiritualmente e à experiência internacional que adquiriu com sua passagem pelo Movimento do Mundo Melhor. Provará isso com seus escritos que muito em breve estarão nas mãos de muitos na Igreja, e com as iniciativas que hoje o Instituto vive. É-lhe con-

---

<sup>168</sup> Todas essas citações estão na mesma página 20 do livro Basílio, outro Champagnat.

ferido o título de Doctor Honoris Causa, pedem-lhe conferências nas Universidades. Em 1985 o Irmão Basílio é solicitado pelos Irmãos da Espanha para ajudá-los a se situar diante da nova lei sobre a educação, a lei LODE. Juntos redigirão um documento-guia e, depois, nos dias 25, 26 e 27 de março, pronunciará uma série de conferências sobre o tema da educação, na Pontifícia Universidade de Salamanca. Expressa-se o seguinte juízo a respeito dessas conferências: “As reflexões sobre a pessoa do educador, seu ambiente socioeconômico, suas fraquezas e aspirações foram tratadas com profundidade, assim como os valores a serem propostos e desenvolvidos no quadro escolar”.<sup>169</sup>

É solicitado por muitas Congregações para retiros, conferências ou para ajudar em Capítulos Gerais. O Vaticano chama-o como auditor no Sínodo sobre a Família, em 1980, depois o nomeia consultor para a Congregação dos Religiosos, em 1995. Nossa própria Congregação o convoca quando se trata, em 1990, de assegurar o programa de formação dos futuros formadores. Ao retornar ao México, será um dos membros importantes do grupo EPSIMO, formado de médicos, teólogos, católicos e protestantes, psicólogos e sociólogos. Esse grupo se propõe a tarefa de olhar o mundo para propor-lhe respostas cristãs. Esses são os fatos mais salientes de uma vida. São eloquentes sobre as capacidades intelectuais de Basílio.

---

169 Queimar a Vida, p. 252.

## 2.2. As testemunhas

Muitos de nós tiveram a oportunidade de ter contatos diretos com Basílio e de ler suas Circulares. Outros, porém, lhe foram mais próximos, familiares no trabalho e na amizade; é a estes que vamos deixar a palavra.

Devido aos seus dons intelectuais, mas também à sua têmpera cristã, ele atrai a atenção de seus professores de Universidade. Dois deles se apegarão a ele – o Dr. Osvaldo Robles e Fernando Sodi Pallares – e tudo farão para transmitir-lhe seus conhecimentos e sua sabedoria. Basílio sempre soube tirar proveito das pessoas de valor que encontra em seu caminho. Com elas preparou sua tese de mestrado em Filosofia Ser e Valor.<sup>170</sup> O Irmão Gabriel Rodríguez,<sup>171</sup> seu Conselheiro, o julga assim: “É um homem que vai ao fundo dos problemas e os coloca sob a luz da fé e do amor às almas. Tem o dom de criar o espírito de família, de grupo, de equipe e de encaminhar todo o mundo para o Senhor. Estimula os outros dinamizando-lhes as riquezas espirituais”.<sup>172</sup> O Irmão Antônio Kuntz, missionário na África Central, vê em Basílio um homem cuja inteligência e coração trabalham de pleno acordo: “Minha impressão é de que temos um Superior de grande inteligência; isso é muito bom, mas saberá também governar com grande coração, o que é muito melhor e digno de ser apreciado”.<sup>173</sup> O Irmão Santiago Erro,<sup>174</sup> Superior da Província Norte,

---

170 Queimar a Vida, pp. 75 e 76.

171 Esse Irmão mexicano pertencia à equipe de Basílio quando este era diretor do juvenato. Ele fala com experiência.

172 Norte Marista, outubro – novembro de 1967, p. 1190 e Orientações, outubro de 1967, p. 524 (Orientações é a revista da Província de Leão, Espanha).

173 Orientações, outubro de 1967, p. 523.

174 No Escorial, fora por breve tempo, seu imediato.



da Espanha, confirma essa apreciação e também as precedentes: “O Irmão Basílio Rueda é um homem clarividente que sabe orientar com segurança, religioso exemplar, apóstolo infatigável, apaixonado pela Igreja e pelo que é marista. É o timoneiro que Deus pôs em nosso navio e podemos navegar tranquilos”.<sup>175</sup> O Irmão Paulo Sester, Conselheiro e depois Secretário-Geral, envia, por ocasião da morte do Irmão Basílio, um testemunho muito rico de um homem que conviveu com Basílio no dia-a-dia: “Com a morte do Irmão Basílio Rueda, desaparece uma figura marcante, uma personalidade de estatura acima da média, cujo destaque não é o resultado da longa duração de 18 anos de superiorado, mas o fruto de uma riqueza pessoal fora do comum”.<sup>176</sup> Possuímos também o sentimento de um membro do EPSIMO, o Padre Francisco Migoya, S. J., a respeito do modo como o Irmão Basílio trabalhava nesse grupo: “Eu mesmo era membro do grupo EPSIMO, que contava com médicos, psicólogos, teólogos... e cuja finalidade era estudar os problemas do mundo de hoje e as respostas que a fé poderia sugerir. Quando Basílio expunha suas pesquisas, ia até o fundo dos problemas: era um perito. Às vezes enquadrava a questão de tal sorte que ficávamos todos surpresos e admirados. Por outro lado, quando a solução não lhe parecia evidente, permanecia muito aberto. Outras vezes traçava as grandes pistas e deixava que os membros tomassem o próprio caminho. Vocês têm em Basílio um homem fora do comum; sua vida foi enriquecida por toda a história dramática da Igreja e do mundo após o Concílio. Deveríeis confiar a composição de sua biografia a um homem muito competente para que valorize esses aspectos. Basílio é uma boa testemunha da segunda metade do

---

175 Orientações, outubro de 1967, p. 521.

176 FMS-Mensagem, n.º 19, pp. 29-31

século XX; além disso, há seus escritos que são tão ricos”.<sup>177</sup> O Irmão Xavier García Terradillos,<sup>178</sup> Conselheiro-Geral durante o segundo mandato, descreve-o assim: “Sabe harmonizar perfeitamente uma grande capacidade de síntese dos acontecimentos com a atenção aos detalhes, algo pouco frequente..., sonho e relativização com raro equilíbrio”.<sup>179</sup> O Irmão Pedro García González, por ocasião do XVIII Capítulo Geral de 1985, entrevistou 28 Capitulares solicitando-lhes a opinião sobre o homem que permaneceu 18 anos à testa da Congregação. Bom número “o consideram “pessoa muito inteligente e profunda, com grande visão do futuro e enorme capacidade para compreender as situações e os problemas. Dinâmico, extraordinariamente dinâmico”.<sup>180</sup> Para o Irmão Alain Delorme, que acabava de ser nomeado Conselheiro-Geral durante esse Capítulo, “Basílio deixou a imagem de um homem de vanguarda que soube utilizar métodos modernos para conhecer o Instituto... É homem de personalidade extraordinária que não se pode descrever facilmente. Viveu tão-somente para o Instituto ao qual deu sua inteligência e seu coração”.<sup>181</sup> O Irmão Powel Prieur, Conselheiro-Geral com Basílio e também com Charles Howard, oferece-nos uma imagem muito rara: “Ele o vê sempre trabalhando, mesmo durante os Conselhos, sem que isso o impeça de acompanhar detalhadamente o desenrolar da dis-

---

177 Testemunho de Francisco Migoya, S. J., escrito em Roma, em 31 de dezembro de 2002.

178 Segundo o Padre Amador Menudo, o Irmão Terradillos era o Conselheiro-Geral que mais consultava: possuíam em comum a mesma lucidez e a mesma vibração de alma.

179 Madrid Marista: Ao Ir. Basílio Rueda, 1985, ou 1986, pp. 19, 22. Trata-se de um número especial da revista, editado por ocasião do fim do superiorado de Basílio, em 1985.

180 Madrid Marista: Ao Ir. Basílio Rueda, p. 19.

181 Madrid Marista: Ao Ir. Basílio Rueda, pp. 20, 22.

cussão. Isso era devido às suas grandes faculdades e a seu imenso interesse por tudo o que acontecia no Instituto”.<sup>182</sup> O Reitor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Irmão José Otão, justifica assim o título de Doctor Honoris Causa concedido ao Irmão Basílio: “Dotado de grande capacidade intelectual, Vossa Excelência tornou-se um líder, graças às suas idéias claras, à força de seu pensamento, à sua capacidade de convencer, à sua simpatia, às suas pesquisas pessoais, ao seu trabalho em equipe... Às qualidades pessoais eminentes, acrescenta-se... notável preparação no domínio da Sociologia, da Psicologia e da Espiritualidade Marista que lhe permitem, em alguns minutos, dominar uma situação, compreender um problema e encontrar uma resposta em face da realidade que se apresenta, empregando um método rigorosamente científico...”.<sup>183</sup>

O livro *Queimar a Vida* descreve a atenção que ele sabia suscitar por ocasião de suas palestras: “Em seu auditório adivinhavam-se as emoções coletivas, os silêncios pesados, a atenção suspensa por um fio, a descontração, a hilaridade, assim como a reflexão profunda.”<sup>184</sup>

“Escutar suas conferências era para mim desfrutar de sua amenidade e enriquecer-me com suas idéias aplicáveis a nossas situações concretas e atuais.”

“Sua palavra abriu portas, limou asperezas, criou comunhão, quebrou desconfianças. Nele acreditava-se e depositava-se toda

---

182 Madrid Marista: Ao Ir. Basílio Rueda, p. 20.

183 *Queimar a Vida*, pp. 220-221.

184 *Queimar a Vida*, pp. 216-219. As citações a seguir também foram tiradas dessas páginas.

a confiança porque estava acima das ideologias e do sectarismo. Antes de tudo, a verdade.”

“Suas palestras iam diretas ao problema, e ele abordava as questões do ponto de vista científico para esclarecê-las, depois, à luz do Evangelho e atualizá-las com os textos do Vaticano II. Suas conferências, fruto de longos estudos e de cuidadosa elaboração, tinham a profundidade da experiência vivida, o frescor de sua palavra fácil e fluente e a disponibilidade ao diálogo amigável, franco e aberto.”

“O que me impressionava era a clareza e o charme de sua exposição, a profundidade do pensamento e suas insistências que sublinhavam seus princípios indiscutíveis. Era um orador agradável e incisivo. Homem de Deus que partilhava sua mensagem com coração totalmente evangélico, impregnado de veneração pelo que era marista. Espalhava uma simpatia imensa. Suas exposições eram sólidas, agradáveis, bem estruturadas, atraentes. Permitia sempre ser interrogado sobre o assunto exposto. O charme de suas piadas e seu aspecto mexicano espontâneo repousavam a assembléia.”<sup>185</sup>

É preciso dizê-lo, Basílio sempre foi apreciado, primeiro por seus alunos, no CUM (Centro Universitário Marista) e nos Cursos de Cristandade, e depois pelos homens de Igreja: bispos, sacerdotes, religiosos, quando era responsável pelo Movimento do Mundo Melhor no Equador. Diretor do Segundo Noviciado, os Irmãos das diversas sessões o elevam às nuvens. Superior-Geral notabiliza-se pelos escritos e é solicitado por muitas Congregações para retiros, conferências, entrevistas. Isso explica a abundância de testemunhos. Mas deve-se falar de inteligência ou de

---

<sup>185</sup> Queimar a Vida, p. 219.

inteligências, porque há muitas facetas nesse homem fora de série, como o visualizava o Irmão Demétrio Alzaga.<sup>186</sup> Realmente a inteligência impregna todo o homem e tudo o que faz.

### 2.3. Um homem fora de série: as facetas de sua inteligência

Habitualmente era uma alegria escutar Basílio e é uma alegria ler suas Circulares. Donde provém essa alegria?

Da evidência de se estar em comunhão com **um homem inteligente e lúcido**, que gosta do jogo de idéias, as modela de entusiasmo e se inspira **em rica bagagem cultural**. Sua compreensão profunda e matizada das pessoas, das situações, das mentalidades e dos problemas se deixa sempre iluminar pela luz que vem de uma densa intimidade com Deus. **É uma inteligência auxiliada pela fé e a favor da fé**. Um dos seus ouvintes nos deixa este testemunho: “Suas palestras eram ilustradas por citações variadas que revelavam seu vasto saber, suas leituras e o contato com a produção cultural moderna. Unia ciência e experiência, doutrina e conhecimento direto dos problemas, saber teológico e compreensão das profundezas do homem: uma síntese valiosa e rara”.<sup>187</sup> Nesse domínio em que a inteligência se liga à fé, deve-se também lembrar que Basílio era dotado de inteligência profética e mística. Familiarizado com Deus, podia falar dele e daquilo que se vive com ele, e o fará com uma acuidade digna dos maiores doutores e dos maiores místicos da Igreja. E esse Deus que ele ama também lhe empresta seu olhar para antever e guardar a confiança e o entusiasmo nesse período

---

<sup>186</sup> Madrid Marista Ao Ir. Basílio, p. 15.

<sup>187</sup> Queimar a Vida, p. 218.

diffícil para a Igreja e a sociedade. Certos trechos propostos no final de capítulos estão nesse sentido. O título do livro *Quero despertar a aurora* convida a compreender que Basílio fará todo o possível para dar nascimento a outra maneira de viver a vida religiosa, mais inspirada no Evangelho. Para isso ele precisa de uma inteligência de pioneiro. Mas aurora também é sinal de espera, de esperança. A inteligência de Basílio alimentava-se de esperança. Hoje a Congregação tem certo estilo e estruturas que Basílio tinha desejado, descrito, cuja necessidade sentia, mas cuja realização requeria tempo. Eis algumas de suas idéias que se tornaram realidades:

– O B.I.S (Birô Internacional de Solidariedade)

– O patrimônio marista. Foi sob Basílio que começaram os períodos de formação chamados “Anos Champagnat”.

– O convite aos Capitulares para que fizessem uma experiência de pobres antes de ir ao Capítulo para que o coração estivesse esclarecido e simpatizante quando se tratasse de decidir em favor dos pobres.

– L’Hermitage como santuário marista onde os Irmãos pudessem, em qualquer idade, retemperar sua identidade e seu coração.

– A refundação ou a renovação solicitada pelo Concílio Vaticano II: o título dado à primeira Circular é significativo: 2 de janeiro de 1968. No Projeto Comunitário convida todos a refazerem o noviciado<sup>188</sup> e a permanecerem numa formação contínua, expressão que ainda não estava na moda.

---

<sup>188</sup> Projeto Comunitário, p. 7.

– A necessidade de uma formação mais “puxada” para os jovens Irmãos. Para a África e a Ásia isso se concretizará na criação do M.I.C. e do M.A.P.A.C, no governo do Ir. Charles Howard. (Sem isso chega-se a um “suicídio do Instituto”, dizia Basílio.<sup>189</sup>)

– Rezar com as Constituições.<sup>190</sup>

– A Espiritualidade Apostólica Marista.<sup>191</sup>Todas as suas reflexões sobre a oração unem fortemente oração e vida...

A rica bagagem cultural que possui e sua experiência humana excepcional permitem-lhe lançar o olhar para o futuro e anunciá-lo com precisão. Já nessa Circular de 2 de janeiro de 1968 previa uma influência mais considerável da China e do Terceiro Mundo no cenário político, cada qual trazendo suas escolhas ideológicas e seus problemas, a flexibilidade do regime capitalista e do regime soviético, a globalização do comércio e da cultura, ensejando um fenômeno de associação progressiva em face do peso do Estado, a formação das grandes solidariedades econômicas e políticas, um bem amplo movimento migratório, grandes espaços missionários para a Igreja com continentes inteiros abrindo-se a ela e, na Igreja, o tempo do laicato. Na vertente das pessoas, Basílio anunciava uma série de aspirações: a uma vida mais pessoal e autêntica, a espaços de intimidade que sejam consciência, equilíbrio, segurança e autoafirmação, ao reencontro das pessoas estabelecendo com elas relações humanas mais autênticas, aspiração à humanização das estruturas e dos serviços sociais, a uma sadia igualdade de chances, de possibilidades, de dispo-

189 Circular de 2 de janeiro de 1968, p. 652.

190 Circ. Entretenimento sobre a oração, pp. 534-535.

191 Terceira conferência feita aos Capitulares do XVIII Capítulo, em 1985.

nibilidade, aspiração à segurança do futuro: trabalho suficiente e que não prejudique a coesão da família...<sup>192</sup> Considerando isso trinta e cinco anos depois, constatamos quanto essa visão se realizou em grande parte ou ainda permanece sonho no dia de hoje.

É com razão que muitos reconhecem em Basílio uma visão clara que criava segurança porque era aceita como justa.

Basílio tem o dom da análise e da síntese. Quando, em sua primeira Circular, se debruça sobre tudo o que aconteceu na primeira sessão do Capítulo Geral de 1967, vê as diversas peças que se encaixam, as diversas culturas, influências e tomadas de posição. No retiro que pregou em Logroño, em 1972,<sup>193</sup> debruça-se sobre o tema da renovação e apresenta tão bem sua complexidade, os diversos grupos e suas reações possíveis, os caminhos, as ciladas, os meios... que toda a sua reflexão faz pensar na visão da Via Láctea, com sua fluorescência e suas vênulas, na limpidez de uma noite desanuviada.

Joga facilmente com as oposições, analisa os elementos de cada posição, de cada teoria, de cada situação, e depois indica os elementos positivos de cada lado e como poderiam combinar-se. Descreve os inconvenientes que haveria em se dar atenção apenas a uma parte. Outros notam nele a inteligência do equilíbrio. É o que afirma o Irmão Maurice Bergeret, então Provincial de l'Hermitage: "Ele soube evitar dois escolhos extremamente perigosos: seguir uma linha excessivamente conservadora, que

---

<sup>192</sup> Circular de 2 de janeiro de 1968, p. 175-178.

<sup>193</sup> Há 10 fascículos das conferências desse retiro. Têm um título comum de Chamamento à Renovação e um subtítulo para cada conferência. Foram editadas de setembro de 1972 a junho de 1973.



poderia ter levado a atitudes de tipo integrista em certos setores do Instituto, e o de perder o controle perante uma abertura que teria permitido experiências que conduziriam à ruptura ou à degradação espiritual de nossa Congregação”.<sup>194</sup>

Basílio capta o coração e as nuances de uma corrente de idéias e nessa clareza de visão dir-se-ia que ele se deleita, que faz malabarismos.. Eis, por exemplo, como ele enumera os traços da demagogia:

- manifesta-se pela falta de objetividade,
- pelo emprego de meios sensacionais,
- ela desorienta,
- cria problemas e não dá nenhuma solução,
- estabelece penosa defasagem entre o questionamento e a colaboração criadora, priorizando nitidamente aquela sobre esta,
- não é raro que, para curar um mal, ela crie outro maior.<sup>195</sup>

Essas oposições podem expressar tanto o entusiasmo para dinamizar o auditório, como a frieza na análise das enquetes e na enumeração dos pontos fracos ou fortes; nessas análises deixa a impressão de fazer um trabalho de sábio em que não há lugar para sentimentos: “Visarei, portanto, à objetividade e à imparcialidade, com o cuidado de ser construtivo”,<sup>196</sup> escrevia aos Irmãos Capitulares e a todo o Instituto no período entre as sessões do Capítulo de 1967. Algumas páginas adiante, acrescenta: “Precisamente este estudo me leva e me perguntar se, para futuros Capítulos, não haveria necessidade de completar as notas pes-

<sup>194</sup> O estilo de uma Vida, p. 31.

<sup>195</sup> Circular de 2 de janeiro de 1968, p. 73.

<sup>196</sup> Circular de 2 de janeiro de 1968, p. 42.

soais dos Irmãos com pesquisas científicas e sociológicas, com transcrições sobre cartões perfurados, possibilitando avaliar os múltiplos aspectos da vida dos Irmãos e das comunidades”.<sup>197</sup> Sabe muito bem que os princípios científicos devem ser respeitados. “Não se voa sem obedecer às leis da aeronáutica”, diz aos Irmãos Provinciais reunidos para a I Conferência Geral de 1971.<sup>198</sup> E quando deve recordar os pontos fracos, ele o faz, às vezes, com uma pontinha de ironia, a que convém num grupo de amigos.

Inteligência, como dom de natureza, e cultura, como aquisição de seu esforço. Afirma que, durante seus estudos, acontecia-lhe passar a noite com sua máquina de escrever, desde a Salve-Rainha da tarde até a da manhã. Inteligência e cultura possibilitaram-lhe grande adaptabilidade. Nos retiros que orientou na Espanha em 1972, mudava os assuntos conforme as necessidades dos Irmãos de cada Província, embora houvesse um arcabouço central comum. Na Província Norte<sup>199</sup> aprofundou os temas da oração, da vida apostólica, do amor, fonte de paz, como coração da vida comunitária, da virgindade consagrada, da renovação solicitada pela Igreja, do profetismo, da confissão, da Virgem Maria na vida do Irmão Marista, da natureza da obediência, da formação do religioso marista. No mês seguinte, na Província de Bética,<sup>200</sup> suas conferências centraram-se no novo mandamento do amor, nos responsáveis pelo Concílio, no rejuvenescimento do Instituto, na paz como resposta, na virgindade consagrada, no verdadeiro

---

197 Circular de 2 de janeiro de 1968, p. 46.

198 Conferência de encerramento do Reverendíssimo Irmão, p. 439, vol. XXV das Circulares (depois da Meditação em Voz Alta).

199 Ver as 10 plaquetas Chamamento à Renovação, de 1972-1973, da Província Norte, da Espanha.

200 A revista Bética Marista editou as conferências desse retiro nos números de outubro de 1972 a abril de 1973.

sacramento da penitência, na vida comunitária, na vocação, na pobreza. Pôde assim proceder porque fez preceder seus encontros de uma enquete sociológica e religiosa que lhe permitiu conhecer as situações particulares. E essa pesquisa foi trabalhada por uma equipe de sacerdotes e de Irmãos que ele dirigiu e que empregaram duas semanas de trabalho, num ritmo de 10 a 12 horas diárias, para chegar a respostas teológicas unificadas.<sup>201</sup> Essa pesquisa foi enviada pelo trem noturno a Barcelona, para ser trabalhada pela IBM e retornar na noite seguinte. Isso lhe permitiu oferecer respostas matizadas e exaustivas, enquanto, nesses dias de retiro, ia recebendo em entrevista quase todos os Irmãos, muitas vezes centenas, podendo oferecer-lhes uma direção espiritual iluminada por todo esse esforço. Não nos admiremos, então, que solicitasse entrevistas com os Irmãos, até de madrugada. Com efeito, nesse trabalho, entrelaçam-se inteligência, cultura, pesquisa, trabalho persistente de uma equipe de especialistas, e experiência humana que vai se enriquecendo a cada entrevista, com os problemas reais e cotidianos que os Irmãos vivem. É certo que Basílio domina a teoria, mas é a vida, a experiência pessoal e dos Irmãos que o instruem e o renovam. Essa adaptabilidade se nota, por exemplo, nas visitas anuais que fazia aos “segundos novíços” do Escorial.<sup>202</sup> Cada vez o assunto de reflexão era diferente ou, se, por acaso, houvesse coisas em comum, era sempre com grande liberdade de nuances e de argumentos.

Podemos afirmar que a inteligência de Basílio não é primeiramente especulativa, de gabinete, mas é uma inteligência de conta-

---

201 Chamamento à Renovação, p. 1, setembro de 1972, Província Norte, da Espanha.

202 Muitas anotações encontram-se na Biblioteca do Escorial.

tos, de encarnação, de inculturação, de proximidade, de vivência. Ele interioriza o problema, o grupo, o mundo que é analisado ou o Irmão que acolhe. Em seu ato de inteligência existe ao mesmo tempo simpatia e distância. A simpatia lhe permite ver os aspectos positivos; a distância, os pontos fracos, os perigos possíveis. Assim, quando considera o mundo em que vive, mundo de grandes mudanças e, para ele, uma das mais importantes viradas da História, vê as chances extraordinárias que a ciência e a tecnologia criam para a sociedade e para a evangelização, mas sublinha também quanto o pluralismo, o ateísmo prático, o materialismo, a tolerância próxima da indiferença, penetram todo o tecido social e cultural, e como os próprios valores de base são postos em discussão. Pressente o abalo interior que podem sentir os religiosos, mesmo os mais sólidos, e procura os comportamentos inteligentes perante este mundo e esta sociedade que precisam de outras palavras e de outros modelos.<sup>203</sup> Afirma que gosta de encarar as coisas de frente, ser realista, realizar um trabalho intelectual honesto.

Muitos lhe reconhecem também uma inteligência que irradiava entusiasmo. Não só ela projeta luz sobre os problemas, como também põe as pessoas em movimento: é uma inteligência que visa a conquistar os corações, fazer apóstolos. Patxi Loidi afirma com razão que Basílio, como Superior-Geral, irradia entusiasmo, e algumas de suas intervenções, mais precisamente A meditação em voz alta, despertavam nos espíritos muitas expectativas.<sup>204</sup>

Seu pensamento habitualmente é amplo e suas frases, generosas. O Irmão Victorino de Arce, ao receber a última carta de

---

203 Cf. Chamamento à Renovação, 5, p. 4, fevereiro de 1973, Província Norte, da Espanha.

204 O Estilo de uma vida, p. 30.

Basílio, nota: “Era teu estilo, tua frase ampla e generosa, tuas repetições contínuas, desejosas de completar, de ponderar, de aperfeiçoar a idéia que jorrava de teu espírito”.<sup>205</sup> Mas aconteça-lhe também encerrar um parágrafo em forma de máxima, em que a concisão funde juntamente verdade, clareza, surpresa, força. Eis algumas de uma produção abundante:

– “Não se mudam os corações com frases”.<sup>206</sup>

– “Uma liberdade só se torna criadora e fecunda quando implantada em maturidade ao mesmo tempo humana e sobrenatural”.<sup>207</sup>

– “O homem maduro é aquele que assume o que acredita, e acredita no que assume. No meio das impurezas do real, ele vive constantemente o rejuvenescimento de seu ideal”.<sup>208</sup>

– “Um educador, quando para de atualizar-se, para também, pelo fato mesmo, de ser educador. Pode ser um bom didata, mas perdendo o contato com a geração jovem, cuja base é o diálogo, perde sua influência e, em consequência, a capacidade de formar”.<sup>209</sup>

– “O caminho da deslealdade e da inconsequência não preparam para nenhuma vocação, nem mesmo para a mais fundamental que é a de viver”.

– “Não basta falar de Deus aos homens; é necessário, antes, falar dos homens a Deus, para que a palavra seja acolhida”.<sup>210</sup>

205 Testemunho que chegou a 17 de fevereiro de 2003.

206 A Contemplação a partir da Ação, pp. 6-7.

207 Circular de 2 de janeiro de 1968, p. 56.

208 Circ. de 2 de janeiro de 1968: “Os apelos da Igreja e de nosso Fundador ao Capítulo, p. 503.

209 Circ. de 2 de janeiro de 1968: “Os apelos da Igreja e de nosso Fundador ao Capítulo, p. 493.

210 Circ. de 2 de janeiro de 1968: “Os apelos da Igreja e de nosso Fundador ao Capítulo, p. 600.

– “Não há papel mais triste que o de um superior bancando o polícia. Não há atitudes mais pueris e mais prejudiciais a um candidato que jogar de esconde-esconde, levando vida dúplice: isso equivale a cultivar a vulgaridade moral, a leviandade e a imaturidade psíquica”.<sup>211</sup>

– “A humildade exige um acordo entre a pessoa e a personagem: o que parece deve corresponder ao que é”.<sup>212</sup>

– “Não pertencemos a uma casta pré-santificada”.<sup>213</sup>

Nesse esforço puramente intelectual, emergem constantemente seus princípios e sua espiritualidade. Apesar de expressos com muita inteligência, são frutos da vivência, de sua intimidade com Deus. Por trás de suas afirmações de ordem espiritual, descobrimos, não momentos de emoção, flashes intuitivos dos mais altos valores religiosos, mas um viver, uma longa experiência, um homem que já apostou totalmente em Deus. Sua inteligência é evangelizada e esclarecida por Aquele que o coração ama.

Outra nuance se acrescenta a essa inteligência: ela é sempre respeitosa das pessoas e dos pensamentos. É que ele facilmente entra no caso dos outros e reconhece seus trunfos válidos. Sabe ser simpático. Por isso, nunca condena, antes acompanha o pensamento do outro e, após ter caminhado com ele, mostra-lhe as limitações, como também revela o que há de válido numa

---

211 Circ. de 2 de janeiro de 1968: “Os apelos da Igreja e de nosso Fundador ao Capítulo, pp. 512 e 514.

212 Circ. de 2 de janeiro de 1968: “Os apelos da Igreja e de nosso Fundador ao Capítulo, p. 619.

213 Circ. de 2 de janeiro de 1968: “Os apelos da Igreja e de nosso Fundador ao Capítulo, p. 644.

proposta contrária. Na companhia de Basílio, não nos sentimos rejeitados, mas, pelo contrario, aceitos, compreendidos e completados. Há muito de humano na inteligência desse homem. Ele não gosta é de ironia; bom humor, sim, mas a ironia que machuca, não; ou melhor, sabe até onde pode ir e sabe que por vezes é preciso ser claro e decisivo.

Basílio demonstra também inteligência forte. Ousa dizer com clareza os pontos fracos, as ciladas de um pensamento que parece exato; não gosta de máscaras e obriga a uma honestidade tanto intelectual quanto moral. De novembro de 1967 a agosto de 1968, a Congregação encontrava-se no período entre as sessões do Capítulo Geral Especial e durante esse tempo os Irmãos deviam assimilar o trabalho realizado na primeira sessão, setembro – outubro de 1967, e elaborar sugestões para a segunda sessão, setembro – novembro de 1968. Basílio indica aos Irmãos os escolhos a evitar e as fontes de inspiração:<sup>214</sup>

<b>Escolhos a evitar</b>	<b>Fontes de inspiração</b>
A demagogia	A Sagrada Escritura
O conflito das gerações e das mentalidades	O Concílio
O revisionismo	O Fundador
O reformismo verbal	A Teologia atual
	A pesquisa sociológica
	Consulta a especialistas

Sugere fazer esforços para privar-se do fumo, de licores, de aparelhos fotográficos pouco úteis... e prevê que alguns irão rir-se: “Fantasias! – dirão alguns – é possível; mas dessas fanta-

<sup>214</sup> Circ. de 2 de janeiro de 1968.

sias não me envergonho”.<sup>215</sup> E adverte que não é sobre ele que se deve contar para assinar concessões injustificáveis: “Sou absolutamente contrário a que o Capítulo o faça”.<sup>216</sup> Franqueza e lucidez indo juntas, abrem-se sobre a profundidade: “Confessemos que não estamos acostumados a examinar os problemas com profundidade. Nosso tipo de vida, por mais paradoxal que pareça, nos mergulha numa tarefa em que tudo é reduzido ao cotidiano e àquilo que aparentemente não é transcendente; risca de nos afundar na rotina ou antes a deslizar na superfície do real; quando, porém, essa humilde tarefa requer profunda visão antropológica, engajamento no futuro histórico e convicção que nossas mãos formam ou deformam o tipo de homem, a sociedade e as estruturas de amanhã”.<sup>217</sup> Relembremos a coragem que demonstrou ao indicar aos Irmãos do Canadá<sup>218</sup> o risco do aburguesamento a que poderia levá-los a sociedade ambiente; aos Irmãos da Suíça, que o estilo de suas comunidades não criava, para os jovens, as condições de perseverança; e aos Irmãos do Zaire-Ruanda, que havia muito a fazer para a verdadeira unidade nas comunidades...<sup>219</sup> Aos Irmãos Provinciais, reunidos para a primeira Conferência Geral de 1971, não tem receio de dizer: “Creio que todos estamos conscientes de que – sem má-vontade e talvez sem que haja de nossa parte falta de virtude – nossa pobreza, em muitos pontos, é uma farsa”.<sup>220</sup>

---

215 Circ. de 2 de janeiro de 1968. p. 141.

216 Circ. de 2 de janeiro de 1968. p. 138.

217 Circ. de 2 de janeiro de 1968. p. 158.

218 Há 13 plaquetas com o título Apelo à Superação, que relatam o retiro de 1970.

219 Tudo isso foi dito na parte precedente: Basílio, homem de Deus.

220 Conferência de encerramento do Rev. Irmão na Conferência Geral de 1971, Volume XXV das Circulares, p. 449.



Sente-se um homem clarividente quanto às idéias, pessoas, situações e, em primeiro lugar, quanto ao cargo que assumiu. Sua reflexão, porém, nunca é puro tinido intelectual; seu olhar penetra no âmago dos problemas e das realidades e permanece pragmático e prático. Quer ser objetivo e imparcial. Nós vivemos hoje, de maneira tranquila e cotidiana, muitas de suas sugestões de 1968. Eis seu pensamento sobre nossas comunidades: “Ao lado das comunidades que constituem manifestação social de fervor, testemunho e dinamismo apostólico, capazes de se servir da liberdade para alcançar fórmulas de contínua superação coletiva, há outras que, infelizmente, são centros de mediocridade: a liberdade as conduz somente à comodidade, e até aos abusos”.<sup>221</sup> Notemos que sua preferência é pelas comunidades generosas, dedicando-lhes duas linhas e meia, ao passo que às comunidades medíocres dedica apenas uma. Basílio demonstra bom-senso, sabedoria e coragem ao afirmar: “Quando o tipo de vida encobre não só um ato de fraqueza, do qual se é consciente, mas uma mentalidade, então o fenômeno é mais perigoso porque a comunidade é vítima de um mal que ela não sente mais”.<sup>222</sup>

Em contato com a inteligência de Basílio não somente nos deliciamos, mas também nos enriquecemos com as qualidades dessa inteligência e das riquezas dessa pessoa.

A inteligência do Irmão Basílio, com as nuances que encontramos, foi frequentemente reconhecida pelo público. Tinha o condão de captar o problema, desarmar-lhe o mecanismo; depois sabia balizar o caminho a tomar; ao diagnóstico seguro seguia

---

221 Circ. de 2 de janeiro de 1968. p. 57.

222 Circ. de 2 de janeiro de 1968, p. 57.

a receita correspondente. Deixamos um último flash ao Irmão Cláudio Girardi: “Era um homem que não tolerava a mediocridade... Basílio era um intelectual honesto: nenhuma meia-verdade. Se ele não sabia, informava-se por todos os meios. Qualquer que fosse o assunto de seu interesse... aprofundava-o. Era um pesquisador. Devorava livros e, com a boa memória que possuía, podia facilmente citá-los”.<sup>223</sup>

Eis algumas páginas in extenso, entre as primeiras que escreveu na Circular 2 de janeiro de 1968.<sup>224</sup> (Temos um Superior-Genral jovem – tem apenas 42 anos – que oferece um trabalho extremamente abundante durante esse período do Capítulo Especial: setembro de 1967 a novembro de 1968. Entre essas duas extensas sessões do Capítulo, de que é o motor principal, vai ao Brasil, visita todos as missões da África e de Madagascar, depois as da Oceania, entrevista mais de um milhar de Irmãos, adapta-se às circunstâncias, climas, pessoas as mais diferentes e redige essa Circular em cinco partes de 657 páginas, uma das mais ricas que escreveu.) Ela merece ser lida, melhor, deve ser meditada; guarda toda a sua força de impacto; apresenta visualizações mais atuais hoje do que ontem. Em suas partes “Os apelos do mundo”, “Os apelos da Igreja” e “Os apelos do Fundador”, ela baliza o futuro melhor do que qualquer outra Circular sucessiva. Permanece como um dos vértices do pensamento de Basílio.

---

223 Ir. Cláudio Girardi, depoimento de 18-12-2002.

224 Essa circular é composta de cinco partes, sendo que as três últimas são as mais importantes: Os apelos do mundo; Os apelos da Igreja; Os apelos do Fundador.

## TEXTOS

### 1. O binômio espiritualidade-psicologismo

Julguem vocês mesmos se o que é afirmado da inteligência de Basílio não é o reflexo do que se sente ao ler estas páginas. Ele analisa dois grupos de Irmãos Capitulares: os que são de preferência pela Espiritualidade e os que se inclinam pela Psicologia.

“Seja, como diriam os professores de Matemática, o binômio espiritualidade-psicologismo. Trata-se de dois grupos muito distintos que, tudo bem considerado, não se opõem, mas se implicam e se completam. Entretanto, na realidade, os ângulos de apresentação não permitem que essas idéias se encaixem uma na outra.

Cada uma dessas duas atitudes que analisaremos tinha seus valores e suas deficiências ao mesmo tempo. E isso sob diversos aspectos. Tinham muita razão os que lembravam a urgente necessidade de levar em consideração os aspectos psicológicos da pessoa humana e de suas necessidades no quadro da vida religiosa: consciência do valor pessoal, reconhecimento desse valor, sucesso nos empreendimentos, necessidade de ser feliz, de ser útil, necessidade de amizade, de associação, necessidade de ser compreendido, de saber que se pode contar com os coirmãos, que se goza de sua confiança, necessidade, enfim, de encontrar o repouso necessário, de ver respeitada a própria personalidade e liberdade, de sentir-se membro de uma equipe de trabalho, e não simples peça nas mãos de um jogador de xadrez.

Estar atento a tudo isso é não só satisfazer os apetites humanos, difíceis de serem contentados – isso é o reverso da medalha

– mas é assegurar as bases necessárias ao desabrochamento do religioso que exige equilíbrio e plenitude. É verdade que pode haver um desenvolvimento espiritual superior em pessoas tímidas, fracas, franzinas, mas não é comum e, ademais, não é um testemunho que atraia e conserve os jovens na Congregação.

Estar atento a tudo isso é, ainda, tornar possível um testemunho alegre, fecundo e positivo aos olhos do mundo; é, enfim, tornar as almas mais livres de conflitos psicológicos para melhor servir o próximo no trabalho pessoal ou institucional.

‘No dia em que todos compreenderem – diz o padre Paulo José Hauffer –<sup>225</sup> que as leis psicológicas bem desenvolvidas empenham a consciência moral, um grande progresso será possível’ (Maturidade espiritual, Circular 5, janeiro de 1958).

Deve-se, portanto, inserir os dados psicológicos na mensagem evangélica, assim como se devem aceitar os aportes espiritualistas. Sem isso, arrisca-se fracassar. Do lado dos adeptos do espiritualismo, o que se sustenta com força é a prioridade não só qualitativa, mas vital do Evangelho sobre os valores humanos. Com relação a esse ponto, Nosso Senhor – nossa lei e nossa única escala de valores – é claro e categórico. Não só fala da superioridade do sobrenatural sobre o natural na parábola da pedra preciosa e do tesouro escondido no campo, como no encontro com o moço rico, mas, sob a forma oriental da metáfora, indica-nos que devemos sacrificar o natural ao sobrenatural em caso de oposição inelutável. O caso limite e sempre válido como obrigação e supremo testemunho é o martírio. Fora disso, se há um grupo humano cujo sentido social seja apresentar ao mundo corajosa

---

225 Superior-Geral dos Padres Maristas.

e alegremente a prioridade absoluta do espiritual na vida e na ação, é bem aquele dos religiosos, presença escatológica viva no mundo e na Igreja de hoje.

À luz dessa doutrina, merece ser compreendida e aplaudida, no Capítulo, uma atitude que está de acordo não apenas com a codificação canônica em vigor – hoje, aliás, em plena revisão – e com a tradição histórica da vida religiosa e da Congregação Marista, mas também com a própria mensagem e vida de Jesus, cuja imitação é nosso caminho de perfeição. ‘Sabemos em quem depositamos nossa confiança’ (2Tm 1,12).

É preciso, pois, que os argumentos ‘psicológicos’ sejam apresentados sem os defeitos assinalados acima e, quando forem apresentados nas aplicações concretas, que estejam de acordo com a autêntica adaptação conciliar, em vez de serem concessões à natureza.

É preciso também que os argumentos ‘espiritualistas’ estejam enquadrados num contexto evangélico, levando em conta valores que, ainda ontem, não criavam nenhum problema, seja porque não contradiziam uma mentalidade que não tinha o mesmo sentido da objetividade ou do comportamento social, seja porque alguns consagrados não tinham consciência ou não tinham tomado consciência da presença, neles, desses valores de que estamos falando.

Hoje, com efeito, esses valores se manifestam e provocam reações ou mesmo revoluções, quando os jovens percebem que, sem fundamento, eles são desconhecidos, violados por comodidade, por negligência, por estereotipia mental das gerações que caminham sobre o declive da vida.

A realidade é que, sem uma atenção capaz de adaptar-se aos aspectos psíquicos da pessoa humana, muitos jovens (e menos jovens) cobrirão, sob formas externas de vida regular, uma série de elementos problemáticos que, cedo ou tarde, acabarão em vidas medíocres, com evasões camufladas, ou em vidas cheias de amarguras e de resignação, sob um verniz de fidelidade, ou até infelizmente, em vidas escandalosas. A consequência será que, de um lado, superiores e coirmãos sofrerão nas suas relações com esses homens e, de outro lado, o Instituto não será amado por eles, pois não se pode gostar de uma ambiência considerada – embora de modo totalmente subjetivo – fonte de frustração, de repressão, de complexos; e a ambiência assim criada desviará os corações nobres que, se não fora isso, teriam sentido atrativo e simpatia por uma congregação ou por um apostolado.

É também verdade que, se um aporte “psicológico” não for seriamente examinado, peneirado e transformado à luz do Evangelho, tornar-se-á, num outro sentido, e talvez mais agudo, fonte de equívocos ou de problemas para a vida religiosa. Porque, se não tomarmos cuidado, as grandes orientações do Evangelho serão transformadas em critérios naturalistas com que se conseguirá manter, durante determinado tempo, certa vida comunitária harmoniosa e colaboração humana, mas que nunca poderão manter as almas nessa alegre doação da vida no sentido de consagração que supõe o heroico esquecimento de si e o estado de constante disponibilidade para com Deus e os outros que confere à virgindade o aspecto alegre e positivo que o religioso deve manifestar perante o mundo.

O que se apresenta então ao mundo, sempre na melhor das hipóteses, é um modelo de estrutura humana, mas não o fruto do poder e da graça do Cristo que ultrapassa toda medida humana.

É ingenuidade pensar que, sem o amor da cruz de Cristo, sem a prática gradual, adequada e séria do ascetismo cristão, se possam conseguir os milagres morais de testemunho, de dedicação e de doação total que são os frutos da Igreja de Cristo. E, por sua vez, essa ascese não pode ser posta em prática e menos ainda imposta sem a profunda motivação de um grande espírito de fé. Lembremo-nos que a vida de fé que, antes de tudo, é um dom, só se desenvolve e se mantém por uma constante e suficiente alimentação.” (Circular de 2 de janeiro de 1968, pp. 50-55).

## **2. Estrutura - Liberdade**

Refletindo sobre o binômio “estrutura – liberdade”, que se manifestara durante o Capítulo, escreve:

“Um grupo desejava manter intacta uma série de estruturas regulamentares ou legais. Outro grupo insistia sobre o direito à liberdade que nos vem não só da dignidade da natureza humana, mas também de nossa condição de resgatados pelo Cristo e de filhos de Deus. Ainda uma vez os dois grupos tinham razão.

Vejamos a atitude do primeiro. É evidente que a vida em comum não é possível sem um mínimo de estruturas; as que encerram e protegem valores fundamentais e capitais devem ser mantidas para proteger esses valores contra as vicissitudes da descentralização e contra o uso de uma liberdade que somente se torna criadora e fecunda quando estiver implantada numa maturidade ao mesmo tempo humana e sobrenatural.

É sofisma quando, diante dessa realidade, se invoca a liberdade ou a necessidade de dinamismo da comunidade. A liberdade de que fala S. Paulo é a liberdade dos filhos de Deus, fruto da graça e dom do Espírito Santo; ela se manifesta no estilo de

vida e de ação que suscita. Quando, sob a miragem dessa palavra, surgem formas de vida não evangélicas, sobrenaturalmente raquíticas, é prova de que os ambientes que as fizeram nascer não estavam amadurecidos para a plenitude da liberdade...

Seria grave erro abandonar as estruturas de que se falou apenas por causa da flutuação desses movimentos do pessoal ou do pensamento contemporâneo, sobretudo quando se sabe que se essas estruturas forem demolidas, será impossível refazê-las. Meditemos o mistério da solidariedade humana, não só no espaço, mas também no tempo e dar-nos-emos conta da gravidade de uma resposta, de uma concessão, não somente no presente, mas também para o futuro. Tal é o dever da fidelidade a uma tradição no sentido vital e dinâmico: somos os herdeiros e como tais, responsáveis por um patrimônio que deve ser conservado, purificado e melhorado.

Quando falamos de carisma dinâmico do Fundador, pensamos numa corrente que não só se prolonga no tempo, mas também deve crescer em qualidade, tão pura e tão vital como seja a fonte...

Vamos agora ao segundo grupo. O que é verdadeiro em seu pensamento é que as estruturas para nada servem, se não forem vividas em liberdade. Um regulamento que, ao invés de servir deve ser servido, torna-se fator de irritação e desgaste das forças vivas até para as almas de boa-vontade.

Se o regulamento faz tudo, a comunidade perde o sentido de sua responsabilidade e se desintegra – por mais paradoxal que isso possa parecer – para tornar-se um agregado cuja coexistência é difícil. Agrupados no tempo e no espaço, cada um de seus membros vive sua vida, realiza seu trabalho particular, deixando os outros viver a própria tarefa e assumir as próprias respon-



sabilidades. Ignoram-se na coexistência... O testemunho é o da isocromia, da cronogeografia através das quais adivinha-se o heroísmo de almas vitalmente unidas a Deus, mas o melhor delas não chega a transparecer, a entrar em circulação...

Evidentemente nada está escondido para Deus e tudo se torna fecundo no Corpo Místico. Mas se o regulamento e as diversas estruturas nos dispensam de comunicar os sentimentos mais profundos de nosso ser, então a vida comunitária não se alimenta em todas as suas dimensões e não atinge a intensidade e a fecundidade que se poderia ter esperado dela.

Tal vida religiosa, por mais meritória que seja, limita o testemunho de liberdade e de caridade. Sem sombra de dúvida, sua influência sobre os coirmãos é muito fraca, é incapaz de despertar nas novas gerações o entusiasmo pela causa do Cristo e a salvação das almas. Não é mais atual.

Além disso, pode-se perguntar, diante do Evangelho, se não foi vítima de deformação, de desgaste do tempo, e se o pó das estruturas não apagou insensivelmente dois fatores essenciais da vida evangélica: a obediência livre e alegre e a flexibilidade do amor. Pense-se na suprema liberdade de Cristo perante as numerosas observâncias judaicas e na sua dura ironia para com elas.

Mas então, dir-se-á, se todo o mundo tem razão, que resta a fazer? A resposta é indiscutível: purificação e síntese, e isso dentro dos limites de um realismo humano individual e social, porém de um realismo em plena tensão para a realização de um ideal.

Não se deve falar de grupos opostos, mas de grupos que procuram juntos uma forma de síntese mediante purificação e auto-

crítica de suas próprias atitudes e posições. A verdade e a justiça nunca se encontram na hipertrofia e na unilateralidade de um ponto de vista". (Circular de 2 de janeiro de 1968, pp. 55-61).

### **3. Eis ainda algumas páginas do mesmo teor**

"Sei muito bem que, em numerosos lugares do Instituto, esses esforços foram feitos e que, apesar disso, há grupos de Irmãos que ficam perturbados perante a obrigação diária da meditação, por exemplo.

Em face dessa falta de apetite, a supressão ou a diminuição nada resolvem, infelizmente, e somente a firmeza em manter a obrigação e o tempo como moldura vazia de seu conteúdo não é, também, uma solução suficiente.

Essa moldura deve ser mantida, mas sobretudo, sabendo que, em seu interior, não há uma pintura ou fotografia, e sim um ser vivo; é preciso, a partir dos sintomas, procurar chegar a um diagnóstico e a uma terapêutica... Se o diagnóstico de uma comunidade teve que classificar como especiosos (falsos) os argumentos dos Irmãos e que nos achamos diante de uma dúvida profunda ou de notável reticência para aceitar a idéia de um tempo prolongado para a oração e a cultura religiosa, podemos apostar que estamos diante de uma doença.

Com efeito, nenhum Irmão, ávido de cultura religiosa e que ressinta necessidade pessoal de oração, pode censurar uma estrutura que lhe garante a satisfação dessas duas necessidades, contra sua tendência à aceleração que não sabe poupar o motor, sua falta de método que só no fim da jornada consegue encontrar um tempo de respiração espiritual, ou até mesmo, embora mais raramente, contra um excesso de boa-vontade que não sabe se

defender das solicitações abusivas de seu superior que lhe pede um trabalho suplementar a que nunca se recusa...

Quando a lei é o que deve ser: relação de meios realmente eficazes para realizar os fins almejados e escolhidos; quando esses meios se tornam mais dinâmicos por uma aptidão especial da lei – a lei do Cristo é uma lei de graça - ; quando foi a busca dos objetivos que reuniu os homens para uma vida e tarefa comuns, fazendo justamente nascer a comunidade; quando, enfim, se esteve, de um lado, na sabedoria para legislar, na prudência para governar e, do outro lado, no amor tanto da lei quanto da liberdade, então não há oposição entre lei, estrutura e comunidade.

Quando, ademais, se vive a liberdade não somente psíquica (nível adolescente), mas integral que, partindo da liberdade de escolha, se prolonga de forma coerente em liberdade de perfeição (realizar, aperfeiçoar o que se escolheu ser ou fazer) e, sobretudo quando o amor levou a liberdade além da lei – não contra, mas acima – porque o amor realiza muito mais do que a lei pedia, então a obediência, a iniciativa e a liberdade não se opõem mais, mas tudo se completa e conclui reciprocamente: a estrutura encarna a lei e esta contém valores e os realiza; esses valores fazem amadurecer a pessoa que não se satisfaz mais com um exercício qualquer de liberdade, mas somente com aquele que se realiza em resultado objetivo.

A comunidade torna-se, assim, meio, exercício e fruto de uma vida de união entre pessoas que se dão a Deus e aos outros na comunidade e constroem sua própria personalidade na e pela comunidade. Tal é a síntese.

... A vida de comunidade deve ser considerada não como uma

maneira qualquer de coexistência, mas como unidade vital, no amor do Cristo, de um grupo de pessoas que, unindo suas vidas numa história e numa tarefa comuns, põem em comunicação, em circulação, à disposição dos outros, tudo o que são e especialmente sua amizade, seu coração, sua vida interior, sua colaboração e seu serviço.

A vida comunitária não é simplesmente a resultante de uma dinâmica de grupo, mas algo de mais profundo: um modo misterioso de viver no amor de Cristo uma vida escatológica que presagia e, de alguma sorte, torna já presentes as formas da vida e do amor futuros. São comunidades irradiantes, abertas, alegres que dão testemunho da alegria e da liberdade, condição e fruto ao mesmo tempo de seu tipo singular de vida: a consagração; são elas que se tornam um farol luminoso capaz de atrair para a vida religiosa a nova juventude de hoje, tão sensível aos aspectos positivos da virgindade, da pobreza, do devotamento e da comunidade.” (Circular de 2 janeiro de 1968, pp. 60-67).

#### **4. A Contemplação a partir da ação**

(Na conferência que Basílio deu aos Superiores Maiores, em 1979, A Contemplação a partir da Ação, analisa os fatores de mudança que houve na sociedade moderna, que nos distanciam da época da fundação e tornam a vida espiritual mais difícil.)

“Eis alguns elementos perturbadores:

1. Passa-se de um mundo rural a um mundo urbano, de uma sociedade artesanal a uma sociedade muito especializada e pluralista.
2. O ritmo de vida, que antes era determinado pelas regras

da “casa religiosa”, hoje inspira-se na sociedade moderna ambiental.

3. Somos invadidos pelo espírito de comunicação e de consumismo. Há 30 anos, em nossas casas religiosas, a vida era mais recolhida e mesmo controlada. Mas tendências novas apareceram:
  - a. Há maior abertura ao espetáculo através da mídia, mesmo quando se trata de espetáculos corretos.
  - b. Somos atraídos a possuir objetos oferecidos pela sociedade de produção e nos interessamos por muitos meios que a publicidade oferece para satisfazer este ou aquele de nossos apetites.
  - c. Lá onde os Irmãos recebem salário e já não têm mais a preocupação de enfrentar construções ou desenvolver instituições e instrumentos de apostolado, há o perigo de que a pobreza se desorienta sempre mais: não estando bastante dirigida para a partilha e a caridade, ela se deixa ir pouco a pouco à aceitação do nível de vida das classes médias e abastadas. Em 1793, Fouché opôs alguns milhares de cidadãos abastados a 24 milhões de pobres. Em 1978, Marchais fala de 17 milhões de pobres, o que perfaria 36 milhões de cidadãos abastados.
  - d. As exigências acadêmicas tornaram-se mais fortes: a necessidade de diploma e de especialização faz do educador um homem de determinado nível cultural. Ele, que antigamente podia e devia se contentar com

um simples brevê elementar (exame que era feito aos 16 anos) ou com outros estudos rápidos, pode ou deve visar a estudos superiores, uma especialização, uma formação permanente. Aqui e ali deve até conquistar seu lugar com um concurso, às vezes implacável.

- e. O sistema escolar se complica. Às exigências acadêmicas acrescentam-se outras de natureza burocrática, administrativa, sindical, etc. das quais não é fácil se livrar.
- f. A juventude de hoje apresenta ao mesmo tempo dificuldades crescentes. Antigamente dócil e muitas vezes piedosa, hoje de bom grado oscila entre a contestação e a crítica. A tarefa educativa, por isso, torna-se esgotante, e pode dar a impressão de insucesso e inutilidade.
- g. Nosso tempo está marcado por forte avanço de secularização e até de secularismo. A primeira tem aspectos positivos que podem ser benéficos para um educador; infelizmente, porém, ela muitas vezes tem sido vivida sob seus aspectos mais superficiais e mais prejudiciais.
- h. Perigo ainda mais próximo de nosso problema: uma crise da oração e da contemplação sacudiu profundamente certos setores da Igreja. A oração era apresentada como assunto ultrapassado: o homem da era técnica e espacial não deveria mais viver a religião dessa maneira.” (Contemplação a partir da Ação, p.4-6).

## 5. Escolarizar ou desescolarizar?

Num de seus encontros com os Irmãos da França, em Quimper, em 1974, Basílio falou de desescolarizar a Congregação. A expressão tomada pela mídia foi compreendida de maneira superficial.

Antes de tudo, Basílio fala do ambiente da França em que a escolarização dos jovens é assegurada a todos e de boa qualidade. Nesse contexto, Basílio julga que os Irmãos podem muito bem abrir-se a outros apostolados sempre centrados nos jovens: catequese nas paróquias, casas de acolhida de jovens, preferência dada aos pobres, aos excepcionais, aos retardados...

Convidava os Irmãos, sobretudo franceses ou de países bem avançados, a entrever e a empreender apostolados que fossem pelo menos tão bem escolhidos quanto as escolas tradicionais. Basílio sugeria a não ficar prisioneiros das escolas. Não queria que elas fossem abandonadas, mas que o apostolado dos Irmãos se diversificasse.

Em sua primeira Circular, a de 2 de janeiro de 1968, afirmou, com força e clarividência, que no mundo a tarefa da educação era imensa, que nos cabia tornar os jovens mais conscientes das necessidades do mundo e mais entusiastas para se doar generosamente, e que não devíamos hesitar em orientá-los para as tarefas políticas. Escrevia, entre outras coisas: “Diante dessa atualidade da educação, com sua urgência e a insuficiência de meios, perante também o aumento impressionante e galopante da população jovem, a tarefa educativa e as instituições adquirem importância fundamental. O ‘questionamento da vocação’, sobretudo naqueles que a construía em torno de um eixo apostólico e do amor à ju-

ventude, e que tinham pela tarefa educativa uma co-naturalidade, seria um contrassenso e, semear a dúvida sobre o valor atual dessa tarefa, seria não somente uma atitude sociologicamente falsa, mas um prejuízo certo e grave para o progresso da evangelização.

Que sentido teria para nós, que nascemos para isso, essa dúvida sobre a importância de nossa ação no momento em que o Concílio afirmou essa importância?”. (Circular de 2 de janeiro de 1968, pp. 272-273).

## **6. Basílio e nosso mundo, ou uma inteligência encarnada.**

Devemos ser homens de nosso tempo e dentro de nosso tempo; sensibilizar vivamente a consciência de nosso momento histórico, permanecer no diálogo e na comunhão que a Igreja estabeleceu com o mundo e, particularmente, estar à escuta para descobrir os sinais de nosso tempo. Essa escuta deve encontrar eco no fundo de nossa consciência e ser acolhida com simpatia e compreensão, segundo o Evangelho... Somente compenetrando-nos intimamente do espírito do Senhor e do espírito do Evangelho é que poderemos nos adaptar aos sinais dos tempos e dar respostas adequadas...

É preciso descobrir o futuro no seio do presente e desse modo prevê-lo, a fim de preparar convenientemente a juventude. Mais ainda o cristão, por causa da natureza profética de sua existência em face do mundo, deve aceitar seu tempo com alegria, com a condição, evidentemente, que isso não implique a desintegração de tudo o que o passado tinha de bom, mas a aceitação de novos valores, numa perspectiva humana e mesmo escatológica. Com efeito, o homem deve ser, por seu testemunho e por sua palavra, um sinal de alarme quando as extrapolações de seu próprio tempo são defi-



cientes. Libertando-se delas e também das correntes demagógicas e da acolhida despreocupada das novidades que concebe tudo o que é atual como perfeito ou como fim a atingir, o cristão purifica o hoje quando o acolhe em função do amanhã que é o amanhã temporal, mas sobretudo o amanhã escatológico.

Devemos ser sensíveis aos grandes problemas do mundo e, em consequência, querer que nossa Congregação, nossas instituições e estruturas sejam funcionais na proporção das necessidades presentes. Essa funcionalidade, como se compreende facilmente, começa necessariamente pela disponibilidade do coração de cada Irmão, embora ela não termine aí...

É preciso aproximar nossa geração adulta à jovem geração, lutando com toda a nossa alma para encurtar as distâncias, para impedir que se aprofunde ainda mais o fosso que já nos separa. A nova geração precisa ser escutada e compreendida, o que não significa que os jovens devam ser os senhores, nem que nós tenhamos que mudar os verdadeiros valores tradicionais e nos dobrarmos ao que é falso, sem objetividade ou simplesmente de moda. O que eu quero afirmar é que os jovens devem ser escutados, e que nós devemos recolher de seus lábios o que é autêntico e legítimo...

Viver à margem dessa realidade seria, para nós, educadores, mais do que para nenhum outro, omissão de incalculável consequência. Ora, essa juventude é o fermento e o novo produto de um mundo que tentei descrever nestas páginas. Por outro lado, não podemos escolher outra juventude com que trabalhar. Diria melhor: com todas as suas absurdidades e rebeldias, uma parte importante dessa juventude, sem dúvida, vale muito mais que a outra juventude, burguesa e individualista, de antanho.

Essa juventude, em todo o caso, nós a tomamos na pedreira do mundo e a talhamos para o mundo. Entendo mundo, aqui, no sentido dinâmico, por se tratar de um mundo desde a origem, saído das mãos do Pai e dado aos homens, agentes da História, para que o façam produzir como um “talento cósmico...”. (Circular de 2 de janeiro de 1968, II parte, pp. 281-287).

### **7. Um prólogo escrito por Mestre Basílio**

Este prólogo apareceu na revista de Filosofia e de Cultura *Auriga*, da Universidade de Queretaro, em 1990. Basílio apresenta a obra de seu amigo, o filósofo Antonio Pérez Alcocer... Ora, o próprio prólogo é comentado nestes termos: “... A delicadeza de estilo de Basílio nos deixa adivinhar alguns sofrimentos profundos que afligiram o mestre Antonio Pérez Alcocer. Em pinceladas pouco comuns desenha o perfil do homem e a fisionomia do filósofo antes de penetrar até a medula metafísica do livro. Como profundo pensador também, aproxima-se do exterior até a mais íntima interioridade com o método ao mesmo tempo discursivo, analítico e sintético, de alguém que tem confiança em sua obra para prefaciá-la.

Mestre Rueda, de indiscutível honestidade intelectual e ao mesmo tempo de profunda convicção religiosa e mística... fogoso pensador que continua a ser chamado às cátedras do universo... Espírito profundamente enamorado de Deus, cujo livro de cabeceira é sempre a obra de S. João da Cruz... Como filósofo, escreveu, no pouco tempo que lhe sobra entre duas ocupações, obras de grande profundidade.

Mestre Rueda fora chamado pelo padre Lombardi ao Movimento para um Mundo Melhor... Foi destacado como colabora-

dor imediato para dar conferências, mas sobretudo para meditar, a partir da Filosofia, da Teologia e da Sociologia, sobre o futuro histórico na perspectiva da ambiência preparatória ao Concílio Vaticano II. Embebido de Filosofia e de Teologia da História, um pouco distanciado da Axiologia fundamental ontológica, pôs-se a ler obras de Metafísica tradicional para preparar o prólogo de Pérez Alcocer que comentamos aqui. Que este comentário nos ajude, pois vem de uma verdadeira autoridade na matéria: o Mestre Basílio Rueda Guzmán”. (Queimar a Vida, pp. 272-273).

# 3

## BASÍLIO E O TRABALHO

Quais foram os critérios que conduziram à eleição do Irmão Basílio Rueda como Superior-Geral? Revivendo a situação de 1967, a Igreja após o Concílio, a juventude em plena ebulição, o mundo que evolui muito rapidamente, o Irmão Domingos Ruiz escreve: “O Instituto precisava de um Superior com as características de juventude, maturidade, preparação religiosa e científica, e, por outro lado, com grande capacidade de trabalho, não somente para suportar longas e contínuas horas de trabalho, mas também para saber servir-se dos meios modernos, quer na escolha dos colaboradores, quer no emprego dos meios técnicos”.<sup>226</sup> Basílio responderá a esses critérios, sobretudo no referente à quantidade e qualidade de seu trabalho.

### 3.1. A quantidade

Basílio sempre surpreendeu pela quantidade de trabalho que realizava. Com certeza aprendeu muito com seu professor de Filosofia, Osvaldo Robles, que convidava seus alunos, sobretudo os melhores e particularmente os que ele pressentia serem futuros líderes cristãos, a trabalhar muito à noite, a suprimir refeições, a privar-se do sono se fosse preciso; mas o trabalho intelectual devia ser assegurado. O próprio Basílio reconhece essa influência de seu professor, de seu pai no trabalho intelectual e também na fé.<sup>227</sup> Confessa que seguidamente passava – ele e outros jovens Irmãos como ele – da Salve-Rainha da noite anterior à da manhã seguinte, sobre uma máquina de escrever. Quando teve

---

226 Madrid Marista, “Ao Irmão Basílio”, p. 32. Número especial por ocasião do fim do superiorado de Basílio, 1985.

227 Circular A obediência, pp. 47-51.

que preparar a mensagem para o Congresso Marial realizado no Brasil em 1982, disse que passou a noite lendo os documentos e depois escrevendo a mensagem.<sup>228</sup> Os testemunhos são abundantes nesse sentido. Dir-se-ia que gostava de deixar-se inebriar pelo trabalho. O Irmão Paulo Sester afirma que teria sido muito raro vê-lo pelos corredores da Casa Geral e entrar nos gabinetes de seus conselheiros ou dos secretários sem papéis na mão.<sup>229</sup> O Irmão Luigi di Giusto, administrador da Casa durante sete anos, recorda ter visto luz no quarto de Basílio até três horas da manhã.<sup>230</sup> Ele mesmo, com toda a simplicidade, declara em muitas de suas cartas que seu trabalho se prolonga noite a dentro. Às vezes, até quatro horas da manhã; então achando inútil ir descansar por apenas uma hora, dirige-se à capela e passa o tempo diante do Santíssimo, esperando que a comunidade chegue.<sup>231</sup>

Isso não quer dizer que esse trabalho não lhe custasse, que não o esgotasse, nem que isso fosse seu hábito cotidiano. Em muitas cartas confessa a seus amigos que leva uma vida esgotante, que está assoberbado de trabalho, que nas cartas só pode ser muito breve.<sup>232</sup> Quando o acompanhamos um pouco em sua agenda, nos seus deslocamentos, notam-se muito bem momentos de esgotamento; e alguns retiros previstos devem ser can-

---

228 Mensagem por ocasião da abertura do Congresso Marial, Viamão, 16 de janeiro de 1982, p. 1.

229 FMS-Mensagem, n.º 19, maio de 1996, p. 29.

230 Testemunho escrito em 21 de setembro de 2002. Quase todos os testemunhos em Madrid Marista, com o título "Ao Irmão Basílio, número especial por ocasião do término do superiorado de Basílio, mencionam esse aspecto. O livro *O Estilo de uma Vida* traz vários depoimentos de Irmãos que foram recebidos em entrevista nas primeiras horas do dia.

231 *O Estilo de uma Vida* p. 27.

232 Muitas de suas cartas começam com um parágrafo que diz da quantidade de trabalho que o espera.

celados, ou ele deve tomar alguns dias de recuperação física.<sup>233</sup> Ele mesmo reconhece que está queimando a vela da vida pelas duas pontas. Mas era um pouco o seu ideal: consumir a vida pelo Cristo e a serviço dos coirmãos.<sup>234</sup> Por isso, entrega-se ao trabalho com generosidade, com ardor, com tal disposição que muitas vezes seus colaboradores não conseguem acompanhá-lo.

Pensemos, por exemplo, quanto trabalho representa pregar um retiro numa Província de mais de 600 Irmãos. Prepará-lo durante duas semanas com uma equipe de uns 20 colaboradores: Sacerdotes, Irmãos, Médicos. Realizar enquetes complexas e longas e analisá-las imediatamente, enquanto as conferências continuam e os Irmãos estão sendo recebidos em entrevista. Dar esses retiros primeiro aos Superiores, depois a todos os Irmãos, depois aos formadores, depois passar à Província seguinte.<sup>235</sup> E, às vezes, sem um dia de intervalo, transferir-se de um continente a outro, recomeçando o mesmo cenário com temas muitas vezes diferentes e sempre tratados com profundidade. Escreveu a seu íntimo amigo, o Núncio do Líbano, Dom Alfredo Brugnera, que sua saúde não está bem, que apanhou um resfriado que parece não ceder. E isso é devido às frequentes mudanças de clima, de regime alimentar, de cama e, sobretudo, da quantidade enorme de trabalho.<sup>236</sup> Estando em Roma, era capaz de dirigir, pela ma-

233 Foi o caso do retiro pregado na Canadá, em 1970, que teve que ser retardado e, já em 1967, tomou alguns dias de descanso em Taormina, em companhia do Irmão Gabriel Michel: *Quero despertar a aurora*, p. 43.

234 *Queimar a Vida*, pp. 36-37.

235 Tudo que está sendo dito aqui foi retirado dos opúsculos *Chamamento à renovação*, de 1972-1973, de Província Norte, da Espanha. Esses opúsculos contêm as conferências de Basílio e alguns aspectos pessoais. Encontramos as mesmas informações nas revistas de *Bética Marista*, do mesmo período.

236 Dom Alfredo Bruniera é um dos íntimos amigos que ele conheceu no Uruguai quando era Núncio Apostólico. Possuímos bom número de cartas do Irmão

nhã, as assembleias plenárias do Conselho e, à tarde, dar conferências ou pregar retiros aos Irmãos do Colégio Internacional. O Padre Manuel Portilho, um de seus mais próximos e constantes colaboradores, o descreve assim: “Depois de um retiro e de uma noite transcorrida em receber Irmãos até de madrugada, continuava seu trabalho no avião. Eu o deixava ir na frente para que ele achasse onde colocar sua pasta, seus papéis e seu gravador. Ele ficava em contato com a Casa Geral, ditava cartas – na época não havia P.C. – entregava-me cartas para os Irmãos que conhecíamos e dizia: ‘Vou dormir; quando a aeromoça vier para o café, acorde-me’. Fechava os olhos e dormia logo. O café lhe fazia bem, já que tinha pressão baixa”.<sup>237</sup> O Irmão Luís Puebla Centeno trabalhou por muito tempo na Casa Geral e no Vaticano. Relata este fato: “Lembro-me de que um dia ele estava cansado e estava na hora de ir à Sala do Sínodo, em 1980. Num momento da conversa, exclama: ‘Não sei se vou aguentar sem dormir’. Alguém lhe diz: ‘Hoje fala o papa!’. Sua resposta foi: ‘É que nessa noite dormi apenas duas horas’. E o interlocutor a lhe responder: ‘Será que os Superiores-Gerais não têm o direito de descansar?’. O silêncio foi sua resposta diplomática”.<sup>238</sup> O Padre Amador Menudo, um dos que ajudaram Basílio nos retiros, escreve: “Trabalhava noite e dia. Tinha o costume de dormir apenas quatro horas. Levava para seu quarto uma garrafa térmica de café. Mas nunca trabalhava com pressa. Fazia uma coisa depois da outra, como se pensasse que só tinha isso a fazer. Fiz-lhe ver que abusava da saúde. Uma vez disse-me: ‘Estou consciente de que queimo

---

Basílio a Dom Bruniera, sobretudo quando este era Núncio no Líbano.

237 O Estilo de uma Vida, pp. 56-57

238 Madrid Marista, “Ao Irmão Basilio Rueda, p. 26. Número especial por ocasião do fim do superiorado de Basílio, 1985.



minha vida como uma vela acesa pelas duas pontas'. Jamais interrompia o trabalho por motivos de saúde...".<sup>239</sup>

Consultemos o emprego do tempo de Basílio no ano de 1974. Para termos um esboço completo desse período transbordante de atividade devemos começar com o mês de dezembro de 1973. Basílio toma o avião para Sri Lanka que vai visitar. Em janeiro e fevereiro de 1974, encontra-se na Austrália, em Drummoynes. Em junho está no Brasil: Veranópolis, Caxias do Sul e Porto Alegre. No mês de julho, ei-lo em Azelo (Bélgica-Holanda). Todo o mês de agosto estará na França com 400 Irmãos que estão preparando a reestruturação de suas Províncias e ele os recebe praticamente todos em direção. Os Estados Unidos o acolhem em meados de outubro até princípios de novembro. Depois está de novo na Bélgica, na Holanda, em Friburgo, na Suíça. No dia 25 de novembro está na Espanha. Dia 26 toma o avião para a Guatemala com destino à Austrália. No dia 27 de dezembro está em Somerton Park, na Austrália, onde passará todo o mês de janeiro e fevereiro de 1975. Devemos falar de um período de quinze meses de deslocamento constante. Entrementes, em Roma, participou das assembleias plenárias, manteve uma correspondência que, em certos meses, ultrapassava 200 cartas e deu andamento a várias Circulares que aparecerão no ano seguinte: O Espírito do Instituto e A Obediência".<sup>240</sup> Como é que consegue, escrever Circulares numa vida tão trepidante assim? No fim de sua primeira Circular, a de 2 de janeiro de 1968, a mais extensa, com 657 páginas, faz esta confissão: "Todas a partes desta Circular

239 O Estilo de uma Vida, p. 17. (Seguem mais cinco testemunhos parecidos).

240 Isso foi tirado de várias fontes dos arquivos, sobretudo suas cartas e planos de viagens. As cartas de Basílio são ordenadas por número, meses e anos. O número de cartas por mês seguidamente ultrapassa de 300.

não foram escritas numa paz soberana, mas no vaivém de vossa correspondência, no atendimento aos assuntos administrativos, entre viagens a numerosos países, entre as tarefas dos capítulos, etc.”.<sup>241</sup> A escolha de suas viagens nem sempre é ditada pela linha reta, mas pela linha do coração e dos Irmãos a atender e confortar em sua vocação. Se ele vai à Austrália parando na Guatemala, é que neste país há dois ou três Irmãos que querem vê-lo e que ele quer entrevistá-los. A salvação de um Irmão pesa mais que uma passagem aérea. Por isso, não voltará a Roma vindo da Austrália, sem passar pelo Chile, pela Colômbia e pelos Estados Unidos.<sup>242</sup> As finanças poderão reclamar, mas em todos esses países os Irmãos o esperavam para expor-lhe seus problemas. Ademais, escolheu reservar-se a animação do Instituto, motivo por que assume as consequências disso. Eis um fato que comprova como Basílio atendia os Irmãos. Quem o conta é o Irmão Luigi di Giusto: “Um dia, junto com o Irmão Antolín Sanz, fui visitar o Irmão Francisco Oleaga no Sanatório das Filhas de São Paulo, em Albano. Estava muito mal; no entanto ele alimentava a ilusão de que teria alta rapidamente. Dissemos isso ao Irmão Basílio que imediatamente foi a Albano e, vendo a situação do Irmão, falou-lhe da gravidade de seu estado e preparou-o para morrer. Com efeito, o Irmão Francisco morria pouco tempo depois”,<sup>243</sup> – Muitos depoimentos mostram quanto Basílio estava pronto a passar a noite junto de um coirmão doente para prestar-lhe os cuidados de que necessitava, e isso mesmo durante seu tempo de Superior-Geral. O Irmão Esteban, da Província de Madri, lembra-se de que, quando era estudante no Colégio Internacional, o Irmão

---

241 Circ. 2 de janeiro de 1968, p. 656.

242 Basílio, outro Champagnat, p. 108.

243 Testemunho de 21 de setembro de 2002.

Antolín machucara-se no pé. O Irmão Basílio ia visitá-lo várias vezes por dia. E acrescenta: “Não sei o que poderia ter pensado o Irmão Antolín, mas certamente experimentou a amorosa atenção de um Irmão”.<sup>244</sup> Uma testemunha silenciosa da quantidade de trabalho que Basílio realizou são os arquivos. Depois de ter passado dois meses, em outubro – novembro de 1985, destruindo grande número de cartas muito pessoais, para garantir a descrição que prometera, os arquivos ainda conservam mais de 10.000. O espaço que os arquivos destinam aos documentos de Basílio é, de longe, o mais considerável de qualquer outro Superior-Geral. Outro tanto pode-se dizer quando se comparam suas Circulares às dos Superiores que o precederam ou sucederam. Nesse domínio das Circulares, ele se impôs uma espécie de maratona, como aquela sobre A Fidelidade, de 8 de setembro de 1984. Recebeu quantidade enorme de depoimentos, alguns muito longos, que teve de pedir, ler, classificar, utilizar, para chegar a uma Circular de mais de 600 páginas e agradecer a todos os Irmãos que lhe ofereceram seus escritos. Esse trabalho acrescentou-se àquele já imponente que um Superior-Geral deve enfrentar comumente. Ele mesmo diz: “Praticamente meu tempo já está preenchido pelo trabalho do governo e das visitas. Estou em viagens e deslocamentos contínuos...”.<sup>245</sup>

Ninguém nega ao Irmão Basílio a quantidade de trabalho realizado. Os testemunhos a esse respeito poderiam ser multiplicados. Mas o bonito é que todos falam também, de maneira muito favorável, da qualidade desse trabalho.

---

244 Madrid Marista, “Ao Irmão Basílio Rueda”, p. 16. Número especial de fins de 1985 ou princípio de 1986.

245 Circular A fidelidade, p. 10.

## 3.2. A qualidade

Com efeito, se a qualidade tivesse deixado a desejar, será que teria sido solicitado a pregar retiros, a dar conferências, a redigir artigos, a dar entrevistas, a falar nos Capítulos Gerais de outras Congregações, a receber missões particulares do Vaticano ou a ser diretor espiritual? Ter-se-ia escrito dele que era um mestre espiritual seguro, que era perito em humanidade e cujos escritos eram esperados para lhes conferir larga difusão? Um termo aparece seguidamente nas opiniões que são dadas sobre Basílio: competência no humano e no espiritual. O Caderno 8 oferecerá uma conferência de Basílio – A Palavra de Deus. É forte prova da competência de Basílio: ele une a profundidade, o domínio do assunto, um olhar novo e, sobretudo a convicção que uma testemunha sabe criar ao extrair de sua vida a força das palavras.

### 3.2.1 – As testemunhas

O melhor ainda é deixar a palavra a seus colaboradores mais achemos. O Padre Manuel Portillo reconhece: “Irmão Basílio preparava os retiros de uma maneira perfeccionista: o conteúdo, o método, o desenvolvimento... Estava atento aos pormenores do silêncio, das refeições, do descanso...”.<sup>246</sup> O Irmão Gabriel Michel assegura que quando o Irmão Basílio tinha tempo para preparar-se ‘nada dizia de banal’.<sup>247</sup> Ora, Gabriel Michel acabava de dizer que, às vezes, as conferências de Basílio eram decepcionantes, exatamente porque não tivera tempo de prepará-las. Mas numa declaração posterior afirma: “Se fiz alusão a uma conferência que eu julguei fraca, é que

---

<sup>246</sup> FMS-Mensagem, n.º 19, p. 34.

<sup>247</sup> FMS-Mensagem, n.º 19, p. 40.

naquele dia o Irmão Basílio tinha recebido em entrevista Irmãos noite adentro. E eu me dizia: ‘Afinal, bastava que dissesse que estava muito cansado, que tivera muito pouco tempo’. Tenho a impressão de que, naquele dia, deveria, pelo contrário, dizer ao Senhor: ‘Vim para fazer uma série de conferências sobre a obediência. Devo fazer aquela. Tanto pior se ela for fraca e me humilhar’. Sabe-se que a Circular foi uma das mais apreciadas. Efetivamente, essas conferências preparatórias foram apenas um rascunho”.<sup>248</sup> O Irmão James Langlois, missionário no Zimbábue, fala de sedução ao escutar o Irmão Basílio: “Foi em setembro de 1969 que tive ocasião de conhecê-lo mais profundamente. Encontrava-me, então, em Roma, fazendo o Ano Champagnat. Foi o Irmão Basílio que dirigiu a primeira oficina de trabalho, para substituir dois conferencistas impedidos de comparecer. Considero os quinze dias que passou conosco uma graça preciosa que me pôs no caminho de um renascimento espiritual e religioso. Como a maioria dos outros Irmãos da sessão, eu não tinha feito nenhum estudo sobre o Vaticano II e estava preocupado com a crise que aumentava na vida religiosa. Deu-nos algumas questões para serem discutidas em grupos, o que nos permitiu compreender o pouco que sabíamos a respeito dos documentos do Concílio. Após os relatórios dos grupos, lançou-se numa longa conversa sobre o assunto, retornando a ele várias vezes.

Fiquei seduzido... Eis um homem que tinha verdadeira paixão pela Igreja, pela vida religiosa e grande amor por nossa Congregação”.<sup>249</sup> Essa sedução foi sentida por muitos ao es-

---

248 Testemunho escrito em 16 de outubro de 2002.

249 Carta de 15 de novembro de 2001, Dete, Zimbábue.

cutar Basílio: ficavam suspensos de seus lábios. Dissemos, no capítulo anterior, de que maneira os bispos do Equador queriam escutar sobretudo a ele, e como os segundos noviços no Escorial sentiam seus problemas compreendidos e satisfeita sua necessidade de nova visão do mundo, da Igreja e da Congregação: “Em seu auditório adivinhavam-se as emoções coletivas, os pesados silêncios, a atenção suspensa por um fio, a descontração, a hilaridade, assim como uma reflexão profunda”.<sup>250</sup> O Irmão Honório Giraldo Medina foi seu imediato no Escorial e disso nasceu grande amizade e intensa colaboração na Espanha e em Roma. Em 1985 escreveu duas longas páginas a favor do Superior, concluindo assim: “O Irmão Basílio gozou e ainda está gozando de alta consideração entre as autoridades eclesásticas, culturais e civis. O ex-presidente da República da Itália, José Saragat, veio jantar na Casa Geral. Professores da Gregoriana, do Angelicum e de outras Faculdades vieram vê-lo para tratar de assuntos das suas especialidades... Na União dos Superiores Maiores, seu prestígio era notório... Sua ascendência era extraordinária, e várias congregações vinham expor-lhe seus problemas e obter soluções...”.<sup>251</sup>

Basílio trabalhava habitualmente em equipe e tinha grande respeito para com a subsidiariedade, depositando confiança

---

250 Queimar a Vida, p. 220-221. Ver também todos os outros testemunhos dados na p. 8 desta parte.

251 Madrid Marista, Ao Irmão Basílio, p.31. Número especial por ocasião do fim do superiorado de Basílio, em 1985. Entre as congregações que solicitaram o auxílio de Basílio durante seu Capítulo Geral há os Padres de S. Paulo, os Salesianos, os Padres Barnabitas. Outras vezes era todo o Conselho Geral de uma congregação que vinha para uma visita e um tempo de trabalho, como no caso da Cúria dos Padres Jesuítas.

em seus conselheiros e colaboradores. Ele mesmo declara que, para a preparação dos retiros da Espanha, em 1972, foi uma equipe de especialistas que se reuniu por duas semanas, trabalhando num ritmo de 10 a 12 horas diárias.<sup>252</sup> O Irmão Gabriel Michel e o Padre Manuel Portillo se lembram de como ele convocava seus colaboradores, nos arredores de Roma, num lugar tranquilo, para poder escrever as circulares.<sup>253</sup> Dizem-nos também de que maneira ele solicitava o parecer de especialistas e, estando em Roma, convidava-os para uma refeição de trabalho em Água Viva, para que não perdessem tempo. Foi o caso dos teólogos jesuítas Urs von Balthasar e Lyonnet. Estando na Espanha, solicitava o parecer dos Padres Sebastião Aguilar, secretário da Comissão Episcopal, Vicente Alcalá, S. J., médico e psicólogo da FERE,<sup>254</sup> do Padre Ruiz Mateos, redentorista, médico-psicólogo da CONFER, e do Padre D. Andrés Avelino.<sup>255</sup> Deve-se também acrescentar que Basílio levava consigo por muito tempo o que queria escrever. Isso amadurecia em seu pensamento e em sua oração, no contato direto com os homens e as situações, nas conferências que já propunham esses temas. O Irmão Gabriel Michel nos explicou de que maneira foi escrito o prólogo teológico da circular Um Novo Espaço para Maria, como que de um jato único, ditado por Basílio, e isso aconteceu também com a Circular O Espírito do Instituto.<sup>256</sup>

---

252 Chamamento à renovação n.º 0, p. 1, setembro de 1972.

253 Quero despertar a aurora, p. 42.

254 Madrid Marista, "Ao irmão Basílio", p. 36, número especial por ocasião do término de superiorado de Basílio, 1985

255 Depoimento do Irmão Conrado Trascasa García, em 24 de novembro de 2002.

256 Ver o capítulo sobre a Virgem Maria.

Outro aspecto que atesta o lado sério do trabalho de Basílio são as enquetes que propunha, quer aos Irmãos de uma Província, quer a todo o Instituto. A finalidade era obter a identidade psicológica e espiritual da Província ou do Instituto, se podemos dizer, para chegar ao conhecimento mais científico possível e sugerir, para cada caso, remédios e programas de ação adequados.<sup>257</sup>

### 3.2.2 – As Circulares

As Circulares são fruto de longa gestação no cruzamento da reflexão, da oração, da vida (viagens, visitas, encontros de Irmãos) e de conferências que constituíam como que sua plataforma de lançamento. Teria gostado de escrever uma sobre a pobreza. Pronunciou sobre esse tema conferências muito ricas, mas não sentia o Instituto ainda preparado. A Vida Comunitária atingiu uma tiragem de 30.000 exemplares em 1973 e foi considerada o best-seller dos livros religiosos.<sup>258</sup> Mas outras Circulares foram editadas para o grande público, como Entretenimento sobre a Oração, Um Novo Espaço para Maria, Projeto Comunitário. Essas publicações testemunham a qualidade do pensamento do Irmão Basílio. Em nossa família, algumas de suas Circulares foram recebidas com entusiasmo; por exemplo: Um Novo Espaço para Maria, A Fidelidade; entre os mais entendidos, a da Obediência é considerada uma obra-prima. Outras tiveram menor impacto imediato, por serem muito avançadas, como a comprida Circular 2 de janeiro de 1968, com sua sensibilidade especial para com o mundo,

---

257 Madrid Marista “Ao Irmão Basílio”, p. 36. Número especial por ocasião de fim do superiorado de Basílio, 1985.

258 Queimar a Vida, p. 166.



a Igreja e o Fundador, quer por serem muito empenhativas, como as duas Circulares Projeto Comunitário e O Projeto de Vida Comunitária. Todas, contudo, possuem longas e ricas páginas de perspicácia e sabedoria. Muitos Irmãos concordam em dizer que as Circulares em geral permanecem um grande tesouro para a Família marista e para a Igreja. Em algumas sessões de língua francesa, de dois meses, o Irmão Alain Delorme, responsável, centrava muito suas palestras sobre essas circulares: leitura, meditação, oração. Alguns Irmãos que seguiram essas sessões ficaram admirados com a descoberta das riquezas que elas contêm. Ainda hoje, mais de trinta anos depois, num mundo que evolui muito rapidamente, elas guardam seu frescor de estilo e de pensamento. As qualidades de inteligência de Basílio impregnam seu trabalho, assegurando-lhe valor, garantia e competência.

### **3.3. Algumas características**

Assim como a inteligência de Basílio, também seu trabalho apresenta muitas facetas, mas três sobretudo podem atrair a atenção: a grande humanidade que empregava no trabalho, o sentido de responsabilidade, e a oração.

#### **3.3.1 – Um homem que está próximo**

Visitas, cartas, conferências e escritos põem em contato com um homem que se quer próximo, que tem o respeito e a paixão pelo outro e para quem a pessoa é sempre um absoluto. Sabe acolher: a porta de seu quarto sempre está aberta, sabe escutar todo o tempo de que se necessita, possui a experiência e a palavra que pode guiar. Esse aspecto será retomado num capítulo posterior que apresentará Basílio como Irmão e amigo. De mo-

mento, contentar-nos-emos com um depoimento: “...Você nos fazia ver a realidade da vida. Aceitava a miséria e a generosidade. Sabia dar a cada um a ajuda de que necessitava. Para você, tudo era importante: a saúde física, a falta de maturidade, as dúvidas e a incerteza pessoais. Sua constante preocupação era o homem: ‘o homem de carne e osso’, como diria Unamuno. O homem real que caminha e que cai, que se levanta e recai; que, por vezes, voa às alturas e, outras vezes, se arrasta no chão. Foi de você que aprendi que a amizade não se impõe, não se inventa... Foi de você que aprendi a tarefa difícil de ser superior: dar-se a todos, ocupar-se de todos, não adotar procedimentos que excluem. Você me ensinou o desinteresse e a renúncia, o amor ao trabalho e a aceitação da fraqueza... Você é sempre o mesmo: simples, trabalhador infatigável, ordenado, sempre pronto a servir a todo o mundo, religioso marista”.<sup>259</sup>

Basílio vive outra maneira de trabalhar e de ser Irmão; é quando ele se entrega com prazer aos trabalhos mais simples que traduzem afeição: carregar as malas dos que chegam, servir à mesa, oferecer aperitivos nos dias de festa, lavar os pratos, varrer o pátio. Afirmava, sem citar a Universidade, que havia obtido “um diploma especial para lavar os pratos”. Um Irmão, estudante no Colégio Internacional, escreve: “Uma noite eu estava limpando a mesa que havia servido a Irmãos que se atrasaram. Era meia-noite. Basílio desceu para tomar um copo de leite, segundo seu hábito, creio que para continuar depois o seu trabalho até de madrugada. Ao ver-me, aproximou-se e pôs-se a me ajudar até que tivéssemos terminado”.<sup>260</sup> Esse aspecto será ampliado no capítulo que tratará da humanidade de Basílio.

---

259 Madrid Marista, número especial, testemunho do Ir. Vitorino de Arce, p. 24.

260 Madrid Marista, “Ao Irmão Basílio, p.16. Número especial por ocasião do fim do superiorado de Basílio, 1985.

### 3.3.2 – Um homem responsável

O senso de responsabilidade é outra constante do trabalho de Basílio. Sabemo-lo desde as primeiras páginas de sua Circular 2 de fevereiro de 1968, que é o primeiro escrito como Superior-Geral. Faz uma longa reflexão sobre a prudência, solicita essa virtude ao Espírito e à Virgem Maria. A audaciosa prudência dos santos deseja-a para si e para seu Conselho.<sup>261</sup> Solicitará sempre o parecer de seus colaboradores, até sobre temas em que estava bem informado, e conforma-se com o parecer do Conselho, mesmo quando esse expressa voto contrário à sua posição. Nas Províncias é o respeito ao Provincial, que ele sustenta com todas as suas forças, e ao Conselho Provincial: “Quando apareciam problemas numa Província, o Irmão Basílio tomava-os como seus e envidava todos os seus esforços para resolvê-los, esgotava todas as possibilidades e todos os recursos”.<sup>262</sup> Mas ele também quer estar atento ao Espírito que se manifesta através desses Irmãos e que ele denomina profetas da Província.<sup>263</sup>

O sentido da responsabilidade também se evidencia no esforço de discernimento que fazia por todo Irmão em dificuldade e nos grandes desvios que impunha a suas viagens para encontrar-se com um Irmão, escutá-lo, firmá-lo em sua vocação ou ajudá-lo a sair, se fosse o caso.<sup>264</sup> Responsabilidade também em relação a todas as confidências que os Irmãos lhe

261 Circ. 2 de janeiro de 1968, pp. 4-10.

262 Queimar a Vida, p. 225.

263 Apelo à superação, Retiros de 1970, “A Renovação”, p. 5. Mesmas idéias apresentadas nas revistas da Província do Norte, Espanha; “chamamento à renovação” e nas revistas de Bética Marista de 1972-1973.

264 FMS-Mensagem, n.º 19, maio de 1996, p. 43: Depoimento do Ir. Leonardo Voegtler, Procurador-Geral.

faziam, quer oralmente, quer por escrito. Se se tratasse de depoimentos escritos, para circulares – como A Fidelidade – possuía um catálogo para aquilo que poderíamos chamar de respeito da intimidade.<sup>265</sup> Previa oito casos possíveis... Passará dois meses, no fim de seu segundo mandato, para destruir toda carta pessoal.

### **3.3.3 – Com um coração de Igreja.**

Outra faceta da responsabilidade, em Basílio: obedecer à Igreja. O Concílio solicita a renovação do Instituto? Empregará nisso todas as suas energias para insuflar valores evangélicos, voltar às fontes, ao espírito das origens e responder ao mundo de hoje. É também esse sentido da obediência e da responsabilidade que incita Basílio a impelir a Congregação para os pobres e para as missões. Dizia aos grandes noviços do Escorial em 1981: “É preciso sensibilizar o Instituto para o grande ritmo da Igreja universal; nada de compartimentos, com muros herméticos. Nada de ouvidos surdos ao clamor do mundo”.<sup>266</sup>

### **3.3.4 - Atento aos talentos que Deus lhe concedera**

Temos o costume de considerar Basílio como um homem público, aquele que assume cargos e os desempenha bem. Isso nos faz esquecer quanto Basílio teve o senso da responsabilidade para com Deus e para consigo mesmo: desenvolveu ao máximo os talentos que Deus colocara em sua natureza. Há uma disciplina pessoal que muitas vezes esquecemos e que o conduziu a grande domínio de si mesmo, a grande capa-

---

265 Circ. A Fidelidade, p. 615: “Utilização dos escritos”.

266 Ver doc.: “Historial de las Sesiones de Noviciado Mayor en España, folha 7-VIII-81, p. 6 (final do documento).

cidade de se concentrar, de estar totalmente presente a um problema, a uma pessoa, a Deus. Isso também lhe permitia aquilo que certo numero de seus colaboradores testemunham: equanimidade.<sup>267</sup> O Irmão Luís Puebla Centeno oferece-nos, entre outras, esta imagem: “Seu tempo de governo foi afetado por muitas defecções na vida religiosa, tendo sido alguns casos extremamente dolorosos... Queiramos ou não, isso tem repercussão não somente no corpo da congregação, mas também nos responsáveis pelo governo; é evidente que isso desgasta e cansa. Apesar dessas circunstâncias adversas, nunca se viram nele sinais de desânimo ou abatimento; pelo contrário, sempre demonstrava grande serenidade de espírito, sorriso, amabilidade, ‘nervos’ muito sólidos e grande lucidez de espírito; um domínio de si exemplar, e constantemente encorajador, acolhendo com afeição todos os que vinham pedir-lhe ajuda, orientação ou conselho”.<sup>268</sup> Aos jovens Irmãos do Jesus Magister, dizia Basílio: “Há duas regras de ouro na vida. Uma, em nível natural, outra, em nível espiritual. Em nível natural: ‘trabalhar para o equilíbrio é trabalhar para fazer amadurecer sua personalidade’. No plano sobrenatural: ‘trabalhar para a paz é trabalhar para a presença do Espírito Santo’. Tenham a certeza de que quando um coração, do ponto de vista sobrenatural, está em paz, o Espírito Santo está bem presente. No ponto de vista humano, na medida em que há equilíbrio, há maturidade”.<sup>269</sup>

---

267 O Estilo de uma Vida, nas pp. 117 a 121, apresenta uma série de testemunhos nesse sentido.

268 Madrid Marista, “Ao Irmão Basílio Rueda”, p. 25. Número especial por ocasião do fim do superiorado de Basílio, 1985.

269 Encontros com o Irmão Basílio Rueda, p. 12. (Fonte, Irmão Elias Peña, Roma, 15-12-1969).

### 3.3.5 – Um trabalho que amadurece na oração

A riqueza das qualidades humanas de Basílio moldam seu trabalho, e este sempre é produzido num clima de oração. Depoimentos nos revelam que ele solicitava às comunidades de Irmãos idosos que rezassem bastante, por ele e pela Congregação. A oração também era solicitada às casas de Irmãs de clausura que ele ajudava financeiramente. Já dissemos também que tinha por hábito terminar suas circulares em ambiência de oração, num daqueles lugares perto de Roma, muitas vezes à beira do Lago Albano, que garantem a tranquilidade. Sobretudo, era ele mesmo um homem de Deus, dando grande espaço à intimidade com o Senhor; estava convencido de que somente Deus pode converter os corações. Como para Marcelino, o Salmo 126 era muito importante: “Se o Senhor não constrói a casa, é em vão que trabalha o construtor”.<sup>270</sup> Basílio dissera: “Não se mudam os corações com frases”.<sup>271</sup>

Quase no fim de seu segundo mandato, ao escrever a Circular A Fidelidade, notava: “O Irmão Marista médio não é levado a redigir um jornal espiritual, menos ainda a desenhar arabescos ilustrando sua viagem interior. É, de preferência, o homem de ação, de contatos, de doação. Tudo o que tende a um retorno sobre si mesmo, por mais nobre que seja, não é muito de sua natureza. Se soubermos ganhar sua confiança, ele pode expor toda a sua vida diante de você, mas quanto a pô-la preto no branco, é outra coisa”.<sup>272</sup>

---

270 O capítulo sobre a oração confirma, em mais de 40 páginas, o que aqui é apenas esboçado.

271 A contemplação a partir de ação, pp. 6-7.

272 Circ. A Fidelidade. p. 11.

Como qualquer Irmão Marista, o Irmão Basílio é homem de ação, de contato, de doação. Essas qualidades, porém, ele as eleva a um ponto muito alto. Acrescenta a capacidade da contemplação, da introspecção, do discernimento dos espíritos e da arte de escrever, qualidades que se exprimem numa experiência humana muito rica.

O Irmão Basílio conserva até o fim o hábito de um trabalho abundante. O Irmão Remi Véricel nos diz que, ao regressar para o México, Basílio foi encarregado da Família Marista, depois incorporou-se ao Conselho da Direção e Extensão Educativa, que supervisionava 60 escolas, foi conselheiro provincial, encarregado de acompanhar os Irmãos de votos temporários de todas as comunidades da Província; mais tarde foi Mestre de Noviços e devia garantir volumosa correspondência, conferências e animação de retiros.<sup>273</sup>

O Irmão Cláudio Girardi, falando da quantidade de trabalho que Basílio se impunha, por exemplo, com suas enquetes colossais, diz que Basílio, certamente, recitava a oração de seu grande amigo, o padre Alberione, fundador da Sociedade de São Paulo: “Senhor, que minha hora valha duas, que meu trabalho renda o dobro, que minha hora de sono conte por duas.”<sup>274</sup>

---

273 O Estilo de uma Vida. p. 27.

274 Ir. Cláudio Girardi, depoimento de 18-12-2002.

## TEXTOS

### 1. As Circulares

“Enquanto fui secretário, participei ativamente na redação de três longas circulares do Irmão Basílio.

E eis o périplo que habitualmente esses documentos seguiam:

Munido de lápis, sobre uma folha em branco, ele traçava o plano do assunto que queria tratar. Acabado esse trabalho, o Irmão Basílio e eu nos encerrávamos na casa do Divino Maestro,<sup>275</sup> casa de retiro nos arredores de Roma, propriedade dos Padres Paulinos e residência de seu fundador, Dom Alberione.<sup>276</sup> Habitualmente assistíamos à sua missa.

O Irmão Basílio dedicava horas e horas do dia e da noite a escrever, com a exuberância que o caracterizava, sobre a doutrina, os exemplos de apoio e as conclusões práticas. Eu colaborava trazendo citações e confrontando referências. Depois vinha o ordenamento e a redação literária. O Irmão Basílio era um “causeur” agradável e não menos brilhante escritor. Reconheço que sou um pouco lento no trabalho; de qualquer maneira as Circulares eram muito compridas, e eu devia dedicar muitos dias para colocá-las em dia. Certa ocasião, isso o contrariou de tal modo que Basílio me disse: ‘Publique a Circular assim mesmo, sem se preocupar com o estilo’. Um pouco intimidado, respondi-lhe: ‘Lembre-se de que é um documento do Superior-Geral; por isso, deve-se cuidar e apresentá-lo de maneira decente’.

---

275 Em Ariccia, sobre as colinas próximas de Roma.

276 Dom Alberione era então idoso; era ele que muitas vezes rezava a missa assistida por Basílio e seus colaboradores. Dom Alberione, que muito em breve será proclamado bem-aventurado, era grande amigo de Basílio.



As Circulares eram impressas na Editora Luis Vives, de Saragoça. Lembro-me que, certa ocasião, o redator da casa, metucioso e purista, disse: ‘É um mexicano que escreve a Circular, um chileno que a põe em forma, e é preciso que nós a ponhamos em bom espanhol’.

Para expor suas idéias, o Irmão Basílio precisava caminhar num grande mato, com toda a espécie de árvores, arbustos e sarças. E perante essa exuberância, não era fácil ser breve e conciso.” (Irmão Honório Medina Giraldo, em Madrid Marista, suplemento ao número 71, abril de 1996).

## **2. O homem estimado**

Eis o que me dizia um membro da União dos Superiores Maiores: “O Irmão Basílio é um dos raros Superiores Maiores notáveis e que dá o tom a esta instituição”. Em duas ocasiões dirigiu o Capítulo Geral dos Padres Paulinos. Esses religiosos o admiravam e o consultavam frequentemente. Publicaram também algumas de suas Circulares entre os livros de espiritualidade.

Os Padres Salesianos também lhe pediram colaboração num de seus Capítulos Gerais.

Entre as congregações de Irmãs era frequente que membros do Conselho Geral viessem solicitar parecer e orientação sobre assuntos delicados do governo. Com o Padre Arrupe manteve relações muito estreitas. Acredito que eles se ajudavam mutuamente diante de sérios problemas que surgiam nas duas congregações. Uma vez Basílio convidou à Casa Generalícia toda a Cúria Geral da Companhia de Jesus.

Seguidamente era convidado a proferir palestras para outras congregações ou movimentos apostólicos, como o Movimento do Mundo Melhor.

Frequentemente o Cardeal Pirônio se encontrava comigo à saída do trabalho. Pelo menos três ou quatro vezes me pediu notícias de Basílio, sobre seu próximo destino e se estava ou não em Roma. Fazia-o realmente por amizade, notava-se a afeição; não era apenas em nível informativo.

Alguém altamente colocado na Congregação dos Religiosos quis saber qual seria o próximo trabalho do Irmão Basílio e, concluindo, me disse: “Não percam os valores que ele tem e que representa”.

Sua Eminência o Cardeal Antônio Maria Javierre Ortás, Prefeito da Congregação para o Culto Divino e os Sacramentos, me disse que era membro capitular de sua Congregação quando o Irmão Basílio lhes deu uma conferência sobre as Constituições. E acrescentou: “Nunca teria pensado que um homem pudesse saber tanto sobre as Constituições”. (Madrid Marista, suplemento ao número 71, pp. 14-15. Testemunho do Irmão Luis Puebla Centeno)

### **3. Como governar?**

“No sistema de governo foram introduzidos, vocês sabem, importantes mudanças. Apesar de todas essas transformações, penso que a diferença entre o que existia e o que está nascendo repousa não tanto na estrutura, mas no espírito que está sendo introduzido lentamente (insisto sobre esse advérbio, não para ferir, mas porque me parece que é assim mesmo) em nossa mentalidade e em nossa maneira de proceder: um espírito que, sem

questionar uma verdadeira obediência, procura integrar os princípios de subsidiariedade, descentralização, corresponsabilidade, delegação, de participação, de diálogo, etc.

Um bom dirigente é aquele que se esforça para conseguir que seus subordinados possam ter opiniões, não somente de direito, mas de fato, no plano mais imediato em que se encontram os executantes da decisão, a qual foi possível graças à liberdade e à responsabilidade nesse nível. É preciso formar para a liberdade e responsabilidade, porque não devemos esquecer que na ordem cristã e ainda mais na dos votos, as opções na Igreja e nas congregações não podem se determinar simplesmente em função dos níveis a que pertence a decisão, mas também, e sobretudo, em função do próprio conteúdo da opção. Não se trata simplesmente de determinar a que nível corresponde a decisão, mas de cumprir a vontade divina. É por isso que a autoridade superior tem a obrigação de retificar uma opção mal posta pela base; e, inversamente, quando é mal posta pelo Superior, são os membros da base que têm a obrigação do diálogo, da ação profética e mesmo do recurso.

Estamos suficientemente preparados para isso? Ou permanece ainda em nós muito de humano, de elementos refratários à graça, que impedem a obediência e a autoridade de realizar o mistério de comunhão com a vontade do Pai?

A ação corretiva no exercício da subsidiariedade deveria entrar em função desde o momento em que a opção não está de acordo com a vontade do Senhor. (Meditação em voz alta, pp. 361-362 que preparam para o caderno 7: Basílio, o líder e o irmão).

# Caderno 7

## O Superior e o Irmão

Basílio foi Superior Geral 18 anos, e líder toda a vida. As páginas que seguem detêm-se na liderança do Irmão Basílio: a acolhida que recebeu como Superior, como foi julgado no seu estilo de governo, que estilo foi esse, o que sobra na Congregação, depois de uma vintena de anos?

O que se impõe é que o percurso de sua vida foi o de alguém sempre solicitado a assumir o comando, a tornar-se responsável: pressentia-se nele o dom de líder. Desde os primeiros anos de apostolado, manifesta grande impacto de condutor sobre seus alunos do Centro Universitário do México (CUM), depois entre os jovens que frequentam os Cursilhos de Cristandade. O restante da vida, a partir de 1961, o conduz de uma função importante para outra mais importante ainda. Responsável pelo Movimento do Mundo Melhor no Equador, de 1961 a 1964; diretor do Segundo Noviciado na Espanha, de 1965 a 1967; Superior-Geral dos Irmãos Maristas, de 1967 a 1985, reeleito para um segundo mandato no primeiro escrutínio; formador dos formadores durante 18 meses, de 1990 a 1991; por fim, Mestre de Noviços das duas Províncias do México – cargo no decorrer do qual regressa ao Pai, em 21 de janeiro de 1996.

De uma vida de menos de 72 anos, a metade, 36 anos, será tomada por grandes responsabilidades. Em todas sabe insuflar dimensões novas abalando moldes anteriores.

Como é que seus colaboradores, Irmãos e amigos veem as qualidades de líder e a liderança de Basílio?

# 1

## Os depoimentos

Podemos dispor em dois grandes conjuntos a série de depoimentos que se expressam sobre a liderança de Basílio. Os que, acima, decidem da escolha do chefe; os que, abaixo, apreciam o trabalho.

## 1. Os depoimentos

Podemos dispor em dois grandes conjuntos a série de depoimentos que se expressam sobre a liderança de Basílio. Os que, acima, decidem da escolha do chefe; os que, abaixo, apreciam o trabalho.

### 1.1. Critérios da escolha de Basílio como Superior Geral

Sem dúvida, sua inteligência, seu ardor no trabalho, a comprovada maturidade espiritual e a constante audácia no apostolado eram conhecidos. Conforme já escrevemos, o Padre Lombardi, fundador do Movimento por um Mundo Melhor, estava encantado por tê-lo como colaborador, e todas as cartas estão repletas de encômios.<sup>277</sup> Já expusemos também os sentimentos que experimentavam a respeito dele os Irmãos que acompanhavam as sessões do Segundo Noviciado no Escorial, de 1965-1967: todos tinham a impressão de respirar ares novos e tonificantes; consideravam-se preparados para a Igreja, depois da grande mudança do Concílio e para o mundo que evoluía sempre mais rapidamente. Duas coisas reconfortavam esses Irmãos: os novos instrumentos de trabalho que lhes eram oferecidos para o apostolado – estar em dia com seu tempo – e o fato de que esses instrumentos eram propostos por um homem de Deus de rara estatura.<sup>278</sup>

Mas voltemos ao ponto crucial de 1967, ao Capítulo Especial que a Igreja solicitara a todas as Congregações. Por que a escolha recaí sobre o Irmão Basílio? Deixemos a palavra ao Irmão Quen-

---

277 Basílio Rueda, outro Champagnat, p. 20.

278 Aqui seria necessário ler as páginas escritas nos documentos: Histórico das Sessões do Noviciado Maior na Espanha, 1965-1972, e as que falam da alegria da visita de Basílio e de suas conferências, como Superior-Geral.

tin Duffy, que será seu Vigário por 18 anos: «Embora não tivesse nenhuma das características tradicionais requeridas (para ser Superior-Geral), para aqueles que o conheciam, era muito inteligente, muito sólido, ufano de sua vocação de Irmão. Era bem conhecido e muito apreciado pelos Superiores de diversos e mais notáveis Institutos religiosos.

Para os que ouviam o Espírito Santo, que pedia um excelente religioso, inteligente, aberto, e para os que permaneciam atentos aos apelos do Espírito, que indicava de algum modo quem tinha escolhido, a cédula de voto foi preenchida rapidamente, e tivemos um «novo» Superior,... alguém capaz de enfrentar as novas realidades do mundo e da Igreja...».<sup>279</sup> Apresentamos a opinião do Irmão Domingo Riuz, no começo do capítulo sobre o trabalho: «O Instituto necessitava de um Superior com as características de juventude, maturidade, preparação religiosa e científica, como também de grande capacidade de trabalho, não apenas para aguentar as longas horas seguidas de atividade, mas também para saber servir-se dos meios modernos, seja na escolha dos colaboradores, seja no emprego dos meios técnicos».<sup>280</sup> As revistas espanholas desse período estão repletas de depoimentos semelhantes, e os Irmãos da Espanha estavam dispostos a pedir ao Irmão Basílio que participasse do Capítulo Geral como perito, caso sua Província, o México Central, não o tivesse escolhido como Capitular. Ademais, é Basílio quem dinamiza, na Espanha, a preparação do Capítulo de 1967.<sup>281</sup>

---

279 FMS-Mensagem, n.º 19, maio de 1996, pp. 26-27.

280 Ver nota 53, no capítulo sobre o trabalho.

281 Madrid Marista, Ao Irmão Basílio Rueda, p. 7; número especial por ocasião do fim do superiorato do Irmão Basílio, em 1985.

Algumas testemunhas importantes dirão a imagem que os Irmãos se faziam de Basílio, no momento da eleição, em 1967.

A primeira será o Irmão Leoncio Martín, Vigário-Geral no Conselho do Irmão Charles Raphaël. Foi ele quem acolheu Basílio como aluno, depois o encaminhou para o juvenato e se tornou seu Provincial. Entre o Irmão Leoncio e o Irmão Basílio existe uma corrente de simpatia e de admiração, como de mestre para discípulo, mas de um mestre que tem a intuição de ter um discípulo extraordinário: «Foi sempre objeto de afeição especial», reconhece o Irmão Leoncio. Fala em termos muito elogiosos do jovem Basílio como professor, depois como responsável pelo Movimento por um Mundo Melhor. No entanto, a respeito da eleição como Superior-Geral escreve: «Eu não esperava isso; estava convencido de que suas qualidades singulares não eram conhecidas, devido ao fato de que evitava toda ostentação... Foi para mim momento de grande emoção quando foi proclamado Superior-Geral, e me recordei do menino que acolhera no colégio, depois no juvenato...».<sup>282</sup>

A segunda testemunha é o Irmão Arturo Chávez de la Mora. Viveu com Basílio nas casas de formação: juvenato, noviciado, escolasticado, depois lecionaram juntos seis anos no Instituto México e três anos no Centro Universitário do México. Estamos com um colega de formação e de trabalho. Suas vidas juntar-se-ão mais tarde, seja quando o Irmão Arturo se torna Provincial, seja, sobretudo, quando, no segundo mandato de Basílio, for Conselheiro-Geral. À pergunta: «Que valor humano de Basílio admira mais?», responde: «Possui coração de ouro que o torna

---

282 Norte Marista, outubro-novembro de 1967, p. 1188.



atento a todas as necessidades, penas e alegrias dos outros. Além disso, sempre fiquei impressionado pela retidão de sua vida. Sua vida, suas atitudes constituem uma linha reta que não se desvia por considerações de conveniência ou comodidade pessoal».<sup>283</sup>

A terceira que fala de Basílio é o Irmão Gabriel Rodríguez, mexicano, que estará no primeiro Conselho Geral de Basílio, de 1967 a 1976. Quando o Irmão Gabriel Rodríguez era escolástico, no Instituto Queretaro, Basílio era um dos professores e formadores; depois vai encontrar-se com o Irmão Basílio quando este é diretor do juvenato em Queretaro. Esse Irmão o julga assim: «É homem que vai ao fundo dos problemas, coloca-os sob a luz da fé e do amor às almas. Tem o dom de criar o espírito de família, de grupo, de equipe e de fazer caminhar todo o mundo para o Senhor. Estimula os outros, pondo em ação suas riquezas espirituais».<sup>284</sup>

O Irmão Raul Coral Burbano, colombiano, trabalhará oito meses como colaborador de Basílio no Equador, no Movimento por um Mundo Melhor. Confessa que sua vida mudou totalmente por tê-lo encontrado. Perguntado a respeito das características de liderança de Basílio, responde: «Completa e efetiva abertura à Igreja; perfeito planejamento de nossas atividades como religiosos educadores, e conhecimento bem centrado e sincero em nossa família religiosa e em nosso lugar na Igreja».<sup>285</sup>

Essas quatro testemunhas tiveram a entrevista reportada na revista Norte Marista. A revista da Província de Leão – Orienta-

---

283 Norte Marista, outubro-novembro de 1967, p. 1189.

284 Norte Marista, outubro-novembro de 1967, p. 1191.

285 Norte Marista, outubro-novembro de 1967, p. 1193.

ciones – apenas apresenta entrevistas resumidas de uma dúzia de Irmãos (entre os quais os quatro nomeados), mas de horizontes mais diversos: Brasil, China, México, África, França, Argentina, Espanha, América Central, Santa Maria, Austrália e Nova Zelândia.

Esses Irmãos dizem ao mesmo tempo o que lhes é pessoal, mas também o que é aceito em seus ambientes. Com efeito, a revista Norte Marista, de outubro e novembro de 1967, antes de ceder a palavra às quatro testemunhas, apresenta o novo Superior-Geral como

*jovem, entusiasta,  
cheio de espírito evangélico,*<sup>286</sup>

e, na primeira página da revista, que é uma oração a Deus, assinada pelo Irmão Cibrian, as primeiras palavras são:

*«Senhor,  
já nos disseram:  
Temos um novo  
Superior-Geral;*

*homem jovem,  
sábio, simples e piedoso».*<sup>287</sup>

O artigo de apresentação de *Orientaciones*, de autoria do Provincial de Leão, Irmão José García, fala de Basílio como *de uma figura nobre, que goza de prestígio e de afeição; que se faz amar por sua autenticidade, serenidade dos julgamentos; sua propensão a misturar-se com todo o mundo, com verdadeiro sentido*

---

286 Norte Marista, outubro-novembro de 1967, p. 1179.

287 Norte Marista, outubro-novembro de 1967, p. 1180.

*de camaradagem; seu espírito de serviço e de sacrifício e, sobretudo, porque se vê nele a encarnação das três virtudes maristas: humildade, simplicidade e modéstia.* Eis o que pensa da eleição o Irmão Vicente Lorenzo, arquiteto da Casa Geral e delegado ao Capítulo: «Sempre acreditamos que, perante a incerteza e a efervescência ideológica dos tempos atuais, mais que de uma organização de tipo jurídico, a Congregação necessitava de orientação ideológica bem clara e de orientação pastoral, conforme o Concílio Vaticano II. Para chegar a isso, no seio do Capítulo destacava-se uma figura indiscutível: a pessoa do novo Superior-Geral. Homem cuja experiência apostólica ultrapassa a de qualquer um de nós; soube unir as virtudes do bom religioso com a atividade apostólica infatigável; conjuga a simpatia e a simplicidade de sua pessoa com a firmeza e o respeito dos outros. Homem de reflexão, de grande maturidade e de preparação científica indiscutível; e que não apenas trabalha, mas possui a arte da fazer trabalhar os demais com entusiasmo».<sup>288</sup> O Irmão Mário Guagliotto, da Província de Santa Maria, do Brasil, vê Basílio como «Superior que conhece o homem sob todas as facetas. Neste tempo pós-conciliar, a Congregação deve trabalhar principalmente na formação do homem religioso de espírito eclesial. O Capítulo escolheu o homem para essa missão».<sup>289</sup>

É, portanto, a idéia que se fazia de Basílio no mundo latino-americano e na Espanha. Sem dúvida, deve-se levar em consideração a alegria nesses louvores entusiastas: o mundo latino-americano e os Irmãos espanhóis viram seu candidato tornar-se Superior-Geral. No entanto, nada é exagerado, porque, no fim do

---

288 Orientaciones, p. 522.

289 Orientaciones, p. 520.

Capítulo Geral de 1967, todos os Capitulares partilharão desses sentimentos. E esses louvores, essa admiração irão aumentando com o passar dos anos.

## **1.2 Julgamento sobre a liderança de Basílio**

Agora descemos a dois momentos: quando termina o seu segundo mandato de Superior-Geral, em 1985, e quando nos recolhemos perante seus despojos mortais, em janeiro de 1996, ou nos julgamentos que seguem.

### **1.2.1 – Quando deixa de ser Superior-Geral**

A Província de Madri publica, no final de 1985, um número especial de sua revista Madrid Marista, com o título Ao Irmão Basílio Rueda. É como ação de graças pelos 18 anos de governo à testa do Instituto. O Irmão Demetrio Alzaga, amigo (intercambiaram mais de cem cartas), depois Provincial no tempo de Basílio, escreve nessa revista: «A todo o momento ofereceu modelos, indicou caminhos para andar com segurança. Fez isso de acordo com as exigências e as necessidades de cada tempo, de cada país e à luz vinda do espírito marista e dos ensinamentos do Evangelho. O Irmão Basílio foi luz e guia durante os anos de seu governo».<sup>290</sup> O Irmão José Llanillo é exuberante nesse mesmo sentido: «Muitos falam dele como dom de Deus, de homem providencial, fator extraordinário de unidade e de renovação. Foi Superior para nosso tempo: homem aberto, de espírito amplo, ao mesmo tempo com imaginação e equilíbrio, paciente e sem desanimar nos momentos

---

<sup>290</sup> Madrid Marista, Ao Irmão Basílio Rueda, p. 7.

difíceis para a Igreja e o Instituto... Homem que soube olhar para o futuro, mas permanecendo realista...». <sup>291</sup>

O Irmão Javier García Terradillos, seu Conselheiro-Geral, resume assim a presença de Basílio à testa da Congregação: «Não podemos dizer o que o Instituto poderia ter sido em outras mãos, mas nas suas, posso afirmar que a crise foi muito atenuada; orientou as Províncias; serviu de grande equilíbrio, nesse período de mudanças rápidas... E, sobretudo, nos últimos anos, orientou para o aprofundamento da oração na vida dos Irmãos, o que, cedo ou tarde, produzirá frutos e tornará a Congregação mais séria e profunda». <sup>292</sup>

### 1.2.2 – Depoimentos depois da morte.

A morte do Irmão Basílio suscitou emoção imensa em todo o Instituto e na Igreja; nunca um Superior foi cercado de tanta afeição e de orações no momento de sua última doença. Todos os discursos feitos em torno de seu esquife testemunham gratidão, admiração, louvor, expressão de profunda afeição. Abramos espaço para algumas passagens desses discursos: «Solicitaram-me para dar alguns depoimentos concernentes ao Irmão Basílio em sua qualidade de Superior-Geral de 1967 a 1985... Pessoalmente, penso que ser Superior-Geral dos Irmãozinhos de Maria foi a missão de sua vida. Missão de serviço total e amoroso, de natureza universal a que Deus destinara nosso Irmão Basílio. Foi para isso que nasceu. Conheci-o desse ponto de vista. É essa visão do Irmão Basílio me ficou gravada no coração”.

291 Madrid Marista, Ao Irmão Basílio Rueda, p. 20.

292 Madrid Marista, Ao Irmão Basílio Rueda, p. 21.

... O Irmão Basílio podia dizer perfeitamente, ao referir-se aos Irmãos de todo o Instituto, aquilo que Marcelino disse um dia: ‘Levo todos os Irmãos no mais profundo do coração’, e todos os Irmãos do Instituto, dos anos de 1967 a 1985, de todas as línguas e raças podiam responder-lhe: ‘Basílio, nós também te levamos no coração. Tu nos deixaste marca indelével em todo o nosso ser’... E, hoje, te dirijo as palavras do Irmão Francisco a respeito de Marcelino, em 6 de junho de 1840: ‘Sobre a terra perdemos um amigo, um conselheiro, um consolador, mas ganhamos um poderoso intercessor no céu’»,<sup>293</sup> O Irmão Aureliano Brambila toca num dos carismas de liderança de Basílio: amava deveras e era amado de verdade; o amor, alma indispensável de um bom governo. O Irmão Carlos Martínez Lavín foi homem marcante no México do tempo de Basílio. No discurso de sepultamento expressa estes sentimentos: «Hoje (na missa de enterro), com ele, queremos proclamar a glória de Deus, a glória de sua graça, de sua misericórdia, de sua Providência que agia nele, fazendo-o para nós, um sacramento de seu poder e de seu amor, de densidade e riqueza excepcionais... Deixa-nos a preciosa herança de seu ensino, escrito nas Circulares e, sobretudo, no livro de sua vida. E temos o dever de torná-lo conhecido»,<sup>294</sup> O Irmão Joaquim Flores Segura era Provincial de Basílio no momento da morte. Dá este testemunho: «Esse longo período à testa do

---

293 Irmão Aureliano Brambila, em FMS-MENSAGEM, n.º 19, p. 15. Esse Irmão foi Provincial no México, no tempo de Basílio, e colaborou com o sonho de Basílio de ter especialistas do Padre Champagnat. É um dos melhores conhecedores das Cartas do Fundador.

294 Irmão Carlos Martínez Lavín, em México Marista, n.º 10, p. 14. Esse Irmão foi Provincial do México Central. Atualmente trabalha em Cuba, com o primeiro grupo de Irmãos que retornaram a esse país.

Instituto Marista coincide com a aplicação, na Igreja, dos ensinamentos e das orientações do Concílio Vaticano II. Podemos afirmar que a presença do Irmão Basílio foi providencial naquele momento para nosso Instituto. Seu carisma especial, sua intuição profética nesse tempo histórico da Igreja e do mundo foram altamente benéficos e nos orientaram... Se o Irmão Basílio não sentiu inquietação alguma ao tornar-se Superior-Geral, ainda menos a experimentou quando se tornou Ex-Superior-Geral. Viveu e trabalhou conosco com a mesma simplicidade e disponibilidade para servir. Infatigavelmente ofereceu sua ajuda, simpatia, amizade e permaneceu muito próximo de cada um dos Irmãos e das pessoas com quem trabalhou... Obrigado, Senhor, pelos exemplos e pela vida de serviço do Irmão Basílio. Obrigado pelos dons que lhe concedeste, pelos frutos que teu amor fez brotar nele e em todos quantos o conheceram e dele se aproximaram».<sup>295</sup>

Esses três depoimentos provêm de Irmãos mexicanos, amigos de Basílio e que assumiram cargos importantes. Mas o louvor em favor de Basílio como Superior irrompe de toda a parte. No retrato de Basílio, que o Irmão Charles Howard traça em grandes pinceladas, achamos: «Voz profética que nos convida a aceitar os desafios propostos pelo Vaticano II e a responder a seus apelos. Orientou, de maneira especial, nossa atenção para as necessidades das missões e dos pobres... Estimulou profunda renovação de nossa vida espiritual pessoal... Nunca abatido, fonte de inspiração para todos nós. A muitos Irmãos deu nova fé em si próprios e no Instituto. Nosso reconheci-

---

295 Irmão Joaquim Flores Segura, Provincial, México Central. Em FMS-MENSA-GEM n.º 19, pp. 6-7.

mento a esse intrépido guia que nos mostrou o caminho e nele nos dirigiu. À semelhança do profeta do Êxodo: «Dizei ao povo de Israel que se ponha a caminho», o Irmão Basílio foi realmente um líder nessa caminhada». <sup>296</sup> O Irmão Seán Sammon, nosso Superior-Geral, estava presente nos funerais do Irmão Basílio, na qualidade de Vigário-Geral. Seu discurso aborda também a liderança de Basílio: «Este Irmão simples e bom dirigiu o Instituto e cada um de nós nesses períodos de nossa história carregados de desafios e dificuldades... O Irmão Basílio tinha visão maravilhosa da Vida Religiosa, seu entusiasmo era comunicativo e ia com muita habilidade ao coração da pessoa... Basílio sempre deu o que tinha de melhor... A lembrança deste homem bom e generoso sobreviverá nos corações e nos espíritos de cada um de nós e na vida de tantos outros...». <sup>297</sup> Quando sobreveio o falecimento de Basílio, o Irmão Benito Arbués era Superior-Geral. Poucos dias antes, esteve à cabeceira do doente e ficou maravilhado pela maneira como Basílio se entregava nas mãos do Pai. Nas palavras que escreveu como abertura de FMS-MENSAGEM, n.º 19, de maio de 1996, toda consagrada a Basílio, afirma: «Foi Superior-Geral durante 18 anos, em época histórica muito importante, porque era necessário pôr em ação a renovação da vida religiosa pedida pelo Vaticano II e por nosso Capítulo Geral. Homem aberto ao Espírito, à Igreja e aos sinais dos tempos, deu um sopro decisivo a nosso Instituto. Ajudou-nos a redescobrir a nossa vocação de Irmãos, de leigos consagrados, como dons à Igreja, e a viver com alegria o chamado do

---

<sup>296</sup> Quero despertar a aurora, p. 86.

<sup>297</sup> (Irmão Seán Sammon, S.-G. em FMS-MENSAGEM, n.º 19, pp. 13-14.



Senhor que nos escolheu...». <sup>298</sup>

É fácil compreender que depoimentos semelhantes podem ser multiplicados. Contentamo-nos com esses seis: três Provinciais do México e três Superiores-Gerais que lhe sucederam.

Na lista dos telegramas de pêsames figuram Cardeais, Bispos, muitos Superiores-Gerais de outras Congregações, grande número de religiosos, homens e mulheres, figuras da política e amigos que suscitou em todo o mundo porque um de seus princípios era «balizar com amigos o caminho da vida!». <sup>299</sup>

De que maneira, então, Basílio governou para atrair-se tanta simpatia e elogios?

---

298 FMS-MENSAGEM, n.º 19, maio de 1996, p. 4.

299 Circular Vida Comunitária, p. 176.

# 2

## Um estilo de liderança<sup>300</sup>

No estilo de liderança do Irmão Basílio há *visão* e há *estratégias* claras para realizá-lo.

---

<sup>300</sup> O depoimento do Ir. Quentin Duffy, de 26 de fevereiro de 2003, é dado por extenso na página 21.

## 2.1. A visão

Basílio herda um Instituto de 150 anos de existência, portanto, com tradições próprias, um quadro de vida em que dominam a Regra e a regularidade. Herda-o no momento em que a Igreja quer mudar e, para isso realiza um Concílio de renovação ou de *aggiornamento*,<sup>301</sup> para empregar o termo que estava então em moda. O mundo se pusera a evoluir muito rapidamente, do ponto de vista científico, técnico, nos valores éticos e nos conceitos filosóficos: o mundo se tornou um grande canteiro de mudança.

Quatro trunfos ajudarão Basílio a ter visão clara do que devia tentar pedir à Congregação para renovar-se, no sentido solicitado pelo Concílio. Sua passagem pelo Movimento por um Mundo Melhor corresponde aos anos do Concílio Vaticano II. Isso faz parte de sua responsabilidade de assimilar os documentos do Concílio e de ensiná-los. É vantagem extraordinária porque terá o espírito e o coração impregnados das idéias e dos desejos dos Padres Conciliares. Esse trabalho de assimilação e de ensino vai prosseguir-lo por dois anos no Escorial, como formador de Irmãos que já têm na vida boa bagagem de experiência apostólica e cultural. Basílio torna-se homem do Concílio. No Escorial vai aperfeiçoar outro trunfo: o conhecimento do Fundador e do carisma do Instituto. Ensina-os, melhor ainda: organiza para cada grupo de segundos noviços a peregrinação a l'Hermitage.<sup>302</sup> Faz beber na fonte o espírito das origens e ele próprio se sacia amplamente. Mas ser responsável pelo Mundo Melhor significa também quatro anos fora

---

301 Termo muito usado pelo Concílio para indicar a necessária atualização da Igreja.

302 Na biblioteca do Escorial conservam-se as preparações dessas peregrinações e o espírito que se lhes queria dar, como também os depoimentos dos Irmãos, surpresos pelo conhecimento que Basílio tinha do Fundador.

do quadro da vida da Congregação, muitas viagens, o encontro com toda a espécie de pessoas, numa palavra, os olhos abertos sobre a complexidade do mundo e do homem e sobre tudo quanto ferve de novidade. O jovem e brilhante Basílio, o Irmão Marista que é, observa, medita no coração, mede a distância que pode haver entre um mundo de convento e as encruzilhadas das rotas humanas. Acima de tudo, é homem que vive de Deus, nutre-se abundantemente com a Palavra do Senhor e vê tudo à luz do Espírito. Assimilação dos documentos do Concílio, impregnação do espírito do Fundador, conhecimento do mundo e intimidade com Deus constituem quatro feixes luminosos que permitem ao Irmão Basílio ter uma visão precisa do que deve tornar-se a Congregação dos Irmãos Maristas para permanecer apostólica na Igreja e no mundo de hoje e de amanhã. Falta-lhe um elemento importante para conhecer melhor a própria Congregação, dado que sua experiência se limita ao mundo hispânico. Isso explica as viagens que empreende no começo de 1968: visita de 13 países da África,... ao passo que envia seu Vigário e seus Conselheiros a visitarem as outras partes do mundo marista.

### **2.1.1. Mas em que consiste essa visão?**

Ela corresponde à renovação que o Vaticano II pede e que toca a alma e o corpo do Instituto. Consiste em impregnar-se mais do Evangelho, reencontrar o espírito das origens, adaptar-se para responder à juventude e ao mundo de hoje. Há nisso uma conversão do coração que deve optar por valores verdadeiros, os do Evangelho, e, portanto, desfazer-se de uma maneira de pensar arcaica, mas sacralizada pela tradição, pelo culto da Regra, da regularidade, dos exercícios feitos, de uma espiritualidade da lei e, portanto, da salvação conquis-

tada mediante o respeito à Regra. Era como se uma distância, uma defasagem se tivessem lentamente criado entre o universo marista e o mundo; entre os exercícios de piedade e a oração em espírito e verdade, aquela dos filhos em comunhão com o Filho que olha o Pai; entre as relações na comunidade e a sinceridade e espontaneidade dessas relações. Todas essas mudanças seriam expressas na redação das novas Constituições. Invadiam os domínios

- *da oração ou da relação com Deus;*
- *da vida da comunidade ou as relações entre Irmãos, e*
- *o apostolado ou as relações com os jovens e o mundo.*

Na prática, as implicações repercutiam nas estruturas de governo, na oração, no estilo de vida comunitária, no gênero de apostolado, na formação.

O governo vê aparecer a nova estrutura dos Capítulos Provinciais e as Conferências Gerais, e um sentido mais amplo da colegialidade. Os primeiros têm por objetivo fazer com que a renovação requerida pelo Concílio seja pensada e programada em cada Província, pela base, segundo o contexto social e cultural de cada situação. Não será uma renovação por paradas. Será ajudada pelos Superiores de Roma, esclarecida pelos documentos do Capítulo Geral e as Circulares do Superior-Geral. Há textos de Basílio, que incluímos no final do capítulo, que dizem isso claramente. A Conferência Geral é também uma estrutura nova no Instituto. Realiza-se no meio do percurso de um mandato do Superior-Geral para examinar com todas as Províncias a situação do Instituto e a realização das decisões do Capítulo Geral. A primeira, a de 1971, tornou-

-se famosa devido à Meditação em voz alta, conferência-meditação em que o Irmão Basílio considera o que foi realizado no Instituto, no tocante à renovação, e o caminho que resta a percorrer. Basílio diz claramente aos Irmãos Provinciais: «Não podemos ser apenas administradores nestes tempos de mobilidade. Não podemos evitar, nem mesmo atenuar a mudança, mas, pelo contrário, é nosso dever conduzi-la ao êxito na linha evangélica e marista».<sup>305</sup>

Essa vontade de implicar a base será mesmo mais evidente quando se solicitar a toda comunidade de traçar seu Projeto de Vida Comunitária. Quando a comunidade traça seu projeto, conforme pedem duas Circulares de Basílio – Projeto Comunitário e Projeto de Vida Comunitária – o objetivo é de procurar fazer juntos a vontade de Deus tal como se expressa no plano de vida, mas isso implica todos os aspectos: oração mais criativa, mais bíblica, mais ancorada na liturgia, que cede grandes espaços à vida do mundo; estamos no caminho de uma Espiritualidade Apostólica Marista. Esse projeto deve estar atento para que as relações fraternas traduzam verdadeiramente o coração. Examina o mundo do apostolado para nele serem audazes testemunhas do Senhor. Mediante esse projeto de vida comunitária os Irmãos dão-se anualmente a oportunidade de se colocarem em dia com a vontade de Deus e com o ritmo do mundo. Portanto, não é mais, como ontem, um plano de vida definido uma vez por todas pelas Constituições e pelos Estatutos. Hoje, guiados pelas Constituições e pelos Estatutos, é aceita a mobilidade para dar-se o espírito, a organização, o trabalho e o horário que responda melhor

---

303 Meditação em voz alta, p. 389.

aos apelos de Deus, dos homens e dos membros que formam a comunidade. Visão verdadeiramente nova para o tempo: fazia passar os Irmãos de um estilo de vida quase monacal a outro mais apto a uma Congregação ativa que, portanto, deve acompanhar o passo do mundo e do Evangelho.

Quanto ao apostolado, Basílio falou na desescolarização do Instituto. Sua intenção não era, em absoluto, de fechar as escolas, mas, por um lado, dotá-las de comportamentos de apostolado mais atuais, mais conformes ao espírito e às expectativas da juventude de hoje e, por outro, tornar-se sensíveis a outras formas de presença junto aos jovens marginalizados: centros de acolhida, bibliotecas, casas para jovens drogados, centros culturais, catequese paroquial... Da maneira que o mundo evoluía, pressentia que a comunidade seria sempre mais formada por um grupo de Irmãos com especializações diferentes, sem trabalhar necessariamente na mesma escola, mas em diversos setores da pastoral da juventude. Isso impõe um plano de vida mais flexível.<sup>304</sup>

Para viver em tal comunidade, é necessário mudar a formação a ser dada, sobretudo aos jovens que querem ser Irmãos. Será uma formação que tenderá a construir no interior uma personalidade mais forte, mais convencida, mais evangelizada, dado que as estruturas exteriores se tornavam mais superficiais.<sup>305</sup> Nas conferências que Basílio proferia sobre a formação da personalidade via quatro grandes aspectos: o homem,

---

304 Várias circulares falam nesse sentido: A Vida Comunitária, O Projeto Comunitário, O Projeto de Vida Comunitária.

305 Meditação em voz alta, p. 363.

o cristão, o religioso, o marista; e o equilíbrio do primeiro era essencial, constituía a saúde de base.<sup>306</sup>

A renovação deve penetrar todos os aspectos vitais da vida marista: oração, relações fraternas, apostolado. Mas, de que modo Basílio se houve para fazer entrar todos os Irmãos em seu modo de ver? Quais foram suas estratégias?

## **2.2. Estratégias para que a renovação se encarne**

Podemos falar de estratégias de capilaridade e de estratégias de grupo.

### **2.2.1. As estratégias de capilaridade**

As estratégias de capilaridade agem nos indivíduos como singularidades. Faz-se alusão aqui aos contatos diretos do Superior-Geral, mas também dos Conselheiros, com os Irmãos. Não temos depoimentos mais numerosos do que aqueles que relatam como o Irmão Basílio estava disponível para receber os Irmãos sempre que estivesse livre, como fazia em todos os grandes retiros ou visitas, acolhê-los para entrevistas, mesmo se isso se prolongasse noite adentro ou continuasse numa sala de espera de estação férrea ou de aeroporto, até nos ônibus ou nos trens. Basílio recebia, mais particularmente, dois tipos de Irmãos: os que tinham problemas ou desejassem uma entrevista de amizade, e as entrevistas com Irmãos-chave: Provinciais, encarregados da formação... Muitos

---

<sup>306</sup> Ver as notas dos cursos dados no Escorial e aos Irmãos do Jesus Magister. Basílio deu cursos sobre o tema da Vida Religiosa que, justamente, insistem nesses quatro aspectos.



Irmãos Provinciais, que deixaram um depoimento, insistem na maneira de receber de Basílio: apoio total e esclarecido.<sup>307</sup> O encontro com ele sempre tendia para conduzir, se a gente pudesse dizer, do antigo testamento da vida marista, ao novo. Esses contatos pessoais prolongavam-se nas cartas, telefonemas, presentes para uma circunstância apropriada. Tinham a vantagem da convicção que o contato direto faz surgir, sobretudo porque este era marcado pela escuta, compreensão e grande respeito. Para Basílio, a pessoa era sempre um absoluto. Essa maneira de trabalhar entrava verdadeiramente no estilo de governo de Basílio, que reservara para si a animação da Congregação, enquanto a administração geral era preferentemente deixada ao Irmão Quentin Duffy, Vigário-Geral. Basílio sempre procurou favorecer e facilitar encontros de pessoa para pessoa. E nesses encontros era grande, perspicaz, humano, perito.<sup>308</sup> Esse aspecto será estudado detalhadamente no capítulo que apresentará o Irmão Basílio como Irmão entre os Irmãos. Uma consequência dessa estratégia consistia em enviar muitos Irmãos a se refazerem um coração contemplativo em casas de oração: Troussures, com o Padre Caffarel; Spello na escola de Carlo Carretto, e Loppiano, sede dos Fo-

---

307 Ver o depoimento dos Irmãos José Antonio López Guardado, Provincial da América Central; do Irmão José Manuel Gómez, Provincial da Colômbia; do Irmão Conrado Trascasa García, da Província de Madri ou o livro *Estilo de uma Vida...* O Irmão José Manuel Gómez Ramírez escreve: «Ajudou-me cada vez que recorri a ele, seja para assuntos pessoais, seja para casos difíceis de Irmãos da Província. Não media seu tempo nem de dia nem de noite. E que lucidez em resolver os casos mais difíceis!». Cf. Depoimento de 5 de setembro de 2002.

308 Páginas inteiras dos livros *Estilo de uma Vida*, *Queimar a Vida*, Basílio Rueda, outro Champagnat, FMS-MENSAGEM, n.º 19, de maio de 1996, e um grande número de revistas: México Marista, Madrid Marista, Bética Marista... se detêm sobre este carisma de Basílio: acolhida e escuta.

colares. Basílio diz em todos os retiros dados nas Américas e na Espanha, de 1967 a 1972: «É no coração, na conversão do coração que começa a renovação». Sem coração que se abre a Deus, nada de renovação: daí também suas famosas Circulares sobre a Oração, e os retiros sobre a Meditação que levarão vantagem no decurso de seu segundo mandato. O cardeal Pironio, prefeito da Congregação dos Religiosos desde 1975, lhe faz exatamente eco: «Há algum tempo, li uma Circular magnífica do Irmão Basílio sobre a oração. Parece-me que é o caminho autêntico da renovação para os dias em que vivemos, para ser uma presença profética no mundo. Depois do Concílio Vaticano II, houve uma tentativa de renovação, que, pela pressa, apenas foi simples readaptação das formas e não verdadeira renovação; faltou a conversão do coração e do espírito, faltou a profundidade da oração».<sup>309</sup>

### **2.2.2. As estratégias de grupo**

As estratégias de grupo têm alcance maior: comunidades, centros de formação, Províncias, Instituto. Nesse caso, as idéias passam através de conferências, retiros, visitas pastorais ou canônicas e os relatórios que seguem, as Circulares ou os grandes momentos do Instituto, como as Conferências Gerais ou os Capítulos Gerais.

Já aludimos a certos relatórios de visitas, como os deixados aos Irmãos da Suíça, do Congo-Ruanda, do Canadá, da Província de Madri. Não deixa de dizer-lhes que rosto deveriam ter para com os jovens de hoje, para atraí-los à vida marista,

---

<sup>309</sup> FMS especial de 1976. É uma conferência que o Cardeal Eduardo Pironio fez aos Capitulares de 1976. Amigo de Basílio, foi convidado por ele para falar como amigo e prefeito da Congregação dos Religiosos.

para anunciar-lhes o Senhor, não com as palavras de ontem, mas com a voz que os jovens, hoje, compreendem.

### **2.2.2.1 – As Circulares.**

Se passarmos rapidamente sobre o panorama das Circulares, é claro que algumas visam à mudança do coração: Entretenimento sobre a Oração, A Meditação, A Obediência, Um Novo Espaço para Maria, O Espírito do Instituto; outras levam a reflexão sobre a vida comunitária: A Vida Comunitária, o Projeto Comunitário, O Projeto de Vida Comunitária; outras fazem tomar consciência da Igreja, do mundo, dos apelos do Fundador para que nosso apostolado se adapte às mudanças que se produzem: é o sentido da primeira circular 2 de janeiro de 1968. A circular sobre A Fidelidade vem como reconforto nas dificuldades da adaptação à evolução: hoje, a fidelidade é possível e produz personalidades religiosas de grande valor, e a fidelidade permanece sempre o ideal a ser atingido, mesmo para a vida marista renovada. Todas as Circulares propõem a visão nova da vida marista, sonhada por Basílio; todas oferecem doutrina rica, segura, corajosa. Nessas circulares, nossa família dispõe de um capital extraordinário. Deveriam estar presentes nos programas de renovação dos Irmãos: os seis meses de reabastecimento espiritual, os dois meses para os Irmãos da terceira idade, sessões especiais de formação dos formadores. Elas propõem uma ancoragem em Deus cativante e vivificante, uma simpatia constante para com nosso mundo, e esse passo antecipado que todo educador e homem de Deus deveria dar e que a inteligência e a esperança profética de Basílio garantem.

A propósito das Circulares, o Irmão Quentin Duffy faz notar: «Seus escritos não são apenas numerosos; Basílio não se assustava em abordar assuntos que causavam problemas na Vida Religiosa. Um desses, «a obediência», era ressentido como dificuldade para muitos. O texto de Basílio era tão atraente que um pedido especial foi feito por vários grupos de jovens em Roma. Suas reflexões sobre a Comunidade se fizeram notar, malgrado a dificuldade do assunto. Quando escrevia sobre Nossa Senhora, falava-lhe diretamente e analisava o que pensava ser sua resposta. Os Irmãos antigos leram com entusiasmo esse texto sobre «Nossa Mãe». Era um filósofo, completamente à vontade nas discussões modernas. Era analista fino».<sup>310</sup>

#### **2.2.2.2. Capítulos e Conferências Gerais**

Enfim, há os grandes momentos da vida do Instituto, que são os Capítulos Gerais e as Conferências Gerais, que têm como um dos objetivos justamente examinar em que ponto está nossa família religiosa e que diretivas lhe dar para que ande ao mesmo passo da Igreja e do mundo. Nesses momentos, Basílio intervém como consciência da Congregação. Em 1967 e 1968 realizou-se o Capítulo Especial de Renovação, pedido pelo Concílio. No intervalo entre as sessões, Basílio escreveu a Circular 2 de janeiro de 1968. É oferecida aos Irmãos Capitulares, sobretudo como luz e instrumento de trabalho. Essa circular é certamente uma das mais ricas. As partes IV e V: os apelos do mundo, os apelos da Igreja, os apelos do Fundador são inovadoras,

---

<sup>310</sup> Depoimento do Irmão Quentin Duffy, chegado a Roma em 26 de fevereiro de 2003.

ainda hoje conservam seu valor, despertam a consciência da Congregação para que se abra e se ponha nas encruzilhadas do mundo. Se essa Circular tivesse sido devidamente assimilada, a renovação se teria produzido em ritmo mais rápido. Mas Basílio reconhece que a Circular não foi compreendida. Volta à carga no momento da Conferência Geral de 1971. Perante todos os Provinciais reunidos, pronuncia a Meditação em voz alta: texto forte, direto, quase brutal que coloca os Provinciais perante sua responsabilidade de programar e fazer avançar a renovação nas suas Províncias. Essas 80 páginas são verdadeiro vade-mécum para os Provinciais sobre os pontos mais importantes para a renovação. Basílio os conscientiza a respeito da necessidade imperiosa de uma formação mais rica a ser dada aos jovens que querem entrar na Congregação, sendo urgente a formação de formadores: «Nossa maneira de conceber a formação, com efeito, não mudou muito, o que é grave para o futuro, dado que a juventude mudou profundamente. A mudança a que se pretende nas casas de formação deve ultrapassar profundamente a das estruturas, das etapas e dos níveis. Trata-se do método, dos objetivos e do espírito. Ou os jovens encontram em nossas casas uma fórmula nova (que não é moleza, nem condescendência, mas seriedade e exigência) e ao mesmo tempo novas maneiras de ser; depois encontram também comunidades e superiores acolhedores, capazes de compreendê-los e continuar a formá-los... ou, então, perdemos boa parte, talvez a melhor, dessa juventude».<sup>311</sup>

---

311 Meditação em voz alta, pp. 363-364.

Certas páginas dessa Meditação em voz alta serão propostas como fecho deste capítulo. Nos Capítulos Gerais de 1976 e 1985, apresenta aos Capitulares o estado do Instituto, indicando quais são os pontos fortes, quais são os aspectos fracos e sobre os quais seria necessário trabalhar. Em 1985, em particular, pede aos Capitulares que entrem no Capítulo por longo tempo de oração e lhes dá três conferências, sendo que a terceira versa sobre a Espiritualidade Apostólica Marista.

### **2.2.2.3. Orientações decisivas**

Enfim, no tempo dele, a Congregação tomou decisões ou pistas de trabalho que funcionam ainda hoje e cujo objetivo era justamente encorpar a renovação pedida pelo Concílio e pelo mundo: a abertura aos pobres e às missões;<sup>312</sup> l'Hermitage como santuário marista e centro de formação do espírito das origens; o ano de espiritualidade Champagnat, que hoje se tornou o Patrimônio Marista... Entre as pistas de trabalho: o Birô Internacional de Solidariedade (B.I.S.) para ir mais facilmente aos pobres; a formação dos jovens Irmãos, que se concretizará com a fundação do Marist International Centre, em Nairóbi, para os Irmãos da África, e com o Marist Asia Pacific Centre, em Manilha, para toda a Ásia e a Oceania. Realmente, toda a Congregação toma consciência de que é necessária uma formação mais profunda, mais longa, mais especializada.

---

<sup>312</sup> No tempo de Basílio, 10% da Congregação orientou-se para as missões. Cf. Irmão Cláudio Girardi, depoimento de 18-12-2002.

## 2.3. Constituições evangélicas

Podemos atribuir também ao Irmão Basílio as novas Constituições, aprovadas em 7 de outubro de 1986. Sem dúvida, resultam do esforço de todos os Capitulares de 1985 e da comissão que tinha trabalhado para apresentá-las ao estudo do Capítulo Geral; mas foram de seu tempo. Essas Constituições são verdadeiro presente do Espírito Santo, são muito evangélicas: expressão de uma Congregação que se renovou muito; são uma Regra de Vida que forma religiosos segundo os desejos do Concílio, por forte retorno ao Evangelho, às origens, e por uma resposta mais apropriada ao mundo de hoje. O Irmão Roque Salet, Capitular que trabalhava nas Constituições na comissão em que estava o Irmão Basílio, relata fatos precisos sobre a composição de certos artigos. Seu depoimento será oferecido entre os textos no final deste capítulo. Alguns testemunhos afirmam que bastava a presença de Basílio para que o grupo de trabalho se sentisse seguro e criasse confiança.<sup>313</sup> Ele próprio, nas piores tormentas, nunca perdeu a coragem. Era otimista por natureza, mas a amizade de Deus ajudava muito esse otimista incorrigível. Deixou bela mensagem de esperança aos Irmãos Capitulares de 1993: *«Acredito que a mensagem que se deveria transmitir aos Irmãos, e sobretudo o coração da mensagem, seria de dizer-lhes que o Instituto está para chegar a uma virada de sua história. Uma virada que deverá caracterizar-se por fidelidade mais profunda, e, ao mesmo tempo, por mudanças muito importantes.*

---

313 Foi especialmente quando teve de assumir a responsabilidade do Curso de 18 meses para os Formadores, 1990-1991. Com a presença dele, a equipe sentiu-se logo mais segura. Muitos outros grupos fizeram essa experiência: Epsimo, e a equipe no México, encarregada de animar 60 escolas...

**Explico-me:** *Este é o quarto Capítulo Geral que me foi dado viver; e, ao refletir sobre o conjunto, parece-me que atualmente estamos enfrentando desafios, circunstâncias históricas que se intensificam, e que tudo isso diz aos Irmãos que nosso Instituto é mais do que nunca atual, como se tivesse sido criado, inventado e fundado para nosso tempo e para as circunstâncias atuais, mas ao mesmo tempo diz que, provavelmente, a maneira como vivemos, as instituições que criamos, a maneira como as administramos não estão à altura dos tempos e pedem mudanças muito importantes.*

**Eis, acredito, o coração da Mensagem:**

*Dizer aos Irmãos, mais do que nunca, a nossa atualidade e também, mais do que nunca, a necessidade de impor uma virada muito séria a nossas vidas, a nossas comunidades e a nossas obras. E, precisando mais ainda esta mensagem, quero dizer aos Irmãos que não desanimem e, quando os apelos do Capítulo chegarem, quando nos solicitarem mudanças muito importantes, que tenham grande confiança.*

*Acredito verdadeiramente que aquilo que o Capítulo quis e está solicitando aos Irmãos, e as prioridades que assinala, transmitem, realmente, a vontade de Deus, como emanção de nosso carisma, dos apelos de nosso tempo e das circunstâncias históricas que são as nossas.*

**Que os Irmãos aceitem isso com muita confiança e paz, que o aceitem com muita coragem».**<sup>314</sup>

---

<sup>314</sup> Fonte: Irmão Galo Rivera A., Provincial do Equador, 21 de janeiro de 1996, fax aos Provinciais do México.



O Irmão Charles Howard, seu sucessor, diz a seu favor: «O Irmão Basílio, com seu espírito perspicaz, seu trabalho pelo Movimento por um Mundo Melhor e sua preparação no Escorial, tinha boa compreensão dos desafios do Concílio quando foi eleito Superior-Geral, em 1967. Estava bem a par do fato de a Igreja solicitar às congregações religiosas de se re-situarem, de reescreverem suas Constituições no espírito do Concílio, de levarem em conta a situação do mundo e de lançarem um movimento de renovação – um tempo de desafios, um trabalho impressionante, e da responsabilidade de todos nós, mas uma responsabilidade muito particular, aceita por esse jovem Irmão Mexicano... Nossos documentos falam do Superior como de um ‘Irmão entre os Irmãos’, e o Irmão Basílio foi um exemplo disso para todo o Instituto. Seu amor aos Irmãos e seu relacionamento com eles tornaram-se legendários e foram fonte de bênção para muitos. Cada Superior-Geral tem estilo próprio, e o do Irmão Basílio era carismático e muito pessoal, sendo uma graça para todo o Instituto».<sup>315</sup>

O Irmão Basílio, entre os seus Irmãos, gozou sempre de admiração e afeição. Tínhamos a certeza de possuir nele um líder excepcional. O Irmão Quentin Duffy, Vigário-Geral, resume os esforços e as iniciativas de liderança de Basílio em frase que Basílio gostava muito de repetir, porque sabia e escrevia que nós nos encontrávamos em período de gestação:<sup>316</sup> tudo era feito para «ajudar a aurora a nascer».<sup>317</sup>

---

315 (Irmão Charles Howard, S.-G., FMS-MENSAGEM, n.º 19, pp. 24-26).

316 Meditação em voz alta, p. 346.

317 Conferência Geral, 1.º de julho de 1971, p. 340.

## TEXTOS

### 1. O Irmão Basílio e o Governo do Instituto

*(Depoimento do Ir. Quentin Duffy, seu Vigário-Geral durante 18 anos.)*

O próprio Irmão Basílio estabeleceu o estilo de governo do Instituto que julgava melhor para os Irmãos. Isso consistia, sobretudo, em visitas às Províncias ou aos Distritos. O Provincial tinha o ensejo de dar os conselhos apropriados, que o Irmão Basílio julgava necessários, e Basílio se reservava a oportunidade de encontrar os Irmãos lá onde trabalhavam. Podia ver também se um Irmão não deveria ser transferido para um lugar que mais lhe conviesse. Encontrar cada Irmão lhe permitia ajudar a conseguir melhores resultados nos esforços e também entrever alguma mudança em que o Irmão pudesse ser aproveitado melhor. Se a transferência não fosse possível, Basílio podia ajudar o Irmão a se conhecer melhor e assim obter melhores resultados. De maneira mais particular, podia debruçar-se sobre o trabalho do Irmão Superior e ver como melhorar a tarefa da comunidade.

Basílio demonstrou que era verdadeiramente dotado para esse contato de pessoa a pessoa. Era característica que tinha praticado largamente quando se encontrava no Movimento por um Mundo Melhor, como também na direção dos Irmãos, quando responsável pelo Segundo Noviciado.

O certo é que, no início de seu primeiro mandato, começou o estudo de cada Irmão. Embora isso fosse trabalho grande demais, não espantava a habilidade de Basílio, mas ele não dispunha do tempo exigido para isso. Apesar de não concluir essa tarefa, mui-

tos Irmãos tiraram proveito dela. Basílio fez muitas vezes alusão a essa atividade, mas admitia que o tempo lhe faltava para concluí-la. O uso que muitos Irmãos fizeram desse longo estudo prova bem o que Basílio poderia ter feito, se dispusesse de mais tempo. Apesar disso, é necessário reconhecer que, no contexto do Segundo Noviciado, muitos Irmãos puderam aproveitar de um estudo mais detalhado da própria vida, ao passar mais tempo com Basílio.

Sem dúvida nenhuma, era rápido em perceber o que pudesse ajudar um jovem Irmão, como também saber se ele devia ou não permanecer Irmão. Recordo-me, não do caso de um jovem religioso, mas o de um Irmão maduro, que decidiu sair para casar. Os membros da Sagrada Congregação observaram que nunca se lhes tinha submetido um dossiê tão cuidadoso na análise do caso. Constituía um privilégio colaborar com Basílio em todas essas circunstâncias.

Esse trabalho com cada Irmão era muito apreciado por outros Superiores-Gerais, que assistiam às reuniões em que comparecia esse homem extraordinário. Entre os que admiravam seu trabalho estavam o Padre Arrupe, S.J., o Superior-Geral dos Padres Maristas, e o Superior-Geral dos Salesianos – para citar apenas alguns. Jovem como era, pedia-se que falasse a esses homens cultos – e saía-se muito bem. Além dos pedidos vindos das congregações masculinas, muitas congregações femininas procuravam sua ajuda – sobretudo na América Latina. Devido a isso, era muito estimado por vários Núncios Apostólicos. (Irmão Quentin Duffy, Testemunho de 26 de fevereiro de 2003.)

## 2. O que será a renovação

Quando Basílio chega à conclusão de sua longa Circular de 2 de janeiro de 1968, aquela que quer ajudar o Capítulo Especial, o Capítulo de Renovação, depois de ter estudado e apresentado os documentos do Concílio, depois de ter escutado os apelos do mundo, da Igreja e do Fundador, ele diz: «Avançamos para formas de vida

- menos legalistas,
- apostolicamente mais ousadas,
- mais inseridas numa socialização profissional em crescimento,
- com formas mais independentes e mais livres exteriormente».

A renovação vai tocar a arte do governo, a vida comunitária, o estilo da oração, a qualidade do apostolado, pela descoberta das origens, adaptação ao mundo de hoje e assimilação dos textos do Concílio. Para isso, é mister criar um novo espírito, e novas Constituições são necessárias. O espírito e as Constituições devem ser mais evangélicos, levando os sinais das bem-aventuranças e os frutos do Espírito. Mas também mais maturidade, iniciativa, liberdade e responsabilidade pessoal. Uma das convicções-guia para Basílio é a seguinte: «Se a renovação não começar pela oração, será apenas fogo de palha». (Circ. Entretenimento sobre a Oração, p. 521.) É a mesma idéia que encontramos algumas páginas mais adiante: «A renovação se tornará realidade quando nos referirmos a duas fontes: o Evangelho e as origens do Instituto» (Circ. Entretenimento sobre a Oração, p. 539.)

Todo esse trabalho é feito como fruto da obediência à Igreja, mas também como compreensão da urgência de um mundo que evolui muito rapidamente e precisa de apóstolos para suas necessidades, segundo o contexto histórico e cultural que se cria.

As páginas da Circular 2 de janeiro de 1968: esse demorado olhar de nosso Superior-Geral sobre o mundo e suas necessidades, sobre a Igreja e seus apelos, sobre o Fundador e a realidade das origens, estão repletas dessas intuições que orientam para a renovação. É significativo o título da Circular, por insólito que seja, visto que nenhuma Circular teve por título uma data, mas esta é de nossa a fundação. A escolha é motivada porque temos justamente de refundar a Congregação.<sup>318</sup>

### 3. Sobre a renovação

«Meus caríssimos Irmãos, o primeiro passo a dar para que nosso Instituto adquira seu ar pós-conciliar, deve dar-se nas casas de formação... A realidade definitiva da aplicação do Concílio virá da preparação das novas gerações, segundo o espírito e as grandes linhas do Vaticano II... Uma coisa me parece clara: não haverá renovação nem adaptação ou, melhor dizendo, nada de renovação adaptada, se não se revisar e organizar, à luz do Concílio, os problemas das pessoas e dos fatores que contribuem para a formação...

O primeiro ponto de uma formação são os formadores. Devo dizer, da maneira mais séria, a todos os Irmãos Provinciais e a seus Conselhos que não hesitem em colocar à frente das casas de formação os melhores homens da Província, e depois, para completar a equipe, os Irmãos mais promissores. Ao fazer-se a escolha desses homens já se fixa a fase primeira e fundamental da Província...

---

318 Ver: Projeto Comunitário, cap. 6: Da antiga comunidade para a nova, e também o cap. 1.º: Os Irmãos Maristas na corrente da renovação.

O diretor de uma casa de formação deve ser homem que realiza a formação e organiza as casas de formação à luz das orientações do Concílio. É necessário que ele seja não apenas permeável, mas que tenha conhecimento amoroso do Concílio. Mais do que um erudito, é necessário que seja homem animado do espírito que sempre esteve presente no Concílio e que palpita nas páginas dos documentos conciliares.

A formação não é outra coisa do que a consequência da capacidade genética do homem, de seu apetite de gerar e de fazer crescer a vida. O que é verdadeiro na ordem biológica o é também na ordem da transmissão dos níveis da vida humana. Essa transmissão é sempre acompanhada de bondade, de força e de amor, ou mesmo, mais exatamente, em conjunção extraordinária com essas virtudes. Uma geração de verdadeiros pais resolve, pelo fato mesmo, bom número de problemas da juventude. Perante uma geração que despreza seus antepassados, pode-se perguntar se a causa não está em ter ela vivido como órfã desde o nascimento.

Na formação, todos os acontecimentos do dia estão marcados por essa relação genético-educativa, que vai do esporte até a relação mais bela e profunda que é a direção espiritual: relação que, em clima de amizade, de bondade e de amor, leva sempre a crescer, afirmar-se, bastar-se, atingir a idade adulta e conquistar a verdadeira liberdade». (Cf. Meditação em voz alta, p. 363, 391, 396, ...Conferência de encerramento da Conferência Geral de 1971, pp. 452-453. Circulares, volume XXV.)<sup>319</sup>

---

<sup>319</sup> No Apelo à Renovação, A formação do religioso Marista, 8, apresenta os princípios do formador cristão, pp. 15-16. (Província Norte, Espanha, maio de 1973)

#### 4. Para qual renovação?

Acredito que o primeiro resultado a atingir (do Capítulo Geral de Renovação) é uma presença institucional viva no seio da Igreja e em face ao mundo. A instituição e seus membros devem mostrar um gênero de vida puramente evangélico, jovem, livre, vivido alegremente. Essa presença deve ser para o mundo sinal de mistério e de amor que leva as pessoas a se interrogarem sobre o sentido desse fenômeno raro e belo. Ela deve ser para os cristãos um encorajamento em sua peregrinação para o Pai, em meio às suas dificuldades e tentações, porque ela lhes mostra pelos fatos que o Evangelho não é utopia rentável. Mas para que essa presença seja, para o cristão, ainda mais convincente é necessário saber partilhar suas angústias e viver com entusiasmo a realidade do mistério pascal. É a juventude, vivendo muito especialmente essa santa e nobre insatisfação, que deve achar nos religiosos o modelo atraente desse algo que vale a pena do sacrifício de uma existência e de um compromisso definitivo. Mas para que esse fenômeno possa tornar-se realidade, certas características devem encontrar-se nos novos apóstolos, que serão testemunhas disso. É necessário:

- que saibam buscar e achar na vida comunitária sua satisfação e seu pleno desabrochamento – não na busca de si mesmos, mas na do Reino de Deus e da felicidade dos outros;
- que apresentem o espírito das bem-aventuranças tão oposto à hierarquia dos valores humanos;
- que tornem visíveis os frutos do Espírito, que demonstram a fecundidade do Cristianismo no mundo.

O mundo necessita de pessoas que amam, que estejam libertas e disponíveis. (Circ. 2 de janeiro de 1968, pp. 641-642.)

## 5. Os apelos do mundo

Aquilo que quero dizer é que o fundo da mensagem (da Circular) não é ascese,... mas, caridade. É a mensagem de um cristianismo dinâmico, audacioso, criativo, capaz de tornar nossos Capitulares e todos os Irmãos mais receptivos aos apelos do mundo e da Igreja conciliar, e mais dóceis em sua resposta...

O perigo que nos ameaça é este: nós somos apaixonados pela discussão de questões, que ousaria chamar de domésticas, vamos nos esgotar e empregar meses do Capítulo para resolver detalhes de regulamento ou de vestuário, e parlamentar sobre concessões,... esquecendo de refletir seriamente sobre o que fazemos e devemos fazer para que toda a Congregação se comprometa a fundo neste momento histórico exultante, que é o nosso, em que vibram os apelos urgentes e angustiantes.

O nome desses apelos hoje é, com efeito: Vontade de Deus...

Esse feliz elã que impele todos os Capitulares a querer dar à vida comunitária toda a profundidade e a efervescência de seiva que se manifesta e que existe no coração dos Irmãos em estado de voto, de desejo e de esperança, é necessário que não se limite ao «*quam bonum et quam jucundum habitare fratres in unum*».

Não, o amor de Cristo nos compele a não nos fecharmos no gozo de uma vida comunitária, por mais doce e agradável que seja, mas a fazer deste entusiasmo inicial de nosso Capítulo o ponto de partida para uma abertura ao drama do mundo que nos cerca.

A ascese, o diálogo com Deus, a vida fraterna, são três grandes forças que impelem à oração e ao zelo autêntico, desenvolvendo o amor, porque o amor, quando verdadeiro, sofre por não ser efi-



caz, perante as necessidades dos que amamos. (Circ. 2 de janeiro de 1968: Um Capítulo para o mundo de hoje, pp. 161-164.)

## **6. Estar presentes nas encruzilhadas do mundo e do tempo.**

Tornar-se ilha no meio das correntes modernas ou encerrar-nos em muros de escola, para dedicar-nos a uma tarefa exclusiva, não é solução adequada. Sem deixar de lado o que nos é próprio, devemos esforçar-nos para viver em contato permanente e imediato com os centros do pensamento social, com os organismos estabelecidos para o desenvolvimento dos povos, com as instituições de Pedagogia, de Catequese e de Pastoral, com os apóstolos do mundo social, com os centros de formação dos militantes, com os grupos de líderes, e, sobretudo, aproveitar ao máximo as pesquisas, os planos e os documentos já existentes. Enfim, trata-se de estar presentes e ativos nas encruzilhadas de nosso mundo e de nosso tempo... Visto que temos um trabalho imenso a realizar em nossa missão específica e exclusiva de educadores, a fórmula estreita de escola ou de colégio tradicionais se encontra ultrapassada e exige profundas transformações, talvez, o emprego de meios estranhos a esse trabalho. Não há motivo de nos espantar, se os meios que permaneciam bons até os últimos tempos e que, nas mãos dos Irmãos de outrora foram muito eficazes e produziram frutos maravilhosos, devem, hoje, ser submetidos a séria revisão e a profundas modificações...

Essa revisão, evidentemente, não coloca em causa nem a existência nem, menos ainda, o valor propriamente dito das instituições educativas livres e católicas. O Concílio falou disso de maneira clara... Que contrassenso não seria, então, quando justamente, temos uma afirmação oficial do Concílio sobre a atualidade e o grande valor da escola católica, sugerir-nos a ponto de entrar em crise, a respeito da autenticidade de nossa missão...

Uma coisa é certa: a escola deve ser nossa primeira atividade, mas parece também que não deve ser o único trabalho dos Irmãos e não convém que seja. (Circ. 2 de janeiro de 1968: Os apelos da Igreja e de nosso Fundador ao Capítulo, pp. 354-357, 1.º de novembro de 1968.)

### **7. A forma pós-conciliar da vida marista**

Um retrospecto sobre o Capítulo Geral nos mostra o que fizemos e como o fizemos. O que fizemos, o fizemos bem, e até muito bem... Ao observar como o fizemos, acredito que, perante um Capítulo Geral que nos chama a uma mudança de importância mais ou menos considerável, os Irmãos se situam num ponto X numa escala que vai, depois da resistência e da precaução, até à convicção profunda de que é necessário mudar, mesmo com audácia. Parece-me que minha posição no momento do Capítulo era «mediana», dominada mais pela precaução. Devo dizer hoje que cada dia vejo com maior clareza de que maneira a mudança se impõe, mas mudança que dê resposta dinâmica ao Evangelho, ao carisma e à história, e pressinto que jamais atrairemos a juventude com atitudes conservadoras e fórmulas de prevenção. Sinto crescer em mim, com força irresistível e espontânea, a decisão de apoiar, nos limites de minha autoridade e no plano da colegialidade, o aproveitamento leal, o desenvolvimento e a realização da forma pós-conciliar e pós-capitular da vida marista.

Aguardo de vocês também, Provinciais, que saibam, nos momentos de oração, perscrutar o Espírito para perceber seus impulsos... O importante é que o sopro venha do Espírito e que saibamos descobri-lo em tempo. Permito-me voltar sobre este ponto, porque no dia em que a Vida Religiosa renunciar a viver do Espírito, para nutrir-se somente de um «texto que se repete»,

terá renunciado não apenas à substância cristã, que é o caminho vivido na santa liberdade dos filhos de Deus, mas também a seu caráter próprio no seio do povo de Deus, isto é, à sua natureza carismática. (Meditação em voz alta, pp.348-349, 353.)

### **8. A problemática mais séria: os clamores do mundo**

Assim, pois, esta quarta parte (da Circular), quer ser vigorosa badalada, apelando para nossa generosidade capitular a ultrapassar o nível honesto de um Capítulo ordinário e atingir, graças à envergadura dos pontos de vista, os resultados de um Capítulo realmente extraordinário, de um autoexame, não apenas de ordem interna, mas estendido às questões exteriores, isto é, enfrentando a mais séria problemática e a mais grave que se põe à missão histórica de nossa geração e da Igreja no mundo hodierno, problemática e missão a que nosso coração não pode ficar alheio nem nosso agir ausente sem pecar gravemente contra a caridade e sem espantar profundamente e até escandalizar os homens de boa-vontade.

Em nossa condição, falar em testemunho de vida sem que inclua também testemunho de ação, é evadir-se da realidade... Recordamo-nos da reação de nosso Fundador, quando lhe disseram que certo Irmão deixara partir um pobre sem o socorrer. Com que ansiedade desejaria ele, hoje, perante o apelo do Concílio e as profundas necessidades do tempo, que este pobre coletivo do 20.º século, que se apresenta nas portas de nosso Instituto, não apenas receba o que realmente podemos dar-lhe institucionalmente, mas possa descobrir a fonte profunda de onde provém: sim, que nosso dom lhe revele um amor verdadeiro de nossa parte; que nesse amor ele adivinhe a autenticidade do dom que fizemos de nós mesmos; e que esse dom de nós mesmos o introduza ao conhe-

cimento da própria morte do Cristo, de quem somos os pés e as mãos, votados ao serviço dos seres humanos. (Circ. 2 de janeiro de 1968: Um Capítulo para o mundo de hoje, pp. 166-167.)

### **9. Ser homens de nosso tempo**

É com imenso respeito à pessoa dos que educamos e com a única convicção de que, por nosso trabalho, os colocamos no bom caminho da verdade, do bem e do desenvolvimento dos valores autênticos, orientando-os para Cristo, Caminho para o Pai, Sacramento do Pai e verdadeiro realizador da vida, é, repito-o, somente nessa convicção que os convido a tomar novamente consciência do que somos e do que fazemos. Não quero, em absoluto, provocar uma crise de identidade institucional, mas antes, numa nova iluminação, reafirmar nossa ação e procurar torná-la mais ampla, mais profunda, mais generosa. É numa óptica de confiança que, sem receio, solicito ao Capítulo uma séria revisão perante o mundo de hoje...

Devemos ser homens de nosso tempo e para o nosso tempo; sensibilizar vivamente a consciência de nosso momento histórico; permanecer no diálogo e na comunhão que a Igreja estabelece com o mundo e particularmente estar à escuta para descobrir os sinais de nosso tempo...

Somente com a condição de nos compenetrarmos intimamente do espírito do Senhor e do espírito evangélico é que poderemos nos adaptar aos sinais dos tempos e dar as respostas adequadas. (Circ. 2 de janeiro de 1968: Um Capítulo para o mundo de hoje, pp. 280-283.)

### **10. Uma reforma se faz vivendo-a**

Nós nos encontramos abaixo do nível máximo, considerado pelo Concílio, no qual a caridade vivida em comum possa tor-

nar-se fecunda. Entre o ideal e a realidade – e isso não se refere somente a nós – há grande distância. Problema de generosidade, mas também de circunstâncias. A vida moderna complicou, especializou e exteriorizou a existência de tal forma que os cristãos, e portanto os religiosos, estão presos em enorme rede de condicionamentos, de relações e de interdependências, e o verdadeiro encontro humano, profundo e fecundo, se rarefaz. Com efeito, reduzimos os tempos e as ocasiões de contato; encontramos sucedâneos superficiais e sem autenticidade, acrescentamos tarefas e ocupações, às vezes, bem pesadas, que nada têm a ver com a vida da comunidade.

Não insistamos e acrescentemos simplesmente que é indispensável premunir-se contra um erro muito comum, que consiste em crer que as coisas se arranjam e se reformam à força de palavras e de escritos. Uma reforma somente se faz vivendo-a, nunca antes de vivê-la; todo o resto é lirismo. Evidência curiosa: há questões cuja realização prática é inversamente proporcional à preocupação que se tem com elas: à medida que se multiplicam as publicações, as conferências, as mesas-redondas, os congressos, etc., sobre a teoria, a prática diminui. Há para certas pessoas e mesmo para muitas, talvez, a ilusão compensatória ou evasão. Falar do assunto lhes proporciona boa consciência. (Circ. A Vida comunitária, pp. 201-202.)

### **11. Mudança inevitável, mas que mudança?**

Podemos assistir a uma transformação da Vida Religiosa, não no essencial, mas no acidental; não em seu aspecto evangélico, mas em seu aspecto cultural. Assistimos ao despojamento de suas formas precedentes e à sua «formulação» nova. É por isso que me pareceu que a expressão «missão» era incompleta e que

deveria ser completada por aquela de «parto». Esta noção faz referência ao dinamismo dos carismas institucionais e à fecundidade interna da Vida Religiosa. Acho-a muito expressiva, sobretudo porque ela nos apresenta um dilema: quando a mulher está para dar à luz, ou ela dá à luz uma criança ou então morre. E a Vida Religiosa de hoje, acredito, ou ela gera sua forma nova, ou ela morre. Não seria incoerente aplicar aqui à Vida Religiosa o que um bispo dizia, há muito tempo, a um grupo de conservadores: «Vocês conhecem pouco o processo histórico. Não temos escolha entre a mudança e a não-mudança, mas antes entre mudança com significado cristão e mudança com significado não cristão. Vocês estão em erro porque não querem mudar. É isso que não é cristão!».

Na Vida Religiosa, o problema se apresenta da maneira seguinte: nós, superiores, ou sabemos nos servir de nossa situação e de nossas funções para que a mudança se faça na mais pura fidelidade ao Evangelho e ao Fundador, ou aceitamos o risco que a mudança, hoje inevitável, encontre um caminho que nos afaste do Evangelho e do Fundador. Neste último caso é a morte em pouco tempo. (Meditação em voz alta, pp. 346-347. Julho de 1971.)

## **12. Que espírito nos conduz?**

Mas ainda mais grave, talvez, é a perda de certa qualidade espiritual. O que se tornou a vida de oração na Vida Religiosa? Primeiro como verdade interior e depois como «exercícios de piedade» introduzindo verdadeiramente a um diálogo com Deus...

Nossa vida consagrada desempenha o papel de fermento no mundo, ou, pelo contrário, deixou-se mundanizar? A densidade evangélica que a consagração comportava, não se evaporou?

O que é feito do mistério da cruz em nossa vida? Enquanto encontra lugar central, por exemplo, na teologia do protestante Moltmann, não é ele relegado a um lugar muito secundário na vida prática de muitos religiosos católicos?...

Será que tentamos «evangelizar» nosso uso dos bens, nossa maneira de administrá-los? Nossa concepção da lei, das instituições, das estruturas, tornou-se mais verdadeira ou somente mais tagarela?...

Qual a qualidade de nossas relações com o mundo de hoje? Temos sido muito adolescentes em relação aos institutos seculares, nesse domínio, durante certo período. Eles foram habituados a trabalhar como fermento no seio da secularização...

Quais são nossas relações perante o ecumenismo, perante os outros credos? Pode-se muito bem, por exemplo, apreciar cada vez mais os valores do Islamismo e, ao mesmo tempo, tornar-se cada vez mais discípulo do Cristo. Pode-se, pelo contrário, estabelecer contatos tão superficiais que fazem evaporar o sentido cristão... Aliás, a verdadeira questão é: Que espírito te conduziu? Nos conduziu? continua a nos conduzir? (Circ. Projeto de Vida Comunitária, pp. 13-16.)

### **13. Evangelizar a comunidade**

E o que há por fazer? Em primeiro lugar, abrir a comunidade ao amor do Pai, no Cristo, não vivendo apenas à base de virtudes morais, mas profundamente da Palavra de Deus e da vida de Jesus, sob o sopro do Espírito. Em outros termos, devolver à Vida Religiosa e a cada um de seus elementos essenciais a densidade evangélica que teve no Fundador e nas origens, antes mesmo de ela se cristalizar numa tradição...

É necessária nova regularidade, que não será menos exigente, porém mais dinâmica do que a de outrora. Recordemos o que São Paulo diz aos Gálatas (5,3) que não querem compreender a lei da liberdade: «Atesto a todo homem que se faz circuncidar que está obrigado a praticar a lei integralmente». Transpondo: «Se não quiserem ir adiante, entrando seriamente no que será o projeto comunitário, então, retomem a estrita observância da Regra de outrora».

Por mais lastimável que seja, o movimento integrista tem pelo menos uma notável coragem no retorno à ascese e à disciplina de antanho. Não será a lastimável tibieza, que não se compromete com nada, que lhe poderemos opor, mas um fervor completamente novo; tampouco gente que diz: «Deus não exige tanto», mas gente que sabe que Deus pede tudo, a cada nova época.

Com pessoas dessa têmpera, sim, poder-se-á visar a uma metamorfose das comunidades. Não se realizará num dia. Entraremos nisso como pioneiros, com audácia e paciência. (Circ. Projeto de Vida Comunitária, pp. 25-27.)

#### **14. Uma vontade integral de evangelização**

Prosseguir o que já foi iniciado, encher as lacunas mais importantes, eis, portanto, o que nos é pedido e que será matéria de nossa conversão ao Evangelho, porque se trata realmente de acordar para uma vontade integral de evangelização.

O mundo nos escapa das mãos – não a nós, com certeza, o que importaria isso! – mas à Igreja. O mundo se descristianiza, isto é, não tem mais Cristo como referência, ignora-o, não o invoca mais, não vive mais de sua vida.



É possível que o futuro da Igreja esteja numa diáspora de pequenas comunidades de fé, afogadas num mundo secularizado e ateu, e que seja necessário passar por esse deserto ou inverno. Isso, porém, não é consolação muito fácil que nos inventaram os teólogos ou os sociólogos...

Isso nos deveria sensibilizar na dupla dimensão da evangelização: não ler o Evangelho de maneira etérea, fazendo abstração de sua dimensão social, mas não reduzi-lo a um manifesto de justiça social e de apelo à revolução, quando uma glaciação espiritual já entorpece toda uma parte do planeta, onde a fé se extingue.

Nossa Congregação, não esqueçamos, foi fundada para evangelizar, catequizar um mundo que se havia parcialmente secularizado numa onda de deísmo ou no ateísmo sob os assaltos da Enciclopédia e dos filósofos, depois das leis revolucionárias... Houve um desmoronamento dos valores religiosos e dos homens religiosos, que precedeu a Revolução e lhe permitiu colher furtos já maduros. Sem dúvida, uma resistência viria em seguida, mas muito tarde, e se deveria ver, a posteriori, o que se poderia ter evitado. (Circ. Projeto de Vida Comunitária, pp. 30-32.)

### **15. A assinatura nas Constituições**

O Capítulo Geral de 1985 teve, entre os objetivos mais importantes, a elaboração e a aprovação das Constituições e dos Estatutos. O Irmão Basílio e eu trabalhamos no capítulo 2: a Consagração. Lembro-me de duas intervenções significativas do Irmão Basílio nos trabalhos da comissão. Elas denotavam sua visão do futuro e da novidade da Vida Religiosa, como também sua profunda sensibilidade humana.

Ele dizia que o Instituto ainda não estava pronto para a obediência da comunidade, e que o artigo 43 das Constituições continuaria a ser um desafio. Uma coisa era a obediência da pessoa, e outra, aquela da comunidade. As comunidades, as Províncias e o Instituto deveriam tender a isso e educar-se para ela. Essa busca é difícil, porque a obediência da comunidade, na busca e na realização da vontade de Deus, exige discernimento, espírito de fé, escuta da Palavra, fidelidade ao carisma do Instituto, interpretação adequada dos sinais dos tempos, contemplação e renúncia aos interesses das pessoas e dos grupos.

Mas o que mais atraiu a atenção dos membros da comissão foi o fato seguinte. Quando esse capítulo 2 das Constituições estava praticamente acabado, houve Irmãos que tiveram a audácia de dizer que o conteúdo desse capítulo era para os santos, para os perfeitos e não para homens imperfeitos, peregrinos a caminho da santidade. Ao capítulo faltava certo realismo da vida dos homens, que têm seus limites, suas fraquezas e também sucumbem às tentações. Dito na comissão, isso não teve muita repercussão, exceto para Basílio.

Alguns dias depois, em nova reunião da comissão, o Irmão Basílio apresentou a proposição de que um artigo suplementar fosse acrescentado ao capítulo. Depois de discutido, emendado e aprovado, foi posto no fim do capítulo, com um título diferente dos demais artigos, como se pode verificar.<sup>320</sup> Tratava-se do coroamento de todo o capítulo e de respostas às preocupações manifestadas. O artigo reconhece os recuos, as hesitações, a dúvida, a tibieza, a secura do coração, os desvios à procura de falsas

---

<sup>320</sup> Trata-se do artigo 46 das Constituições.

consolações próprias da natureza humana. Diz também como superá-las para sair vencedores. O Instituto deve esse artigo à sensibilidade do Ir. Basílio, grande conhecedor da alma humana. (Depoimento do Irmão Roque Ari Salet, feito em Roma, 24 de abril de 2002.)

### **16. Basílio, homem de seu tempo?**

Diria que era homem de seu tempo, extraordinário. Conhecia melhor do que ninguém os sinais do tempo. Foi colaborador do Padre Lombardi no Movimento por um Mundo Melhor. Nesse trabalho dedicou muito de suas energias no Chile, onde se fez muitos amigos, pregou retiros e deu cursos a diversos grupos de bispos. Seu coração, aberto às necessidades do mundo, fazia com que suas preocupações o levassem muito além das fronteiras da Congregação.

Tinha uma visão do mundo muito mais ampla do que o comum dos mortais. Em todos os países, queria entrar em contato com as mais altas autoridades do governo, para poder falar com mais propriedade aos Irmãos sobre as realidades sociopolíticas do país em que oferecia sua colaboração apostólica. Gostava também de manter contato com pessoas importantes, conhecedoras da situação da Igreja e da Vida Religiosa. No Brasil, não deixava de visitar a diretoria da CRB<sup>321</sup> e da CNBB.<sup>322</sup> Nas cidades em que dirigia os retiros, sempre visitava as autoridades eclesiais. Lembro-me de que, enquanto ele dava cursos para a Formação dos Superiores e retiros no Rio Grande do Sul, fomos com ele e um bom número de Irmãos visitar o Cardeal Dom Vicente Scherer. Em São Paulo, o acompanhamos na visita ao Cardeal Dom Evaristo Arns.

---

321 Conferência dos Religiosos do Brasil.

322 Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

Sim, era homem com os pés bem-plantados no hoje, mas o coração escrutinava o futuro, para «ajudar a aurora a nascer», como dizia um de seus leitmotiv. (Irmão Cláudio Girardi, depoimento de 18 de dezembro de 2002.)

### **17. A cruz de Basílio**

É difícil dizer. Para mim, uma das cruzes que o Irmão Basílio encontrou foi a falta de sinceridade e mesmo a mentira da parte de certas pessoas. Recordo-me que, quando pregou o retiro sobre a meditação na Província em que eu era Provincial, havia um diretor que se enamorara de uma secretária. O Irmão Basílio tinha-se colocado de acordo com ele para que deixasse o cargo de diretor e fosse a Roma; seguiria diversos cursos e retiros para possibilitar que sua vocação em perigo amadurecesse. No fim do retiro, o Irmão Basílio me chamou e pediu-me fosse ter com o Irmão para resolver a situação e nomear outro diretor. Mas o Irmão afirmou: «Asseguro-lhe que o Superior-Geral não me compreendeu. Nunca fiz as coisas de que me acusam!».

Regressei de ônibus, fazendo um percurso de 800km. Comuniquei ao Irmão Basílio o resultado de minha viagem. Nunca vi o Irmão Basílio tão triste como naquela ocasião. Depois de um silêncio – e então seu rosto deixava transparecer grande tristeza – disse-me: «Que lástima, aquele homem está mentindo, e perante a mentira não se pode fazer nada».

Esse diretor, no mesmo ano, deixou a Congregação e casou-se com a secretária.

Outra cruz do Irmão Basílio foram as defecções de muitos Irmãos por motivos fúteis. Ele próprio ajudava a saída dos que não tinham vocação. Homem que amava profundamente o Instituto

e tudo fizera para conduzir os Irmãos a uma grande Fidelidade, devia sofrer profundamente com a diminuição sentida, sobretudo, pelas saídas. Não duvido de que, como Champagnat, sofresse pela saída de cada Irmão..

Essas defecções pesam sobre o coração de um Provincial... Durante vários anos houve saídas cujo total correspondia a uma Província. É doloroso. Você pode imaginar como isso deveria repercutir no coração de um Superior-Geral tão sensível, tão delicado e generoso como o do Irmão Basílio. (Irmão Cláudio Girardi, depoimento de 18-12-2002.)

**3**

**BASÍLIO,  
O IRMÃO.**

Esse título orienta o olhar para Basílio como irmão, no sentido mais humano do termo, como uma realidade de família e não como título religioso. Entretanto sua maneira de viver restitui ao título religioso seu conteúdo mais verdadeiro, seu sentido ideal.

Sua fraternidade, sob a inspiração da fé, é amizade muito humana: ela é presença, escuta, respeito, promoção, verdade, retidão, simplicidade, fidelidade, alegria. Tinha o dom do encontro e da amizade. Esse aspecto de sua pessoa impressionou muito os que trabalharam com ele. São numerosos os depoimentos. O livro *El Estilo de uma Vida*, da página 10 à página 28, reagrupa os testemunhos sob títulos significativos: coração magnânimo; homem de apoio incondicional; bondade pródiga; simpatia transbordante. Ao percorrer essas páginas obtém-se uma colheita de termos que expressam a humanidade de Basílio: cordialidade, atenção, alegria, amor, delicadeza, compreensão, reconforto, senso de afeição, simpatia, franqueza, abnegação, simplicidade, serviço, ajuda, impressão de ser valorizado, preocupação maternal, proximidade, afabilidade, humanidade, sinceridade, amabilidade, liberdade, humor, capacidade de acolhida, franqueza, modéstia... Estamos perante uma pessoa possuidora de coração excepcionalmente rico.

Foi uma das razões de sua eleição como Superior-Geral. As testemunhas de 1967 nos dizem. Os Irmãos da América Latina e os da Espanha, que puderam conhecê-lo antes da eleição de 1967, o tinham em elevada estima. Ao apresentar Basílio como líder, exploramos bastante a revista *Norte Marista*, de outubro-novembro de 1967. O depoimento de seus amigos mais próximos nos recordaram sua humanidade.

O antigo Secretário-Geral, Irmão Joannès Eugène<sup>323</sup>, é pródigo em elogios: “O Irmão Basílio Rueda distinguiu-se, desde o início do Capítulo, por um conjunto de qualidades que atraíram a atenção de todos os Capitulares: simplicidade nobre, afabilidade cordial, perfeito autodomínio... Tudo isso supõe grande espírito sobrenatural, que somente se consegue por uma vida de oração intensa e na meditação assídua do Evangelho”.<sup>324</sup>

Essas poucas linhas nos introduzem no universo do coração de Basílio que podemos explorar mais ainda.

## 1. Ele tinha o dom da amizade

Muitos reconhecem, em tons múltiplos e calorosos, que a amizade fazia parte da natureza de Basílio: por princípio, era amigo; suas relações com os demais partiam desse estado de alma. Ele próprio nos esclarece sobre a interioridade de sua natureza quando escreve: «A mola das molas da vida comunitária é o amor verdadeiro e a capacidade de gerar amizade, de ir balizando com amigos o caminho da vida». <sup>325</sup> Muitos extratos de circulares, referidos no livro Basílio Rueda, outro Champagnat, deixam transparecer no título essa natureza generosa. Aqui vão alguns deles: *Ler no código do amor*.<sup>326</sup> *A Vida Religiosa se vive na etapa da generosidade e da magnanimidade*.<sup>327</sup> *Aprendemos o amor na escola de Deus*.<sup>328</sup>

---

323 O Irmão Joannès Eugène Minot foi Secretário do tempo do Ir. Charles Raphaël, 1958-1967.

324 Orientaciones, outubro de 1967, p. 521.

325 Circ. Vida Comunitária, p. 176.

326 Basílio Rueda, outro Champagnat, p. 23.

327 Basílio Rueda, outro Champagnat, p. 29.

328 Basílio Rueda, outro Champagnat, p. 65.



*Deixar que os olhos traduzam a simpatia.*<sup>329</sup> E todas as cartas que asseguram a amizade e expressam a ternura.

Um ano antes do fim de sua vida, em Loma Bonita, festeja-se seu jubileu de ouro. O Irmão que profere o discurso de felicitações ressalta: «Há duas coisas que não podemos ignorar: tua paixão por aquilo que é Marista, e o aspecto humano de tua linguagem e de tuas ações... Nós, que te conhecemos, sabemos que julgas com prudência, pedes o que é possível, simpatizas com o que é reto e prodigalizas tua amizade a todo o mundo...».<sup>330</sup> Os noviços, que vivem com ele, o recordam em termos semelhantes: «Um Irmão entre os Irmãos; soube trazer a alegria e o bom espírito, sempre se esforçou para nos fazer viver em ambiência de família... Um Irmão atento às necessidades dos outros, que não media esforços quando se tratava de nosso bem... Um Irmão, cuja característica de simplicidade tem-se prazer de evocar... Basílio era nosso Irmão, era Irmão de relacionamento caloroso. Todas as vezes que se entrava em contato com ele fazia-se a experiência de sua atenção amável e sempre disponível».<sup>331</sup> Os discursos feitos por ocasião das cerimônias fúnebres voltam também sobre essa simpatia espontânea que emanava de Basílio. O Irmão Charles Howard recorda: «Nossos documentos falam do Superior como de ‘um Irmão entre os Irmãos’, e o Irmão Basílio foi exemplo disso para todo o Instituto. Seu amor aos Irmãos e seu relacionamento com eles tornaram-se legendários, foram fonte de bênção para muitos».<sup>332</sup> Seu médico particular, o Dr. Calleja, partilha este parecer: «No plano humano era pessoa extraordi-

329 Basílio Rueda, outro Champagnat, p. 81.

330 Queimar a Vida, p. 285.

331 (Um grupo de seus noviços, em FMS-MENSAGEM, n.º 19, p. 49)

332 (Irmão Charles Howard, S.-G., FMS-MENSAGEM, n.º 19, pp. 24-26.)

nária que irradiava calor. Era pessoa muito próxima, calorosa e muito afável...».<sup>333</sup> Seu amigo, depois seu Conselheiro-Geral, o Irmão Arturo Chávez de la Mora, o recorda assim: «Tinha grande delicadeza nas relações com os outros. Soube desenvolver rica sensibilidade, que o tornava cheio de solicitude pelas pessoas. Era amável, atento aos pormenores e de prestimosidade levada ao extremo. Dispondo de um coração muito grande, soube ser ‘amigo universal’...Tinha a arte de conservar e cultivar a amizade». <sup>334</sup> O Irmão Jesús Bayo Mayor<sup>335</sup> permanecerá 18 meses com o Irmão Basílio no Oásis<sup>336</sup>, por ocasião do Curso de Formadores, em 1990-91. Um dos traços que o caracterizam é sua «facilidade nas relações humanas, sua grande simpatia, a capacidade de estabelecer contatos e amizades. Era simples, espontâneo, próximo de todos, familiar, sem fingimento algum». <sup>337</sup> Em depoimento posterior, <sup>338</sup> confirma isso em outros termos: «O que admiro no Irmão Basílio é a arte das entrevistas, sua doçura e compreensão. Notava-se que era pai e pastor... Não foi por nada que, na vida, encontrou milhares de pessoas e escreveu milhares de cartas. Era homem perito em relações humanas, grande conhecedor do coração humano». <sup>339</sup> Arnaldo Braguti, Irmão comboniano, <sup>340</sup> passou diversos meses no noviciado em que o Irmão Basílio era mestre

---

333 O Estilo de uma Vida, p. 136.

334 México Marista, n.º 10, setembro-dezembro de 1996, p. 1.

335 Irmão espanhol que Basílio enviou ao Chile. Emitiu votos perpétuos por ocasião do retiro pregado por Basílio.

336 Nome da residência do Padre Rotondi, junto ao lago Albano, em face de Castelgandolfo, perto de Roma

337 O Estilo de uma Vida, p. 65.

338 Testemunho escrito em Roma em 7 de outubro de 2002.

339 Testemunho de 7 de outubro de 2002, p. 2.

340 Religioso da congregação fundada por São Daniel Comboni.

de noviços;<sup>341</sup> uniram-se por amizade profunda. Recordar-se do amigo como «grande humanista, homem religioso capaz de viver e de santificar a realidade da criação, homem deliciosamente positivo em relação à vida e às relações humanas. Com o Irmão Basílio podia-se passar da baixela à sala de concerto com a mesma impressão de fazer uma ação elegante e agradável».<sup>342</sup> Um de seus noviços afirma: «Tinha o conselho, a palavra e mesmo o gesto apropriado para cada pessoa que ia ter com ele».<sup>343</sup> Outro recorda como foi conquistado imediatamente: «Lembro-me da primeira entrevista com ele. Foi como se nos unisse uma amizade espontânea. Adivinhei que podia apoiar-me nele, que podia confiar-lhe o que tinha de mais precioso: a alma e o coração, como se o tivesse conhecido sempre. Com o decorrer do tempo, esses sentimentos se fortaleceram a ponto de lhe confiar os desejos e sentimentos mais profundos. Não sei se era seu sorriso ou o de Jesus refletido no dele, ou sua atitude cheia de afeto<sup>344</sup> que cativaram minha confiança». Outro se fazia do Superior-Geral a idéia de alguém extraordinário e distante. Em Basílio, descobriu «a pessoa amável e alegre, que gosta de brincadeiras e que é simples».<sup>345</sup> O Irmão Cláudio Girardi, que viveu longos anos com o Irmão Basílio, como Provincial, depois como diretor do Colégio Internacional em Roma e, por fim como Conselheiro-Geral, não cansa de elogiá-lo: «Basílio era mestre em humanidade. Tratava a fundo todos os problemas humanos, fossem felizes ou dolorosos. Preocupava-se com tudo o que era humano. Tinha um coração sem fronteiras. Possuía conhecimento exato do campo afe-

---

341 Basílio seguia seu caso vocacional; *O Estilo de uma Vida*, p. 71.

342 *O Estilo de uma Vida*, p. 71.

343 *O Estilo de uma Vida*, p. 78.

344 *O Estilo de uma Vida*, p. 83.

345 *O Estilo de uma Vida*, p. 85.

tivo. Sabia que a amizade admite graus. Era de abordagem fácil e também facilmente tocava o coração das pessoas. Não era, em absoluto, possessivo nem ciumento. Era amigo que se doava... que criava amizade extremamente respeitosa».<sup>346</sup> De Madri, o Irmão Conrado Trascasa, Provincial do tempo de Basílio, depois seu homem de ligação na capital espanhola, nota que «Basílio suscitava simpatia junto às pessoas que lidavam com ele».<sup>347</sup> Recordamos a opinião do Irmão Borromée Caron, do Canadá, sobre os superiores «inverno» e sobre Basílio, que lhe recordava o verão: «Naquele dia encontrei em sua pessoa um homem simpático, feliz, alegre, comunicativo, fraterno... Basílio era o verão, a doçura, o amor, a simplicidade. Fazia-se tudo para todos».<sup>348</sup> Da Argentina, o Irmão Hilário Schwab o lembra, sobretudo, como Superior e Pastor e como homem pobre. Ressalta «seu comportamento caloroso e simpático e o interesse que devotava a cada Irmão, como a compreensão profunda e clara, humana e espiritual das dificuldades e desejos, e sua sabedoria que faziam dele um diretor espiritual de grande envergadura».<sup>349</sup> No livro *Queimar a Vida*, o capítulo sobre as entrevistas começa com este parágrafo: «O Irmão Basílio foi amigo e confidente de muitos Irmãos e pessoas estranhas ao Instituto. Era capaz de suscitar confiança total desde o primeiro contato: sempre disposto a escutar e a aceitar a pessoa tal como era, quebrando as fronteiras de língua, raça, hierarquia, sem levar em conta méritos ou fraquezas. Tinha sempre palavras de encorajamento, de reconforto, de esperança».<sup>350</sup>

---

346 Depoimento escrito em 18 de dezembro de 2002.

347 Depoimento de 24 de novembro de 2002.

348 Depoimento de 19 de novembro de 2002. O papel conservado é datado de 28 de junho de 1977 e leva uma bela assinatura de Basílio.

349 Depoimento de Natal de 2001.

350 *Queimar a Vida*, p. 234. 75

Esses depoimentos deixam adivinhar a fraternidade de Basílio, rica de todas as componentes, que formam este laço sólido com os outros, que denominamos amizade e que é tanto mais verdadeira quanto mais é amor.

## 2. O amor<sup>351</sup>

Muitas pessoas que se relacionaram com Basílio testemunham essa experiência. Não retomaremos os depoimentos dos Irmãos Seán Sammon, Aureliano Brambila, nem do Irmão Charles Howard, já propostos no capítulo sobre o amor. Mas não faltam escolhas. Quatro dias antes de sua morte, a 17 de janeiro de 1996, o Irmão Bernardino<sup>352</sup> passa a noite com Basílio. Em seu testemunho escreve: «Muitas vezes nas noites em que me encontrava com ele, dizia-me: ‘Que faz você aqui? Vá descansar!’. Quando o deixo de manhã (a 18 de janeiro), para ir ao noviciado de Morélia, disse-me: ‘Diga a todos os noviços que os amo muito, que os amo no coração de Maria e que sejam fiéis à sua vocação’. Depois me deu a bênção».<sup>353</sup> Um noviço confirma a veracidade dessa afeição: «O Irmão Basílio sabia amar a todos nós, como fazia Marcelino, apesar de diferentes como éramos, com nossos defeitos, com nossas idéias particulares; ele nos compreendia a todos, sem exceção; todos nos sentíamos amados por ele».<sup>354</sup> Uma prova comovente desse amor nos é dada pelo Irmão Ermezindo, Ecônomo

---

351 Um capítulo inteiro foi consagrado ao lugar do amor na vida de Basílio; ver o caderno 4. Aqui a insistência é posta sobre o amor humano, antes que no espiritual, embora este seja a alma do primeiro.

352 Irmão da Província da Itália que passou um tempo com Basílio.

353 Queimar a Vida, p. 301.

354 O Estilo de uma Vida, p. 84.

provincial de Portugal. Cometera uma imprudência financeira que lastimava vivamente: «Por telefone, de Roma, o Superior-Geral de então, o Irmão Basílio Rueda, tomou conhecimento do caso e falou com o Conselho Provincial. Depois, uma noite me chamou. Teve comigo longa entrevista. Mostrou-me com afeição e amabilidade a gravidade do caso, a falta e o erro, a desobediência cometida, abraçou-me duas vezes, abraçou-me ainda, deu-me uma pequena penitência, abraçou-me de novo nas duas faces, consolou-me, encorajou-me e declarou-me que a riqueza da Congregação não residia no dinheiro, mas antes de tudo nos seus filhos, nos bons e santos religiosos».<sup>355</sup> No mundo espanhol, o Padre Manuel Portillo<sup>356</sup> foi, sem dúvida, um dos seus mais próximos colaboradores. Juntos percorreram a Espanha e a América Latina para pregar retiros. Deixou um depoimento de várias páginas em que podemos ler: «Quando um Irmão lhe comunicava alguma falta, reconhecendo-a, ou tivesse causado prejuízo ao Instituto, ou causado perdas financeiras importantes, mas involuntárias... o Irmão Basílio o acolhia sempre com cordialidade e serenidade. Era extremamente compreensivo, tinha grande intuição para penetrar e interpretar as manifestações, porque em seu coração havia muito amor... O importante era a vida de cada Irmão. A economia, as estruturas, o tempo, ele próprio, estavam a serviço da vida e das pessoas».<sup>357</sup> Depois de residir muito tempo na Casa Geral, o Irmão Robert Tremblay recorda como eram os regressos das viagens: «De volta, tinha prazer em partilhar com

---

355 Carta do Irmão Ermezindo Pires. Ele fará parte dos amigos íntimos de Basílio e trocará com ele numerosa correspondência.

356 No início de fevereiro de 2003, o Padre Manuel Portillo passou duas semanas na Casa Geral. Confirmou-me de viva voz o longo depoimento que deixou em 1996, por ocasião da morte de Basílio.

357 O Estilo de uma Vida, p. 56.

os Irmãos da Casa Geral a riqueza das experiências que adquirira em suas visitas. Amava todos os Irmãos de maneira concreta; cada um sentia-se amado, como se fosse o único no Instituto». <sup>358</sup> «Havia muito amor no seu coração!», diz o Padre Portillo, e o Irmão Tremblay acrescenta que esse amor era concreto, feito de atenção, de respeito, de serviço, de apagamento de si.

### **3. Atenção às pessoas, respeito, serviços, ausência de egoísmo**

Enquanto estas reflexões estavam ainda em andamento (15 de janeiro de 2003), o Padre Amador Menudo <sup>359</sup> acha-se em visita a Roma, e a conversa remonta às recordações de Basílio. Ele se recorda dos finais das viagens: comprava algumas lembranças para a família, e Basílio o imitava, dizendo que ele também tinha uma grande família, mas todas as lembranças destinavam-se aos empregados leigos da Casa Geral; tinha com eles atenção toda especial. Por ocasião de sua viagem à Terra Santa, em 1986, feita com o Padre Amador, pensou em trazer uma lembrancinha para cada pessoa que trabalhava na Casa Geral. Em outras viagens, o Padre Amador conseguiu dar uma olhada na maleta de Basílio: estava ordenada em duas partes: uma para os papéis, e a outra para um pouco de roupa e presentes. A quantidade de roupa era tão reduzida que o Padre lhe ofereceu várias vezes as próprias camisas, e ele as aceitava com toda a simplicidade, como um pobre – acrescenta

---

<sup>358</sup> O Estilo de uma Vida, p. 17.

<sup>359</sup> O Padre Amador Menudo foi outro grande colaborador de Basílio na pregação de retiros, Vive em Sevilha.

o Padre.<sup>360</sup> Encontramos eco semelhante junto ao Irmão Roland Bourassa, Conselheiro-Geral do Irmão Basílio: «Seu amor para os Irmãos traduzia-se por grande delicadeza, que o convidava a aproximar-se de cada um. Sua caridade era atenção; era inteligência do próximo. Não esperava que lhe fizessem sinal, estava sempre alerta para ajudar, dizer uma palavra de conforto. Sabia fazer-se tudo para todos».<sup>361</sup> – As mães dos Irmãos tinham direito a uma atenção particular. Visitava-as de boa-vontade, sobretudo, se sabia que estavam doentes e, de regresso a Roma, não deixava de enviar-lhes a bênção papal. Já relatamos a carta que escreveu à mãe do Irmão Arthur Dugay, em 13 de maio de 1976, por ocasião da morte de uma das filhas. Carta remetida ao Irmão Arthur, então em Roma, para que fosse levá-la à mãe e fazer-lhe companhia. O Irmão Daniel Roy ao falar de sua amizade com o Irmão Basílio diz: «Interessou-se por minha família, visitou-a antes de sair do Russey. Minha mãe tinha câncer. De regresso a Roma, enviou-lhe a bênção papal e lhe escrevia todos os finais de ano».<sup>362</sup> O Padre Amador Menudo relata um caso semelhante: «Recordo-me de ter-me encontrado com ele na pregação de um retiro, na época de Natal. Sabia que minha mãe era muito idosa. Teve a gentileza de chamá-la ao telefone na noite de Natal para dirigir-lhe palavras de consolação e de gratidão por ter aceitado de separar-se de mim para esse serviço em favor da Congregação».<sup>363</sup>

Era delicado e naturalmente generoso. Em 1976, o Irmão Ricardo Dumrauf, da Província de Luján, Argentina, encontrava-se

---

360 Testemunho de 15 de janeiro de 2003, p. 5 (Redigido em Roma por ocasião de sua estada).

361 Basílio Rueda, outro Champagnat, p. 106.

362 O Estilo de uma Vida, p. 15.

363 Depoimento de 15 de janeiro de 2003, p. 2.



gravemente doente; os rins não funcionavam mais. Basílio propôs doar-lhe um dos seus. Infelizmente, não havia compatibilidade.<sup>364</sup> Um Irmão admira a camisa que ele veste, e lha dá imediatamente.<sup>365</sup> Outro Irmão idoso, deseja realmente uma lembrança pessoal de Basílio e, ao ver-lhe a cruz de profissão, solicita-a. Basílio logo desfaz-se dela e a coloca sobre o peito.<sup>366</sup> O Irmão Alessandro di Pietro relata de que maneira todos os Irmãos que tinham a imprudência de louvar um objeto que viam na mesa do Irmão Basílio o recebiam logo de presente.<sup>367</sup> Três Padres da Sagrada Família desejavam seguir o Curso de Formadores, que deveria se realizar em Roma, em 1990. Basílio lhes faz notar que o Curso está previsto para os Irmãos. Depois, repensando o caso: «A menos que um de vocês vá como capelão!». As aulas, porém, seriam em francês. Isso não foi obstáculo; Basílio achou-lhes um lugar em Paris, para diversos meses de estudo do francês, tudo às custas dos Irmãos Maristas.<sup>368</sup>

A atenção às pessoas, a generosidade, tornavam-se muitas vezes serviços concretos: livros, cassetes, remédios, informações, notas, participação em retiros, sobretudo para as missões que passavam por tempos difíceis, como Moçambique e Angola. Basílio estava naturalmente sempre atento para descobrir as necessidades ou simplesmente os gostos das pessoas e causar-lhes prazer. Para o Ir. Arturo Chávez de la Mora, «servir os outros era seu hobby, sendo sobretudo atento aos que estavam doentes. Em todas as comunidades por onde passou foi enfermeiro, às vezes nomeado pelo diretor, outras vezes, espontaneamente». O Irmão

---

364 Queimar a Vida, p. 203.

365 Queimar a Vida, p. 203.

366 Queimar a Vida, p. 267.

367 FMS-MENSAGEM, n.º 19, maio de 1996, p. 45.

368 Queimar a Vida, p. 268.

Alfonso Falchetto, do Brasil, se lembra como Basílio o acolheu no Escorial, em 20 de agosto de 1967, poucos dias antes do início do Capítulo: «As atenções, a delicadeza, a acolhida fraterna; nele o espírito de serviço era extraordinário, assim como sua inteira disponibilidade».<sup>369</sup> Um grupo de Irmãos visitava a Casa Geral. Era inverno. Basílio, que os guiava, bem depressa notou que um Irmão estava com roupa leve; desapareceu por alguns instantes, depois regressou com roupa quente; pediu que a guardasse enquanto tivesse necessidade.<sup>370</sup> Um jovem noviço tinha feito alusão às castanholas de Espanha, fez-lhe vir um par das melhores. «Sempre se esforçava para nos servir – diz outro noviço – qualquer que fosse nossa necessidade. Era sempre o primeiro a encontrar o que nos era necessário».<sup>371</sup> Outro confessa que se dirigia a ele nos menores problemas: «Eu sabia que ele deixaria o trabalho para ocupar-se de mim Era uma de suas virtudes: ajudar os que fossem ter com ele, imediatamente, não importando a hora e o momento».<sup>372</sup> Com efeito, encontramos aqui o lado humano do amor que tinha para com Deus, e que Deus tinha para com ele. O texto que segue já foi citado, mas é tão belo: «Quem conheceu o fascínio do amor de Deus sabe que não se pertence. A alma, com efeito, não pede, ela se doa, e desse dom nasce a grande intuição: a vida só vale a pena ser vivida, se a gente ama incondicionalmente... Quando o amor de Deus irrompe numa vida, desencadeia um tipo de amor que faz perder a medida razoável. O Tu de Deus e do próximo predomina tudo. A morte prematura é o destino de um amor que se condensa no tempo. O amor quer doar-se, queimar sua vida».<sup>373</sup> Esta afirma-

---

369 Orientaciones, outubro 1967, p. 524.

370 O Estilo de uma Vida, p. 15.

371 O Estilo de uma Vida, p. 87.

372 O Estilo de uma Vida, p. 85.

373 Queimar a Vida, p. 305 (Entrevista J.M.V. p. 162).

ção: «O Tu de Deus e do próximo predomina tudo», caracteriza Basílio. É a luz que nos permite compreender por que ele achava a força de velar os doentes de noite e lhes procurar tudo o que fosse possível; por que respondia a todas as cartas; por que impunha às suas viagens desvios contra todo o bom-senso econômico e por que lhe era possível viver um de seus grandes princípios que «a pessoa é um absoluto», e o amor é um débito à pessoa, não um objetivo. Sua fraternidade era um grande respeito do outro, o reconhecimento do outro, enquanto pessoa, enquanto absoluto.

Dois outros componentes emergem de sua amizade: a ausência total de egoísmo, e a valorização do outro. Alguns testemunhos bastarão. O primeiro chega da Colômbia e vê Basílio: «Servir os outros, sorrindo, e sem dar-lhes a impressão de serem servidos; trabalhar com método e intensidade; sacrificar mesmo o repouso mais legítimo e mais necessário; irradiar luz, reconforto, ideais, nos contatos pessoais, prolongados e sempre amáveis com seus numerosos dirigidos».<sup>374</sup> Encontramos o segundo sob a pena de um francês: «O Irmão Basílio conhecia o homem até nas maiores misérias e se fazia tudo para todos. Possuía, em grau raramente encontrado, o amor pelo Irmão, a ponto de ser capaz de morrer para salvá-lo, entregando-se a si próprio e, ao mesmo tempo, testemunhando o amor de Deus, como fazia Jesus».<sup>375</sup> É também o que diz explicitamente o Irmão Miguel López: «Acredito que seria difícil achar no Irmão Basílio a busca de si mesmo, de seus interesses, de suas comodidades. Não tinha absolutamente o tempo de se comprazer de maneira alguma em si mesmo, porque sua

---

374 Victorino Erloz, *Ecos de Columbia, O Estilo de uma Vida*, p. 12.

375 (Irmão Camille Gros, em *Estilo de uma Vida*, p. 14).

preocupação era o Reino». <sup>376</sup> O apagamento de si mesmo deixa todo o espaço ao outro, que é sempre valorizado. É aquilo que o Padre Manuel Portillo reconhece: «Ele queria que os Irmãos fossem abertos, comunicativos; cuidava dos menores detalhes – as pequenas virtudes do Padre Champagnat – reconhecia o valor de cada Irmão, de cada carisma. <sup>377</sup> ... Apreciava tudo o que era positivo, o lado ensolarado da vida das comunidades, dos Irmãos e da Igreja». <sup>378</sup> O Irmão Victorino de Arce <sup>379</sup> conheceu isso desde o Escorial e até seu último ano, no México. Lança sobre ele este olhar: «Para mim, era o homem sábio, respeitoso da liberdade alheia, atento até nos pormenores. A amabilidade me parece um dos traços distintivos desse mexicano alegre...». <sup>380</sup> O Irmão Jesus Bayo Mayor fica próximo desta visão: «Ele possuía grande capacidade de admirar, de descobrir e de louvar o que houvesse de positivo nos demais; fixava-se sobre as coisas boas, sem desconhecer as faltas e os limites». <sup>381</sup> O Padre Jaime Zudaire, capuchinho, viveu em Roma sete anos, de 1974 a 1981. Escreve: «Não sei o que pensam os Irmãos Maristas; eu, porém, sempre o vi apreciar e fazer elogios às qualidades de cada Irmão e solicitar a colaboração de todos». <sup>382</sup> Seus noviços guardam esta impressão: «Era pessoa que não impunha durante entrevistas: sabia escutar e respeitar profundamente o que a gente sentia, o que se vivia, dava sempre

---

376 O Estilo de uma Vida, p. 61.

377 O Estilo de uma Vida, p. 58.

378 O Estilo de uma Vida, p. 57.

379 Irmão da Província de Madri, um dos mais abundante em testemunhos e de estilo colorido. Em 17 de fevereiro de 2003 remeteu um pacote de cartas que Basílio lhe escreveu. Descobrimos que Basílio era seu diretor espiritual.

380 O Estilo de uma Vida, p. 22.

381 O Estilo de uma Vida, p. 64.

382 O Estilo de uma Vida, p. 68.

um conselho sábio, depois te deixava refletir...». <sup>383</sup> Um afiliado ao Instituto, <sup>384</sup> confirma esta impressão geral: «O Irmão Basílio foi Marista achegado, aberto a tudo e a todos, com grande respeito para as pessoas, sabendo escutar. Foi homem de oração com visão muito clara de serviço a respeito dos Irmãos». <sup>385</sup> Assim, as pessoas que se abriam ao Irmão Basílio achavam-se imediatamente no caminho de sua fraternidade, de sua amizade; sentiam-se escutadas, compreendidas, respeitadas, valorizadas. Como dizem os noviços: «ele não impunha!»; perante a pessoa humana, com seus mistérios profundos, Basílio fazia-se humilde, apagava-se para que o diálogo verdadeiro se estabelecesse entre a pessoa e Deus.

#### 4. Simplicidade, alegria, equanimidade, entusiasmo.

Fazer alusão à humildade na essência da fraternidade de Basílio é recordar o grande número de depoimentos que afirmam a simplicidade, a alegria que criava ao seu redor, o entusiasmo que tinha a respeito da vida e de tudo o que era bom. Faz esta confiança: «Não sou homem fácil a comover, em contraposição, alegro-me e sinto vivamente as coisas». <sup>386</sup> Sua fraternidade era tanto mais aceita por ser simples, alegre, entusiasta. Saía-se de um encontro com ele revigorado, como se tivesse colocado um pedaço de seu sol no coração. Olhando o jovem Basílio, o Irmão Leôncio <sup>387</sup>

<sup>383</sup> O Estilo de uma Vida, p. 80.

<sup>384</sup> Sr. Augustin García Blanco, de Venta de Baños, Espanha.

<sup>385</sup> O Estilo de uma Vida, p. 131.

<sup>386</sup> Mensagem por ocasião da abertura do Congresso Marial. Viamão, 16 de janeiro de 1982, p. 2.

<sup>387</sup> O Irmão Leoncio Martín foi quem recrutou Basílio, depois será seu Provincial, se tornará Vigário-Geral do tempo do Irmão Charles Raphaël.

o recorda como «um jovem ordenado, jovial, muito comunicativo, um pouco levado e, por vezes, pregando aos companheiros peças que, entre alunos, criam alegria sadia. Era amigo de todo o mundo. Foi a jovialidade que sempre o caracterizou. Mesmo no noviciado, nos momentos de recreio gostava de pregar peças aos coirmãos, que sabiam dar-lhe o troco.<sup>388</sup> Esses aspectos de Basílio foram confirmados pelo Irmão Arturo<sup>389</sup> que diz: «Era muito simpático e amável. Sempre foi causa de alegria e promotor do espírito de família na comunidade, e seu espírito jovial o levava muitas vezes a pregar peças de bom gosto aos confrades. Suas peças ficaram célebres».<sup>390</sup> Em carta a Basílio, o Irmão Leônidas, um de seus grandes amigos e que tinha sido seu Superior, diz-lhe: «Há muito azul em teu céu». Isso devia ser verdade porque sempre procurou tornar azul o céu dos outros. É pelo menos a impressão do Irmão Gabriel Michel: o fato de ter convivido com o Irmão Basílio permitiu-lhe ser homem mais livre, mais pacificado.<sup>391</sup> Acrescenta: «Doava-se a todo o mundo, estava sempre disponível... Entre seus amigos havia gente de outras religiões, de outras concepções sociais. Era o homem de diálogo».<sup>392</sup> O coração sem pretensões, o homem simples vive sem preconceitos e deixa às pessoas os trunfos de que dispõem, espontaneamente ele é irmão universal. Se é o coração que é simples, não nos admiraremos de vê-lo com tanta

---

388 Norte Marista, outubro-novembro de 1967, testemunho que vai das páginas 1185 a 1188. Orientaciones, outubro de 1967, p. 525-526.

389 Irmão Arturo Chávez de la Mora fez o juvenato, noviciado, escolasticado, depois os primeiros anos de magistério com Basílio; tornar-se-á Provincial do México Central, depois Conselheiro-Geral do Irmão Basílio.

390 Norte Marista, outubro-novembro de 1967, pp. 1188-1190. Orientaciones, outubro de 1967, p. 523.

391 FMS-MENSAGEM, n.º 19, maio de 1996, p. 40.

392 Quero despertar a Aurora, p. 41.

frequência lavar pratos,<sup>393</sup> limpar sua escrivaninha,<sup>394</sup> apanhar uma vassoura para limpar o pátio,<sup>395</sup> carregar as malas dos Irmãos que chegam ao Escorial,<sup>396</sup> em Roma, no México, servir à mesa,<sup>397</sup> e oferecer os licores no final das festas.<sup>398</sup>

Esse homem simples aproveita com alegria os imprevistos das viagens que lhe permitem um ou dois dias de praia, goza de uma excursão sobre um dos rios da Amazônia ou da agradável surpresa de uma eucaristia perante essa imensa floresta.<sup>399</sup> Esse Irmão simples, para a alegria dos outros, põe na cabeça um grande chapéu mexicano, reveste um poncho peruano, um kimono japonês, segura as rédeas de um camelo na Terra Santa e expressa muita alegria e gratidão ao mínimo presente que se lhe dá. Em sua simplicidade e bom-senso Basílio escuta com atenção as lições de Sociologia, que lhe dá o motorista de táxi de Caracas,<sup>400</sup> torna-se amigo de um engraxate, responde com o mesmo tom às crianças que lhe escrevem e aos noviços, e nunca recorda que foi Superior-Geral; evita falar de si, e atrai a atenção sobre os

---

393 O Estilo de uma Vida, p. 21. O Irmão José López, que seguiu com Basílio os cursos de Lectio Divina recorda o espanto de uma Irmã ao ver Basílio sempre o primeiro a lavar a baixela; teve dificuldade em crer que se tratasse de um Superior-Geral. O Irmão, expressando sua impressão, diz: “Vi um homem inteligente, sábio, erudito, de vasta cultura; isso junto com simplicidade admirável e humildade que sempre resplandecia em todo seu procedimento”.

394 O Estilo de uma Vida, p. 14.

395 O Estilo de uma Vida, p. 52.

396 O Estilo de uma Vida, p. 15. Diz isso também o Irmão Luís Minguillon, seu companheiro de viagem em muitas excursões. Basílio carregava-lhe facilmente a mala, quando deveria ter sido o contrário. Cf. Madrid Marista, Ao Irmão Basílio, p. 19.

397 O Estilo de uma Vida, p. 19.

398 O Estilo de uma Vida, p. 20.

399 Queimar a Vida e O Estilo de uma Vida apresentam muitas fotos desses diversos casos.

400 Quero despertar a Aurora, p. 47-48.

outros. O Irmão Demétrio Alzaga consagra uma página inteira à simplicidade do Irmão Basílio: «Pareceria lógico que um homem superior aos outros se convencesse do que é. Mas o que realmente me causa admiração é ver um homem cheio de qualidades e virtudes que, consciente de sua dimensão, seja também capaz de ser humilde. Basílio o foi em alto grau. Seu fervor místico nasce, sem dúvida, de uma humildade a toda a prova... Enquanto foi Superior-Geral deixou cair todos os títulos: desejava ser chamado Irmão Basílio, simplesmente: para seus ouvidos o termo Irmão soava melhor. Assim são os grandes homens: eles se sabem e se consideram humildes servidores do Senhor».<sup>401</sup> Na circular O Espírito do Instituto, Basílio escreve páginas deliciosas sobre a humildade e a simplicidade. Haure as idéias em sua vivência, em suas convicções profundas.<sup>402</sup> Para ele, os frutos da humildade são: «a aceitação de si, a paz interior, a harmonia na vida social, a disponibilidade, a adaptação, a afeição aos pobres e abandonados».<sup>403</sup> O Irmão José Llamillo nota que «os Irmãos antigos, habituados a uma imagem do ‘Reverendíssimo Irmão’, um pouco respeitosa e distante, ficaram surpresos ao ver o Irmão Basílio próximo, afetuoso, trabalhar em mangas de camisa para ajudar nos afazeres domésticos».<sup>404</sup> Ao responder a um questionário sobre o Irmão Basílio, bom número de Irmãos, da Província de Madri, o veem assim: «*Um Irmão que ama muito seus Irmãos, e estes se sentiam verdadeiramente amados por ele. Foi amigo e confiante, capaz de gerar grande confiança, desde o primeiro encontro, uma pessoa muito calorosa. Nele sempre se encontra atitude de*

---

401 Madrid Marista, Ao Irmão Basílio, p. 12 (Número especial de 1985-86).

402 Circular sobre O Espírito do Instituto, pp. 233-234. Nessa página, Basílio descreve os frutos da simplicidade.

403 Circular de 2 de janeiro de 1968, p. 621.

404 Madrid Marista, Ao Irmão Basílio, p. 20.



*acolhida, de escuta, de aceitação do outro tal como é, uma palavra de encorajamento...Era homem simples e familiar, que conquistava os corações das pessoas e nos ensinou a viver com o coração nossa consagração religiosa».*<sup>405</sup>

Muitos depoimentos citados colocam juntas simplicidade e alegria. A alegria é realmente umas das maiores características de Basílio. Essa alegria será mais apreciada ainda porque a Igreja e a Congregação passavam pela tormenta pós-conciliar, ou melhor, pelas dores do parto<sup>406</sup> de um mundo novo. A Igreja havia tomado um caminho de renovação, e isso num mundo se tornava cada vez mais um canteiro de demolição e de reconstrução. Todos, inclusive os religiosos, viviam o sofrimento de uma constante adaptação. Situação difícil, mas para a qual, nós, Maristas, tivemos a felicidade de ter à frente um homem extraordinário, sempre confiante, otimista por natureza, e que queria a alegria. Basílio era enamorado da aurora, mas cita esta bela profissão de fé: «É de noite que é bonito acreditar na luz!».<sup>407</sup> O Padre Amador Menudo confessa que tivemos sorte, porque nossos responsáveis abriam realmente caminhos de futuro, ao passo que eles, os padres seculares, eram muitas vezes deixados entregues a si próprios, por vezes como ro-lhas responsáveis.<sup>408</sup> O Irmão Gabriel Michel reconhece que Basílio queria que a alegria dominasse. Às vezes, parecia até alegre demais, muito farsante. Logo que notava que o auditório começava a baixar a atenção, saía-se com uma frase ou uma história divertida,

---

405 Madrid Marista, Ao Irmão Basílio, pp. 18-19.

406 Expressão da Meditação em voz alta, p. 346.

407 Conferência de encerramento da Conferência Geral de 1971. Circulares, vol. XXV, p. 435.

408 Depoimento de 15 de janeiro de 2003, p. 3. Responsáveis ro-lhas, como os tampões impedem a água de se espalhar...

que relaxava e relançava o interesse.<sup>409</sup> «Inteligente como era, tinha grande senso de humor – escreve o Padre Amador Menudo. Era grande admirador do humor de Cantinflas, seu compatriota. Não era raro que, nos temas mais elevados, deixasse cair uma de suas frases, que faziam rir e relaxar o auditório».<sup>410</sup> A alegria se manifestava em brincadeiras frequentes. No livro *O Estilo de uma Vida* relatam-se diversas: «No Irmão Basílio, o senso de humor ia a par com a tranquilidade; não sei se era de causa para efeito ou o contrário. Cito alguns exemplos: Pouco antes de ser eleito Superior-Geral, no decorrer de um retiro, dado em Burgos aos superiores e diretores maristas da Espanha, coube-me fazer o relatório de um tema discutido em grupos. Quando estava apresentando as conclusões à assembleia, as de meu grupo eram tão pouco claras que Basílio disse de seu jeito travesso: ‘Por muitos sinais isso me lembra a história de dois cônegos da Galícia falando sobre as últimas reformas introduzidas na liturgia. Um pergunta: «Que você pensa da reforma litúrgica?’. ‘Bem – responde o outro – de um lado você mesmo enxerga, e do outro que quer você que lhe diga!’.

No decurso de uma estada na França, tivemos ambos de nos vacinar contra o cólera. Vacina no ombro. Quando descobri o busto, recoberto de pelos abundantes, o Irmão Basílio exclamou: ‘Míngui, dir-se-ia que você ainda não começou a transformação darwiniana!’.

O Capelão da Casa Geral, o Padre Jacquemin, foi vítima de várias de suas farsas. Esse bom Padre Marista se vangloriava, como bom francês, de ser conhecedor de conhaque. O Irmão Basílio en-

---

409 Quero despertar a Aurora, p. 42

410 Depoimento de 15 de janeiro de 2003. Ver também *O Estilo de uma Vida*, p. 23.

cheu de brande Fundador uma garrafa, que tinha a etiqueta do produto francês e, na ocasião propícia, lhe ofereceu um copo. O Padre saboreava lentamente esse brande espanhol, depois exclamou: 'Como é bom este conhaque francês!'. O farsante morria de rir e me cutucava o pé debaixo da mesa, como para dizer: 'Apanhei-o, não é?'.

Fino e irônico ao mesmo tempo, dizia das pessoas bonitas e agradáveis: 'Como sua mãe o fez tão bem!', e das que pareciam ter nascido para criar aborrecimentos: 'Não é por sua falta, foi a mãe que assim a fez'.<sup>411</sup> Queimar a Vida relata peças que pregou aos noviços, alguns dias antes da morte.<sup>412</sup> Ofereceu-lhes chocolate injetado com substância acre, e bolos de tal maneira apimentados que alguns choravam ao comê-los.<sup>413</sup> O testemunho desta visita é cheio de emoção: «Grande alegria nos invadiu, quando nos encontramos em sua presença. Recebeu-nos de braços abertos, a cada um dirigiu uma palavra amável, depois nos convidou para comer os chocolates que estavam sobre uma mesinha». <sup>414</sup> Sabe-se que era de pequena estatura e que não hesitava armar-se de uma cadeira quando tinha de abraçar um Irmão muito maior, ou, pelo contrário, nas conferências, quando o quadro estava cheio, pedia ao menor do auditório que o fosse apagar, pretextando que ele não

---

411 O Ir. Luís Minguillón, em *O Estilo de uma Vida*, pp. 24-25.

412 Queimar a Vida semeia diversas páginas com peças de Basílio, pp. 41, 58, 64... Um Irmão gostava de colecionar gravatas. Um dia, Basílio conseguiu entrar no quarto, subtraiu-lhe certo número de gravatas que distribuiu a outros Irmãos, pedindo-lhes que as pusessem e, no almoço, saudassem o colecionador. Este parabenizou os que chegaram por primeiro, dizendo que também ele tinha na coleção gravatas tão bonitas, mas quando o número foi grande demais, se deu conta da farsa.

413 Queimar a Vida, p. 238.

414 Queimar a Vida, p. 298.

alcançava.<sup>415</sup> O Irmão Cláudio Girardi relata o acontecido no decorrer de uma conferência em sua Província. O quadro da sala de reunião apresentava uma rachadura, habilmente mascarada por um desenho a giz. Basílio escrevia, procurando sempre respeitar o desenho, mas quando o quadro ficou cheio, desculpou-se e começou a apagar o desenho. Então compreendeu a razão, voltou-se para os Irmãos e começou a rir, louvando a finura do artista.<sup>416</sup> O Irmão Jesús Bayo Mayór diz que «ele mantinha sempre o bom humor. Vi-o sério e preocupado, mas nunca irritado. Tinha o sorriso e a piada à flor dos lábios...».<sup>417</sup> Pessoalmente, recordo-me de um fim de tarde sobre o terraço da escola de Antsirana (Diego Suárez), em Madagáscar, isso devia ser em 1978. A brisa marítima tornava o momento muito agradável e, por cima de nós, a Via Láctea em todo o seu delicado esplendor. Chegamos a falar em casos de loucos. Recordo-me de dois relatados por Basílio: «Dois loucos, de noite, estão na rua. Um deles tinha uma lanterna na mão que projetava luz sobre uma janela do quinto andar de um prédio. ‘Suba, dizia ao outro, é uma escada’. E o colega responde: ‘Não sou louco, sei tudo: quando eu estiver por chegar, você apagará a luz e eu vou cair!’. O outro caso: ‘Um louco num corredor, no alto de uma escada, finca pregos cuja cabeça está contra a parede, e a ponta, em direção a ele. Passa outro louco que lhe diz: ‘Você não está vendo que deve fincar os pregos na outra parede dianteira?’».<sup>418</sup>

Um noviço recorda quanto Basílio insistia que era possível ser fiéis; e conclui: «Ele mesmo foi isto: fiel, santo, alegre, brinca-

---

415 Queimar a Vida, p. 152 e p. 189 para o que se refere ao seu inglês.

416 Depoimento de 19 de dezembro de 2002.

417 O Estilo de uma Vida, p. 64.

418 Basílio nos visitava com o Irmão Jean Thoullieux, Conselheiro-Geral. Viera ajudar-nos a fazer O Projeto de Vida Comunitária.

lhão...». <sup>419</sup> Justamente seus noviços, que sabiam que era simples, alegre, amigo das brincadeiras, também lhe pregavam de boamente ou o representavam em caricaturas humorísticas sob as formas mais cômicas. Era o primeiro a rir. E essa alegria era uma constante que ajudava Basílio a guardar grande estabilidade de humor.

A equanimidade é também outra qualidade da amizade de Basílio. Era procurado com todo o prazer porque se sabia que não havia nele altos e baixos. Conhecia momentos de fadiga, de esgotamento, e então marcava outro momento aos que o tinham de ver, mas a acolhida fazia-se sempre em clima de respeito, de escuta, de estima, de compreensão, de encorajamento. A equanimidade está entre os aspectos que o Irmão Gabriel Michel e o Padre Amador Menudo mais estimam. De fato, Basílio chegou ao domínio generalizado de sua pessoa: humor, corpo, sono, quantidade de trabalho...

O Padre Amador acha que Basílio não era artista, mas tinha o sentido do belo. Entusiasmo da vida: gostava dos filmes bonitos, das cidades de arte, das grandes obras musicais, do encontro com os amigos ou membros da família, dos dias de festa: belas ocasiões para farsas; as capelas que ajudavam verdadeiramente a oração, os grandes bosques de Ariccia, perto do lago Albano, onde podia pensar suas Circulares e rezar no fausto da natureza; a exuberância da floresta amazônica, a paz das praias tranquilas. Seu entusiasmo já se manifestara nos cursos que dava nos primeiros anos de aula. Como professor e educador, seduzia seus alunos pela qualidade de seu preparo, pela proximidade que mantinha com os jovens, pelas iniciativas para tornar a aula ativa e pela orientação

---

419 O Estilo de uma Vida, p. 77.

evangélica que imprimia às lições. O Irmão Arturo Chávez diz que suas aulas de Catequese e de Filosofia eram notáveis. Conforme o Irmão Leôncio, foi ele, com outros Irmãos, quem lançou os Cursinhos de Cristandade na cidade do México,<sup>420</sup> mas foi promotor também de outros movimentos apostólicos, como a Ação Católica e a Catequese às crianças dos quarteirões pobres. O Irmão Arturo, que lecionou com ele, diz que «seus alunos o apreciavam em grau extraordinário e que deixou neles marca indelével. Ainda agora, bom número continua a consultá-lo como um oráculo. Quando está na Espanha, do México lhe telefonam para obter seu parecer».<sup>421</sup> O Irmão Gabriel Rodríguez ao vê-lo lecionar diz: «Doava-se totalmente aos alunos, queria fazê-los progredir em todos os domínios. Inventava continuamente novos métodos para despertar o interesse e o amor ao trabalho».<sup>422</sup> Seus coirmãos também eram arrastados pelo grande zelo apostólico de que dava prova. «A juventude encontrava nele – escreve o Irmão José García – um mestre e amigo, um confidente espiritual e conselheiro, um homem bom e sábio em quem descarregar os próprios fardos e solicitar conselhos...».<sup>423</sup>

O Irmão Raul Coral<sup>424</sup> é explícito neste ponto: «Ouvir durante oito meses sua doutrina luminosa e ser testemunha da limpidez

---

420 Norte Marista, outubro-novembro de 1967, p. 1188; o Irmão Arturo o confirma na p. 1189.

421 Orientaciones, outubro de 1967, p. 523 e Norte Marista, outubro-novembro de 1979, p. 1189.

422 Norte Marista, outubro-novembro de 1967, pp. 1190-1191. O Irmão Gabriel Rodríguez y Martín Del Campo foi Conselheiro durante o primeiro mandato de Basílio. Orientaciones, outubro de 1967, p. 524.

423 Orientaciones, outubro de 1967, p. 515.

424 Norte Marista, outubro-novembro de 1967, pp. 1191-1193. O Irmão Raul Coral é colombiano, colaborou com Basílio no Movimento por um Mundo Melhor.

de sua vida religiosa, só puderam despertar em mim grandes ideais de vida apostólica».<sup>425</sup>

Na primeira Circular que escreveu, faz esta confidência: «Amo com toda a alma o que é positivo, dinâmico, e tenho prazer de ser semeador de otimismo, responsabilidade e entusiasmo... Sou entusiasta pela nossa Congregação... Devemos enfrentar o mundo com entusiasmo, porque apresenta muitas coisas boas, e há um grande número de corações sedentos de verdade e de justiça».<sup>426</sup> Seria interessante fazer o estudo do vocabulário de Basílio; os termos mais frequentes seriam: entusiasmo, alegria, generosidade, amizade, dinamismo, audácia... Em 16 de janeiro de 1982, Basílio enviava uma mensagem, por ocasião da abertura do Congresso Marial no Brasil. Eis, desde a primeira página, as palavras típicas de Basílio: imensa alegria, impressão muito agradável, entusiasmo, união, criatividade, uma grande alegria, espírito de colaboração, admirável, maravilhosamente, muito bonito, cheio de alegria, uma idéia feliz.<sup>427</sup>

Compreendemos por que Basílio teve tanto sucesso em suas relações humanas. Oferecia amizade segura, despojada de todo retorno sobre si. Teve centenas de amigos íntimos.<sup>428</sup> As pessoas que iam ter com ele encontravam acolhida, atenção, respeito, amor, valorização, sabedoria, serviço, simplicidade, alegria, equanimidade, serenidade, paixão pela vida. Do ponto de vista humano, sua amizade era invejável. Essa riqueza estava sempre aberta à graça

425 Norte Marista, outubro-novembro de 1967, p. 1191-1192.

426 Queimar a Vida, p. 148.

427 Mensagem por ocasião da abertura do Congresso Marial, Viamão, 16 de janeiro de 1982, p. 1.

428 Quero despertar a Aurora, p. 80: A carta que escreveu aos amigos em 15 de dezembro de 1979, por ocasião do Natal.

e posta ao serviço de Deus e do homem. Encontramos, mais uma vez, a união profunda entre o primeiro e o segundo mandamento, da contemplação e da ação, alma da Espiritualidade Apostólica Marista: Deus e o homem, dois absolutos para Basílio. O Irmão Roland Bourassa, seu Conselheiro-Geral, di-lo com palavras bem escolhidas: «Por sua ação, e também por seus escritos, o Irmão Basílio nos fez compreender que cultivava em si dois amores sinceros, o de Deus e o dos homens, e que ele compreendia tudo o que a fé coloca em nós de luz, segurança, força e certeza». <sup>429</sup> Basílio expressa-o muito bem numa carta aos seus amigos do Mundo Melhor. Vem inserida no fim deste capítulo.

## 5. Fidelidade

Em Basílio, a amizade é um universo de qualidades humanas em que a fidelidade está constantemente presente. Basílio é homem para quem a palavra dada, o compromisso, tinham muito valor. Não é por acaso que sua última circular foi A Fidelidade. É isso também que faz compreender o grande respeito que tinha aos Irmãos idosos; estava repleto de gratidão por eles. Muitas das confidências que os Irmãos idosos lhe enviaram para essa Circular, estão repletas de emoção, de pudor; e revelam a confiança que depositam em Basílio e profunda afeição que lhe votam. Reabrir essa Circular sobre a Fidelidade faria descobrir esses laços fraternos admiráveis que Basílio soubera tecer com esses Irmãos que deram um sim completo a Deus. Outros sinais de sua fidelidade eram os telefonemas para chegar a um Irmão em dificuldade; os desvios que impunha às suas viagens com o único objetivo de en-

---

<sup>429</sup> O Estilo de uma Vida, pp. 25-26.



contrar aquele que aguardava um momento de amizade e de diálogo; as milhares de cartas enviadas e seu costume de dar-lhes resposta. Suas amizades prosseguiram, até depois de os Irmãos abandonarem o Instituto. Interessava-se por eles, procurava-lhes trabalho, pedia aos Provinciais de se mostrarem generosos.<sup>430</sup> Depois há o grupo dos amigos íntimos, certos de receber, todos os anos, uma longa carta nas festas de Natal, de serem levados em seu coração e nas suas orações; saber que seriam acompanhados e muitas vezes visitados, quando a saúde periclitasse. É admirável sua amizade cordial e fiel.<sup>431</sup> O Irmão Arnaldo Braguti<sup>432</sup> se espanta que ele o acompanhe ao aeroporto com todos os noviços. É que Basílio estava ainda convalescendo de uma operação no fêmur, e os deslocamentos lhe eram penosos. A amizade, porém, é capaz de proezas.<sup>433</sup> Sua fidelidade e amizade sabiam tornar-se inventivas para dar presentes de surpresa ou, quando o amigo estava muito longe, chamava-o ao telefone e pedia aos noviços de cantarem em sua honra ou de tocarem a guitarra ao telefone. É comovente ler as cartas frequentes que Basílio escrevia a seu amigo Padre Arrupe<sup>434</sup> quando este andava doente: é amizade extremamente afetuosa e encorajadora que se prolongará por dez anos em cartas e visitas.<sup>435</sup> Teve a mesma atitude com o Padre Lombardi, fundador do Mo-

430 Queimar a Vida, p. 235: «Quando alguém se retirava do Instituto, não demonstrava contrariedade, estendia a mão, oferecia ajuda espiritual, humana, econômica... Nenhum dos que abandonaram o Instituto lhe guardou rancor. Não deixou ninguém só no caminho».

431 O Estilo de uma Vida. Valeria a pena ler todo o depoimento do Padre Jaime Zudaire, capuchinho.

432 Arnaldo Braguti é Irmão comboniano, enviado junto a Basílio, no noviciado do México, para resolver problemas pessoais. Seu depoimento é uma série de olhares penetrantes lançados sobre o Irmão Basílio.

433 O Estilo de uma Vida, p. 71.

434 Superior-Geral dos Jesuítas do tempo de Basílio.

435 Queimar a Vida, pp. 184-185.

vimento por um Mundo Melhor, e o Padre Rotondi,<sup>436</sup> fundador do Oásis. Este padre morre nos braços de Basílio, em 1990. O Curso dos Formadores, de 18 meses, se realizava justamente no Oásis, casa do Padre Rotondi.

Uma amizade, tal como Basílio a viveu, só podia ser muito apreciada e preciosa. Ela o foi e conquistou muitos corações na Congregação e fora dela. Cartas que falam da amizade serão propostas no final deste capítulo. Essa amizade desabrochou numa natureza humana extraordinária, mas é constantemente motivada pela graça: é porque tudo é dado a Deus que tudo é dado ao homem, único espaço em que Deus pode ser verdadeiramente amado. É Deus que enobrece o coração de Basílio, e o coração enobrecido descobre que o outro, a pessoa, é um absoluto.<sup>437</sup> O coração acolhe e vive com o mesmo elã o primeiro e o segundo mandamentos.

*Basílio sempre assegurou esses belos sentimentos aos membros de sua família natural. Feliz de se encontrar no meio deles, ufano de carregar nos braços um sobrinho, de se fazer fotografar na sua grande família, ou simplesmente de jogar baralho. A todos oferecia amor e acolhida cheios de ternura.*

Queimar a Vida se estende sobre esses momentos em família, nas pp. 274 e 279 a 281.

É um pouco o que Basílio descobre, quando se lhe pede de apresentar uma conferência sobre a Palavra de Deus em dois temas distintos:

---

436 A amizade e a estima desse Padre pelo Irmão Basílio chegara ao ponto de querer fundar uma Congregação de Padres a serviço dos Irmãos.

437 Circ. A Vida comunitária, p. 250.

- A Palavra de Deus como objeto de escuta,
- A Palavra de Deus como objeto de vida.

«Encontro-me com estes dois temas; meus esforços para defini-los e, sobretudo, minhas tentativas para dissociá-los e distingui-los me levaram a uma conclusão: estava me comprometendo com um trabalho verdadeiramente impossível e artificial. Em si mesmo e na prática, quando um dos dois é verdadeiro, projeta-se, cruza-se, implica de tal maneira o outro que, praticamente, se apresenta com o outro, como as relações transcendentais entre a Filosofia e a Teologia.»<sup>438</sup>

Num homem de Deus, querer separar o humano da graça é puramente artificial. A amizade de Basílio foi amor, atenção, respeito, serviço, humildade, simplicidade, alegria, sabedoria, porque Deus era assim para com Basílio, e ele para com Deus. Era isso que irradiava sobre todos os que se encontraram em seu caminho. Ao vê-lo, compreendemos o que é ser Irmão e a amplitude da vocação a que Deus nos chama.

---

438 Conferência: A Palavra de Deus e os ritmos da vida no cristão, p. 1. Conferência que Basílio deu aos Irmãos de Comboni, aos Irmãos da Consolata e aos membros do Pontifício Instituto das Missões Estrangeiras (PIME). Cf. Carta do Irmão Javier G. Terradillos, 4 de janeiro de 2003.

## TEXTOS

### 1. Extratos de cartas que expressam a amizade

*(Estes extratos foram tomados das cartas que Basílio escreveu ao Padre Arrupe<sup>439</sup> para acompanhá-lo e reconfortá-lo na doença que durou dez anos.)*

*Meu reverendíssimo e estimadíssimo P. Arrupe:*

Chegaram-me notícias, no decorrer deste inverno, que seu estado de saúde se agravou e produziu inquietação entre nós e, sobretudo, entre seus confrades. Recordo-me com emoção do grande número de contatos que mantivemos com o senhor como Superior-Geral, e, sobretudo, da felicidade que tive de visitá-lo em sua casa, em seu quarto de enfermo, antes de partir de Roma.

Prometi-lhe enviar de tempo em tempo algumas linhas: breves, porque isso poderia fatigá-lo. Deixo até à discricção de seu enfermeiro de lhas ler ou não. No céu, verá que as escrevi do fundo do coração. Que elas lhe digam que o estimo muito e que o acompanho em seu calvário doloroso, mas quão fecundo para a Companhia e para a Igreja. Quando chegar a minha vez, que eu saiba levar a cruz da enfermidade com a mesma integridade admirável. Com respeito muito profundo e com afeição sou seu em J.M.J.<sup>440</sup>

---

439 O Padre Arrupe foi Superior-Geral dos Jesuítas, de 1965-1983; em 1981 teve uma trombose cerebral que o fez sofrer durante dez anos.

440 Queimar a Vida p. 184. México, 6 de março de 1986.

**Queridíssimo P. Arrupe:**

Quem lhe escreve é o Irmão Basílio Rueda, mexicano. Escrevo-lhe uma carta muito curta. Sei que seu estado de saúde não recomenda correspondência longa. Tive a felicidade de visitá-lo, pelo final do mês de novembro, e de lhe garantir minha amizade, minha oração e minha lembrança. Admiro a maneira exemplar como carrega a cruz. Peço e faço pedir para que o Senhor lhe conceda a força de continuar, como faz agora, com sua cruz, e a consolação interior para que seja consolado como Cristo no Getsêmani.

Acredite, Padre, que mesmo se os caminhos de Deus são imprevisíveis e, por vezes, desconcertantes; há sempre neles sabedoria e fecundidade maravilhosa. O senhor fez um bem extraordinário à sua Companhia e à Igreja, e esse bem se manifesta ainda em muitos lugares. Estou convencido de que essa etapa, como tem sido para o Padre Lombardi, é espiritualmente a mais fecunda e a mais admirável de sua vida presente.

Termino, Padre, assegurando-lhe que não o esqueço e que, dentro em breve, lhe escreverei ainda.

P. S.: Envio-lhe, Padre, esta pequena imagem que, acredito, devido à mensagem profunda que tem, poderá despertar em seu espírito sentimentos conformes a seu estado. As mãos de Deus são sempre mãos de Pai. É possível que o termo «alegria» não lhe pareça muito apropriado, mas o de «abandono», sim. Esta imagem lhe diz, ademais, que seu amigo lhe está próximo pela oração e pela lembrança.<sup>441</sup>

---

441 Queimar a Vida, p. 184, México, 20 de fevereiro de 1988. O Irmão Basílio continuou a escrever ao Padre Arrupe até a morte deste, em 5 de fevereiro de 1991.

## **2. Tipo de carta que Basílio enviava ao grupo de amigos mais chegados**

***15 de dezembro de 1979.***

Meu caríssimo Irmão e meu grande Amigo:

É seu amigo quem lhe escreve, por ocasião do Natal e que emprega um meio ao mesmo tempo coletivo e deliberadamente pessoal.

A forma é coletiva, e sofro com isso, devido à nossa amizade, mas ousou assim mesmo falar de carta pessoal, porque a envio exclusivamente aos que são meus maiores Amigos.

O Senhor me concedeu esta alegria de entrar em relacionamento com milhares de pessoas; provavelmente não exageraria dizer dez mil, falando apenas daquelas com quem tive algum contato em tal ou tal ocasião.

Há, com certeza, um amor cristão que nos coloca em relação de simpatia e de caridade com todo o mundo conhecido e desconhecido, que se nos apresenta pela mídia e a imaginação. Daí, pôde ter nascido em mim, ou em cada um, uma solidariedade de fé cristã e uma solidariedade humana. O Senhor me concedeu também entreter amizades e relações mais pessoais mediante encontros, cartas ocasionais ou mesmo votos de Natal, que poderiam atingir este ou aquele amigo no seio de um grupo ou de uma comunidade.

Há, porém, um círculo ainda mais íntimo, e, se o número de membros é grande, o Senhor, entretanto, me permitiu sentir bem próximos todos quantos o compõe: são como os filhos de minha própria mãe; e você é um deles, e você não imagina a permanência e a força crescente de minha amizade.

Para alguns desse grupo, escrevo de tempos a tempos. Para outros, quase nunca. Mas, se uma circunstância da vida ou alguma viagem me permitem encontrar um, acho que até cinco ou dez anos depois a afeição permaneceu tão viva, senão mais, do que no primeiro momento. O mérito não é nem seu nem meu. É o desígnio de Deus e também o fruto natural da caridade cristã, da amizade espiritual e, diria também, do amor consagrado pela virgindade.

Quando penso na minha primeira juventude, nunca poderia imaginar essa experiência, no entanto agora evidente em minha vida: que o coração possa amar tantas pessoas como se cada uma fosse única, como se tivesse para cada uma a amizade profunda e permanente que se possa ter por um amigo íntimo. Finalmente, o que constato é que em vez de reduzir ou dividir a força do amor, o número de pessoas a purifica, aumenta e a torna mais oblativa e estável.

Então, por que será que agora quero expressar-lhe sentimentos que estão no fundo de meu coração, que, aliás, você conhece e aos quais você corresponde? É porque a festa de Natal, que está próxima, é o momento mais propício para dizer com simplicidade e sem falso pudor o que Deus faz germinar no melhor de nós mesmos.

Natal é a festa da solidariedade universal, que rejuvenesce os sentimentos pelo contato com as fontes. O presépio nos diz: o amor inefável, inacessível de Deus pela humanidade fez-se tangível nessa criancinha. É o beijo do amor histórico que o Pai dá aos homens e, por esse gesto, nos torna filhos no Filho, irmãos em nosso Irmão.

E podemos evocar com S. Paulo: ‘a insondável riqueza de Cristo, esse mistério oculto em Deus desde os séculos, para que seja a Igreja que agora o revele aos Principados e às Potestades’ (Ef 3, 9-10).

Sim, é o momento de viver num pasmo contemplativo essa espera amorosa que nos lança de joelhos: ‘diante do Pai – de quem toma o nome toda família’ (Ef 3,14) e que nos mantém na esperança, ‘aguardando com autodomínio, justiça e piedade, a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador, Cristo Jesus’. (Tt 2, 12-13) Sim, somos sacramentos e proclamação dessa Boa-Nova que foi, que é, que vem e que espera a hora de sua plenitude, para nossa alegria e pela do mundo inteiro.

É sob a luz calorosa do Cristo que o lembrarei, agora, mais do que nunca, em minhas orações tão pobres quanto sinceras, para louvar com você, adorar com você, agradecer com você e bendizer com você. Para você e com você, pedirei o que o Espírito Santo inspirar a nosso coração de discípulos de Jesus e de servidores do Evangelho, de pedir para nós próprios e para a humanidade de quem carregamos as alegrias e os sofrimentos, as angústias e expectativas. (Seguem notícias...)

Inútil dizer-lhe que ficaria encantado de encontrar algum eco vindo do meu Amigo, mas sobretudo conto com o acompanhamento contínuo de sua oração e amizade. Perdoe-me por não assinar esta carta e não acrescentar-lhe duas ou três palavras que a tornassem mais pessoal. Não tenho materialmente o tempo para isso e, ademais, é preciso fazer algumas economias.



Abraço-o muito afetuosamente no Cristo e desejo a você e a mim que o Natal nos permita crescer no conhecimento do Senhor, no amor apaixonado por ele e no compromisso total a seu serviço. Esse dom sem reserva deve ultrapassar todas as nossas fraquezas e gerar em nós um estado interior de paz, de alegria, de esperança. Deve também comunicar-nos benevolência e ternura, abertura e acolhida, isto é, amor profundo para todas as pessoas, para toda a pessoa e para toda pessoa.

Que a doce Virgem Maria, que acolheu e embalou a Palavra de Deus, aquela que cobriu Jesus de ternura, presida nossas festas Natalinas. Pensando nela, gostaria de repetir estas palavras de um de vocês, ao contemplar o divino Infante: ‘Feliz Menino com a presença e os cuidados de tal Mãe’.

Todo seu nEle que nos ama,

*Basílio Rueda, fms.”*

### 3. Uma carta a Basílio

#### ***Caríssimo Irmão Basílio:***

Pois não, eis-me aqui novamente para responder a seu pedido e lhe fornecer notícias de minha saúde, após a operação. Estou perfeitamente restabelecido; naturalmente, deverei andar mais folgado por uma semana ou duas.

Fiquei dez dias no hospital. Estive no Santa Ana com as Irmãs Irlandesas. Por estar o hospital fora da cidade, seu ambiente é calmo e silencioso. Fiz um verdadeiro retiro de dez dias. Tive tempo para ler, rezar, meditar, refletir e conversar com Deus, como velho

Amigo, como Pai bem-amado. Tivemos tempo para folhear capítulos inteiros de minha vida passada. Quantas lembranças, quantas razões para dizer obrigado, obrigado! É sempre mais interessante fazer isso a dois...

Agora, Reverendo Irmão, vou lhe dizer algo bastante original. Nunca teria acreditado que fosse tão interessante e também tão enriquecedor envelhecer. O Bom Deus se coloca ao lado. Pouco a pouco nos reduz as forças, a vitalidade, as qualidades do corpo, dos sentidos, das faculdades, do espírito. É o entardecer da vida que desponta no horizonte.

O Bom Deus faz questão de nos desapegar de tudo, criar o vazio em nós e ao redor de nós, e isso pouco a pouco. Em seguida, enche esse vazio com sua presença, com seu amor. Seu maior desejo é que haja lugar somente para Ele.

Mais avanço em idade, mais experimento alegrias e consolações interiores como nunca as experimentara no decorrer de minha vida ativa. Fiz um contrato com Deus. Disse-lhe: “Antes de me inundar com suas alegrias, suas consolações, conceda-me em troca algo para sofrer, algumas contradições, e isso todos os dias. Caso se esquecer, vou lembrar-lhe. É contrato concluído, não é?”.

Há muito tempo em minha vida, observei que o dom de si, a renúncia, a abnegação e o espírito de sacrifício, são algo parecido com o húmus que se coloca perto das flores. Mais se coloca, mais elas se tornam vigorosas e belas, e mais o terreno está bem preparado, mais os resultados são estupendos. Se um belo dia a gente se decidir a viver para o Bom Deus, crescer em seu amor, dar a nossa alma grande vigor sobrenatural, utilizemos os meios verdadeiros, empreguemos o bom húmus.

As ocupações me deixam algumas horas livres cada dia. Tenho tempo para passear devagarzinho nos bosques, jardins, canteiros, entre gramados e arbustos em flor. Detenho-me seguidamente para ouvir o canto dos pássaros, os estrilos dos insetos ou o soprar do vento nas grandes árvores que bordam as avenidas. Tudo, nessa grande natureza, me fala de Deus, que criou tudo isso para os seres humanos, por amor de nós.

À força de vê-lo assim todos os dias, nas pessoas, nos animais e nas coisas, em toda a natureza, parece-me que em certo momento a gente o segura pela mão. Perante o Santíssimo Sacramento, diante do qual tenho a felicidade de passar pelo menos uma hora cada dia, não é exatamente a mesma coisa. Aí vemos com os olhos da fé. Aí ele está presente em pessoa, realmente. Banhados na natureza, o percebemos mediante os sentidos, ajudados, certamente por nosso espírito de fé e pelo amor do Criador...

Ao encerrar, Reverendo Irmão, posso assegurar-lhe que rezo todos os dias pelo senhor, por todos os Superiores, pela Congregação e pelas intenções que me recomendou.

Em união de prece. Seu amigo, Irmão Bernard Perrault.<sup>442</sup>

## 4. Carta a um padre

### *Meu caríssimo amigo:*

Já faz muitos anos que estamos vivendo separados um do outro. Digo separados, mas não afastados. O espaço não cria afasta-

442 Carta de 18 de fevereiro de 1977, de Kutama, Zimbábue. – Arquivos 77 02 154. (A família Perrault deu à Congregação 7 Irmãos Maristas, entre os quais o Irmão Régis Aimé, Conselheiro-Geral do tempo do Ir. Leônidas. Deu também à Igreja Padres e Irmãs.) – Em itálico as partes sublinhadas na carta.

mento, se os espíritos estão unidos, como é nosso caso. De toda a maneira, tuas obrigações e as minhas nos impediram até uma correspondência amiga normal.

Hoje, no entanto, te escrevo. Informaram-me a respeito da dor que visitou tua família. Nosso amigo Ocaranza foi quem me comunicou a notícia da morte de teu irmão e as circunstâncias que a envolveram. É por essa razão que me apresso, hoje, em te enviar algumas linhas de pêsames, partilhando contigo as tristezas presentes, como partilhamos, em outros tempos, alegrias e sonhos apostólicos.

Não há nenhuma necessidade de que eu acompanhe este sentimento com uma reflexão de tipo espiritual que te reconforte. Sei de antemão com quanta paz aceitaste a vontade do Senhor e seus desígnios misteriosos sobre as pessoas. Apenas posso dizer-te que, a teu irmão, não falta a ajuda espiritual de minha prece. A ti também não falta minha pequena lembrança perante o Senhor, para que teu apostolado seja verdadeiramente fecundo, e para que encontres nele mais alegrias do que decepções. Se tiveres tempo, me dirás como vão as coisas.

No que me diz respeito, posso dizer-te que Deus me ajuda muito. Meu trabalho é muito intenso, excessivo, humanamente falando; mas, dir-se-ia que Deus leva em conta isso e me concede saúde suficiente, a que é necessária, para suportar uma vida suficientemente agitada. Dentro de quinze dias parto para os Camarões; em maio e junho me encontrarei na América do Sul; um pouco mais tarde, visitarei a França, etc. Reza também por mim, para que eu possa ser sempre útil à obra do Senhor.

Desta vez, detenho-me aqui. Com a lembrança muito fraterna e amizade especial, permaneço afetuosamente contigo no Cristo.<sup>443</sup>

## 5. Duas cartas de saudações

### *Carta de votos ao Cardeal Pironio*

#### *Excelência e caro Amigo:*

Do outro extremo do mundo, Austrália, envio-te os melhores votos de santa festa de Natal e de um ano muito fecundo e muito novo, dado que o Senhor guia maravilhosamente tua vida por um caminho, às vezes inesperado, mas cheio de edificação e de bem para sua Igreja.

Prometo-te minha oração e a oração dos 420 Irmãos que, no decorrer do mês de dezembro, estarão reunidos; pertencem à Província de Sidnei. Eu os saudarei de tua parte e acompanharemos de espírito, de coração e com a oração teus primeiros passos à testa da Congregação dos Religiosos. É nosso interesse para o bem da Igreja e para nosso próprio bem. É também minha afeição de amigo que tomará a peito a realização destas promessas que te faço. Monsenhor Tabera deixou entre nós a lembrança de bondade e de proximidade indelévels. A tua não será menor, com certeza...

Com toda a afeição de um amigo, a obediência e o respeito de filho no Senhor.<sup>444</sup>

Irmão Basílio Rueda, Brisbane, 6-12-1975.

443 Carta que Basílio escreveu de Roma, em 28 de fevereiro de 1978, ao Padre Juan Manuel González, Mungía 128, B. Guadalajara – 2 Cf. Arquivos 78-03-017 – 51.09. Basílio D3.

444 Cf. Arquivos 75 12 220. AFM 51.09. Basílio D2.

## 6. Depoimento do cardeal Pirônio

O Cardeal Pironio era prefeito da Congregação dos Religiosos. Em 19 de outubro de 1976, no decorrer do XVII Capítulo Geral, deu uma conferência aos Capitulares. Entre outras coisas, disse: «Agradeço de coração as palavras tão íntimas, tão cordiais e fraternas de ‘meu caro amigo’, o Irmão Basílio, e ressalto ‘caro amigo’ porque, conforme acaba de lembrar, é amizade que vem de longe, há quinze ou dezesseis anos. Amigos unidos apenas no Espírito, no Senhor e na desgraça comum... Desejaria dizer-lhes com que alegria a Sagrada Congregação dos Religiosos, e com que alegria a União dos Superiores Maiores, reunidos em Ariccia em 7 de outubro, acolheram a notícia de sua reeleição como Superior-Geral.

Em nome da Igreja, devo agradecer-lhe a fidelidade com que, como bom Marista, disse sim ao Senhor, como Maria. Disseram-me que está por terminar uma Circular sobre a Virgem Maria, alegro-me com isso. Gostaria de dizer ao Irmão Basílio que nós nos acompanhamos neste serviço de Igreja... Há algum tempo, li uma Circular magnífica do Irmão Basílio sobre a oração. Parece-me que é o caminho autêntico da renovação para os dias em que vivemos, para ser presença profética no mundo.

Depois do Concílio Vaticano II, houve uma tentativa de renovação, que, pela pressa, apenas foi simples readaptação das formas e não verdadeira renovação: faltou a conversão do coração e de espírito, faltou a profundidade da oração».<sup>445</sup>

---

445 169 FMS especial 1976.

**Carta de votos do Cardeal Pironio.****Caro Basílio:**

Que Deus recompense a delicadeza de sentimentos e de caridade que expressaste e que te animam. Continua a rezar muito por mim, como o faço por ti, enquanto te abraço e te abençoo no Cristo e na Virgem Santíssima.

Muito bonito o cartão-postal sobre a Virgem: «Maria conservava essas coisas e as meditava em seu coração» (Lc 2, 19).

Lá, no coração pobre e contemplativo de Nossa Senhora, juntos gozaremos a alegria de um Natal renovado todos os dias. E o Espírito Santo nos fará experimentar “o amor do Pai, manifestado no Cristo Jesus, nosso Senhor”. (Rm, 8, 39)

É meu desejo e minha prece para estas festas. Feliz Natal!

E. Card. Pironio, Natal de 1976.<sup>446</sup>

**7. Dois amigos se escrevem**

Trata-se do Núncio Apostólico do Líbano, Sua Excelência Dom Alfredo Bruniera, e o Irmão Basílio. Conheceram-se quando Sua Excelência ainda era Núncio no Uruguai. Cartearam-se muitas vezes em espanhol, alguma vezes em francês e, como dois grandes amigos, partilharam suas experiências de Deus.

---

446 AFM, 51.09. Basílio, D2, 76-12-113. Observem o estilo amigo nos dois casos. O Cardeal Pironio e Basílio eram intimamente amigos, como o podem ser duas pessoas tomadas pelo Espírito do Senhor e pela paixão de seu Reino.

***Excelentíssimo Dom Alfredo:***

Sinto grande alegria em lhe escrever estas linhas; conhece bem o valor que lhe reconheço e a estima profunda que nossas relações cordiais suscitaram em mim.

Tenho dois motivos particulares para dirigir-me ao senhor com alegria e simplicidade. Em primeiro lugar para enviar-lhe votos de feliz Natal: é de todo o coração, como felicitamos os amigos. Depois, pelas circunstâncias especiais por que passou e ainda passa a Igreja do Líbano; situação que o toca de perto. Por isso, meus votos neste Natal e para o ano de 1978 estão repletos de desejos de PAZ para o senhor pessoalmente e para todo o povo libanês. Uno minhas orações e as de meus Irmãos àquelas que o senhor dirige ao Menino Jesus, para que envie aos seres humanos a verdadeira PAZ e o verdadeiro AMOR.

Desejar-lhe saúde perfeita faz também parte de meus votos. Ela é tão necessária para que, unida à serenidade, à prudência e a muito equilíbrio, possa apresentar-lhe uma solução para os graves problemas que o país vive. Nesse sentido, rezo também pelo senhor...

De novo, quero expressar a alegria que me proporciona este contato com um amigo tão bom; coloco minha pessoa e meus serviços à sua disposição e fico-lhe muito unido no Cristo.

*Basílio Rueda, Roma, 15 de dezembro de 1977.<sup>447</sup>*

---

447 AFM 51.09. Basílio D2 – 77-12-168.



***Honradíssimo Irmão,***

Sua carta de 15 do corrente chegou-me pelo envelope da Secretaria de Estado...

Agradeço-lhe, em primeiro lugar, a afeição fraterna, bem como os votos de feliz Natal e ano-novo. De minha parte, apresento-os com o mesmo afeto e a mesma sincera e profunda estima que nos ligam, desde nosso primeiro encontro na América Latina.

Desejo-lhe bom ano de 1978, tão fecundo como no passado, cheio de graças e de assistências divinas, a fim de que suas atividades tão numerosas a favor de seu importante Instituto sejam também coroadas de êxito.

Modere-se um pouco em suas frequentes viagens e tenha um pouco de caridade para com você mesmo, para que esteja em condições de dar sempre mais a seus coirmãos.

Que o ano de 1978 o traga também ao Líbano para constatar o bem realizado por seus religiosos e o que resta ainda por fazer.

Queira recordar-me à lembrança de seus Conselheiros e coirmãos da Comunidade Central. Terei, de minha parte, uma lembrança muito cordial do senhor na missa. Em união de orações e nos laços da caridade.

*Alfredo Bruniera, Núncio Apostólico, Beirute, 24 de dezembro de 1977.*<sup>448</sup>

---

448 AFM 51.09 Basílio D2 – 77-12-290

## 8. Carta aos amigos do Mundo Melhor

### *Caros amigos,*

Aceito, com prazer, o convite amigo que me é feito pelo Rev. P. José Boson, de participar no próximo número do boletim que dirige mensalmente aos amigos do Movimento por um Mundo Melhor, na Venezuela. A todos envio saudação cordial. Sinto-me como obrigado de fazer minha apresentação. Sou religioso marista, antigo membro do Movimento, em que trabalhei durante cinco anos, primeiramente no México, depois em Roma e, finalmente, no Equador. No decorrer destes últimos dez anos, visitei diversas vezes seu país, travando bem viva amizade com muitos Bispos, Padres, Religiosos e Leigos. Depois de dirigir por dois anos o Centro de Espiritualidade Marista hispano-americano, na Espanha, fui eleito Superior-Geral dos Irmãos Maristas, no Capítulo de 1967.

Há algumas semanas, por ocasião de um giro pelos países da América Latina, tive a felicidade de visitar pela quinta vez seu país. Foi com prazer que, em Caracas, cumprimentei alguns amigos e visitei a sede do Movimento. É com grande alegria que vejo o belo trabalho que o Movimento está realizando para promover o Reino de Jesus no país.

É por essa razão, caros amigos, que desejo acompanhar minha saudação com algumas breves reflexões, de acordo com os mais importantes objetivos que a Igreja se propõe e pelos quais o Movimento trabalha com ardor em muitos países do mundo.

Quero dizer: o Pai, em Jesus Cristo, nos torna seus filhos e nos constitui irmãos entre nós, e isso nós vivemos em comunidade. Quando chamamos Deus nosso Pai, ao mesmo tempo nos afirma-

mos irmãos de todos os seres humanos, e nos comprometemos a viver como filhos em relação e ele, e como irmãos em relação a todas as pessoas. É por isso que a Sagrada Escritura nos ensina que o amor dos irmãos é a garantia e o sinal de nosso amor a Deus. E sua ausência prova que estamos mortos à vida divina. Pois bem, essa tensão dialética entre a vida e a morte, entre o amor e o ódio, impele o cristão a um combate constante, de onde o egoísmo deve sair derrotado (morto) em si mesmo e no mundo.

Na medida em que este morre nas almas, estas se tornam mais sensíveis para perceber a voz do Espírito, e as vontades se tornam mais dóceis às suas moções íntimas. Isso, porém, exige, hoje como sempre, que a Igreja se purifique interiormente e pregue de todas as maneiras a conversão do coração. É num coração purificado de todo egoísmo que o Espírito Santo pode colocar o amor cristão; e então, o novo rosto da Igreja brilhará como testemunho perante o mundo.

São João, ao fazer referência à fraternidade cristã, nos diz: «Quem ama seu irmão permanece na luz e não pode cair». «Quem diz que ama a Deus e não ama seu irmão é mentiroso, porque quem não ama o irmão que vê, não pode amar a Deus que não vê». (1Jo 2,10; 3,15; 4,20)

Toda a nossa religiosidade, como cultivo e desenvolvimento de uma vida de relação com Deus, é vã, se o amor ao próximo não estiver presente nela. Quem se encontre em semelhante situação perde totalmente seu tempo e seus esforços. Isso seria coisa extremamente lamentável para um cristão, dado que o batismo o consagra de maneira exclusiva a Jesus Cristo e que, por sua essência, o batismo é capaz de gerar no coração uma força e um estilo

superior de amar. São Paulo nos ensinou isso de maneira notável: «Ainda que eu falasse línguas, as dos homens e as dos anjos, se eu não tivesse a caridade, seria como um bronze que soa... Ainda que eu distribuísse todos os meus bens aos famintos, ainda que entregasse o meu corpo às chamas, se não tivesse a caridade, isso nada me adiantaria...». (1Cor 13, 1-3)

O texto de São Paulo fala de maneira evidente da caridade cristã que, num mesmo movimento, abraça o amor de Deus e o amor dos filhos de Deus. Eis por que se pode afirmar, com a mesma força, que não há amor de Deus naquele que não ama os seus irmãos. Da mesma forma, pode-se afirmar que não há amor de caridade dos irmãos, se em primeiro lugar não se ama a Deus e não se cumpre seus mandamentos. «Nisto reconhecemos que amamos os filhos de Deus: quando amamos a Deus e guardamos os seus mandamentos». (1Jo 5,2)

Meus caros amigos, não é preciso que eu continue o discurso. Para concluir, gostaria de expressar toda a amizade e a alegria que sinto no Senhor ao vê-los ligados a um Movimento que se propõe servir a Igreja vivendo e propagando a mensagem evangélica da fraternidade efetiva e universal, para que venha o Reino de Jesus.<sup>449</sup>

---

449 AFM 51.09 Basílio D1 – 70-11-112. Carta escrita em Roma, a 22 de novembro de 1970.

**4**

**QUE HOMEM?  
QUE SANTO?**

Caminhamos com Basílio, conscientes de que, para cada aspecto de sua vida e de sua personalidade, poderíamos dizer muito mais. O universo de suas cartas, dos relatórios das visitas às Províncias, de suas conferências, apenas foram aflorados. Quando se quer captar Basílio, tem-se a impressão de estar perante um gigante, ele que entretanto, era tão simples, tão próximo.

Mas o caminho andado<sup>450</sup> nos permite lançar um último olhar sobre o homem e sobre o santo que foi.

## 1. Que Homem?

O homem, em primeiro lugar, para senti-lo próximo de nós, porque viveu conosco, em nossas vicissitudes, os tempos que são os nossos. Ele amava os desafios de nosso tempo, os progressos, as oportunidades criadas, consciente dos contrastes e das rachaduras. A espessura da humanidade de Basílio é feita com o estofado de hoje. É nosso contemporâneo.

Abordou nosso mundo com inteligência e entusiasmo, com o olhar da fé e a virtude da esperança, que deixa brilhar sua luz nos momentos mais sombrios: «É de noite que é belo acreditar na luz».<sup>451</sup> Acima de tudo ele amou.

Podemos acompanhar sua paixão pelo mundo e pelo homem desde os anos entusiastas da Universidade, aos últimos anos no

---

450 O caminho andado... vejam-se os cadernos 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7,... Seguiremos o caderno 8: Conferência sobre a Palavra de Deus, que permite contato direto com o estilo de Basílio; o caderno 9 que desejaria perscrutar o universo da fé e da esperança.

451 Conferência de encerramento da Conferência Geral de 1971, p.435.

grupo Epsimo. Na Universidade admira, depois imita seu professor Oswaldo Robles, caracterizado pela fé, pela seriedade do trabalho intelectual e pela quantidade desse trabalho. O Cristo deve brilhar através da inteligência de seus discípulos: o Cristo deve ser servido generosamente por seus discípulos. A qualidade do trabalho intelectual integra dois aspectos: assimilar e dominar o mundo das idéias de hoje e, portanto, ler e manter o passo; permanecer na crista da onda de um ano a outro. O outro aspecto é o amor do mundo em que vivemos e, portanto, a aptidão de ver as oportunidades que oferece, o lado ensolarado, as conquistas humanas, conscientes das armadilhas e dos riscos. Basílio dispõe de uma característica tal que, por princípio, simpatiza, é feliz, quer viver dentro. Nunca está em situação de retirada ou de fuga: «É preciso abrir-nos de toda a alma aos valores de nosso tempo...».<sup>452</sup> Denominava o mundo como «o talento cósmico»,<sup>453</sup> um capital que Deus nos confia. É homem aberto que olha para frente: «Colocarei todo o meu vigor em defender a causa das modificações e das liberdades úteis ao reino do Cristo e por melhor qualidade do testemunho de nossa vida».<sup>454</sup> A Espiritualidade Apostólica Marista, que propõe a todo o Instituto, é de encarnação, de presença, de vida, de trabalho no mundo. São lições aprendidas na Universidade nas aulas do Professor Oswaldo Robles, depois na amizade muito forte nascida entre ambos. São os anos de juventude em que se criam os hábitos intelectuais e humanos.

---

452 Circ. de 2 de janeiro de 1968, p. 131.

453 Circ. de 2 de janeiro de 1968, p. 287.

454 Circ. de 2 de janeiro de 1968, p. 138. Na parte dessa Circular: Os apelos do mundo, quase 200 páginas, citações como as apresentadas encontram-se com frequência.

O último período de sua vida vê Basílio Mestre de Noviços e membro do grupo Epsimo. Esse grupo, composto de psicólogos, médicos, sociólogos, formadores, padres e pastores se propõe um olhar constante sobre o mundo, tal como ferve e se transforma, para oferecer uma palavra de síntese entre a fé e a cultura emergente. Quando se olha o programa de formação que Basílio traçou para seus noviços, só se pode admirar o equilíbrio, a abertura, a atualidade. Basílio visava a formar Irmãos para o mundo de amanhã, numa grande liberdade de espírito, longe de toda a esclerose intelectual ou espiritual.

Entre esses dois polos, da Universidade ao Epsimo, Basílio sulca o mundo, como membro do Movimento por um Mundo Melhor, inicialmente; depois como Superior-Geral. Seu cuidado, fazer passar o sopro renovador do Concílio Vaticano II; ajudar a Aurora a nascer, a aurora de um novo estilo de Vida Religiosa: atual, aberto, audacioso, porque, em primeiro lugar, profundamente evangélico.

Suas viagens o colocam em contato com toda espécie de pessoas, de culturas e de países; fazem-lhe descobrir o homem, seus múltiplos problemas, as maravilhas que a graça constantemente burila nos corações. Torna-se perito em humanidade, homem para os demais, com o princípio «a pessoa é um absoluto». Basílio torna-se tanto mais humano quanto mais descobre os mistérios do coração com a compreensão e a misericórdia que Deus inspira.

«Havia muito amor em seu coração!», dizia o amigo e colaborador Irmão Arturo Chávez. Como pessoa, era agradável, dotado de caráter feliz, otimista, aberto, humano que humaniza e enobrece. O último capítulo apresentou justamente o rosto hu-



mano de Basílio: amigo verdadeiro, atento, respeitoso, generoso, simples, fiel, criador de oportunidades novas. Era simplesmente Irmão. Era totalmente Irmão.

Basílio foi também muito admirado pela grande quantidade de trabalho que realizava. Foi verdadeiramente filho de um mundo caracterizado pela produção. Esse trabalho ele o conduziu como líder. Basílio nasceu para arrastar os outros; toda a vida foi locomotiva; achava-se na frente; assumia responsabilidades, como serviço, mas com competência. Tinha o senso da responsabilidade e, ao mesmo tempo, grande autodomínio para conservar a equanimidade e a liberdade interior de que um chefe necessita. Era percebido ao mesmo tempo próximo, simples, caloroso, e frio, como o clínico que examina um caso sem deixar que os sentimentos perturbem o diagnóstico. São bem duas características de nosso mundo: simplicidade na vida social, seriedade perante um trabalho científico.

O homem Basílio não tinha limites? Fisicamente, sim. Possuía saúde que o expunha aos resfriados, às bronquites de que se livrava dificilmente. No corpo, isso foi a cruz de sua vida. Uma das consequências, unida à quantidade de trabalho é que, por vezes, chegava a tal ponto de cansaço que devia tomar dias de repouso, longe do lugar habitual de trabalho. Nas cartas aos amigos próximos, diz bem que a quantidade de trabalho que impõe a si mesmo está no limite do humano e que muitas vezes se sente cansado. Expressava isso com a imagem da vela acesa pelas duas pontas. Sabia que a intensidade do trabalho significava uma vida mais curta. Com frequência teve de buscar forças na vontade e na generosidade para ir adiante. No entanto era prudente; contatava regularmente o médico particular, o Doutor Calleja, como também seu diretor espiritual.

Possuía caráter generoso demais, dificilmente sabia dizer não, sobretudo, se fosse o caso de prestar serviço. Era às pessoas em dificuldade que não sabia dizer não, mas não aos problemas de gestão ou de administração de uma Congregação: solicitações para novas fundações, vendas, nomeações ou transferências de Irmãos... Todos os relatórios das visitas mostram a coragem que tinha em dizer aos Irmãos os pontos fracos da Província, por vezes com tal realismo que os Irmãos reconheciam suas situações concretas, seus hábitos de grupo... A pessoa, porém, era por demais preciosa para Basílio. O Irmão Camille Gros diz muito bem que «Basílio estava pronto para morrer pelos Irmãos», e o Irmão Powel Prieur, seu Conselheiro, confessa que se fosse ter com ele como Conselheiro, não era sempre fácil achar tempo, mas caso se apresentasse com problemas pessoais, então a porta estava sempre aberta, todo o tempo necessário.

Certas testemunhas pensam que se podia enganar facilmente o Irmão Basílio. É o reverso da medalha de um homem que, por instinto, confia, é amigo e supõe no outro honestidade igual à sua. Teria facilmente feito suas as palavras de São Francisco de Sales: «Se me engano, prefiro que seja por demasiada bondade, que por demasiado rigor». Basílio preferia acreditar na pessoa e dar-lhe oportunidade. Houve quem abusasse de sua bondade.

O domínio das línguas também lhe causava dificuldades. Já no noviciado, o francês não era seu amigo. Em espanhol era exuberante, imaginativo, surpreendente, por vezes, insistente; mas conhecia limites nos outros idiomas. Dizia que tinha seu inglês, o inglês especial de Basílio, como os americanos têm o deles, os australianos também, e os escoceses e irlandeses... Mas convém não acentuar demais esse limite. Por um lado, seu trabalho de Su-

perior-Geral deixava-lhe pouco tempo livre; por outro lado, com o tempo, expressava bem suas idéias, particularmente em francês, com quantidade de vocabulário que pode assombrar.

Esses limites o aproximam de nós, tanto mais quanto os reconhece e procura haver-se bem com eles. Perito em humanidade, afirma que nenhuma pessoa atinge equilíbrio psicológico perfeito; sempre ficará alguma fissura e alguns pontos fracos.

E, no entanto muitos admiram o grande autodomínio que atingira: sobre o corpo, o sono, o humor... Muitos o acolhem como irmão e amigo, o procuram como diretor espiritual, o escolhem por líder, o leem para serem esclarecidos, o choram na morte, agora o invocam.

O Irmão Kieran Geany, Provincial de Sidnei, tinha estatura para suceder a Basílio, em 1976. Uma hemorragia cerebral vai deixá-lo extremamente frágil. Quando Basílio morre, ele escreve um texto, uma série de palavras: era tudo quanto podia fazer, mas, no conjunto, traçam um retrato maravilhoso de Basílio:

*Presença. Sabedoria. Deus.*  
*Humildade. Simplicidade. Modéstia.*  
*Alegria. Paz. Confiança.*  
*Integridade. Liberdade. Valor.*  
*Calma. Visão. Mistério.*  
*Vida interior. Paz. Graça.*  
*Amabilidade. Fidelidade. Justiça.*  
*Força. Paciência. Bondade.*  
*Jesus. Maria. José.*<sup>455</sup>

---

455 O Estilo de uma Vida, p. 153.

Esse escrutínio de palavras luminosas retrata bem o lado humano de Basílio e encaminha para o mistério do homem de Deus, «de um homem que não vive apenas de pão, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus».

## 2. Que Santo?

Todo o humano de Basílio está banhado na luz do segundo mandamento: «Amarás teu próximo como a ti mesmo!».

Sua personalidade, no plano humano, é rica e sedutora, mas está constantemente orientada pela fé, motivada pelo amor que vive com Deus e, de fato, como se Deus amasse através dele. É o amor que os santos oferecem aos seres humanos, que primeiramente foi vivido pelo próprio Cristo, e é uma expansão desse amor. Se quisermos compreender toda a personalidade de Basílio e fazer-lhe justiça, devemos concluir por uma reflexão sobre a santidade. Ela ilumina e faz compreender tudo.

É um convite a retornar à primeira parte deste livro que explorou a vida espiritual de Basílio: a graça, Deus, o Cristo, o Espírito Santo...

Não é que haja dicotomia em sua vida entre o humano e o espiritual; pelo contrário, há osmose constante, ou melhor, uma é a alma da outra: é a unidade da pessoa. O trabalho, como foi desenvolvido nestas páginas, é prático, mas artificial. No entanto, é preciso repetir, Basílio ama de veras nosso mundo, mas só Deus justifica o gênero de vida que levou: de consagração, de apostolado, de fidelidade, de abnegação, de busca apaixonada da vontade do Pai.

## 2.1. A fé

Nenhum capítulo foi reservado à fé do Irmão Basílio,<sup>456</sup> visto ser ela muito evidente em tudo o que faz. Ao ler-se com um pouco de atenção a Circular Um Novo Espaço para Maria, impressiona a frequência das alusões à fé da Virgem Maria. A sensibilidade à presença dessa fé, constantemente ativa, constitui um dos fios condutores da Circular. Com Basílio, descobre-se que Maria é admirável, nos é próxima, justamente por causa da fé. Essa sensibilidade, porém, revela também um homem que pensa na oração, que tem experiências para poder falar dela com tamanha acuidade.

Não se pode medir a fé dos grandes místicos sem ter entrado em seu mundo, sem fazer parte de seu grupo. Basílio tinha como livro de cabeceira as obras de São João da Cruz, místico que cita seguidamente e que assimilou com a inteligência e o coração.

E sua fé brilha em toda a parte. É a chave para compreender sua equanimidade, seu otimismo, o entusiasmo perante a vida, e as longas horas que passava em adoração ou em contemplação; as responsabilidades assumidas, com o trabalho e os problemas inerentes, somente porque vê nisso a vontade de Deus. Seu apostolado de viagens, de cartas, de escritos, de liderança, de proximidade aos Irmãos, os retiros, as conferências, os artigos: tudo proclama o Senhor Jesus e o amor infinito que existe no Pai.

Encontramos uma fé audaz, generosa, que testemunha, que fortifica e arrasta os demais: é a paixão pelo Reino de Deus. Será necessário reler o que ele próprio escreveu sobre o que é um profeta, o que é a experiência do amor de Deus, para compreender

---

456 Um caderno ulterior lhe será reservado.

que isso se torna, por impulso interior e por natureza da vocação e do amor, testemunho, palavra, vida que desafia. E, sinceramente, não se pode ser diretor espiritual de tantas pessoas, como foi Basílio, escrever livros espirituais que têm repercussão na Igreja, demonstrar a esta amor e obediência total, sem a fé. O próprio Basílio afirma que joga toda a vida sobre uma única carta, a do amor que Deus lhe tem. É uma opção de fé.

Ao dar uma série de conferências sobre a Palavra de Deus, Basílio toca o ponto da obediência da fé a essa Palavra. Haurindo na sua vivência, diz: «A acolhida da Palavra de Deus produz... operações interiores que nos transformam por dentro:

- é-nos dada uma nova óptica;
- nasce em nós a devoção e a afeição pela Palavra de Deus;
- ela se torna o lugar onde «se encontra nosso coração»: lugar de luz,  
lugar de paz,  
lugar de força,  
lugar de amor;
- vive-se na Palavra, procura-se a Palavra, nela se encontra luz para compreender e para situar-se perante os acontecimentos interiores e exteriores e para a realidade total.

Por outra parte, criam-se em nós as urgências da Palavra que interpelam nosso coração, nossas relações, a ação, a organização, a inserção.

“Se formos fiéis, as obras seguirão, os comportamentos seguirão, e seguirão os compromissos normais a uma vida de fé...».<sup>457</sup>

---

457 Conferência: A Palavra de Deus e os ritmos da vida no cristão, p. 19.

Estamos diante de uma linguagem da fé, diante da experiência da fé, diante de um hábito de viver a fé, diante do testemunho da fé. Mais adiante, nos diz com devemos acolher a Palavra de Deus (Jesus): «Fundamentalmente, trata-se de deixar alguma coisa que não é nossa, voltar para nós, entrar em nós, nos invadir progressiva e totalmente, nos transformar e nos assimilar a tal ponto que isso não somente se torna nova vida, mas a única vida, e, se necessário, a vida pela qual estamos dispostos a perder nossa primeira vida».<sup>458</sup> Ao falar aos Irmãos da Província Norte, Basílio lhes tinha dito de estar pronto a se fazer esfolar pelo Cristo e pronto a perder a mãe, antes do que perder o Senhor.<sup>459</sup>

Basílio permanece polarizado sobre Deus até o fim. Nos últimos momentos da vida, porém, sua fé se torna grande confiança no Pai, e confiança que é proclamada para que seja apostolado, encorajamento para os outros, certeza de que Deus ajuda a ser fiel. Na mensagem gravada para os amigos, um mês antes de morrer, diz: «Este foi sempre meu ideal: queimar a vida pelo Cristo e por minha Congregação». E depois de dizer que se pôs nas mãos de Jesus Cristo e nas mãos do Pai, ele termina: «Sinto-me aí em paz profunda, na ação de graças e todo para o louvor. Sei que não há mãos melhores do que as de Deus e é nelas que me coloquei». Eis como morre esse homem, cuja fé tinha sido trabalho pelo Reino, testemunho no povo de Deus e, sobretudo, amor de Deus e dos homens. Sua fé foi dom sem reserva na conjunção do primeiro e do segundo mandamentos.

---

458 Conferência: A Palavra de Deus e os ritmos da vida no cristão, p. 20.

459 Chamamento à renovação, n.º 1, p. 9, outubro-novembro de 1972.

## 2.2 A esperança

Somos pouco levados a nos interessar pela esperança. Sobretudo pela esperança como virtude teologal, indispensável ao cristão. O amor é mais bem acolhido, mais esperado, mais bem proposto. No pensamento teológico e nas dobras que dá à vivência cristã, a esperança passa por um tempo de purgatório. Basílio lembrou em diversas ocasiões que não se pode ser cristão sem a esperança.

Falou muitas vezes do profeta, dos valores proféticos da Vida Religiosa, e dele se disse que foi profeta. Ora, o profeta é homem da esperança, não tanto porque anuncia o futuro, mas porque, em tempos difíceis, recorda que Deus está presente. É homem que, nos momentos de desesperança, reaviva nos corações a chama da coragem e permite à peregrinação da vida continuar sua rota em direção a Deus. É o homem que firma «os joelhos trêmulos e as mãos vacilantes». É o homem que, no presente, qualquer que seja, desperta a confiança em Deus.

Uma outra realidade lhe voltava seguidamente aos lábios: era a da Escatologia, dos valores escatológicos, e que a Vida Religiosa os vive, os anuncia, os guarda vivos no povo de Deus. Para que a Escatologia se torne força que dinamiza a vida são certamente necessárias as virtudes teologais da fé e da esperança.

Os tempos de Basílio não foram fáceis nem para o mundo, nem para a Igreja e ainda menos para a Congregação. Em seu tempo de generalato, 18 anos, a Congregação perdeu um terço dos efetivos. Isso não lhe embotou o otimismo; o amor a Deus e aos Irmãos somente cresceu. Pedia a todos os Irmãos que tivessem confiança. Muitos recordam quanto acreditava na aurora, e tudo fazia para



«ajudar a aurora a nascer!». Pode-se dizer que Basílio era um namorado da aurora, portanto, de uma jornada que ainda guarda todas as suas possibilidades. É que estava habituado a «viver ao ritmo da vontade de Deus,... a ver com a retina de Deus os acontecimentos humanos, para ajudar a aurora a nascer».<sup>460</sup> Na mensagem pós-capitular de 1993, diz aos Irmãos que «o Instituto chegou a uma virada de sua história,... que é necessário enfrentar desafios e circunstâncias históricas que irão se intensificando». Perante as dificuldades que aumentam, Basílio convida os Irmãos «à confiança, à paz, à coragem!».<sup>461</sup>

A esperança é virtude que Basílio vivia, mas também sobre a qual aplicou a inteligência de seu coração. Na conferência sobre a Palavra de Deus tem diversas páginas sobre a esperança. A esperança cristã desempenha tríplice papel: de desejo, de espera e de aceleração.

De desejo porque «tudo gira em torno da promessa e da realidade, em torno do ‘já e ainda não’, do advento e da acolhida. Os tempos bíblicos se cruzam, e o cristão deve saber conjugar e sobrepor os tempos ‘ele veio, ele vem, ele virá’. Vive-se de uma lembrança que desperta a gratidão e de uma experiência que aumenta a sede, de uma promessa que nos mantém atentos e vigilantes... O desejo é a raiz humana mais típica da esperança».<sup>462</sup>

Na espera «a esperança cristã aguarda alguma coisa que virá verdadeiramente, de que se está convencido, porque Deus se comprometeu por sua palavra... Ela é fonte de muitas atitudes existen-

460 Circular sobre A Obediência.

461 Basílio Rueda, outro Champagnat, p. 59.

462 Conferência: A Palavra de Deus e os ritmos da vida no cristão, p. 39.

ciais: estar à espera, contar com, otimismo e paz...». <sup>463</sup> Ela ajuda “a viver com paciência e ação a Palavra de Deus”. <sup>464</sup> «A paciência é esta educação de caminhar ao passo de Deus e segundo o ritmo de Deus em nossa ação, na pregação, nas intervenções, em nossas tolerâncias e intolerâncias». <sup>465</sup>

A aceleração é o fato de o Espírito rezar na alma do cristão para que “o dia do Senhor seja abreviado”; <sup>466</sup> mas o cristão se empenha nesse sentido e ajuda, por seu trabalho apostólico, “a aurora a nascer”. <sup>467</sup>

Essa espera e certeza da aurora é, na vida de Basílio, a filha da esperança. Mas Basílio esperava também a outra aurora, aquela que viveu a 21 de janeiro de 1996, pelo retorno ao Pai.

Toda sua vida foi tensão para a plenitude da vida que se atinge pela morte. A vida eterna, a sede de encontrar-se com o Pai, filho no Filho, animado pelo Espírito do Filho, na grande família dos santos, é a orientação última que a esperança imprime aos desejos mais verdadeiros do coração. A fé na vida eterna <sup>468</sup> e a tensão da esperança, que criam o desejo e a fome, dão sentido a todo o viver cristão. É um ato de adoração que professa que Deus é verídico, que merece confiança, e suas promessas são dignas de fé. É assim que Basílio compreendia a esperança dos mártires. <sup>469</sup> Basílio viveu dessa esperança.

---

463 Conferência: A Palavra de Deus e os ritmos da vida no cristão, p. 39.

464 Conferência: A Palavra de Deus e os ritmos da vida no cristão, p. 40.

465 Conferência: A Palavra de Deus e os ritmos da vida no cristão, p. 40.

466 Conferência: A Palavra de Deus e os ritmos da vida no cristão, p. 41.

467 Conferência: A Palavra de Deus e os ritmos da vida no cristão, p. 40.

468 Seria necessário ler aqui o que Basílio diz do julgamento de Deus e quanta sede tem dele. A passagem encontra-se na página 9 da conferência: A Palavra de Deus e os ritmos da vida no cristão. Relatados nas páginas 135-136.

469 Conferência: A Palavra de Deus e os ritmos da vida no cristão, p. 21. Também as alusões ao capítulo 25 de Mateus! – o juízo final.

## 2.3 O amor

Forte na fé, firme na esperança, Basílio, sobretudo, soube amar. Este livro consagra dois capítulos ao presente tema: na primeira parte, o do amor; na segunda parte, o da fraternidade de Basílio.

Seus textos mais belos são os que falam do amor de Deus, da Palavra de Deus. Seus tempos pessoais mais densos ele os vive em adoração. Seus gestos mais significativos eram os da atenção aos outros, da acolhida, da escuta, do reconforto, da fidelidade, da doação total de si.

Sua vida trança constantemente juntos o primeiro e o segundo mandamentos, na lógica de uma fé que quer ser verdadeira e concreta. Esse amor Basílio o vive, fala dele, o propõe. Bem queria que toda a Congregação fizesse a experiência disso.

O que se reconhece de melhor nele é que deveras foi Irmão entre os Irmãos e «que havia muito amor em seu coração». Ele reconhece como essencial nele o seu ideal «de queimar sua vida pelo Cristo». Disse-o muitas vezes na vida e o repetiu um mês antes de morrer, quando bem percebe que a vida está queimada.

Basílio é

- homem extraordinário,
- homem de Deus sedutor,
- homem que Deus nos presenteou,
- homem que Deus nos propõe por modelo.

Esse homem nos deixa:

- a herança de sua sabedoria nos seus escritos,

- o fruto de seu amor em todos os Irmãos que ajudou confirmou, confortou e dos quais descreveu a fidelidade,
- a sede da aurora, filha da esperança e da fé,
- ensinou-nos o trabalho paciente de «ajudar a aurora a nascer».

Porque muito nos amou, nos tornamos herdeiros e responsáveis por:

- sua sabedoria,
- seu amor,
- sua esperança
- sua fé.

Vivemos do trabalho e do espírito de Basílio e, hoje, sentimos que nos ama.



# Caderno 8

*A palavra  
de Deus*



# A PALAVRA DE DEUS E OS RITMOS DA VIDA NUM CRISTÃO<sup>470</sup>

---

470 Conferência proferida pelo Irmão Basílio aos Irmãos de Comboni, da Consolata e do Pontifício Instituto das Missões Exteriores. Cf. Carta escrita pelo Irmão Javier Terradillos, Conselheiro-Geral no tempo de Basílio, e detentor dessa conferência, que não tem data, mas cita a carta do Irmão Bernard Perrault, de 18 de fevereiro de 1977.

## Introdução

Foi-me solicitado o desenvolvimento de dois temas:

- A Palavra de Deus objeto de escuta;
- A Palavra de Deus objeto de vida (viver a Palavra).

Meu encontro com esses dois temas, meu esforço para defini-los e, sobretudo, minha tentativa de separá-los e distingui-los, levou-me a uma conclusão: estava me empenhando num trabalho “realmente” impossível e artificial.

Em si mesmo e na prática, ou no exercício desses temas, quando um deles é verdadeiro, ele se projeta, se cruza e implica de tal modo o outro, que se apresenta praticamente em relação com ele, como as relações transcendentais na Filosofia e na Teologia.

Diante do mal-estar em situar-me nesses dois temas, dirigi-me a um Irmão e amigo, especialmente preparado nessas questões, e pedi-lhe a contribuição, sem esclarecer-lhe minha dificuldade... Recebi ajuda muito rica, pois a ele devo boa parte do que vou repassar-lhes. Descobri, com surpresa, que ele se defrontara com a mesma dificuldade, e encontrara a solução de me apresentar as duas unidades propostas fundidas num só tema.

Penso que teve razão em proceder assim e respeitou a realidade que ele quis descrever. Escutar e viver a Palavra de Deus são como “dois aspectos ou dois momentos psicomistéricos” de uma só realidade, que eu denominaria “a invasão subjetivada” da Palavra de Deus em nossas vidas, e de sua presença, graças a nós, no Mundo.



As fronteiras teóricas dos dois aspectos se conjugam na realidade; em toda a realidade. Confundem-se num fluxo e refluxo nunca precisos, nem em seus ritmos nem em seus limites.

Nessa alternância de ritmos joga muito, de uma parte, a liberdade humana cheia de caprichos, esperas e incoerências. Joga também, e em grande proporção, a ação muito livre do Espírito Santo na comunicação de seus dons e carismas.

Apesar dessa imprevisibilidade dos ritmos e da impossibilidade de definir os limites, escutar e viver a Palavra de Deus são como a diástole e a sístole da fé toda inteira diante da Palavra de Deus.

Duas conclusões para esta introdução:

1. Desenvolverei as duas palestras como uma só unidade, procurando, entretanto, sublinhar o aspecto da escuta na primeira, e o da vida na segunda.
2. Tratando o assunto dessa maneira, o objetivo de nosso encontro ganha bastante, que é, penso, um profundo apelo para acolher a Palavra de Deus, na sua totalidade e na sua intenção salvífica total. É esse o ponto crucial da questão: na realidade, a enorme diferença entre o verdadeiro santo e a maioria de nós, que nos chamamos crentes, é a plenitude, a integralidade, a totalidade dessa acolhida de Deus que se torna Palavra em nossa própria carne e em nossa própria vida. Em nós, na maioria das vezes, a Palavra é como uma semente em expectativa e ansiosa por germinar, mesmo se a amamos com emoção, a meditamos, rezamos e partilhamos. Nos santos, ela se apresenta como belíssima floração, mais ainda, como a Palavra de Deus que admiravelmente frutificou e se tornou messe esplêndida.

## **A PALAVRA DE DEUS, PONTO DE PARTIDA E CORAÇÃO DESTE TEMA**

### **1.1. O sentido da Palavra**

No caso da Palavra de Deus temos uma situação única, que não se repete em nenhuma outra palavra. A Palavra é uma Pessoa. Poderíamos bem distinguir e falar da Palavra de Deus e das palavras da Palavra de Deus, às quais temos acesso por meio de uma “inculturação” e “numa expressão determinada”.

A Palavra de Deus se nos apresenta com densidade de ser, com poder de vida, com força de santidade tais que é necessário parar um momento, a fim de sublinhar alguns sentidos, os mais profundos, que podem interessar-nos:

*É uma Palavra eterna e divina.*

É o dizer de Deus sobre Deus, em que a totalidade da grandeza, do poder e da plenitude de Deus é expressa, perfeitamente dita, e nada fica sem expressão ou deficientemente expressado. É um dizer que para o próprio Deus é encantador, beatificante e que enamora.

A dimensão eterna e divina dessa Palavra nos é apresentada no início do Evangelho de João (1,1-6): “No começo a Palavra já existia: a Palavra estava voltada para Deus, e a Palavra era Deus...”.

Paulo, na carta aos Filipenses, 2,5-6, também nos fala dessa condição divina: “Tenham em vocês os mesmos sentimentos que houve em Jesus Cristo. Ele tinha a condição divina...”.

Mas é, sobretudo numa passagem esplêndida que Paulo nos revela como nela reside TODA A PLENITUDE DA DIVINDADE: Cl 1,9-21.

*É uma Palavra de salvação.*

Como diz Santo Tomás, Deus não nos disse uma palavra qualquer, mas nos disse uma palavra de amor, uma palavra de salvação (cf. Cl 1,21-23).

*É uma Palavra gratuita.*

É puro dom, sem mérito algum de nossa parte e sem que dele sejamos dignos: “E o amor consiste no seguinte: não fomos nós que amamos a Deus, mas foi ele que nos amou, e nos enviou o seu Filho como vítima expiatória por nossos pecados”. (1Jo 4,10)

O capítulo VIII da epístola aos Romanos descreve bem essa predestinação gratuita: “Aqueles que Deus antecipadamente conheceu, também os predestinou a serem conformes à imagem do seu Filho...”. (Rm 8, 29)

*É uma Palavra ôntica, uma verdadeira Pessoa:*

“Aquilo que existia desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com nossos olhos, o que contemplamos e o que nossas mãos apalpamos: – falamos da Palavra, que é a Vida... nós o anunciamos a vocês”. (1Jo 1,1) Essa afirmação do apóstolo São João, colocada ao lado de outras, não menos impressionantes de seu Evangelho: “Ninguém jamais viu a Deus; quem nos revelou Deus foi o Filho único, que está junto ao Pai” (Jo 1,18), nos apresenta de maneira circular:

- a inacessibilidade total de Deus;
- a intimidade e conaturalidade entre Ele e o Verbo;

- a manifestação, de certo modo, da acessibilidade de Deus, graças à sua palavra.

É novamente S. Paulo quem nos traça uma síntese genial dessa “onticidade”, enquanto

Deus e enquanto homem, da Palavra de Deus feita carne, totalmente humanizada para nós (cf. Fl 2, 5-11).

*É uma Palavra escatológica,*

isto é, uma Palavra pronunciada com uma clara e eficaz intenção: “Da mesma forma como a chuva e a neve caem do céu...”. (Is 55,10-11)

A descrição apocalíptica do Filho de Deus, portando sobre seu hábito as características de sua função: “Fiel”, “Verídico”, “Palavra de Deus”, e ao mesmo tempo, trazendo inscrita sobre sua coxa a realeza e a dominação, dizem-nos que a Palavra de Deus deve impor-se pela força (no sentido positivo de impor-se, e de impor-se pela força que ela contém).

As comunidades primitivas, cativadas pela força dessa palavra, por sua santidade, sua verdade, por sua bondade e doçura, escutavam-na com alegria e organizavam-se a partir dela e por ela, obedecendo-lhe com fé. O ensino dos Apóstolos, a oração em comum, a distribuição dos bens, a comunhão e a fração do pão, tudo nascia da acolhida dessa Palavra; tudo se movia em sua atmosfera vivificante, e a Palavra se estendia sempre mais. “E a cada dia o Senhor acrescentava à comunidade outras pessoas que iam aceitando e a salvação aumentava”. (At 2,41-47)

## 1.2. Os pré-conteúdos e os conteúdos dessa única e total Palavra de Deus

A Palavra de Deus se fez carne e habitou entre nós... Ela levantou sua tenda e fez-se igual a nós em tudo, exceto no pecado. Semeou suas palavras como grãos de trigo, aos quatro ventos, e seus contemporâneos exclamaram: “Ninguém jamais falou como esse homem”. (Jo 7,46) “Feliz o ventre que te carregou, e os seios que te amamentaram”. (Lc 11,27)

O esplêndido conteúdo da palavra de Deus já oferecia magníficos clarões na revelação do Antigo Testamento. Páginas admiráveis que vivificam as comunidades crentes, há milhares de anos de distância; especialmente, as páginas límpidas dos profetas. É aí que encontramos o que podemos chamar de pré-conteúdos da Palavra de Deus.

É impossível esboçar, mesmo em suas grandes linhas, uma síntese dos pré-conteúdos e dos conteúdos da Palavra de Deus. Não é possível e também não está nos objetivos de nosso retiro. Seria trabalho para toda a vida, na contemplação e na oração. Maria passou anos a meditar algumas palavras do Filho, e Ela era cheia de graça e toda pura.

O importante é fixar bem e conservar essa referência mútua da Palavra de Deus, pessoa, e das palavras que Ele nos diz e nos são transmitidas. Ele se diz e se explicita nessas palavras, e estas se fundamentam, se verificam e se esclarecem no mistério incomensurável do Filho de Deus. Poderíamos, aqui, aplicar a bela idéia da Escritura: “In lumine tuo, videbimus lumen” e o gesto impressionante de Jesus:

“No último dia da festa, que é o mais solene, Jesus ficou de pé e gritou: ‘Se alguém tem sede, venha a mim, e aquele que acredita em mim, beba. É como diz a Escritura: ‘Do seu interior jorrarão rios de água viva’”. (Jo 7,37-38)

### **1.3. O ambiente divino em que a Palavra de Deus se torna clara e inteligível**

Com essa Palavra de Deus que nos foi dada, encontramos-nos numa dupla dialética:

ELE NOS DISSE TUDO E AINDA TEM MUITO A DIZER-NOS. AGORA SIM, NOS FALAS CLARAMENTE, E NÃO PRECISAMOS QUE NINGUÉM NO-LO EXPLIQUE, E O QUE VOS DIGO NÃO O PODEIS COMPREENDER...

O cristão viverá nessa dialética e nela a Igreja formará o que foi chamado de “consciência progressiva da Igreja” (cf. Jo 15,15 e 16,12-14).

A partir desse meio fundamental e privilegiado, existem outros meios particularmente bons e fecundos para aprofundar e compreender a Palavra de Deus.

Esses meios podem reduzir-se ou referir-se, de um modo ou de outro, à Igreja, o novo seio maternal onde o Espírito Santo continua a dar a vida, no corpo de cada cristão, a uma multidão inumerável e secular de filhos de Deus, para que Jesus seja o primogênito de muitos irmãos.

Maria, tipo e realização da Igreja, permanecerá sempre o modelo primeiro e que não pode ser ultrapassado, a nos mostrar com perfeição como se acolhe, encarna, vive, aprofunda, segue, até o fim, a Palavra de Deus e as palavras que Deus diz em nossa vida.

#### **1.4. Sentido progressivo, intencional, efetivo e histórico da Palavra de Deus**

O Senhor comparou o Reino fundado pela Boa-Nova de sua Palavra e por ela anunciado com o grão de mostarda, o fermento, o grão semeado, ou seja, com uma série de metáforas de crescimento. Nisso quis ensinar-nos certos aspectos fundamentais da Palavra de Deus, na História, e tudo o que nasce verdadeiramente dela:

o crescimento,  
a difusão,  
a comunicação, a circulação,  
a unidade e a unificação,  
a proclamação,  
a santidade,  
a plenitude.

Na medida em que a palavra recebida nos faz realmente crescer, pessoal e comunitariamente; na medida em que encontra em nós dinamismo e disponibilidade para a difusão, para a proclamação, para o testemunho; na medida em que a transmitimos e a recebemos com simplicidade, gratidão e humildade; na medida em que nos unifica, santifica, nos enche, a Palavra de Deus completa não somente sua ortodoxia, mas sobretudo e antes de tudo, sua ortograça.

Quando Paulo nos diz: «Não adulteremos a palavra de Deus», significa não somente a fidelidade conceitual da Palavra, mas especialmente que devemos preservar-lhe todas as forças em nós, toda a sua natureza, isto é, todos os dinamismos que assinalamos. Ninguém pode ouvir e transmitir a Palavra de Deus, de maneira adequada, senão respeitando-a, deixando-a ser em nós o que é na realidade: dom vivo e vivificante.

### **1.5. As funções da Palavra de Deus em nós**

São inesgotáveis e apresentam muitas facetas. Vamos nos concentrar nas que parecem mais importantes:

O Senhor disse: «Sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao Pai a não ser por mim». (Jo 14,6) Santo Agostinho, ao comentar de maneira magistral essa passagem, dirá: «Aquele que estava e residia junto ao Pai como Verdade e como Vida, ao se encarnar fez-se nosso Caminho».

Portanto, a Palavra é caminho, verdade e vida.

Caminho que conduz ao Pai;

Verdade que nos arranca  
das trevas;

Vida que nos ressuscita,  
graças à vida profunda  
do mistério pascal».

Cada um desses aspectos poderia chegar a um desenvolvimento muito longo. Aqui nos contentamos do que é enunciado.



*Em sua função de luz*, a Palavra de Deus é apresentada como lâmpada para nossos passos e luz em nosso caminho (Sl 119, 105). Está presente, qual impressionante antinomia de luz e de trevas, em João (Prólogo e cap. 9). É apresentada como fogo: «Minha palavra não é como fogo? – oráculo de Javé – ou como um martelo que tritura a pedra?». (Jr 23, 29) Dela emana uma ação de purificação: «Vocês já estão limpos por cauda da palavra (doutrina) que eu lhes falei». (Jo 15, 3)

Dela vêm a ação de conversão e a ação de educação. O salmo 119 está repleto, nesse sentido, da sabedoria obtida a partir da lei e da Palavra de Deus.

A passagem mais fundamental e mais impressionante, referente a essa dimensão de luz, encontra-se nos textos de João 8, 12, em que o Senhor diz: «Eu sou a luz do mundo. Quem me segue não andará nas trevas, mas possuirá a luz da vida».

*Em sua função misteriosa*, essa Palavra de Deus revela o mistério escondido desde o começo em Deus. Deus é amor, Deus é luz, nele não há trevas. Há um laço indissolúvel entre o amor e a luz. A primeira epístola de São João está permeada por essas idéias e por essa conexão intrínseca.

Contudo é São Paulo que, de modo muito mais conciso, nos falará desta dimensão reveladora de um mistério inefável e insondável da Palavra de Deus: «Por isso, eu, Paulo, prisioneiro de Cristo em favor de vocês, os pagãos... A mim, o menor de todos os cristão, foi dada a graça de anunciar aos pagãos a incalculável riqueza de Cristo...». (Ef 3,1-19) (Toda essa passagem é citada.)

*Função de julgamento:* A Escritura nos apresenta o Cristo como a vingança de Deus: «Quando minha cólera explodiu, disse-lhes: eu lhes envio minha Palavra».

Sim, mas por um lado, essa vingança será como a vingança de Deus: uma ruptura aparente para uma maravilhosa reconciliação.

Por outro lado, essa Palavra trará a salvação e não será apenas palavra de consolação.

Haverá sempre um dilema: «Quem não está comigo, está contra mim». (Mt 12, 30) Foi o caso para Maria. Ao segurar o menino nos braços, foi-lhe revelada esta dimensão antagônica e de julgamento da Palavra de Deus: «Eis que este menino vai ser causa de queda e elevação de muitos em Israel. Ele será um sinal de contradição... Assim serão revelados os pensamentos de muitos corações». (Lc 2, 34-35) Essa profecia de Simeão a respeito do menino vai realizar-se de maneira impressionante com as palavras de Jesus quando afirmava: «Eu vim a este mundo para um julgamento, a fim de que os que não vêem vejam, e os que vêem se tornem cegos...». (Jo 9, 39-41)

‘A epístola aos Hebreus nos mostra com que intensidade a Palavra de Deus penetra até o íntimo do ser humano e cumpre sua função de julgamento e de transformação: «A palavra de Deus é viva, eficaz e mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes; ela penetra até o ponto onde a alma e o espírito se encontram, e até onde as juntas e medulas se tocam...». (Hb 4, 12-13)

É sobretudo em São João que essa dimensão e função da Palavra de Deus aparece com toda sua força:

Ela julga e convence  
de pecado.  
Ela convence de pecado  
e chama à conversão,  
ela converte, justifica  
e transforma,  
ela transforma e salva.

Disso provém a devoção ao julgamento de Deus: não devemos fugir dele, porque somente nele, na sua verdade, encontra-se nossa esperança de salvação quando ela nos condena, nos purifica, nos converte, nos muda.

Ó julgamento de Deus, julga-me para que eu seja salvo!

A maravilhosa afirmação de Jesus a Nicodemos apoia profundamente essa esperança e essa oração: «Pois Deus amou de tal forma o mundo, que entregou o seu Filho único, para que todo o que nele acredita não morra, mas tenha a vida eterna. De fato, Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para condenar o mundo, e sim para que o mundo seja salvo por meio dele». (Jo 3, 16-17)

A passagem de São Paulo, no capítulo 8 da epístola aos Romanos, não é menos reconfortante e fundamental: «Na esperança, nós já fomos salvos!... É na perseverança que o aguardamos o que não vemos». (Rm 8, 24-25)

Aguardamos com paciência porque nem Deus nem Jesus nos condenarão (Basílio cita aqui Rm 8, 31-34).

O julgamento de Deus, portanto, não é para a perdição, é apenas para quem não quiser aceitar sua função salvífica, sua função redento-

ra: quem se fecha à fé em Jesus, quem recusa sua misericórdia, quem recusa seu amor salvador. Esse desejo profundo, esse anseio total de salvação é o que há de mais característico e é a finalidade mais profunda do julgamento de Jesus, do julgamento da Palavra de Jesus. Com efeito, a Palavra de Deus salva porque vivifica. E vivifica com uma vida que é vida eterna: «Eu vim – disse o Senhor – para que tenham vida, e a tenham em abundância». (Jo 10,10). «As palavras que eu disse a vocês são espírito e vida». (Jo 6, 63) «Vocês nasceram de novo... por meio da palavra de Deus». (1Pd 1,23) É a grande intuição que Pedro teve quando, depois do abandono quase maciço dos discípulos, em seguida ao discurso do Pão de vida, responde à interpelação de Cristo: «A quem iremos, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna». (Jo 6, 68)

Uma função normativa: A Palavra de Deus tem, enfim, além de sua função de luz, sua função misteriosa, sua função de julgamento, uma função normativa. Não se trata de norma fundamentalmente ética e social, é norma de outra natureza, norma intrínseca, axiológica, profunda.

Para esse fim, a Palavra de Deus torna-se para nós critério, norma e medida. Nossa lei será Jesus Cristo. Jesus e sua Palavra: «Quem aceita os meus mandamentos e a eles obedece, esse é que me ama». (Jo 14, 21) «Se alguém me ama, guarda a minha palavra, e meu Pai o amará. Eu e meu Pai viremos e faremos nele a nossa morada». (Jo 14, 23) Poder-se-iam multiplicar citações. No fundo, trata-se do anúncio feito pelo profeta Jeremias, a respeito de uma ordem nova e de uma lei escrita no coração; graças a ela, educados por Deus e guiados pelo mesmo Espírito, os filhos engendrados por essa nova criação serão capazes de uma moral, de uma axiologia, de uma maneira de estimar as coisas, de uma conduta admirável, à imagem de Jesus Cristo.

## 1.6. Nossa responsabilidade integral perante a Palavra de Deus

A Palavra, tal como nos foi dada, tal como acabamos de contemplá-la e admirá-la no primeiro ponto, é dom maravilhoso de Deus, que é necessário contemplar comovidos:

com gratidão, perante sua gratuidade,  
com admiração, diante de seu esplendor,  
com reverência, perante sua santidade,  
com alegria, diante de sua doçura  
e riqueza insondáveis.

Mas como para todos os dons de Deus, é algo que não devemos conservar avaramente, mesmo se for totalmente em meio a mil seguranças, mas para que isso cresça e seja comunicado.

As metáforas e as parábolas do Senhor a respeito da palavra são de uma clareza que interpela com força nossa responsabilidade.

“O semeador saiu para semear a sua semente. Enquanto semeava, uma parte caiu à beira do caminho...”. (Lc 8, 5-11. Basílio cita todo o texto)

Sem esquecer a gratidão e a esperança, essa parábola deveria levar-nos a perguntar: «Eu, concretamente, em meus 30, 40, 50... anos de vida cristã, que tipo de terreno tenho sido para o Cristo?».

A parábola das minas, a dos talentos, a das virgens, conservam toda a sua força de interpelação.

É necessário especialmente chamar a atenção sobre o caso do talento que foi conservado com cuidado, porque se sabe que o dono é exigente. Foi restituído a ele intacto, e isso acarretou reprovação e retirada do talento.

Contudo devemos estar atentos para que esse sentido de responsabilidade nunca abafe o clima de gratidão e de esperança teologal, sem o qual faltam as condições para que a Palavra de Deus frutifique em nossas vidas. Devemos recordar que, em última instância:

A salvação vem  
gratuitamente de Deus,  
nossa resposta só se dá  
com a graça de Deus,  
há o semeador  
que cuida da Palavra,  
e essa semente  
traz em si uma  
«dinâmica objetivada»:

«O Reino de Deus é como um homem que espalha a semente na terra. Depois ele dorme e acorda, noite e dia, e a semente vai brotando e crescendo, mas o homem não sabe como isso acontece. A terra produz fruto por si mesma: primeiro aparecem as folhas, depois a espiga e, por fim, os grãos enchem a espiga». (Mc 4, 26-28) E os frutos levam o estilo dos dons do Espírito Santo.

O ponto de partida para que a Palavra de Deus penetre em nós e se desenvolva é a conversão fundamental, isto é, volver o rosto, volver o coração, volver a atenção para a Palavra de Deus.

## 1.7. Os meios para captar a Palavra de Deus, e nossos deveres éticos a seu respeito

A experiência e a Palavra do Senhor nos dizem que há em nós conaturalidades subjacentes, que são como sentidos espirituais, órgãos de captação da Palavra do Senhor.

Elas existem em nós, em parte, como natureza e, em parte, como dom, numa simbiose vantajosa; elas nos fazem sentir que temos acesso à Palavra de Deus, ao mesmo tempo em nossa carne, devido à nossa humanidade, e como dom maravilhoso. Elas são subjacentes, portanto, mas se acordam em nós perante seu objeto (a Palavra de Deus) e entram em atividade plena de esperança, de amor e de desejos.

O Senhor nos fala desses meios de captação pelos quais, e a partir dos quais, a palavra (sua palavra) se torna acessível, luminosa, amada, mesmo quando deve condenar. A Escritura menciona, em particular, o ouvido, o olho e o coração como meios especiais para captar:

“Fazer vossa vontade, meu Deus, é o que me agrada, porque vossa lei está no íntimo do meu coração”. (Sl 39[40], 9)

«Meu filho, ouve as minhas palavras, inclina teu ouvido aos meus discursos...». (Pr 4, 21)

«Quem tiver ouvidos para ouvir, ouça». (Lc 8, 18, Mc 13, 9, Mt 11, 15, cf. também Is 50, 4-5, Mt 13,16)

Mas, a própria Escritura, que nos dá a conhecer esses fatos de captação da Palavra de Deus mediante os ouvidos, os olhos e o coração, nos mostra como esses meios podem ser incapazes

de receber (e podem existir nas pessoas religiosas) a própria Palavra de Deus. Portanto, os sentidos naturais não bastam para obter resultado.

«O Senhor ainda não nos tinha dado um coração para conhecê-lo, olhos para vê-lo, ouvidos para escutá-lo». (Dt 29, 3; Jo 12, 16-17)

O Senhor, porém, lhes dá um comprimento de onda capaz de captar e de compreender verdadeiramente e, por conseguinte, de crer: Encontramos, provavelmente, em Ezequiel a passagem mais densa e mais notável, a propósito dessa dimensão de dom e de sistema de captação que vem de Deus: «Darei para vocês um coração novo, e colocarei um espírito novo dentro de vocês. Tirarei de vocês o coração de pedra e lhes darei um coração de carne. Colocarei dentro de vocês o meu espírito, para fazer com que vivam de acordo com os meus estatutos e observem e coloquem em prática as minhas normas». (Ez 36, 22-27)

Aqui ainda apresenta-se esta outra insondável conjunção de dom e de poder natural, de gratuidade e de responsabilidade entre a capacidade e a não-capacidade de ver, de entender, de sentir e de compreender a mensagem de Deus. Na Escritura há um mistério profundo e trágico:

De um lado,  
abertura sobre Deus,  
do outro,  
o homem que,  
por sua falta, anula  
a capacidade dos sentidos  
perante a Palavra de Deus.



Os textos da Escritura são muito explícitos, a respeito do primeiro ponto (Dt 2,30 e Jo 9, 39). E sobre esse mesmo ponto nos tornam respeitosos perante um mistério que nos ultrapassa. Não podemos, e não nos compete julgar, nem Deus nem o nosso próximo: “E acrescentou: ‘É por isso que eu disse: Ninguém pode vir a mim, se isso não lhe é concedido pelo Pai’”. (Jo 6, 65)

Não menos explícitos são os textos da Escritura sobre o segundo ponto. O que convém assinalar, perante esse mistério e essa responsabilidade, é um sentimento profundo de gratidão e de responsabilidade de nossa parte, nós que recebemos o dom da fé e da compreensão daquilo que acreditamos e acolhemos.

«Por que lhes falas em parábolas?», perguntaram os discípulos a Jesus. Ele lhes respondeu: «Porque a vocês foi dado conhecer os mistérios do Reino do Céu, mas a eles não.... É por isso que eu uso parábolas para falar com eles: assim eles olham e não veem, ouvem e não escutam nem compreendem». (Mt 13, 10-13) Ver também vv.16-17: «Vocês, porém, são felizes, porque seus olhos veem e seus ouvidos ouvem».

Essa responsabilidade inerente e complementar dessa bem-aventurança concretiza-se numa série de deveres éticos de nossos sentidos espirituais, porque devemos conservá-los em bom estado e numa aptidão crescente de captar e compreender para que não nos aconteça o que o autor da carta aos Hebreus escrevia: «Temos muito a dizer sobre este assunto, mas é difícil explicar, porque vocês se tornaram lentos para compreender. Depois de tanto tempo, vocês já deviam ser mestres; no entanto, ainda estão precisando de alguém que lhes ensine as coisas mais elementares das palavras de Deus». (Hb 5, 11-12)

Com efeito, a Palavra de Deus não é apenas dicção, mas também uma série de acontecimentos, uma transmissão e, sobretudo, um mistério que não se percebe e não se compreende senão com escuta atenta e, mais ainda, esfomeada – como uma sentinela; e por um olho que foi treinado pela fé e a pureza, e um coração aberto, convertido, novo.

A Escritura volta uma que outra vez sobre a importância das condições e das disposições desses três grandes meios de contato com o Senhor. Sua capacidade depende de uma simbiose misteriosa entre a ação de Deus sobre eles e nossa própria ação sobre esses mesmos meios.

No primeiro aspecto dessa simbiose ou dessa sinergia, existem deveres de nossa parte. Deveres indiretos, mas reais. Com efeito, se é certo que há grande gratuidade da parte de Deus, e que o Espírito Santo concede a cada um como lhe agrada, e que cada um tem não apenas seu dom, mas a medida desse dom, não é menos certo que o Senhor quis que pelo desejo, a pobreza espiritual, a esperança e a oração, o discípulo faça violência à magnífica e salvífica benevolência de Deus. «Bem-aventurados os que têm fome e sede... serão saciados». (Mt 5,6)

«Dou-te graças, Pai, porque revelaste essas coisas aos pobres e aos pequenos...». «Peçam e lhes será dado! Procurem, e encontrarão! Batam, e abrirão a porta para vocês!». (Mt 7,7)

No segundo aspecto, nossa ação é mais direta e mais necessária. É aí que residem nossos deveres éticos. Eles podem se resumir em:

- Ter o olho puro. «A lâmpada do corpo é o olho. Se o olho é

sadio, o corpo inteiro fica iluminado...». (Mt 6, 22) «Nunca pequei contra a luz» (P. Faber). São João da Cruz dizia isso muito bem: «Lavar as vidraças da alma para que, se Deus quiser, sua luz brilhe dentro de nós».

- Ter o ouvido aberto e ativo: «Tomem muito cuidado! Fiquem atentos a estas minhas palavras» (Mc 4, 24). «Quem tem ouvidos, ouça!». (Mt 13,9) Esse conselho é repetido com insistência pelos sinóticos.
- Conservar o coração puro, sensível e orientá-lo ativamente para Deus. É, sobretudo o coração que nas Escrituras é indicado como lugar por excelência onde Deus fala: «Tu encontrarás Deus, se o procurares com todo o coração e com toda a alma» (Dt 4, 29). «Que Deus ilumine os olhos do coração de vocês». (Ef 1, 17). «O justo brilha na treva como luz para corações retos» (Sl 112 [111], 4).
- E o mais importante dos deveres éticos, dos deveres do coração, é AMAR O BEM, AMAR A LUZ, TENTAR PRATICAR O QUE A PALAVRA DO SENHOR DIZ: Sobre esse ponto, os grandes discursos de Jesus, no evangelho de João, encerram verdadeiro tesouro de ensinamentos.

## INTERIORIZAR A PALAVRA DE DEUS

### 2.1. Dados Objetivos

Todo processo de interiorização da Palavra de Deus em atitudes profundas de fé, esperança e veneração profunda a respeito dessa Palavra, exige como base uma série de dados objetivos, que sirvam de fundamentos desse processo e sejam capazes de dinamizar níveis heroicos de densidade e de generosidade. Sem essa base operativa, encontramos-nos perante fatos de autossugestão ou de fanatismo (cf. G.H. Rodríguez).

Em grande parte, esses fundamentos foram apresentados nas páginas precedentes. Contudo é indispensável apresentar aqui nem que seja uma parte reduzida desses fundamentos.

Resumiremos tudo nos pontos seguintes:

- *O próprio Deus nos falou...* Ele nos dirigiu a Palavra para nos dizer algo que é importante para ele e, sobretudo, para nós: «Muitas vezes e de modos diversos falou Deus, outrora, aos nossos pais pelos profetas; ultimamente nos falou por seu Filho...». (Hb 1,1)
- *Jesus é a voz e a Palavra de Deus.* «Dei-lhes a tua Palavra». «Tua palavra é a verdade» (Jo 17, 14 e 17). «As palavras que digo a vocês, não as digo por mim mesmo». (Jo 14, 10. Cf. também João 3, 34 e 8,28 e 12,50)
- *Jesus mesmo é a luz e a Palavra em si mesmo e para o mundo.* «Este é o meu Filho bem-amado. Escutem o que ele diz!». (Mc 9,7) «No começo a Palavra já existia: a Palavra estava voltada para Deus, e a palavra era Deus». (Jo 1,1)

- “*Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens*”. (Jo 1,4) «Eu sou a luz do mundo. Quem me segue não andarรก nas trevas, mas possuirรก a luz da vida». (Jo 8, 12)
- *Ele 茅 Palavra e Luz especialmente para nós*. «Você o está vendo; 茅 aquele que está falando com você» (Jo 9, 37). «Foi a nós que esta palavra de salvaao foi enviada». (At 13, 26) «Lembrem-se de como ele falou a vocês» (Lc 24, 6). Nesse caso, há um imperativo que se deduz: prestar ouvido  sua voz: «Escutem a minha voz e eu serei o seu Deus». (Jr 7, 23)
- *Essa Palavra 茅 fonte de Vida, de Edificaao e de Dignidade, de Felicidade*.

*Vida*: «Não so de pão vive o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus» (Mt 4, 4) e (Dt 8, 3)

«Vocês nasceram de novo, no de uma semente mortal, mas imortal, por meio da Palavra de Deus, que 茅 viva e que permanece». (1Pd 1, 23-25) «Eu garanto a vocês: quem ouve a minha palavra e acredita naquele que me enviou, possui a vida eterna. No será condenado, porque já passou da morte para a vida». (Jo 5, 24)

*Dignidade*: Jesus dizia: «A Lei chama de deuses as pessoas para as quais a palavra de Deus foi dirigida». (Jo10,35)

*Felicidade*: «Não estava o nosso coraao ardendo quando ele nos falava pelo caminho, e nos explicava as Escrituras?». (Lc 24, 32) «Vocês são felizes, porque seus olhos vem e seus ouvidos ouvem». (Mt 13,16)

*Edificaao*: O texto extraordinário de Pedro sobre a pedra angular, a fé nela e a edificaao resultante: «Eles tropeam porque não acreditam na Palavra... Vocês, porém, so raça eleita, sacerocio régio, naao santa, povo adquirido por Deus, para proclamar

as obras maravilhosas daquele que chamou vocês das trevas para a sua luz maravilhosa. Vocês que antes não eram povo, agora são povo de Deus». (1Pd 2, 1-10)

*Recriação e Ressurreição:* A Palavra é fonte de recriação e de ressurreição. «Esta é a vontade do Pai: que todo homem que vê o Filho e nele acredita, tenha a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia». (Jo 6, 40) “A quem iremos, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna. Agora nós acreditamos e sabemos que tu és o Santo de Deus”. (Jo 6, 67-69) E o impressionante texto de Ezequiel sobre a Palavra, o Espírito e o grande vale repleto de ossos ressecados (Ez 37, 1-14).

*É uma Palavra que nos julgará.* «Eu não condeno quem ouve as minhas palavras e não obedece a elas, porque eu não vim para condenar o mundo, mas para salvar o mundo. Quem me rejeita e não aceita minhas palavras, já tem o seu juiz: a palavra que falei será o seu juiz no último dia». (Jo 12, 47 e 48)

## **2.2 Visão sintética do processo integral**

O processo teórico e logicamente normal, o que se pode esperar com maior frequência na realidade, é o descrito por São Paulo no capítulo 10 da carta aos Romanos: pregação, fé, invocação, salvação (Rm 10, 13-15). «Pois se você confessa com a sua boca que Jesus é o Senhor, e acredita com seu coração que Deus o ressuscitou dos mortos, você será salvo» (Rm 10, 9). *O único comportamento perante a Palavra: a obediência.*

Perante a plenitude e a exultante epifania da Palavra de Deus ao homem, nessa palavra de amor e de salvação que é seu Filho (cf.

Hb 1, 1-3), ou perante as fagulhas dessa palavra divina, segundo os dons de Deus e segundo a graça que foi dada a cada um, a cada momento da sua vida, apenas há uma atitude honesta possível: a obediência da fé (em proporção da manifestação do Senhor). Obediência, no sentido etimológico do termo: Ob-audire.

É desse comportamento de base que nasce um processo de vida que tem uma intencionalidade sem fim: «brota em vida eterna». Tudo está contido nessa atitude fundamental, de modo que o que vem depois é apenas o desdobramento lógico da fé. É esse processo psico-mistérico que Santo Agostinho denominou a circularidade do espírito, em nosso caso, reativado e ultrapassado, sem estar alienado de sua dimensão antropológica, pela ação do alto que se encontra e age em nós. É a isso que faremos referência, a partir de agora, dividindo-o em duas partes «logicamente complementares»: *a acolhida e a resposta, a fé e a vida, a escuta e a resposta.*

As palavras, já dissemos, traem; na acolhida, há a primeira resposta e, ao responder, acolhemos. Ao criar, vivemos, e a vida é uma vida de fé. Escutar com atenção é abrir-se à voz do Senhor, e já é uma resposta; e a resposta é um eco natural da audição.

Mas, para maior clareza, nos referimos a esses dois momentos do processo da Palavra de Deus, reconhecendo uma parte lógica e normalmente primeira: o processo da recepção ou processo da interiorização da Palavra de Deus em nós. Esta responderá à primeira série de operações que estudaremos e que são mais ou menos normais no desenvolvimento de um processo sério e profundo da fé. Depois virá uma segunda parte, consequência lógica da primeira, senão a primeira é falsa e infiel: a exteriorização, a atualização ou a realização da Palavra de Deus por nós e a partir de nós. Na

primeira parte, a palavra que nos vem de Deus nos penetra até o mais profundo de nosso ser; na segunda parte, ela surge como fruto de vida que germina em terra boa e que, de nós, se comunica aos demais como pregação ou se apresenta encarnada em nossa vida como testemunho.

O primeiro processo, conforme o grau de profundidade que atinge, percorre os fenômenos seguintes: escuta, acolhida, meditação, inscrição no interior, aceitação prática, habitação, realização. Esta última, em rigor, pertence à segunda parte do processo ou do segundo processo.

Mas, mesmo aqui é muito artificial dizer que é pela realização que começa o segundo processo. A acolhida da Palavra de Deus começa ter resposta e frutos em nosso interior graças às operações interiores que nos transformam o coração.

Cria-se óptica nova.

Nascem em nós devoção e gosto pela Palavra de Deus.

Esta torna-se o lugar «onde se encontra nosso coração».

lugar de luz,

lugar de paz,

lugar de força,

lugar de amor.

É na Palavra que se vive, é nela que se procura, nela se encontra a luz para compreender os acontecimentos interiores e exteriores e a realidade total.

Por outra parte, criam-se em nós as urgências da palavra que interpelam nosso coração, nossas relações, nossa ação, nossa organização, nossa inserção.



Se formos fiéis, as obras seguirão, os comportamentos seguirão e seguirão também os compromissos normais duma vida de fé. Se não formos fiéis, «a palavra oprimida, contrariada» produzirá em nós salutar mal-estar, profundo sentimento de infidelidade, apelo insistente à lógica da fé nas obras. Em definitivo, um reajustamento do processo será necessário. A intensidade desse doloroso estado estará na mesma proporção da infidelidade, por um lado, e da delicadeza de nossa sensibilidade espiritual, por outro lado, do julgamento implícito que a Palavra de Deus já está produzindo em nossa consciência.

Quando, apesar de tudo, o reajustamento não sobrevém, essa sensibilidade, esse mal-estar diminuirá, embora haja irresponsabilidades reais e reiteradas, é sinal claro de degenerescência da fé, que é necessário tomar muito a sério.

A Escritura nos fala desses processos regressivos da fé e da palavra de Deus em nós.

No caso contrário, quando o processo se desdobra na linha da fidelidade, ele produzirá os frutos e a exteriorização da palavra de Deus mediante a pregação, por modesta que seja sua forma, como simplesmente de uma conversação, além do *testemunho e da comunhão*.

É bom, contudo, parar um pouco para indicar o aspecto vital, livre e imprevisível desses elementos. Não se trata de algo mecânico, mas de alguma coisa em que entram em jogo a liberdade e mesmo o capricho, de nosso lado, e, do outro, o imprevisível de um Deus sempre original. As duas etapas e seus elementos são lógica e normalmente sucessivos, mas *não necessária, global e infalivelmente sucessivos*.

É importante lembrar que os dois processos ou partes:  
– o da audição (interiorização),  
– o da vida (exteriorização e os frutos),  
são ritmos indispensáveis da vida nova criada em nós pela palavra viva e vivificante.

Acolher a palavra de Deus e responder à palavra, ouvir e viver, são dois momentos que, de maneira inadequada, se distinguem na vida do cristão e na vida do Cristo: «Vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim». (Gl 2, 20) «Eu vivo, mas já não sou eu que vivo, pois é Cristo que vive em mim». (Gl 2, 20). «Permaneço em mim....».

Numa vida é necessário procurar o que um autor denominava: «a honestidade em relação a Deus». Isso quer dizer que o cristão não pode passar a vida na superabundância das palavras de Deus recebidas, dialogadas, rezadas, pregadas, com resultado mínimo de frutos e de obras.

A Escritura é muito explícita e muito séria a esse respeito. E, se quisermos levar as coisas ao extremo, com o risco que isso implica, parece que entre os dois extremos haja: a possibilidade de uma fé sem obras, e a de obras sem fé (entendamo-nos: sem fé exteriorizada).

A palavra de Deus nos ensina que, na última hipótese, pode haver salvação, mas não na primeira.<sup>471</sup>

---

471 Tocamos aqui um ponto extremamente delicado e difícil, que exige nuances que não cabem no espaço desta palestra. O que queremos dizer deve ser compreendido à luz da passagem do Evangelho que nos fala do juízo final (Mt 25, 31-46). Aqui uns e outros se mostram surpresos ao descobrir uma dimensão da fé que ignoravam quando faziam ou deixavam de fazer boas obras junto ao pró-

Além desse processo, entre os diversos tipos de atos que foram descritos, e que serão analisados a seguir mais demoradamente, há outro muito mais importante, de certa maneira: o processo de crescimento e de qualificação. São Paulo o pedia constantemente para os filhos de sua pregação, para as comunidades fundadas por ele.

Com efeito, pode existir aí crescimento na fé. Isso quer dizer que se acredita mais. A afeição à Palavra de Deus, a adesão à sua santa vontade contida e descoberta na palavra tornam-se mais densas, mais verdadeiras, mais conaturais.

Pode haver crescimento em iluminação. A luz que nos chega é muito mais clara, mais convincente, ilumina mais nosso mundo interior e exterior. A luz torna-se mais luminosa e a pessoa de Cristo mais irradiante, mais íntima e mais familiar.

Há crescimento nos conteúdos. Conhecemos muitas coisas, vemos muitas coisas, compreendemos muitas coisas na Palavra e na Mensagem do Senhor. E isso acontece também para o Cosmos e para a História em que as coisas, pessoas e fatos são vistos com dimensões novas e inimagináveis, sem que estejam para tanto alienadas em sua verdade natural.

Enfim, pouco a pouco, à medida que se amadurece no Cristo, a palavra de Deus invade tudo e tudo se torna veículo do discurso de Deus. Tudo fala de Deus e tudo se torna veículo de sua palavra. É o caso dos místicos, como São Francisco de Assis, São João da Cruz, Teilhard de Chardin...

---

ximo. A ignorância nada suprime às consequências de salvação ou de perdição que o Senhor lhes atribui.

Esse processo de crescimento, enfim, pode-se fazer, e muito frequentemente se faz, não de maneira linear em seu crescimento, mas com crises, bloqueios, vicissitudes. A Escritura é muito rica a esse respeito, e seria um tema apaixonante e muito bonito de se tratar. A história de Israel, coletivamente, a história de personagens bíblicas importantes, a própria história da Igreja e nossa história encarnam esses dramas dos ritmos da fidelidade e da infidelidade, do crescimento ou dos recuos na palavra do Senhor.

### **2.3. Explicação particular da primeira parte: interiorizar a Palavra de Deus**

Fundamentalmente trata-se de deixar que algo que não é nosso venha a nós, entre em nós, nos invada progressiva e totalmente, nos transforme e nos assimile a um grau tal que chegue a tornar-se, não apenas nova vida, mas a vida única e, se necessário, a vida para a qual estamos dispostos a perder nossa primeira vida.

Trata-se de uma escuta da palavra de Deus capaz:  
de nos criar,  
de nos libertar  
de nos construir,  
de nos salvar.

É a única maneira bíblica de escutar a palavra de Deus. Devemos opô-la a todas as demais maneiras inúteis e prejudiciais de escutar a palavra de Deus e de que a própria Escritura nos fornece exemplos cheios de lições.

Os atenienses ouviram de Paulo a palavra de Deus, e isso não lhes serviu para nada. Sua superficialidade é descrita por Lucas, quando nos diz, nos Atos dos Apóstolos, que «todos os atenienses e os estrangeiros residentes passavam o tempo a contar ou a ouvir as últimas novidades». (At 17,21) Pilatos também, de maneira banal, perguntou a Jesus: «O que é a verdade?», depois da impressionante afirmação de Jesus: «Tu o dizes, sou rei, nasci para isso e vim ao mundo para isso, para dar testemunho da verdade. Quem é da verdade escuta minha voz». (Jo 18, 37-38). E Herodes também gostava de ouvir o Batista (cf. Mc 6,20).

### 2.3.1. – O ponto de partida

O ponto de partida é criar em nós atitude humana apta, para que o dom da palavra nos seja verdadeiramente comunicado.

Esse comportamento ideal pode resumir-se assim:

1. desejo permanente,
2. humildade e respeito,
3. fé.

*Devemos desejar:*

“Desejem ouvir as minhas palavra”, diz-nos o Senhor (Sb 6, 11).

«Felizes os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados». (Mt 5, 6)

O Senhor nos diz que muitos profetas e justos desejaram ouvi-lo, e não puderam ouvi-lo (Mt 13, 17). Simeão e Ana representam bem, a nossos olhos, essa espera satisfeita em parte.

Os Atos dos Apóstolos mostram-nos exemplos preciosos de desejo e disponibilidade a respeito da palavra de Deus. Bas-

te-nos recordar aqui o caso do centurião Cornélio (At 10, 33).

Isso não é apenas o caminho para a palavra, mas o sinal de já ter tido contatos com a palavra. Agostinho comentava justamente: «Vocês não me procurariam, se já não me tivessem encontrado».

#### *Humildade e respeito*

Por um lado, devemos reconhecer perante ela nossos limites humanos e de pecadores. «Eis-me aqui». Ele lhe disse: “Não se aproxime. Tire as sandálias dos pés, porque o lugar onde você está pisando é um lugar sagrado”. (Ex 3, 5) Pedro terá a mesma sensação: «Senhor, afastai-vos de mim, porque sou um pecador!». (Lc 5,8) A cananea, em seu gesto admirável que une fé e humildade, situa-se de modo impressionante perante a resposta brusca de Jesus a seu pedido: «Sim, Senhor, é verdade; mas também os cachorrinhos comem as migalhas que caem da mesa de seus donos». (Mt 15,27)

#### *Reverência e respeito*

Porque nos aproximamos da Palavra do Deus vivo, do Deus santo. No sentido mais próprio e estrito do termo, a palavra de Deus é Jesus, e Jesus é santo, é a santidade e será nosso santificador. Mas os próprios demônios proclamam essa santidade de Jesus: «Na sinagoga havia um homem possuído pelo espírito de um demônio mau, que gritava em alta voz: ‘Vieste para nos destruir? Eu sei quem tu és: tu és o santo de Deus’». (Lc 4, 33-34)

«Agora nós acreditamos e sabemos que és o santo de Deus» (Jo 6, 69)

«Àquele que o Pai santificou e enviou ao mundo vocês acusam de blasfêmia». (Jo 10, 36)

Paulo sintetiza muito bem essa densidade de Jesus Cristo quando, no começo de sua carta aos discípulos de Corinto escreve: «Ora, é por iniciativa de Deus que vocês existem em Jesus Cristo, que se tornou para nós sabedoria que vem de Deus, justiça, santificação e redenção». (1Cor 1, 30)

Mas não somente a palavra de Deus é santa, mas é a «palavra de Deus». É com razão que sua transcrição literária é denominada «Sagrada Escritura, Santa Escritura». Com efeito, a Escritura nos fala de quatro realidades que, em parte, coincidem; são elas: a lei, a sabedoria, a verdade e a palavra de Deus. Não se pode facilmente fazer distinção adequada e precisa entre elas, e com razão pode-se aplicar muito do que se diz de uma à outra.

Concretamente podemos dizer que a Escritura nos apresenta a palavra de Deus como acrisolada (Sl 17[18], 31), como justa (Sl 33[32],4), como comprovada (Pr 30,5; Ap 21, 5 e 22,6), como também eterna e imutável (Is 40,8). As afirmações do Cristo, em duas belas metáforas, ressaltam fortemente este fundamento comovente da esperança cristã que se concluirá com o «Tenham coragem; eu venci o mundo» (Jo 16, 33), e o «Eis que eu estarei com vocês todos os dias até o fim do mundo». (Mt 28,20)

O processo de santificação de Jesus e de nós, seus discípulos, deve se fazer em torno da verdade: «Santifica-os na verdade; a tua palavra é verdade... E, por eles, a mim mesmo me consagro (ou me santifico), a fim de que também eles sejam consagrados (ou santificados) com a verdade». (Jo 17, 17-19)

Todo esse conjunto deixa-nos ver que estamos perante al-

guma coisa santa, perante algo que exige que tratemos essa palavra com métodos modernos, sim, mas ao mesmo tempo com grande reverência, sabendo que o Senhor vem (sem excluir intermediários e meios culturais de expressão), que ela é animada por seu Santo Espírito e que ela contém e prepara valores capitais com que não se pode brincar sem consequências muito dolorosas para as pessoas, para as comunidades, para as instituições e para o próprio mundo.

Aproximar-se dela com reverência, com sentimentos da santidade, é o caminho real para receber dela torrentes de luzes, de graça e de vida. Apresentar-se a ela com espírito superficial, ou com orgulho, etc., é torná-la inútil desde o começo de nosso encontro. Não podemos nunca insistir bastante sobre isso, sobretudo para quem, como nós, nos tornamos «profissionais da religião», e para os que se tornam «sábios e técnicos da Ciência da Palavra de Deus». Com sentimento profundo de crenças sinceras, em contato profundo com a Palavra venerada, amada, respeitada, podemos achar muito a apreender na Escola da Fé (Padres Loew e Voillaume), Bonhoffer, Guadini, Congar.

Antes de serem sábios e teólogos foram discípulos crentes.

E isso nos conduz exatamente à última condição: a fé.

A fé nasce certamente da palavra, mas ela é uma atitude indispensável para que a palavra se torne viva, eloquente e forte em nós. É por isso que a oração do pai do menino possesso, interpellando Jesus: «Se podes fazer...», «Tudo é possível para quem tem fé», será sempre um lugar-comum, um recurso habitual para nós: «Eu tenho fé, mas ajuda a minha falta de fé» (Mc 9, 23-24).



O centurião também, de maneira mais plena e mais altruísta, procura a palavra do Senhor a partir da fé, e Jesus, cheio de admiração, exclamará: «Eu garanto a vocês: nunca encontrei uma fé igual a essa em ninguém de Israel! Eu digo a vocês: muitos virão do Oriente e do Ocidente, e se sentarão à mesa no Reino do Céu junto com Abraão, Isaac e Jacó. Os herdeiros do Reino, porém, serão jogados nas trevas exteriores». (Mt 8,9-10)

Essa relação entre fé e eficácia do anúncio ou do que diz a Palavra constitui a primeira bem-aventurança nos evangelhos: «Bem-aventurada aquela que acreditou, porque vai acontecer o que o Senhor lhe prometeu. (Lc 1, 45)

Essas condições são indispensáveis para que haja bom encontro entre o crente e a palavra do Senhor.

Elas não o são menos para as comunidades cristãs. (A doutrina do Senhor era dirigida a grupos de discípulos, e Paulo escreve sua magnífica doutrina às comunidades primitivas, às igrejas locais nascentes.) Mais tarde, um cristianismo e, sobretudo, uma piedade muito individualistas transformarão esses magníficos programas em prática e conselhos para o cristão isolado.

Agora, a comunidade religiosa é e deve ser efetivamente comunidade cristã, comunidade de discípulos do Senhor, de crentes que seguem sua palavra.

Essas atitudes devem dar forma às relações recíprocas, à vida comunitária, isso a partir da alma coletiva de cada comunidade local, provincial ou geral; elas devem dar a forma às estruturas que devem ser reflexo e encarnação estrutural e coletiva deste

– estar em tensão e à espera da Palavra do Senhor – dessa veneração profunda com que a Palavra de Deus deve ser tratada em comunidade, – dessa fé despertada e ativa. Mais do que de comunidades de sábios e de eruditos, necessitamos de comunidades de crentes.

### **2.3.2. – Atenção e escuta**

Não se trata apenas de ouvir (é fenômeno físico), o que pode ser puramente passivo, ou pelo menos superficial e sem compromisso. Trata-se de estar atentos e de escutar: «Pres-te atenção às minhas palavras». (cf. Jr 17,20; 31,10; Ex 19,5; 23,21; Os 4,1; Is 55,3; 32,3). O Senhor, concluindo seus discursos, sobretudo quando o exigem o conteúdo e a situação, interpela e lança desafios aos ouvintes: «Quem tem ouvidos para ouvir, ouça». (Lc 8,8)

A Escritura nos propõe exemplos muito bonitos dessa escuta atenta do Senhor: «Fala, Javé, que o teu servo escuta». (1Sm 3,9) «O Mestre está aí e está chamando você. Quando Maria ouviu isso, levantou-se depressa e foi ao encontro de Jesus». (Jo 11,29) «Sua irmã, chamada Maria, sentou-se aos pés do Senhor, e ficou escutando sua palavra». Perante as reclamações de Marta, o Senhor lhe respondeu: «Maria escolheu a melhor parte, e esta não lhe será tirada». (Lc 10, 39 e 41) Provavelmente os dois trechos mais importantes em que se fala do valor capital da escuta são:

- *A resposta* dada pelo Senhor aos que lhe anunciam a presença da mãe e dos irmãos e à mulher, que depois de tê-lo ouvido falar, exclama encantada: «Feliz o ventre que te carregou, e os seios que te amamentaram». (Lc 11, 27)

Jesus não hesita em responder: «Mais felizes são aqueles que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática». (Lc 11, 28) «Minha mãe e meus irmãos são aqueles que ouvem a Palavra de Deus, e a põem em prática» (Lc 8, 21)

O que chama fortemente a atenção é que essas passagens as encontramos precisamente no evangelista Lucas, aquele que narrou com mais pormenores que os demais o papel de Maria na encarnação, aquele que a apresentou, pela boca do Anjo, como cheia de graça e eleita pelo Altíssimo e a proclamou bem-aventurada, pela boca de Isabel, por ter acreditado ao que lhe foi dito da parte do Senhor. Esses contrastes, nascidos da boca do Cristo, justamente quando se faz alusão a essa admirável ouvinte da palavra de Deus, contêm densidade e intencionalidade sem igual. Além disso, são colocados por Lucas no final da parábola do semeador.

- *A grande lição que Jesus nos deixou é sobre:*

A Palavra de Deus como semente.

As condições de escuta e acolhida da palavra.

Os resultados da palavra de Deus entre as pessoas.

O texto é tão sintético e ao mesmo tempo cheio de conteúdo e de sabedoria (numa parábola impossível de ultrapassar), que não se pode citá-la por inteiro, sem glosa: «O semeador saiu para semear a sua semente. Enquanto semeava, uma parte caiu à beira do caminho... ». (Lc 8, 6-15)

Essa parábola e sua explicação concluem com uma preciosa recomendação: «Portanto, prestem atenção como vocês ouvem: para quem tem alguma coisa, será dado ainda mais; para

aquele que não tem, será tirado até mesmo o que ele pensa ter» (Lc 8, 18)

### **2.3.3. – Acolher a palavra ouvida**

O Senhor pede algo mais profundo que a simples escuta: «Pres-tem atenção ao que eu vou dizer...». (Lc 9, 44)

*Trata-se de levar a palavra na sede mesma da acolhida: o coração.* «Uma mulher, chamada Lídia, adoradora do Senhor, escutava com atenção. O Senhor abriu o seu coração para que aderisse às palavras de Paulo». (At 16,14) Nessa tarefa o primeiro passo consiste em tornar disponível o coração, preparando os caminhos à palavra do Senhor: «Hoje, se ouvirem sua voz, não endureçam seus corações» (Sl 95, 8)

João, o Batista, pedia preparação completa para a vinda do Senhor (cf. Mc 1, 1-3).

*Acolher a palavra de Deus, conscientes de sua força operativa.*

« Quando ouviram a Palavra de Deus, vocês a acolheram não como palavra humana, mas como ela realmente é, como Palavra de Deus que age com eficácia em vocês que acreditam». (1Ts 2, 13)

*Essa ação deve ser estável. Erguer uma morada à palavra e deixar-se habitar por ela.*

«Irmãos, lembro a vocês o Evangelho que lhes anunciei, que vocês receberam e no qual permanecem firmes. É pelo Evangelho que vocês serão salvos, contanto que o guardem do modo como eu lhes anunciei; do contrário, vocês terão acreditado em vão». (1Cor 15, 1-2) «Que a palavra de Deus permaneça em

vocês com toda a sua riqueza» (Cl 3,16) «Eu manifestei o teu nome aos homens que me deste do meio do mundo. Eles eram teus e tu os deste a mim, e eles guardaram a tua palavra». (Jo 17,6) «...Por outro lado, o amor de Deus se realiza de fato em quem observa a Palavra de Deus». (1Jo 2,5)

Trata-se, portanto, de obter que essa escuta frequente da palavra do Senhor, feita com paciência, feita com dedicação, feita de maneira pessoal, sim, mas sobretudo comunitária, entre pelos ouvidos e atinja o coração; penetre as diversas áreas de nosso ser e ache morada estável e direito de cidadania no coração, nas comunidades.

A Escritura, porém, vai mais longe, pede-nos mais. Essa morada da palavra deve ir ainda mais a fundo, como a Escritura solicita: «Escrever a palavra no coração, gravá-la nas entranhas». Trata-se de verdadeira assimilação. Isso já tinha sido anunciado e era objeto da grande esperança de Israel; daqueles que, em Israel, conservavam o sentido justo dessa espera: «Colocarei minha lei em seu peito e a escreverei em seu coração; eu serei o Deus deles, e eles serão o meu povo». (Jr 31, 33). Os Provérbios pediam isso sob forma de preceito: «Amarre-os ao redor do seu pescoço e escreva-os na tábua do seu coração». (Pr 3,3)

De fato, esse resultado importante será fruto da nova aliança, em Jesus Cristo, pela força do Espírito Santo. É por isso que, no dia de Pentecostes, Pedro recordará que uma antiga profecia acaba de se realizar (cf. At 2,14).

São Paulo dará testemunho precioso dessa realidade concreta nas comunidades primitivas que viviam o fervor inicial: «Nos-

sa carta de recomendação são vocês mesmos, carta escrita em nossos corações, conhecida e lida por todos...». (2Cor 3,2-3)

#### **2.3.4 – Aprofundar o tesouro da palavra inscrita em nós**

Quando a palavra de Deus vem a nós, verdadeiramente como dom, e que é recebida e ouvida com humildade, com gratidão, na fé, ela cria estados de alma de densidade espiritual e de alegria interior excepcionais. Quando esses fenômenos se vivem em comunidade, ela cria situações de fé comunitária e de frescor evangélico que impressionam os que entram em contato com eles. Fenômenos semelhantes atraem a atenção dos que frequentam, por exemplo, as comunidades neocatecumenais, as reuniões dos focolares e certas comunidades ecumênicas que tentam, sobretudo, viver unidas ao Senhor e à sua palavra, em vez de fazer diálogos teológicos. Acontece o mesmo em quase todos os institutos em que o seguimento do Cristo e a entrega total ao Cristo nasceram de verdadeiro carisma e se alimentaram de sua santa palavra.

É muito frequente que esses fenômenos apresentem nos indivíduos ou nas comunidades as características dos recém-convertidos e devem ainda passar por etapas de amadurecimento, de estabilização séria e de presença da cruz, etc.

Não importa sob que forma, mesmo nos casos de riqueza extraordinária de dom e de maturidade muito grande em quem o recebe, eles criam condições de exceção para que a palavra seja inscrita no coração, resta-lhe fazer longa e preciosa tarefa: a do aprofundamento da palavra.

Tomemos, a esse respeito, o caso mais típico de toda a história da salvação: a encarnação da palavra pessoal de Deus (o Verbo eterno) no seio de Maria, que é «bendita entre todas as mulheres», naquela em quem tudo se fez sob a sombra do Altíssimo e a ação do Espírito Santo, e a respeito da qual foi dita a bem-aventurança por ter acreditado e ter-se assim tornado a primeira e a mãe de todos os crentes e modelo para todos eles. Maria teve de empregar vários anos, ou melhor, toda a vida, para meditar essa palavra de vida eterna que seu Filho pronunciava. As palavras de Simeão e as palavras de seu Filho no templo, ela não vai compreendê-las, mas meditá-las-á por muito tempo no coração. Eis a grande tarefa que se impõe a todo crente.

A palavra de Deus possui conteúdo enorme; não se acabará nunca de compreendê-la, não se acabará nunca de explicá-la. Impõe-se, portanto, longa tarefa de aprofundamento da fé, que busca compreensão amorosa da palavra, progresso na palavra de Deus. Parece que essa tarefa pode muito bem ser tomada sob o fio condutor de quatro conselhos:

1. a memória,
2. empregar o coração,
3. conservar atitude sempre positiva nas vicissitudes,
4. estar em guarda contra a tentação e, sobretudo, contra o escândalo da palavra em nós.

#### *Lembrar-se*

O Apocalipse traça muito bem esse programa: «Lembre-se de como você recebeu e ouviu» (3,2). Lembrar-se é, por um lado, a volta ao momento de graça durante o qual tal ou tal palavra do

Senhor nos tocou o coração, deixando-o, por vezes, incandescente. Essa volta é um reviver o que se viveu, e a palavra escrita torna-se para nós memorial da experiência vivida, que pode repetir-se simplesmente ou reviver sob formas antes imprevisitas e desconhecidas.

Essa lembrança, porém, comporta outra dimensão. A palavra pressagia e explica o acontecimento, mas ao mesmo tempo, o acontecimento recorda, confirma e esclarece a palavra. “Então o Senhor se voltou e olhou para Pedro. E Pedro se lembrou de que o Senhor lhe havia dito: ‘Hoje, antes que o galo cante, você me negará três vezes.’” (Lc 22,61) «Lembrem-se de como ele falou, quando ainda estava na Galileia, e eles se lembraram de sua palavra». (Lc 24, 6 e 24, 31-32)

Portanto, é necessário viver dupla dialética:

- a. Aquela que vai da experiência interior da palavra à palavra, e reciprocamente;
- b. aquela que vai da palavra à vida e aos fatos, e destes à palavra numa interação maravilhosa, em que tudo se torna eco e aprofundamento da palavra do Senhor, embora, por vezes, seja questionada.

Lentamente, graças a essa lembrança amorosa dos encontros reiterados com a palavra de Deus, que marca nossa vida, formam-se, não por trabalho intelectual, mas por trabalho de vida (nascido da experiência vivida) uma síntese da fé e crescente habitação da palavra de Deus no coração. O crescimento não é apenas intensivo e qualitativo, mas também em conteúdo, extensão e compreensão num sentido profundo.



*Empregar o coração*

Saint-Exupéry escreveu: «O essencial é invisível aos olhos, apenas se enxerga bem com o coração». Na realidade, essa afirmação pode ser muito mais ousada, e certamente que Pascal a subscreveria: «Não é nem sequer com a inteligência que se enxerga bem, é somente com o coração que se atinge o coração das coisas, da realidade, da palavra de Deus. É por isso que tinha razão de insistir que «o coração tem razões que a razão não conhece». De fato, todos esses pensadores não fazem senão compreender e expressar, a seu modo, a profunda mensagem bíblica sobre o coração.

«Este é o meu pedido: que o amor de vocês cresça cada vez mais em perspicácia e sensibilidade em todas as coisas. Desse modo, poderão distinguir o que é melhor, e assim chegar íntegros e inocentes ao dia de Cristo. Estarão repletos então dos frutos de justiça obtidos por meio de Jesus Cristo, para a glória e o louvor de Deus». (Fl 1, 9-11).

Maria, em sua peregrinação de fé, é modelo esplêndido: «Maria, porém, conservava todos esses fatos e meditava sobre eles em seu coração». (Lc 2, 19 e 2, 51) No caso dos discípulos de Emaús, o Senhor, pelo contrário, chama a atenção sobre a lentidão dos corações para crer. «Então Jesus lhes disse: ‘Como vocês custam para entender, e como demoram para acreditar em tudo o que os profetas falaram!’». (Lc 24, 25). Já tinha feito isso antes, por ocasião dos pães e do fermento: «Por que vocês discutem sobre a falta de pães? Vocês ainda não entendem e nem compreendem? Estão com o coração endurecido?». (Mc 8,17)

Nesta expressão, trabalhar com o coração o progresso da fé, quer-se insistir sobre três coisas importantes:

1. O coração do homem em tudo apresenta dilemas e, por conseguinte, também perante o dom da fé e da palavra.
2. O coração, na linguagem bíblica (que, ademais, é de realismo impressionante no conhecimento dos processos profundos do homem), é o lugar vivo dos pensamentos profundos, dos pensamentos intencionados, dos pensamentos dinâmicos e dos desejos. A quantidade de citações a esse respeito poderia constituir uma litania, de tal maneira a Escritura retorna sobre esse ponto. Basta citar algumas: Mt 24, 48; Mc 2, 6; Lc 2, 35; Lc 3, 15; Lc 5, 22; Jo 13,2; At 8, 22; etc..
3. É no coração que Deus semeia sua palavra: «Vem o Maligno e rouba o que foi semeado no coração». (Mt 13, 19) Para que o coração se torne terra boa, não basta trabalhar com o coração, mas trabalhar com bom coração. Com coração puro, porque se por um lado a fé cria a pureza, por outro lado a pureza ajuda a fé: «Felizes os puros de coração, porque verão a Deus» (Mt 5,8).

Com coração puro e, também, com coração reto e coração pacificado, porque nossos corações necessitam, nesse trabalho, da proteção da paz de Deus, para que sua santa palavra nos construa, em lugar de nos destruir: «A paz de Deus, que ultrapassa toda compreensão, guardará em Jesus Cristo os corações e pensamentos de vocês». (Fl 4,7) «Que a paz de Cristo reine no coração de vocês. Para essa paz vocês foram chamados, como membros de um mesmo corpo». (Cl 3, 15)

Enfim, levar em conta que não estamos sós. Nosso coração não

é apenas nosso, dado que o Espírito Santo nele habita e age: «A prova de que vocês são filhos é o fato de que Deus enviou aos nossos corações o Espírito do seu Filho». (Gl 4, 6)

As palavras de Pedro formam uma conclusão magistral a todo esse trabalho sobre o coração: «Não tenham medo... Ao contrário, reconheçam de coração o Cristo como Senhor». (1Pd 3, 15)

*Conservar uma atitude sempre positiva nas vicissitudes.*

*Manter-se alerta contra a tentação e contra o escândalo da palavra.*

A natureza intimamente ligada desses dois pontos faz com que os tratemos juntos. Qualquer vicissitude, se evoluir mal, pode conduzir a um bloqueio e a um recuo... eventualmente ao escândalo da palavra do Senhor.

A Palavra de Deus vive um drama no coração e na vida do homem. É raro que seja recebida em paz, porque sempre traz consigo interpelações e consequências. Além disso, ela encarna o Espírito e, como diz justamente São Paulo, há incompatibilidade entre o espírito e a carne, um atenta contra a outra e reciprocamente (cf. Gl 16-18). Dessa maneira, toda palavra de Deus, ao vir em nossa carne, entra em conflito, mais ou menos intenso, contra muitos interesses e inclinações e abre o drama da escuta e da autenticidade. Nesse drama jogam duas dimensões:

1. A da compreensão de seu significado, de seu sentido, de seu valor (dimensão de inteligibilidade).
2. A obediência à palavra e a seus conteúdos.

O desacordo pode sobrevir no único nível da obediência ou pode tocar até o nível da verdade e da compreensão.

Em nossa própria experiência e na dos coirmãos e amigos, se tivemos a ocasião de uma verdadeira introspecção e heterointrospecção, conhecemos esse drama, que se reflete também em muitas passagens dos evangelhos e, muito antes, no Antigo Testamento. Mais do que isso, ele é de tal modo frequente que constitui a própria trama do maior número de páginas bíblicas. Trata-se do paralelo e do contraste entre a fidelidade e o amor divino e a fidelidade e o amor do homem a Deus. O livro de Oséias é constituído quase 100% desse drama. Seguem alguns exemplos neotestamentários para apresentar esse drama à nossa consideração:

O jovem rico, fiel no cumprimento da lei, é convidado por Jesus a ingressar no Reino: «Quando ouviu isto: ‘Vá, venda tudo o que tem, dê o dinheiro aos pobres, e você terá um tesouro no céu, depois venha, e siga-me’, foi embora cheio de tristeza, porque era muito rico». (Mt 19, 22; ver também: Mc 8,18; 9, 32; 10, 34; Jo 3,7; 12,35 e 36.)

Todas essas passagens ressaltam momentos dramáticos do diálogo entre a palavra de Deus e o coração de tal ou tal pessoa, de tal ou tal grupo de pessoas, com resultados diferentes, conforme o caso. Docilidade progressiva, por vezes, e busca hesitante, mas amorosa da luz, no caso dos discípulos; retirada e afastamento em outros casos. A situação pode ir mais longe, ao escândalo da palavra de Deus. Há casos puramente aparentes e episódicos em que o amor de Deus e a nobreza do coração humano chegam a ultrapassá-los rapidamente, como aconteceu no famoso episódio de Pedro e o anúncio da paixão próxima; há outros casos muito mais sérios, como o abandono maciço dos discípulos perante a promessa do pão de vida na própria

carne do Filho de Deus. Um dos casos mais surpreendentes e dolorosos foi quando Jesus ofereceu a liberdade, mas o orgulho a recusou brutalmente: «Então Jesus disse para as autoridades dos judeus que tinham acreditado nele: ‘Se vocês guardarem a minha palavra, vocês de fato serão meus discípulos; conhecerão a verdade, e a verdade libertará vocês’. Eles disseram: ‘Nós somos descendentes de Abraão, e nunca fomos escravos de ninguém. Como podes dizer: ‘Vocês ficarão livres?’». (Jo 8, 31-33) O diálogo prosseguirá com a recusa nítida do convite de Jesus e sua condenação da parte de Jesus (Jo 8, 34-59); e então pegaram pedras para atirar em Jesus.

É o caminho que a palavra do Senhor parece nos indicar para interiorizar, para tornar nossa essa mesma palavra de Deus: criar as condições requeridas para que nos seja comunicada, para que a palavra de Deus venha a nós como o orvalho. Atenção e escuta, acolhida da palavra (colocando-a no coração, permitindo-lhe habitar em nós, escrevendo-a nas entranhas, deixando-nos assimilar por ela). E enfim, aprofundá-la e fazê-la progredir em nós, graças à lembrança amorosa e meditando-a, empregando totalmente o coração no aprofundamento dessa palavra, e por um bom discernimento na peregrinação e nas vicissitudes da fé, evitando cuidadosamente o escândalo e suas formas subtis que consistem em mudar o Evangelho de Jesus Cristo por meio de nossos próprios discursos. São Paulo já escrevia aos Coríntios a respeito dessas formas subtis e refinadas do escândalo da palavra: «Receio, porém, que assim como a serpente, com sua astúcia, seduziu Eva, os pensamentos de vocês se corrompam, desviando-se da simplicidade devida a Cristo. De fato, se chega alguém e prega a vocês um Jesus diferente

daquele que lhes pregamos, ou se vocês acolhem um espírito diferente daquele que receberam, ou um evangelho diverso daquele que vocês abraçaram, vocês o suportam de bom grado». (2Cor 11, 3-4) E aos Gálatas escrevia de maneira muito mais enérgica, depois de ter começado a carta, recordando-lhes dois dos mistérios quase sempre escandalosos para a fé: a ressurreição e a cruz. «Estou admirado de vocês estarem abandonando tão depressa aquele que os chamou por meio da graça de Cristo, para aceitarem outro evangelho. Na realidade, porém, não existe outro evangelho. Há somente pessoas que estão semeando confusão entre vocês, e querem deturpar o Evangelho de Cristo. Maldito aquele que anunciar a vocês um evangelho diferente daquele que anunciamos, ainda que sejamos nós mesmos ou algum anjo do céu». (Gl 1, 6-8)

### **2.3.5 – Os primeiros frutos desse processo de interiorização**

Esse processo é incompleto. Não se trata somente de interiorizar a palavra de Deus, mas de torná-la efetiva e fazê-la produzir frutos de salvação. Isso será o assunto da parte seguinte (a terceira parte). Todavia é bom descobrir que já há nesse processo de interiorização, como pura graça que lhe é concedida, uma primeira frutificação interior, que é o corolário dessa primeira etapa. É o que o Senhor assinala quando diz que o Reino é semelhante a um grão semeado, que germina, cresce e dá espiga, enquanto o semeador dorme (cf. Mc 4, 26-29).

Eis os frutos:

- Libertados pela palavra (cf. Jo 8, 31-32).
- Gerados pela palavra: «Por sua própria iniciativa, ele nos

gerou por meio da Palavra da verdade, para que nos tornássemos as primícias dentre as suas criaturas». (Tg 1, 18)

- Confirmar-nos em sua palavra (1Jo 2, 5)
- Fazer-nos entrar em sua família (Lc 8, 21).
- Beatificar-nos por sua palavra (Lc 11, 28).
- Imortalizar-nos por sua palavra: «Se alguém guardar a minha palavra, jamais verá a morte». (Jo 8, 51)
- Fazer brotar em nós o rio de sua palavra; tornar-nos eloquentes a seu respeito: «A boca fala aquilo de que o coração está cheio». (Mt 12,34; ver também At 2,14-17)

### *Conclusão*

A carta aos Hebreus nos apresenta, em síntese extraordinária, não apenas a acolhida impressionante que nossos pais na fé reservaram à palavra e ao testemunho de Deus, mas também ao poder e à eficácia da palavra neles próprios.

Viveram na fidelidade, na espera da promessa. Devemos recordar, pelo menos para quem aceita deixar-se invadir pela plenitude da revelação, a misteriosa palavra de Jesus a respeito de João Batista e isso apesar de seu tamanho gigantesco: «Eu garanto a vocês: de todos os homens que já nasceram, nenhum é maior do que João Batista. No entanto, o menor no Reino do Céu é maior do que ele». (Mt 11, 7-11)

## **2.4. Onde escutar e encontrar a Palavra de Deus?**

Uma pergunta de ordem mais prática e concreta sobrevém:

Quais seriam os lugares mais indicados para pessoas que quisessem realmente encontrar a palavra de Deus e dela saciar-se?

Permitimo-nos sugerir os seguintes:

**2.4.1. – Na própria Escritura** (expressão escrita e privilegiada da Palavra de Deus). Não é o caso de recomeçar a provar os fundamentos de sua grandeza; já foram ditas muitas coisas a esse respeito. O que é importante é sugerir duas maneiras de aproximar-se dela.

- a. Quando é proclamada na Eucaristia. A Palavra de Deus nunca é tão poderosa do que quando se conjugam as diversas formas de presença, anunciadas pelo Senhor nos evangelhos, quer ela seja proclamada nos esplendores ou na simplicidade do culto, no seio de uma comunidade de crentes, reunidos para rezar em nome de Jesus e na partilha do Pão em memória do que fez durante a última ceia. Enquanto somos peregrinos entre o dia de hoje e o momento em que comeremos de novo a Páscoa com Jesus no Reino de Deus, sua palavra adquire a graça de sacramento, sobretudo na celebração da Eucaristia.
- b. Aprofundada na oração pessoal. Isso equivale a saber consagrar um tempo periódico e sério à palavra de Deus na oração pessoal. Esta oração rarefez-se, de maneira lastimável em muitas congregações e em muitos religiosos, sem medir o processo de secularização mental e alienação pessoal a que isso nos pode conduzir coletivamente.

#### **2.4.2. – Nas tensões da vida vivida como Maria**

Nós, Maristas, temos uma espiritualidade ativa, e é inútil procurar o contato com o Senhor, próprio de nossa vocação, à margem dos ritmos da vida. O último Capítulo Geral escreveu para nós, descrevendo os lugares onde um Marista pode encontrar a Deus. Diz: «Se experimentamos tensões e discórdias pessoais e



comunitárias, isso não se deve ao fato de sermos Maristas, mas de fazermos parte do povo de Deus. Essas tensões devem tornar-se para nós lugares onde a palavra de Deus nos deve trazer concretamente sua mensagem aqui e agora».

Vocês, combonianos,<sup>472</sup> estão chamados a uma espiritualidade missionária. Acredito que somos peregrinos por caminhos semelhantes. A respeito desses caminhos, a Virgem Maria pode nos ensinar bastante. A concepção de Jesus, os serviços à sua prima Isabel, o cumprimento das prescrições rituais do Templo, a emigração forçada ao estrangeiro, as misteriosas palavras de Simeão, a festa de Caná, etc., produziram nela uma evolução de sua fé israelita para a fé cristã. Os fatos dramáticos e a polêmica a respeito do Filho, vividos ao ritmo da escuta de sua pregação, levaram-na a optar pela Igreja em lugar da Sinagoga.

Maria tem muito a nos ensinar sobre a interiorização da palavra de Deus no ritmo da vida e no coração da realidade. Maria teve de viver a história mais dramática que uma mãe nunca viveu no mundo por seu filho, num grande esforço para compreender seu destino e aceitá-lo totalmente, desde a palavra de Deus, nos fatos tormentosos, da Anunciação até o domingo da Ressurreição, e deste até o Pentecostes e até sua morte.

### **2.4.3 – Na amizade espiritual**

Essa pode ser vivida nos encontros fraternos, sob forma de ajuda ou de mediação espiritual, ou sob a forma de correspondência epistolar.

---

472 Nome dos religiosos da Congregação fundada pelo Beato Daniel Comboni.

No passado fomos formados para o individualismo espiritual: «Secretum meum mihi». Falar de nossa experiência de Deus, dar testemunho e razão fraterna de nossa fé, comunicar o que há de mais precioso em nós, e que é o amor, a esperança, o ideal evangélico, dir-se-ia que, para nós, é algo de que não se deve falar.

O Senhor colocou os fundamentos dessa comunhão espiritual: «Eu já não chamo vocês de empregados, pois o empregado não sabe o que seu patrão faz; eu chamo vocês de amigos, porque eu comuniquei a vocês tudo o que ouvi de meu Pai». (Jo 15, 15)

Bonhoeffer, em página magistral de sua pequena obra *A Vida Comum*, traça o que deveria ser a amizade espiritual. Toda a sua obra se apoia na fraternidade e na comunidade formada pela Palavra e somente pela Palavra do Senhor.

«A presença física de outros cristãos é para o crente fonte de alegria incomensurável e de força. É com profunda nostalgia que o Apóstolo Paulo, na prisão, pede a ‘seu caro filho na fé’, Timóteo, de vir; nos últimos dias da vida, quer tê-lo próximo. Paulo não esqueceu as lágrimas que Timóteo derramou por ocasião do último adeus (2Tm 4,4). Pensando na comunidade de Tessalônica, Paulo reza ‘noite e dia, com insistência, para que possa revê-los’ (1Ts 3, 10). João, avançado em anos, sabe que a alegria que experimenta ao pensar nos seus será perfeita somente quando puder reunir-se com eles e lhes falar de viva voz, em lugar de ser apenas por carta (2Jo 12). Não há vergonha alguma em sentir-se ainda muito apegado a esta vida, se um crente desejar rever a face de outros cristãos. O homem foi criado com corpo, e o Filho do homem veio entre nós com

corpo, foi ressuscitado em seu corpo, é no corpo que o crente recebe os sacramentos. A ressurreição dos mortos acarretará a comunhão plena das criaturas de Deus, espirituais e corporais ao mesmo tempo. Na presença física do irmão, o crente glorifica o Criador, o Redentor, o Reconciliador, o Salvador, Deus Pai, Filho e Espírito Santo. O prisioneiro, o doente, o cristão na diáspora, reconhecem, na proximidade do irmão um sinal corporal da presença de Deus. Visitante e visitado conhecem na solidão, um no outro, o Cristo que está presente fisicamente. Acolhem-se reciprocamente e se reencontram como se encontra o Senhor, com respeito, humildade e alegria. Recebem um do outro a bênção como bênção do Senhor Jesus Cristo.

Mas, se já no simples encontro de um irmão com outro irmão há tanta alegria, que riqueza infinita não recebem os que, segundo a vontade do Senhor, são destinados a viver dia após dia em comunhão de vida com outros cristãos!... Esquece-se facilmente que a comunhão com irmãos cristãos é uma graça do Reino de Deus, que pode ser arrebatada a todo o momento e que sobrar pouco tempo antes de ser lançados na mais profunda solidão. (Ele mesmo será lançado na prisão pelos Nazis e morrerá aí. Aqui pressentia isso.) Eis por que, quem até agora, pôde gozar de uma vida cristã junto com outros cristãos, agradeça do mais íntimo do coração a graça de Deus e que agradeça a Deus e reconheça que é uma graça, nada mais do que uma graça, se hoje podemos viver em comunhão como irmãos cristãos». (Dietrich Bonhoeffer: A Vida Comum)

#### **2.4.4 – Na comunidade**

A comunidade pode, efetivamente, representar três oportunidades distintas e complementares:

- o fato de viver juntos,
- a busca ou o discernimento,
- o compromisso e a ação.

Ainda aqui os ensinamentos de Bonhoeffer podem servir-nos muito e de maneira prática. De certa forma, a comunidade cristã, fruto da palavra de Deus, cresce graças à palavra e faz crescer a palavra nos diversos membros da comunidade. Há maneiras comunitárias de escutar e de aprofundar a Palavra de Deus. Elas me parecem úteis para as comunidades que não têm ainda iniciação apropriada ou cujos membros (pelo menos alguns, em proporção considerável) têm preconceitos contra esse tipo de exercício.

Poderíamos ilustrar essas formas, caso precisem delas. Mas, uma vez que as etapas de iniciação e de vitória sobre essas reservas e desconfianças foram superadas, o melhor é o encontro natural em volta da palavra de Deus; assim a vida comunitária nasce espontaneamente na partilha da fé, da palavra de Deus, e no fato de se colocar juntos para implorar a Deus e louvar seu santo nome (cf. Cl 3, 16).

#### **2.4.5 – Na cruz, na doença e na velhice**

A cruz, qualquer que seja sua forma, é porta admirável para que nossos olhos se abram e para que o sentido profundo das Escrituras nos seja revelado. (“Será que o Messias não devia sofrer tudo isso...?”. – Lc 24, 26)

Essa cruz se apresenta, por vezes, como o passo necessário para que todas as realidades se tornem Páscoas. Por exemplo, a vocação; por exemplo, o apostolado; por exemplo, a missão; por exemplo, a própria vida comunitária, se ela perde seu sabor hedonista, captativo, egoísta, e se torna oblativa com o exercício assíduo do mandamento do Senhor: «Amem-se uns aos outros, assim como eu amei vocês» (Jo 15, 12), através da passagem obrigatória da cruz comunitária, valentemente aceita, sem escapatórias nem «justificativas».

Permito-me, aqui, uma bela passagem extraída de carta recente de um grande missionário, que, presentemente, arrisca a vida num país em perigo. (Aqui Basílio cita a carta que figura no caderno 7: texto 3).

## **REALIZAR A PALAVRA DE DEUS PROCESSO DE EXTERIORIZAÇÃO**

*Se vocês me amam, obedecerão aos meus mandamentos. (Jo 14, 15)*

*Mais felizes são aqueles que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática. (Lc 11, 28)*

### **3.1. Que se entende por: Fruto da palavra mediante nossa resposta?**

A palavra de Deus não é a revelação do Senhor em vista de pura contemplação especulativa, mas uma palavra com um objetivo da

parte de Deus de esclarecer a realidade, alimentar a esperança e, ao mesmo tempo, dinamizar o compromisso, a partir do amor gerado em nós pela vida de Cristo em nós.

Toda a Antiga Aliança centrava-se na adoração e no reconhecimento de Javé, como o único Senhor, e na observância da lei. A aliança de Jesus colocará no centro o grande preceito do amor e uma vida, depois de se ter aberto à fé, graças à obediência a ela, ao ritmo dos ensinamentos de Jesus... De maneira particular, o espírito das bem-aventuras, o seguimento dos conselhos evangélicos, a radicalidade do Evangelho, em suma, toda a vida nova e a conduta nova que provêm da vida no Espírito e pelo Espírito. Não se trata de uma palavra em si, mas de uma semente semeada em nosso campo, para fazê-la frutificar em obras de vida eterna.

Não se trata de palavra puramente teórica, mas de uma palavra-diálogo, que aguarda resposta..., de uma palavra programa.

Em relação à oração propriamente dita, por vezes, a parte mais íntima da religião, Sören Kierkegaard escreveu, com profunda razão, o que segue: «O devoto ingênuo acredita que a coisa principal na oração, o ponto sobre o qual é necessário antes de tudo estar atento, é que Deus ouve o que se pede. No entanto, no sentido eterno da verdade, as coisas são justamente o contrário. A verdadeira situação da oração não é quando Deus deve ouvir o que lhe pedimos, mas quando aquele que reza persevera na oração até o momento em que é ele que ouve, que escuta o que Deus quer. Quem reza, visando a um resultado imediato, necessita de muitas palavras, e é por isso que, no fundo, ele é tão exigente; quem reza de verdade é somente escuta».

Assim, portanto, todo o processo que foi descrito, ficaria não apenas incompleto, mas até contrariado em seu próprio dinamismo natural, negando e traindo, perdendo o tempo, se isso não desemboca no Sim Afetivo interior à Palavra do Senhor, pelo qual no coração lhe dizemos sim, e ao Sim Efetivo das obras, pelo qual, quando vêm o momento e as circunstâncias oportunas, colocamos em ação o que as palavras disseram.

Trata-se de um processo vital pleno, quer dizer, é preciso viver do que se ouviu, do que se acolheu, não apenas de uma maneira de conhecimento afetivo, mas também e, sobretudo de maneira afetiva unida a obras.

Trata-se de processo que vivifica, porque, como diz o Senhor, esse amor que conduz a observar os mandamentos está carregado de consequências: «Se alguém me ama, guarda minha palavra, e meu Pai o amará. Eu e meu Pai viremos e faremos nele a nossa morada». (Jo 14, 23-24)

Vê-se como o que foi dito anteriormente (o que foi exposto na segunda parte) era vital para a interiorização, isto é, desenvolvia uma vida interior; isto é vital para uma exteriorização existencial

Esta parte do fruto caracteriza-se por um sim da pessoa à palavra do Senhor ou, melhor dizendo, às exigências práticas da conduta do homem, inseridas na palavra do Senhor ou dela derivadas, segundo o caso. Na realidade, trata-se de um duplo sim:

- Um sim que é oferecido na vontade e no coração, aceitando e amando interiormente aquilo que o Senhor manda, pede...

- Um sim exterior que age verdadeiramente quando a ocasião é oportuna.

O primeiro desses sim, pode-se dizer, é a conclusão normal do processo anterior e seu primeiro fruto e o começo de um processo de vida, ou de viver a palavra de Deus.

### 3.2. Os passos

Existe todo um longo caminho a percorrer para mudar nosso espírito, para mudar nosso coração e para que a palavra chegue a dar forma a toda a vida e a toda a conduta. São Tiago escreve numa passagem de grande beleza e densidade: «Por isso, deixem de lado qualquer imundície e sinal de malícia e recebam com docilidade a Palavra que lhes foi plantada no coração e que pode salvá-los. Sejam praticantes da Palavra, e não apenas ouvintes, iludindo a vocês mesmos». (Tg 1, 21-22)

Com linguagem muito mais delicada, São Pedro chega à mesma conclusão: «Reconheçam de coração o Cristo como Senhor, estando sempre prontos a dar a razão de sua esperança a todo aquele que a pede a vocês, mas com bons modos, com respeito e mantendo a consciência limpa. Assim, quando vocês forem difamados em alguma coisa, aqueles que criticam o bom comportamento que vocês têm em Cristo ficarão confundidos». (1Pd 3, 14-16).

Dar a razão de nossa esperança. Palavra capital, explicar o porquê de nossa esperança. A esperança que torna possível essa ação representa o primeiro passo da frutificação interior.



### 3.2.1 – Primeiro passo: Viver com esperança, graças à palavra.

A esperança em sua tríplice função e comportamento que diz respeito ao cristão: o desejo, a espera e a aceleração.

De desejo porque «tudo gira em torno da promessa e da realidade, em redor do ‘já e do ainda não’, do advento e da acolhida. Os tempos bíblicos se cruzam, e o cristão deve saber conjugar e sobrepor os tempos ‘ele veio, ele vem, ele virá’. Vive-se de uma lembrança que desperta a gratidão; de uma experiência que aumenta a sede; de uma promessa que nos mantém atentos e vigilantes, porque não sabemos o dia nem a hora..., quando menos se espera. O desejo é a raiz humana mais típica da esperança, unida à convicção naquele em quem se espera». Não se espera em sentido teológico, antes deseja-se. Uma esperança sofrida, tímida, não é esperança. E o objeto mais central da esperança é a vinda do Senhor Jesus, de seu reino entre nós e em nós. Quando esse desejo vive e é intenso em nós e a coerência progressiva criada pela palavra de Deus cresce em nós, nossa colaboração para essa vinda e para a realização do Reino começa, isto é, a ação e suas consequências começam porque elas já são ardentemente desejadas.

#### *Na espera*

Não apenas se deseja; desejam-se muitas coisas, embora sabendo que não são possíveis e que nunca chegarão.

A esperança cristã aguarda algo que virá de fato, de que se está convencido, pela fé, que aquilo chegará, porque Deus se comprometeu com sua palavra... Essa segunda dimensão da esperança é fonte de quantidade de atitudes existenciais:

estar à espera,  
contar com,  
o otimismo  
e a paz...

Ela ajuda «a viver com paciência e ação a palavra de Deus». No caso dessa passagem à ação e à realização da palavra de Deus, esse aspecto de viver a palavra de Deus na esperança é fundamental, indispensável. Sem a força de Deus, os conteúdos da palavra – por dinâmicos que possam ser – tornar-se-ão, como a antiga lei, ocasião de infidelidade e de pecado, um jugo que esmaga em lugar de libertar. O próprio da fé é que ela salva. Esse poder reside em duas coisas:

1. Na promessa e na realidade da ajuda do alto, um poder seu que transcende o homem e que, retornando como dominante para o homem (Rm 5,5), produz em nós o poder e o fazer.
2. Nos efeitos psicopositivos criados em nós por essa convicção e pela beleza e nobreza dos conteúdos da palavra de Deus. por outra parte, criam em nós.

#### *A aceleração*

O homem sente e tem necessidade de ele mesmo agir. Em primeiro lugar, essa ação é fruto naturalmente pedido e inerente à palavra que habita nele e do Espírito que o anima e nos anima. Isso ocorre não de maneira mecânica, mas de maneira livre. «Cristo nos libertou para que sejamos livres» (Gl 5,5). A esperança age no homem de modo operativo sob dupla forma: conduzindo-o, de uma parte, a abreviar o dia do Senhor, a fazer-se obreiro do reino, com todo o senso de seus limites, mas

também com toda a convicção de que recebeu a missão desse trabalho; e, de outra parte, agir e esperar com paciência, sem desanimar com a demora ou o não-aparecimento dos resultados, da messe plena.

Mais ainda, saber aceitar, por mais dolorosos que sejam, os ritmos da realidade e dos outros, com aceitação adequada.

Enfim, é necessário insistir sobre uma coisa: a esperança vive-se em comum; as promessas foram feitas ao novo Israel (Gl 4, 21-27).

### **3.2.2. – Segundo passo: Viver a palavra de Deus com paciência e ação**

Ação. O Filho do homem virá e virá pedir conta da administração no momento menos esperado. Feliz o servo que está pronto: «Prestem atenção porque vocês não sabem quando vai ser o momento». (Mc 13,33) Esse refrão que, sob formas e metáforas ou parábolas diferentes, vai ser repetido pelos sinóticos, não pode ser dissociado do agir cristão, como se se tratasse de uma espera pura e calma da segunda vinda do Senhor. Trata-se de espera ativa em que devemos gerir o que nos foi confiado. As parábolas do servo vigilante, do intendente infiel, dos talentos, como também as referências de Jesus ao dilúvio e o discurso do juízo final, são coisas sérias, de força incomum para colocar no contexto exato a preparação para a hora do Senhor e evitar cair em espera beata. É necessário preparar-se para acolhê-lo com frutos de justiça e obras de caridade.

Mais adiante, voltaremos sobre esse aspecto de colocar em prática os ensinamentos do Senhor.

Com paciência. O cristão, porém, sabe que o tempo para agir está condicionado pelo tempo de Deus. Para o próprio Jesus, o santo de Deus, os evangelistas afirmam várias vezes: «Minha hora ainda não chegou». (Jo 2, 4) «O momento certo ainda não chegou para mim. Para vocês, qualquer momento é bom». (Jo 7,6). Há, portanto, o tempo propício e o tempo de espera. Há os tempos da espera e da paciência, e há os tempos da graça e do julgamento.

«A paciência é essa educação para marchar segundo o passo de Deus e segundo o ritmo de Deus em nossa ação, em nossa pregação, em nossas intervenções, tolerâncias e intolerâncias.»

A parábola do joio é muito sugestiva a respeito da paciência e dos tempos de Deus, perante as impaciências pastorais das pessoas e mesmo, por vezes, perante as impaciências espirituais em que, procurando ser fiéis, queremos ser mais justos e mais rápidos, a nosso respeito, do que Deus, e assim também em nossa pedagogia da formação. (Basílio cita a parábola, Mt 13, 24-30.)

Vê-se bem que, para o Senhor, a História é o tempo da paciência de Deus. Nossa ação deve ser educada, conduzida, edificada pela palavra de Deus e não por nossas reações psicológicas, nem por nossas reações antropológicas. Quanto ganharíamos, se a pastoral das vocações se inspirasse nisso, como também o espírito missionário, os projetos comunitários, as atividades da pastoral, a formação de nossos futuros religiosos, a direção espiritual, etc.

Quantas vezes, pelo contrário, nossa fé é aquela adolescente e imatura dos dois discípulos, com suas intemperanças e radicalismos inoportunos, tão bem retratados no episódio da má acolhida por parte dos samaritanos (cf. Lc 9, 51-56).

### **3.2.3 – Terceiro passo: viver a palavra de Deus num amor que dialoga**

A oração não é apenas etapa natural do processo de interiorização da palavra de Deus, sobretudo sob a forma de meditação e de contemplação desta (já exposta na segunda parte), mas também um mandamento do Senhor e um dever do coração do cristão; definitivamente, o fruto da palavra de Deus é uma realização desta. «Deveis rezar sempre, sem desistir». (Lc 18, 1; 1Ts 5, 17)

O Senhor sabe que nossa humanidade é como a de Pedro... cheia de impulsos de generosidade e quedas de arrogância, seguida muitas vezes não só de dolorosas rupturas entre o projeto e o apelo, a realidade e a resposta, mas de quedas e contrastes surpreendentes: «Vigiem e rezem, para não cair na tentação! Porque o espírito está pronto para resistir, mas a carne é fraca». (Mc 14, 38) “Pedro, você daria a vida por mim? Eu lhe garanto: antes que o galo cante, você me negará três vezes”. (Jo 13, 37-38)

Não se deve rezar somente para evitar o pior, o que é negativo, mas para chegar a ser o sarmento fecundo, portador de boas obras. A oração e a inserção em Jesus tornam-se um dos pontos capitais que a palavra de Deus deve realizar, como condição para que as outras palavras de Deus sejam acolhidas: “Eu sou

a videira, e vocês são os ramos. Quem fica unido a mim, e eu a ele, dará muito fruto; porque sem mim vocês não podem fazer nada. Quem não fica unido a mim será jogado fora como um ramo, e secará. Se vocês ficam unidos a mim e minhas palavras permanecerem em vocês, peçam o que quiserem e será concedido a vocês”. (Jo 15, 5-7)

Em todas as ocasiões em que os limites de nossos esforços ou de nossa vontade prática foram atingidos e, contudo, permanecemos na infidelidade, na falta de obras, o recurso humilde e cheio de fé à oração deve tornar-se a atitude de base, apoiada na palavra do Senhor: «Peçam e lhes será dado! Procurem, e encontrarão! Batam, e abrirão a porta para vocês!». (Lc 11, 9-10) Em seguida, o Salvador dá a razão mais forte, aos olhos da fé, desta recomendação: “Será que alguém de vocês que é pai, se o filho lhe pede um peixe, em lugar do peixe lhe dá uma cobra? Ou ainda, se pede um ovo, será que vai lhe dar um escorpião? Se vocês, que são maus, sabem dar coisas boas aos filhos, quanto mais o Pai do céu! Ele dará o Espírito Santo àqueles que o pedirem”. (Lc 11, 11-13)

Não há muito tempo, eu falava com um Irmão, em conversa amiga, e ele me declarava: «Em minha vida, estou constantemente orientado para a vontade de Deus, desejando-a profundamente. Antes de pedir algo ao Senhor, penso se está de acordo com seu coração e para seu reino, porque é isso que desejo e não outra coisa. Uma vez pedida, não chego a pensar que me seja negada». Belas palavras, pronunciadas no entardecer de uma vida santa; ratificam pela experiência pessoal as palavras do Senhor.

### 3.2.4 – Quarto passo: Viver a Palavra de Deus num amor ativo

A síntese do cristianismo poderia muito bem ser: Deus nos amou com amor admirável e fiel: eis todo o dogma. A nós de amar a Deus e ao próximo como ele nos amou: eis toda a moral. O adágio popular di-lo de maneira decisiva: «As obras são amor e não boas razões».

O ensinamento da Escritura e a análise da palavra de Deus nos conduzem naturalmente à esta conclusão: o amor deve manifestar-se em atos, e a única fé que justifica é a fé ativa e que faz agir: «Sejam praticantes da Palavra, e não apenas ouvintes, iludindo a si mesmos». (Tg 1, 22)

São Paulo, na carta aos Romanos, nos dirá: «Não são aqueles que ouvem a Lei que são justos diante de Deus, e sim aqueles que praticam o que a Lei manda». (Rm 2, 13)

O Senhor dizia aos judeus: «Por que vocês me chamam: ‘Senhor! Senhor!’, e não fazem o que eu digo?». (Lc 6, 46)

Este é o princípio e a base de todo o fundamento sério da vida cristã, seja para uma pessoa ou para uma comunidade ou para uma instituição: «Vou mostrar a vocês com quem se parece todo aquele que ouve as minhas palavras e as põe em prática. É semelhante a um homem que construiu uma casa: cavou fundo e colocou o alicerce sobre a rocha...». (Lc 6, 47-49)

Este dilema é capital:  
escutar e praticar,  
ou  
escutar e não praticar.

As consequências de uma ou de outra opção são decisivas, e o Senhor as sublinha quando fala a seus verdadeiros discípulos: «Nem todo aquele que me diz ‘Senhor, Senhor’, entrará no Reino do Céu. Só entrará aquele que põe em pratica a vontade de meu Pai que está no céu. Naquele dia muitos me dirão: ‘Senhor, Senhor, não foi em teu nome que profetizamos? Não foi em teu nome que expulsamos demônios? E não foi em teu nome que fizemos tantos milagres?’ Então, eu lhes vou declarar a eles: Jamais conheci vocês. Afastem-se de mim, malfeitores!». (Mt 7, 21-23)

Desde o início da vida pública, numa palavra que encerra todo um programa, Maria sintetizou em Caná, o procedimento cristão: «Façam o que ele mandar». (Jo 2, 5) Depreende-se disso, não apenas um fato histórico, mas toda uma série de ressonâncias para o futuro:

- os servidores lhe obedecem,
- a hora de Jesus é adiantada,
- Jesus realiza seu primeiro sinal,
- e manifesta sua glória,
- e os discípulos creram nele.

Naquilo que acaba de ser dito, unimos duas coisas: amor e colocação em prática da palavra. No cristão, as duas devem estar indissolivelmente unidas. O cristão recebeu do Senhor um mandamento: amar, e todo o conteúdo de sua palavra é o amor. Ele a colocará em prática porque ama, e porque é a maneira concreta de amar a Deus e ao próximo. O Senhor tinha dito: «Quem aceita os meus mandamentos e a eles obedece, esse é que me ama». (Jo 14,21) Provavelmente não há texto mais sig-



nificativo e, ao mesmo tempo, mais prático, para esse elo entre o querer e o agir e a relação que tem com a palavra de Deus e com o Cristo, como destinatário de nosso serviço, do que o famoso texto de São Mateus 25, 31-36 (O juízo final).

Em primeiro lugar, é o sentido definitivo que emerge do texto, e une a esse sentido o da universalidade: «Todos os povos da terra serão reunidos diante dele». (Mt 25, 32) Segue a impressionante lista das necessidades humanas, situações concretas, presentes em nosso mundo, em nossas sociedades, perante as quais, realmente, nos habituamos e as esquecemos... ao ponto de lhes tirarmos o significado e a capacidade de apelo: fome, sede, emigração, doença, prisão. Com certeza, esses aspectos expressam também todos os que faltam.

Segue a dupla forma de procedimento: «Vocês me alimentaram, me deram de beber...» ou então: «Não me alimentaram, não me deram de beber...».

Na lista das necessidades e na lista das atitudes tidas perante essas necessidades, encontramos o Cristo como sujeito desses procedimentos... Ele experimenta necessidades e a ele é que prestamos serviços, ou então, não os prestamos. A conclusão da descrição encontra-se em dois aspectos complementares: de um lado, a surpresa: «Senhor, quando foi que te vimos...», e, de outro lado, a retribuição: «Venham vocês, que são abençoados por meu Pai... Afastem-se de mim, malditos...».

E enfim, o leitmotiv subjacente em tudo: “Eu garanto a vocês: todas as vezes que vocês fizeram isso (ou, não fizeram) a um dos menores de meus irmãos, foi a mim que o fizeram (ou, que não o fizeram)”.

É um texto tão importante que convida a um exame muito sério, que pode fazer surgir grande alegria, grande otimismo, um poderoso apelo à conversão.

É por isso que, com justa razão, denominou-se «obediência da fé», a fé que se dá à palavra de Deus. O próprio Jesus aprenderá a obediência e, tendo atingido a perfeição, tornou-se princípio de salvação para quantos lhe obedecem. São Pedro o diz muito bem: «Pela obediência à verdade vocês se purificaram, a fim de praticar um amor fraterno sem hipocrisia. Com ardor e de coração sincero amem-se uns aos outros. Vocês nasceram de novo, não de uma semente mortal, mas imortal, por meio da palavra viva de Deus, que é viva e que permanece». (1Pd 1, 22-23)

### **3.2.5 – Quinto passo:**

*Proclamar essa palavra de Deus que reside em nossos corações*

A palavra recebida de Jesus – Palavra eterna do Pai, com quem viveram os apóstolos por vários anos e que viram, em continuação, realizado o drama da morte e da ressurreição, depois esplendidamente animada, no dia de Pentecostes – produzirá um efeito de expansão e de difusão nos primeiros cristãos: «Não podemos nos calar sobre o que vimos e ouvimos». (At 4, 20) Paulo poderá dizer a Timóteo: «A palavra de Deus não está algemada». (2Tm 2,9)

Ela será anunciada a tempo e a contratempo em situações favoráveis ou desfavoráveis, correndo o risco da pregação «pela bela audácia de anunciar sem medo a Palavra». (Fl 1,14)

O Senhor tinha dito a Pedro alguma coisa que (*mutatis mutandis*) vale para todo o apóstolo: «Farei de vocês pescadores de homens». (Mc 1,17) Não se trata somente da vocação, mas também da missão: «Vão pelo mundo inteiro e anunciem a Boa-Notícia para toda a humanidade». (Mc 16,15) E não é somente o fato da vocação e da missão, mas também a exigência da Palavra que cresce em nós e nos impele: «Anunciar o Evangelho não é título de glória para mim; pelo contrário, é uma necessidade que me foi imposta. Ai de mim, se eu não anunciar o Evangelho!». (1Cor 9, 16).

Essas três realidades subsistem segundo a vocação própria de cada cristão e, *a fortiori*, para quem optou pelo seguimento de Cristo na vida religiosa: a vocação, a missão e a urgência interior de anunciar o Cristo. As maneiras podem variar, mas serão sempre fundamentadas em duas categorias:

- O testemunho (e o serviço prestado em nome do Senhor e por amor dele),
- a palavra e os sinais.

A cada um de nós, o Senhor pode pedir de ir mais longe, embora não se veja nada, mas apoiados em sua palavra: «Quando acabou de falar, disse a Simão: ‘Avance para águas mais profundas, e lancem as redes para a pesca’. Simão respondeu: ‘Mestre, tentamos a noite, e não pescamos nada. Mas, em atenção à tua palavra, vou lançar as redes’». (Lc 5, 4-5) Sabemos o que aconteceu: pescaram grande quantidade de peixes... E Pedro, espantando, lhe disse: «Afasta-te de mim, porque sou um pescador!». O Senhor lhe respondeu: «Não tenha medo! De hoje em diante você será pescador de homens». (Lc 5, 4-11)

Pode haver quedas e dificuldades. O importante é ter sempre uma referência ao Evangelho de Cristo e à sua pessoa como ponto permanente de referência. E as palavras do Senhor ressoarão em nossa vida, como na de Pedro: «Eu rezei por você, para que a sua fé não desfaleça. E você, quando tiver voltado para mim, fortaleça os seus irmãos». (Lc 22,32)

Será necessário deixar-se conduzir pela mão do Senhor, sem perguntar, visto que a resposta está escrita: «O que é que você tem com isso? Quanto a você, siga-me». (Jo 21, 15-22).

Pedro amou e seguiu. Os capítulos 2, 3 e 4 dos Atos dos Apóstolos nos mostram um Pedro audacioso, anunciando a Boa-Notícia a Jerusalém.

Na linha da fidelidade, da vocação, da missão, há um Pedro em cada um de nós.

O belo testemunho de Paulo pode também ser nosso programa de fidelidade ao Evangelho, e, se for necessário, até na perseguição. «Somos atribulados por todos os lados, mas não desanimamos; somos postos em extrema dificuldade, mas não somos vencidos por nenhum obstáculo; somos perseguidos, mas não abandonados; prostrados por terra, mas não aniquilados. Sem cessar e por toda a parte levamos em nosso corpo a morte de Jesus, a fim de que também a vida de Jesus se manifeste em nosso corpo». (2Cor 4,8-11)

### 3.3. Os lugares ou os setores em que devemos realizar a palavra de Deus

A salvação do Senhor, e a transformação que deve fazer em nós sua santa palavra, não se reduz à consciência ou «às almas», como se dizia tradicional e normalmente. Ela abraça toda a criação que, no dizer de São Paulo, “entregue ao poder do nada – não por sua própria vontade, mas por vontade daquele que a submeteu – abriga a esperança, pois ela também será liberta da escravidão da corrupção, para participar da liberdade e da glória dos filhos de Deus». (Rm 8,20-21) João nos falará «de um novo céu e uma nova terra» (Ap 21, 1-5).

*O primeiro lugar onde devemos colocar em prática a palavra de Deus é em nós mesmos.*

Em nosso ser e em nosso agir. Procurar realizar a palavra de Deus nos outros, e não começar por nós próprios, seria alguma coisa contrária ao evangelho: «Por que você fica olhando o cisco no olho de seu irmão, e não presta atenção na trave que há no seu próprio olho?». (Lc 6, 41-43)

Insistimos muito sobre esse aspecto na segunda parte; não é o caso de voltar a isso.

*Em segundo lugar, na comunidade.*

Com efeito, seria necessário fazer a releitura comunitária de tudo o que se escreveu. O cristianismo é sempre uma comunidade. Sua dimensão de caridade fraterna, sua dimensão de pregação, sua dimensão carismática e sua dimensão de universalidade produzem um duplo fenômeno:

*O cristão é ao mesmo tempo o fruto do Cristo e de um fato eclesial* que, no seu sentido mais radical, é a comunhão dos discípulos e dos seguidores de Jesus.

Vivendo em diáspora no mundo, ele vive em constante referência aos demais cristãos, formando comunidades que se reúnem periodicamente. Essa reunião faz-se em torno da Palavra e em torno da ceia do Senhor.

*As comunidades que ela forma* (seja sob forma de Igrejas locais, seja sob outras formas de comunidades diferentes, entre as quais a Vida Religiosa, que é uma das formas mais densas e estáveis) devem ser, e de fato o são – na medida em que elas são realmente cristãs – abertas a uma comunhão superior.

Portanto, a palavra de Deus deve ser vivida em comunidade e para a comunidade, e entre a comunidade e os membros deve existir uma espécie de dialética em torno da palavra. Da mesma forma, entre a palavra e a comunidade deve haver uma inter-relação natural.

- Entre a comunidade e os membros:

Os membros estão sempre interessados e corresponsáveis pela dimensão evangélica da comunidade, de maneira que esta seja reflexo coletivo da comunhão no Senhor Jesus e, por sua vez, a comunidade assume seriamente a responsabilidade de fazer crescer cada um dos membros na escuta e na realização da palavra de Deus. Estruturas evangélicas comunitárias com pobreza ou ausência de vida evangélica em comunidade, por parte de seus membros, seriam puro formalismo e poderiam tornar-se verdadeiro farisaísmo.

- Entre a palavra de Deus e a comunidade

A comunidade faz a palavra de Deus. Ela a faz no sentido de acolhê-la, aprofundá-la, partilhá-la, obedecer-lhe, encarná-la, pregá-la, proclamá-la.

Por outra parte, a palavra de Deus faz a comunidade. E isso de duas maneiras: porque na palavra do Senhor não há somente o motivo, mas também a força para entrar e perseverar na comunhão, apesar de tudo e contra tudo, e porque vivendo em comunidade, seguindo as palavras do Senhor, essa comunidade não é simplesmente uma comunidade, mas, antes de tudo e acima de tudo, uma comunidade cristã.

# **Caderno 9**

## *A Fé de Basílio*







## INTRODUÇÃO

Estas páginas sobre a fé de Basílio podem parecer inúteis já que a fé está evidente em todos os capítulos precedentes. Sabemos a graça que ele recebeu para que sua vida mude dos pés à cabeça, aponte decididamente para Deus e experimente necessidade constante de oração. Desta graça nasce o que será seu ideal: “Queimar minha vida pelo Cristo e queime-a pelas duas pontas”, portanto, apaixonadamente e numa atividade intensa.

Ouvimos sua última carta, ditada com voz de doente e gravada para ser remetida a todos os amigos: ele se entrega nas mãos de Cristo, nas mãos do Pai, que são as mais afetuosas, e aí se sente tranquilo e seguro. A confiança no Pai é a ponta do diamante da fé, como também a paixão de sua vontade, que dominou sua vida.

São Paulo escreve aos Coríntios: “E mesmo se eu tenho a fé a ponto de transportar montanhas, mas se não tenho o amor, não sou nada...”<sup>473</sup> Ora dois capítulos foram consagrados a Basílio sobre o amor em sua vida: o de seu modo de viver a fraternidade e aquele sobre o amor em si mesmo. Não se pode ter em si a caridade de Cristo na ausência da fé: o amor é sinal de que a fé é viva, sobretudo quando reconhece o Senhor na pessoa em dificuldade. São Tiago, por sua vez diz: “Irmãos, a que serve, se alguém diz ter a fé, mas não tem as obras? Acaso, tal fé poderá salvá-lo? A fé sem as obras é morta”.<sup>474</sup> Conhecemos a vida trepidante que Basílio levou em favor de Cristo, da Igreja, de nossa congregação, da vida religiosa em geral, na qual ele queria “ajudar a aurora

---

473 1 Cor. 13, 2

474 2 Tiago 2, 14, 17.

nascer”.<sup>475</sup> Os capítulos sobre o trabalho e a liderança insistiram sobre sua atividade trepidante, a fim de que o mundo se volte para o Senhor.

Desta evidência da fé na vida de Basílio ocuparam-se as primeiras páginas do caderno 1 e as últimas páginas do caderno 7, isto é, na abertura e na conclusão de um longo olhar lançado sobre Basílio nos 7 primeiros cadernos.

Então, por que nos centrar sobre o estudo da fé de Basílio se ela é evidente? O estudo vai nos permitir passar de uma impressão geral, justa certamente, ao conhecimento das diversas facetas desta fé e de sua vivência, de modo que nossa própria fé será confirmada: confirmar a fé dos outros, eis um dos aspectos da fé de Basílio.

O estudo nos permitirá descobrir a graça da fé, a cultura da fé, os frutos da fé, o olhar sobre duas pessoas protótipos da fé: Maria e Marcelino, e escutar aqueles que viveram com Basílio e que testemunham, com admiração, sua fé. Rico percurso que só nos vai enriquecer.

---

<sup>475</sup> Expressão frequente em Basílio, como um leitmotiv, mas emprestado de Yves Congar.

## - 1 - O DOM DA FÉ

A fé é um dos dom do batismo: enxertados no Cristo, seu Espírito passa em nós; então as palavras de Deus são recebidas com confiança, aceitas como verdadeiras. O espírito convence nosso espírito e entramos nessa aliança que Deus nos propõe, onde ele nos procura e nós o buscamos. A atração de Deus, a fé em suas Palavras e na sua revelação, a acolhida ao amor de Cristo, tudo isso é um puro dom.<sup>476</sup>

Mas a fé é no cristão como uma semente que necessita muitas outras graças. Basílio tinha a vantagem de um ambiente cristão de família: rezava-se em família e mesmo conforme seu testemunho, orações longas, às quais estava pouco inclinado... Por outra, ele gostava de rezar o terço. Teve também a sorte de ter tido educadores religiosos: os Irmãos Maristas, que ele admirava profundamente. Digamos que a fé se tornava robusta pela perseguição real que a Igreja do México conheceu durante uns trinta anos.<sup>477</sup> Tudo isso, entretanto, não teria produzido senão um cristão ordinário, como milhões de outros cristãos no México.

### 1.1 A graça

Basílio terá um momento de graça extraordinário que o atrai

---

<sup>476</sup> Observaremos adiante quantas vezes Basílio, nas suas cartas, dirá exatamente isso a seus Irmãos e amigos.

<sup>477</sup> Cf. Discursos do Ir. Basílio aos membros do sínodo sobre a família em 1980

de um modo definitivo para Deus num dom total. O relato que ele dá reconhece a iniciativa de Deus.<sup>478</sup> “Mas Deus sabe chegar ao coração quando lhe apraz... de repente tive uma iluminação inexplicável... O centro se deslocou para uma vida de oração e já não me custava consagrar horas inteiras à oração pessoal: a eucaristia cotidiana tornou-se uma necessidade”. Então fala do arrebatamento do amor de Deus, do compromisso como dom, de onde não há mais volta possível, da vontade que se torna disponibilidade total a Deus e aos outros, de Jesus reconhecido como beijo do Pai, do Espírito que imprime nele um carimbo especial e lhe dá um gosto particular pelo evangelho.

Esta graça o conduz a um ideal: “Queimar minha vida pelo Cristo, e lhe dá também a força para vivê-lo<sup>479</sup>. Neste momento de graça, Deus se torna evidente, Senhor, centro do coração.

São os tempos felizes da fé, tempos da luz interior. Sabemos por experiência que Deus concede tempos de graça à nossa fé; ela não vive somente à noite, conhece dias ensolarados, quando tudo parece fácil. O Espírito Santo vai criar ainda numerosos momentos de luz, certamente relacionados com a fidelidade de Basílio e com as responsabilidades que Deus lhe pede que assuma.

Estes momentos, nós os adivinhamos diante de certas confidências ou modos de falar, como se por traz houvesse uma experiência. Assim, quando ele comunica suas revelações interiores ou seus estados de alma que duram dias, que são ao mesmo tempo, alegria e dores e que são como o eco ainda não extinto de uma

---

478 Cf. Caderno 1, o primeiro capítulo: Uma experiência que muda tudo.

479 Testemunho que ele dá à revista espanhola *Vida Consagrada, Religiosos de Hoje*, 1980.

grande experiência de Deus, de uma graça que foi concedida.<sup>480</sup> Na conferência sobre a Palavra de Deus,<sup>481</sup> ele estabelece a diferença entre o esforço humano na oração ou na tentativa de viver as virtudes cristãs e a facilidade e profundidade que cria em nós o Espírito Santo quando ele assim desejar. Em 1972, contava aos Irmãos da Província Norte a história do famoso violinista Salazar<sup>482</sup> que deu um concerto no México e aos pés dele se colocara um jovem índio com os violinos rudimentares que fabricava. Após o concerto, o artista pediu ao jovem índio se podia tocar um de seus violinos, e tirou dele notas maravilhosas. Basílio concluía: tudo depende de quem toca o violino; se somos nós, a música é bem pobre, mas se é o Espírito...

Estas experiências de Deus, estes momentos de vida espiritual intensa, são graças para a fé: Deus vos carrega, a fé é fácil e ela se fortifica, são momentos de alegria<sup>483</sup>.

## 1.2 As provações

Basílio conheceu as noites da fé? Seu livro de cabeceira era o das poesias de São João da Cruz. Mas não consta que tivesse desses momentos de noite profunda, que só uma fé nua sustenta. Ele pediu a Deus de lhe conservar uma fé límpida o que não significa ao abrigo das provações. Conservou seu otimismo e gostava de farsas até os últimos dias; acolheu no seu quarto de doente para

---

480 Caderno sobre a oração

481 Caderno 8

482 Caderno 1, Textos do capítulo sobre o Espírito Santo.

483 Um dos livros que ele meditou mais e que ele recomenda muitas vezes aos Irmãos é o do Pe. Valensin: A alegria na Fé. A alegria é uma das notas dominantes da fé e também uma das notas dominantes da vida de Basílio.

direção espiritual amigos que o procuravam, fez-se rodear de orações e cânticos quando seu físico por demais abatido não podia participar com toda lucidez.<sup>484</sup>

Mas é fácil adivinhar que sua fé não esteve ao abrigo das provações. A sensibilidade especial que ele revela com relação à fé da Virgem Maria, na circular *Um novo Espaço para Maria*, referindo-a aos momentos difíceis, demonstra que ele mesmo deve ter tido seus tempos e atos para viver, sobretudo da fé: quando lhe pedem para deixar seus estudos para assumir a direção do Juvenato, no momento em que a tese de doutorado em filosofia estava praticamente terminada; o sim no seu segundo mandado. Na ocasião de sua reeleição, em 1976, seu grande amigo o Núncio no Líbano, Monsenhor Alfredo Bruniera, relembra-lhe o axioma “Honor est onus! (“honra é encargo”), mas ele faz<sup>485</sup> jus às qualidades excepcionais de espírito e de coração que mostrou, e garante que todos os Institutos Religiosos e toda a Igreja se beneficiarão com esta eleição.” Basílio lhe responde:” Que o encargo seja um “onus” eu o experimento muitas vezes, e certamente nunca senti tão verdadeiro como no momento quando tive que dizer “sim” à minha reeleição. Foi o exemplo dos que o pronunciaram antes, Cristo e Maria que me deram a coragem de pronunciá-lo com todas as conseqüências.”<sup>486</sup> Pensei no fiat de Maria, e ajudado por ela e confiando nela, eu também disse meu sim.”<sup>487</sup>

Este momento tinha sido tanto mais surpreendente que psi-

484 FMS-Mensagem, no.19, maio 1996, testemunho do Ir. Léonard Ouellet, pp. 11-12.

485 Carta de 21 de outubro 1976, AFM 51,09.D2-Bispos e Cardiais

486 Carta de 11 de novembro 1976, AFM 51.09.D2-Bispos- Cardiais.

487 Carta de 11 de novembro 1976. AFM 51.09-D2-Bispos-Cardiais-(A carta existe em duas versões)

cológica e razoavelmente Basílio se tinha preparado ao contrário. Tinha dito aos Irmãos capitulantes: “No fim do meu mandato, devo dizer que acho difícil pensar uma reeleição. As forças e a saúde não permitiriam ter, durante nove outros anos, o ritmo de trabalho que levei durante o período passado.”

A um Superior Geral o Instituto pede um esforço enorme. Por outra, o tempo atual de renovação é por demais delicado e por demais precioso para ser confiado por inteiro a uma só pessoa e uma só equipe.”<sup>488</sup>

A surpresa lhe é tão forte que seu corpo reage por uma transpiração que não pode controlar no momento, deve se permitir um curto momento de sono no quarto. Entretanto o “sim” oferecido a seus Irmãos vai assumi-lo durante nove outros anos com uma vida totalmente doada.

Pode-se também ler seu leitmotiv “é preciso ajudar a aurora nascer “como uma obstinação de sua fé contra as evidências dos fatos, as numerosas saídas, às vezes de amigos bastante próximos ou de pessoas que verdadeiramente tinham todos os sinais de autêntica vocação.”<sup>489</sup>

Ele escreveu a seu amigo o Irmão Arturo Chaves, então Provincial: “As saídas de Irmãos, as defecções vocacionais, são dolorosas pelo seu número...” mas acrescenta: “Não te atormentes, guarda a

---

488 Relatório do Superior Geral aos capitulares de 1976.

489 No relatório da administração Geral aos capitulares de 1976, ele reconhece que um dos Conselheiros se retirou: “É verdade que perdemos um de nossos membros e isto deixa para nós todos uma interrogação. Esta é uma, em todo caso, para mim que não disponho a respeito senão um mínimo de elementos de interpretação”.



paz interior indispensável neste momento doloroso a todo superior. De minha parte, guarda isso bem presente a teu espírito, fico profundamente tranquilo sabendo que à frente da Província há homens como tu, como Ibañez, Godinez, Filogonio, Razo. O pior que poderia acontecer neste momento é que os superiores percam a serenidade, a calma e o domínio de si.<sup>490</sup> Mantenho a firme esperança de uma retomada rápida da Província graças a uma total confiança em Deus, em nosso Recurso Habitual e em nosso Bem-aventurado Pai...”<sup>491</sup>

Seu olhar sobre o mundo, mesmo com toda sua simpatia fazia-lhe observar o enfraquecimento geral da fé, a organização do mundo sem referência a Cristo, este mundo “nos escorre entre os dedos, não a nós, o que isso poderia nos afetar, mas à Igreja e ao Senhor.” Mesmo em nossas escolas católicas, era preciso conviver com um corpo de professores com opções de fé diferentes, e com uma juventude voltada à contestação, que tornava o trabalho educativo heroico. Em 1985 na terceira conferência que ele dá aos Irmãos capitulares, diz: “À força de supor que nossos Irmãos estão nos níveis onde de fato não estão, deixamos desamparados homens frente a uma organização crescente e invasora, senão tirânica da cidade secular, com seus modos, suas competências, sua televisão, seus valores. É bom não ser ingênuo. Quem quer dar uma de anjo faz o papel de ignorante. É preciso que por uma organização no nível pessoal, comunitário, congregacional, a vida espiritual de nossos Irmãos seja salva, graças a espaços não de evasão e de alienação, mas de reflexão, de comunhão, de con-

490 Infelizmente é o que acontecerá a vários Provinciais que diante das dificuldades cairão em depressão, e alguns acabarão por deixar a congregação. Para nenhum superior eram tempos fáceis.

491 Carta de 23 de setembro 1969, AFM 51.09-B1-México-Central.

templação.” Há situações onde as almas morrem antes dos corpos, como dizia Mgr Huyghe.”<sup>492</sup> Na conferência aos Superiores Maiores, “A contemplação a partir da ação” fala dos tempos de Deus e diz que, se São Paulo encontrou uma sociedade favorável aos valores cristãos, nossa sociedade, ao contrário, vive um tempo de rejeição ou pelo menos de grande indiferença. É preciso ter em si uma fé mais forte.

Parece, entretanto, que não viveu as provações de uma santa Teresa do Menino Jesus, ou de seu autor preferido, São João da Cruz. Mas é certo que a familiaridade com este místico tenha preparado a fé de Basílio às eventualidades as mais difíceis.<sup>493</sup>

- 2 -

## **O coração da Fé e a Fé no Coração**

A vida de Basílio revela a constância da fé, o que nós poderíamos chamar de núcleo central ou ainda o coração da fé. É neste coração que Basílio vem haurir sentido, dinamismo, generosidade, amor, sabedoria, fraternidade a toda prova, serenidade profunda num tempo de grandes transtornos, é neste coração que ele extrai sua liderança profética: é este coração que o atrai à contemplação,

---

492 À escuta do XVIII Capítulo Geral, p. 49.

493 Por outra ele assiste como confidente à travessia da noite do Padre Ricardo Lombardi provado em sua saúde, em sua psicologia e como marginalizado pelos meios da Igreja.

com longas intimidades com Deus, com o Senhor Jesus, com Maria e Marcelino na contemplação da fé deles e na sua amizade.

Os pilares dessa fé são:

1. *Deus percebido como Pai*, que nos precede em todos os caminhos do amor, porque ele não é senão amor, digno de uma confiança inabalável, e da qual a vontade se torna uma paixão que produz disponibilidade absoluta.<sup>494</sup>
2. *O Cristo acolhido como Senhor*, como Irmão em nossa carne mortal, como este Eu mais nobre, mais santo, que cresce através de nossa vida de todos os dias, Ele a Palavra, a Vida, a Luz, a Verdade, o pão da vida, o que Deus se tornou por nós e o que podemos ser para Deus.<sup>495</sup>
3. *O Espírito* mestre de todas as aventuras interiores e intimidades com Deus, mas também a força da missão, alma de todas as grandes reuniões que acontecem em clima de oração: o Concílio, o Capítulo Geral especial e todos os Capítulos seguintes, os grandes encontros de Irmãos, os retiros. O Espírito é o gênio que, ao mesmo tempo em que burila as almas, garante a grande epopeia da missão<sup>496</sup>.
4. *A Palavra de Deus e a Eucaristia*: alimentos indispensáveis e graças onde se fortalece a comunidade.<sup>497</sup>
5. *O amor aos outros*, sempre em despertar como acolhida,, escuta, serviço.<sup>498</sup>

494 Esta afirmação voltará frequentemente nas páginas que seguem, É o tema da circular sobre a obediência.

495 Cf. no caderno 1 a parte reservada a Jesus, mas também no caderno 8, A Palavra de Deus, que é antes de tudo Jesus.

496 Muitas cartas fazem alusão a este trabalho do Espírito, a esta presença constante do Mestre da vida interior. Cf. Caderno 1 pp. 37 -44

497 Cf. Caderno 8: a Palavra de Deus.

498 Cf. o caderno 7, a parte sobre a fraternidade.

6. *A comunhão com a Igreja*, na sua hierarquia e como povo de Deus, Reino de Deus que é preciso servir, dilatar, defender, embelezar, santificar...
7. *Num olhar de amor, de confiança, de imitação da Virgem Maria e do Fundador...*
8. *A pessoa humana* como o absoluto que conserva em todas as circunstâncias sua dignidade e que é preciso acompanhar sempre com respeito e com uma simpatia que não se desmente nas contrariedades.<sup>499</sup>

Os escritos, os retiros, as conferências, as cartas de Basílio, as entrevistas e as horas de direção espiritual remetem seguidamente direta ou indiretamente, a estas convicções centrais da fé.

No fim de duas páginas, dando os temas dos retiros, o grande tema de fundo, é O AMOR DE DEUS PELO HOMEM como núcleo do cristianismo. A VIDA EVANGÉLICA, como RESPOSTA do homem a este amor e como ALMA da vida religiosa.<sup>500</sup> Basílio era muito ligado aos jovens Irmãos do Colégio Internacional, na casa geral;

---

499 Esta enumeração dos pontos chaves da fé de Basílio ganha sua força quando se releem os cadernos 1, 2 e, sobretudo 3: sobre a Oração como também o caderno 8 sobre a Palavra de Deus. Relembremos a citação que está na contracapa do caderno 3: “Irmãos, o que fundamentalmente gera nossa paz,, não é o fato que nós somos bons, mas o fato que Deus é bom. Não é o fato que nós amávamos, mas sim o fato de que somos amados por um amor eficaz e infalível. Deus nos ama. Ele não faz outra coisa que nos amar, e Deus não pode não nos amar.” É esta linguagem forte que usava com Irmãos da América Latina, do Canadá e da Espanha nos retiros de renovação, dados nos anos 1969-1974.

A conferência sobre a Palavra de Deus (caderno 8) emite uma fé luminosa, alegre extremamente densa; insiste sobre Jesus Palavra, Luz, Vida, Recriação, Ressurreição, Juiz...sobre a densidade de vida cristã que esta Palavra cria...De fato é uma longa, inteligente, entusiasta, e convincente profissão de fé, mas indireta uma vez que a conferência é sobre a Palavra Viva de Deus e sobre a ação em nós desta Palavra de Deus. Não é uma fé teórica, nota-se irradiada na vida.

500 AFM 51.09. C1.Religiosos

seguidamente ia falar-lhes, dava-lhes recolecções, mini-retiros. No dia 13 de março de 1977 envia-lhes uma carta. A passagem sobre oração é bem reveladora: “É somente o contato contínuo com o Senhor que nos dá esta dimensão de pessoas consagradas a Cristo, de homens que lhe pertencem e provoca, como iniciativa natural, a necessidade de louvá-lo. Também é dele que vem esta luz e esta liberdade que nos torna aptos a reconhecer e a fazer sua vontade, que nos descobrem as verdadeiras necessidades pessoais, as do Instituto, do mundo e que nos fazem buscar, sempre em contato com Ele e em diálogo com nossos Irmãos, a solução adequada. Que nossa oração pessoal seja nosso cuidado cotidiano, numa tendência constante à contemplação, e que nossa oração comunitária, longe de se limitar á simples recitação de fórmulas preestabelecidas, brote espontânea da comunidade reunida em oração, manifestando assim que a fé, a esperança e o amor estão vivos.”<sup>501</sup> Tudo volta a Deus, à centralidade do Cristo. Quando estamos acuados por escolhas extremas, como nos países de regime marxista, Basílio relembra que as prioridades e opções devem ser cristãs, eclesiais, maristas:

*“Entre o Cristo e outra coisa, será sempre o Cristo; entre a Igreja e o governo será sempre a Igreja; entre a vida marista e o abandono da congregação por outras razões, será sempre a congregação.”*<sup>502</sup>

Já em 1972 havia dito aos Irmãos da Espanha: “Quando anuncias Cristo ressuscitado, te comprometes com Ele, de modo que diante do dilema entre Jesus Cristo e outra coisa, te deixas esfolar antes de renunciar a Jesus Cristo, e que tudo esteja perdido, mesmo tua mãe, mas não<sup>503</sup> Jesus Cristo.”

501 AFM 51.09-Colégio internacional.

502 Carta de 4 de novembro 1977 AFM.51.o9-C2- França marista.

503 Cf. Capa das costas do caderno 2

Basílio não nos deixou nenhum texto direto e bastante longo onde apresentasse seu credo, mas nos seus escritos encontramos frequentemente alusões à fé, definições da fé, pontos fortes de sua fé, valores que não têm sentido senão pela fé, expressões que vão ao coração da fé. Pouca doutrina sobre a fé, mas a luz da fé ilumina tudo.

Aos primeiros Irmãos mexicanos que partem para a missão da Coréia, escreve: “Que vosso zelo missionário, que vosso trabalho, que vossas preocupações, não vos façam esquecer que os meios humanos nas obras de Deus só servem se os indivíduos estão plenos de Cristo. Tudo vem Dele, e sem Ele, nada. Que o Cristo, portanto esteja sempre no centro de vossa vida”<sup>504</sup>.

Ao irmão Arturo Chavez de la Mora, Provincial que decidiu abrir esta missão, relembra que a missão supõe “o mistério da Cruz, tão esquecido nestes tempos tumultuoso...”<sup>505</sup>.

Basílio se pergunta qual pode ser a alma da pobreza e responde: “Ela consiste no amor apaixonado por Deus. Não há pobreza cristã se não parte e uma origem primeira que é a paixão por Deus, um Deus que se torna o todo dos meus afazeres, o núcleo central de meu coração, meu tudo”<sup>506</sup> Mas nesta aventura o amor Deus nos precede: ele nos cria, nos busca, nos seduz, nos sustenta, nos convence, nos torna generosos, audaciosos, apaziguados. Basílio fala com entusiasmo do purgatório e do julgamento de Deus: dois momentos que nos purificam e nos justificam para

---

504 Carta de 4 de junho 1972, ao Irmão Enrique Ruiz Perez e seus companheiros, AFM 51.09-B1 – México Central - Coréia

505 Carta de 14 de janeiro 1971, AFM 51.09-B1 México Central.

506 Conferência do Irmão Basílio – Avila 1972 – Bética Marista, p. 151, maio 1973.

Deus. Longe de serem dois momentos de temor, tornam-se dois tempos de salvação e, portanto desejados. Basílio exprime esta ideia muito claramente quando apresenta a função da Palavra de Deus: “Ela julga e convence do pecado; ela convence do pecado e chama à conversão; converte, justifica e transforma. Ela transforma e salva. Disto provém a devoção ao julgamento de Deus. Não devemos fugir dele porque só nele, na sua verdade, se encontra nossa esperança de salvação, quando nos condena, nos purifica, nos converte, nos transforma. Oh, julgamento de Deus, julga-me para que eu seja salvo.”<sup>507</sup>

É que a vontade do Pai só pode ser boa e vivificante; “Jamais terei medo de amar a vontade de Deus sobre nós; sua vontade é amável e nos ama.”<sup>508</sup>

Eis o comportamento correto, segundo o Irmão Basílio, diante da palavra de Deus: “O único comportamento diante da palavra: obediência”.

Diante da plenitude e exultante epifania da Palavra de Deus ao homem, nesta palavra de amor e de salvação que é seu Filho, (Cf. He 1, 1-3), ou diante das centelhas desta palavra divina segundo os dons de Deus e conforme a graça que foi dada a cada um, a cada momento de sua vida, há apenas uma atitude honesta possível: a obediência da fé (em proporção da manifestação do Senhor). Obediência no sentido etimológico do termo: Ob-audire.

É deste comportamento de base que nasce um processo de vida que tem uma intencionalidade sem fim: “ele jorra vida eterna”.

---

507 Conferência sobre a Palavra de Deus, ver Caderno 8, p. 10.

508 O estilo de uma vida, p. 55.

Tudo está contido nesta atitude fundamental, de maneira que o que vem depois, é o desdobramento lógico da fé.

É este processo psico-mistérico que Santo Agostinho chamou de circularidade do espírito, no nosso caso reativado e ultrapassado, sem ser alienado de sua dimensão antropológica, pela ação do alto que se encontra e age em nós. É a isto que iremos fazer agora referência, dividindo nosso propósito em duas partes “logicamente complementares”: a acolhida e a resposta, a fé e a vida, a escuta e a resposta...

O acolhimento da Palavra de Deus começa a ter uma resposta e frutos no interior de nós mesmos, graças a operações interiores que transformam nosso coração:

Cria-se uma ótica nova:

Nascem em nós devoção e afeição pela Palavra de Deus;

Esta se torna o lugar “onde se encontra nosso coração”: um lugar de luz, um lugar de paz, um lugar de força, um lugar de amor.

É na Palavra que se vive, é nela que se procura. Nela encontra-se a luz, para compreender os acontecimentos interiores e exteriores e a realidade total.

Ao mesmo tempo criam-se em nós as urgências da palavra que interpela nosso coração, nossas relações, nossa ação, nossa organização, nossa inserção.<sup>509</sup> Basílio fala assim a partir de sua fé e também a partir de sua vida, das experiências espirituais que já fez, mas toda essa sua fala sobre a Palavra de Deus revela a pro-

---

509 Caderno 8: A Palavra de Deus, p. 20.



fundeza de sua fé: uma fé cordial, que fez do coração o centro da acolhida de Deus e da obediência a sua Palavra. A obediência não é uma noção intelectual, mas uma vida de amor e de disponibilidade total a Deus. É o que Basílio afirmou tão claramente quando deu seu testemunho sobre sua vocação na revista *Religiosos de Hoy*: “Quando o amor de Deus se expande no coração, a vontade não é senão desejo de se doar, de queimar a vida pelas duas extremidades...”<sup>510</sup>

Encontramos em Basílio outros modos de professar sua fé, por exemplo, quando insiste sobre os valores escatológicos que a vida religiosa testemunha. A verdade da escatologia é uma das mais frequentes nos escritos e nas conferências de Basílio. A vida religiosa é toda voltada para Deus pela certeza da escatologia.<sup>511</sup> Em compensação quando se perdem de vista os valores escatológicos, a vida religiosa atola-se num estilo burguês, pobre, egoísta pelo qual não vale a pena fazer os votos e os grandes sacrifícios que eles pedem. A fé é professada também num futuro mais próximo de nós, pelo qual podemos colaborar. É a aurora na qual Basílio acredita e pela qual ele engaja toda sua vida: a aurora de uma nova vida religiosa, de uma nova maneira de viver a vida cristã, mais decididamente evangélica e comprometida totalmente no amor. Ele diz também na *Meditação* a voz alta, que o tempo que vive a Igreja, assim como toda sociedade humana, é o do parto. As dores não faltam, mas há a esperança de uma vida nova. Mesmo o olhar sobre o mundo é um olhar de fé, não somente porque Basílio é um otimista (ele sublinha que o otimismo deve ser conatural ao

510 Caderno 1, As páginas sobre “Uma experiência que muda tudo”.

511 A noção de escatologia emerge constantemente nos escritos de Basílio: Cf. Caderno 6. A inteligência, p. 20, 22 e 27; circular 2 janeiro 1968, p. 641.642, e pp. 23-24; Caderno 3 e o texto 3, no caderno 2 às páginas 38 e 42.

cristão) e que sua inteligência saiba captar os trunfos que o mundo apresenta, mas porque para ele, o mundo, por natureza, “é um talento cósmico”<sup>512</sup> que Deus nos dá. De fato, estamos diante de uma confissão constante da fé: ele professa que Deus é,

- Pai, que não é senão amor;
- Jesus, o beijo do amor que o Pai nos dá, de tal forma inerente a nossa existência que ele é um conosco e constitui este grande mistério que levamos em nós: “que Jesus sou eu e que eu sou Jesus”;<sup>513</sup>
- O Espírito onipresente no mundo, na Igreja, na Congregação, na vida de cada um é constantemente captado pela sensibilidade espiritual de Basílio.

Afirmar que todo homem é meu irmão, que toda pessoa é um absoluto, é ainda para Basílio professar sua fé, como também quando faz da vontade de Deus a paixão da vida<sup>514</sup> e se esforça por engajar toda a Congregação nesta paixão pelo Projeto de vida comunitária.<sup>515</sup> Organizar em todas as Províncias retiros sobre a Oração, às vezes quinze num ano,<sup>516</sup> escrever sobre este tema, sobre a oração: todos estes atos são profissões de fé.

Constatamos que a lista poderia se alongar e é normal para alguém que vive a fundo sua vida espiritual numa função que lhe pede constantemente que esclareça seus Irmãos e os confirme na fé.

A citação que segue, tomada do testemunho que Basílio deixou

---

512 Circular de 2 Janeiro 1968. Um Capítulo para o mundo de hoje, p.287

513 Circular sobre a obediência, p. 36-37.

514 Toda a circular sobre a obediência o diz.

515 É o alvo das Circulares Projeto Comunitário, Projeto de Vida Comunitária e inúmeras visitas nas comunidades, para ajudá-las a traçar seu primeiro projeto, orientá-las para procurar juntos a vontade de Deus

516 Ele o diz na entrevista que ele oferece à “Presença Marista”, n°163, de junho 1985

em 1980 à revista espanhola *Vida Consagrada, Religiosos de Hoy*, revela o coração de sua fé: “Uma exigência de busca apaixonada da vontade de Deus, numa comunhão eclesial generosa é indispensável. O amor da verdade, o discernimento dos sinais dos tempos fazem encontrar caminhos novos de ação evangélica, numa lealdade sem fronteiras com relação a Deus e ao homem, com o risco da própria vida.<sup>517</sup> Mesmo as Constituições que vão guiar de modo definitivo a Congregação, devem se inspirar neste foco central da fé. Conforme Basílio elas devem:

1. *Ser inspiradas pela vida de Jesus e de seu Evangelho.*
2. *Baseadas na ação do Espírito Santo agindo através do carisma e da família religiosa de Marcelino Champagnat.*
3. *Responder aos apelos do Vaticano II e do mundo a ser salvo “hoje”.*<sup>518</sup>

Basílio bem sabe que a Igreja do Concílio convoca todas as congregações à renovação. Mas aos Provinciais reunidos em Conferência Geral, lhes diz:” A verdadeira renovação é o fruto do Espírito, do Evangelho e da cruz de Jesus. É uma conversão, e tudo isso não é fácil e não vem nem da carne nem do sangue, nem da psicologia, nem da sociologia, nem de nenhuma tecnologia”.<sup>519</sup> Escrevendo ao grupo de seus amigos, no dia primeiro de novembro de 1978, reconhece que a renovação empreendida é lenta na congregação como na Igreja. Depois, lembrando Bonhoeffer, um grande crente que ele admira, acrescenta; a via mais direta, a única via verdadeiramente autêntica e constante para ir a nossos irmãos, é o Cristo. É evidente que é tempo propício de envidarmos todos os nossos esforços para repor Jesus como o centro de nossa vida. Que

<sup>517</sup> *Vida Consagrada, Religiosos de Hoy*, Madrid, 1980

<sup>518</sup> Conferência Geral, outubro 1979. AFM 51.09-C-3- Conf. Geral 79.

<sup>519</sup> Conferência Geral, outubro 1979. AFM 51.09-C3-Conf. Geral.79.

a renovação da vida comunitária, da oração e do apostolado seja o fruto de nossa união apaixonada por Jesus<sup>520</sup>. Deste núcleo central da fé parte uma luz que ilumina toda a existência do Irmão Basílio e ela é a única chave que permite compreendê-la. E sua fé é amor, a oração, a atividade apostólica trepidante, o abandono a Deus, a confiança quando tudo parece ir à deriva: a fé é o cadinho onde se forjam as outras virtudes.

- 3 -

## O AMBIENTE DA FÉ

A fé não é uma virtude solitária, ela vive num ambiente espiritual, quanto mais rico, mais é forte; ela produz este ambiente e ao mesmo tempo é produzida. O ecossistema da fé comporta, como também a oração, a Palavra de Deus, a liturgia e particularmente a eucaristia, um rico tecido fraterno, como também a cultura intelectual que permite dar razão com clareza ao que se crê. Esse ambiente é missão, celebração, catequese e apologética.

### 3.1 Fé e Oração

Basílio dizia aos Irmãos da Província Norte, da Espanha: “Num sentido estrito a oração é falar com Deus graças à fé, no amor e com amor. Aquele que fala a Deus fora da fé não reza. Rezar é falar

---

520 Carta de 1º de novembro de 1978. AFM 51, 09-C3

a Deus no universo da fé e pela força do amor.”<sup>521</sup> Fundamentalmente a oração é o exercício da fé; mas a fé é diálogo; ela não consiste em ruminar o que se crê, consiste em falar “com”, “a respeito de”, ou “a partir de”. Ela pede o que ela ama... Ela exprime o amor que já palpita na oração. Ela é um diálogo de fé e de esperança. Uma fé que está em contato com o mundo e uma<sup>522</sup> esperança que está comprometida na batalha do mundo, é a fé que conduz para a oração. Mas é na oração que se reforça porque faz experiência de Deus, no qual ela crê. A oração é ao mesmo tempo epifania de Deus, evangelização do coração, criação de uma amizade, vida desta amizade, energia, para proclamar a bondade de Deus e seu evangelho<sup>523</sup>. A fé sai confirmada e fortificada<sup>524</sup>. Basílio, apesar de seus encargos, sempre soube ter uma vida de oração, sobretudo de contemplação, muito generosa, e contemplação diante do Santíssimo Sacramento. Na parte de sua primeira Circular onde reflete como tornar a congregação apta a responder ao mundo de hoje, escreve: “a ação que devem realizar os Irmãos precisa brotar de um impulso muito intenso de caridade sobrenatural, que procede da fé e se alimenta na oração. Essa oração, no nosso caso, pode significar concretamente contemplação do mundo à luz da fé em diálogo com Nosso Senhor.”<sup>525</sup> Esta ideia se reencontra também na Circular sobre a Oração: “Somos chamados a escancarar as portas

---

521 Chamado à renovação, n°1, p.8 – Outubro 1972.

522 Circular conversa sobre a Oração, pp.499-500.

523 Todo o caderno 3 é sobre este tema da oração e é também o tema sobre o qual Basílio tem voltado mais vezes, seja em suas Circulares, seja nos retiros que pregava aos Irmãos e que apresentava como assunto central a oração. Desde sua primeira Circular, 2 janeiro 1968, ele dedica mais de 20 páginas à oração p, 591-618.

524 É a experiência que se faz na leitura dos cadernos 8 e 3, sobre a Palavra de Deus e a Oração.

525 Circular. 2 de Janeiro de 1968, p.276.

ao Senhor na nossa Congregação, a deixar entrar a pleno sol na vida de nossos Irmãos, a fim de que Deus seja o primeiro servido. Sim, é preciso que a gratuidade, o louvor e a escuta encontrem todo espaço de que necessitam e que nos tornemos enfim disponíveis para que o Espírito possa nos trabalhar e modelar nosso coração à sua maneira.”<sup>526</sup>

### 3.2. Fé e Palavra de Deus

A ligação entre a Palavra de Deus e a fé é ainda mais imediata: “Diante da plenitude e da exultante epifania da Palavra de Deus ao homem, nesta Palavra de salvação e de amor que é seu Filho, (Hb 1, 1-3) ou diante das centelhas desta Palavra divina, segundo os dons de Deus e segundo a graça que foi dada a cada um, a cada momento de sua vida, há apenas uma atitude honesta possível: a obediência da fé... Obediência no sentido etimológico do termo: Ob-audire. É deste comportamento de base que nasce um desenvolvimento de vida que tem uma intencionalidade sem fim: “jorra em vida eterna”. Tudo está contido nesta atitude fundamental, de tal modo que o que vem depois não é senão o desdobramento lógico da fé.”<sup>527</sup> Como não perceber os estreitos limites que existem neste ambiente da fé: o apostolado vem do amor, o amor é o fruto da fé, esta vive pela oração, a oração é um olhar de fé sobre o mundo que se faz diálogo com o Senhor, este diálogo é oração, amor, confiança. O todo constantemente alimentado e sustentado pela Palavra de Deus.

---

<sup>526</sup> Circular A Oração, p.334.

<sup>527</sup> Conferência sobre a Palavra de Deus, caderno 8, pp. 16-17.

É a fé que torna o coração atento à Palavra de Deus. Basílio o diz com admiração da Virgem Maria,<sup>528</sup> mas a Palavra de Deus torna-se a lâmpada para nossos passos, e se essa Palavra é diretamente o Verbo, a pessoa de Jesus, não é mais de lâmpada que é preciso falar, mas da luz do mundo, do sol que se levanta sobre aqueles que estão na sombra da morte. A Palavra de Deus lida, meditada, produz os mesmos efeitos que a oração, ela é alimento habitual da oração e, além disso, ela fornece muitos argumentos para explicar sua fé.<sup>529</sup>

### 3.3. Fé e Eucaristia

Tudo se apoia na vida espiritual, tudo se reforça reciprocamente. A fé revela que a eucaristia é a maior e mais pura de todas as orações: ela é por excelência a oração do Senhor e de sua Igreja. Mas a eucaristia assim acolhida e vivida é fonte de tal intimidade com o Senhor, com a Igreja, que ela produz uma fé alegre e pronta à ação.<sup>530</sup>

---

528 Um Novo Espaço para Maria, nós dedicaremos páginas especiais ao estudo da sensibilidade de Basílio sobre a fé da Virgem Maria.

529 A conferência sobre a Palavra de Deus afirma isso de maneira bela, convincente, apaixonada. A boca fala da abundância do que é vivido. É uma conferência luminosa e cheia de paixão.

530 Muitas Circulares falam da eucaristia: as que tratam da oração, mas também as que falam da Vida da comunidade, do Projeto Comunitário, do Projeto de Vida Comunitária e a conferência sobre a Palavra de Deus.

### 3.4 Fé e Apostolado

Da mesma forma, todo compromisso público em favor do Senhor reforça nossa amizade com Ele, é fonte de altivez espiritual e facilita a fé.<sup>531</sup> Isso Basílio vivia ao longo do dia e das noites, nos retiros, no acolhimento dos Irmãos, nas visitas aos doentes, na sua palavra aos Superiores Maiores, na direção espiritual de muitos, nos seus escritos... aguardados por muitas congregações... A fé, se torna cada vez mais purificada, sempre mais sensível para adivinhar o Senhor em cada pessoa necessitada ou simplesmente em toda pessoa humana.

### 3.5 Fé e Cultura

Outro elemento que alimenta a fé é a qualidade da cultura religiosa; mais esta é rica e renovada, sobretudo quando acompanhada de intensa vida de oração, mais a fé é iluminada, mormente para compreender os problemas, os sinais dos tempos, os apelos do Espírito hoje, e para saber falar às pessoas, aos jovens particularmente, com uma linguagem que é a deles.<sup>532</sup> No capítulo sobre a inteligência, a vasta cultura do Irmão Basílio foi colocada em relevo. As cartas, particularmente as enviadas aos Irmãos da Angola e Moçambique, indicam os livros sobre a oração, muito atuais e excelentes; frequentemente os faz comprar e lhes envia. Ele co-

---

531 Basílio o disse no testemunho sobre sua vocação: quando a gente se compromete com o Senhor, diante de um dilema, a pessoa está pronta a se deixar esfolar pelo Senhor, a perder tudo, mesmo a mãe, mas não o Cristo.

532 Basílio a afirma por várias vezes na sua primeira Circular de 2 de janeiro de 1968, sobretudo na parte Dos apelos do mundo, p. 285-287.



nhece também a ajuda espiritual que seus Irmãos podem haurir em Troussures, em Spello, em Loppiano, na Escola da Fé do padre Loew...Ele pede ao padre Urs von Balthasar, ou ao padre Lyonnet e a vários outros, sobretudo no mundo espanhol de informa-lo sobre pontos que ele deve tratar ou ficam em zona obscura...ele pede também a médicos de confiança suas luzes sobre problemas de saúde, de psicologia, de maturidade, de sexualidade...A contemplação, o contato com as pessoas, a cultura, permitem-lhe ter uma fé muito lúcida e até audaciosa, uma fé de pioneiro que sabe desalojar os sofismas escondidos atrás de belas teorias ou por traz de belas declarações. Nada tão convincente que mergulhar na leitura de uma de suas conferências.

Basílio sempre garantiu à sua fé o ambiente espiritual que lhe permitia vive-la, de a tornar robusta, e de a testemunhar: a contemplação consistente, sobretudo a partir da Palavra de Deus, a necessidade cotidiana da eucaristia, a missão na congregação e na Igreja, e uma vasta cultura que, unida à oração, lhe permitia ser profeta de Deus no mundo de hoje.

### 3.6 Fé e Ascese

Há outro aspecto que emerge bastante frequente nos escritos de Basílio: a necessidade de uma ascese pessoal<sup>533</sup>, de uma disciplina para chegar ao domínio pessoal como também o fato de encontrar um diretor espiritual verdadeiramente perito nos caminhos da fé e no conhecimento do homem. Basílio não passou despercebido:

---

533 O Vice-Postulador, o Irmão José Flores Garcia, afirma que entre os objetos de Basílio encontrou-se um cilício que ele usava.

por fortemente unido a Cristo, produziu abundantes frutos: “Aquele que permanece em mim e eu nele, produz muitos frutos”, Jo 15,5.

Que a fé seja um feixe de graças e de virtudes, Basílio no-lo diz quando quer definir a fé: “Todo ato de fé é o resultado da inteligência que “enxerga” pela Palavra de Deus nas trevas do Mistério; mas é também e indissolúvelmente o fruto de uma vontade que adere consciente e cordialmente ao desígnio e à Pessoa de Deus, sob o influxo do Espírito Santo.”<sup>534</sup> Esta reflexão mostra a complexidade da fé em si, que é:

- inteligência
- iluminada pela Palavra de Deus
- vontade consciente
- coração que adere
- aos desígnios e à Pessoa de Deus
- sob o influxo do Espírito
- um caminho no mistério
- que pode ser noite ou luz.

Ela depende de Deus: a ação do Espírito e a luz que vem de sua Palavra; ela depende do homem que torna sua vontade disponível, sua inteligência aberta e, sobretudo que faz dela uma questão do coração. Esta complexidade da fé, nós a encontraremos no próximo ponto que mostrará que a fé não é como um corpo quimicamente puro, perfeitamente identificável e separado de todo o resto. Já aqui adivinhamos que não há fé sem o amor, sem a luz da Palavra... A fé existe numa combinação constante de outras virtudes espirituais que se produzem e se reforçam reciprocamente.

---

534 Circular, Novo Espaço para Maria, p. 287

- 4 -

## UMA TESTEMUNHA EXTRAORDINARIA

### 4.1 Na comunhão dos santos

A graça tinha tornado Basílio dinâmico no seu apostolado junto aos alunos, nos cursinhos de cristandade, nas catequeses organizadas para as crianças dos bairros pobres do México. Mas quando seguia os cursos na universidade para preparar seu mestrado em filosofia vai se encontrar com uma testemunha extraordinária da fé, o professor Oswaldo Robles de quem vai se tornar o filho espiritual e amigo íntimo. Observando seu professor, testemunha das confidências que lhe faz, sua fé se vê confirmada, motivada, dinamizada. Ele compreende até que ponto pode-se amar o Cristo e se entregar a ele sem reserva.<sup>535</sup> Basílio reconhece que deve muito a este professor e certamente que sua personalidade tomou uma forma decisiva na companhia de seu amigo Oswaldo Robles.<sup>536</sup> Eis aí o poder das grandes testemunhas: irradiam fé e a transmitem. Esta fé é vivida na Igreja, no povo de Deus e graças aos outros. Frequentemente nas suas cartas, dando conselhos, Basílio lembra a comunhão dos santos, uma realidade sobre a qual podemos contar sempre. Sua fé busca apoio sobre a de muitos amigos. Como Basílio tinha o dom de fazer amigos, ele terá sempre à sua volta pessoas cuja amizade sustentará sua fé através da partilha da vida espiritual: o Padre Arrupe, que ele cita justamente a propósito da

---

535 Cf. Circ. A Obediência, p. 37-41

536 O Padre Francisco Migoya me garantiu também que o professor Oswaldo Robles era um cristão de forte têmpera, um santo. Encontro informado em Basílio, um outro Champagnat, pp. 86 e 88

fé,<sup>537</sup> o Padre Lombardi<sup>538</sup>, Rotondi<sup>539</sup>, Monsenhor Alfredo Bruniera, Núncio Apostólico no Líbano<sup>540</sup>, o Bem-aventurado Alberione, o cardeal Pironio<sup>541</sup>, o cardeal Garonne,<sup>542</sup> os teólogos Urs von Balthassar e Lyonnet... Mas sabemos também que ele simpatizava muito com os Focolarinos e Chiara Lubich, com Carlo Carretto e seu centro de Spello, com o Padre Caffarel e sua casa de oração em Troussures, Taizé e a estima que ele tinha por Roger Schultz: o Padre Fournier, cujos retiros eram mais de estilo carismático, e

---

537 Cf. Caderno sobre a Oração, texto 9.

538 Uma carta citada no final do caderno dirá a grande influência que o Pe. Lombardi teve sobre Basílio.

539 Uma carta referida no final do caderno dirá toda a afeição recíproca entre esses dois homens de Deus.

540 Monsenhor Alfredo Bruniera é um dos amigos mais íntimos de Basílio. A carta que será citada no final do caderno, revelará a profundidade desta amizade.

541 Com o cardeal Pironio ele tinha mais que amizade, mantinha uma verdadeira comunhão na sanidade.

O cardeal responde ao Irmão Basílio: “Como eu te sou reconhecido e como aprecio a carta de 13 de abril de 1975. Nela descubro verdadeiramente o coração da Igreja e a sinceridade de tua amizade...eu te sou reconhecido como tenhas feito chegar, com tua carta oficial à Presidência, algumas linhas tuas de amigo a amigo, eu penso que nós devemos nos mover sempre neste clima e penso que é por aí que descobriremos a luz do Senhor e sua Verdade.” Carta de 17 de maio de 1975, AFM 51.09-D1. Numa carta anterior ele escrevia: “Eu te repito, meu caro Basílio, que em tudo isso, o que me motiva é o bem da Igreja particular de Mar del Plata, da Instituição Marista e da Igreja universal. Nunca na minha vida tive conflito com alguém... Tu sabes a profunda amizade que nos une desde longa data.” (Carta de 12 de agosto de 1974. AFM 51.09.D2). Nomeado Prefeito da Congregação dos Religiosos em 1975, Basílio felicita-o e lhe diz que sua alegria se apoia sobre três motivos: “Ver elevado um prelado da Igreja ao qual estou unido por uma profunda amizade espiritual; o bem que isto significa para os Institutos de Vida Consagrada; e o fato de ter como primeiro superior depois do papa, uma pessoa cujas qualidades são a tal ponto notáveis.” (Carta de 31 de outubro de 1975. AFM 51.09-D2-Bispos-Cardeais.)

542 Eles se trocam várias cartas de trabalho e de amizade. Basílio cita na sua circular a Obediência, várias passagens de um artigo do Cardeal Garonne, publicado no *France Catholique*, 11-12-1970; sobretudo Basílio lhe oferece um colaborador na pessoa do Irmão Godinez, do México. Ele lhe fará doação da Circular sobre a Obediência.

o curso que dava o Padre Beyer, na Solitude, perto de Versailles, como também a Escola da Fé do Padre Loew<sup>543</sup>, em Friburgo e os Lares de Caridade de Châteauneuf de Galaure onde Marthe Robin atraía milhares de fiéis em busca de Deus. Todas estas pessoas que dirigiam casas de oração eram amigas do Ir. Basílio que lhes enviava de bom grado Irmãos para retemperarem a fé. Sabemos também que no Sínodo sobre a Família, de 1980, houve a chance de encontrar e de falar longamente com Madre Teresa de Calcutta. Basílio estabeleceu laços também com Monsenhor Alfred Ancel, Superior do Prado, com os padres René Voillume,<sup>544</sup> Escribà de Balaguer, fundador do Opus Dei e Kiko Arguello, fundador dos Neo-Catecumenatos, para o qual ele escreve uma carta aos Provinciais dos Estados-Unidos que eles o acolham e ajudem a implantar o movimento no seu país.<sup>545</sup> Ele olhava com admiração o movimento da Arca, de Jean Vanier e se inspirou nele para algumas páginas da Circular Vida Comunitária. Durante os anos de 1964 a 1970 manteve uma relação intensa com o Pe. Alejandro Martínez Gil, psicólogo e exímio diretor espiritual, responsável dos “Pais de Família” em Madrid.<sup>546</sup> Depois, escolheu como capelães dos retiros, homens de uma profundidade espiritual excepcional. Escreveu sobre o Pe Antoine Borboux<sup>547</sup>, S.J., que o ajudou nos retiros dados na Grécia, Canadá, Espanha, Roma e Bélgica: “É, pois, na ocasião de nossas colaborações pastorais, destes longos diálogos e orações

543 Umás quinze cartas foram trocadas entre o Irmão Basílio e Jacques Loew no momento em que a Escola da Fé principiava. Basílio queria que os Irmãos o conhecessem e envia candidatos para a formação.

544 René Voillaume acaba de falecer com a idade de 97 anos, (Junho de 2003).

545 Carta de 24 de maio de 1974. AFM.51-09-C3. Kiko Arguello era então acompanhado da Sra. Carmen e do pai Amadei.

546 Informação fornecida pelo Irmão Fabián Gonzalez, da Província de Madrid, 12-09-2003, Manziana,

547 O Pe. Antoine Borboux era vice-diretor do Lumen Vitae, na Bélgica.

eucarísticas, vividas juntas,... que uma amizade espiritual de uma profundidade fora do comum nos ligou e que eu descobri suavemente, progressivamente, a bela personalidade espiritual do Pe. Antonio Borboux colocando à luz do dia seu otimismo radiante, seu amor e sua tenra confiança em Deus, seu zelo apostólico, sua vida interior, seu coração nobre...<sup>548</sup> Depois Basílio cita passagem de uma carta que recebeu do Pe. Antonio Borboux na sua última doença: “encaro a intervenção em muito boa forma, e o moral está excelente. Em nenhum instante, até aqui, perdi a paz e a alegria profunda. Estes últimos meses foram cumulados de graças, e me permitiram descobrir sempre mais profundamente a incrível ternura misericordiosa da Beleza que ultrapassa toda Beleza. Também a morte não me faz medo... Pedi a meu superior se as coisas piorassem... que ele queira recitar a admirável estrofe de santo Tomaz no momento do viático:

“ Jesu quem velatu nunc aspicio

Oro fiat illud quod tam sitio

Ut te revelata cernens facie

Visu sim beatus tuae gloriae.”

Mas o Ir. Gabriel Michel nos diz que o Pe Borboux alimentava igual admiração pelo Ir. Basílio. Basílio informa a Irmã Abadessa federal da Ordem do Santo Espírito sobre o padre assistente que a Congregação dos Religiosos Ihes determinou, o Pe. Manuel Portillo<sup>549</sup>: “Ele quer bem à vida religiosa, gosta da vida contempla-

---

548 Carta de 22 de maio de 1974, AFM 51.09-C1- Religiosos

549 Numa carta de 27 de agosto de 1982 Basílio reconhece que o Pe. Manuel Portillo trabalhou 18 anos dando seus retiros aos Irmãos e que o Pe. Amador

tiva"... Depois lembra a definição da vida contemplativa que dá santo Agostinho: A harmonia de uma harpa de três cordas: o Cristo, os Salmos e a Humanidade.<sup>550</sup> Uma carta no final do caderno, mostrará também como certos pais, certas mães, lhe escreviam sobre o mundo da fé. Nós estamos como num pelotão de frente da santidade. Na conferência sobre a Palavra de Deus, cita uma página inteira de Bonhoeffer sobre a graça que há de poder viver com outros cristãos e com maior razão com religiosos da mesma família. Basílio via todas essas amizades como graças para sua fé; era para ele a comunhão dos santos ao nível do cotidiano.

## 4.2 Uma fé Marista

O que vem sendo dito dos amigos de Basílio é ainda mais forte e mais denso no interior de sua congregação; dizer que sua fé é marista não é afirmar uma banalidade, mas descobrir como os Irmãos pelas suas confidências, orações, conselhos, problemas, quedas, reabilitações, iluminam, fortificam a fé de Basílio e o convidam ao canto do Magnificat que é a Circular sobre a Fidelidade. Ele deve ter feito seguidamente a experiência de sentir sua fé como que iluminada por dentro lendo as confidências que lhe enviavam os Irmãos para a Circular sobre a Fidelidade. Pensemos na limpidez da fé que Basílio descobre no coração do Irmão Henri

---

Menudo o havia ajudado havia três anos e que ele era também um homem de profunda espiritualidade, CFM 51,09-D2- Bispos-Cardiais.

550 Carta de 16 Janeiro de 1981. AFM 51.09-C1-Religiosos. Nós lembramos que o Pe. Manuel Portilho ajudou Basílio nos retiros que ele deu na Espanha e em toda a América Latina.

Vergés<sup>551</sup> ou naquela, forte e generosa do Ir. Miguel Angel Isla,<sup>552</sup> mais discreta, mais artística, mas também tão maravilhosa do Irmão Fernando Fuente...<sup>553</sup> O Irmão Angel Isla exprime tal atenção aos pobres que certamente confirma o conhecimento que o Ir. Basílio tem dele. E lhe escreve dia 23 de abril de 1973: “Não quero julgar as intenções..., mas aqui não se pensa mais em criar obras novas por um motivo de serviço ou motivado por critérios evangélicos, olha-se se elas pode subsistir economicamente ou trazer um pouco de dinheiro. Dominam critérios de homens de negócio, antes que de critérios evangélicos...Pelo que já sei, nossa solidariedade com os pobres é mais proclamada, professada... mas não se percebe no engajamento de bens, de serviços e de pessoas.”<sup>554</sup> Esta correspondência com Basílio continua nas longas e numerosas cartas e descobrimos duas almas particularmente trabalhadas pelo Espírito e pelo amor aos pobres. Enquanto o Irmão Miguel Angel se encontrava em Saint-Paul-Trois-Chateaux para aprender francês, a fim de ir à Costa de Marfim, Basílio lhe escreve para

---

551 Cf. o livro *Convergences* que relata a troca de cartas entre Basílio e Henri Vergès: “No que concerne a nós dois, que caminho percorrido desde 1971 à Notre Dame des Neiges: a solução encarada para a Algéria lançava um balde de água fria nas nossas relações - pelo menos de minha parte - que o verão de 1974 em Quimper devia dissipar. ...Depois tudo se torna cordial a partir de 1975, depois de vossa breve visita à Algéria, e cada vez mais calorosa no correr dos anos, com este pico em Sour-El-Chozlane, início de junho de 1981. Esta caminhada me permitiu avaliar vossa solicitude de perfeita disponibilidade ao Espírito, permitindo-vos assim guiar vossos Irmãos para uma melhor inserção Marista na Igreja de Deus, sinal de Cristo entre os povos. Ainda uma vez é um magnificat que brota do meu coração. Que no coração se desenvolva este imenso desejo da vinda do Senhor que evocais na vossa carta.” (Carta de 25 de janeiro de 1985: Irmão Henri a Basílio).

552 O Ir. Miguel Angel Isla é um dos quatro Irmãos mortos em Bugobe, Congo, dia 31 de outubro 1996. Os arquivos conservam algumas de suas cartas a Basílio.

553 Irmão Fernando Fuente é também um dos 4 Irmãos mortos em Bugobe. Nos seus hobbies, havia a pintura e a poesia.

554 Carta de 23 de abril de 1973. AFM 51.09.-A4-Lujan



ajudar o Irmão enfermeiro que tem muito trabalho com os Irmãos idosos: “Se te sobra tempo ajuda o Irmão enfermeiro... Isto não será um trabalho muito agradável, mas certamente muito formador.” Trata-se da ajuda ao homem na sua velhice, no sofrimento, na incapacidade, na doença. Em geral essas situações apresentam pouca esperança tangível, eficaz. São situações extremas quando o sentido da vida coloca questões muito sérias e não há resposta de salvação senão na fé... no mistério pascal de Jesus Cristo. Esta situação nos obriga a pensar em nossos limites inevitáveis, ao que há de impotência nas transformações temporais, sociais, econômicas, políticas, etc. Estas são necessárias, mas incompletas, insuficientes; há no homem dimensões que não podem se tornar livres por elas mesmas e que, finalmente o homem tem necessidade de outra redenção. Não há remédio para esses problemas senão a verdade aceita e realizada por Ladislao Boros: “Nós somos futuro” no sentido mais radical da escatologia.”<sup>555</sup>

Basílio sustentou o quanto pôde a Linguagem Total, do Irmão Antoine Vallet e manteve correspondência com umas vinte cartas. O interesse de Basílio é que ele intuía na Linguagem Total um meio muito moderno de transmitir a fé. E felicita o Ir. Antoine Vallet: “Você tomou a sério e respondeu aos apelos do Santo Padre para o apostolado através da mídia.”<sup>556</sup>

Basílio tem uma fé moldada na de seus Irmãos. Ele o reconhece na entrevista que concedeu à revista marista francesa *Presence Mariste*, nº 163, de junho 1985. As confidências dos Irmãos fizeram-lhe reconhecer o que ele tinha dificuldade em crer, que a

<sup>555</sup> Carta de 16 de fevereiro de 1974. AFM 51.09.A4- Luján.

<sup>556</sup> Carta de 3 de junho '985. AFM.09-D1. As cartas vão de 1972 – 1985.

presença de Deus pode se tornar constante, porque ela acaba por impregnar o subconsciente. Depois foi diretor espiritual de um grande número de Irmãos que lhe expunham não apenas suas misérias, mas também as maravilhas que Deus sabe operar nas almas. Diante dessas maravilhas Basílio convidou fortemente os Irmãos a partilharem sua experiência, a vencer o falso pudor que bloqueia a manifestação de tudo o que é íntimo, ao contrário, a trocar toda as riquezas do Espírito cujas conseqüências serão a edificação, a confiança entre os Irmãos e, sobretudo a explosão da solidão espiritual na qual se corre o risco ao viver em comunidade. A fé de Basílio foi apoiada e edificada bastante, através da fé de seus Irmãos. Escreve ao Irmão Umberto: “Fico sempre muito emotivo e encantado com a união fraterna que reina no seio de sua comunidade, da caridade francamente cristã que ela irradia, e do fervor que a anima. O Cristo presente em tais comunidades me fortifica no trabalho que a congregação me confiou.”<sup>557</sup> A um Irmão ele faz esta outra confidência: “Isto me toca em saber que meus Irmãos pensam em mim; quando me sinto um pouco desencorajado, isso é fonte de grande alegria e de suporte, sinto que não estou só, que há Irmãos que se unem a mim e que me oferecem constantemente a ajuda de suas orações.”<sup>558</sup> O Irmão Alberto envia-lhe a contribuição dos Estados Unidos para a Circular sobre a fidelidade. Basílio lhe faz chegar sua reação: “Isto me causou uma grande alegria e deixou-me com sentimentos de gratidão para com o Senhor pelas maravilhas que ele fez para um de meus Irmãos. Seja profundamente agradecido por isso. Que os anos que o Senhor ainda vai lhe dar sejam um hino de louvor por sua

---

557 Carta de 9 de novembro de 1978. O Irmão Umberto Belloni era então diretor do Colégio Champagnat, em Gênova. AFM 51.09.A4-Itália.

558 Carta de 14 de outubro de 1980, AFM 51.09.A3- Esopus

grande ternura e suas múltiplas graças.”<sup>559</sup> O Irmão Provincial da China envia-lhe notícias da fidelidade e nossos Irmãos da China continental, quando estão sob toda espécie de pressão. Basílio está profundamente emocionado e lhe responde: “Como podemos agradecer bastante a Deus pela fidelidade extraordinária destes Irmãos e de outros cristãos; eles permaneceram fiéis durante tão longo tempo, sem que pudessem receber alguma ajuda de fora. Eles são certamente um manancial de imensa bênção para todo seu povo.”<sup>560</sup> Basílio teve em mãos esta carta que um irmão lhe fez chegar do interior da China: “Há trinta anos que nos separamos. Durante esses longos anos não o esqueci jamais. Cada manhã quando me levanto assisto a missa e recebo a santa comunhão espiritualmente.<sup>561</sup> Durante o trabalho do dia recito sem cessar estas orações jaculatórias: Coração Sagrado de Jesus, tenho confiança em vós. Ó Maria concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a vós. Ó Anjo de Deus que sois meu guarda, por um benefício da divina caridade, iluminai-me, protegei-me, dirigi-me, Amém.

Antes de deitar nunca me esqueci de recitar: Rezemos pelas necessidades do Instituto, por nossos Superiores, nossos Irmãos, nossas crianças, nossos pais, nossos benfeitores, nossos doentes e nossos Irmãos falecidos.

559 Carta de 26 de abril de 1978. AFM, 51.09-664.11.

560 Carta de 29 de outubro de 1979, AFM 51.09-A3-China. Dia 8 de setembro 1079 o Irmão Provincial informava o Irmão Basílio sobre o destino dos Irmãos na China Continental. Desde 1950, 26 estavam mortos, alguns de fome e de frio, outros a pauladas, outros no campo de trabalho, outros na prisão, outros depois de um julgamento popular. Numa prisão um Irmão se achava numa sela e o bispo de sua diocese numa outra. Eles se reconheceram porque o Irmão cantava cânticos à Virgem e o bispo respondia cantando um prefácio...

561 Espiritualmente: Trata-se de compreender que o Irmão vivia a missa no seu coração e recebia o corpo do Senhor pelo desejo e não fisicamente

Por ocasião da visita do Irmão Roch, pude conversar com ele e senti um prazer inexplicável<sup>562</sup>. Ele convida o Provincial a manter viva a presença destes Irmãos na oração, a mandar celebrar uma missa por mês por eles: “Pensai que durante 35 anos, nossos Irmãos da China não conheceram mais a alegria de um encontro eucarístico, da proclamação da Palavra, do pão repartido”... e concluía: “Que o Cristo ressuscitado que lhes foi modelo na Sexta Feira Santa, no Sofrimento e na cruz, seja também o senhor de um futuro melhor e da bela ressurreição que eles também conhecerão um dia na plenitude da alegria e da liberdade.”<sup>563</sup> Deles ainda Basílio escrevia: “Eu os admiro, eu os admiro, eles são a parte mais querida do Instituto.”<sup>564</sup> E todos esses Irmãos, ao receber uma primeira visita de seu Provincial pedem-lhe para emitir o voto de estabilidade. O Irmão Basílio se sentia levado à força pelo sofrimento, a fidelidade e generosidade desses Irmãos. Ele soube da morte do Irmão Vibiano da Colômbia e escreveu ao Ir. Provincial, Irmão José Manuel Gomes: “Considero que se trata de um Irmão admirável. Durante o retiro que eu tive alegria de presidir ele deu um testemunho de piedade e de santidade impressionante. Era preciso vê-lo, no segredo da noite, de joelhos diante do Santíssimo Sacramento, numa atitude de oração e de contemplação verdadeiramente extraordinárias. Mais que um homem parecia um anjo em êxtase.”<sup>565</sup> Quando ele responde as cartas que os Irmãos lhe escrevem, os termos que lhe são mais naturais são os da alegria, do prazer, de um entusiasmo que se refaz nele, da confirmação dos Irmãos no seu apostolado. Nós descobrimos um homem cujo co-

---

562 Carta de 3-8-1979. AFM 51-09-A3-China.

563 Carta de 20 de maio 1984, AFM 51-09-A3-China.

564 Carta de 24-4-1984. AFM 51.09-A3

565 Carta de 30-3-1983, AFM 51.09-A3-Colômbia. Pode-se perguntar o que Basílio fazia na capela no segredo da noite, ele que tinha dado as conferências?

ração tem uma inclinação espontânea para a alegria, justamente porque o viver dos Irmãos, sua atividade, são sempre lidos à luz da fé. A um coirmão missionário ele responde: “Meu caro Irmão e amigo muito íntimo, tua carta de 30 de dezembro me encheu de alegria, foi motivo de meditação e acresceu a afeição muito especial que te devoto, como amigo, no Cristo. O que me confias do que acontece no teu coração e no teu espírito antes que se levante a aurora é um belo exemplo da maravilhosa palavra do Senhor Jesus Cristo: ‘Bem-aventurados aqueles que tem fome e sede de justiça porque serão saciados.’ Que teu coração continue nesse desejo e sonhando como um jovem. O Senhor satisfará tua sede de santidade e de tudo o que ferve em teu coração.”<sup>566</sup> Ele responde a um coirmão por um longo parágrafo místico: “Jesus diz: ‘Deus não enviou seu Filho ao mundo para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por ele,’ (Jn3,17)... Esta palavra é segura e digna de uma fé absoluta: Cristo veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o primeiro” (1 Tim1,15). Nós não podemos fazer senão atos de humilde adoração e de pasmo quando nos damos conta de que, apesar de tanta disparidade entre Ele e nós, ele continua a espargir seu Amor sobre nós, sobre os homens. É provavelmente por causa dessa disparidade que ele o faz. Querendo a todo custo – ao preço de seu próprio sangue – criar-nos a sua imagem. Aqui a palavra criar adquire todo seu esplendor. Para nos ajudar nas nossas vidas cotidianas, é bom reaproximar as duas parábolas seguintes de Jesus: ‘Eu não posso fazer nada por mim mesmo. Eu julgo segundo o que eu entendo: E MEU JULGAMENTO É JUSTO, porque não é minha vontade que busco, mas a vontade daquele que me enviou’ (Jo.5, 30), e ‘Meu Pai, perdoa-lhes: eles não sabem

---

566 Carta escrita de Buenos Aires, no 12 de abril de 1983. AFM 51.09.664.

o que fazem' (Lc.1 23, 34). Por que reaproximá-los? Simplesmente para fazer ressaltar a ternura, a magnanimidade com as quais ele julga, porque ele sabe de que somos feitos: 'Ele não nos trata segundo nossas faltas, não nos restitui segundo nossas ofensas... Ele sabe do que estamos cheios, ele se lembra que somos pó... Abençoa Yahweh, minha alma, ( Salmo103) – Por que este longo parágrafo? Porque sua longa carta provoca tais reflexões?'.<sup>567</sup> Este mesmo Irmão numa carta precedente, depois de uma estada em Hermitage escreveu-lhe dando seu parecer sobre esta casa como santuário do espírito marista e lugar de formação para os Irmãos. A carta descreve por antecedência o que Hermitage é hoje; ora foi Basílio quem tomou a decisão de fazer de Hermitage o santuário das fontes e recurso maristas. Quando a amizade é profunda, ela se permite conselhos que vão tornar mais pertinentes as mensagens do Superior Geral. O Irmão Aureliano Brambila, Provincial do México Ocidental e grande amigo de Basílio sugeria: "Quando eu tive a feliz sorte de passar em entrevista com o senhor, eu lhe fiz notar nuances que podiam se encaixar nas suas conferências e me convidou a deixar por escrito minhas observações. E há duas que eu ousaria lhe fazer: não separar da função de autoridade da Igreja hoje seu aspecto profético (ser autoridade é um carisma, o primeiro dos carismas), e não opor demais o que é carisma na Igreja, o que é jurídico ou institucional (a lei cristã deve ser o vínculo do Espírito)".<sup>568</sup>

Era outro degrau, o que tinha vivido com seu professor admirado, Oswaldo Robles.<sup>569</sup> Ele reconhece de bom grado em suas cartas:

---

567 Carta escrita ao Irmão Jacques Langlois, à Westwood Southrton, 22 de abril de 1978 – AFM 51.09-A4-Iberville

568 Carta de 15 de outubro 1973 .AFM, 51.09-B1-México Ocidental.

569 No caderno 7 apresentamos a carta que o Irmão Bernard Pérault lhe escre-

“Quando me vejo protegido de todo lado, e esse apoio vem dos Irmãos que formam a congregação no mundo, sacrificando heroicamente e sinceramente sua vida no trabalho apostólico, sinto-me mais de uma vez entusiasmado e disposto a assumir com uma nova alegria o governo do Instituto. Visto que Deus me deu a graça de fazer amigos, quero empregar tudo isso unicamente para sua glória. Nesta festa da Maternidade Divina só posso dizer: “Magnificat anima mea Dominum!”<sup>570</sup> Um Irmão lhe escrevera por ocasião de sua festa: “Ao senhor minhas felicitações nesta data querida (16 de outubro, aniversário de nascimento de Basílio). Muitas alegrias e longos anos de vida. Superior e amigo, que este dia marque sua presença, de modo especial em todas as comunidades maristas e em cada coração marista. Que sua recordação se transforme em votos de felicidade nas intenções das orações comunitárias, como nas intenções daqueles que colocou como superiores... O 14 de outubro significa presença, mas também vem carregada de orações ...que exprimem gratidão, pedido de perdão, oferecimento, confiante intercessão e alegre esperança.”<sup>571</sup> Basílio lhe responde: “Recebi tua mensagem de alegre aniversário; vem escrita por um coração bom e amigo. Sou-te reconhecido pelos votos que formulas, por tua amizade, tua gratidão, tua confiança...Aceito tua amizade e teu devotamento, assim nos sentiremos levados a uma oração mútua. Deste modo, Deus que está presente em toda amizade sincera, circulará mais livremente entre nós, dando a cada um as graças de que necessita.” Ao perguntar a seus amigos qual

---

veu, de Zimbabwe, e que Basílio fez a leitura aos jovens religiosos que seguiam sua conferência sobre a Palavra de Deus. Basílio enche-se de uma grande alegria cada vez que ele encontra o Espírito em ação num coração sincero.

570 Carta escrita ao Irmão Fermino Schneider, em Benguela, Angola, no 1º de Janeiro de 1981. AFM 51.09.6644.

571 Carta de Luanda, Angola, escrita no dia 2 de outubro de 1982. AFM 51.09-6644.

foi a cruz de Basílio, eles não hesitam em dizer: o grande número de Irmãos que deixaram o Instituto sem motivo sério... Com mais ênfase, pode-se afirmar que a maior consolação, Basílio encontrou também nos seus Irmãos. Ele escreveu a um Provincial: “Não há a menor dúvida, as preocupações dos superiores são grandes e numerosas, mas as satisfações não são menores; pelo menos é assim que eu penso e que eu vivo dia a dia, graças a Deus.”<sup>572</sup> Sua fé não é a de um ermitão, de um solitário, é uma fé que se vive em família, que é a fé de uma congregação, onde o Espírito está fortemente atuante: uma permuta constante das maravilhas vividas nos corações. A fé de Basílio tinha a graça de ser Marista. Quando termina seu segundo mandado de Superior Geral em 1985, o Irmão Charles Howard agradece-lhe nestes termos: “Como podemos agradecer suficientemente por sua notável liderança nestes anos verdadeiramente difíceis pós Vaticano II? Evidentemente o Espírito nos guiou quando ele o escolheu. Dá testemunho de uma vida de tal maneira cheia de fé, de esperança e seu amor por nós é evidente. Maria continuará a preenche-lo desta paz e desta força que brotam, quando se faz a vontade de Deus.”<sup>573</sup>

### **4.3 E tu, fortifica teus Irmãos**

Há uma função do coração que Basílio emprega com frequência e cuja aplicação pode se encontrar aqui: a função de diástole e de sístole. Sem dúvida aflui ao seu coração a fé de seus Irmãos, é o momento de diástole, mas uma de suas maiores característi-

---

572 Carta de 28 de novembro de 1981, AFM 51.09-B2-Rio de Janeiro.

573 Carta de 15 de agosto de 1085, AFM 51.09-81, Melbourne.



cas será de confirmar por todo tipo de meios: cartas, visitas, telefonema, presentinhos, escritos oficiais, atenção do coração e do espírito, expressão de afeição, conselhos, raciocínio, etc., a fé de seus Irmãos, é o momento de sístole. Ele o fará oficialmente pelas Circulares, veremos mais abaixo, mas aqui podemos respigar abundantemente nas cartas pessoais que escrevia aos Irmãos: algumas serão citadas por inteiro nas últimas páginas deste caderno. As passagens são muito numerosas; dispomos perto de 10.000 cartas; ele tinha escrito mais de 50.000, mas passará três meses, de outubro a dezembro 1985, a destruir um bem grande número, todas aquelas que eram íntimas. Nesta data escreveu: “Eu conheço a intimidade dos corações de muitos Irmãos”<sup>574</sup>, e alguns dias depois, como num olhar retrospectivo, confessava a um Irmão: “Minha função principal não é a de julgar, mas a de animar, de amar e de unir”.<sup>575</sup>

As cartas revelam uma linguagem de fé espontânea, o ambiente no qual Basílio vive. Frequentemente o conteúdo de uma carta está encaixado entre uma citação da Bíblia e um louvor a Deus. Nós encontramos o tradicional *Laudetur Jesus Christus*, depois do nome do destinatário, e no fecho: *in caritate Christi*. Eis algumas citações bíblicas que ele coloca no cabeçalho de suas cartas:” Em todas minhas orações eu rezo sempre com alegria por vós todos “, (Phil. 1, 4-5). “Nós vos anunciamos a vida eterna que estava no Pai e que se manifestou a nós”, (1 Jo. 2,3). “Temos dons diferentes, conforme a graça que nos foi dada”, (Rom. 12,6). “Senhor, entre tuas mãos está o meu destino”, (Sl. 30).. “Eu abençoo o Senhor que me aconselha” (Sl. 17).

574 Carta de 07-09-1985, AFM 51.09-B1-Norte.

575 Carta de ‘2-09-1985, AFM B1. México Ocidental.

Este estilo se verifica, sobretudo quando o Ir. Basílio escreve aos Irmãos do Brasil.<sup>576</sup> Mas os raciocínios e os conselhos que brotam de sua fé são constantes. Num processo volumoso (48 cartas) a um Irmão que hesitava entre trabalhar no Peru ou na Catalunha, copiamos estas passagens: “No dia em que a Igreja nasceu pela força do Espírito Santo, caíram todas as barreiras de espaço e de tempo, de idioma e de lugar, - a boa nova transbordou todas essas barreiras e o verdadeiro apóstolo não deve nunca ser travado por aquilo que não é senão um puro acidente. Você pensa, Irmão, que Deus ouve, de preferência uma linguagem concreta? Não, não são discursos nem palavras, Deus lê o fundo dos corações e se compraz com os que são simples, aqueles que aceitam as razões de serviço, de generosidade, de dom de si silencioso”.<sup>577</sup> Aos jovens Irmãos do Colégio Internacional relembra: “Sede alegres, sede sinceros e que vossa vida de estudantes seja sempre equilibrada por uma intensa vida espiritual. Mesmo os estudos de teologia, quando não há uma vida de oração, podem chegar a ressecar a alma. Cristo pode preencher perfeitamente todas as aspirações de um coração jovem e empreendedor, como o vosso. Fazei a experiência disso e vereis se eu não tenho razão.”<sup>578</sup> Dois anos mais tarde, enviando-lhes os votos de Natal, ele faz aos jovens esta reflexão: “Que a pausa nos estudos vos permita nestes dias um melhor cultivo da vida interior, aspecto fundamental para aquele que quer fazer alguma coisa de importante na vida religiosa. Sede seguros que os esforços feitos para vos ultrapassar serão eficazes na medida em que colocardes Maria no centro. Não é por nada que ela ocupa um

---

576 Carta de 26-09-77 e de 5 de outubro de 1977-AFM, 51.09-B2 – Rio de Janeiro

577 Carta de 14 de agosto de 1972. AFM 51.09 – Catalunha.

578 Carta de novembro de 1973. AFM 51.09-C2 – Colégio Internacional.

lugar tão importante, especialmente neste período de Natal.”<sup>579</sup> Os horários tão diferentes das universidades podem tornar a vida comunitária quase impossível. Basílio indica aos jovens Irmãos dois elementos importantes da comunidade deles: “Ser Irmãos uns para os outros, e que esta amizade fraterna, aberta e multiforme nos unifique numa comunidade que confessa e faz irradiar Jesus Cristo e o poder unificador do seu Espírito.”<sup>580</sup>

Um Irmão Provincial faz frente a um momento difícil depois de um discurso forte que Basílio teve que pronunciar para clarificar uma situação financeira delicada, mas recebe esta garantia: “Rezei ao Senhor para que ele oriente cada uma das minhas palavras e que não haja nenhuma que obedeça a emoção humana.”<sup>581</sup> O Irmão Elias Perez se prepara para ir às missões e num primeiro momento a Algéria é a enfocada. Basílio lhe escreve: “Naturalmente eu quero que isso se faça de um modo sério, prudente e evangélico. Portanto, fiquem tranquilos, você e o Irmão Henri (Vergès), porque para mim a prioridade entre as diferentes possibilidades fica a Algéria, mas nós devemos nos deixar guiar pelo Senhor, e preferir a palavra do Espírito à nossa. Se “elas coincidem então será festa para todos”.<sup>582</sup> Ao Ir. Cecílio Alonso que se preparava para partir em missão no Congo, Basílio relembra o coração da missão: “Se for à missão não será unicamente, mas antes de tudo e, sobretudo para anunciar Jesus Cristo, para fundar e desenvolver a Igreja. Este ponto é capital neste momento quando a teologia

---

579 Carta de 19 de dezembro de 1975. AFM 51.09-C2 – Colégio Internacional.

580 Carta de 13 de março de 1977. JAFM 51.09-C2 – Colégio Internacional.

581 Carta de 18 de janeiro de 1984, AFM 51.09-A3.

582 Carta de 11 de setembro de 1979 – AFM 51.09-B1 – México Ocidental. Nós sabemos que na continuação o Ir. Elias Perez irá à Costa de Marfim e fará um trabalho excelente.

toma uma direção antropológica que suscita o risco de o centro da Religião e da Redenção não enfocarem senão o homem e o homem no seu sentido temporal, material, natural. O homem que não experimenta a necessidade de ser uma encarnação viva do evangelho, e uma presença do amor de Deus entre essas gentes, é melhor que não vá, apesar de tudo o que poderia trazer no domínio temporal...”<sup>583</sup> A um Padre Blanc que lhe pede Irmãos para o Tchad, Basílio responde: “A evangelização dos países onde o número dos missionários é nitidamente insuficiente, constitui para mim uma inquietação maior...e fica sempre um problema capital.”<sup>584</sup>

A um Irmão missionário ele relembra um princípio básico: “Quando a caridade é o móvel de nossos pensamentos e de nossas ações, tudo se desenvolve num ambiente de compreensão mútua, porque a caridade é paciente, benévola e ela não inveja, ela não se gloria...ela não se irrita... ela não pensa o mal, ela se alegra com a justiça e se compraz com a verdade; ela desculpa tudo, crê em tudo, espera em tudo, tolera tudo. Eis o espírito que eu quereria que reinasse nas nossas comunidades. A caridade acima de tudo, caridade que faz dos membros de nossa família religiosa os próximos mais “próximos” e que é preciso amar. Quando a vida comunitária adota essas sendas, os problemas se resolvem no diálogo fraterno e as tensões assim como os fechamentos desaparecem.”<sup>585</sup> Em maio e junho de 1985 Basílio visita as diversas Províncias do Brasil. O relatório revela toda a admiração que Basílio traz consigo aos Irmãos Brasileiros pelo seu dinamismo, arte de viver a vida comunitária, o senso missionário. Mas acende também focos

---

583 Carta de novembro de 1977, AFM 51.09-B1- Madrid.

584 Carta de 16 de março de 1982. AFM 51.09-C1-Religioso. Basílio não poderá enviar Irmãos ao Tchad. Mas os Irmãos acabarão por ir lá uma dezena de anos depois.

585 Carta de 20 de abril de 1968, AFM 51.09-B1 – Perú.

vermelhos: “O Irmão, como o sacerdote ou o leigo engajado, não é somente um agente de salvação, mas também um sujeito a salvar, sua redenção não está terminada; frequentemente querendo colocar ordem no mundo e nos outros, acontece que se esquece e de modo sério, a si mesmo.”<sup>586</sup>

Basílio teve que escrever uma carta em tom severo a um Irmão que estava fora da obediência havia vários anos. E assim termina: “eu te peço perdão pela pena que a leitura desta carta pode te causar. Se te inquieta, ela me causou inquietação antes: mas conto com tua maturidade, sobre teu espírito de fé e sobre este tempo pascal que se aproxima, que ensina que não há salvação senão a que vem da Cruz...Alguns instantes diante do Santíssimo Sacramento te ajudarão a compreender e aceitar esta carta; eles te darão a força necessária para pô-la em prática.”<sup>587</sup>

A construção de um grande colégio parece um verdadeiro impasse. Basílio escreve ao Provincial: “Creio que é o momento de começar uma campanha de orações para que este problema encontre uma solução favorável. Quando foram tomadas todas as medidas humanas possíveis e que não se viu nenhum progresso, é o momento de agir através da oração.”<sup>588</sup>

Uma religiosa pede-lhe de ser seu diretor espiritual e lhe apresenta suas graças e suas misérias: “Irmã, escreve-lhe, você já chegou ao ponto de compreender que Deus é Pai. Já que é assim, lance no seu amor infinito todo seu passado, sua vida presente cheia de contradições, a vida de sua família, enfim, tudo! E nele, fique tran-

586 AFM 51.09-C2-Brasil Marista.

587 Carta de 13 de maio de 1977, AFM 51.09-B2-Port Alegre.

588 Carta de 10 de abril de 1980. AFM 51.09-6644-Portugal

quila e serena. Não adianta inquietar-se, não acertaria nada. Ame e mantenha a confiança.”<sup>589</sup>

Uma amarga crítica enche a carta de um Irmão: “Meu caro Irmão, lembra-lhe Basílio, a grande via de um cristão é o Evangelho. Mesmo no caso em que temos inimigos, ou em que sofremos injustiças, onde não somos compreendidos... o Cristo nos mostra que o caminho é o perdão... Irmão, sempre que um cristão escolhe a via do Evangelho, torna-se um santo, uma coluna da Igreja, constrói verdadeiramente o futuro da humanidade e seu nome fica como modelo e caminho para os outros.”<sup>590</sup> Depois do Vaticano II, bom número de Irmãos deixam a congregação. Basílio lembra-lhes, mas sempre envolvido nessa afeição de que tinha o talento, e o Cristo permanece o centro de toda vida cristã: “É a todos os homens que o Senhor pede a santidade e não somente aos religiosos. Diante dos homens, sede um verdadeiro testemunho, de modo que todos possam ver em vós, não uma falta de fidelidade à vocação marista, mas uma verdadeira consagração, bem que de maneira diferente, ao Cristo e a sua Igreja.”<sup>591</sup> Brincando com o nome da Irmã Maria Eucaristia, Basílio faz-lhe uma reflexão maravilhosa sobre a Eucaristia: “Santo Tomás insiste que na Eucaristia, com toda grandeza que ela representa (Jesus mesmo aí está presente), não é tanto o sacramento, mas o sinal e o meio de produzir alguma coisa de maior importância que a própria Eucaristia, e é a presença de Jesus no coração de cada um de nós, para nos inundar de sua vida, nos imolar com ele e fazer de nós um sacrifício de ação de graças, de adoração e de louvor ao Pai. Em realidade, a festa da

---

589 Carta de 30 de outubro de 1977. AFM 51.09-C1-Religiosos

590 Carta de 8 de outubro de 1984. AFM 51.09-B3.

591 Carta de 16 de fevereiro de 1978. AFM 51.09-B3

Eucaristia deve nos lembrar que o que importa ao Senhor não é ficar sob as santas espécies do pão, nem no tabernáculo, nem sobre o altar, mas no coração e no ser total, na conduta pessoal de cada um de nós. O tabernáculo, as espécies de pão e o sacrifício são um canal eficaz para que Jesus esteja presente nas nossas vidas. “Você compreende, minha Irmã, que, sem nada tirar da importância do mistério eucarístico... nós poderíamos lembrar aqui as palavras da noite escura da alma sobre a montanha da vida: Por que quereis um templo, um tabernáculo, por que quereis um altar, quando vós mesmo sois o templo, o tabernáculo e o altar? Não é por isso, Irmã que lhe deram tão bem este nome de Maria da Eucaristia?”<sup>592</sup>

#### 4.3.1 A Fé e a Política

Três pontos dão relevo a sua fé: quando os Irmãos devem agir num contexto político que oferece aspectos cristãos duvidosos, quando os Irmãos experimentam a prova da doença ou da morte ou da pobreza e quando nas crises, seguidamente chegam ao abandono da vocação. Escreve ao Ir. Provincial da Colômbia de ser prudente frente à teologia da libertação: Primeiro porque há várias versões, umas aceitáveis, outras inaceitáveis... Em matéria de opção teológica é a hierarquia, e em última instância o Santo Padre que têm a palavra final, e além do mais este

---

592 Carta de 27 de maio de 1972. AFM 51.09-C1-Religiosos. Essa Irmã foi, um pouco, como a mamãe para Basílio quando ele estava encarregado do Mundo Melhor no Equador. Ela lhe escreve seguidamente, lembrando-lhe de cuidar de sua saúde, de comer lentamente, de não ficar em vigília demais. “Eu não posso terminar sem lhe recomendar ainda que tome cuidado da saúde, da alimentação, e que a luz da janela não se confunda com o pálido luar da aurora”. Cf. AFM 51.09-C1-Religiosos.

problema da formação é muito delicado para submetê-lo às opções teológicas...”<sup>593</sup> Ele convida igualmente a uma grande prudência para os congressos onde vão intervir Paulo Freire e Yvan Ilich. Nossos antigos alunos de Cuba, refugiados nos Estados Unidos, tinham submetido uma petição para que os Irmãos abrissem uma escola em favor dos filhos deles. Basílio toma o caminho da prudência. “Sem nos deixar tomar pela apatia ou o desinteresse por estas pessoas refugiadas, a prudência nos pede que consultemos os grupos católicos ou outros organismos dignos de confiança... A natureza política de muitas destas migrações pode convertê-las numa verdadeira ferida que é preciso evitar. Nós não podemos favorecer nem uma nem outra posição, sobretudo que nosso gesto pode ser interpretado politicamente. Nós só temos uma causa, a de Jesus Cristo. Somos antes de tudo cristãos. Nosso agir está no Cristo e para Ele. Os pobres e os miseráveis, os doentes, os que estão sem abrigo, os que são perseguidos nos ajudam a descobrir-Lo... Meu caro Ir.Provincial, eu lhe suplico de acompanhar com assiduidade seus Irmãos, encoraje-os, dirija-os como faria o Pe. Champagnat: prudentemente, alegremente e por amor de Jesus e de Maria”.<sup>594</sup>

Basílio escreve ao presidente da Federação Francesa dos Antigos Alunos,<sup>595</sup> “Desejo, portanto que vossa reunião de Toulouse leve a aprofundar vossa razão de ser e a ver como podeis ajudar a comunidade educativa a se tornar mais cristã e mais marista, para ter o dinamismo interior que lhe permita desempenhar

---

593 Carta de 28-07-1983. AFM51.09-A3-Colômbia

594 Carta de 30 de junho de 1980. AFM 51.09-B1-Perú

595 Carta a Monsieur Georges Tron, dia 23 de setembro de 1983. AFM 51.09-D3-Antigos Alunos.



completamente sua função de despertar e de apoiar a fé dos jovens. Esta fé é ameaçada e debilitada, mas ela lança apelos e dá testemunhos que devem nos despertar... O Cristo morreu, mas ressuscitou. Será sempre a nota da ressurreição que deverá dominar uma reflexão cristã. Que Maria crente ao pé da cruz e jubilosa na manhã da ressurreição, anime vossos trabalhos”.

#### 4.3.2 Fé e doença

Nos momentos de doença ou de morte, Basílio se deixa inspirar de bom grado pelo Pe. Champagnat, a fim de ajudar a pessoa a se colocar na luz da fé: “Estou bem contente que a foto do papa tenha chegado, como também a oração sobre a morte. Digo-vos de novo, não tennhais medo dessa dama, eles a pintam de negro em vez de pintá-la de branco. Ela deveria ser assim ao menos para os religiosos e as religiosas. Não deixamos tudo por Deus? Não trabalhamos constantemente a seu serviço? E mais, quando julgais que sois más, é porque não o sois demais: aqueles que se creem bons são aqueles que o são menos, mas aqueles que se julgam pobres, são sem dúvida amados pelo Senhor por causa da humildade e da pequenez deles.”<sup>596</sup> A um Irmão doente escreve: Vós estais cravado na cruz como o Cristo, e vossos sofrimentos são uma fonte extraordinária de graças, não somente para vós, mas para toda a Província e para o Instituto inteiro”. Depois conta a história de uma fundadora que não fora aceita numa congregação cujo carisma era o do sofrimento e onde só eram

---

596 Carta de 23 de maio de 1979 a Sr. Rose Suescun. AFM. 51.09-C1-Religiosos

aceitas candidatas sofrendo de um handicap...” Foi-vos dado esta sorte de poder vos aproximar de Deus, graças a vossos sofrimentos, e de vos tornardes uma fonte de graças para todos nós.” Numa outra carta ao mesmo Irmão, Basílio relembra-lhe o pensamento de Marcelino: “O Pe. Champagnat nos garantiu que aqueles que estão doentes são um grande tesouro e uma fonte de bênção. É também o que eu penso de vós. Da parte daqueles que sofrem, como vós mesmo, é um ato de fé heroica. Quando o Irmão Charles Raphaël estava moribundo, ele nos lembrou que era fácil falar dessas coisas, mas estar por dentro é uma outra coisa nada fácil. Vós, caro Irmão Helmut, como também o Irmão Kieran, estais entre os que sofrem; nós temos parte das graças que nos obtendes e nós vos agradecemos do fundo do coração.”<sup>597</sup> Escrevia à Irmã Maria Eucaristia: “Que o Senhor vos cumule de suas bênçãos e inunde vossa alma da alegria por servi-Lo, mesmo no meio de sofrimentos que uma doença dolorosa vos causa. Sofrer pelo Cristo é uma coisa muito suave e, certamente que o Senhor não poupa os sofrimentos àqueles que Ele ama muito. Mas Jesus foi o primeiro a carregar uma cruz bem mais pesada que a nossa; quando todos os dias Ele se imola sobre o altar, Ele nos convida a carregar nossa cruz por amor. Quando entrarmos na eternidade como abençoaremos de ter sofrido pelo Cristo nesta vida.”<sup>598</sup> Juan Sudiç é um padre iugoslavo cuja família foi morta pela fé e ele mesmo teve que fugir. Basílio o encontra na Argentina, onde, idoso, vive pobremente. Durante anos, lhe envia intenções de missas: 40, 60, 90 missas. Convida o padre a rezar pelo seu trabalho de Superior Geral e

---

<sup>597</sup> Carta de 7 de novembro de 1094.AFM 51.09.A1 – Alemanha.

<sup>598</sup> Carta de 9 de junho de 1974 .AFM.51.09-C1-Religiosos

por seu Conselho, para pedir perdão pelas deficiências, erros e mesmo pecados que poderiam tornar seus serviços menos eficientes e para pedir luzes constantes do Espírito Santo sobre o próximo Capítulo Geral.”<sup>599</sup>

### 4.3.3 A fé e as crises de vocação

As crises vocacionais foram certamente uma das realidades que exigiram de Basílio muito do seu tempo, de sua inteligência, de sua paciência, de seu amor e de sua fé. Era um fenômeno marcante na Igreja, em todas as congregações e na nossa também. Com Irmãos em crise de vocação ou decidindo deixar a vida religiosa, Basílio sempre estabeleceu relações fraternas impregnadas de verdadeira afeição, de respeito, de grande liberdade. Mas é claro que lá onde Basílio colocava seu tempo, sua inteligência, seu coração, lá colocava também sua fé. “A primavera voltou à vossa alma. Eu me alegro disso plenamente convosco... É assim que o Senhor e a Virgem Maria sempre bons e compreensivos para nossos corações e para nossas almas, nunca se deixam vencer em generosidade. Felizes somos nós quando sabemos acolher generosamente o amor deles, desenvolvê-lo sem levar em conta nossa dificuldade e fazê-lo frutificar ao cêntuplo. Temos tudo a ganhar, e isto em todo sentido”<sup>600</sup> Eis um testemunho comovente: “Ir. Basílio, não quero escrever-vos na qualidade de Superior Geral, nem vós lendo minhas cartas não vos sentais Superior Geral; sente-

599 Carta de 26 de maio de 1974, AFM 51.09-D3- Sacerdotes. Os arquivos apresentam várias cartas de Basílio ao Pe. Juan Sudiç e cartas respostas desse padre.  
600 Carta de 6 de outubro de 1974 .AFM 51.09-B-2-Québec.

mo-nos sempre como dois bons Irmãos e amigos em Jesus, Maria e Champagnat. Vamos visitar um momento Cuernavaca e relembremos uma cena muito evangélica que se desenrolou aí. Cheguei como a criança, pródiga procurando Deus-Pai e o encontrei concretamente na vossa pessoa, no abraço que vós me destes, quando revivi a experiência da criança pródiga que reencontrava sua família marista nova e que eu descobri somente então. Naquele momento, vós fizestes de tudo para me passar confiança e para que eu me sentisse diante de um amigo e não diante do Superior Geral e que daqui para frente nos trataríamos de amigos. Era bem isso que eu queria, e vou falar-vos numa linguagem que não se preocupa com o estilo...O que eu quero antes de tudo é manifestar uma eterna gratidão e também a de meus pais por esta acolhida tão marista, tão fraterna, tão cheia de afeição que me reservastes nos poucos dias que fiquei convosco. Que o Senhor Jesus e a Santíssima Virgem de Guadalupe, Nosso Recurso Ordinário, vos paguem por uma tão grande bondade.”<sup>601</sup> A um Irmão que decidiu retirar-se escreve: “Vou-lhe dizer com toda simplicidade e franqueza o que eu penso. Espero que o que vou dizer não semeará tristeza durável, que lhe tire a alegria cristã de viver, pois que de um lado eu não sou infalível e penso seguindo as luzes que tenho, e de um outro lado o fundamento de nossa confiança, de nossa paz, de nosso renascimento constante diante de Deus e para Deus, afinal de contas nossas fraquezas, nascem não do fato de sermos justos, mas de que Deus é bom, misericordioso, inalterável na sua fidelidade e sempre pronto a traçar para nós um novo caminho de san-

---

601 Carta de 8 de junho de 1980. AFM 51.09.A2

tidade, se nos aproximemos Dele com um coração contrito e cheio de amor.”<sup>602</sup> Um Irmão pede para se transferir ao sacerdócio: “Pense, escreva-lhe Basílio, que ir para o sacerdócio, é ir para a participação íntima do amor infinito de Cristo. Eu aconselho, neste caso, que saiba, com um coração sacerdotal, perdoar e amar aqueles que voluntariamente ou involuntariamente o fizeram sofrer, e que seja, em toda circunstância, um fator de unidade e de harmonia eclesial. Esteja certo de que a congregação lhe guardará uma profunda estima. De minha parte, conte sempre com minha afeição e minha amizade.”<sup>603</sup> No caso seguinte, Basílio se dirige a um Irmão Provincial que tinha apresentado vários Irmãos em estado de crise vocacional: “A experiência me ensina de mais a mais, e isto graças à direção espiritual, que há religiosos que passaram por crises longas e dolorosas antes de chegar à paz. Mas quando veem que a crise passou,,,sobretudo em homens de idade madura e alguns Irmãos idosos, encontramos-los numa alegria e numa paz admiráveis. Certamente que, nos casos difíceis e diante da persistência, a grande maioria de psicólogos modernos e não poucos diretores espirituais ter-lhes-iam aconselhado o abandono da vocação. Mas eles amaram sua vocação além de sua paz e no cume do calvário; a vida e a experiência, deram-lhes razão... Um deles, descrevendo sua crise, contava-me seus sofrimentos, mas com lágrimas de alegria nos olhos me dizia: “Cristo manteve sua palavra, Ele não me abandonou e eu mantive a minha e não a abandonei... Agora, tudo passou, ele é feliz em sua vocação e é um santo religioso. Outro me dizia que nestes momentos de crise, vendo que o que lhe fal-

602 Carta de 26 de maio de '977.AFM 51.09-A3-Colômbia.

603 Carta de 19 de setembro de 1977. AFM 51.09-A3-Ecuador.

tava estava na vontade, e que o apelo do Senhor se tornava mais forte, sua oração contínua era: ‘Senhor, se vos agrada, não me deis mais luz, porém mais forças para responder à luz que já me destes. Hoje é um religioso excelente.’<sup>604</sup> Quando sentia, na sua experiência de diretor de almas, que tocava uma verdadeira vocação, Basílio não perdia nunca confiança e não fechava nunca seu coração: “Este fato, se souberdes resolvê-lo positivamente será uma das experiências mais belas de vossa vida. É possível que, agora tudo vos parece horrível e abominável, mas no fim da “noite da agonia, da paixão e da morte” Cristo sorri na manhã de Páscoa, com Maria, nossa Boa Mãe, para vos abraçar e vos fazer descobrir as alegrias da vida religiosa...Unidos na oração e nos sacrifícios pela valorização de nossas vocações, eu vos abraço muito cordialmente como Irmão, amigo e servidor.”<sup>605</sup>

Estes exemplos podem ser multiplicados. Todos garantem que Basílio era o homem da acolhida, da escuta, do respeito, do conselho, da experiência, que conhecia os trunfos da psicologia, mas que sempre abria as portas da fé, recolocava sobre o caminho do imenso amor de Deus. Ele gostava de dizer: “A infidelidade começa quando se fecha à ternura de Deus.”<sup>606</sup> Se há uma pessoa que exclui de vosso coração, o amor está morto em vós.<sup>607</sup> A vida não vale a pena ser vivida a não ser que se ame incondicionalmente.”<sup>608</sup> Seu grande colaborador, o Pe. Portillo, escreve-lhe: “Irmão, permiti-me de vos dizer, em todas essas

---

604 Carta de 11-1-1972.AFM 51.09-81.

605 AFM 51.09-B2-Porto Alegre.

606 Contra capa do caderno 6.

607 Contra capa do caderno 5.

608 Contra capa do caderno 4.

experiências e nos retiros a outros religiosos, vossa “visão” sobre a Vida Consagrada, a nuance pastoral, social, eclesial, a primazia de Deus, serviu-me muito, mas é sobretudo, vossa vida de dom total, vossa serenidade diante do julgamento dos acontecimentos e a esperança exigente do futuro. Vós passastes através de tudo isto guardando o bom humor...”<sup>609</sup> Mais tarde quando ele chegava quase ao final de sua colaboração direta com o Ir. Basílio, disse-lhe ainda: “Um dos maiores dons que o Senhor me fez foi de vos conhecer. Vós me ensinastes muito, não somente pelo fato de vos conhecer e aos Maristas, mas pelo estilo de vida. Quando viajo convosco não é somente um banquete é um festim de alimentos suculentos!”<sup>610</sup> É impossível ficar ao

L

- 5 -

## OS FRUTOS DA FÉ

Corremos o risco de repetir aquilo que já foi dito sobre o ambiente espiritual indispensável para se tornar ao mesmo tempo adulto e apostólico. Esse ambiente já é fruto da fé: o tempo passado com Deus,<sup>611</sup> o amor a sua Palavra,<sup>612</sup> a alegria de celebrar a eucaristia, as luzes sobre Deus e sobre o homem, a aptidão a ser profeta, a generosidade em viver o primeiro e o segundo manda-

609 Carta de 23 de junho de 1973. AFM 51,09-D3.

610 Carta de 18 de dezembro de 1979. AFM 51.09-D3.

611 Ver o caderno 3 sobre a oração.

612 Ver o caderno 8, sobre a Palavra de Deus...

mento...<sup>613</sup> tudo isso supõe que foi extremamente exercida, e por sua vez este ambiente torna a fé vigorosa e fecunda. A consequência será a de ler os acontecimentos da vida no código da fé, comprometer todas as energias em favor daquele que a gente ama, e proclamá-lo com todos os meios possíveis: visão, vida e voz serão os frutos os mais evidentes da fé vivida no ambiente espiritual de que falamos.

## 5.1 O olhar da fé

Todos os acontecimentos da vida serão lidos no código da fé ou, como diz Basílio na sua Circular sobre a Obediência, olhados através da retina de Deus ou como ele diz ainda, à força de colocar nosso coração perto de Deus, ele acaba por pulsar ao ritmo do coração de Deus.

Os exemplos são múltiplos que mostram que os acontecimentos são lidos no código da fé. O Irmão Carlos Tesche ensina na Universidade de Luanda, em Angola, mas é sob um regime marxista, e, portanto deve ser muito discreto. Basílio, nos seus votos de Ano Novo lhe escreve: “Reitero meus votos de próspero ano de 1981. Que sua atividade profissional na universidade, mesmo feito com a discrição que lhe é habitual, seja um apostolado fecundo. É impossível ocultar a luz de Deus. A Virgem Maria tão discreta e escondida em Nazaré, quando a Palavra de Deus se encarnou nela, se fez apóstola, serva, anunciadora das maravilhas de Deus...”<sup>614</sup> O Irmão Cristiano Baldazar da Costa trabalha

---

<sup>613</sup> Ver o que foi dito nas primeiras páginas do Caderno 6.

<sup>614</sup> Carta de 13 de janeiro de 1981. AFM. 51.09-6644.



em Quelimane, em Moçambique. Basílio encoraja-o assim: “Não se preocupe jamais com as dificuldades que podem vir; habitualmente elas acompanham as obras de Deus como sinal de autenticidade. Certamente que na vida já teve ocasiões de ler os sinais de Deus em momentos muito desconcertantes. A Virgem Maria e o Bem-aventurado Fundador são exemplos perfeitos de saberem ler as situações humanas as mais desconcertantes, à luz da vontade de Deus”. Depois lembra-lhe o fundador que dizia: “com homens de boa vontade, Deus pode fazer milagres.”<sup>615</sup> O Irmão Firmino Schneider faz saber a Basílio que de hoje em diante eles têm a presença do Santíssimo Sacramento em casa. “Isto me causa alegria, disse-lhe Basílio, que tenham o Santíssimo Sacramento em casa, aproveitem desta conjuntura salutar para buscar força e consolação nesta fonte de todos os bens.”<sup>616</sup> O Irmão Carlos Tesche encontra-se em missão, em Luanda, acaba de perder o pai, e não pode participar dos funerais. Basílio lhe envia palavras de consolação: “`Quem crê em mim, mesmo morto, viverá´; seu pai acreditou no Cristo, e como! Conhecemos a fé que o animava e que vivificava sua família... Ele foi o exemplo de um pai cheio de bondade, de um esposo devotado e fiel, de um cristão fervoroso e engajado na igreja...” O Irmão Adelino Mariani, de Ndalandando, Angola, descreve ao Superior Geral o novo apostolado que os Irmãos empreenderam: formar catequistas, ocupar-se dos seminaristas, procurar vocações. Basílio confirma-os nesse trabalho: “Tenho a confiança tranquila de que Deus tem sua hora para Angola. Tenho a certeza de que o Espírito Santo, mesmo através das precariedades da esperança e a penumbra da fé, os conduzirá

---

615 Respondendo a uma carta de 23 de outubro de 1980; AFM 51.09-6644.

616 Carta de 8 de dezembro de 1980- O Ir. Firmino trabalha então em Benguela, Angola.

à aurora brilhante da manhã da ressurreição.”<sup>617</sup> O setor de Angola faz grande esforço pelas vocações: 70% do pessoal trabalha aí. Basílio dá a conhecer seu pensamento ao Irmão José Pasa, o superior: “O modo de acompanhar e de orientar os jovens que dão sinal de vocação, nas missões, esperando que eles amadureçam, parece-me bem apropriado. Eu compreendo que este trabalho de promoção vocacional, nas circunstâncias atuais, é árido e pouco gratificante. Mas “Deus é bastante forte para fazer surgir filhos de Abraão mesmo de pedras.”<sup>618</sup> Eis sua reação à carta do Irmão Alfredo Engel: “Lendo sua carta de 22 de junho, admirei seu interesse e entusiasmo em promover uma devoção autêntica à Virgem Maria entre o povo de Angola. A Igreja pós-conciliar tem neste sentido uma doutrina admirável, capaz de nos guiar com segurança a Cristo, pelos caminhos de Maria. Você faz bem.

Com respeito às vocações continue com confiança, Deus tem um plano para a Igreja de Angola. Esse plano é bom, é o projeto do Pai cheio de bondade por seus filhos amados. O importante é estar sempre atento às moções do Espírito para poder ajudar esta Igreja a descobrir os caminhos de Deus. Na vida de nosso Fundador, temos exemplos surpreendentes de ajuda de Deus, que pode agir quando menos esperamos. O que não pode faltar de nosso lado é a confiança e a disponibilidade.”<sup>619</sup> Numa outra carta, voltando sobre este tema, escrevia-lhe: “Não se preocupe com resultados visíveis. Lembremo-nos de Abraão no momento de sua maior prova: ‘O senhor proverá!’ A vida que se dispende por

---

617 Carta de 26 de junho de 1980, AFM 51.09-6644

618 Carta de 26 de julho de 1980. AFM. 51.09-6644.

619 Carta ao Irmão Alfredo Engel, Lobito, Angola, 30 de setembro de 1980. AFM 51.09-6644.

amor e com amor não desaparecerá sem deixar fruto.”<sup>620</sup> A este Irmão, como a todos aqueles de Angola, garante suas orações: “Você sabe muito bem, Irmão, o quanto eu o estimo e o apoio. Minha estima aumentou a partir do momento em que aceitou, em plena idade adulta, trocar uma vida segura e tranquila pelas incertezas de Deus, e partilhar com os coirmãos uma missão que é bem conhecida como difícil. Ofereço-lhe minha afeição e pode estar certo de estar presente nas minhas orações, sobretudo durante o sacrifício da Eucaristia que celebramos com alguns Conselheiros, o Secretário e seu servidor, na capelinha privada, em horas avançadas da noite depois de um longo dia de trabalho. Durante essa hora, é Ele que tem o governo da Congregação. Estamos bem convencidos de que, sem Ele não podemos fazer nada.”<sup>621</sup> A um Irmão Provincial que se encontrava numa situação financeira delicada, ele sugere: “Se, depois de ter tomado todas as medidas humanas razoáveis não se viu nenhum progresso, é o momento de agir por meio da oração.”<sup>622</sup> Quando Irmãos se tornam difíceis, aconselha ao superior: “Tais problemas exigem uma boa dose de comunicação sincera, de humildade e sobretudo de oração. Recomendemo-los ao Senhor e à Boa Mãe, e de nosso lado, façamos tudo o que está a nosso alcance.”<sup>623</sup> É ainda a sua fé que se manifesta quando se lhe comunica a morte de um Irmão que conhece bem, provavelmente por ter sido seu diretor espiritual: “Em outras ocasiões eu poderei falar do Irmão... do lado mais íntimo e oculto de sua alma que ele me revelou como amigo em várias ocasiões e que deixa belas lições. Sob um exterior

---

620 Carta ao Irmão Alfredo Engel, Lobito, Angola, 30 de setembro de 1980. AFM 51.09.-6644.

621 Carta ao Irmão Alfredo Engel, de 29 de junho de 1980. AFM 51.09-6644.

622 Carta de 22 de abril de 1981. AFM 51.09-6644.

623 Carta de 22 de abril de 1981. AFM 51.09-6644

alegre e desenvolto, sob as aparências de pessoa que gostava da sociedade, da amizade, da vida e que gostava de viver, se escondia (sobretudo nos últimos 10 a 12 anos) um cristão convencido, um marista apaixonado por sua congregação, preocupado pelo setor moçambicano e pela vida das comunidades e dos Irmãos. Era um Irmão que no silêncio, aceitou o sacrifício de muitas coisas, sem se manifestar, um religioso que, quando se tratava de coisas sérias que tocavam princípios de base, não transigia e não tinha medo de dizer a verdade; enfim, era um homem devotado, cheio de abnegação, exemplo de educador e de apóstolo, e, na última parte de sua vida, muito atento à sua consciência, à sua vida espiritual, à sua oração pessoal e a seu encontro próximo de Deus.”<sup>624</sup> Basílio sabe também lembrar os componentes cristãos quando esquecidos: “Meu caro Irmão, a profunda sinceridade de seus propósitos me agradam... no entanto você tem afirmações tão cortantes, tão ousadas em relação a vários Irmãos, que eu me pergunto se suas boas intenções são acompanhadas de um mínimo de prudência e de moderação... Suas afirmações críticas, eu diria mesmo agressivas... me parecem francamente injustas e desprovidas de caridade... Permita-me de ficar surpreso pelo estilo que não reflete a caridade pedida pelo Cristo e não escuta seu pedido insistente: “Não julgueis e não sereis julgados... A mesma medida com a qual servis os outros vos será servida.”<sup>625</sup> Foi suficiente algumas cartas, todas escritas aos Irmãos de Angola ou de Moçambique para encontrar um grande número de atitudes de fé frente à vida. Estes exemplos podem ser multiplicados; são tão numerosos; todos revelam o homem de fé que era

---

624 Carta de 10 de janeiro de 1980, escrita da casa provincial de Drummoyne, NSW, Austrália; AFM 51.09-6644.

625 Carta escrita de Buenos Aires, no dia 7 de abril de 1983. AFM 51.09-6644.

o Ir. Basílio: acontecimentos, pessoas, problemas, sentimentos, soluções são colocados sob a luz da fé.

## 5.2 Uma vida dinamizada pela fé

Conhecemos o percurso da vida de Basílio: no ponto de partida, na sua juventude, uma graça que o atrai a Deus na vida Marista.<sup>626</sup> É uma graça bem excepcional, porque seu coração parece logo totalmente conquistado para Deus. Ele será Irmão, ele será apóstolo dos jovens num colégio universitário e nos quarteirões pobres de México; depois, responsável pelo movimento Mundo Melhor, no Equador e com que dinamismo e que inteligência; mestre do segundo Noviciado no Escorial, entusiasmo aqueles Irmãos que têm anos de vida religiosa e às vezes o coração 'oxidado' pela vida; acaba sendo esse jovem Superior Geral que é visto e ouvido com atenção, às vezes surpresos por seu passo rápido e audacioso. Seu discurso soa novo e cheio de esperança. Ele dinamiza as reuniões dos Superiores Maiores,<sup>627</sup> A Igreja convida-o como auditor num sínodo e como consultor para a congregação dos religiosos. Percorre o mundo, esforçando-se por tornar seus Irmãos e seus amigos mais generosos para com o Senhor e sua Igreja. Dizia aos

---

626 Ver Caderno 1, pp. 9-15

627 Será o presidente de USG (União dos Superiores Maiores em 1968-69) Ele representa também USG junto da Comissão Pontifical para a América Latina (Cf. Carta de 10 de junho de 1969). AFM 51,09-C3. E numa carta de 20 de outubro de 1970, AFM 51.09-C3, Basílio presta conta ao Pe. Arrupe, então presidente da USG, dos contatos que havia tido com os responsáveis dos religiosos da Argentina, Chile, Perú, Bolívia, Paraguai, Uruguai, Colômbia, Equador, Panama e Costa Rica. Ele prevê encontrar-se com os de Nicaragua, Honduras, El Salvador, Guatemala, México, Venezuela, Brasil e Porto Rico. Frequentemente estes encontros se redobram com aqueles dos bispos concernentes.

Irmãos: “A vida religiosa deve ser vivida num patamar de generosidade e de magnanimidade e para chegar aí é preciso depositar no coração a Palavra de Deus com abundância.”<sup>628</sup> A generosidade conduzia-o a uma intensidade de trabalho fora do razoável e que ele reconhece frequentemente.”<sup>629</sup> “Ao retornar a Roma encontrei um trabalho esmagador. A primeira noite de trabalho foi até às cinco horas da manhã, e as seguintes até as duas... Não tenho muitas notícias para lhe dar, mas se lhe escrevo, é por causa da afeição profunda que trago por vocês todos e particularmente por você...”<sup>630</sup> “Apenas chegado a Roma tive de preparar as malas para o dia seguinte ir para a Sicília dar uma conferência aos Superiores Maiores da Itália...”<sup>631</sup> “Durante todo o mês de junho permaneci em Roma. O trabalho foi intenso: sessões plenárias quase permanentes, correspondência acumulada, compromissos inerentes ao meu cargo, relatos a fazer pra a Santa Sé e para a conferência dos Superiores Maiores, entrevistas etc. Isto representava 18 horas de trabalho por dia...”<sup>632</sup> Ele se admirava que se possa viver a vida religiosa de modo medíocre, burguês; não compreendia que depois de ter sacrificado pelos votos chances muito bonitas de vida, dos votos que deveria dinamizar nosso coração e fazer de nós seres de amor abundante, delicado, audacioso, empreendedor, chegássemos a uma vida vulgar, insensível, que nenhum jovem gostaria de viver. Sua vida foi entregue à Igreja, à Congregação, aos Irmãos, pelos jovens, pelas missões, pelos pobres. É vivida na medida de

---

628 Circular sobre a Oração, pp.336-337.

629 Depois que volta a Roma depois de uma longa ausência, esperam-no 200, 300, uma vez mesmo 600. Ele não deixa de responder a todas, era o estilo do seu coração. Carta escrita de Roma dia 14 de novembro de 1977. AFM 51.09-6644.

630 Carta escrita de Roma, dia 5 de setembro de 1977. AFM 51.09-6644.

631 Carta escrita de Roma dia 14 de novembro de 1977. AFM 51.09-6644. Carta escrita de Roma, dia 5 de setembro de 1977. AFM 51.09-6644.

632 Carta escrita de Roma dia 29 de junho de 1980. AFM 51.09-6644.

seu ideal: “Queimar a vida pelo Cristo e queimá-la nas duas pontas”...<sup>633</sup>. mesmo se a consequência é de viver uma vida mais curta. Quantas comunidades visitou ele, quantos Irmãos e amigos encorajados, confirmados, esclarecidos quantas vocações salvas, quantos retiros dados...(às vezes 15 num ano e todos sobre a oração),<sup>634</sup> Quantas conferências, entrevistas, artigos...<sup>635</sup> Morre aos 71 anos porque a vela terminara de queimar pelas duas extremidades. A última mensagem que envia a seus amigos é uma expressão de fé, de esperança, de confiança no Pai e no Senhor; é o último sinal de amor que ele oferece aos Irmãos. Pede aos amigos de envolvê-lo de orações e de cantos enquanto seu corpo se apaga. Tinha um coração de Igreja;<sup>636</sup> tinha o mundo de hoje em seu coração,<sup>637</sup> assim ele deu à vocação de Irmão, uma visibilidade que ela jamais atingira.<sup>638</sup> Nessa vocação, todas as audácias eram possíveis, mas foi ele que demonstrou isso com uma exuberância de fatos. Ele morreu. Resta-nos seu amor; ficam todos os Irmãos que graças a ele continuaram nesse caminho nobre da fidelidade, restam-nos uma visão nova da vida religiosa e uma arte mais evangélica de vivê-la. Fica-nos o grande tesouro de seus escritos onde a fé, a sabedoria, o amor jorram com abundância.

### 5.3 A fé se faz doutrina

633 Carta escrita de Roma dia 29 de junho de 1980. AFM 51.09-6644.

634 Entrevista concedida ao Irmão Jean Dumortieu para a revista *Présence Mariste* de junho de 1985, n°163.

635 Ele era constantemente solicitado pelas Congregações, sobretudo femininas, para dar recoleções, retiros, conferências... Nunca recusava se sua agenda lhe permitia, lendo em todos esses pedidos um apelo de Deus.

636 Caderno 2, o capítulo sobre a Igreja.

637 Circular, 2 de janeiro: os apelos do mundo.

638 Basílio, um outro Champagnat, pp.74 e 76.

### 5.3.1 Vontade e Amor de Deus.

A voz do Irmão Basílio foi frequentemente gravada. \dispomos de várias audio-cassettes e conferências, de suas entrevistas ou simplesmente de cartas que ele tinha o costume de ditar nos seus deslocamentos. Entretanto, em nenhuma parte como nas Circulares encontramos seu pensamento sempre oriundo da fé. O Ir. Guy Morel que garantia a tradução inglesa destes cadernos, obrigado a estar atento aos detalhes e às nuances, reage assim: “Many passages are really marvellous.” (“Muitas passagens são realmente maravilhosas”). As Circulares e as conferências do Ir. Basílio guardam, hoje ainda, toda sua força de impacto e talvez as compreendamos melhor, pois que, depois de trinta anos a vida religiosa adquiriu um pouco o semblante que ele sonhava. Entretanto, não entra no quadro desta reflexão fazer-lhes a análise, mas simplesmente indicar os laços com a fé. Lá onde descobrimos a fé de Basílio muito decantada e muito penetrante, é na Circular sobre a Obediência.<sup>639</sup> O coração desta Circular é a vontade de Deus, a paixão, a busca, o amor, o cumprimento da vontade de Deus: precedendo todo projeto pessoal. Nas páginas do prefácio fala do coração da obediência: “Este coração é a paixão por fazer a vontade de Deus, por deixar todo lugar a esta vontade. Isto supõe, portanto, a renúncia a todo projeto pessoal anterior a esta vontade, e atuando, para descobri-la e fazê-la, meios realistas que são a oração de um lado e a mediação de outro.”<sup>640</sup> Criticando certas concepções tradicionais da obediência, acrescenta: “Esquece-

---

<sup>639</sup> Circular a Obediência, 30 de maio de 1975.

<sup>640</sup> Circular a Obediência, p.8.



-se que ela é orientada para o serviço integral da busca e da descoberta da vontade divina, da vontade divina que se torna a substância mesma da vida (‘Eu tenho um alimento que vós não conheceis’).<sup>641</sup> E isto quer dizer duas coisas: A obediência é verdadeiramente sinal de que o Reino está presente, pois que alguém se declara disponível ao querer de um outro, que é Deus. Um tal ato de esquecimento de si, de dom de si, não é menos radical que a virgindade ou a pobreza. Pode-se, aliás, dizer que há aqui mais que um conselho: algo de essencial à vida cristã e portanto à vida religiosa. Cristo não é concebível fora de uma obediência perfeita ao Pai. Há, portanto, também lá o ideal da condição do cristão.”<sup>642</sup> Nós encontramos uma fé que está além do credo como enumeração de coisas a crer; é uma fé que se torna paixão, que se faz total disponibilidade a Deus, que é ao mesmo tempo adoração, oblação, integração ao Cristo Senhor, e que se torna voz para conduzir os outros. Já nos retiros que dava aos Irmãos de língua espanhola no ano de 1972, pedia-lhes que se deixassem guiar pelo Espírito que impele ao máximo de generosidade, em vez de ser homens da lei e, portanto das coisas a cumprir, como preço a pagar para entrar na vida eterna. Não, a verdadeira fé nos situa no universo do amor, da gratuidade: Deus amou tanto os homens que enviou seu Filho único...”<sup>643</sup> e Paulo nos relembra que é por amor, por graça, que somos salvos e não devido às nossas obras.<sup>644</sup> Basílio acolhe e professa este mesmo modo de ver a salvação: “O cristianismo não é outra coisa que o beijo de amor

---

641 Jo. 4,32.

642 Circ. A Obediência, p. 9.

643 jo. 3,16.

644 Efésios 2, 4-10.

histórico que o Pai dá à humanidade na pessoa de Jesus e que ele prolonga em seguida pelo seu Espírito”. O Pai é amor, e é tamanho, como diz São João, “que Ele nos amou ao ponto de nos enviar seu Filho, como vítima de expiação por nossos pecados. “(1ªJo. 4,10). São Paulo, por sua vez diz: “Ele me amou e se entregou por mim”. A essência, o coração, o tudo do cristianismo é o amor; amor que germina no Antigo Testamento, mas que explode em plenitude em Jesus Cristo. “Este amor do Pai pela humanidade vai culminar numa aliança total – aliança em Jesus, aliança no Espírito Santo - para nos fazer entrar no coração do amor.”<sup>645</sup> Essa paixão pela vontade de Deus torna-se o único lugar de cristificação.<sup>646</sup> Um dos aspectos da fé de Basílio é justamente esta profissão de que o Cristo e o cristão são um e que o verdadeiro cristão é aquele que no seu hoje oferece ao Cristo suas mãos, seus pés, toda sua psicologia, todo seu ser para que Jesus esteja presente e ativo como Salvador.<sup>647</sup> Nós somos esse mistério: “Jesus Cristo sou eu e eu sou Jesus Cristo”.<sup>648</sup> Para atingir uma tal verdade da fé, é preciso viver plenamente com o Senhor, ser pessoa de oração e de generosidade: “Nesta nova visão da obediência, é necessária outra densidade de vida espiritual, muito mais de pureza de intenção, de renúncia ao egoísmo, de vontade total de seguir os caminhos do Senhor, uma verdadeira paixão pela vontade do Pai. E ali está justamente o drama. Nós quisemos instaurar um novo sistema de obediência – que é o verdadeiro – mas ele chega numa hora que o torna difícil, porque chega no momento quando se per-

---

645 Circ. A Obediência, p. 24

646 Circ. A Obediência, p. 32

647 Circ. A Obediência, p. 44-45.

648 Circ. A Obediência, p. 36.

deu, em grande parte, o sentido da oração, quando a fé entrou em crise, quando nos invadiu, não a boa secularização que se faz grega com os Gregos e bárbaro com os bárbaros, para levar Jesus Cristo a todos, mas um secularismo frívolo que tira o sabor ao sal e o dinamismo ao fermento; e quando o Evangelho é substituído por uma psicologia que é simplesmente destrutiva.”<sup>649</sup> Esta paixão pela vontade de Deus, Basílio a deseja no coração de cada Irmão, mas com as Circulares sobre o *Projeto Comunitário*<sup>650</sup> e o *Projeto de Vida Comunitária*<sup>651</sup> almeja que cada comunidade, cada Província estejam preocupadas por essa vontade e produzam um projeto de vida que busque antes de tudo responder aos movimentos do Espírito, aos sinais dos tempos, à vontade do Pai. Ele sabe que não é fácil; reconhece que nas Constituições um dos artigos mais difíceis de viver é o artigo 43. Este artigo conecta ao mesmo tempo o dever e a paixão pela vontade de Deus nas, Comunidades, Províncias e Instituto: *“As Comunidades, as Províncias e o Instituto, chamados a viver a obediência evangélica pelo Reino, buscam sem cessar a vontade de Deus. Pode ser difícil reconhecer a vontade de Deus, sobretudo em períodos de mutações profundas e de renovação. Nós a discernimos na oração para chegar a decisões, em conversa com os Superiores. Este discernimento no Espírito Santo exige espírito de fé, escuta da Palavra, fidelidade ao carisma do Instituto, interpretação justa dos sinais dos tempos, e renúncia a interesses de pessoas ou de grupos.”*

Com outras palavras, reencontramos o meio espiritual produ-

649 Circ. A Obediência, p. 105-106.

650 De 19 de março de 1978.

651 De 30 de novembro de 1980.

zido pela fé e indispensável à fé: oração, diálogo com os Superiores, escuta da Palavra, fidelidade ao Espírito e ao carisma que ele fez surgir nas origens.

### 5.3.2 A Oração

Os meios realistas para que nossa fé se torne paixão pela vontade de Deus são a oração e a mediação dos superiores, mas também do diretor espiritual; e Basílio ficou 25 anos fiel ao mesmo diretor espiritual; só a morte os separou,<sup>652</sup> São dois outros grandes espaços da vida espiritual e, portanto, da fé de Basílio. O caderno 3 sobre a oração tratou abundantemente desse assunto. Aqui, podemos lembrar que as curtas Circulares sobre a oração: *A conversa sobre a oração*<sup>653</sup> e a *Oração*<sup>654</sup> receberam uma acolhida favorável entre os Irmãos, com aplicações pessoais imediatas. Faz parte da estratégia de Basílio, preceder a Circular sobre a Obediência pelo diálogo sobre a Oração: esta, convidando a uma oração mais filial, mais evangélica, preparava corações evangelizados para acolher com alegria a vontade do Pai como paixão para viver.<sup>655</sup> Mas no universo da Oração encontramos um Superior Geral que percorre o mundo marista dando em toda parte roteiros e conferências sobre a Oração e enviando os Irmãos às casas de Oração: Troussures, Spello, Lopiano, a Escola da Fé, de Friburgo. Ele sabe bem que a fé não recebe luz, alegria, entusiasmo e dinamismo senão pelo contato direto e abundante com Deus. A Conferência sobre a Oração, publicada no caderno 8, está cheia dessa luz que vem de Deus.

---

652 Circ. A Obediência, p. 8

653 De 1° de novembro de 1973.

654 De 8 de dezembro de 1982

655 Circ. A Obediência, p.8, e também a carta que introduz a conversa sobre a Oração, volume XXV das Circulares p. F.467.

A leitura cria fome de Deus, respeito e desejo dessa Palavra e desejo de possuir uma fé irradiante. Não são de menor qualidade as conferências sobre a Espiritualidade cristã, sobre a Espiritualidade apostólica e Marista, que Basílio ofereceu aos capitulares de 1985, convidando-os a ter 7 a 8 horas de oração pessoal durante os dias de retiro que precederiam o Capítulo Geral. Nós encontramos um texto semelhante nas conferências que dava aos Superiores Maiores, como aquela intitulada A contemplação a partir da ação ou ainda aquela que abriu a Conferência Geral de 1971 e que é conhecida com o título de “Meditação em voz alta”. Estas reflexões podem parecer distantes da fé, exceto se a fé é uma virtude, uma força dinâmica, que produz comportamentos, que orienta tudo para Deus e se é reconhecida não numa definição, mas nos seus frutos. A primeira Circular de Basílio, de 2 de janeiro de 1968, atesta sua fé na Igreja, no mundo, ‘talento cósmico’, mas também no conjunto de homens e de jovens que esperam a salvação, no carisma das origens, dom do Espírito ((Circular sobre o Espírito do Instituto). Sua Circular sobre a vida comunitária se liga facilmente ao segundo mandamento e revela a fé que nos move ao amor, ao dom total de nós, à promoção do outro, à pessoa, olhada com a retina de Deus e que se torna portanto “um absoluto”. Quanto à última Circular sobre a Fidelidade, adivinhemos o laço que há entre fé e fidelidade; a fidelidade é a fé que percorre de ponta a ponta a vida; a fidelidade é esta virtude que faz da vida um dom total, alegre, constante, que é obra de Deus e abertura do homem. A fidelidade diz sim, através das subidas e descidas da vida, a Deus, à Igreja, aos Irmãos, aos jovens, ao mundo. É a fé que se concretiza em vida, que produz uma vida de acordo com o credo que está no coração e que é

amado. Ler esta Circular, tecida de confidências dos Irmãos, a seu Superior Geral, é compreender como a fé de Basílio foi fortemente irrigada pela fé de seus Irmãos. Falar da fé de Basílio é professar também a fé da Congregação dos Irmãos Maristas. Outro aspecto da fé, a propósito dos escritos de Basílio: eles eram amadurecidos em longos tempos na oração, e frequentemente escritos num lugar que favorecia a oração; terminados, eram recomendados ainda à oração. É reconhecer que sua força, seu impacto pra converter o coração não vem senão de Deus. Não foi feita alusão à Circular Um novo espaço para Maria e pouco às Circulares sobre o Fundador. Elas serão objeto de uma reflexão particular. Todos os escritos de Basílio estão cheios de flashes que iluminam o universo da fé, a lógica da fé ou seu dinamismo. A Circular sobre o Espírito do Instituto<sup>656</sup> não é das mais marcantes entre aquelas que Basílio escreveu. Mesmo assim, ele analisa aí as virtudes maristas da humildade, da simplicidade e da modéstia, enraizando-as no coração da fé: “A humildade é a percepção profunda do homem no seu ser como homem, que não pode ser salvação para o homem e a necessita ser salvo por Deus. É a percepção da distância infinita entre a santidade de Deus e o nada do homem. Toda experiência de Deus deixa inevitavelmente, se ela é autêntica, uma profunda experiência de humildade que não deprime, mas que nos coloca no nosso lugar. E aquele que não é humilde demonstra por isso mesmo que não tem, nem a experiência de Deus, nem aliás, a experiência de homem.

No ateu moderno encontra-se humildade, mas somente com aspecto negativo: o sentido da miséria do homem. No cristão,

---

656 Ela data de 25 de dezembro de 1975

e também em outros homens religiosos, essa percepção da miséria volta-se em confiança em Deus.”<sup>657</sup> A humildade confirma a fé como salvação que vem de Deus, revelação gratuita que coloca em nós a luz para nossa adesão cordial e intelectual, que chega ao amor de Deus e nossa colaboração pelo Reino: não se trata, pois, de estabelecer um lugar de justiça perfeita aonde se entra quando se é justo, mas um lugar de salvação onde se salva e se é salvo, isto é, um lugar onde o homem é ao mesmo tempo objeto de salvação e agente de salvação. Não se trata de um clube de elite moral...A Igreja é um lugar de penitência e de reconciliação. Ela se submete ao julgamento de Deus para ser reconciliada por Deus. Cada cristão se percebe com sua realidade de pecador e se submete ao julgamento de Deus, que sabe que bom e salvador.” Nós estamos diante de uma bela profissão de fé e de confiança; a proclamação da grande misericórdia de Deus.

Seu olhar sobre a simplicidade é ainda mais audacioso e faz brilhar outra faceta da fé; “ Em Deus a unificação não é possível, porque ele já é UM. No homem esta unificação é um grande ideal. A evolução do homem deve ir na direção do simples, do essencial, do pacificado. Contrariamente à humildade, que deve passar pela fase da kénose, a simplicidade é uma situação superior onde se recebem dons que são dinâmicos, transformadores, frutíferos. Deus opera em nós. O ponto de partida é a palavra de verdade que nos é dada. Esta palavra de verdade que será preciso semear é em nós uma palavra que purifica, liberta, pacifica. O homem que se deixa trabalhar por Deus encontra em Deus a imagem de uma simplicidade tal que a mentira se

---

657 Circ. Sobre o Espírito do Instituto, p. 205.

torna repugnante.”<sup>658</sup> Estas citações não nos afastam da fé, elas mostram de que matéria é feita. Esta impressão se reforçará quando acompanharmos Basílio no seu olhar sobre a fé da Virgem Maria e do Fundador.

- 6 -

## Contemplando a Fé de Maria

*“Maria não foi um mito para nossos fundadores, foi um possante motor; mas o mundo destes últimos anos deixou um pouco afrouxar a correia de transmissão, e compete, sem dúvida às Congregações marianas, restituir ao mundo toda a força desta mulher. Maria, de fato, deve ter feito na trajetória de sua vida grande “métanoia” para seguir Jesus, que trazia ao mundo uma revolução, que estamos apenas descobrindo.”*<sup>659</sup>

A Circular que Basílio escreveu sobre a Virgem Maria, Um novo espaço para Maria, 1976, é uma das que receberam uma indiscutível acolhida favorável na Congregação: trazia oxigênio a uma parte vital de nossa espiritualidade marista que, desde Champagnat, é uma espiritualidade mariana: a Boa Mãe está no coração de todo marista. O mérito dessa Circular é de ter restituído confiança aos Irmãos, no amor que eles votavam à Boa Mãe, após as hesitações

---

<sup>658</sup> Circ. sobre o Espírito do Instituto, p. 229.23

<sup>659</sup> Carta ao R.P. Stephen Tutas, Superior Geral dos Marianistas, 9 de novembro de 1973, AFM 51.09. C1-Religiosos.



posteriores ao Vaticano II? Sim, mas há muito mais. O título é significativo: o espaço que nossa família religiosa ia conceder à Mãe do Senhor era um espaço novo cujas dimensões eram medidas no cordel da fé de Maria. Basílio oferecia uma visão nova de Maria, o semblante mariano, o mais verdadeiro, aquele da fé, aquele que situa Maria na primeira bem-aventurança do Evangelho: “Feliz, tu que creste”. A fé da Virgem Maria é o fio condutor de todo o prólogo teológico desta Circular, com perto de 110 páginas. Basílio tem impressões que não deixam dúvida: ele quer seguir “o itinerário da fé de Maria,”<sup>660</sup> Ela é a “peregrina na fé” que “até o fim vai prosseguir na peregrinação da fé.”<sup>661</sup> É a Mãe contemplativa,<sup>662</sup> a Virgem reflexiva,<sup>663</sup> vai viver todo o acontecimento de salvação na ótica da fé, nas luzes e nas sombras de todos os dias, nesse clima interior que a leva a discernir no seu coração as palavras e os gestos de seu Filho. É muito significativo que Basílio abra a Circular com a citação da carta aos Hebreus, 11 e 12: “Pela fé, Abel ofereceu... pela fé Hénoch..., pela fé Noé..., pela fé Abraão...”, e o título do primeiro capítulo é Maria, Mãe e Tipo dos crentes, cuja citação guia é: “E sua Mãe guardava todos estes acontecimentos no seu coração.”<sup>664</sup> Nesta fé estão as luzes da Anunciação, as alegrias da Visitação, as surpresas da apresentação ao Templo: eles estavam admirados do que diziam da criança.!”<sup>665</sup>, a estranha espada anunciada,<sup>666</sup> os tempos ainda incompreensíveis: “Eles não compreen-

660 Um Novo Espaço para Maria, p.306.

661 João Paulo II, dois anos mais tarde, na *Redemptoris Mater*, usará expressões muito próximas destas aqui e insiste muito também sobre a fé da Virgem Maria.

662 Um novo espaço para Maria, p. 276.

663 Um novo espaço para Maria, p.279.

664 Lc. 2, 51 – Um novo espaço para Maria, p. 268.

665 Lc 2,33.

666 Lc 2, 34.

deram o que lhes dizia”.<sup>667</sup> É uma fé que escuta e acolhe o que os outros fazem ou dizem. Maria se deixa instruir pela alegria de Isabel, pelo cântico de Zacarias, pelos pastores que chegam e os magos que oferecem dons, e a profecia de Simeão que apresenta o Filho como um sinal de contradição. Tudo é guardado no coração, um templo onde tudo é repensado e rezado. Caminhando com Maria até o pé da cruz, Basílio conclui: “Maria permaneceu lá nesses momentos essenciais para fazer plenamente a experiência da fé. Jamais uma experiência espiritual terá sido menos nebulosa...”<sup>668</sup> O título do último parágrafo que fecha o prólogo teológico é tão significativo quanto a citação dos Hebreus, que abria a reflexão: este título é o coroamento da fé de Maria.

Basílio nos apresenta, portanto a rosto da fé de Maria, avançando de página em página, sublinhando os novos passos que Maria percorre na fé. Não é mais a Virgem das prerrogativas, apesar de que estas sejam sempre acolhidas, a glória fundamental de Maria é a fé. Basílio convida assim toda nossa Família a colocar a devoção mariana na continuidade de Isabel, na compreensão que Lucas e a Igreja primitiva tinham da grandeza de Maria, nos tempos quando o Espírito inspira, faz cantar e ajuda a crer. Maria, então é “*Feliz por ter acreditado!*”<sup>669</sup>

Nessa contemplação da fé de Maria, Basílio chega a momentos de definições da própria fé: é o amor de Deus derramado nos corações, (graça), que nos ajuda a confiar em Deus, (graça), é esta confiança em Deus que permite o dom total de si, (aspecto humano da fé). A fé não é uma série de conceitos, nem um credo, mas dois

---

667 Lc 2, 50

668 Um novo espaço para Maria, p.363.

669 Lu 1,45.

amores que se encontram, o de Deus se revelando ao do homem que O acolhe tal como se revela. Basílio descreve a espiritualidade dos anawims e apresenta Maria, a “Filha de Sião”, como o membro mais eminente deste grupo.<sup>670</sup> Escreve: “Deus prepara com cuidado seus eleitos. Ele deve ter preparado sua bem-amada, inspirando-lhe o que ela devia fazer para se predispor à vocação pessoal, mesmo se esta vocação não lhe era conhecida antes da Anunciação. A resposta da jovem Maria a estas maravilhosas propostas foi a fé. Uma fé virginal, absoluta, cheia de amor. Uma fé viva que de antemão a inseria no plano de Deus e engajava a desempenhar o papel predisposto na história da salvação.”<sup>671</sup> E continua: “Tais são as duas vertentes de seu mistério: assumida por Deus e envolta por seu amor antes mesmo de o conhecer; mas também, fiel ao Senhor que fala através dos acontecimentos de sua vida, ela, aparentemente semelhante a seus contemporâneos, piedosa judia submissa à Lei e não tendo outra linguagem para responder à mensagem divina senão a do Antigo Testamento. Na realidade, pérola escondida sob a capa de uma existência banal.”<sup>672</sup>

Basílio completa esta primeira definição da fé acrescentando: “Quem diz Fé não diz Visão. A fé é sempre um conhecimento imperfeito e parcial. No claro-escuro de sua consciência de crente, Maria devia se perguntar muitas e muitas vezes o que veria a ser o Messias esperado...”<sup>673</sup> Toda vida de Maria foi uma busca incansável de Deus, na pessoa de seu Filho, uma longa marcha da fé em busca de luz. Sim, o que lhe é pedido no momento de se tornar Mãe desse Messias misterioso é um grande ato de fé; o anúncio da

---

670 Um novo espaço para Maria, p. 271-272

671 Um novo espaço para Maria, p.273

672 Um novo espaço para Maria, p. 275

673 Um novo espaço para Maria, pp. 273-274

concepção virginal lhe mostrou que é bom abandonar-se a Deus: ele vai sempre além das contradições.”<sup>674</sup> É nesta reflexão sobre a Anunciação que Basílio dá a definição mais completa do ato de fé: “Se examinarmos os elementos que compõem por assim dizer um ato de fé, damo-nos conta da perfeição do “fiat” de Maria. *Todo ato de fé é o efeito da inteligência que ‘vê’ pela Palavra de Deus nas trevas do Mistério; mas é também e indissoluvelmente o fruto de uma vontade que adere consciente e cordialmente ao plano e à Pessoa de Deus, sob o movimento do Espírito Santo...*”<sup>675</sup> E conclui sua reflexão sobre a Anunciação assim: “Abrindo seu coração à fé, seus lábios à aceitação e seu seio ao Salvador, Maria se comprometeu a viver a maternidade numa fé constante à Palavra de Deus. Ao longo de sua vida com Jesus, ela “será aquela que escuta a Palavra de Deus”, na Bíblia, sem dúvida, mas, sobretudo no seu Filho, tão semelhante a todos os filhos dos homens, e no entanto cada dia um pouco mais desconcertante, incompreensível, transcendente.”<sup>676</sup>

Seguindo Maria nos diversos acontecimentos de sua vida: Visitação, Apresentação ao Templo, Perda de Jesus, Caná, a Cruz, a vinda do Espírito Santo... Basílio mostra a coerência desta vida graças à fé e ele se deslumbra por isso.

Comprendemos que semelhante trabalho, que coloca em evidência o coração e as nuances da fé de Maria, não pode ser feito senão por um homem adulto na fé, que fala a partir de um mundo interior que lhe é familiar. Quando faz alusão ao claro-escuro da fé, ou à alegria que Maria tem ao se entregar à oração, ou à vontade de Deus, que Maria desvenda de um acontecimento a outro,

---

674 Um novo espaço para Maria, p. 286.

675 Um novo espaço para Maria, p. 287.

676 Um novo espaço para Maria, p. 289.

descobre-se por baixo a experiência de Basílio. Ele admira a fé de Maria e coloca sua própria vida nos passos da Mãe. Essa tentativa de Basílio de apresentar aos Irmãos a foto da Virgem Crente, e de lhes fazer compreender que esse Novo Espaço de Maria, era na nossa Família religiosa uma novidade, pelo menos pela centralidade e a insistência desta foto. Era trazer de volta a devoção à Boa Mãe ao coração dos valores cristãos e convidar todos os Irmãos a viverem mais sua vida na fé. Neste prólogo teológico, Maria não é olhada senão lá onde ela está presente nos evangelhos; toda a reflexão se enraíza no acontecimento da salvação: Jesus, o Filho de Deus, entre nós. É um convite a reencontrar a Virgem dos Evangelhos antes que aquela das devoções e práticas marianas secundárias: “É sempre meditando o Evangelho que é preciso encontrar a melhor foto possível de Maria. Um retrato pintado pelo Espírito Santo mesmo. Um retrato inesgotável...”<sup>677</sup> A nós religiosos educadores, ele nos deixa esta mensagem: apresentem aos jovens antes a Virgem do Evangelho! Uma mulher cuja fé não foi fácil.

Quando a Circular estava prestes a vir a lume, os Irmãos da Província da Itália lhe ofereceram um quadro pintado pelo Irmão Gino Righetto, a Virgem Maria com a criança. Olhando a pintura e pensando na Circular ele escreve: “Esta meiga maternidade exprime uma boa parte do que eu desejo para mim e para meus coirmãos: ‘Fazer de mim e de todos os Irmãos Maristas, tantas cópias de Maria no pensamento e na ação, para melhor encarnar Jesus e leva-lo às almas dos jovens;’”<sup>678</sup> Estamos na lógica da fé. No último parágrafo da introdução ele escreve: “O que envio é uma mensagem na linha bem determinada, que me parece válida para todas

---

<sup>677</sup> Um novo espaço para Maria, p. 315.

<sup>678</sup> Carta ao Ir. Provincial, 13 de outubro 1976. AFM 51.09.A4-Itália.

as concepções mariológicas e que quereria ser eminentemente dinâmica para um momento de renovação e particularmente capaz de nos dar uma lição de fidelidade e de abertura. Fidelidade ao essencial e abertura ao imprevisível do Espírito, num tempo quando a união da identidade e da flexibilidade parece tão indispensável quanto difícil.”<sup>679</sup> *Não lhes digo qual foi minha alegria recebendo os dois textos de trabalho sobre a Virgem Maria. Eu li num trago a edição francesa e frequentemente parei para rezar... pelo autor, movido por um forte reconhecimento.*<sup>680</sup>

- 7 -

## BASÍLIO E MARCELINO

Quando o Irmão Basílio contempla o Fundador, não se interessa sistematicamente pela fé de Marcelino, como fizera para a Mãe de Jesus. Em compensação, traz um olhar de fé, um conhecimento íntimo e familiar sobre a aventura espiritual de Marcelino. Lendo as páginas que escreveu sobre o Fundador, nós o descobrimos sensível ao meio espiritual, à lógica e ao dinamismo da fé de Champagnat. As alusões à fé de nosso Fundador são frequentes e às vezes ocupam mais de um parágrafo: “Este mundo da fé, não é outra coisa, caso queira, senão a realidade que nos rodeia e os acontecimentos nos quais tomamos parte, mas vistos à luz de Deus. Essa visão sobrenatural é muito mais rica que a realidade

---

679 Um novo espaço para Maria. Pp. 266-267.

680 Carta do Pe. Giuseppe M. Cagni, provincial dos padres Barnabitas, Florença dia 7 - 11.1977. AFM 51-09-C1 - Religiosos.

daqui embaixo, que ela ultrapassa.”<sup>681</sup> É um homem de fé que olha a fonte de onde o carisma marista surgiu; achamos nele conhecimento, admiração, reconhecimento, oração, confiança, altivez que nossa família religiosa tenha recebido de Deus um tal homem, um tal santo.

## 7.1 O ambiente espiritual da fé

É este conjunto de realidades espirituais que são o fruto da fé e permitem à fé ser ainda mais robusta e audaciosa. Falando do Fundador, Basílio chamava isto uma vida interior séria: “Conhecemos bem a profundidade de sua vida interior no seu duplo aspecto: o aspecto teológico e o ascético ou moral... Sua fé robusta, seu abandono filial a Deus, que, no seu caráter rude, adquire nuances de ternura quando se dirige a Maria, a profundidade de sua constância na oração, seu sentido muito vivo da paternidade de Deus, demonstram o sentido teologal de sua vida espiritual...A vida moral do Fundador (mortificação, humildade, paciência, obediência...) é ao mesmo tempo um fruto, uma resposta e um meio favorável à vida teologal, porque ela é gerada por um grande amor de Deus e um desejo irresistível de estar em contato com ele. Nenhuma ação de sua vida tem outra origem que o amor, e outro termo senão Deus. Quando nele aparece o homem, apresenta-se sempre banhado da luz de Deus, que ele ama plenamente. Não é o homem, certo, é Deus que se encontra no fundo do coração. Não é um humanista ou um líder social, é um santo, agindo como agem os santos.”<sup>682</sup> Todas estas páginas

681 Circ. 2 de janeiro de 1968, Os apelos do Fundador, p. 597.

682 Circ. 2 de janeiro 1968, Os apelos do Fundador, p. 591-593.

sobre Os Apelos do Fundador, de 478 a 633, na Circular de 2 de janeiro de 1968, são dessa fonte e Basílio passa constantemente de um olhar sobre o Fundador, a reflexões pessoais, cheias de fé luminosa. Lembra a convicção de Marcelino: “Um Irmão que não sabe rezar não sabe nem praticar a virtude, nem fazer o bem entre as crianças...”, mas acaba dizendo: “Uma espiritualidade que quer dispensar a oração é uma utopia.”<sup>683</sup> E se explica “Esquecemos que sem a oração não é possível adquirir e desenvolver um verdadeiro espírito de fé nem um verdadeiro espírito religioso. Ora, sem fé e sem espírito religioso, a consagração religiosa não tem nenhum sentido”.<sup>684</sup> Em carta a um Irmão, Basílio classificava a oração como a Intimidade com Deus: a força motriz de nossa vida.”<sup>685</sup> Voltando ao Fundador, ele lhe faz dizer: “Sem oração que nos realmente tudo se desgasta e degenera em nós...”<sup>686</sup> A densa presença da Virgem Maria na vida de Marcelino é um aspecto importante deste meio onde a fé se desenvolve espontaneamente, alegremente e com força. É sobre um parágrafo à Virgem Maria que Basílio conclui sua curta Circular 1980: Ano Champagnat: “Esta Circular da recordação e este convite, eu a deixo no coração e sob a proteção da doce Virgem Maria aquela que tudo fez entre nós e que se tornou toda naturalmente “Recurso Ordinário,” aquela que o Padre Champagnat amou tanto e tão bem serviu. Aquela que acumulou de seus favores e de sua ternura maternal o Pai Fundador e seus filhos; aquela que obterá as graças do coração, de espírito e de vontade que despertarão nossa imaginação, aquecerão nossa devoção e darão a nossa

---

683 Circ, de 2 de janeiro de 1968, Os apelos do Fundador, p. 595.

684 Circ de 2 de janeiro de 1968, Os apelos do Fundador, p. 596.

685 Relatório à Província de Luján, 7 de junho 1983, AFM 5109-A4, Luján

686 Circ. 2 janeiro 1968, p.601.



ação eficácia e constância para realizar um belo ano Champagnat realmente fecundo e útil para a Igreja, através de uma verdadeira renovação.”<sup>687</sup>

Ele faz falar nosso Fundador nesses termos, mas é também o fundo do seu coração; “Ele nos lembraria que não comprometemos nossa vida por tal e qual teólogo, fosse ele o melhor do mundo, mas somente pelo Cristo, que tem o poder de nos manter fiéis a sua graça até o fim (1Cor.1,18) e que é ele mesmo a origem e o fim de nosso engajamento.”<sup>688</sup> Basílio lembrará esta centralidade no Cristo aos primeiros Irmãos do México que partem para a Coréia como missionários: “Dele procede tudo, e sem ele, nada. Que o Cristo seja, portanto, sempre o centro de vossa vida.”<sup>689</sup> É nestes apelos do Fundador que Basílio insere sua reflexão sobre a tentação que era forte de fazer de Jesus um homem político e de tomar como exemplo o padre colombiano Camilo Torres que pegou o fuzil e o matagal para se colocar nas fileiras daqueles que queriam a mudança social através da violência: “Não se pode, sem traição, converter Jesus num personagem político e o Evangelho num manifesto revolucionário. A pessoa de Jesus, sua mensagem e sua obra redentora, serão o fermento, o desenvolvimento e o cume da transformação do mundo... e não outros meios como a violência da ação política e o exercício do poder temporal.”<sup>690</sup> A fé cria seu próprio meio de existência onde encontramos a abertura ao Espírito, a docilidade a suas sugestões: “O Espírito do Fundador que está na origem destas atitudes, é o Espírito Santo... As atitudes do Fundador, pode-se

---

687 Circ. 1980: Ano Champagnat, p. 181-183.

688 Circ. de 2 de janeiro de 1968, p. 599.

689 Carta de 4 de junho 1972, AFM 51.09. B1- México Central.

690 Circ 2 de janeiro de 1968, p. 555.

afirmar, são a resultante do impulso do Espírito e da fidelidade... a este Espírito.”<sup>691</sup>

## 7.2- A lógica da fé.

Quando Basílio apresenta a vida interior do Fundador, aborda seguidamente a lógica da fé. A vida teológica está em pé de igualdade com a ascese pessoal. Representando a sede de Deus, a sede também de purificação e de preparação à vida íntima com ele, Basílio é levado a abraçar tudo o que o aproxima dele.<sup>692</sup> A fé tem necessidade de uma oração abundante, de uma meditação frequente da Palavra de Deus. Ela sugere que a vontade de Deus se torne uma Paixão, o máximo mesmo: a paixão central de uma vida religiosa. A escolha dos três primeiros lugares vem na lógica da fé: o presépio, a cruz e o altar e que a Eucaristia se torna o coração do dia. Está na lógica da fé responder às ameaças sobre a casa de L’Hermitage através do canto da Salve Rainha e pela imposição do hábito religioso a um grupo de postulantes.<sup>693</sup> É na lógica da fé que Marcelino quer uma partilha total de sua vida com os Irmãos: “Nesta relação fundador-congregação, pai-filhos, é impressionante: viveu para isso, não viveu senão para isso, e morreu por ter feito bem demais tudo isso.”<sup>694</sup> Transmitir a fé na catequese não se faz com “os grandes meios de sucesso”: “(Marcelino está totalmente convencido de que a comunicação da Palavra, a formação à fé, o desabrochar da vida da graça e das

---

691 Cir., 2 de janeiro de 1968, pp 562 p564.

692 Circ. 2 de janeiro de 1968, p.593.

693 Circ. 2 de janeiro 1968, p. 554.

694 Circ. 1980: Ano Champagnat, p. 176.

virtudes cristãs exigem por ordem de sua natureza, o emprego de meios sobrenaturais bem determinados. É o que fez ele mesmo e é o que as regras nos pedem.”<sup>695</sup>

A lógica da fé vai pedir a Marcelino a união e a obediência à Igreja. Basílio lembra frequentemente a ligação de nosso Fundador ao papa. Na sua primeira Circular, cita uma página de Urs von Balthasar: “O anúncio autêntico da fé nasce, sobretudo da união atenta e consciente com o magistério da Igreja. Ela requer estudo aprofundado, meditação e oração. Somente assim é possível a atitude da alma que, sempre foi, é e será a condição pedida para anunciar a fé de um modo autêntico...”<sup>696</sup> Basílio faz aqui alusão ao risco que havia nestes anos todos próximos do Concílio, da embriaguez das ideias novas, dos teólogos à moda, a doença dos atenienses no tempo de Paulo: ávidos de ideias novas, mas não necessariamente de verdade e de vida. As virtudes tipicamente maristas de humildade, de simplicidade e de modéstia são ainda um aspecto da lógica da fé. Basílio as apresenta com profundidade e como um apelo do Fundador, nas páginas 616-630 de sua primeira Circular de 2 de janeiro 1968. A lógica da fé encerra as exigências que pedem a fé e a honestidade do crente a encarná-las na sua vida.

### 7.3 O dinamismo da fé

Faz parte da natureza da fé, na sua lógica, ser dinâmica, querer transmitir-se, produzir frutos. Imediatamente depois da Anuncia-

---

<sup>695</sup> Circ. 2 janeiro 1968, Os Apelos do Fundador, p.543.

<sup>696</sup> Circ. 2 janeiro 1968, p. 600.

ção, Maria parte com toda pressa para a primeira missão cristã; assim que os apóstolos receberam a força do Espírito partem pelos caminhos do mundo, a fim de anunciar que Jesus é o Cristo e Senhor. Basílio reencontra esse dinamismo na fé do Fundador: “Todo mundo conhece também a manifestação desta vitalidade interior no zelo intrépido, na caridade ardente para com todos, para com toda necessidade, sobretudo moral e na obra de seu Instituto, presente que seu coração ofereceu ao mundo em miséria.”<sup>697</sup> Na foto que Basílio faz do Fundador muitos aspectos lembram o dinamismo da fé: “A energia de seu caráter, a força de sua vontade, a ausência de medo, a presença no perigo real e diante do perigo possível... Outras atitudes complementares são, a coragem, a audácia e o entusiasmo com as quais o Fundador age naquilo que empreende, afrontando o perigo que vem de fora com serenidade e paz...O caso que se poderia oferecer como limite seria aquele da fundação do Instituto. Pessoalmente que tinha a dar a estes jovens recrutados em ambientes tão modestos?... Que tinha ele como cultura? E como recursos econômicos? Que ascendente tinha ele no âmbito clerical?... Que virtude? A isso é preciso responder: uma grande virtude, e desde então tudo muda, todas as proporções desaparecem, e tudo se explica por esse trunfo mestre; uma alma muito atenta e muito fiel ao Senhor.”<sup>698</sup>

A fé lhe permite ler os sinais dos tempos e o dinamismo desta fé de trazer então uma resposta. “É neste dinamismo que se inscreve a ambição apostólica de Marcelino: “Todas as dioceses do mundo entram em nossos planos!” É este dinamismo que Basílio quer suscitar na congregação, chamando a atenção dos Irmãos sobre a

---

697 Circ. 2 janeiro 1968, p. 591.

698 Circ. 2 de janeiro 1968, pp. 556-557.

realidade dos pobres e sobre as missões: “Lá onde é possível, devemos nos encarregar dos menos favorecidos, daqueles de quem ninguém se ocupa e empregar toda nossa iniciativa em abrir novas frentes. Se pudéssemos empregar 100% de nossos recursos em pessoal e em economia, faríamos um grande bem à Igreja. Nosso Fundador, é verdade, não excluiu o apostolado das classes mais favorecidas..., mas sabemos aonde iam suas preferências.”<sup>699</sup>

Esse dinamismo da fé não vai desabrochar em qualquer lugar, mas na missão que o Espírito indicou a Marcelino. É nos apelos do Fundador que Basílio lembra essa missão: “A formação à fé, a educação cristã, eis as tarefas que existirão sempre na Igreja até a Parusia. Acolher toda nova geração que chega, fazer com que ela se adapte ao seu mundo e à sua época histórica, e, sobretudo cristianizá-la, fazê-la tornar-se Igreja, fazer crescer Cristo nos corações ao longo da vida de cada um: eis a função que devemos preencher em perfeito acordo com os outros católicos do mundo... De todos os meios de educação cristã de que dispomos, a catequese é o eixo central.”<sup>700</sup> Em conclusão deste olhar sobre a fé de Marcelino, que nós adivinhamos ser também a de Basílio, porque ele o faz falar a partir daquilo que está convencido e que vive, é bom citar o convite da Circular de 1980: Ano Champagnat: “Será que nosso agradecimento, nosso diálogo com ele na oração, sim, será que todas essas formas de confidências a seu coração de Pai expressam bastante este espírito filial, esta gratidão, esta confiança que ele tanto merece?”<sup>701</sup>

---

699 Circ. 2 janeiro 1968, p.589

700 Circ. 2 janeiro 1968, p. 546-547.

701 Circ. 1980: Ano Champagnat, p. 177.

## Conclusão

Esta longa reflexão sobre a caminhada da fé de Basílio não nos colocou diante de um discurso ou uma doutrina, mas diante de um homem que testemunha sua fé em tudo o que realiza. Encontramos os frutos, as palavras, as opções, a lógica, o dinamismo, a atenção afetuosa da fé, a abertura do coração a Deus, onde o Espírito faz subir constantemente seu amor para Deus e para os homens: os dois grandes absolutos. A fé permite-lhe a confiança e a paz diante de tudo o que chega inesperadamente, porque a ressurreição permanece o horizonte final com uma firme esperança. A esperança é a fé que faz confiança em Deus por tudo o que é futuro. Ele proclama que Cristo é Senhor da história. Todos os caminhos do amor de Deus levam à Ressurreição, à Vida Eterna. Na esperança o coração fica disponível a Deus, ele sabe muito bem que se dirige a um Pai que é fiel em seu amor, e cujo Filho nos diz que ele é santo, que ele é perfeito. Esse tema da esperança será assunto de todo o caderno 10.

## CARTAS DITADAS PELA FÉ<sup>702</sup>

### 1. A um Irmão Doente<sup>703</sup>

A frase que escreveu quase no final de sua carta é muito expressiva: “Segundo seu desejo eu contei-lhe as misérias de meu corpo; hesitei antes de começar a me desvendar a seus olhos.” Eu compreendo tudo o que esta abertura me diz de sua aflição, de sua confiança e de sua amizade...

A lista cumulativa de suas doenças se torna impressionante, tanto mais se pensar que tem início no tempo do escolasticado e que isto o colocou, em algumas ocasiões, à beira da morte.

Ter levado a vida religiosa, comunitária e apostólica que viveu ao longo de mais de 60 anos, é verdadeiramente admirável. E pensar que trazendo tudo isto sobre suas costas, sonha ainda em poder dar catecismo às crianças, produz em mim uma grande admiração. São os Irmãos que o Pe. Champagnat sonhava.

Muito obrigado, Ph..., por esta confiança de amigo... Fico muito contente de saber que ao menos o moral resiste... Uma última palavra, Ph..., sobre a santidade. Você diz que eu o sobrestimo. É verdade que eu o amo muito, mas não é sobre isso que me apoio para minhas afirmações, e em nome do Senhor digo-lhe: “Ph..., a mesa está pronta para o banquete.” Ao longo de sua vida, sua fidelidade ao dever, à vida comunitária, aos votos, seu devotamento e zelo sem limites pelas crianças queimaram sua vida e consumiram seus anos no serviço de Deus nas pequenas escolas das crianças

<sup>702</sup> As cartas desta natureza são numerosas. Limitamo-nos a uma dúzia.

<sup>703</sup> Carta de 2-10-1985. AFM 51.09-A2-Saint-Genis-Laval.

do campo, e tudo isso carregando no silêncio, na paciência e na aceitação um conjunto de doenças. Se tudo isto não amadurece um coração na fé e no amor, o que é que poderia amadurecê-lo? O bom Deus está maravilhado com você! Seu coração está preparado, deixe o Espírito Santo realizar nele o que bem entender. Ele lhe concederá momentos suaves de intimidade e de paz. É lá que encontrará sua alegria, quando a falta de atividade o obrigar a outro tipo de vida... Com a grande afeição que lhe devoto, deixo-o no Sagrado Coração de Jesus, sob a suave proteção da Santa Virgem Maria e de seu grande protetor São José.

## **2. A propósito de uma reestruturação<sup>704</sup>**

“... Vocês não se enquadram no caso em que um se contentam de dar e o outro de receber, mas numa troca mútua, de um enxerto que, pela mistura da seiva, aumenta a vitalidade de toda a árvore. É preciso, portanto que no seu espírito e no seu coração se alarguem as fronteiras da família na qual cresceram, além dos limites de seu setor, e que, por conseguinte, aceitaram, com as mesmas disposições interiores, de serem chamados a trabalhar em..., ou em...,ou em...”

O que visamos, é o que lhes disse no decorrer dos últimos retiros, a saber, a renovação religiosa, primeiro, e depois a apostólica das Províncias...Digo-lhes minha convicção: isso se realizará na medida em que souberem colocar a confiança em Deus, na fidelidade à oração e às decisões de nosso último Capítulo Geral.

Permitam-me lembrar-lhes a este propósito, uma página da

---

<sup>704</sup> Carta de 18 de fevereiro de 1972. AFM 51.09-6641. Esta carta encorajava a fusão de duas Províncias de Notre- Dame de l’Hermitage e do Sud-Oeste



vida de nosso Bem-aventurado Fundador: “Não há virtude que o Pe. Champagnat não tenha recomendado tanto a seus Irmãos que a confiança em Deus. Ele comentou milhares de vezes os dois primeiros versículos do salmo: “Se o Senhor não construir a casa”, e as explicações que ele deu a respeito formariam volumes. Não se espantem, dizia ele, de me ver voltar sem cessar sobre o mesmo assunto: é por ser o mais importante, é que ele é tudo. Com efeito, o próprio do homem é a fraqueza, é a miséria e o nada; ele não tem nada, não pode nada sem o socorro de Deus; nossa fraqueza, nossas necessidades contínuas são, portanto tantos motivos que devem nos levar a colocar nossa confiança em Deus. Mas há ainda outra coisa mais própria para nos inspirar uma confiança sem limites, é que esta virtude é a medida das graças que recebemos e que Deus nos dá sempre segundo a confiança que nós temos Nele. Ele nos diz como aos israelitas: “Toda a terra que vós calcais aos pés será vossa; isto é, eu vos darei tudo o que esperais de minha bondade. Se esperais de mim a graça para combater vossas paixões, para corrigir vossos defeitos e para triunfar de vossos inimigos, vós o tereis; se esperais de mim a virtude, eu vo-la darei; se desejais o sucesso nos vossos empreendimentos, eu vo-lo concederei; tende confiança em mim, e serei vosso protetor, vosso amigo, vosso pai; abençoarei todos os vossos passos; satisfarei todos os vossos desejos; eu vos darei os bens da natureza tanto quanto forem necessários, os bens da graça, os bens da glória, numa palavra: tende confiança em mim e hauri do seio de minha misericórdia todos os dons, todos os favores que desejais.” (ed.1887, p.322-323).

Que esta confiança os anime e fortifique sua coragem meus queridos Irmãos, e que Maria, nossa Mãe lhes seja um modelo em tudo.

### **Carta a um provincial**<sup>705</sup>

... Com certeza, o livro do Pe. Valensin: “A alegria na fé” permanece como uma obra de um doutor maravilhoso. Ele produz, depois de uma cura – como se poderia dizer – efetuada pela leitura e a meditação do texto, resultados simplesmente sensacionais. A bondade de Deus, sua ternura toda paternal, seu amor gratuito constituem a grande realidade do cristianismo. Deus nos ama mais de quanto podemos nos amar a nós mesmos, e é um amor gratuito. É ele que nos ama. E por seu amor ele quer nos transformar, incorporar-nos a Ele como a gota de água caída no oceano...

E agora, meu caro, vou examinar o último ponto de sua carta. Aquele a que faz referência na continuação da leitura da Circular sobre a Obediência. É certo que hoje em dia, registramos as coisas que tentam nos desencorajar. Nessas circunstâncias devemos nos lembrar de alguns princípios de base que nos repõem em sela para nos permitir continuar nossa cavalgada. Assim a disponibilidade que o Mestre espera de quem assume encargos é de querer realizar o que o Pai espera de nós e nada mais do que aquilo que o Pai solicita de nossos esforços. E por outro lado, há uma coisa muito certa de que devemos nos relembrar: não está ao nosso alcance obter que cada um dos Irmãos que temos debaixo de nosso cajado possa aceitar e acreditar isso. Assim, há uma grande diferença entre nosso amor e a adesão profunda à vontade do Pai e a capacidade de nossos Irmãos para ouvir e descobrir isso. Entretanto, esta é a progressão que os superiores têm a fazer, realizar passo a passo, para encaminhar na direção do almejado...

---

705 Carta de 19 de setembro 1975. AFM 51.09-66-41. Basílio tem o hábito de escrever as palavras que são importantes para ele tudo em maiúsculas: MESTRE, PAI, RECURSO ORDINÁRIO, mas os nomes e prenomes das pessoas também. É certamente um aspecto de sua personalidade: a grande importância que ele dá a Deus, aos santos e a cada pessoa humana.

Coragem sempre, e coloquemos sem cessar ao nosso lado o 'RECURSO ORDINÁRIO' e especialmente rezando com mais fervor durante este belo mês do Santo Rosário.

Seu Irmão e Amigo.

#### **4. Diante dos Provinciais do Canadá**

Abertura da reunião, 25 de julho 1977.

Senhor, eis-nos reunidos neste momento em tua presença, os responsáveis destas três Províncias canadenses que viram tantos Irmãos maravilhosos se devotar, viver, entusiasmar-se, imolar-se mesmo, pela causa da educação cristã e a edificação da vida marista.

Nós te louvamos por eles e com eles. Nós te agradecemos, nós que somos os herdeiros deste passado glorioso, e queremos, no hoje do Canadá, cheio de esperança e de fermento, saber escutar teus sinais, descobrir teus desejos e tua vontade, e empregar nossas forças trabalhando em equipe, os olhos fixos no futuro, para dar um impulso novo a todo o Canadá marista. Ajuda-nos, Senhor, a sermos nós mesmos testemunhas a entusiasmar nossos Irmãos por esta tarefa maravilhosa da educação cristã, no seguimento de teu Filho Jesus Cristo. Nós o pedimos por aquela que é nosso Recurso Ordinário, nossa Padroeira, nossa primeira Superiora, que vai presidir de uma maneira especial, esta manhã de busca e de partilha...

*Nossa Senhora, trono da sabedoria, rogai por nós.*

*Nossa Senhora do Bom Conselho, rogai por nós.*

*Bem-aventurado Marcelino Champagnat, rogai por nós.*

*Venerável Irmão Francisco, rogai por nós.*

## 5- A um Irmão Provincial que deixa o Instituto<sup>706</sup>

Acabo de receber sua carta. Eu compreendo que necessite de uma resposta rápida e que venha do coração...

Parto sempre do primeiro ponto de nosso diálogo, que era a busca da verdade de Deus e da sua vontade sobre você. Parece-me que isto permanece ainda a coluna vertebral de seu comportamento atual. Eu lhe disse isso com muita afeição e procurando de todo coração seu bem, como você mesmo tem procurado fazer em casos bem mais graves e difíceis para Irmãos que se tinham envolvido bem mais em ligações de amor... Em nenhum modo quis dogmatizar, nem julgar, mas somente propor-lhe elementos de reflexão e de conselho. Era o que me havia pedido e eu como superior e guia acredito dever fazer.

Teria ficado magoado se minha intervenção não tivesse tido um caráter pastoral... O único que pode verdadeiramente saber se minha ação foi pastoral é o Pastor dos pastores. O que não se pode esquecer é que há ações pastorais que são dolorosas. Cristo viveu e fez viver a Cruz que salva, e ele tinha anunciado a seus eleitos, a seus discípulos que se isso tinha acontecido ao Mestre, eles não podiam esperar menos. É muito difícil saber quando uma ação que Deus nos pede para um Irmão deve ser uma palavra conciliadora, pacificadora ou quando, ao contrário ela deve ser uma palavra que convida a ir além; esta em certas condições, é dolorosa. As histórias de intervenções de Deus, do Cristo e dos santos são cheias de umas e de outras. Eu teria desejado sintetizar as duas... Mantenha sua paz, meu querido Irmão, por tudo o que passou. Estou certo de que no coração de Deus tudo está esquecido e perdoado, sobretudo se isto foi feito em condições

---

<sup>706</sup> Como um certo número de outros, esse Irmão deixa sob depressão: os tempos estavam muito difíceis para os Provinciais. A calma de Basílio não se explica senão por uma esperança fortemente ancorada em Deus.

depressivas. É certo que em Deus só há amor, seus dons são sem arrendimento. E de nosso lado, seus amigos, esteja certo só há afeição e grande estima. Cria, meu caro Irmão, que à medida que o tempo passar e que a dificuldade crescer, minha afeição por você aumentará, eu o acompanho mais e o coloco no coração de Cristo. É a Ele e à Mãe que o recomendo com uma grande confiança.<sup>707</sup>

## 6. Resposta de um amigo

... Não sabes quanto te agradeço por tua saudação fraterna plena de afeição por ocasião da minha nomeação para presidir a Congregação dos religiosos. Eu te sinto muito próximo, verdadeiramente como um grande amigo. É por isso que conto já com tuas orações e com tua colaboração. Eu terei necessidade dela mais de uma vez.

Volto a Roma nos primeiros dias de dezembro para me instalar aí definitivamente. Quero servir os religiosos do mundo como um verdadeiro pai e pastor. Quero animar a vida religiosa de dentro, num espírito de oração e de fidelidade. Não deves trocar em nada teu modo de me tratar pelo tu. Se me tens tratado de tu até o presente, deverás continuar assim, sobretudo nos nossos encontros não oficiais. Sabes que uma das grandes virtudes evangélicas é a espontaneidade na fraternidade.

Meu caro Basílio, ainda uma vez agradeço-te pela delicadeza de tuas linhas e por tua oração. Se Deus quiser, nos encontraremos logo, em Roma.

Um grande abraço e minha bênção para ti e para toda tua obra.

Eduardo Pironio (cardeal)

---

707 AFM 52.09-D2

## **7. Dois amigos afirmam a amizade e a fé entre eles.**<sup>708</sup>

Esta carta não tem nada de oficial, ela é toda pessoal. Escrevo desde Ariccia, da casa de exercícios dos Padres da Sociedade de São Paulo. Retirei-me para escrever a Circular sobre a vida de comunidade que enviarei aos Irmãos... O motivo principal desta carta é de lhe exprimir meus sentimentos de gratidão pelas atenções de que fui alvo por ocasião de minha recente visita ao Líbano e adiantar meus votos para as próximas festividades. Sua afeição e sua disponibilidade não me passaram despercebidas: todo o tempo e toda atenção que colocou a me escutar, nos diversos encontros que eu tinha solicitado, como também seu gesto de nos convidar para uma refeição na Nunciatura, me sensibilizaram bastante... Bem sabe, Excelência, que os tempos atuais, tanto para a sociedade como para a Igreja, apresentam uma perda de orientação e de adaptação em vários aspectos. Espero que a curva ascendente retorne e assistiremos a um reflorir da vida religiosa na primavera pós-conciliar...

O bem que faz sinto-o ressoar duplamente na minha alma, antes como bem à Igreja e à sociedade, e depois com seu sucesso nessa maneira incansável de servir a causa de Cristo. Eis porque, quando pude observar quão profundamente o Líbano tinha entrado no seu coração e como o situou no coração dos libaneses e como sua ação é um fator de união e de serenidade, eu experimentei uma grande alegria. Alguém me dizia: “O núncio é aquele que mais se parece com João XXIII.”...

Perdoe-me, Excelência, o estilo desta carta, sem formalismo

---

<sup>708</sup> Carta do Ir. Basílio a Dom Alfredo Bruniera, Núncio no Líbano, Carta de 7 de dezembro de 1969. E resposta do Núncio, dia 28 de dezembro de 1969.

algum nem protocolo. Para mim é um pai e me dirijo a Vossa Excelência enquanto tal. Sua qualidade de Núncio Apostólico... é para mim a presença em si do Santo Padre, a presença do Pai da cristandade...

*Resposta de sua Excelência Monsenhor Alfredo Bruniera, Núncio.*

Agradeço os sentimentos que expressou em relação a minha modesta pessoa. Não tive outro mérito que de ter incluído a bela alma, a inteligência perspicaz e a abnegação total à Igreja e às almas daquele que está hoje chamado pela Providência a governar um dos mais importantes institutos.

Eu não duvido que, apesar de outros encargos, continuará a guiar sua Família com a firmeza e a sabedoria que todos reconhecem e apreciam. Sua visita, ou melhor, suas duas visitas ao Líbano produziram um bem impensável e elas serviram para inspirar a todos os seus coirmãos, confiança e coragem, a fim de continuarem na árdua fadiga de todos os dias.<sup>709</sup>

---

709 Monsenhor Alfred Bruinera conheceu os Irmãos Maristas na China, no Congo, no Equador, Uruguai e finalmente no Líbano. É quando Basílio trabalhava no Equador, 1961 - 1964, como responsável do Movimento Mundo Melhor, que eles se tornaram profundamente amigos.

## **8. Pediu-se a Basílio uma palavra sobre o Padre Lombardi<sup>710</sup>**

*Basílio colocará em relevo seu espírito de fé, seu amor à Igreja e acolhimento da Cruz.*

1. *Seu espírito de fé:* A nós, homens devotados ao serviço da Igreja, eu diria por profissão, acontece-nos quase frequentemente seguir um caminho um pouco descendente. De início sente-se muito vivamente e vive-se intensamente o apelo, e depois, pouco a pouco, a complexidade do real, o cansaço do viver e de outros fatores nos encaminham para o escorregadio de uma atitude nascida exclusivamente da fé, mas que põe a atuar motivações muito mais complexas – e que chamamos de realistas! A natureza, a carne retomaram seu lugar: percebe-se por si mesmo e vê-se também que não se está só! Entretanto, a vida me permitiu encontrar algumas pessoas que se guiavam unicamente pela fé; diria, por exemplo, Madre Teresa, entre os vivos, e Dom Alberione entre os mortos. Pois bem, foi também o caso do padre Lombardi. Nossas relações bastante íntimas e frequentes me teriam certamente permitido perceber fraquezas na fé, desleixo do lado da natureza se isso se tivesse manifestado. Ora, em momento algum, parece-me, o padre Lombardi agia deixando-se levar conscientemente por considerações e interesses humanos.
2. *Amor pela Igreja:* Devo certamente ao padre Lombardi, uma descoberta mais profunda do mistério da Igreja e um amor mais profundo por ela. Sua devoção à Igreja era tão radical que

---

<sup>710</sup> O padre Ricardo Lombardi acaba de falecer. Estamos em novembro de 1980. O padre Lombardi é o fundador do Movimento por um Mundo Melhor. Basílio trabalhou com ele em Roma, depois como seu delegado no Equador e em vários países da América Latina. CF. AFM 51.09-D1.



se tornara a paixão de sua vida e a mensagem quase contínua de suas pregações, nos retiros... Devo dizer-lhes que se tenho agora uma mentalidade, na qual o sentido de Igreja tomou a dianteira sobre um certo espírito de campanário, devo sem dúvida ao sopro passado pelo Vaticano II, que experimentei mais fortemente devido ao padre Lombardi... Pessoalmente recebi do padre Lombardi um sentido de Igreja que marcou minha vida.

3. *Sua aceitação da cruz.* Uma terceira característica do padre Lombardi, é seu sentido da Cruz. De um modo ou de outro, pode-se dizer que sua vida foi demarcada um pouco continuamente pela cruz... Sobretudo no fim da sua vida, ele se achou descartado. Misterioso esquecimento? Condições psicossomáticas cada vez mais negativas, causadas pela doença? É naquele momento que ele fez, a alguns de seus amigos mais chegados, confidências que devo mantê-las secretas, mas que me mostraram o grau de sofrimento ao qual pode chegar uma vida humana, e a noite escura que um homem pode ter de atravessar numa autêntica crucifixão. Ora, é aí que ele soube dar, no amor à cruz e o abandono entre as mãos de Deus, um exemplo inesquecível. Sim, ele quis queimar toda sua vida pelo Cristo e pela Igreja...

## 9. Santíssimo Padre<sup>711</sup>

Em nome de todo o Instituto dos Irmãos Maristas das Escolas, em nome de seu Conselho Geral aqui presente e em meu nome pessoal, apresento-vos o respeito, a humilde obediência e o fi-

---

711 Encontro que aconteceu 25 de julho 1985 em Castelgandolfo. AFM 51.09-D1

lial apego que dedicamos a vossa pessoa como nosso Superior e o representante de Jesus Cristo. O Bem-aventurado Marcelino Champagnat, nosso Fundador, deu-nos o exemplo de um amor incondicional e cordial para com o Papa. Eis porque temos o dever de conservar em nós os mesmos sentimentos. Eis porque nós vos dizemos a nossa alegria de poder vos encontrar esta manhã. Há muito tempo desejávamos este encontro. Nós somos, portanto, particularmente felizes de poder, na intimidade, vos manifestar nossos sentimentos de afeição e de vos comunicar diretamente nossas preocupações.

Proximamente, primeiro de setembro vamos reunir nosso Capítulo Geral ordinário, como o fazemos todos os nove anos. Sua tarefa será principalmente a de rever as Constituições... O único cuidado que nos guia é o de sermos fiéis às diretivas da Igreja... e de mantermos o espírito de nosso Fundador. Com efeito, estamos convencidos de que é para nós o único meio de cumprir eficazmente a tarefa que nos foi confiada pela Igreja, a saber, a evangelização da juventude e de sua educação especialmente pela escola, conforme a inspiração que Marcelino Champagnat recebeu do Espírito Santo, há já 170 anos.

O que também tomamos a peito, Santo Padre, é a canonização de nosso Fundador. Com este fim, estamos estudando o caso de um de nossos Irmãos curado, fruto da intercessão do Bem-aventurado Marcelino Champagnat, de uma maneira que nos parece miraculosa. Aliás, recebemos, da parte de 24 conferências episcopais e de 641 bispos de cinco continentes, testemunhos em favor de nossa causa. E não é igualmente um sinal da santidade de nosso Fundador, a vitalidade de sua obra através mais de um século e meio de existência? Ousamos, portanto, recomendar este assun-

to a vossa paternal atenção. Nós vos reiteramos nossa felicidade em vos testemunhar o quanto somos reconhecidos por todos os esforços desenvolvidos em favor do povo cristão e do qual somos uma porção, disposta de todo coração, a colaborar segundo nossas forças, na grande tarefa da Igreja para a salvação do mundo.

### **10. Uma mãe escreve a Basílio<sup>712</sup>**

O senhor não pode imaginar a surpresa e a alegria que me causaram os votos pelo meu aniversário. Eu lhe sou profundamente reconhecido por esta lembrança. Que Deus lhe seja favorável por este gesto tão delicado e tão cristão... Basílio, já são sete anos que meu marido morreu. Guardo dele lições indeléveis: o temor de Deus, a honestidade, a retidão, a simplicidade de vida, o devotamento aos filhos, o amor aos pobres, a hospitalidade. Nossa casa na fazenda estava sempre cheia. Meu marido gostava muito ter hóspedes à mesa. Isto aumentava meu trabalho, mas ele me ensinava, ao mesmo tempo, nossa fraternidade em Deus.

Tenho 13 filhos e uma centena de sobrinhos e sobrinhas netos. Nós somos muito unidos. O senhor sabe que tenho três filhos maristas? Para mim este é um motivo de ufania e de santa vaidade.

Nunca recusei as maternidades. De Deus recebi os filhos; a Deus entreguei os filhos. No dia do batismo, consagrava-os pessoalmente a Nossa Senhora. Estou persuadida de que Nossa Senhora sempre foi e é ainda fonte de união, de concórdia entre nós. É ela que nos mantém cristãos.

---

712 Carta de 16 novembro 1977. AFM 51.09-C1.

Irmão Basílio, eu me sinto uma mãe feliz. Vivo unida não somente com os de minha família, mas também com meus vizinhos, os conhecidos e os amigos.

Todos os dias que recito o rosário de Nossa Senhora, recebo a comunhão, faço minha meditação cotidiana após a comunhão. Estes momentos de oração são para mim de uma alegria indizível. É neles que encontro a graça e a força de Deus para ir adiante apesar das dificuldades naturais da vida. Quando virá fazer-nos uma visitinha? Venha passar alguns dias na nossa casa. De bom grado enviarei um carro busca-lo no Rio<sup>713</sup>...

### **11. Dois amigos se sustentam na fé<sup>714</sup>**

“Meu Revmo. Irmão, sua carta me edificou e estou certo de que ela teve idêntico efeito sobre os outros destinatários. Que Deus o abençoe, que a Santíssima Trindade ilumine sempre seu itinerário espiritual. A Virgem Santíssima, a Virgem Maria, seja sempre a guia no esforço de viver pelos outros. “Esta a vida mais rica e mais bela que nos torna dignos discípulos de nosso Senhor Jesus Cristo.”

“... Creia, caro professor que, conhecendo-o há 25 anos, sempre o tive com grande estima, porque vi em si um cristão exemplar, um homem de honestidade incorruptível, de uma doutrina segura a toda prova e de um extraordinário amor à Igreja. Como empre-

---

713 A senhora diz que a cidade está próxima do Rio, entretanto fica a mais de 1000 quilômetros... mas no Brasil.

714 Dois extratos de cartas. A primeira é do Professor Giuseppe Palladino, Italiano, um dos maiores experts em contabilidade. A carta leva uma data especial: São Mateus, 1985. Basílio lhe responde dia 5 de outubro 1985. AFM 51.09-C3.

gado, pai de família, esposo, viúvo e patriota, o senhor tem dado testemunho verdadeiramente insuperável. Digo-lhe, o coração na mão, sem nenhuma sombra de adulação. Sei que é verdade, e no mais, tenho a plena convicção de que tudo, absolutamente todo o bem que há em nós, pobres pecadores, vem de Deus; é sua grande ternura e sua graça que nos resgataram...”

## 12. Seria necessário um santo<sup>715</sup>

... Inicialmente devo dizer-lhe que me senti tomado de grande alegria diante da sua confiança, sua simplicidade, sua corajosa abertura, declarando-me francamente tudo que julga falso em muitos setores de nossas Instituições de Formação Permanente e também em nossa vida comunitária.

Boa parte do conteúdo de sua missiva refere-se desfavoravelmente à minha liderança, seja para as pessoas, seja para as Províncias durante os retiros, os encontros, as assembleias de estudo, as previsões...

Pessoalmente eu não devo fazer-me juiz de mim mesmo, mas com tudo isso, suas críticas me servirão excelentemente para repensar meus projetos de animação comunitária, e, sobretudo, para refletir humildemente diante do Senhor.

Permita-me somente ponderar o que segue: é preciso distinguir três coisas: a doutrina, os conselhos e o testemunho. Para o que é da doutrina, estou moralmente certo de estar de acordo com o Santo Padre e o Concílio. Quanto aos conselhos, eu penso que

---

715 Carta de 28 de fevereiro 1978. AFM 51.09-6642.

sempre exigi o que o Senhor e o Evangelho pedem e pedirão sempre. Eu nunca insinuei as vias da facilidade.

Para o que respeita o testemunho, é lá que se encontra o ponto fraco, porque atualmente seria necessário um santo!... E eu estou longe de sê-lo. Finalmente sobre a oração, em todas as conferências, em todos os encontros, com os Irmãos, nos retiros, nas reuniões de grupo, nas assembleias gerais, enfim, em tudo o que eu fiz, foi o de inculcar em todos os Irmãos a importância vital da oração.

De qualquer maneira, meu caro Irmão... sou-lhe agradecido pelas observações de sua carta. Vou meditá-la diante do Senhor para tirar dela o máximo de proveito possível.

Recomendo-o aos corações de Jesus e de Maria, e muito cordial e fraternalmente, me digo seu servidor em Cristo.

### **13. Madre Teresa**<sup>716</sup>

Meu caro Irmão,

“Agradeço-lhe de todo coração por sua carta de 21 de novembro 1971. “Ele veio entre os seus e os seus não o receberam.” Os seus não o reconheciam. “Eu tive fome e vós não me destes de comer”. Ele não foi reconhecido porque ninguém lhe deu de comer.

É hoje que Jesus vem em direção aos jovens e aos adultos, e eles não o reconhecem. Observemos os jovens e veremos que Jesus tem fome e sede de amor; e, entretanto, nós não encontramos as pessoas que possam lhes dar a Palavra de Deus – O PÃO DA VIDA...

---

<sup>716</sup> Carta de Madre Teresa de Calcutá, 11 dezembro 1971. Basílio quis que fosse enviada a todo o Instituto. Madre Teresa de Calcutá foi beatificada em 19 de outubro de 2003.

Meus Irmãos, vocês consagraram a vida para fazer Cristo conhecido... para ensinar aos jovens a Palavra de Deus... e cruzam os braços? Somente vocês podem preencher este vazio, somente vocês podem falar a linguagem da juventude. Se abandonam seu posto, se quebram a promessa que fizeram a Deus, quem dará aos jovens O PÃO DA VIDA?

Será que isso não lhes diz respeito, Irmãos Educadores, que a juventude morra porque ela não descobriu Cristo? O que estão fazendo?

Vocês se comprometeram a partilhar o Pão da Palavra com os jovens... a ir trabalhar nos casebres,... a trabalhar com os pobres. Vocês escolheram uma vida de pobreza para que pudessem chegar a amar Cristo com toda a alma, pelo caminho da obediência até à morte. Abram os corações e as portas de suas escolas aos indigentes e infalivelmente reconhecerão Cristo quando ele vier disfarçado sob farrapos de pobre. Quando ele vier sedento de saber, vocês lhe darão de beber.

Comportem-se com os pobres com todo o respeito possível, até mais, se possível que aos ricos. Seu trabalho de Irmãos da Educação Cristã será verdadeiramente belo, se o realizam com amor. Se seus ensinamentos são acompanhados pela oração, darão a Cristo a chance de ser ele quem ensina por vocês. Assim, portanto, é a mesma coisa que nas suas escolas, há ricos e pobres. O importante é a qualidade do amor que colocarem no ensino. Se amarem, farão todo o possível para que Cristo seja o Mestre.

Cristo nunca fez distinções: dava no mesmo se seus ouvintes fossem ricos ou pobres. Ele era para todos o Caminho, a Vida, a Luz, o Amor. Eis, o que deve ser um Irmão...

Para vocês como para mim a pobreza é idêntica: é permitir a Cristo que continue a levar uma vida de despojamento que Ele escolheu para Si. Ele, de rico que era se fez pobre por nós. Mesmo se por alguma razão, devem ensinar somente às crianças de famílias ricas, não se preocupem, pois que não é o dinheiro que buscais, mas a alma das crianças, destas criaturas que são filhos de Deus.

Como é bela a vocação do Irmão quando a vemos com os olhos do Cristo. “É a mim que o fizestes”. Amemos Cristo com amor íntegro, na castidade, um coração livre graças à pobreza, até à morte, graças à obediência e assim, faremos brilhar sua luz no mundo de hoje.

Rezem frequentemente, rezem por mim. Sua, de todo Coração, em Jesus.

### **Carta dirigida a Madre Teresa<sup>717</sup>**

“Acabo de ter a oportunidade, durante o Sínodo, de encontrar Madre Teresa de Calcutta, de conversar longamente com ela. Eu me senti interpelado pela vida desta mulher toda inteira doada ao evangelho, e queria estabelecer um contato permanente entre nossa Congregação e a obra que ela realiza, porque se há um grupo humano dedicado aos mais desfavorecidos, penso que é o dela.

Permiti-me, portanto de lhe remeter nosso livro de endereços, caso suas viagens apresentem a necessidade de ser acolhida ou de receber tal ou tal informação ou de entrar em contato com tal ou tal pessoa ou enfim, se precisar de receber ajuda.

---

<sup>717</sup> Carta de 11 de novembro de 1980. Basílio dirige esta carta a todos os Provinciais e a todos os Diretores



Vocês conhecem a palavra: “Quem acolhe um profeta na qualidade de profeta receberá uma recompensa de profeta... e quem der de beber, nem que seja um copo d’água fresca, a um desses meus pequeninos na qualidade de discípulo, em verdade, eu vos declaro, ele não perderá sua recompensa..” (Mat. 10,41-42). Se, portanto, alguma de suas casas se encontrar no setor por onde passam Irmãs de Madre Teresa, eu me permito também de recomendar a atenção de vocês para as necessidades que cito mais acima: necessidade de contato, de ajuda, etc. como nós já fazemos com as Irmãzinhas de Jesus.

Envio um exemplar desta carta à Madre Teresa para que ela se sinta mais livre de nos fazer apelo se a ocasião se apresentar. De antemão agradeço pelo que puderem fazer assim aos menores de nossos irmãos humanos e lhes peço de crer na minha oração bem fraterna.

### **13. Carta a um sacerdote**<sup>718</sup>

Caro amigo,

Retornando de Lourdes, o Irmão Powel Prieur me falou do senhor e me transmitiu os detalhes que lhe forneceu antes de sua partida. Dissera-me igualmente que haveria de telefonar no dia 19 outubro entre 8.00 e 8.30 da manhã. Eu bem que esperava falar-lhe antes de chegar a qualquer decisão porque gostaria muito de ajudá-lo.

Estou certo de que com a graça de Deus, a oração e nossa boa

---

<sup>718</sup> Carta de 24 outubro 1979. AFM 51.09-D3- Sacerdotes

vontade, tudo é possível. Esta manhã mesmo, no ofício dizia-se: “És tu, Yahweh, minha lâmpada: meu Deus, ilumina minha obscuridade; contigo eu abro o recinto, com meu Deus eu pulo a muralha” (Salmo 18). É sempre a mesma coisa: Deus pode nos fazer o impossível, Ele veio à terra para estar conosco, agir conosco, caminhar conosco; quer viremos à direita ou à esquerda, Ele está lá e nos estende a mão; e se estamos perdidos Ele nos indica o caminho. Pode-se contar com seu amor. Ele é nosso rochedo. Se o Espírito Santo o encorajou a dar um passo, lhe sugerirá outros. Não hesite. Deixe-se guiar por Ele. Reze com confiança. Rezemos juntos para conhecer sua vontade e para sermos disponíveis; devemos estar à escuta.

Asseguro-lhe que farei o meu possível para ajudá-lo. Não lhe posso oferecer possibilidade agora, porque não nos falamos ainda. É juntos que podemos encontrar o caminho a seguir. Junto com nossa Boa Mãe que honra sem dúvida e ama enormemente. Sua presença em Lourdes me permite escrever isso com toda confiança.

Esperando receber suas notícias logo, fico fraternalmente seu em Jesus, Maria, José e Champagnat.

#### **14. Carta a um Antigo Aluno**<sup>719</sup>

...Um de seus amigos me propôs de lhe escrever uma carta, aproveitando de minha amizade pessoal com o Núncio apostólico, Dom Bruniera, a fim de incitá-lo a usar de sua influência sobre os meios que ele julgar bom em vista de promover sua candidatura e seu acesso à Presidência (do Líbano).

---

<sup>719</sup> Carta de 25 de Outubro 1969. AFM 51.09-D3-Antigos Alunos.

Creia que lamento muito não poder dar continuidade a sua posição. Na nossa Congregação tivemos, desde o tempo de nosso Fundador, a ordem de nunca nos imiscuir em assuntos políticos, por melhor que seja tal ou qual partido, a fim de evitar estabelecer divisões e de prejudicar nossa autoridade moral junto aos alunos e às famílias que poderiam ter uma opinião diferente.

O senhor conhece a doutrina: o papel da Igreja, enquanto Igreja consiste em dar Cristo ao mundo e a espalhar o espírito cristão por vias que sejam próprias à Igreja; não, portanto, carreando a seu proveito os poderes civis, mas servindo-se bem dos meios ditos pastorais: evangelização, catequese, pregação da Palavra de Deus, sacramentos etc. Esta semente lançada nos corações através destes meios deve crescer nos corações dos leigos, componentes do povo de Deus que, além da qualidade de cidadãos da cidade celeste são também cidadãos deste mundo para o qual eles devem trabalhar com todas suas forças.

O espírito cristão que adquirem na Igreja manifesta-se nas convicções nas ações deles para animar, purificar, iluminar esta ação temporal dos cristãos, que os coloca mais diretamente ao serviço do bem comum da nação e dos seus concidadãos.

Para ter a liberdade de agir desta maneira, para viver como um fermento segundo sua natureza e seus fins, no interior do mundo, a Igreja deve não se misturar nos assuntos políticos, mas deixar aos homens políticos toda liberdade para realizar sua obra e seguir seu caminho, obra e caminho que são distintos dos seus, mas que não lhe são opostos.

## 15. Se queres ser Missionário<sup>720</sup>

Olhe, meu caríssimo Irmão, um dos pontos básicos e indispensável para as missões é a necessidade do despojamento de si mesmo, não somente do modo que se gostaria ser, mas também da cultura, da origem, dos ambientes e fatos culturais formados em nós, a fim de partir despojado, o mais despojado possível que permita a natureza humana, para adquirir a nova cultura, novos modos de ser, o novo estilo de vida do lugar da missão...

Portanto, meu caro Irmão, se és capaz de fazer este esforço de adaptação ao estilo de vida de teus Irmãos e de te despojar de certas coisas supérfluas no ambiente onde vais viver... Sem isso serás um eterno estrangeiro que não aceita a realidade e não se incorpora nela. E o ambiente te devolverá a moeda, recusando a ti e à mensagem que levas em nome de Cristo. E isso, Irmão, o que eu digo no nível de um exame pessoal vale também ao nível da Congregação. Deveríamos pensar se não é o momento de que certas coisas que não têm importância, que modificadas nos adaptariam melhor aos jovens e nos fariam bem melhores transmissores da mensagem que trazemos, não deveriam ser examinadas e mudadas corajosamente.

E nisto, devemos levar em conta duas coisas: não querer ser infantis, superficiais, nem viver com atitudes que não são de nossa idade e que nos tornam ridículos diante dos jovens. Sendo assim enganamos a juventude e perdemos nossa influência junto dela. Também devemos estar atentos a não fazer isso por motivo de fuga diante das exigências da Cruz de Cristo, mas movidos por um verdadeiro desejo pastoral...

---

720 Carta de 30 de maio 1969. AFM 51.09-C3-Missões

**16. Extrato do relatório da Administração Geral<sup>721</sup>**

Creio ter colocado todo meu coração, toda minha vontade, realizado sérios esforços para ser um verdadeiro representante de Cristo e digno sucessor do Fundador. Nas minhas Circulares quis apresentar uma doutrina que eu creio segura e ponderada, procurando conciliar as concepções novas com as antigas, enquanto que por toda parte o pluralismo dialético predomina e que ensinamentos heterodóxicos são professados em vários lugares...

Quis dar retiros que tomaram grande parte de meu tempo; o meio para fazer chegar às Províncias um conhecimento concreto delas mesmas, à sua avaliação própria, com vista a uma renovação coletiva...

Quanto às entrevistas com os Irmãos, creio ter feito do meu lado todo o possível, sobretudo para Irmãos que tinham necessidade de ajuda ou que se achavam em crise de vocação, para Irmãos que procuravam também se ultrapassar e mais particularmente para os doentes e enfermos...

Esforcei-me para apoiar a oração dos Irmãos, recomendando a disciplina no início, expondo a doutrina em seguida, e por último, animando o exercício direto da oração...

Apesar das minhas deficiências, creio ter-me colocado inteiramente a serviço dos Irmãos, entregando-me além da medida, sem me poupar nem prever meu futuro...

Penso ter, de diferentes modos, tentado fazer compreender aos Irmãos que um autêntico renovar-se não consiste, nem numa

---

<sup>721</sup> Trata-se da prestação de conta do início do Capítulo Geral de 1976. Basílio avalia o trabalho feito de 1967 a 1976.

simples restauração, nem numa modificação das estruturas, nem mesmo numa troca superficial de mentalidade, mas numa verdadeira conversão do coração à mensagem evangélica do Senhor. É esta mensagem que é a fonte de renovação da vida religiosa e que mantém firme o amor e a redescoberta sempre mais dinâmica da vida pobre, casta e obediente do Cristo. Aí está a base dos Conselhos Evangélicos e das intuições do Fundador...

Por um lembrar contínuo e por uma pregação sistemática, creio ter lutado por pedir ao Instituto de fazer a experiência de colocar em prática as orientações da Igreja expressas claramente pelo Vaticano II, pelo Documento do Papa Evangelica Testificatio e mesmo pelas diretivas do Capítulo... Levei os Irmãos, e isto com toda minha ênfase, a meditar os documentos capitulares, a viver e compreender as Constituições, porque a primeira experiência a fazer era a de por em prática nossos documentos. Fiz, entretanto, grande elogio, sobretudo das Constituições...

Às tendências de secularização contrapus sem cessar os Conselhos Evangélicos e o sentido da consagração. Contra a indiferença a respeito da identidade marista defendi os direitos de toda congregação de cultivar seu próprio carisma e de vivê-lo.... O objetivo que me importava mais era certamente o de promover o Reino de Deus sempre e por toda parte...

Se faço o cômputo das alegrias e das penas, as primeiras sobressaem de muito às segundas. Sou, sobretudo sensível à amizade profunda, à oração contínua de alguns Irmãos da terceira idade e dos doentes que amo profundamente. Eles me sustentaram e me encheram de confiança em várias ocasiões.

No fim do meu mandato... devo dizer que acho difícil pensar numa reeleição. As forças e a saúde não permitiriam ter, durante nove outros anos, o ritmo de trabalho que adotei durante o período que termina.

O Instituto impõe ao Superior Geral um esforço muito grande. Por outra, o tempo atual de renovação é um tempo muito delicado e por demais precioso para ser confiado todo inteiro a um só homem e a uma única equipe.<sup>722</sup>

### 17. Espiritualidade Marista<sup>723</sup> (Extratos)

A integração da oração no apostolado produz vida unificada. O apóstolo se alimenta de uma oração que o move ao apostolado e o enriquece de coragem e de criatividade, de dinamismo e de resistência. Sem ela não poderia se manter: é a primeira consequência. Uma segunda consequência consiste em garantir a todo custo um verdadeiro coração, um verdadeiro lado espiritual e, se as circunstâncias o permitem, um verdadeiro estilo apostólico. Mesmo um trabalho profano, não é mais profano. Este trabalho não aliena mais, não esvazia mais, mas alimenta a oração e a chama.

A terceira consequência é que a vida se torna organizada e ritmada sabiamente por duas exigências de um mesmo amor que é o amor de Deus e dos homens. A estes dois amores, contemplativo e apostólico, saber-se-á sacrificar frivolidades, servidões

722 Arquivos da Congregação dos Institutos de Vida Consagrada e das Sociedades de Vida Apostólica.

I-35, 4 fevereiro 1977.

723 Conferência dada aos capitulares do XVIII° Capítulo Geral, setembro 1985. Cf. À escuta do XVIII° Capítulo Geral, p. 49.

mundanas e então, pouco a pouco, se tornará possível uma verdadeira contemplação na ação e uma vida vivida em união contínua com Deus.

À força de supor que nossos Irmãos estão em níveis onde eles de fato não estão, deixamos desamparados homens afrontados a uma organização crescente e invasora, e até tirânica da cidade secular, com seus modos, suas competições, sua televisão, seus valores. É preciso não ser ingênuo. Quem quer dar uma de anjo dá uma de bobo. É preciso que por uma organização em nível pessoal, comunitário, congregacional, a vida espiritual de nossos Irmãos seja salva, graças a oásis não de evasão e alienação, mas de reflexão, de comunhão, de contemplação. Há regimes onde as almas morrem antes dos corpos, como dizia Mons. Huyghe...

Indico quatro pistas principais que conduzem a uma espiritualidade apostólica autêntica:

1. Retidão de intenção apostólica. Seria melhor dizer: paixão pelo Reino, porque é bem disto que se trata, por exemplo, na vida do Padre Champagnat.
2. A purificação do coração: O lugar de unificação é o coração: “Crendo de coração chega-se à justiça”, nos diz São Paulo (Rm. 10,10). Quando um coração está unificado a base é colocada para que toda vida seja unificada; quando um coração está dividido não há técnica, nem organização externa que possa produzir a unidade. Mas para chegar a esta unificação, é preciso uma ascese corajosa.
3. O encontro com um Deus falando e agindo nas presenças complementares reveladas pela fé. Este encontro é partilha e



contemplação em tempos fortes de oração, em contactos com pessoas, de história, do real, do progresso, e também, claro, na eucaristia e na palavra de Deus.

4. O conhecimento no amor. É o amor que foi colocado em nosso coração pelo Espírito Santo que nos foi dado (Rm. 5,5) e que se torna esta fonte de água viva de que falava Jesus. (Jo. 7, 37-39).

É deste dinamismo unificador que brota o amor apaixonado por Deus e o amor pastoral pelas pessoas que aparecerão na história em graus diversos de generosidade, de dom de si, de serviço, e até no heroísmo dos grandes imitadores de Jesus Cristo...

# Caderno 10

## *Esperança*



**1**

**NAS FONTES  
DA ESPERANÇA**

“ O cristão é o homem da esperança ”<sup>724</sup>

Esta virtude teologal é o elo que liga nosso nada à plenitude de Deus, nossa sede de infinito às promessas que Deus nos faz de escancar nossa sede. Ela é a força que apela pelos grandes tempos da escatologia: o Reino efetuado, a família dos santos, a vida eterna, a alegria de estar para sempre com Deus. Mas é ainda a virtude do humilde cotidiano que espera o amor de Deus, sua ajuda, sua misericórdia, a força por ser filho no hoje. E ainda, é esta força nos claros-escuros, nas noites, nas provações da vida, nas sextas-feiras santas e na morte. A esperança é peregrina conosco em toda nossa aventura humana.

## 1.1 Dom do batismo

A esperança é um dom que nos é dado no batismo, puro presente de Cristo. O batismo faz chegar a nós a vida de Cristo, do Senhor Ressuscitado. “A vida cristã nos é dada no batismo... A tomada de consciência de nosso batismo, aos pouco colocado em ação, é a fé. Esta mesma tomada de consciência que se propõe a união e realiza a união, é o amor.”<sup>725</sup>

---

724 Carta de 20 de dezembro de 1975. AFM 51.09.D2. Bispos – Cardeais. Carta do Ir. Basílio a seu grande amigo Monsenhor Alfredo Bruniera, Núncio apostólico no Líbano.

725 Circ. Conversa sobre a oração, p.498.

## 1.2 Filha da ressurreição

O Irmão Basílio remete frequentemente os Irmãos, os amigos, sobretudo nos momentos difíceis, à ressurreição de Cristo. Para ele o cristão é também pessoa da ressurreição. Quando no Zimbábue os tempos estão incertos, nos primórdios da independência, o Ir. Basílio convida o superior do distrito a manter “a alegria e a esperança, pois que temos fé em Cristo ressuscitado.”<sup>726</sup> Numa outra carta a este mesmo Irmão, lhe diz: “Na esperança que a Ressurreição nos dá, nós encontramos a força de abençoar e de amar.”<sup>727</sup> A esperança está na lógica do sentido global da vida, numa visão cristã: nós somos todos chamados a participar da ressurreição do Senhor. A morte é um horizonte que se abre sobre a vitória do Senhor, vitória oferecida a toda pessoa. Todas as cartas de condolências do Ir. Basílio dão lugar à luz da esperança cristã: há dor, separação, evidência de nossos limites mortais, de nossa impotência, mas há a certeza de que o Pai acolhe, e que o amigo que perdemos entra na vida, na família definitiva dos santos. A dor e um momento oração pelo defunto se tornam muitas vezes pedido de intercessão ao novo amigo que temos junto de Deus.

## 1.3 E do amor de Deus

A esperança dá força no hoje porque o futuro está garantido pelo amor de Deus, um futuro digno do Deus-Amor: uma plenitude de vida na eternidade e no amor. Ela é a certeza de que Deus não

---

726 Carta de 4 de outubro de 1978. AFM 51.09 – A4 – Iberville.

727 Carta de 22 de abril de 1978. AFM 51.09-A4-Iberville

abandona, que Ele é fiel: “Estou convosco todos os dias, até o fim do mundo”.<sup>728</sup> A um padre que esperava um conforto, Basílio cita um versículo de Laudes do dia: “És tu, Yahweh, minha lâmpada: meu Deus, ilumina minhas trevas; contigo eu corro ao ataque, com meu Deus eu assalto a muralha” (Sl 18.29). A esperança se apoia em Deus Pai, cuja vontade propõe sempre projetos de vida.<sup>729</sup> Basílio o diz em toda a Circular sobre a obediência e em muitos outros escritos: nosso Deus é antes Pai, amor, ternura, misericórdia e Jesus é o beijo de amor que Ele nos dá: “Um dia descobri que Deus tornara tangível seu amor na pessoa de seu Filho e que Jesus Cristo é o beijo de amor e de ternura que nos dá o Pai... Nesse dia, senti que Jesus Cristo vinha a meu encontro de um modo bem particular para me fazer experimentar a excelência do Evangelho. Pareceu-me maravilhoso tomar esta Carta Magna como eixo e código de minha própria existência e de seguir Jesus, meu Irmão e meu Salvador que pedia minha colaboração e minha amizade, a fim de viver e trabalhar com Ele na criação de um mundo segundo o Evangelho. Compreendi que o Espírito Santo me tinha marcado com um selo especial na multidão inumerável dos membros da Igreja, pois que ele havia depositado em meu coração um gosto intenso por certas realidades do Evangelho”.<sup>730</sup> A essência, o coração, e tudo no cristianismo é o amor; o amor que brota no Antigo Testamento, que brilha em plenitude em Jesus Cristo. Este amor do Pai pela humanidade vai culminar numa aliança total – aliança em Jesus, aliança no Espírito Santo – para permitir a entrada no coração do amor. Todas as virtudes cristãs devem ser vistas como amor e a partir do amor.”<sup>731</sup>

---

728 Carta de 4 de outubro de 1979 – AFM 51.09 – D3. Sacerdotes.

729 A circular sobre a obediência desenvolve bastante esta ideia.

730 Queimar a vida, p.305, Entrevista J.M.V. p. 162,

731 Circ. sobre a obediência, p. 24

## 1.4 E da Oração

Assim a esperança se torna um aspecto do amor, uma tranquila confiança pelo amanhã, porque amanhã, que pode ser a eternidade, está entre as mãos do Pai. É que a esperança se alimenta da experiência de Deus, da intimidade com Ele, da descoberta de seu amor, ela é um fruto da oração, sobretudo da contemplação.<sup>732</sup> Na Circular Conversa sobre a Oração, Basílio lembra aos Irmãos que a oração é um tempo de teofania, de evangelização, de cristificação, tempo de amor e de revelação, tempo onde a esperança já recebe uma resposta extraordinária.<sup>733</sup>

## 1.5 Na familiaridade da Palavra de Deus

Esta virtude é tanto mais forte quanto mais profundos<sup>734</sup> são o conhecimento e a familiaridade com a Palavra de Deus. Tudo na Palavra de Deus facilita a esperança que nasce no hoje como garantia do amanhã: “Que Israel conte com o Senhor, mais que as sentinelas pela aurora!”<sup>735</sup>

---

732 Os cadernos que precederam, sobretudo os cadernos 1 e 3, insistiram sobre esta vida de intimidade com Deus, onde o Espírito nos convence que nós somos filhos e nos faz dizer com Jesus: Abba, Pai.

733 Circ. Conversa sobre a Oração, Parte V, em diversas definições da oração, pp. 493-616.

734 O caderno 8, todo sobre a Palavra de Deus, mostra quanto Basílio tinha esta familiaridade e este conhecimento.

735 Salmo 129, 6.

## 1.6 A experiência secular da Igreja

Sua esperança se alimenta também, como veremos, com certas citações preciosas, da experiência da Igreja, à qual nunca faltou através dos séculos a ajuda de Deus, e do carisma marista que o habita como história e como dom.

Ela é a força dos momentos difíceis, porque estamos seguros de que Deus nos conduz para novos céus e uma nova terra. A esperança é também a virtude que nos ajuda a aceitar a escatologia, a vida eterna, o céu. Ela é a força que vem da certeza destas realidades e impulsiona a vida sempre para frente.

A esperança do Irmão Basílio tem sua fonte no batismo, mas um batismo assumido na intimidade densa com Deus, numa grande familiaridade com a Palavra de Deus, no acolhimento incondicional de Jesus, o único Senhor que ilumina tudo com sua ressurreição.

As páginas que seguem vão nos ajudar a descobrir um grande seeador de esperança, alguém que sabe verdadeiramente ‘levar em conta a esperança que o habita’.<sup>736</sup>

---

<sup>736</sup> 1ªProv. 3,15: É mais valiosa do que as pérolas; nada que desejas a iguala.



**2**

**AS DIMENSÕES  
DA ESPERANÇA**

## 2.1 Minha alma tem sede do Deus Vivo<sup>737</sup>

O desejo de Deus, a procura, a sede de Deus é bem o coração da esperança cristã, é uma espera e um desejo cotidiano. Esta sede se aquieta na oração, mas renasce sem cessar. O caderno 3 que explora o universo da oração na vida do Irmão Basílio, apresenta uma esperança constantemente em busca de Deus nos tempos de luz ou nos momentos mais obscuros: “A oração cristã é um diálogo na fé, um diálogo na esperança. Ela é concedida a esta bela imagem da Igreja: a casta prostituída. Casta prostituída, com efeito, que leva a pessoa do pecado ao Evangelho, ferindo-se sem cessar com a realidade cotidiana, que sente o deslocamento e quer, apesar disso, nas dores do parto, a redenção, aonde está a ponto de chegar, mas aonde, entretanto ainda não chegou. Torna-se esperança e é daí que tira a oração de pedido. Esta não é senão o grito à redenção, mas ao mesmo tempo grito de ação de graças porque a redenção já está presente,”<sup>738</sup>

A esperança nasce do amor, é a lembrança do amor, é apelo desse amor. A experiência de Deus cria o desejo de ser novamente seduzido.<sup>739</sup>

---

737 Salmo 42.3.

738 Circ. Conversa sobre a Oração, p. 500.

739 As primeiras páginas do caderno 1 trazem o testemunho extraordinário da aventura espiritual do Ir. Basílio. São elas que inspiram estas linhas sobre a esperança.

## 2.2 Maranatha!<sup>740</sup>

É o grito da esperança cristã que enfeixa as Escrituras: “Vem, Senhor Jesus”! A esperança cristã revela sempre a nostalgia do Senhor e se torna mais viva no Advento. Basílio gosta deste tempo litúrgico, comenta-o em todas as cartas que manda aos amigos por ocasião do Natal e aproveita a ocasião para falar da centralidade de Cristo na nossa fé, na nossa esperança e no nosso amor. Começa desta forma aquela que lhes envia em novembro de 1978: “Acabamos de entrar no Advento, o tempo quando a liturgia nos o momento de preparar nosso coração para a próxima vinda do Senhor:

*Aquela que nos de lembra cada ano a liturgia do Natal.*

*Aquela do dia de nossa morte.*

*Aquela dos fins dos tempos*

*quando o Senhor terá recolhido,*

*salvo e santificado todo o universo,*

*e o apresentará ao Pai...*

Que a vinda do Senhor disponha nossos corações a uma sede total, uma grande abertura e uma disponibilidade completa à comunicação do Senhor... Cristo é comunicativo e quando Ele toca um coração abre-o à caridade, à benevolência, ao dom de si e a iniciativas fecundas para aproximar seus irmãos, entrar em comunhão com eles e, sobretudo lhe faz encontrar todas as maneiras de servi-los e de lhes fazer o bem...<sup>741</sup> Sempre por ocasião do Natal, no ano seguinte, escrevia de novo a seus amigos:

<sup>740</sup> Apocalipse 22,20

<sup>741</sup> AFM 51.09.B2 – Porto Alegre.

“Natal é a festa da solidariedade universal, que rejuvenesce os sentimentos pelo contato com as fontes. O presépio nos diz: o amor inefável, inacessível de Deus pela humanidade se fez tangível nesta criancinha. Ele é o beijo de amor histórico que o Pai dá aos homens e, por este gesto, nos faz tornar filhos no Filho, irmãos no nosso Pai.

E podemos evocar com São Paulo: “A insondável riqueza de Cristo, este mistério escondido desde há séculos em Deus, para que seja a Igreja que agora o revela aos Principados e às Potestades.” (Ef. 3. 9-10).

Sim, é o momento de viver contemplativamente maravilhados nesta espera amorosa que nos lança de joelhos: “em presença do Pai de quem toda paternidade toma seu nome” (Ef. 3,14) e que nos mantém na esperança, “esperando na reserva, a justiça e a piedade, a aparição da glória de nosso grande Deus e Salvador, o Cristo Jesus. (Tito 2, 12-13)

Sim, nós somos sacramento e proclamação desta boa nova, que foi, que é, que vem e que espera a hora de sua plenitude, para nossa alegria e a do mundo inteiro.”<sup>742</sup> Em 1980 escreve: “Neste tempo do Advento sinto em mim o desejo, a necessidade urgente da vinda do Senhor sobre mim mesmo, sobre vocês meus amigos, sobre o Instituto e sobre o mundo. Este mundo que, particularmente neste momento me preocupa e pelo qual meu coração sofre no Senhor e na fé...”<sup>743</sup> E no ano seguinte: “Desde agora eu desejo para vocês, como para mim, que o Advento seja um tempo de reflexão muito profunda sobre a espera de toda a história de um Salvador, sobre a espera de nosso tempo por um

---

742 Carta aos amigos, 15 de dezembro de 1979. AFM 51.09 – 6647.

743 Carta aos amigos, Natal de 1980. AFM 51.09 – 6647.

mundo melhor e aquela de nosso coração para que se cumpra em nós o Reino de Deus. Que os textos dos profetas que marcam na Igreja a liturgia do Advento, nos permita perceber melhor o amor emocionante do Pai que exprime na Encarnação, a riqueza incomensurável do Verbo, que aponta nesta criancinha que nos é dada pela ação do Espírito, através da maravilhosa maternidade da meiga Virgem Maria.”<sup>744</sup> A esperança emerge claramente nos votos de 1983: “Meus desejos muito ardentes são, meus caríssimos amigos, que o espírito da doce Virgem Maria inunde nossos corações e os coloque em estado de espera de Deus cada vez mais próximo, mais íntimo e sobretudo mais Pai e Irmão. Se o milagre de nossa fusão com Deus se realiza, toda nossa vida será transformada e nos tornaremos não só testemunhas do Senhor, mas sacramento do Senhor para o mundo. Vivamos, portanto, este tempo do Advento na esperança ardente da vinda do Senhor, e que esta esperança jorre sobre nossas comunidades, nossos colégios, nossos lugares de trabalho e nossas famílias. Deus nos é mais necessário que o oxigênio que respiramos e, na medida em que uma delicada atmosfera marial, um espírito de espera e de oração e uma ação do Espírito Santo se entrelaçam em nós, a comunicação de Deus se tornará muito rica e operante.”<sup>745</sup>

A carta de 1984 contém passagens onde a esperança é ainda mais luminosa: “Aliás, a magnífica liturgia do Advento cheia de esperança e de promessas, é um esplêndido pórtico para nos introduzir nestas festas e a nessas partilhas... Neste tempo que vai da primeira vinda do Senhor até sua vinda definitiva, vivemos um Advento perpétuo, um nascimento perpétuo... Nosso ser humano

---

744 Carta aos amigos de 15 de outubro de 1981 – AFM 51.09 – 6546.

745 Carta aos amigos de 25 de novembro de 1983.

está em gênese e grita e reza de mil maneiras, inclinado que está para a vinda do Senhor.”<sup>746</sup>

O sol desta esperança é verdadeiramente Jesus. Um de seus noviços testemunha: “Descobri no Irmão Basílio um apaixonado de Cristo; ele insistia muito sobre a procura de uma intimidade estrita com o Senhor....”<sup>747</sup> Basílio se deu conta de que, com muita boa vontade, o Instituto centrou-se demais sobre o modo de ajudar os pobres, as missões, sobre a maneira de ter um exercício mais evangélico da autoridade, e, “ aos pouco, o Cristo, o bom Jesus, passou para segundo plano e em certas ocasiões, desapareceu, *quando na realidade, Ele é a razão principal, a sublime razão pela qual vivemos e morremos. É ele que está na origem de nosso apelo, de nossa fraternidade e de nossa amizade. Ele é nossa salvação...* Se for verdade, como escreve Bonhoeffer, um grande crente, que a via mais direta, o único caminho verdadeiramente autêntico e constante para ir a nossos irmãos é o Cristo, é evidente *que já é hora de envidar todos nossos esforços para tornar Jesus o centro de nossa vida.*”<sup>748</sup> A seus coirmãos mexicanos que partiam missionários para a Coréia do Sul escrevia: “Que o zelo missionário de vocês, o trabalho, as preocupações, etc. não os levem jamais a esquecer que os meios humanos não servem nas obras de Deus senão quando as pessoas estão repletas de Cristo. *Tudo vem Dele, e sem Ele, nada. Que Cristo, portanto, seja sempre o centro de vossa vida.*”<sup>749</sup>

Esta centralidade do Cristo produz uma esperança mística profundamente encarnada e que gosta de frequentar as encruzilhadas dos homens.

---

746 Carta aos amigos de 20 de dezembro de 1984. AFM 51.09.6647.

747 O estilo de uma vida, p. 44.

748 Carta aos amigos, primeiro de novembro de 1978.

749 Carta de 4 de junho de 1972. AFM 51.09-B1-México Central.

## 2.3 À obra no estaleiro do mundo

A esperança diz que o hoje é o canteiro de obra onde se prepara com nossa colaboração, um mundo melhor. Este mundo é querido por Deus, prometido por ele, também a esperança se torna uma virtude de compromisso, uma batalha em favor do homem. O cristão ignora a fatalidade e a resignação, mas aceita os riscos. Isto faz compreender porque Basílio, desde os primeiros dias de seu generalado orientado a Congregação para os pobres, para as missões<sup>750</sup> e, mais tarde, ele a sensibiliza para o mundo dos refugiados, e cria a secretaria justiça e Paz<sup>751</sup> que se tornará com o tempo o Bureau internacional de Solidariedade, o Bis.<sup>752</sup> Longe de ser uma virtude passiva, é a força que “ajuda a aurora nascer”, como gostava de repetir seguidamente o Ir. Basílio.<sup>753</sup> A esperança permite uma visão otimista da criação,<sup>754</sup> da história e da humanidade. Ela é uma das dimensões da alegria, do otimismo e do grande dinamismo<sup>755</sup> de Basílio.

750 O texto n° 13 completa a prestação de conta do Irmão Basílio sobre estes dois pontos apresentados no começo do Capítulo Geral de 1985.

751 A responsabilidade de sensibilizar a Congregação sobre esse tema e depois de organizá-lo foi confiada ao Ir. Charles Howard quando era Conselheiro geral de Basílio: 1976 – 1985.

752 Os cadernos 3, sobre o amor e 6, o superior já havia insistido sobre estes aspectos. Nas páginas finais do caderno 10, uma carta sobre os refugiados mostrará a esperança e o compromisso do Irmão Basílio.

753 Circulares, volume XXV, Conferência Geral, 1° de julho de 1971, pp. 340 e 341: “Ajudar a aurora nascer”. O Pe. Champagnat não era poeta, e não se exprimiria desta maneira, mas ele certamente aplaudiria a ideia pela qual o Revdo. Ir. Superior Geral procedeu no lançamento desta conferência dos Provinciais de maio de 1971, e deu à Congregação um impulso pelos anos a fora. (Ir. Quentin Duffy, Vigário Geral. Ver também p. 399, e Circ. sobre a obediência, p. 92. A expressão foi emprestada ao teólogo Yves Congar. A expressão volta em várias cartas, ela inspirou o título do livro “Quero Acordar a Aurora”, Roma, julho de 2002,

754 O mundo é para o Ir. Basílio este “talento cósmico” que Deus nos oferece.

755 Ver particularmente o caderno 6: inteligência e trabalho.

## 2.4. No coração de sua esperança

A partir de sua fé, de sua experiência cristã e de sua inteligência, ele mesmo nos diz como vê a esperança:

*“A esperança cristã  
desempenha um tríptico papel:  
de desejo,  
de espera  
e de aceleração”*

De desejo, porque ‘tudo gira em torno da promessa e da realidade, em volta do “já e do não ainda”, do advento e da acolhida. Os tempos bíblicos se cruzam e o cristão deve saber conjugar e sobrepor os tempos “ele veio, ele vem, ele virá”. Vive-se de uma lembrança que desperta gratidão, de experiência que aumenta a sede, de uma promessa que nos mantém atentos e vigilantes... O desejo é a raiz humana a mais típica da esperança.”<sup>756</sup> É aqui que pode se enxertar a surpreendente reflexão que ele faz sobre o julgamento de Deus na sua visão mais ampla da ação da Palavra em nós: “É sobretudo em são João que esta dimensão e função da Palavra de Deus aparece com toda sua força:

- Ela julga e convence de pecado
- Ela convence de pecado e chama à conversão,
- Ela converte, justifica e transforma,
- Ela transforma e salva

Disto provém a devoção ao julgamento de Deus: não devemos fugir dele, porque nele somente, na sua verdade, se encontra

---

756 Conferência: A Palavra de Deus e os ritmos da vida no cristão, p.39.



nossa esperança de salvação quando ela nos condena, nos purifica, nos converte, nos muda. Oh, julgamento de Deus, julga-me para que eu seja salvo!<sup>757</sup>

A esperança atinge o ponto final, o julgamento de Deus, como sede, como necessidade, como entrada na vida. Este desejo é a esperança certa da misericórdia de Deus.

Na espera “a esperança cristã aguarda alguma coisa que virá verdadeiramente, da qual se está convencido, porque Deus está comprometido por sua palavra... Ela é fonte de quantidade de atitudes existenciais:

*“estar à espera,  
contar com  
o otimismo e a paz...”<sup>758</sup>  
Ela ajuda,  
“a viver com paciência  
e ação a palavra de Deus.”<sup>759</sup>*

“A paciência educa a caminhar ao passo de Deus e segundo o ritmo de Deus na nossa ação, na nossa pregação, nas nossas intervenções, nas nossas tolerâncias e intolerâncias”<sup>760</sup>

A aceleração é o fato de o Espírito rezar na alma do cristão para que o “dia do Senhor seja abreviado”<sup>761</sup>, mas o cristão se compromete neste sentido e ajuda por seu trabalho apostólico “a aurora a nascer”<sup>762</sup>

757 Conferência: A Palavra de Deus e os ritmos da vida no cristão, p. 9.

758 Conferência: A Palavra de Deus e os ritmos da vida no cristão p. 39.

759 Conferência: A Palavra de Deus e os ritmos da vida no cristão p. 40.

760 Conferência: A Palavra de Deus e os ritmos da vida no cristão p. 41.

761 Conferência: A Palavra de Deus e os ritmos da vida no cristão p. 40.

762 Conferência: A Palavra de Deus e os ritmos da vida no cristão p. 38.

A esperança não é nem uma virtude solitária, nem uma virtude pobre. Nenhuma virtude é solitária, e a esperança está repleta de fé, de amor, ela se tinge de paciência, de benevolência, de sabedoria, de perdão, de sacrifícios, de fidelidade, ela sabe até a ser obstinada em nome de Deus, ela é confiança inabalável.<sup>763</sup> A esperança é também muito matizada, ela é espera, desejo, sede, paciência, otimismo, paz, oração que faz pressão para que as promessas se tornem realidades.

## 2.5 A esperança renasce nos passos dos profetas

Outro aspecto da esperança em Basílio é aquele ligado aos profetas. Ele falou com frequência do profeta, dos valores proféticos da vida religiosa e ele mesmo, na Igreja e no mundo pós Vaticano II, foi seguidamente tido como profeta. Ora, o profeta é homem da esperança, não porque ele anuncia o futuro, mas porque em tempos difíceis relembra que Deus-Amor está presente. Ele é o homem que nos momentos de desesperança reascende nos corações a chama da coragem e permite ao peregrinar da vida, continuar seu caminho para Deus.

A esperança não é a espera de amanhã cheias de luz, ela é no hoje, a certeza de que Deus é Pai. É uma esperança que se funde no amor e que está bem além de uma espera de desabrochamento egoísta. É, em todo caso, sobre esta pista que nos coloca o Ir. Basílio quando nos diz que o profeta recria em nós o gosto de Deus, abre o horizonte da esperança, pois garante que Deus

---

<sup>763</sup> Isto se tornará evidente em outras partes deste caderno e nas cartas apresentadas na segunda parte.

caminha conosco: “A Profecia tem a sua origem em Deus como fonte e ela se transmite ao homem quando este vive na sua intimidade. Esta relação é criada, sobretudo na oração; desperta no homem a paixão pelo Reino. Na escuta atenta da palavra de Deus liga-se um diálogo de intimidade que faz nascer o desejo veemente de proclamar pela vida, que Deus é a plenitude do amor e que vale a pena perder tudo com tal de o possuir... O profeta sente queimar em seu coração a paixão pela glória de Deus e, uma vez que acolheu sua palavra, ele a proclama por sua boca, por suas ações, por seu pensamento, por suas palavras, por seu contato com o outro, numa transparência que manifesta a autenticidade dos grandes ideais em favor do Reino, num engajamento heroico para com todos.”<sup>764</sup> Essas linhas jorram do coração, elas vibram a partir de experiência vivida.

Ao mesmo tempo, esta visão da profecia esclarece o que é a esperança cristã:

1. *Deus é a plenitude do amor e vale a pena tudo perder para possuí-lo.*
2. *Por Ele estamos dispostos a arriscar a própria existência.*
3. *Por Ele comprometemo-nos num amor que não admite mais limites.*
4. *Por Ele tornamo-nos leais sem fronteiras para com os homens e para com a Igreja.*

---

<sup>764</sup> Queimar a Vida, pág. 304-305 (Entrevista J.M.V. p. 162), Luzes e Chamas de uma vida, p. 343-344.

## 2.6 A escatologia no presente

A esperança é uma força para o hoje, certa da presença de Deus no hoje e carrega um dom de si no presente. ...A seu amigo, o Ir. Victorino de Arce ele escrevia: “Jesus Cristo quer que lutemos lado a lado com Ele não numa Igreja perfeita, mas numa Igreja de pecadores e de peregrinos; é nessa Igreja que, na fé e no amor, devemos esperar, servir e trabalhar...”<sup>765</sup> É mais que uma espera da vida eterna, que se deseja entretanto de todo coração e que a escolha da vida religiosa anuncia e relembra. Uma realidade que retorna seguidamente aos lábios do Ir. Basílio era aquela da escatologia, dos valores escatológicos que a vida religiosa vive, anuncia e guarda vivos no povo de Deus.

Por ocasião da primeira conferência Geral, em 1971, Basílio coloca esta questão aos Provinciais reunidos: “Como encarnar hoje a vida religiosa, sem fazê-la perder seu sentido escatológico, sua capacidade de criar do mistério seu impacto evangélico, num mundo técnico onde a ‘desmitificação’ e a dessacralização querem se instalar?”<sup>766</sup> Basílio está cheio de admiração diante destes Irmãos da China que ficaram mais de trinta anos cortados de toda relação com a Congregação, que conheceram os campos de trabalho forçado, os julgamentos populares, vendo vários de seus coirmãos morrerem... e que à primeira visita de um superior pedem para renovar seus votos e se possível pronunciar o voto de estabilidade.<sup>767</sup>

---

765 Carta de 1º de julho de 1976, Cf. Série de documentos. O Ir. Victorino de Arce fez chegar à Postulação um conjunto de 10 cartas que o Ir. Basílio lhe escrevera.

766 Meditação em voz alta, p. 398.

767 AFM 51.09 A3 - China

A esperança cristã se revela mais forte que todo sofrimento, ela é claramente preferência do Reino dos Céus a um reino unicamente terrestre, mesmo se devemos pagar esta escolha com o preço da vida.

## 2.7 Uma esperança marista e mariana

Basílio é bem o discípulo de Marcelino. Na sua primeira Circular, de 2 de janeiro de 1968, consagra mais de cem páginas aos apelos do Fundador. Mostra tal conhecimento do Fundador que dá a perceber que o tinha no coração como um amigo cotidiano. Da vida do Pe. Champagnat, Basílio convida a ler, sobretudo os capítulos relacionados à sua fé, à esperança, ao zelo apostólico, à devoção a Maria.<sup>768</sup> Nestes capítulos, Basílio aprende “a dinâmica do provisório onde é o Espírito, mais que as estruturas, que dirige.”<sup>769</sup> Marcelino lhe diz que é no “hoje” que é preciso trabalhar “enquanto estamos em peregrinação para a casa do Pai”.<sup>770</sup> Outra lição do Fundador, que Basílio lembra aos Irmãos é de “reaprender a não viver – no que nos diz respeito – de um sistema de quietude, baseado em sistema econômico”<sup>771</sup> Numa carta, cita página inteira do Fundador sobre a confiança em Deus<sup>772</sup> e lembra de bom grado o salmo 126 sobre o qual Marcelino baseava todo seu trabalho: “Se o Senhor não constrói a casa, em vão trabalham os pedreiros...”.<sup>773</sup>

768 Circ. 2 de Janeiro de 1968, p.558.

769 Circ. 2 de janeiro de 1968, p.565.

770 Circ. 2 de janeiro de 1968, p.565.

771 Circ. 2 de janeiro de 1968, p. 567.

772 Carta de 18 de fevereiro 1972, AFM. 5109-6641. Carta escrita quando da reestruturação as Províncias

773 Ver o texto 12 deste caderno.

Basílio é ainda o filho espiritual de Marcelino quando se trata de por a confiança na Virgem Maria: ela é o Recurso Habitual. Com todos os Maristas, depois de Marcelino, cantará a Salve Regina de manhã e à noite dizendo a Maria “Salve Rainha... nossa esperança...depois deste exílio mostra-nos Jesus, o fruto bendito de teu seio...” Escreve a um padre do Líbano, capelão de nosso colégio de Champville: “Felizmente para mim que Nossa Senhora é a Primeira Superiora; eu sou um piloto sob suas ordens: Ela pilotará nossa barca pelo mar agitado de nosso tempo, a fim de que nossa missão apostólica e social agrade a Deus, possa fazer um pouco de bem à sociedade e coloque o fermento do amor de Jesus Cristo no coração da juventude...”<sup>774</sup> Basílio repete a convicção de Marcelino sobre os Irmãos doentes e dos que morrem na Congregação. À esperança de Basílio não falta audácia, ele que admirava a tal ponto a audácia de Marcelino, onde se mesclavam a humildade, a simplicidade e um grande equilíbrio humano. A esperança de Marcelino foi também compromisso na sociedade de seu tempo, sobretudo em favor dos jovens antes de ser a vida eterna e a glória de sua santidade. É preciso que a esperança seja forte para ‘fundar ou refundar um Instituto’. Aquela de Marcelino e de Basílio se assemelham e coincidem.

---

774 Carta de 10 de novembro 1976. AFM 51.09-D3-Sacerdotes.

**3**

OS TEMPOS  
DA ESPERANÇA

A Esperança não é uma virtude com eclipses, também é sempre o tempo da esperança. Há, entretanto, momentos quando ela se faz mais necessária: conjunturas difíceis para a Igreja e para a sociedade, tempo de perseguição e problemas da vida, da doença que chega ou da morte que se apresenta.

### 3.1 Ajudar a aurora nascer<sup>775</sup>

Os tempos de Basílio não foram fáceis nem para o mundo, nem para a Igreja e ainda menos para a Congregação. Durante seu tempo de generalato, de 18 anos, a Congregação perdeu um terço de seus efetivos.<sup>776</sup> Isto não enfraqueceu seu otimismo; seu amor por Deus, e para os Irmãos só cresceu. A todos os Irmãos pedia de terem confiança. Muitos lembram como acreditava na aurora, e fazia de tudo para “ajudar a aurora a nascer”! Pode-se dizer que Basílio era um apaixonado pela aurora, portanto de um dia que conserva ainda todas suas chances. Ele lembrava também a máxima: “É à noite que é bonito crer no dia”. Estava acostumado a “viver no ritmo da vontade de Deus, a ver com a retina de Deus os acontecimentos humanos, para ajudar a aurora a nascer.”<sup>777</sup> Ele pensa também que este momento é um momento de “parto”, cheio de promessa de vida, mas que apresenta riscos também. Esta imagem do parto, ele “acha-a muito expressiva, sobretudo porque nos apresenta um dilema: quando uma mulher está dando à luz, ou ela dá a luz uma criança ou então ela morre.” E a

---

<sup>775</sup> Expressão que diz à sua esperança de ver a vida religiosa sair nova da noite que ela conheceu depois do Vaticano II.

<sup>776</sup> Carta, A Fidelidade, ver texto 8 deste caderno.

<sup>777</sup> Circular sobre a obediência.



vida religiosa, hoje, eu creio, ou ela engendra sua forma nova ou ela morre”<sup>778</sup> Na mensagem capitular de 1993, diz aos Irmãos que o Instituto chegou numa encruzilhada de sua história, que é preciso enfrentar os desafios e as circunstâncias históricas que irão crescendo”. Frente às dificuldades que aumentam, Basílio convida os Irmãos “à confiança, à paz, à coragem!”<sup>779</sup>

Com efeito, tudo se enxerta sobre o extraordinário acontecimento do Concílio Vaticano II. A Igreja implica-se na renovação e pede a todos os Institutos religiosos de fazer outro tanto, de renovar suas verdadeiras fontes e se adaptar ao mundo de hoje. Em todas as Províncias de nossa Congregação, Basílio vai logo lançar” os retiros de renovação”<sup>780</sup> para fazer passar aos corações e à vida dos Irmãos os textos e o espírito do Vaticano II e os documentos provenientes do Capítulo especial de 1967–1968. É um trabalho que apresenta três aspectos da esperança. Ele apresenta claramente a vontade de Deus expressa no Concílio e, portanto sua ajuda está garantida. Basílio chama a isso “o novo mandamento da Igreja”.<sup>781</sup> Mas é um trabalho que deve penetrar nas mentalidades, nos hábitos do pensamento, nos corações, não só dos indivíduos, mas de um grupo social que tem costumes seculares. De fato, é preciso

<sup>778</sup> Meditação a alta voz, p. 347.

<sup>779</sup> Basílio Rueda, um outro Champagnat, p. 59.

<sup>780</sup> Esses retiros começam a partir 1969 na América Latina. Nós dispomos de 14 livros sob o título Apelo ao avanço e que são as conferências de retiro que Basílio deu no Canadá em 1970. Esses retiros se desenvolveram em 1972 em todas as províncias da Espanha como o atestam 9 livros com o título significativo: Chamado à Renovação. Cada vez duas longas conferências são dadas, uma sobre o mandato que a Igreja nos deu, de “nos renovarmos, a outra sobre o que é renovação.”

<sup>781</sup> Cf.. Livreto 3 da série Apelos ao avanço (Canada) sob o título “O mandamento novo” e o livreto 5 da série “Chamado à Renovação sob o título “Um mandamento eclesial: a renovação”.

dar um novo rosto à vida religiosa: trocar as estruturas, trocar as Constituições, trocar os espíritos, enviar todos os Irmãos a refazerem seu noviciado<sup>782</sup>: “É este esforço, (compreender e viver as Constituições), que eu quis chamar de noviciado universal, a fim de empregar uma palavra de impacto que condense o mais brevemente possível uma ação de conjunto a realizar”.<sup>783</sup> Ele torna a dizê-lo de um modo conciso na conferência Contemplação a partir da Ação: “Nossa tarefa era aquela de São Paulo: levar nossos Irmãos da lei à liberdade fazendo deles homens do Espírito.”<sup>784</sup> Isto não pode ser senão um trabalho de fôlego e prevendo resistências. É preciso paciência e constância, que são duas variantes da esperança. Os dois mandatos de Basílio imprimirão à Congregação uma mudança de direção que ela deve tomar, mas o canteiro de obras das mudanças permanecerá íntegro. Ele é o primeiro a ser consciente disso: “fazer passar o espírito das estruturas às mentalidades, é um trabalho de longo fôlego, é um trabalho que exige longo encaminhamento e uma lenta maturação”.<sup>785</sup> Desde 1969, escrevia a um Irmão do Brasil:” As ideias destinadas a serem apresentadas – sobretudo as ideias novas – requerem que se levem em conta de um modo imperativo a época onde se vive, certo ritmo a respeitar para efetuar sua difusão e também delicadeza nos modos a

---

782 Outra expressão frequente em Basílio, notadamente nas Circulares o Projeto Comunitário e o Projeto de vida Comunitária.

783 Compreender as Constituições, palestra dada à Conferência Geral de 1979 –AMF 51.09 – Conf. Geral 79.

784 Conferência A Contemplação a partir da Ação, p. 7; abril 1979. Nesta conferência, ele enumera as diferentes iniciativas tomadas pelo Conselho Geral para que os Irmãos se tornem homens de contemplação a partir da ação. Esta conferência anuncia aquela sobre a Espiritualidade Apostólica Marista do início do Capítulo Geral de 1985.

785 Carta de 21 de agosto de 1975 –AFM 51.09-04.

adotar para apresenta-las aos outros...”<sup>786</sup> A um Irmão nostálgico do passado, escreve: “Não é o sistema nem as estruturas, nem o método de governo que estão nas fontes da santidade mas pura e simplesmente a graça de Deus. Esta graça é, e fica o grande meio de santificação de ontem, de hoje e de amanhã... Se o presente não produziu ainda resultados tangíveis, comparáveis àqueles do passado, é devido na minha opinião a três causas:

- a. Não levamos em conta o essencial com a mesma força e a mesma fidelidade que o faziam nossos avós; é isso nosso defeito e não o fato de ter deixado coisas que seriam agora anacrônicas pra tomar outras que permitem aos religiosos de hoje encarnar o Evangelho na cultura de hoje.
- b. A santidade pede tempo e as formas conciliares e capitulares têm pouco mais de dez anos...
- c. Todo concílio profundo na Igreja exigiu um tempo de crise imediato antes de produzir uma primavera eclesial...

Prefiro ser, com realismo, um semeador do bem e do otimismo com relação a cada época da história. Isto, certamente, é melhor do que cair no perigoso defeito de alguns espíritos pessimistas que passam a vida a cultivar um jardim de rosas pretas”.<sup>787</sup> Ao Irmão Joseph-Azarias, maravilhoso provincial de Iberville, mas que agora envelhece, Basílio responde: “Caro Irmão Azarias, o tempo é ainda do otimismo na Igreja e na Congregação.”<sup>788</sup>

786 Carta de 9 de janeiro de 1969 – AFM 51.09-B2 Rio de Janeiro.

787 Carta de 29 de dezembro de 1976 – AFM 59.09-A4-Iberville. Esta carta será dada mais completa nos textos.

788 Carta de 17 de novembro de 1970. AFM 51.09-A4-Iberville.

A esperança de Basílio se mede aqui pela paciência, pela constância, pela sabedoria e pelo otimismo que demonstra. Entre as iniciativas do Ir. Basílio para introduzir o espírito da renovação do Concílio na nossa família, podemos enumerar:

- seus esforços durante o Capítulo especial de 1967–1968.
- sua primeira Circular que leva o título simbólico de uma re-fundação “2 de janeiro de 1968” e que, é sem dúvida, a mais aberta à Igreja, ao mundo e ao fundador,
- os retiros de renovação dados em todas as Províncias,
- as novas Constituições,
- a Circular sobre a Vida Comunitária,
- aquelas do Projeto Comunitário e o Projeto de Vida Comunitária e importantes conferências no curso das Conferências Gerais e dos Capítulos Gerais.

Pensemos na ressonância que teve na Conferência Geral de 1971, A Meditação em Voz Alta.

### **3.2 Num mundo em mudança**

Todas essas iniciativas mostram que a esperança não é espera passiva, mas esforço humano intenso que se conjuga com a ação do Espírito. É uma esperança que se vive num mundo em plena mutação, numa sociedade com valores fortemente abalados, e cuja repercussão penetra como ‘uma espada’<sup>789</sup> o coração de todos os consagrados e se expressa em muitos pela saída da congregação. Entretanto, Basílio ama esse mundo e essa humanidade que

---

<sup>789</sup> Luc. 2,35.

muda: “é o talento cósmico que Deus nos dá”<sup>790</sup> “é o mar no qual ele nos pede de navegar”<sup>791</sup> e ele convida os Irmãos “a se colocarem nas encruzilhadas dos homens e da juventude”<sup>792</sup>...a vibrar com todo o processo histórico do universo<sup>793</sup>...e se o mundo impressiona nossa retina de forma evangélica, encontrará seu lugar certo<sup>794</sup> ...Basílio diz claramente: este mundo que muda, apresenta aspectos muito positivos e os jovens, se perdem certas qualidades dos mais velhos, têm deles outras bem mais próximas do Evangelho<sup>795</sup>. Basílio tinha o olhar por demais experiente para se deixar levar ao pessimismo. Na Circular Projeto Comunitário, convida os Irmãos a “abrir os olhos” e a “demolir os muros”: “ ‘Abate os muros de tua casa’: este slogan encerra uma alma de verdade. Há muros a demolir para abrir os olhos sobre a história que estamos vivendo, e não ficar mais com olheiras que nos confinam nos problemas domésticos, onde não podemos respirar o ar livre do reino.”<sup>796</sup> Na conferência sobre a espiritualidade apostólica, que dá aos capitulares de 1985, afirma: “A contemplação cristã não é, nem intimista, nem recalque para minha salvação pessoal, na indiferença do outro. Se alguém interpreta ‘o Reino dos Céus está dentro de vós’ como convite a uma espiritualidade intimista, engana-se.”<sup>797</sup>

Mas ele sabe que a aurora pode ser lenta ao nascer:<sup>798</sup> “Há o tempo

---

790 Circ. de 2 de janeiro de 1968: os apelos do mundo.

791 Compreender as Constituições, palestra dada na Conferência Geral de 1979 – AFM 51.09 – Conf. Geral .79.

792 Circ. de 2 de janeiro de 1968: Os apelos do mundo. Ver o texto que narra a passagem, parte dos textos.

793 Circ. Conversa sobre a oração, p.514.

794 Circ. conversa sobre a oração, p. 514

795 Circ. de 2 de janeiro de 1968, Os apelos do mundo.

796 Circ . Projeto Comunitário, de 19 de março de 1978, p. 6

797 Conferência sobre a Espiritualidade apostólica, p. 3. Setembro de 1985.

798 Circ.Projeto de Vida Comunitária, de 21 de novembro de 1980, p. 199.

do calendário e o do relógio, mas também o tempo psicológico, o tempo artístico, o tempo social, o tempo eclesial, o tempo da graça.. Ao querer forçar o ritmo, acontece que se regressa...” Há também o risco do parto que aborta.

### **3.3 E não nos deixeis cair em tentação<sup>799</sup>**

É preciso colocar na conta da esperança os esforços imensos que Basílio dispendeu para confirmar os Irmãos em sua vocação, relembrando-lhes a esperança que habitava a vocação deles, fazendo com eles discernimentos claros, acreditando mesmo quando aparentemente havia poucos trunfos, contando com a graça até o fim. É uma esperança no homem, no consagrado e na graça<sup>800</sup>. Para todas as congregações, os anos que seguiram Vaticano II foram um período de tormenta e de desorientação. No caso de cada Irmão em crise, Basílio explorava as vias da esperança: visitas, cartas, longas chamadas ao telefone, a Roma, sugestões de retiros com homens de Deus como Carlo Carretto, Caffarel, os Foccolari de Loppiano... Ele se servia de todos os meios para chegar a um discernimento justo e depois para tornar a dar entusiasmo às pessoas qualquer que fosse sua nova escolha de vida. Escrevia a um Irmão Provincial: “De nenhuma maneira penso que seja uma boa coisa pedir a dispensa dos votos. Nós devemos esperar contra toda esperança. É um homem que foi fiel à verdade e que, mesmo nesse momento de crise, procura a vontade de Deus. Seria precipitar sua saída sem esperar as soluções evangélicas que nossa Congregação

---

<sup>799</sup> Mt. 6, 13.

<sup>800</sup> Este aspecto é longamente tratado no caderno 7: Basílio: O Superior e o Irmão.

pode oferecer durante a segunda sessão do Capítulo”.<sup>801</sup> Um Irmão passa por momento difícil; depois de lhe sugerir cinco soluções possíveis, ele termina: “Que o Senhor te ilumine e te ajude neste momento de dificuldade. Não te esqueças de que os ambientes de Cruz e de provações são momentos privilegiados nos quais nossa vida chega a uma encruzilhada de caminhos: ou tudo pode começar a ir bem ou tudo pode ruir. Rezo por ti e espero com grande interesse, e na oração, tua resposta...”<sup>802</sup> Acontecem falsos passos; neste caso para Basílio o futuro conta mais que o passado: “Se tivesses confiado com toda sinceridade, terias evitado o erro enorme que cometeste e nós poderíamos resolver o caso facilmente; agora, ao contrário, depende de mil fatores e as consequências são imprevisíveis. Mas, enfim, não se trata de voltar ao passado que é irreversível, mas enfrentar o futuro, com clareza e firmeza...De meu lado tu podes contar com o perdão e uma ternura sem limites e o desejo mais profundo de te ajudar. Ate peço que compreendas que minha ajuda não pode ser nem imprudente nem cega, e escreve-me com toda confiança...”<sup>803</sup> Esta bonita carta diz que a esperança é confiança na misericórdia de Deus, abertura ao futuro, perdão, ternura, ajuda, oração, prudência. Quando a escolha se inclina para o abandono da Congregação, Basílio respeita a liberdade, guarda sua afeição, continua sua ajuda, tenta sempre passagens pela esperança: “Espero que, com o tempo, estes problemas que são hoje vermelho vivo, tomarão um caráter mais relativo e que a amizade primeira poderá renascer num estado de vida diferente no seio da Igreja”.<sup>804</sup> Nós sabemos que estes casos eram o

---

801 Carta de 28 de junho de 1968. AFM 51.09 – B1 – México Ocidental

802 Carta de 6 de dezembro de 1975. AFM 51.09 – A2 – Brasil Norte.

803 Carta de 12 de dezembro de '980. AFM 51.09 – México Central.

804 Carta de 7 de outubro de 1981. AFM 51.09 – A4 – Lião. A muitos Irmãos que deixam e se casam ou se orientam para o sacerdócio, Basílio lembra que há

pão cotidiano daqueles anos. Eram a cruz do Irmão Basílio. Sofreu, mas nunca ficou amargo com aqueles que nos deixavam, às vezes colaboradores, amigos muito próximos. A fé lhe dizia que a Cruz é a etapa que precede à ressurreição; a esperança fê-lo esperar com paciência esta ressurreição, esta nova aurora da vida religiosa.

### **3.4 A esperança nasce na manhã da Páscoa**

Nos anos em que Basílio foi Superior Geral, a Igreja e, portanto nossa Congregação também, encontravam-se em muitas partes do mundo numa situação de perseguição: a China de Mao, Moçambique e Angola nos anos que se seguiram à independência e a opção pelo marxismo, o Zaire e a Rodésia, nas convulsões da independência. A esperança do Ir. Basílio nestes casos era a acolhida da coragem, da generosidade, da esperança dos Irmãos que viviam nesses países. Traduzia-se em admiração, encorajamento, ajuda a mais concreta, esperando tempos melhores. Já dissemos que tipo de correspondência manteve com os Irmãos da Angola e Moçambique<sup>805</sup> durante esses anos, quando eles se viram despojados das escolas e obrigados a viver numa situação de grande penúria. São~eles, sem dúvida, os Irmãos que receberam mais cartas para que se sentissem reconfortados pela afeição da Congregação e do Superior Geral.

Na China de Mao muitos Irmãos conheceram os campos de trabalho, os julgamentos populares, a lavagem de cérebro, os golpes de bastão, a prisão, a fome, o frio, a morte. Esses Irmãos que vi-

---

sempre meio de servir Cristo, que o Senhor continua chamar com amor.

805 Cfr. o caderno 7: Basílio, o Superior e o Irmão.



vem de esperança cristã são preciosos aos olhos de Basílio e à sua oração: “Eu falei tête-à-tête com um padre católico, que ficou um longo tempo em prisão, em condições inimagináveis, e que ficou fiel a Cristo e à Igreja num nível e com uma resistência que me impressionaram... Este sacerdote me dizia: “Diga a seus Irmãos de nunca abandonar, nas suas recordações e, sobretudo, nas orações, todos os cristãos, todos os católicos da China e, sobretudo seus próprios coirmãos deste país. Quando se encontra privado de livros, de liberdade, de contatos, de toda forma de agrupamento religioso, o cérebro se esvazia pouco a pouco dos conhecimentos, das heranças cristãs e o núcleo, digamos, da fé intelectual, suporta uma verdadeira redução tanto mais que durante o mesmo tempo, foram doutrinados com grandes reforços de homilias, de diálogos para apagar em vocês todo traço de mentalidade “retardatária e burguesa”. Mas continuamente também a fé é sustentada por milagre, e, com ela, a resistência ao doutrinamento. Certamente, este milagre é antes de tudo aquele de uma graça interior, mas é também a garantia de que há, em outro lugar no mundo, uma Igreja que está profundamente unida a vocês, que reza por vocês, que se lembra de vocês...”<sup>806</sup> A um Irmão da Rodésia, ele escreve: “Continuem a fazer todo o possível pelos alunos, em seguida repousem no Senhor. Ele os ama ainda mais do que nós os amamos; ele sabe aquilo de que têm necessidade e ele provê.” Apesar disso, há lugar nos nossos corações para a confiança em Deus e para a compaixão, esta dor que nos oprime quando nos encontramos impotentes para fazer o que seja, para vir em ajuda aos fracos, aos pobres, ao Cristo crucificado. Como Maria, nossa Boa Mãe, não nos permitamos cair no desânimo; fiquemos de pé junto à cruz de Jesus.

---

806 Carta de 20 de maio de 1984. AFM 51.09-A3.

É sua paixão que se renova hoje na Rodésia-Zimbábue, no Cambógia, no Vietnam, em Moçambique e em tantos outros lugares. Amanhã, “será a ressurreição.”<sup>807</sup> É também no horizonte da ressurreição que ele coloca seus encorajamentos a um Irmão autóctone do Zimbábue: “É só agora que as notícias me chegaram da morte trágica de vários membros de sua família. Ofereço-lhe toda minha simpatia, e, entretanto, eu encontro força no fato, que não é uma simples coincidência que tudo isso tenha acontecido na Sexta-feira Santa, o dia quando Cristo derramou seu sangue por nós. A violência e as trevas que se estenderam sobre o mundo de então, voltam sempre... Acontecimentos semelhantes terão lugar enquanto houver pessoas justas, escolhidas, que unidas ao Cristo se oferecem para ser o fermento que levanta o pão da humanidade e o torna aceitável ao Pai. Não fosse nossa fé na Ressurreição, haveria de que desesperar. Mas na esperança que a Ressurreição nos dá, encontramos a força para abençoar e amar.”<sup>808</sup>

### **3.5 Lembra-te de Jesus Cristo, ressuscitado dentre os mortos**

A esperança projeta sua luz sobre todas as Sextas-feiras Santas, os momentos quando sobrevêm as cruces, a doença, a morte e lhe reconhece o valor. Para o Senhor e para aqueles que se unem a ele, a Sexta-feira Santa e o dia da Páscoa formam um todo. Basílio, de bom grado conforta seus Irmãos com esta verdade: “Coragem, meu bravo, nas dificuldades que a divina Providência coloca sobre

---

807 Carta de 5 de agosto de 1979. AFM 51.09 – A4 – Iberville.

808 Carta de 22 de abril de 1978. AFM 51.09 – A4 – Iberville.

seus ombros, a exemplo do que fez para o Cristo. Esta passagem encapelada na sua existência de consagrado ao Senhor terá bons frutos, se souber ver aí a mão de Deus.”<sup>809</sup> Num parágrafo anterior, lhe havia dito: “É bom constatar, meu caro Irmão, que as obras de Deus exigem, para seu pleno desenvolvimento, o concurso da cruz...” Dirige-se a um Irmão paralítico: “O Padre Champagnat nos garantia que os Irmãos doentes são um grande tesouro e uma fonte de muitas graças; é bem o que eu penso também no seu caso. É uma fé heroica da parte daqueles que, como você, sofrem ao partilhar nossa fé”.

Quando o Ir. Charles-Rafael estava para morrer, lembrou-nos que era bem fácil falar destas coisas, mas vivê-las é outra coisa, nada fácil. “O senhor, caro Irmão, e aqueles como o senhor, são os que sofrem e nós temos parte nas graças que nos obtêm, eis porque lhe dizemos obrigado de todo nosso coração...”<sup>810</sup> A Irmã Maria da Eucaristia que o havia ajudado muito quando ele era responsável pelo Mundo Melhor, no Equador, lhe faz saber que está bem doente. Basílio lhe responde: “Que o Senhor a cumule com suas bênçãos e inunde sua alma com a alegria de servi-lo, mesmo no meio dos sofrimentos de sua penosa doença. Sofrer pelo Cristo é uma coisa suave e certamente que o Senhor não poupa os sofrimentos às pessoas que ele ama muito. Mas, Jesus foi o primeiro a levar a cruz, e bem mais pesada que a nossa, e se imolando todos os dias sobre o altar, ele nos convida a levar nossa cruz por amor por ele. Como o abençoaremos, quando entrarmos na eternidade, de ter sofrido pelo Cristo no curso desta vida. Ao alto os corações! minha cara Irmã! Para o dia de sua festa, eu lhe desejo muita paz

---

809 Carta de 10 de fevereiro de 1972. AFM 51.09. B3-Congo-Rwanda.

810 Carta de 7 de novembro de 1084. AFM 51.09. Alemanha.

e alegria”.<sup>811</sup> Os Irmãos que sofrem ou que são idosos são sempre o objeto de afeição especial da parte do Irmão Basílio. Ele sabe que a esperança deles precisa ser sustentada: “Se todos os Irmãos do Instituto são objeto de minha atenção, devo acrescentar que aqueles que o Senhor Deus encontra aptos de serem submetidos ao sofrimento ou a outras provações amargas são objeto no meu coração de uma solicitude bem especial.” Procuo sempre mais notícias e comunicação no que lhes diz respeito.<sup>812</sup> “Rezo frequentemente por eles e os recomendo a Deus devido às numerosas bênçãos que eles obtêm para a Congregação, graças à paciência e aos sofrimentos deles.<sup>813</sup> É, sobretudo diante da morte de um ente querido que Basílio relembra a esperança cristã: “E ainda sob o choque doloroso da triste notícia da morte inesperada de seu caro esposo que venho apresentar-lhe meus sinceros sentimentos e os do Conselho Geral. Juntos lhe oferecemos a garantia de nossas orações pelo eterno descanso da alma de seu querido falecido e pedimos ao Senhor de lhe conceder as graças da força e da consolação neste momento quando a cruz a visita de modo particularmente penoso. Que sua grande fé de cristã exemplar lhe permita ver, além da cruz e da morte, a mão paterna de Deus que coroa a bela vida de seu admirável esposo e nos mostre a todos o caminho que um dia, por nossa vez, devemos tomar para partilhar a ressurreição de Jesus Cristo.”<sup>814</sup> O Pe. Paul Jacquemin foi durante longo tempo capelão da casa geral e tinha sido objeto das brincadeiras do Ir. Basílio. Esse padre faleceu em 1976 e Basílio lembra-o assim, quando da missa de aniversário de sua morte: “Estamos reunidos

---

811 Carta de 9 de junho. AFM 51.09-C1-Ecuador.

812 Carta de 22 de setembro de 1077. AFM 51.09-B3 – Sidnei.

813 Carta de 23 de setembro de 1977. AFM 51.09-B2- Poughkeepsie.

814 Carta de 7 de agosto de 1985. AFM 51.09-C3-Estrangeiros.

esta tarde, aniversário da morte do padre Paul Jacquemin, sabendo bem como diz São Paulo, “que aquele que ressuscitou o Senhor Jesus nos ressuscitará um dia também com Jesus e nos colocará perto Dele”. Logo cantaremos: “Tu nos guiarás pelos caminhos da vida, Tu nos abrirás tua casa, Senhor”.

Ao caminharmos, carregamos nosso tesouro em vasos de argila, para que se veja bem que este extraordinário poder pelo qual somos salvos, pertence a Deus e não vem de nós. Sempre cheios de segurança, e sabendo bem que morar neste corpo, é viver no exílio longe do Senhor, caminhamos na fé, não na clara visão.”<sup>815</sup> Reencontramos aqui uma atitude habitual do Irmão Basílio: projetar o acontecimento da morte na luz da ressurreição. A esperança cristã nasceu justamente na manhã da Páscoa: jorrou do túmulo com o Senhor.

---

815 Palavra de introdução à missa, 23 de agosto de 1977. AFM 51.09-C2-Colégio Internacional.

**4**

## OS FRUTOS DA ESPERANÇA

## 4 OS FRUTOS DA ESPERANÇA

Eles não são atribuíveis somente à esperança; são sempre os frutos de todas as virtudes, de uma vida que se quer cristã e onde Deus tem carta branca. Enumerando as fontes da esperança nós as encontramos na experiência de Deus, que é uma experiência de amor, no dom da fé que proclama a ressurreição, a volta do Senhor, a comunhão dos santos, a vida eterna. Mas vivemos no tempo e podemos dizer que a esperança é a fé que aceita a indispensável lentidão do tempo. Ela é a fé que se torna paciência, constância, paz, otimismo, combate, humildade, gratidão e antes um sentido robusto da vida, por que: é na esperança que seremos salvos<sup>816</sup>.

### 4.1 Sentidos da vida

O sentido da vida vem da fé, mas é a esperança que o vive e o mantém desperto; ela é como o óleo que permite à chama de queimar, sobretudo nos momentos de cansaço e de dificuldade. Face à morte, a esperança relembra a ressurreição do Senhor, sua promessa de vida eterna, seu compromisso para que estejamos com Ele, numa família de santos. Quando Basílio relembrava tudo isto àqueles que viviam em luto, ele lhes recordava o sentido da vida, despertava neles a esperança cristã. Sem dúvida o caso mais típico é sua própria morte, quando se coloca, como o Cristo, nas mãos do Pai. A última carta que envia a seus amigos, um mês antes de sua volta ao Pai, diz bem que sentido ele tinha dado à sua vida e o que ele esperava na paz:

---

816 Rom. 8, 24.

“Hoje constato a realização prática de uma verdade que me disse o Ir. Leônidas há bastante tempo: “O senhor queima sua vida pelos dois lados, sua vela pelas duas pontas.” E ele me enviava uma grande página de uma revista onde havia uma espécie de vela bastante grossa e cujas duas pontas estavam acesas. E eu lhe dei uma resposta, talvez um pouco insensata: “Este sempre foi o meu ideal”.

Queimar minha vida pelo Cristo e pela minha Congregação, mesmo se isto devesse acabar em menos tempo que aquele que ela teria podido normalmente durar.

Fiz bem? Fiz mal? Eu não me preocupo. Eu coloco tudo isto nas mãos do Cristo Jesus, nas mãos do Pai e me sinto numa paz profunda, na ação de graças e toda em louvor. Sei que “não há mãos melhores que aquelas de Deus e é nelas que eu me coloquei.”<sup>817</sup>

## 4.2 Força, paz, otimismo

No fim de sua vida a esperança de Basílio tornou-se paz, gratidão, louvor. Ele afirma que não dá para ser cristão e pessimista. Isto não suprime nenhuma dificuldade da vida, mas a esperança ajuda a manter a paz, na certeza de que Deus não é nem indiferente, nem distante, nem inativo na nossa aventura humana, pois que Ele é Pai.

A esperança se torna uma força no cardápio cotidiano; longe de ser uma virtude que afasta do mundo e que aliena, ela encarna

---

<sup>817</sup> Mensagem escrita por Basílio um mês antes de morrer; em *Queimar a Vida*, p. 306-307.



no hoje e acolhe os problemas humanos, ela torna disponível ao bem e colabora com todos aqueles que fazem o bem.<sup>818</sup> Isto permite comprometer todas as suas forças em tudo o que se faz porque até o fracasso é recuperado pela ressurreição. Pode ser uma das explicações da extraordinária energia que Basílio colocou na sua função de superior<sup>819</sup> e sua constância em orientar a congregação para Deus, mas também para os pobres, as missões, os refugiados, as crianças e os jovens marginalizados. Os depoimentos do engajamento intensivo do Irmão Basílio são numerosos. O Irmão Quentin respondendo a uma Irmã lhe diz: “Eu não duvido de que o tom desta carta a surpreenda, mas o fato é que no momento está de cama, devido a um esgotamento extremo ocasionado por um trabalho excessivo e às consequências naturais das gripes de inverno. E como ele deve empreender uma longa viagem à América em uma data próxima, nós quisemos evitar-lhe absolutamente todo trabalho e toda preocupação.”<sup>820</sup> E eis que Basílio confia a seu amigo Alfredo Bruniera, Núncio apostólico no Líbano: “Quereria escrever-lhe antes, mas isso foi fisicamente impossível. O último mês, passado em Roma, apresentou uma densidade de trabalho extraordinário. Uma média de sono de cinco horas que às vezes não chegava a três por dia. Depois disto preguei os retiros na América Central e em Adelaide: depois de amanhã começarei outro em Melbourne, virão depois uma série de retiros no Chile, no Equador, nos Estados Unidos, no México, na Rodésia. Só voltarei a

---

818 Basílio, depois de ter reencontrado Madre Teresa de Calcutta no Sínodo de 1980, envia uma carta a toda a Congregação para que os Irmãos estejam prontos a ajudá-la se a ocasião se apresenta. Da mesma forma, ele recomenda Kiko Arguello aos Irmãos dos Estados Unidos na primeira viagem que o fundador dos neo-catecumenatos faz nesse país para estabelecer o movimento.

819 Cf. Cadernos 6: Inteligência e trabalho 7: o Superior e o Irmão.

820 Carta de 10 de dezembro de 1969. AFM 51.09-C1 – Religiosos.

Roma no fim de abril... Em junho empreenderei outra saída de três ou quatro meses. Prevejo me encontrar em Roma por alguns dias em setembro, outubro e um pouco em novembro, antes de voltar à Austrália para quatro ou cinco retiros...”<sup>821</sup>

No decorrer da Conferência geral de 1971, é no documento chamado Meditação em voz Alta, que Basílio afirmou com total clareza a todos os Provinciais sua vontade de impor à Congregação a renovação pedida pelo Concílio: “Sinto crescer em mim, com força irresistível e espontânea a decisão de apoiar, nos limites de minha autoridade, e no âmbito da colegialidade e da subsidiaridade, a implantação leal, o desenvolvimento e a realização da forma pós-conciliar e pós-capitular da vida marista. Espero que vocês também, Irmãos Provinciais, saibam, nos momentos de oração, escutar o Espírito para captar os impulsos.” A Meditação em voz alta se conclui por estas linhas: “Termino repetindo: sinto uma força que nasce em mim, sem mim, para apoiar tudo o que nasce no Instituto e se desenvolve no sentido da mudança e da renovação que o Espírito Santo inspira. Tenho a lhes dizer ao mesmo tempo isto: meu desejo de apoiar o que é autêntico me levará a me opor ao que não é autêntico, apesar do desconforto que isso possa causar a certos Irmãos, mesmo que alguém, quer esteja no cargo ou não, peça para se retirar do Instituto. Este matiz não está em mim por medo de mudança ou conservadorismo, mas como cuidado para chegarmos a uma mudança que não aborte, e dê frutos. Como dizia Yves Congar: “É preciso ajudar a aurora nascer.”<sup>822</sup>

---

821 Carta de 24 de dezembro de 1874. AFM 51.09-D2-Bispos e Cardeais.

822 Meditação em voz alta, p. 399.

Que força num homem tão meigo, mas tratava-se de orientar decididamente a Congregação para a vontade de Deus. Isto não vai, nem contra a serenidade nem contra o otimismo, qualidades reconhecidas nele de bom grado, com seu senso e igualdade de humor<sup>823</sup> apesar, às vezes, de um acúmulo de problemas sérios. É como se os problemas não fossem seus, mas de Deus de quem ele só era o servo. Basílio reconhece também que é otimista por natureza e que prefere ser assim; não gosta, como ele diz, “cultivar um jardim de rosas pretas”. Escreve a um Irmão Provincial: “Seu provincialado vai acontecer num momento difícil, mas é nessas circunstâncias e pela alegria com a qual um homem carrega a sua cruz, que Deus reconhece seus melhores servos. Espero assim que no seu coração reine um grande otimismo, e no seu caráter uma serenidade de elefante, para oferecer segurança e otimismo aos Irmãos que, com uma personalidade menos forte, perdem a cabeça diante dos acontecimentos.”<sup>824</sup> É neste tom também que dirige a todos os provinciais a Circular sobre a Oração: “Coragem, portanto, Irmão Provincial, se por acaso sua Província está numa situação difícil. Teria sido mais agradável apascentar o rebanho num dia de sol e de calma; mas se é no mau tempo que o Senhor lhe pede este serviço, por que não lhe mostrar também seu amor, sua disponibilidade, sua confiança?”<sup>825</sup> De um modo realista ele reconhece: “O superior hoje, faz antes pensar no servo da visão de Isaias: “raiz em terra árida, sem beleza nem brilho, desprezado, desconsiderado”.<sup>826</sup> É preciso pedir ao Senhor que suscite vocações de superiores.”<sup>827</sup>

---

823 Cf. Caderno 7: a segunda parte: Basílio Irmão.

824 Carta de 6 de novembro de 1971. AFM 51.09-B3-Uruguaí.

825 Circ. sobre a Oração, carta aos Provinciais que precede a Circular, p.328.

826 Isaias 53,3.

827 Circ.sobre a obediência, p. 94

Um Irmão se retira e Basílio envia uma palavra de encorajamento ao Provincial: “São coisas tristes, mas explicáveis e que não devem nos fazer perder nem a paz nem o entusiasmo no caminho que seguimos. E para aquele que se vai, muita compreensão, não fazer-nos seu juiz e rezar por ele”.<sup>828</sup>

Ele que pede aos superiores serenidade nestes tempos difíceis, permanece otimista: “Sim, caros Irmãos Provinciais, eu acredito firmemente no futuro da vida religiosa e no de nosso Instituto. Hoje, me sinto francamente mais otimista que por ocasião do Capítulo Geral.”<sup>829</sup> O otimismo de Basílio se retempera com todas as promessas de Deus que a esperança lhe relembra no curso de suas longas horas de contemplação diante do Santíssimo Sacramento.<sup>830</sup> Ele necessita de total esperança quando em 1976, foi reeleito.<sup>831</sup> A Congregação e Deus pediram-lhe de retomar a cruz por nove outros anos. Sentiu uma grande surpresa interior, uma verdadeira luta, mas onde finalmente superou sua esperança e a confiança de que Deus não o abandonaria: sua esperança do Deus fiel permitiu-lhe retomar o caminho.<sup>832</sup>

---

828 Carta de 12 de novembro de 1975. AFM 51.09-B2-Rio de Janeiro.

829 Meditação em voz alta, p.365.

830 Caderno 3: O universo da Oração, pág. 3. 7.

831 A propósito dessa reeleição, ele escreve a seu amigo Mons. Alfredo Brugnera: “Que o encargo seja um “ônus” eu o experimento frequentemente e eu nunca resenti tanto quanto no momento em que tive de dizer “sim”, no momento da reeleição...Uma vez mais, foi o exemplo daqueles que o pronunciaram antes, Jesus Cristo, Maria, que me encorajou a pronunciá-lo com todas as consequências.” Na versão italiana desta carta há a nuance: “Eu pensei no “fiat” da Virgem. Ajudado por ela e confiando nela, eu também o pronunciei”. (Cartas de 11 de novembro de 1976., AFM, 51.09-D2 – Bispos e Cardeais). Cf. Caderno 9, p.4, nota 13.

832 No caderno 9, sobre a fé, demos nosso depoimento sobre esta reeleição.

### 4.3 Fidelidade

“Não o abandonarei jamais”.<sup>833</sup> nos garante aquele que é o Deus fiel,<sup>834</sup> aquele cujo amor se estende de geração em geração.<sup>835</sup> À fidelidade de Deus, a esperança responde por um dom de si fiel e frequentemente de mais a mais generoso. A última circular que Basílio envia a seus Irmãos, aquela sobre a Fidelidade, é dedicada assim:

- *A nosso Deus, fiel na sua ternura e seu amor;*
- *A Maria que tudo fez em nossa casa,*
- *A tantos Irmãos, silenciosos imitadores da Virgem fiel, que queimaram pelo Cristo, uma vida tecida de mil vicissitudes.*<sup>836</sup>

Tecida de mil vicissitudes, porque “o real, em matéria de fidelidade, é frequentemente a tempestade e o Caminho de Cruz, com suas quedas humilhantes às vezes, mas também com o esforço do reerguimento, de superação na medida da fé e do amor.”<sup>837</sup> A primeira intenção de Basílio ao escrever a Circular é de “não deixar que se percam os tesouros de graças e de correspondência à graça, de ensino e de experiência.”<sup>838</sup>

Será que agimos na esperança ou no amor? É certamente questão de muita confiança e de amor. Será preciso ignorar este depoimento de força<sup>839</sup> que se produzia em circunstâncias tão

833 Deut.31,6 e 8; Josué 1,5 e Hb 13, 5.

834 Salmo 118.

835 Magnificat, Luc. 1,50.

836 Circ.A Fidelidade, p.9

837 Circ.A Fidelidade, p.12.

838 Circ.A Fidelidade, p.15,

839 A fidelidade de muitos Irmãos.

diffíceis, no seio de uma contracultura que justificava a infidelidade, de confusão de valores que tornava a por tudo em questão e que relativizava tudo?”<sup>840</sup> Em todo caso a lembrança “destas entrevistas inesquecíveis onde Irmãos derramavam lembranças, alegrias, dificuldades, crises, quedas, restabelecimento, mil detalhes da vida deles vivida por Deus.”<sup>841</sup>

Essa fidelidade dos Irmãos faz eco àquela do povo de Deus:

Como a corsa sedenta por águas correntes,  
assim minha alma está em busca de Ti, ó meu Deus!  
Por que te curvas, ó minha alma, gemendo dentro de mim?  
Espera em Deus. De novo o louvarei, ele é meu Salvador e  
meu Deus!<sup>842</sup>

As virtudes não têm fronteiras, elas coabitam e se engendram. É preciso fé para esperar, a esperança que encontra um Deus fiel que se torna amor, e este confirma, por experiência do amor de Deus, que vale a pena esperar e acreditar: “Quando ele entra no campo da consciência, o mistério cristão entra como fé, como amor, como esperança, e tudo isto vivendo no Cristo”.<sup>843</sup>

Certos depoimentos em favor do Irmão Basílio ligam bem estas três virtudes juntas: “Como lhe podemos agradecer pela extraordinária liderança durante esses anos verdadeiramente difíceis do pós Vaticano II. Está claro que o Espírito nos guiou quando ele o escolheu. O senhor mostrou-se sempre tão pleno de fé, de esperança e de amor. Para nós isto é evidente. Também, Irmão, roga-

---

840 Circ.A Fidelidade, p.16.

841 Circ. A Fidelidade, p.9.

842 Salmo 41, 2,6.

843 Circ.Conversa sobre a oração, p.507.

mos a Virgem Maria para que ela continue a plenificá-lo desta paz e desta força que surgem quando se faz a vontade de Deus.”<sup>844</sup>

## 4.4 A Humildade

Entre a fidelidade de Deus e nossa fidelidade, há todo o espaço da humildade, tão conscientes somos de nossa fidelidade infiel. Nossa esperança se veste de humildade: “A humildade e a modéstia fazem com que o sentido radical dos limites pessoais e da carência ontológica sejam assumidas e elevadas pelos dons da natureza e da graça até à riqueza, a plenitude, a fecundidade e o dinamismo.”<sup>845</sup> Por sua vez, a humildade reforça a virtude e os frutos da esperança:” Tudo o que nasce da humildade é inestimável:

- A aceitação de si,
- A paz interior,
- A harmonia na vida social,
- A disponibilidade e a adaptação,
- A afeição pelos pobres e os abandonados.

As três violetas maristas: a humildade, a simplicidade e a modéstia se ligam à virtude teológica da esperança. Esta virtude nos volta para Deus por esperar tudo dele: “é lá que há – sobretudo nos santos – dons do Espírito com superabundância; é então que o cristão, - o santo mais ainda – se dá conta de que ele não é nada e não tem nada por si mesmo, mas que tudo recebeu, que sua vida é uma seqüência de dons; é então que sobe ao coração este sentimento

844 Carta de 15 de agosto de 1985 – AFM 51.09-B1 – Austrália.

845 Circ.2 de janeiro de 1968, p. 621.

que produziu em Maria seu cântico tão puro do Magnificat, e em nós também pode produzir um canto de ação de graças matizado de dor e de lágrimas.”<sup>846</sup>

A humildade faz germinar a gratidão, outro fruto da esperança e tempo do amor.

## 4.5 Um espírito de pobre

Uma verdadeira esperança expõe os limites do homem e ao mesmo tempo murmura no coração as promessas de Deus. Ela fala da pobreza e não pode ser verdadeira senão num coração pobre. Basílio afirma isso claramente aos capitulares de 1985: “ Sim, é preciso que nos coloquemos à escuta de Deus em longas horas de oração de dia ou de noite, que nos forem possíveis durante o Capítulo Geral.

Saibamos perder todas nossas riquezas para tornar-nos pobres de espírito, despojados até mesmo de uma riqueza, que às vezes é tanto mais perigosa quanto mais interior. Essa riqueza, com efeito, pode nos fechar ao sopro do Espírito: riqueza do saber, da ideologia, da opinião formada, da autossuficiência, do espírito supercrítico, da tendência ao questionamento sistemático.

Atenção a esta sabedoria, que sabe tudo de antemão, que tem seus projetos, seus planos, suas opções, etc. Uma oração que partisse de um coração assim entorpecido, não deixaria lugar ao Espírito Santo, não deixaria entrada à vontade do Senhor.

---

846 Circ.2 de janeiro de 1968, p.624.



Neste caso, a tendência de apresentar nossa vontade como aquela de Deus seria contínua. Assim sendo, termina o diálogo fraterno dos buscadores de luz, acaba a verdadeira partilha. Só a discussão e a polêmica continuam na ordem do dia, arruinando as bases de um verdadeiro discernimento.

Convido-os, portanto, meus caros Irmãos, e eu me convido também, a nos unirmos a Deus para criar as condições de acolhida, de abertura e de pobreza, imitando o “servo que observa seu mestre”<sup>847</sup> ou o salmista que olha para as montanhas de onde lhe vem o socorro”.<sup>848</sup>

Só um coração de pobre sabe esperar; o rico conta com seus tratagemas, “com os grandes meios de sucesso”<sup>849</sup>, mas os pobres da Bíblia dizem: “Nosso socorro vem do Senhor que fez o céu e a terra”.<sup>850</sup>

## Conclusão

“Saibam prestar conta da esperança que os habita.” 1Pr.3,15. De fato, toda vida do Irmão Basílio, depois da graça da conversão, não foi senão: proclamar a esperança que o habitava. Ele se descreve a si mesmo quando fala do profeta: “O profeta sente queimar no seu coração a paixão pela glória de Deus e, uma vez que acolhe sua palavra, ele a proclama pela boca, por suas ações, por seu pensamen-

---

847 Salmo 123,2

848 Salmo 121,1.

849 Basílio lembra várias vezes esta passagem da vida do Fundador, notadamente na primeira Circular de 2 de janeiro de 1968, os apelos do Fundador, p.543.

850 Salmo 121.2.

to, por suas palavras, por seu contato com o outro, numa transparência que manifesta a autenticidade dos grandes ideais em favor do Reino, num compromisso heróico em relação a todos.”<sup>851</sup>

Esta esperança é muito mais que espera confiante que Deus realizará suas promessas de vida: ela é experiência desta vida, ela é esta extraordinária aventura do amor entre Deus e o homem, ela é também a corrida de Maria para levar seu Filho nas estradas dos homens.

Basílio proclama sua esperança nas suas Circulares, nas cartas, nas conferências, nas entrevistas, nos retiros que organiza e dá, nas visitas, nos relatórios das visitas. Ele faz, sobretudo, dom de sua esperança nos inumeráveis encontros de pessoa a pessoa, quando parecia que o tempo disponível não tinha mais limites mesmo à noite, como Jesus com Nicodemos. Tudo fala de sua esperança, tudo proclama o Deus que encontrou, um Deus que é somente amor: “Irmãos, o que fundamentalmente produz nossa paz, não é que nós sejamos bons, mas bem o fato de que Deus é bom. Não é o fato que amamos, mas o fato que somos amados por um amor eficaz e infalível... Deus nos ama e não faz outra coisa senão nos amar, e Deus não pode não nos amar”.<sup>852</sup> Então todas as suas energias são investidas no seu ideal: “queimar a vida por Cristo”<sup>853</sup>. Não há melhor modo de proclamar sua esperança que viver intensamente e com alegria a vida cristã e queimá-la por Cristo.

---

851 Já citado na página 9.

852 Retiro de 1972, na província do Norte (Espanha): Chamado à conversão.

853 Esta expressão se encontra seguidamente na caneta de Basílio e muito claramente na última mensagem que envia a seus amigos um mês antes de sua morte. Esta mensagem vem transcrita na parte dos textos deste caderno.

Mesmo hoje, reler seus escritos reconforta a fé, torna viva a esperança e rejuvenesce o amor.<sup>854</sup> Ele não somente governou bem o Instituto, sobretudo partilhou com seus Irmãos as riquezas de sua vida interior. Deu o melhor de sua esperança: a sede de Deus, o encontro com Deus, o dom total a Deus.

Toda vida de Basílio foi tensão para a plenitude da vida que se extingue pela morte. A vida eterna, a sede de se encontrar com o Pai, filho no Filho, animado pelo Espírito do Filho, na grande família dos santos, é a orientação última que a esperança imprime nos desejos os mais verdadeiros do coração. A fé na vida eterna<sup>855</sup> e a tensão da esperança que cria nela o desejo e a fome, dão sentido a todo viver cristão. É um ato de adoração que professa ser Deus verídico, que merece confiança e que suas promessas são dignas de fé. É assim que Basílio compreendia a esperança dos mártires.<sup>856</sup> Basílio viveu desta esperança, uma esperança que em nome de Deus sempre o direcionou para as pessoas. Um mergulho na sua Circular sobre a obediência nos faria descobrir um homem de esperança cotidiana, porque ele tinha adquirido o hábito de viver “no ritmo da vontade do Pai.”<sup>857</sup>

---

854 Precisaria reabrir as páginas das Circulares sobre a obediência, sobre a oração para descobrir textos espirituais próximos de nós e que verdadeiramente nos iluminam.

855 Ler aqui o que Basílio diz do julgamento de Deus e ele tem sede dele. A passagem se encontra na página 9, da conferência: A Palavra de Deus e os ritmos da vida no cristão. Referida aqui nas páginas 135-136.

856 Conferência: A Palavra de Deus e os ritmos da vida no cristão, p.21. Mas também as alusões do capítulo 25 de Mateus: o juízo final.

857 Circ. A obediência, p. 9.

## **1. Meu caro Irmão**<sup>858</sup>

Acabo de saber por mediação do Irmão John Malachy, que o Senhor chamou para si ultimamente a alma de seu bem-amado pai. Apresse-me em encontra-lo por esta carta, querendo testemunhar-lhe a amizade que lhe devoto. Você é, com efeito, um dos Irmãos que mais estimo.

A morte daqueles que amamos é um rude golpe para nossos corações sensíveis e afetuosos. Cristo, ele mesmo, sofreu esses golpes, e sua alma afetuosa extravasou em choro a ponto de arrancar dos judeus comentários como este: “Vede como ele o amava!” Equivale dizer, meu caro amigo, sua dor pelo falecimento de seu pai é bem legítima e foi assumida pela paixão de Cristo.

Mas estejamos certos disso, logo (porque esta vida é bem curta), sua aflição se converterá em alegria e esta alegria, ninguém a arrebatará. Há poucos dias apenas, celebrávamos a festa da Assunção de Maria. Que sinal maravilhoso para nossa esperança cristã. Maria, ontem uma mulher que conheceu o luto e a solidão, hoje e sempre se encontra mergulhada no oceano sem fim da alegria de Deus, em comunhão perpétua com todos aqueles que lhe são caros. Eu não duvido de que esta Boa Mãe acolheu com amor a alma de seu papai, e que junto de Maria ele está vivo para interceder por nós todos.

Permaneçamos firmes nesta fé, e creiamos sempre mais na comunhão dos santos.

Rogo-lhe, meu Irmão, creia na minha inteira amizade e na parte que tomo nesta visita que o Senhor acaba de fazer a sua querida família.

Seu muito afeiçoado  
Irmão Basílio Rueda

---

858 Carta de 08 de setembro de 1975 – AFM 51.09-B2 – Poughkeepsie.

## 2. Meu caro Irmão Provincial<sup>859</sup>

... Tudo está bem presente na memória: recepção calorosa, as delicadas atenções, o desejo sincero em todos de buscar a vontade do Senhor... Sem dúvida, “a finalidade primeira da minha visita ao Canadá foi de animar os *retiros de renovação*”. Estes retiros têm obtido certo sucesso a julgar pelos depoimentos expressados em várias circunstâncias e de diversas maneiras...

Com efeito, a renovação pedida pelo Concílio e nosso Capítulo Especial não pode se realizar pelo simples fato de trocar algumas estruturas exteriores. Nosso Capítulo de Renovação, de 1967-68, esforçou-se em adaptar nossas estruturas às necessidades atuais. Trocar as estruturas podia ser feito em alguns meses; mas *fazer passar o espírito das estruturas às mentes, é um trabalho de longo fôlego, é um trabalho que pede uma longa caminhada e uma lenta maturação*. Para fazer esta adaptação, o Senhor nos deu as novas Constituições que são para nós a manifestação da vontade de Deus.

Nossas Constituições permanecem um meio importante, eu diria “o primeiro” meio para um Irmão Marista descobrir como deve viver o Evangelho hoje. *Mas nossas Constituições estão ainda por descobrir*. Repito o que disse na minha Circular sobre a oração na página 558: “O que nos mantém em comunhão como cristãos, é o Senhor Jesus; como maristas é de comungar com a alma coletiva da Congregação, de *cravá-la no mais profundo de nosso ser*... Há um abismo entre as Constituições de hoje e aquelas de outrora; as atuais são um reflexo bem mais fiel do Padre Champagnat que as do passado. *A infelicidade, é que elas não estão impressas senão no*

---

859 Carta de 21 de agosto de 1975 – AFM 51.09-04 – Iberville.

*papel; quando nos colocarmos a rezar a partir delas e a partilhar seu conteúdo, poderão então se tornar impressas na nossa alma...Concluo esta curta mensagem, redizendo-lhe que, após meu contato com quase todos os Irmãos da Congregação, estou persuadido de que se vivermos bem nossas Constituições, em espírito e em verdade, seremos religiosos segundo o coração de Jesus, como o quis nosso Bem-aventurado Fundador.*

### **3. Ser presentes nas encruzilhadas dos homens<sup>860</sup>**

O que quero dizer, é que o conteúdo da mensagem (da Circular) não é a ascese, mas a caridade. *É mensagem de um cristianismo dinâmico, audacioso, criativo*, capaz de tornar nossos Capitulares e todos os Irmãos mais receptivos aos apelos do mundo e àqueles da Igreja conciliar, e mais dóceis na sua resposta...

O perigo que nos ameaça é este: apaixonados pela discussão de questões que ousaria chamar domésticas, vamos esgotar e empregar meses do Capítulo para resolver detalhes de regulamento ou de roupa, e parlamentar sobre concessões... esquecendo de refletir seriamente sobre o que fazemos e devemos fazer para que toda a Congregação se comprometa a fundo neste momento histórico exaltante que é o nosso, onde vibram apelos urgentes e angustiosos.

O nome destes apelos hoje é, com efeito: Vontade de Deus...

Este bendito impulso que empurra todos os Capitulares a querer dar à vida comunitária toda a profundidade e a efervescência da

---

860 Circ. de 2 de janeiro de 1968: Os apelos da Igreja e de Nosso Fundador no Capítulo, p. 354

seiva que se manifesta, e que existe no coração dos Irmãos no estado de voto, de desejo e de esperança, não é preciso que fique no.” *Quam bonum et quam jucundum habitare fratres in unum.*” Não, o amor de Cristo nos pressiona a não nos fecharmos no gozo de uma vida comunitária, tão doce e tão agradável seja, mas de fazer deste impulso inicial do Capítulo um ponto de partida para uma abertura ao drama do mundo que nos rodeia.

A ascese, o diálogo com Deus, a vida fraterna são três grandes forças que impulsionam a uma oração e a um zelo autênticos desenvolvendo o amor, porque o amor, quando verdadeiro, sofre de não ser eficaz diante das necessidades de quem se ama...<sup>861</sup>.

Tornar-se uma ilha no meio das correntes modernas ou nos fechar entre os muros de uma escola para nos dedicar a uma tarefa exclusiva não é uma solução adequada. Sem deixar de lado o que nos é próprio, devemos nos esforçar por viver em contato permanente e imediato com os centros do pensamento social, com os organismos estabelecidos para o desenvolvimento dos povos, com as instituições de pedagogia, de catequese e de pastoral, com os apóstolos do mundo social, com os centros de formação dos militantes, com os grupos de chefes, e, sobretudo aproveitar ao máximo as pesquisas, os planos e documentos já existentes. Enfim, trata-se de estar presentes e ativos nas encruzilhadas de nosso mundo e de nosso tempo....

---

861 Circ. de 22 janeiro de 1968: Um Capítulo para o mundo de hoje, p. 161 – 164.

#### 4. Mensagem Pós-Capitular, 1993<sup>862</sup>

“Creio que a mensagem a ser passada aos Irmãos, e, sobretudo o coração da mensagem, seria de lhes dizer que o Instituto está chegando à encruzilhada de sua história. Um giro que deve se caracterizar por uma maior fidelidade, e ao mesmo tempo por mudanças muito importantes.”

**Eu me explico:** Este é o quarto Capítulo Geral que me foi dado viver, e refletindo sobre o conjunto, parece-me que, atualmente estamos afrontando desafios, circunstâncias históricas, que vão se intensificando, e que, tudo isso, diz aos Irmãos que nosso Instituto é mais que nunca de atualidade, como se ele tivesse sido criado, inventado e fundado para nosso tempo e para as circunstâncias atuais, mas ao mesmo tempo diz que, provavelmente o modo como vivemos, as Instituições que criamos, a maneira como as administramos não estão à altura dos tempos e pedem mudanças muito importantes.

**Este é, creio eu, o coração da Mensagem:** Proclamar aos Irmãos, mais que nunca, nossa atualidade e também, mais que nunca, a necessidade de impor uma retomada muito séria de nossos caminhos, de nossas comunidades e de nossas obras. E, clareando ainda mais esta mensagem, quero dizer aos Irmãos que não desanimem, e quando os apelos do Capítulo chegarem, quando nos pedirem mudanças muito importantes, que tenham grande confiança.

Creio firmemente que aquilo que o Capítulo desejou, o que está pedindo aos Irmãos e as prioridades que assinala, transmitem

---

862 Fonte, Ir. Galo Rivera A., Provincial do Equador, 21 de janeiro de 1996, fax aos Provinciais do México.



verdadeiramente a vontade de Deus, como emanção de nosso carisma, dos apelos de nosso tempo e das circunstâncias que são as nossas.

**Que os Irmãos aceitem isso com muita confiança e paz, que o aceitem com muita coragem.**

### 5. Carta de um Mártir<sup>863</sup>

V.J.M.J.

Laudetur Jesus Christus et Maria Mater ejus. Amen!

Meus caros Irmãos,

Há mais de trinta anos que nos separamos. Durante este longo tempo não os esqueci nunca. Cada manhã, quando me levanto, assisto a missa e recebo a santa comunhão espiritualmente. Durante o trabalho do dia eu recito sem cessar estas orações jaculatórias: Coração sagrado de Jesus eu tenho confiança em vós. Ó Maria, concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a vós. Anjo de Deus que sois meu guardador, por um benefício da divina caridade, iluminai-me, protegei-me, dirigi-me e governai-me. Assim seja.

Antes de me deitar nunca esqueci de recitar: Rezemos pelas necessidades do Instituto, por nossos Superiores, nossos Irmãos, nossos alunos, nossos pais, nossos benfeitores, nossos doentes e nossos Irmãos falecidos.

---

863 Carta de 3 de agosto de 1979. AFM 51.09-A3.

Por ocasião da visita do Irmão Roch, pude conversar com ele, e eu senti um prazer inexplicável.

Irmão... , faleceu há quatro anos. Irmão... , devido a um processo, não voltou para casa. (Ele está na prisão).

A doença de hemorroidas me causa bastante incômodo e não tenho dinheiro para o tratamento médico. Meus vesturários e a roupa de cama estão todos usados e eu não posso trocá-los por falta de dinheiro. Vivo verdadeiramente na miséria. Espero que possa me enviar um algum dinheiro. União de oração!

(Esta carta esta escrita em francês e em chinês misturados, todas as orações são em francês).

## **6. Por que uma Circular sobre a Fidelidade?<sup>864</sup>**

A principal intenção desta Circular não foi a de publicar um livro a mais... Minhas intenções eram verdadeiramente mais profundas:

- Não deixar que se percam os tesouros de graça, de correspondência à graça, de ensino e de experiência;
- proclamar a glória de Deus, a glória de sua graça, de sua misericórdia, de sua providência, de sua paciência, de sua fidelidade, agindo na carne de homens bem concretos e construindo micro-histórias santas, reflexos do combate de Jacob ou do diálogo de Yahweh com seu povo;
- apresentar no verso de uma página dolorosa e confusa da história da igreja pós-conciliar, um pequeno parágrafo luminoso e estimulador desta história....

---

864 Carta de 3 de agosto de 1979. AFM 51.09-A3.

A saída de muitos padres e religiosos, a separação de muitos casais, produziram uma sensação de desmoronamento e às vezes fortaleceu a convicção de que nos nossos dias, a fidelidade é impossível de ser mantida durante toda a vida.

Este espetáculo bem próprio para fazer sangrar o coração, esmagou mais de um responsável que não sabia mais o que fazer... É, portanto tempo de virar esta página negra das defecções. Sim, é verdade, a sangria pôde atingir um quarto, às vezes um terço da maioria dos membros das Congregações no curso dos 20 últimos anos. Mas isto quer dizer que ficam três quartos ou dois terços que resistiram. E essa tenacidade, essa perseverança, testemunham que eles receberam a graça de quererem a fidelidade. Deveremos ignorar esse testemunho de força que se produziu em circunstâncias tão difíceis, no seio de uma contracultura que justificava a infidelidade, um transtorno dos valores que punha tudo em questionamento e que relativizava tudo?...

Muitas vezes estes textos me convidaram a fazer silêncio e a elevar ao Senhor uma oração de louvor e de gratidão com o autor e para ele.

## **7. Viver sua vida na esperança<sup>865</sup>**

Ouve-se dizer: “Mas se eu deixo este emprego, será que encontrarei outro amanhã? Trabalhamos pelo Reino ou para a segurança social? Vocês percebem que é preciso mostrar a dimensão verdadeiramente evangélica e prioritária do Reino? Se se consegue fazer ver isso claramente aos Irmãos, nós lhes prestaremos um enorme

---

865 Carta de setembro de 1977 – AFM 51.09-C2.

serviço, porque nisso tudo reside um falso ídolo, portanto, um perigo para os Irmãos... Claro, não se trata de um ídolo amado, mas ele os torna escravos. As escravidões não são todas servidões por amor. Há escravidão por condicionamento. Então é preciso saber reagir e saber que além dos sindicatos, além dos compromissos profissionais, além de uma série de coisas, é preciso manter sempre a escala dos valores do Reino e saber renunciar pelo Reino.

Um homem que deixou sua mãe, sua possível mulher, seus filhos, pode deixar um contrato de trabalho se, depois de uma análise séria crê que, agindo assim, adota um modo concreto de praticar o voto de pobreza... Este critério de prioridade por causa do Reino, frente ao emprego, será um primeiro ponto de desapego. Esta será a maneira mais importante de encarnar agora seu voto de pobreza. Isso é mais importante e válido que a permissão, e o modo sadio de ser condicionado....

Mas há outro perigo mais dissimulado: é quando um Irmão se inventa um “hobby” que o absorve e o nucleia. É muito bom ter um hobby. Para alguns Irmãos isto se torna necessário porque não têm o desenvolvimento de vida espiritual suficiente para encontrar em Deus só, a própria compensação afetiva. Não atingiram esse nível... Mas com a condição de o hobby seja comedido, que não seja a aspirina que os libere do esforço de superação espiritual, comunitário e de devotamento. É preciso libertar os Irmãos que criaram ninhos. É preciso desaninhar, porque todos os nossos esforços de renovação, de partilha, de comunicação, de oração coletiva fracassam para eles, porque estão aninhados. É preciso tirá-los do ninho. Destruir-lhes o ninho....

## 8. Em tempos difíceis<sup>866</sup>

...Em 1961, João XXIII lançava a Igreja na aventura de um Concílio pastoral. O Concílio, uma vez deslanchado, cristalizou um imenso esforço de renovação e de atualização na Igreja... Todos os setores da Igreja deviam entrar num processo de renovação... Nós vivemos o Capítulo de renovação em 1967-68. Colocamos em prática, bem ou mal, esta renovação com resultados muito díspares...

Para um certo número de Irmãos, esta situação de mudança tão bem descrita em Irmãos Maristas Hoje, foi uma experiência de perplexidade e de ansiedade. Eles amavam verdadeiramente o Instituto e se perguntavam para aonde se ia. É preciso compreender que estavam habituados a uma vida organizada e quase imutável, que as mudanças foram vividas numa sociedade em plena ebulição e que houve uma diminuição numérica causada pelas saídas e pelos falecimentos, e com entradas nada numerosas. A isto se acrescentam certas incoerências, que em alguns lugares, praticamente ‘usaram’ a palavra renovação...

É preciso abrir os olhos e assumir com coragem nossa tarefa central: viver todos juntos sem exceção de idade, de mentalidade, de cultura ou de formação, a grande experiência de fazer passar o programa capitular para a vida pessoal, comunitária, provincial e mundial...

Eis porque, numa expressão gráfica, eu lhes disse na conferência, que devemos transformar toda a Congregação num grande noviciado... Agora temos documentos mais ricos... muito mais maristas que os anteriores, Eles exigem estudo pessoal e em comum, e

---

<sup>866</sup> Segunda intervenção do Ir. Basílio no encontro dos Irmãos Provinciais de língua francesa, setembro de 1977.

uma formação dos Irmãos equivalente à formação anterior, para captar o conteúdo, a mentalidade, a mística e fazer passar tudo isso pelo coração na vida

### **9. Tornar Jesus o Centro de nossa vida**<sup>867</sup>

... Enviando-lhes desde agora meus votos os mais cordiais por ocasião da celebração da ternura e da força maravilhosa do Amor do Pai para os homens, ternura e força tornadas visíveis no Cristo Jesus, nascido de uma mulher, a doce Virgem Maria, desejo dar-lhes notícia de algo que ultimamente me chamou a atenção e que eu creio, vem realmente do Senhor. Vivemos num mundo atormentado e difícil, e estamos sedentos, como nunca, de grandes valores, de um futuro melhor feito de fraternidade, de amor e de liberdade, de integração harmoniosa de raças e de culturas, na justiça e no progresso.

Mas, somos forçados a constatar com profunda pena que as divisões, as lutas, a exploração homem pelo homem, a busca dos fins ideológicos e políticos, tudo isto se faz sem consideração do preço que isto acarreta, seja ao sangue de nossos irmãos ou à vida de populações inteiras. Os atos de terrorismo, as formas novas de guerrilha e a sutileza de exploração se tornam cada vez mais requintados. Felizmente, no meio deste mundo, há a Igreja, a Igreja entendida, sobretudo como a minoria dos crentes, que abriram seu coração e sua vida à Santa Palavra de Deus e se deixaram seduzir por seu programa: Unir um povo pelo amor e no amor do Senhor e tornar-se o templo de Deus.

---

<sup>867</sup> Carta aos amigos, 1º de novembro de 1978.

Essa Igreja torna-se luz de esperança e antecipação do que será o único caminho de salvação para a humanidade... .

Essa Igreja, despertada há quase vinte anos pelo Vaticano II, com uma profundidade inesperada para sua própria natureza e para sua própria missão, faz esforços para se tornar mais transparente, mais sacramental, mais comunicativa do rosto de Jesus Cristo. A esse esforço de renovação, as congregações religiosas, as famílias cristãs e nós pessoalmente na nossa vida, participamos todos. Mas à medida que o tempo passa, constatamos, não sem perplexidade nem sem pesar, que esta renovação nos aparece como um sonho, um ideal tão distante, em face do qual o real, o nosso real, nos oferecem uma forte e dolorosa defasagem. Com efeito, falamos tantas belas coisas, mas devemos constatar que não somos melhores que ontem. Nosso programa em muitas ocasiões permanece um simples programa.

A desesperança de alguns cristãos atinge níveis que chegam à impaciência, à perda da fé no futuro, à desconfiança de tudo o que é novo e a uma claro retorno ao passado, mas não às fontes. O caso célebre de Monsenhor Lelefevre é disso uma perfeita ilustração. Mas vários cristãos, sem adotar oficialmente esta atitude e sem se agrupar em volta destes sentimentos, entretanto, vivem em grande parte esta visão das coisas.

Que dizer de tudo isto? Parece-me que ao lado da paciência, da esperança e dos esforços que em muitas ocasiões abordei, há toda uma reorientação a fazer. Nossos esforços tendiam a descobrir e a realizar novas estruturas, formas de organização mais atuais e mais evangélicas da autoridade, da vida comunitária, de nosso engajamento no serviço aos pobres, do apostolado da oração, etc.

Tudo isto, pouco a pouco, tornou-se o centro de nossos esforços, de nossas discussões e de nossos acordos. Um pouco por vez, Cristo, o bom Jesus, passou para segundo plano e em certas ocasiões, desapareceu, quando na realidade ele é a razão principal, a sublime razão pela qual nós vivemos e morremos. É ele que está na origem de nosso chamado, de nossa fraternidade e de nossa amizade. Ele é nossa salvação....

Se é verdade, como escreve esse grande crente, Bonhoeffer, que a via mais direta, a única via verdadeiramente autêntica e constante para ir a nossos irmãos é o Cristo, está claro que chegou a hora de empenhar todos os nossos esforços para tornar Jesus o centro de nossa vida.

### **10. Fé, esperança e amor<sup>868</sup>**

A vida cristã nos é dada no batismo... . A tomada de consciência de nosso batismo, posta pouco a pouco em ação, é a fé. Esta mesma tomada de consciência em desejo, é a esperança. Esta mesma tomada de consciência que se propõe a união e realiza a união, é o amor. A vida batismal, a vida cristã, tem, portanto uma consciência, e a consciência, fundamentalmente, tem momentos privilegiados, quando ela se concentra, se privatiza, deixa de lado a ação para viver e respirar o que ela é... .

“A oração cristã é um diálogo na esperança. Ela é concedida a esta bela imagem da Igreja: a casta prostituída. Casta prostituída, com efeito, esta Igreja, que leva o homem do pecado à santidade; que conserva o projeto elaborado no Evangelho, chocando-se sem

---

868 Circ.Conversa sobre a oração, p.498...504.



cessar com a realidade cotidiana, que sente a defasagem e quer, apesar disso, nas dores do parto, a redenção onde ela está a ponto de chegar, mas aonde ela, entretanto, ainda não chegou. Ela se torna esperança e é de lá que ela tira a oração de súplica. Ela não é senão o grito de apelo à redenção, mas é ao mesmo tempo grito de ação de graças, porque a redenção já chegou. Com efeito, de um lado ela já foi realizada em Jesus; e de outra parte, as ternuras e bondades de Deus que são derramadas sobre a Igreja ao longo da história, são um sólido motivo de esperar o que virá...

O homem tende a se tornar o Cristo em oração. E mesmo se isso é raro e pode parecer exagerado, é apesar de tudo real...

Quando um cristão reza verdadeiramente, reza segundo a religião de Jesus, isto é, segundo uma religião do Espírito de Verdade... quando um homem reza e que sua vida é verdadeiramente cristã, é o Cristo, primogênito do seio de Maria que reza nele; sua oração não é nada mais que a vida do Cristo que se exprime em palavras.”

### **11. Prestar contas da esperança (1)**<sup>869</sup>

Creio ter posto todo meu coração e minha vontade, realizado sérios esforços por ser um verdadeiro representante de Cristo e digno sucessor do Fundador.

1. Com efeito, dediquei, tanto às pessoas quanto aos grupos, um amor autêntico.

---

<sup>869</sup> Este texto é tomado do relatório de nossa Administração enviado à Congregação dos Institutos de Vida Consagrada e das Sociedades de Vida Apostólica. É de maio-junho de 1976 e faz o balanço do trabalho do Irmão Basílio durante seu primeiro mandato. – Arquivos da Congregação dos Institutos de Vida Consagrada. L.35.

2. Nas minhas Circulares, quis apresentar uma doutrina que acredito segura e ponderada, procurando conciliar as concepções novas com as antigas...
3. Quis fazer dos retiros, que tomaram grande parte de meu tempo, o meio para ajudar as Províncias a chegarem ao conhecimento concreto delas mesmas, à sua avaliação própria, em vista de uma superação coletiva...
4. Quanto às entrevistas com os Irmãos, de minha parte, creio ter feito todo meu possível, sobretudo para os Irmãos que necessitavam de ajuda ou se achavam em crise vocacional, para os Irmãos que procuravam superar-se, e de modo particular, pelos doentes e enfermos.
5. Mantendo sempre o que me parecia essencial, mas aceitando relativizar as tradições que, bem caras a alguns Irmãos e a santos Irmãos, tinham apesar de tudo menor importância; esforcei-me em permitir uma maior liberdade dos filhos de Deus, porque isso me parecia como um avanço no sentido positivo do termo
6. Esforcei-me em sustentar a oração dos Irmãos, de início recomendando-lhes a disciplina, em seguida expondo a doutrina, e nestes últimos tempos, encorajando o exercício direto da oração, seja por participação em grupos ou casas de oração, seja dando eu mesmo sessões ou retiros de oração.

Apesar das minhas deficiências, creio ter-me posto inteiramente a serviço dos Irmãos, desgastando-me além da medida sem me poupar nem prever meu futuro...

Penso ter, de diferentes modos, tentado fazer compreender aos Irmãos que uma autêntica renovação não consiste nem numa simples restauração, nem na mudança das estruturas, nem mesmo na mudança superficial das mentalidades, mas numa verdadeira

conversão do coração à mensagem evangélica do Senhor. É esta mensagem que é a fonte de toda renovação da vida religiosa e que mantém firmes o amor e a redescoberta de mais a mais dinâmica da vida pobre, casta e obediente de Cristo...

Pessoalmente me consumi para ser um elo de unidade de todo o Instituto. Tentei definir e defender corajosamente a unidade da Congregação contra uma descentralização mal compreendida....

O objetivo que mais me importava era certamente de promover o Reino de Deus sempre e por toda parte...

Durante minhas visitas, encorajava uma santa liberdade, mesmo além do que era permitido nas celebrações eucarísticas, assim como na distribuição da vida de oração cotidiana, mantendo, entretanto rigorosamente a integridade do tempo de oração. Para mim, o problema era que os Irmãos rezassem mais e melhor, sobretudo que entre eles surgisse um movimento de interesse pela oração.

Em princípio todas as nossas casas foram visitadas cada três anos... Pude oferecer a todos os Irmãos a oportunidade de me encontrar pessoalmente, parece-me ao menos uma vez...

Se eu faço o balanço das alegrias e das penas, as primeiras superaram de longe as segundas. Sensibilizo-me, sobretudo pela profunda amizade, pela oração contínua de alguns Irmãos de terceira idade e de doentes que eu amo profundamente. Eles me apoiaram e me encheram de confiança em muitas ocasiões.

No final do meu mandato, colocando à parte a avaliação, porque ninguém é bom juiz em causa própria, devo dizer que acho impen-

sável uma reeleição. As forças e a saúde não me permitiriam ter, durante outros nove anos, o ritmo de trabalho que assumi durante o período passado.

O Instituto pede de seu Superior Geral um esforço muito grande. Por outra, o tempo atual de renovação é um tempo muito delicado e muito precioso para ser confiado todo inteiro a um só homem e uma única equipe.<sup>870</sup>

## **12. Prestar conta da esperança (2)**<sup>871</sup>

O ser se manifesta no agir e a pessoa no seu estilo de vida. O Irmão Basílio viveu sua consagração religiosa num clima de piedade e de alegria serena e contagiosa:

- servir os outros com o sorriso nos lábios e sem dar a impressão de estar servindo;
- trabalhar com método e intensidade, sacrificando até os descansos mais legítimos e necessários;
- espargir luz, consolação e ideais, nos contatos prolongados e amáveis de pessoa a pessoa...;
- manter correspondência densa, que aumentava todos os dias, que tratava os problemas os mais delicados da consciência humana;
- desdobrar-se sem se diluir em tarefas apostólicas que impliquem risco e dom total,

---

870 Este depoimento nós o encontramos também na prestação de contas de 11 páginas, dada no começo do Capítulo Geral de 1976.

871 Este depoimento nós o encontramos também na prestação de contas de 11 páginas, dada no começo do Capítulo Geral de 1976.

Tais são os traços do estilo de vida de um religioso convicto, de um homem extremamente cultivado, de um apóstolo incansável e do marista humilde, simples, modesto, tal como o queria o Bem-aventurado Marcelino Champagnat.<sup>872</sup>

Seu devotamento incansável no trabalho angariava a admiração de todos. Multiplicava as horas em favor dos Irmãos e na minuciosa preparação das Circulares, retiros e assembleias. Doava todo seu tempo às entrevistas com os Irmãos e à correspondência. Sabemos que ele concedia poucas horas ao sono. Era de uma abnegação além de qualquer horário. Durante os retiros introduziu a vigília de oração. Aconteceu-me de me encontrar com ele às vezes; junto dele descobri o homem da contemplação por sua imobilidade, sua postura prostrada, seu olhar vivamente centrado no tabernáculo. Sua atitude era eloquente. Sua palavra motivada levava a convicção..

### **13. Abandonar-se à Providência e a Maria**<sup>873</sup>

... Vou simplesmente me contentar de dar alguns destes pontos que devem ser nosso tesouro.

1. *Ter o sentido de Deus* como tinha Marcelino Champagnat; ter paixão pela glória de Deus, atenção e respeito por sua presença - pela presença eucarística especialmente -, a confiança em sua ação, a convicção de sua primazia sobre todas as coisas e, sobretudo o amor por sua santa vontade e a docilidade para cumprir esta vontade como objetivo único nos acontecimentos pequenos ou grandes...

<sup>872</sup> Victorino Erloz, *Ecoss de Colombia – O Estilo de uma vida*, p.12

<sup>873</sup> Conferência sobre A Espiritualidade Apostólica Marista, págs.13-14. Dada em setembro de 1985 no início do Capítulo Geral.

2. *Abandonar-se à Providência e a Maria.* Marcelino Champagnat tem um temperamento robusto, mas não é nisso que ele se apoia. Ele mergulha nesta floresta virgem de sua missão, mas não contando sobre suas próprias forças. Conta com a Providência de Deus e é nesta luz que se pode descobri-lo não como um temerário felizardo, mas como um homem de Deus.

Quantas vezes repreendeu em seus Irmãos a mania de acreditar que se pode fazer a obra de Deus com “grandes meios de sucesso” ou com talentos pessoais, ou com apoios externos. Apoiava-se em Deus, e não contava verdadeiramente senão nele, mesmo que tivesse que “remover céu e terra”, quando se encontra em Paris para obter a autorização legal. A confiança em Deus não justifica a preguiça, mas quando se faz tudo o que é preciso, deve-se sempre voltar ao *Nisi Dominus* e a esta outra palavra apaziguante; “*É Maria que fez tudo entre nós.*”.

Esse recurso confiante na alegria e na paz no momento da graça e do sucesso, esse recurso confiante nos momentos de perplexidade, de risco ou de discernimento difícil, esse recurso confiante se mantém ainda quando está num impasse. Veja sua terna oração neste deserto de vocações entre 1820 e 1822: “Se não vierdes em nosso socorro, nós nos apagaremos como uma lamparina que não tem mais óleo, mas se esta obra perecer, não será a nossa, será a vossa”. Esta oração não é um modelo emocionante a reeditar em tantas situações atuais?

#### 14. Os pobres e as missões<sup>874</sup>

“Quanto a mim, desde o início de meu mandato, havia dito que, na medida de meu possível, orientaria o Instituto na direção dos pobres e das missões. Esta dupla solicitude, levei-a ao longo dos 18 últimos anos. Para o que diz respeito aos pobres, o último Capítulo quis, (o de 1976) que um dos Conselheiros Gerais tivesse a responsabilidade de promover, estimular e coordenar os esforços que seriam feitos...” Mais que um Conselheiro, toda uma comissão se ocupou deste assunto. Ela mesma apresentará seu relato. Eu não tenho, portanto que me estender sobre esse assunto, mas devo prestar-lhe homenagem pelo trabalho constante e corajoso que realizou. Sua insistência talvez pôde irritar um ou outro, mas não podemos repreender-lhe de ter semeado esta inquietação que deve ser sempre a nossa, frente à pobreza de que tantas pessoas injustamente atingidas, no mundo onde impera a tirania do dinheiro. Quanto ao esforço missionário, pode parecer mais intenso durante meu primeiro mandato que durante o segundo. Várias Províncias abriram missões; outras aumentaram o pessoal nas missões existentes. O trabalho nos anos 1976 a 1985 é menos visível, mas não inexistente. Sustentamos nossas missões com ajuda financeira, com pessoas que estimulamos, preparadas para esta tarefa antes de serem enviadas a locais convenientes. Acompanhamos bem de perto os setores que passavam por situações particulares, como a Nigéria, Angola, Moçambique, Madagascar...

#### O obrigado do Irmão Charles Howard<sup>875</sup>

874 Relatório sobre o governo do Superior Geral, distribuído aos capitulantes de 1985. AFM 6648.

875 Palavra de agradecimento do Irmão Charles Howard, dia 15 de outubro de 1985, durante o XVIIIº Capítulo Geral. O Ir. Charles Howard acabava de ser eleito Superior Geral, sucedendo o Ir. Basílio.

Não conhecemos melhor expressão de nossa gratidão que aquela da Celebração Eucarística. Juntos agradecemos o Senhor por tudo o que ele fez por nós.

É com reconhecimento que eu me volto agora para aquele que foi um apóstolo do mundo Marista, o Ir. Basílio Rueda. Ele foi (e permanece) para nós um apóstolo, um portador da Boa Nova, o que ele realizou indo aos Irmãos – no sentido mais profundo que possamos dar a esta expressão – e de um modo concreto: suas Circulares, suas cartas, o telefone, e acima de tudo, sua presença. Ele estava no meio de nós, dava uma atenção pessoal a cada Irmão e mais particularmente àqueles que dele tinham mais necessidade. Ele se fez amar por nós todos, por esta admirável atitude de tocar os corações. Sempre soube colocar as pessoas antes das instituições, porque é compassivo e humano.

Quando estava conosco, nós sentíamos uma presença completa, uma atenção total à pessoa ou ao trabalho a realizar. Este apego sem reserva às pessoas ou à tarefa a cumprir se manifestavam pela animação com a qual estudava em detalhe e em profundidade cada problema que surgisse. E neste âmbito outra qualidade brilhou: a rapidez com a qual ia em busca de informação que pudesse esclarecê-lo. E então seu julgamento era correto.

A voz do Irmão Basílio era a de um profeta. Ele nos convidava a aceitar os desafios que o Vaticano II lançava aos religiosos. Qual profeta, levou os Maristas a responder a estas interpelações. De um modo mais particular orientou nossa atenção para as necessidades das missões e aquelas dos pobres, para os quais encorajou nossos esforços apostólicos.



No começo de seu generalato deu retiros que nos fizeram perceber o sentido de nossa vida marista. Para o bem de nossa vida pessoal, nos esclareceu sobre a renovação espiritual à qual nos chama o Vaticano II. Assim contribuiu, numa medida nada desprezível, à nossa vida de oração pessoal e na compreensão de nossa missão.

Mas onde hauria ele essa capacidade de fazer crescer nossa vida de oração senão na sua união com o Senhor? É lá que ele encontrou a força de agir com uma só finalidade em vista, com integridade, simplicidade e humildade, qualidades que caracterizam o Ir. Basílio. Seu amor pelos Irmãos e o apego que ele lhes manifesta situam-no na tradição do Instituto e no espírito de nosso Fundador.

É esta intensa vida de oração que fez do Ir. Basílio um homem de uma sinceridade incontestável, um homem cuja serenidade e bom humor não foram transtornados pelos pesados encargos e as preocupações da vida cotidiana. O sustentáculo que lhe dava a virtude da esperança deve explicar esse coração cheio de vivacidade e sempre jovem: aspecto de seu caráter que é fonte de inspiração para nós todos (ele não parece conhecer a depressão). Diz-se do Irmão Basílio uma coisa muito bonita: que restituiu a numerosos Irmãos fé e confiança neles mesmos e no Instituto.

Por todas estas qualidades somos muito gratos ao Irmão Basílio, e a Deus que o cumulou. O Senhor nos deu um líder intrépido, um chefe que nos mostrou o caminho e que nele se comprometeu. Como o profeta do Êxodo, a todos os Maristas ele deixou esta mensagem: “Dizei aos filhos de Israel de avançar”. Em verdade o Ir. Basílio nos guiou na nossa caminhada, e ele encabeçava a marcha.







UNIÃO MARISTA  
DO BRASIL